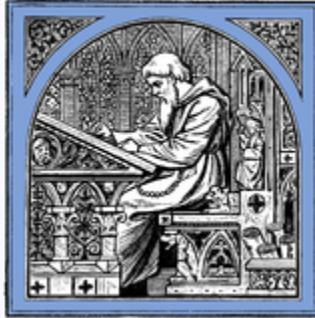


# As Minas de Prata

José de Alencar



1865

Conteúdo exportado da wiki Wikisource em 7 de outubro de 2021

J. DE ALENCAR.

---

# AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

I.

---

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDITOR

69, — RUA DO OUVIDOR, — 69

—

1865.

# Sumário

## Primeira Parte

- Capítulo I: Em que se faz conhecimento com dois mancebos de boas prendas
- Capítulo II: Como outrora rezavam na missa duas beatinhas baianas
- Capítulo III: Em que mestre Bartolomeu revela seus dotes para a solfa cantada
- Capítulo IV: Em que vem à lume um papel velho
- Capítulo V: Quem era o licenciado Vaz Caminha, aliás doutor de capelo
- Capítulo VI: Que dá uma versão da história do célebre Robério Dias
- Capítulo VII: Que trata das novas do reino e do mais que seguiu-se
- Capítulo VIII: Como o padre provincial deu xaque ao rei e foi xaqueado
- Capítulo IX: Fica bem averiguado que o latim é uma língua bárbara
- Capítulo X: De como se correu segunda lança
- Capítulo XI: O que tem de ser sempre é
- Capítulo XII: Da sábia controvérsia de dois canonistas sobre casos de consciência bem escabrosos
- Capítulo XIII: Dos combates que houve em honra da princesa moura
- Capítulo XIV: Que reza de magarefes e alfeloeiras

- [Capítulo XV: Da malga que se bebia na taberna do judengo](#)
- [Capítulo XVI: Do que são rosas e mais amores](#)
- [Capítulo XVII: Que fazia Elvira enquanto Inesita bailava os machatins](#)
- [Capítulo XVIII: Em que os argueiros parecem cavaleiros](#)
- [Capítulo XIX: Quanto ingrato já era no século XVII o mister de escritor](#)
- [Capítulo XX: Por que o irmão Bernardo não acabou o sono da madrugada](#)
- [Capítulo XXI: Como se achou o capitão de mato tão a ponto de socorrer seu colação](#)
- [Capítulo XXII: Que há males que vêm para bem](#)
- [Capítulo XXIII: Cavalarias altas do Doutor Vaz Caminha](#)

## **Segunda Parte**

- [Capítulo I: Quando as uvas são mais saborosas que os beijos](#)
- [Capítulo II: Como as asas começam de crescer à mariposa](#)
- [Capítulo III: Como o padre Cura aprende um caso, que lhe não ensinara seu leitor de teologia](#)
- [Capítulo IV: Em que o hábito faz o monge](#)
- [Capítulo V: Em que mestre Brás revela seu talento diplomático](#)

- [Capítulo VI: Novas proezas da advocacia andante do Doutor Vaz Caminha](#)
- [Capítulo VII: Um amor que nasceu mal-agourado](#)
- [Capítulo VIII: Onde se prova a virtude das alféoas de Joanhina](#)
- [Capítulo IX: De como o alferes foi passado pelo fundo de uma agulha](#)
- [Capítulo X: Por qual razão maior o P. Molina jantou gordo na sexta-feira](#)
- [Capítulo XI: Onde se espreme o soro de um coração de donzela](#)
- [Capítulo XII: Como naquele tempo se fazia oposição ao governo](#)
- [Capítulo XIII: O que havia no misterioso palanquim](#)
- [Capítulo XIV: Como a bengala bem manejada pode mais que muitas espadas](#)
- [Capítulo XV: Como Vaz Caminha escreveu torto por linhas direitas](#)
- [Capítulo XVI: No qual o cristão se faz judas](#)
- [Capítulo XVII: Em que se cava o passado para enterrar uma esperança](#)
- [Capítulo XVIII: Como cede a glosa ao enigma](#)
- [Capítulo XIX: Uma pena por um punhal](#)
- [Capítulo XX: Onde o alferes vai buscar lã e sai tosquiado](#)
- [Capítulo XXI: Como o lírio se transforma em cardo](#)
- [Capítulo XXII: Os três sentidos de João Fogaça](#)

## Terceira Parte

- [Capítulo I: Como Estácio evadiu-se de uma prisão para cair em outra](#)
- [Capítulo II: Do céu ao fundo do mar](#)
- [Capítulo III: Em que o rato fura a casca do queijo mas não chega ao miolo](#)
- [Capítulo IV: Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga](#)
- [Capítulo V: Que refere o suicídio de uma virtude](#)
- [Capítulo VI: Do mais que sucedera na Bahia](#)
- [Capítulo VII: No fim das contas cai o rato na ratoeira](#)
- [Capítulo VIII: Como brota o amor entre goivos](#)
- [Capítulo IX: Avança o P. Molina a sua reserva](#)
- [Capítulo X: Milagre do gelo que se derrete em bálsamo](#)
- [Capítulo XI: O círculo vicioso da fortuna adversa](#)
- [Capítulo XII: Esperança é flor que brota em toda a parte](#)
- [Capítulo XIII: Remonta a águia o voo](#)
- [Capítulo XIV: A boca na botija](#)
- [Capítulo XV: A criança enjeitada e a herança rejeitada](#)
- [Capítulo XVI: A esfinge do drama no deserto](#)
- [Capítulo XVII: A caça caçando o caçador](#)
- [Capítulo XVIII: O caos eterno do coração da mulher](#)
- [Capítulo XIX: Um impedimento matrimonial não cogitado pelos canonistas](#)

- Capítulo XX: Estrangulação de uma derradeira esperança
- Capítulo XXI: Onde o acaso representa seu papel de bufo na tragédia humana
- Capítulo XXII: Itinerário da decepção ao desengano
- Capítulo XXIII: Em que Estácio prossegue na sua via dolorosa
- Capítulo XXIV: *Et erunt duo in carne una*
- Capítulo XXV: *Vanitas vanitatum et omnia vanitas*
- Capítulo XXVI: A rosa re florida e a bonina ceifada
- Capítulo XXVII: À beira de um esquite
- Epílogo

# I.

## Em que se trava conhecimento com dois mancebos de boas prendas.

Raiava o ano de 1609.

A primeira manhã de janeiro, esfolhando a luz serena pelos horizontes puros e diaphanos, dourava o cabeço dos montes que cingem a linda Bahia do Salvador, e desenhava sobre o matiz de opala e purpura o soberbo panorama da antiga capital do Brasil.

A cidade nascente apenas, mas louçã e gentil, elevando aos ares as grimpas de suas torres, olhando o mar que se alisava a seus pés como uma alcatifa de veludo, era então, pelo direito da beleza e pela razão da progenitura, a rainha do império selvagem que dormia ainda no seio das virgens florestas.

A natureza preparara no grupo de outeiros apinhados um trono de relva sobre o qual a linda cidade dominava o oceano, sorrindo ao nauta que da extrema do horizonte a

saudava com um olhar amigo, para dar-lhe o bom-dia se chegava, e enviar-lhe o ultimo adeos quando se partia.

Despertando com os primeiros raios da alvorada, a população baihana recobrava a atividade depois do repouso. As casas se abriam para receber o ar e a luz da manhã; a pouco e pouco os mil rumores do dia, que são a voz das cidades, iam enchendo o espaço antes ocupado pelo silencio e pelas trevas.

Os [mesteirais](#) e [vilãos](#) já percorriam as ruas, não com a calma e regularidade de homens que vão ao trabalho ou ao cumprimento da obrigação diaria, mas com a agitação doce e a jovial [soffreguidão](#) de quem busca o prazer e corre apoz uma alegre esperança.

Vestidos com maior apuro do que punham nos trajes domingueiros, homens e mulheres saudavam-se entre si com tal effusão, desejando as boas sahidas e estreias de ano; apertavam as mãos com tamanha cordialidade, que percebia-se na disposição geral dos animos a doce influencia de um motivo qualquer de regozijo público.

Com efeito não era a festa do *anno bom* a causa unica da jovial expansão; outra havia. Aquelle dia estava marcado para os festejos com que a Bahia desejava solenizar a chegada do novo Governador geral do Estado do Brasil, D. Diogo de Menezes e Siqueira, que depois de haver permanecido um ano na Capitania de Pernambuco para

dispor sobre coisas da administração, aportara finalmente à capital no dia 17 de dezembro de 1608.

Não havia exemplo de semelhantes demonstrações em uma cidade onde os governadores e capitães-generais, revestidos de poderes absolutos, eram recebidos com desconfiança, e muitas vezes despedidos com alegria. Mas D. Diogo de Menezes, depois Conde da Ericeira, e um dos abalizados varões que governaram o Estado do Brasil, merecia pelo seu nobre caráter e espírito superior uma demonstração especial da parte dos bahianos.

Comtudo, essa unica circumstancia não bastara para excitar na classe rica o desejo de receber o novo governador com festas publicas, si o interesse, primeira lei das acções humanas, não inspirasse o mesmo pensamento como um hábil expediente de política colonial.

Durante o tempo que se demorára em Pernambuco, D. [Diogo de Menezes](#) tinha revelado sua força de vontade; e mostrára o firme proposito de repellir a intervenção que o Bispo D. [Constantino Barradas](#) e a [Companhia de Jesus](#) exerciam anteriormente sobre o governo temporal. A luta se travara com uma questão de etiqueta e precedência, a que dera logar a procissão do Corpo de Deus celebrada em [Olinda](#).

Justamente n'essa epocha os senhores de engenho, que formavam a classe nobre e rica da Bahia, sustentavam

contra os jesuitas a grande questão da servidão dos índios; e compreendiam a vantagem de ter de seu lado um homem como D. Diogo de Menezes, cujo voto autorizado devia pesar nas decisões do Conselho da Índia e no animo de El-Rei D. [Filippe III](#).

Por isso, chegado que foi o Governador, se concertaram para fazer-lhe uma recepção brilhante. Em quatorze dias estavam concluídos todos os preparativos e aprestos necessários para solenizar com a entrada do ano os benefícios do novo governo.

O programa do festejo primava pela variedade e boa escolha. Depois da missa cantada, seguida de *Te Deum*, havia alardo da gente de guerra e companhias de ordenanças em frente aos paços; à tarde devia correr-se no Terreiro do Colégio uma luzida cavalcada com a qual se dariam jogos, torneios e alcanzias; à noite danças pelas ruas e arcos de luminárias concertados com palmeiras ou festões de flores na Praça do Governador.

Não era preciso tanto para excitar a imaginação viva da mocidade baiana e fazer girar como corrupios todas as comadres devotas e mexeriqueiras, de que a metrópole brasileira já naquele tempo estava abundantemente provida.

A Bahia não passava então de uma pequena cidade habitada por cerca de mil e quinhentas almas; mas seus vizinhos eram abastados e gostavam do luxo; havia muitos colonos

ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavalo e alfaias de casa; alguns tinham o melhor de cinco mil cruzados de renda, e diz Gabriel Soares, “tratavam suas pessoas mui honradamente com muitos cavalos, criados e escravos”.

Esses cabedais que atualmente parecem mesquinhos, eram naquele tempo avultados; a facilidade com que se adquiriam e o gênio natural da população inclinada ao fausto e prodigalidade alimentavam na Bahia e Pernambuco um luxo superior ao de Lisboa, e entretinham o gosto pelas festas e divertimentos.

Não há pois admirar se a Capital do Brasil despertou quinta-feira, 1.º de janeiro de 1609, possuída do alvoroço agradável que produz uma esperança prestes a realizar-se, e precede a satisfação de um desejo afagado de nossa alma.

Às seis horas o sino pequeno da Sé, tangido rapidamente, soltou os alegres repiques, que pelo som argentino parecem as vozes travessas dos anjos do Senhor, chamando os fiéis; os ecos vibrando no ar foram apressar as palpitações de muito coração que os esperava com impaciência.

Quase ao mesmo tempo o carrilhão do Colégio dos Jesuítas retroando pelo espaço acompanhava o canto matutino da torre episcopal; suas notas graves, sombrias e plangentes, unindo-se aos repiques das outras igrejas, formavam o concerto majestoso com que a religião da luz e da verdade

saúda o nascimento do dia. Apenas a primeira badalada do sino repercutiu nos ares e a larga portada da Sé abriu de par em par, o grupo de velhas beatas, que tinham amanhecido no adro da igreja, envoltas em longas mantilhas de rebuço, esgueirou-se pela teia das naves e lá foi tomar lugar no cruzeiro.

Em pouco as lájeas do vasto pavimento se iam cobrindo daquelas trouxas negras ou pardas de seda e burel, que nem longes tinham de vulto humano; da massa enorme elevou-se um sussurro, a princípio imperceptível, e foi crescendo, como se um enxame de vespas esvoaçasse pelo âmbito da igreja.

Nesse momento invadiu o altar uma corporação, que hoje tem perdido muito da sua primitiva importância social, mas que no século XVII representava um papel distinto em todas as carolices e galhofas da época; doze meninos do coro, metidos em sacos de lã vermelha, espalharam-se pelo corpo da igreja armados do competente acendedor.

Foi um rebuliço: os rapazes travessos, rindo como perdidos, pisavam de propósito os vestidos das velhas devotas, que se conchegavam resmoneando uma ladainha de imprecações; a mocidade imprudente não respeitava a velhice; os ânimos se exacerbavam, o sangue fervia; afinal, esgotado de parte a parte o rosário das injúrias consagradas pelo estilo, os dois campos lançaram mutuamente o último e o mais terrível dos insultos.

Os rapazes soltaram a palavra infamante de *barata*, a que as velhas retorquiram com o epíteto não menos afrontoso de *formigão*: e depois disso, como não havia despique possível de tão grande provocação, a não serem as vias de fato que o respeito do lugar impedia, cada uma das duas hostes inimigas retraiu-se e voltou silenciosamente a suas ocupações.

Era tempo; porque a igreja enchia-se de fiéis, e no adro viam-se já as cadeirinhas e palanquins que traziam à missa as donas e filhas dos ricos senhores da Bahia.

Tinham parado na calçada dois moços, ambos na flor da idade, ambos elegantes e bem parecidos, mas tão dessemelhantes no trajar, como no molde da beleza varonil.

O mais velho, que teria vinte e dois anos, era moreno. A fisionomia franca e aberta, as cores frescas e rosadas, o porte firme e direito sobre uma estatura regular, mostravam compleição vigorosa; mas sua expressão resumbrava tanta graça, o sorriso que lhe brincava nos lábios era tão faceiro, havia tal donaire nos seus movimentos, que a força muscular desaparecia sob a flor da feliz organização, como a robustez do tronco sob a virente folha.

Vestia gibão de gorgorão cor de pérola guarnecido na orla por delgado fio de ouro com que eram igualmente tecidos os passamanes, e calção de veludo turqui debruado nas costuras por fino cairel de prata. Torçal de seda escarlate

suspendia-lhe ao flanco esquerdo o florete; o boné de veludo azul com um broche de rubi cingia os anéis dos cabelos negros; a meia cor de pinhão debuxava a perna bem contornada, e o sapato raso com espora afilada calçava um pé fino e aristocrático.

Naquele tempo em que a profusão de cores vivas e bordados era o toque da louçania, não se encontrara decerto um cavalheiro trajado com mais gentileza e primor; a riqueza apenas se mostrava, para não ofuscar o bom gosto na combinação artística das lindas cores, nem o esmero do corte e piques das roupas.

Também na Bahia não havia mancebo casquilho como Cristóvão de Garcia de Ávila, senhor de fazenda passante de cinquenta mil cruzados, e descendente de uma das famílias nobres que tinham vindo do Reino com Tomé de Sousa, em 1549.

Nesse momento, voltado para a Praça do Governador, ele enfiava o olhar pela rua que desembocava no Largo da Sé, e pela qual esperava despontasse alguma coisa, que visivelmente o interessava.

O outro moço contava apenas dezenove anos. Trajava tudo negro, de simplicidade extrema, mas de esquisita elegância. Um aljôfar isolado brilhava na touca de veludo preto; as preguiças da mais fina lençaria de alvas deslumbravam; a espora ligeira que mordida o salto do borzeguim e a cruz da

espada eram de aço, mas tão bem polido que cintilava como custosas pedrarias.

O cetim negro das vestes dava muito realce à sua bela cabeça erguida com meneio altivo, e à alvura rosada de sua tez. Os grandes olhos pardos tinham os raios profundos e reflexivos que desfere a inteligência nos momentos de repouso; o lábio superior, coberto pelo buço de seda que pungia, arqueava graciosamente com expressão grave; era de alta estatura, e tinha como seu companheiro o talhe esbelto, mão e pé de supremo esmero.

Mas o que especialmente o caracterizava, era uma sombra imperceptível, que às vezes deslizando pela fronte alta e inteligente, carregava ligeiramente as linhas do perfil e imprimia-lhe na fisionomia o cunho da vontade tenaz; nestes momentos sentia-se que a razão calma, firme, inflexível, dominaria, se preciso fosse, as expansões da mocidade.

Os dois cavalheiros continuavam a conversa começada quando se encontraram no adro da igreja.

— Perdes teu tempo, dizia Cristóvão de Ávila sem tirar os olhos do seu alvo predileto.

— Não sei em que melhor o possa empregar do que em praticar com um amigo, respondeu o cavalheiro sorrindo.

— Mal vais com disfarces que dalgo não servem, que de mais descobrir a verdade. Digo que perdes teu tempo, quando teimas que entre tantas damas gentis não haja uma por quem desejes esta tarde tirar uma argolinha, ou correr um passe d'armas.

— E para ti há alguma? perguntou o outro desviando de si a alusão.

— Bem sabes que sim. Não sou de segredos; tão santa coisa é o amor que Deus nos pôs n'alma, que não me peja de trazê-lo no rosto e à face de todos.

— Assim deve ser para quem é nobre e rico, e não teme repulsa; mas outros há que não têm direito de erguer a vista, embora mais alto que ela tragam o coração.

As últimas palavras foram pronunciadas com ligeiro assomo de orgulho ofendido, que imediatamente sufocado esvaeceu em sorriso melancólico.

— À fé que não te compreendo, Estácio. Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti, devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as houvemos nós e nossos pais.

O moço ia replicar, quando uma cadeirinha de cúpula dourada, que vinha das bandas do Terreiro do Colégio,

carregada por dois negros vestidos à mourisca, com aljubas de lã escarlate, excitou vivamente sua atenção.

Cristóvão simulou não perceber o estremecimento de prazer que teve seu companheiro, e voltou o rosto sorrindo.

Nem um nem outro reparou em certa dama que nesse instante e acerca deles passava para a igreja, acompanhada por uma velha aia. Estava ela completamente velada com o espesso crepe da mantilha, de modo que era impossível distinguir feições. Vendo o gesto de Estácio, lançou rápido e furtivo olhar para descobrir a causa de sua emoção, e entrou na Sé murmurando consigo:

— É já rendido de amores!

## II.

### **Como outr'ora resavam na missa duas beatinhas bahianas.**

Apenas a cadeirinha parou no adro da igreja, as cortinas de damasco verde franjadas abriram-se, e a ponta do escarpim de velludo que escondia um pé do menina pousou de leve na calçada, como a aza de una gaiivota quando roca n flor d'agua no vôo rapido.

Um homem de meia idade e compleição robusta, que acompanhava a cadeirinha, estendeu o braço para receber a mão afilada e transparente, que apenas tocou o veludo da manga, como se receasse magoar-se ao contato da macia pelúcia.

Logo assomou o vulto delicado de uma moça vestida com o faceiro e gracioso traje das andaluzas; vasquinha de seda azul bastante curta para mostrar a nascente da perna divina, e véu bastante longo para ocultar o rosto e seio, deixando apenas ver a cor de leite e a luz de dois olhos, que brilhavam mais que os diamantes do colar.

O cavalheiro que trajava vestes pretas tirou o gorro e corando inclinou-se, quando a moça passava diante dele para entrar na igreja. Recebeu em troca um olhar rápido e profundo, dos que vêm do íntimo e se desprendem, como chispas d'alma.

— Bem certo é o anexim, que o mal e o bem à face vêm; disse Cristóvão gracejando.

— Nem sempre!

— Segredos são escravos rebeldes, que mais amiúde se tornam senhores; por mais fundos que os tragas, eles sobem à tona quando mal pensas; se lhes cerras os lábios, falam pelos olhos.

— Aos olhos de um amigo.

— De todos. Mais val não os ter; e com isso dou-me às maravilhas.

— Se tivesses de lutar com a fortuna que é inconstante e com os homens que são maus, respondeu o moço gravemente, terias outro falar, Cristóvão.

— Digo-te que não.

— Tu vês o mundo como bom e jovial companheiro, de quem não hás mister ocultar teus sonhos de prazer; aqueles

que têm nele um inimigo, esses nunca lhe esconderão demais sua alma.

Nisto, um mancebo que trazia com certo garbo vaidoso as luzidas galas de suas roupas de veludo e seda carmesim, aproximou-se e cortejou risonho os dois mancebos.

— Trajais de negro em dia como estes, Senhor Estácio Correia? disse ele com volubilidade.

— Trago luto por meu pai e por minha mãe, respondeu o cavalheiro com certo vexame.

— Vai para quatro anos que morreu uma, e o outro deixou-vos no berço. Não cuidei que levásseis a piedade tão longe.

— Desavisado fui, Senhor D. Fernando de Ataíde, em não consultar vosso calendário para saber que tempo duraria meu sentimento; quando vier à estampa vossa pragmática, regularéi por ela meu traje. Até lá a cada um seu gosto e modo de viver.

Estácio acompanhou o dito com um sorriso de ironia.

— Pesa-me que vos enfadasse tão inocente reparo; não foi mais que simples curiosidade. Ouvi dizer algures que pretendíeis abraçar a vida eclesiástica e entrar na Companhia de Jesus, razão por que conjecturei que a gravidade do futuro estado vos obrigava já a trazer vestes sombrias.

Uma faísca cintilou no olhar de Estácio; pareceu-lhe que a desculpa de Fernando ocultava um motejo; mas a expressão de bonomia que viu no semblante do moço conteve a palavra provocadora que os lábios iam soltar.

— Enganou-vos quem tal disse, respondeu friamente.

— Oh! Aí chega D. Elvira de Paiva e sua mãe! Já me não admira ver-vos tão apurado, Senhor D. Cristóvão d'Ávila!

Esta exclamação jovial partiu dos lábios de um cavalheiro que se acercara do grupo; era homem que orçava pelos vinte e cinco anos, de mediana estatura e com certo desplante militar no porte arrogante; o rosto, cuja alvura primitiva desaparecera sob os raios do sol tropical que lhe queimara a tez, apresentava fisionomia espanhola, a que dava realce o bigode retorcido e a pera afilada.

O gibão e as calças de tufos eram amarelos golpeados sobre veludo preto; uma capa negra forrada de seda da mesma cor das roupas caía-lhe sobre o ombro esquerdo, mostrando no canto as armas de Portugal bordadas a retrós, o que indicava que o cavalheiro pertencia à milícia; tinha um chapéu de feltro branco, e meias botas de couro alourado com rendas no canhão.

Cristóvão durante a conversa distraía-se em seguir com os olhos uma liteira que passava pela frente da Santa Casa da

Misericórdia; ao ouvir a exclamação voltou-se para o cavaleiro sorrindo:

— Achais que mal empregue meu cuidado, senhor alferes? perguntou o moço com afabilidade.

— Por Deus, que não! Tão formosa dama não pisou ainda esta terra de gentio. Aposto cinquenta cruzados em um lanço de dados, que não me mostram, nem mais airosa, nem mais prendada.

— Esqueceis vossa irmã, D. José! retrucou Fernando de Ataíde.

— Oh! não vos tinha visto, Dom Paladino! exclamou o alferes rindo; mas se com isso vos ofendi, estou pronto a aceitar-vos a requesta.

Dizendo estas palavras, D. José apertou amistosamente a mão de Fernando; e cortejou com um modo frio e soberbo a Estácio. Este empalidecera ouvindo as últimas frases e desviou-se do grupo.

Um quinto mancebo, que trajava também à milícia, batera familiarmente no ombro do alferes.

— Aceito a aposta, contanto que sejais vós mesmo o árbitro, D. José!

— Oh! Padilha!... Por quem parais então, amigo?

— Por uns maganos d'olhos negros que luzem através de certa rótula de sobrado na Rua da Palma!

— Olhem o taful!...

— Ah! ah!... Então o nosso alferes também adora as sotas de carne e osso! exclamou Cristóvão rindo.

— Caluda, senhores! acudiu D. José com um sério-cômico; isto por enquanto está em segredo. Não espantemos a caça, que é arisca!

E os mancebos a rir, como se ri nessa idade feliz.

A liteira tinha parado; vinham nela duas senhoras.

Uma teria quarenta anos de idade; bela ruína em que o tempo, deixando impressa a sua passagem, respeitara a obra primitiva da natureza. Os cabelos haviam embranquecido, a tez perdera os toques rosados e murchara ao fogo do sangue que a escaldava outrora; o frescor dos traços desaparecera com o sopro ardente dos prazeres; mas aquele busto descorado debuxava ainda sob a máscara da velhice prematura as formas de um belo tipo da raça hebraica — Judite ou Madalena.

A boca, embora crestada na flor dos lábios, dizia quanta paixão e quanto amor devia ter ela desfolhado nas carícias lascivas, nos sorrisos sedutores e nas palavras ardentes, que semeara pelo caminho da vida; o seio branco, como o

mármore de um túmulo, frio como ele, servia de urna às cinzas do coração que outrora o fizera arfar com os ímpetos de desejos irresistíveis; os olhos, esses brilhavam como nos dias da juventude, e pareciam o clarão da chama interna que consumira lentamente a seiva daquele corpo, como o óleo de uma lâmpada.

Ao seu aspecto adivinhava-se que essa mulher devia ter amado muito na sua vida e abandonado ao prazer uma alma ardente e insaciável. Agora, que a beleza fugira e os sentidos se acalmavam, tinha ela necessidade ainda de algum sentimento profundo e veemente que desse expansão às energias da natureza criada para a paixão.

Esse sentimento era a religião; todas as faculdades que outrora o amor absorvera, voltavam-se para a nova preocupação, e se entregavam a ela com igual ardor e afã: a mulher apaixonada e voluptuosa transformara-se na devota fanática; em face de Deus, como diante dos homens, foi sempre a mesma: foi o verbo das almas cujo destino na terra se resume em uma só palavra – amar – sublime encarnação do anjo feito mulher.

A moça que a acompanhava era sua imagem, mas perfumada pela mocidade, iluminada pelos raios da vida que desponta, colorida pelos reflexos de sangue tépido e puro que circula sob a cútis transparente, animada pela doce confiança que naquela idade abre os límpidos horizontes da existência e solta o voo à imaginação ávida.

O mesmo fogo da paixão, a mesma voluptuosidade do prazer, que deixara uma sombra de suas erupções no rosto envelhecido da mãe, brilhava nos olhos pretos e fúlgidos, no sorriso lânguido e no requebro gracioso da filha; mas a inocência e pureza d'alma vendavam ainda essas irradiações com a expressão modesta e ingênua, que as tornava mais perigosas.

D. Luísa de Paiva e sua filha desceram do palanquim, e recebendo as saudações dos cavalheiros que estavam parados no adro, dirigiram-se à capela-mor onde já estavam as almofadas de veludo roxo, que então as damas faziam conduzir à igreja por pajens escravos.

Chegada à porta que abria da sacristia para a capela, Elvira lançou um olhar em volta do pavimento já quase inteiramente ocupado pelas damas, e viu a sua almofada colocada no centro ao pé de uma menina que tinha o véu descido, a mesma que poucos antes tanto havia excitado a atenção de Estácio Correia.

Imediatamente a moça, roçagando a vasquinha curta, deu um passo para tomar o seu lugar.

— Fiquemos ali, disse D. Luísa mostrando o estrado.

— Tenho a minha almofada perto de Inesita, respondeu Elvira voltando-se.

— Bem; não te esqueças!...

— Oh! não; tenho-a de cor, disse a moça com um sorriso malicioso.

E atravessando por entre as outras damas, foi ajoelhar-se ao lado de Inesita, que embebida na sua oração tinha os olhos baixos e as pálpebras descidas.

— Por quem roga a minha santinha com tanta devoção? perguntou Elvira baixinho.

A menina sobressaltando-se corou através do véu; depois sorriu à sua amiga.

— Vieste tão tarde! disse ela em tom de queixa.

— É que não tinha alguém que me esperasse com seu olhar todo melancólico.

— Cala-te; estão nos olhando, balbuciou a moça.

— Se nos olham, menina, é que nos querem, respondeu a amiga sorrindo.

Estácio e Cristóvão tinham entrado pouco havia; colocados junto à grade que dividia a capela do corpo da igreja, não perdiam nenhum dos movimentos das duas meninas.

— Tua mãe?... perguntou Inesita.

— Não a vêes na frente, bem próxima ao altar? Dela não há susto, continuou a moça gracejando; enquanto não desfiar a última conta do rosário e não recitar todas as orações do livro dominical, não dá por coisa alguma.

— Pois desce o véu, não te voltes, e podemos conversar enquanto não principia a missa; pensarão, vendo-nos falar, que dizemos nossas rezas.

— Sonsinha que és!... exclamou Elvira com um sorriso. Não queres que me volte para não ver onde vão presos esses olhos.

— Vão a Deus.

— A Deus no céu, e a ele na terra.

— Minha tentação, queres sossegar?

— Não me deixeis cair em tentação!... continuou Elvira com ar de malícia e fingindo que orava.

— Com as palavras sagradas não se brinca!... É pecado! disse Inesita séria.

— A quem o dizes? A mim que sei todas as rezas! Minha mãe tem tido o cuidado de me ensinar; ainda hoje, sabes a penitência que me deu? De recitar uma ladainha maior do que a Rua dos Mercadores!

— E foi isto que te demorou?

— Não, Inesita, respondeu a moça perdendo de repente o seu ar faceiro e entristecendo, foi coisa pior... Oh! muito pior!

— O quê?

— Chorei toda a noite.

— Ele te...

— Ele não, mas por causa dele. Minha mãe não quer ir hoje à festa.

Inesita teve um triste sobressalto, e emudeceu buscando no espírito um meio de amparar a amiga:

— Se pedir-lhe eu?

— É escusado; quando lhe metem alguma coisa de religião na cabeça, não há volta; disseram-lhe que não está bem a uma dama devota ver folguedos do mundo.

— E tu perdes tão lindas coisas?

— Hão de estar galantes as corridas, não é verdade? Depois me contarás?

— Sem faltar nada. Mas ninguém dirá, ao ver-te tão prazenteira, que hajas chorado toda a noite.

— Que queres? Quando cheguei esqueci tudo, para só me lembrar que estava perto de ti.

— De ti!... disse Inesita inclinando imperceptivelmente a cabeça para o lado da grade, sem contudo erguer os olhos.

Elvira reparou no movimento da amiga e quis tirar sua desforra.

— Bem sei, respondeu ela travessamente, que estar perto de uma é estar perto do outro; a sombra acompanha o corpo.

— Vamos rezar, menina, acudiu Inesita meio enfadada.

— Vamos. Sabes tu as *Obras de Misericórdia*?

— Que pergunta!

— Não as sabes, não; porque elas mandam consolar os aflitos; e ali está uma alma penando por tua causa à espera de um só olhar teu.

Inesita corou inclinando ainda mais a frente; porém os cílios de seda, que roçavam as faces, se ergueram e cerraram logo, deixando coar um olhar doce e aveludado, que foi tremulando embeber-se no rosto de Estácio.

— Agora sim cumpriste tua devoção!

— Elvira!... Cuidas que também eu não reparo no que fazes?

As duas meninas continuaram o alegre colóquio, cujo matiz gracioso não se pode desenhar; porque há gestos feiticeiros e inflexões harmoniosas, que só os lábios e a gentileza de uma mulher sabem dar às palavras mais simples.

Naquele tempo, como hoje, como sempre, duas moças amigas que se encontravam, tinham tanto que dizer entre si, e estavam tão cheias de segredos e confidências, que o lábio rosado não emudecia, enquanto não destilava todo o mel que havia nos favos delicados do coração, toda a fragrância que respiravam as rosas d'alma em botão.

A mulher é sempre mulher; mudam os usos, as modas, os costumes e as línguas; mudam os tempos e com eles nós os homens, porém o anjo frágil e delicado que Deus prendeu à terra é a fênix moral, que renovando-se em todos os séculos e em todas as eras, remoça a humanidade, e a purifica.

Assim, quem ouvisse aquelas duas beatinhas dos começos do século dezessete, conversando tão travessa e profanamente sob a aparência do mais profundo recolhimento, esquecendo o traje e o lugar, julgaria escutar as falas de duas moças dos nossos dias, trocando no seu jardim as confidências de uma véspera de baile.

D. Luísa às vezes lançava à filha uma vista rápida e severa, que retirava satisfeita para fitá-la de novo no resplendor das imagens; de feito Elvira e Inesita com o véu baixo, as mãos cruzadas, as fronte inclinadas e os lábios a moverem frouxamente, tinham um tal ar de compunção, que ninguém suspeitaria o mais leve pecadilho sob aquele beático recolhimento.

Entretanto elas ainda falavam de mil coisas; não tinham dito nem metade da mútua confissão.

### III.

#### **Onde mestre Bartolomeu revella seus dotes para a solfa cantada.**

A igreja estava apinhada.

A nave sepultada em meia obscuridade servia de moldura ao retabulo da capella, a qual scintillava com a luz dos cirios e os reflexos metalicos das alfaias e galas que cobriam os altares.

No centro da esphera luminosa, nublada pela fumaça do incenso, que exhalava da caçoula de prata lentamente embalançada pelo turiferário, destacava a cruz negra do martírio, de onde a imagem do Cristo dominava a multidão curvada e respeitosa.

Eram sete horas e meia quando soaram os atabales do terço postado no largo.

Chegava o Governador D. Diogo de Menezes, conduzido debaixo de pálio pelos juízes e vereadores do conselho, e acompanhado por D. Diogo de Campos, sargento-mor do

Estado do Brasil, pelo Alcaide-Mor da Bahia, Álvaro de Carvalho, provedor da fazenda, o Desembargador Baltasar Ferraz, ouvidor, escrivão dos contos e mais gente do serviço de El-Rei.

O cabido saiu fora a recebê-lo com as etiquetas do formulário, e o conduziu ao setial colocado do lado do evangelho; no mesmo plano estava o assento forrado de damasco branco dos oficiais da Câmara; vinham depois o ouvidor, alcaide, provedor e os outros ministros.

Do outro lado via-se a poltrona episcopal, vaga pela ausência de D. Constantino Barradas, que se achava de visita na Capitania de Pernambuco; seguiam-se as dignidades da Sé e o coro dos cônegos; no fim havia um banco de veludo roxo que devia ser ocupado pelo provincial dos jesuítas à direita do dom abade de São Bento e do custódio dos franciscanos.

D. Diogo de Menezes era um verdadeiro fidalgo no porte senhoril como no caráter egrégio; achava-se então no vigor da idade, no período de transição dos quarenta para os cinquenta anos, em que então os homens daquela têmpera chegavam ao perfeito desenvolvimento de sua organização, e adquiriam a robusta virilidade, que ilustrou a história de tantos feitos brilhantes.

O grave parecer esclarecido por um espírito superior era o documento do passado honroso e o prenúncio da carreira

ilustre que ainda tinha a percorrer; a severidade não excluía a afabilidade das maneiras e a polidez do trato, que caracterizavam o fino cavalheiro.

Homem de governo, escravo do dever, para quem a lei era religião, e a honra culto; conhecia-se contudo que ele compreendia, e talvez mesmo sentisse ainda, o entusiasmo heroico e cavalheiresco, que iluminara as lendas e os romances da Média Idade, e já então apenas lançava os frouxos clarões da luz que bruxuleia ao extinguir-se.

Apenas o governador, fazendo uma cortesia geral, sentou-se na cadeira alcatifada, ouviu-se o temperado de garganta sonoro e clássico do mestre de capela, que do alto de seu trono regia a orquestra; quase imediatamente a larga tira de papel pautado, tangida pelo braço robusto, assentou no respaldo da grade do coro a palmada estridente e simbólica.

Era o sinal para começar a missa cantada; primeira pancada de compasso que abria o solfejo de velho in-fólio colocado sobre uma estante.

O mestre de capela, cheio de sua importância, meneava aquela tira de papel pautada com a galhardia de um general brandindo a espada vitoriosa em frente ao seu exército no momento da batalha.

Os meninos do coro tomaram seu lugar; uma exígua figura, coberta de longa capa de raso preto, saiu do esvão da torre,

e dirigiu-se lenta e compassadamente para o teclado do órgão, sobre o qual estava aberto um grosso alfarrábio das solfas do P. Manuel Mendes.

A cor lívida, os olhos profundos e cingidos de uma orla de bistre, as faces encovadas, davam àquele semblante um aspecto triste e lúgubre; os cabelos grisalhos e revoltos caíam sobre a testa vasta e proeminente; o hábito do estudo lhe acurvara o corpo emagrecido, diminuindo aparentemente a estatura raquítica, que pouco excedia de cinco palmos craveiros.

Tal era o licenciado Vaz Caminha, o mais sábio letrado da cidade do Salvador, que apesar de suas elucubrações forenses e da gravidade do ofício, fazia ao mestre de capela a mercê de tocar órgão na Sé, por ocasião de grandes festividades, mediante a espórtula de um tostão em prata e o jantar na mesa do senhor bispo, quando este se achava na Bahia.

O discípulo de Bártolo e Scoto endireitou a tripeça, sentou-se traçando as perninhas em forma de cruz grega, e apoiando o queixo sobre o polegar da mão esquerda, sestro que lhe era familiar, esperou o segundo sinal.

— Sua senhoria acaba de chegar, disse o mestre de capela. Podemos dar começo, se vos praz, senhor licenciado.

— Por mim não se espere, mestre Bartolomeu.

— Atenção! exclamou o chefe da orquestra, voltando-se para os meninos do coro. Atacar o *ut* com presteza, *subito*, compasso quaternário.

E erguendo a braço hercúleo, e volvendo uma última vista em torno, assentou com o rolo de música um segundo estalo, que foi o prelúdio da mais tremenda algazarra jamais ouvida em templo cristão.

Os gritos agudos e esganiçados dos meninos do coro, impelidos com toda a força dos pulmões feriam o ouvido como o estrídulo metálico do canto da uiraponga; no meio do alarido troava, mugia, a voz de baixo profundo do mestre Bartolomeu, que com uma só nota enchia o vasto âmbito da catedral.

O monstruoso concerto durou cinco minutos em formidável *crescendo*; baixando afinal de tono em tono, reboando pelas altas abóbadas, expirou como o trovão que rola ao longe pelas nuvens, ou o oceano encapelado quando geme sob a refega do vento.

No entanto o licenciado Pero de Campos, deão, que oficiava na ausência do bispo, revestido dos guisamentos sacerdotais, subia ao altar acompanhado dos dois acólitos; e o cantochão desafinado dos cônegos respondeu dignamente ao desafio musical da orquestra.

O mestre de capela, à guisa de alguns cantores modernos desempenhava ao mesmo tempo dois papéis, o de baixo e o de contralto; cerrando pois as largas queixadas, expeliu pelo nariz uma voz de tiple, fanhosa e esguichada, que meteria inveja ao mais alentado eunuco da Capela Sistina; era um *alegro* predileto do grande solfista.

Assim, apenas terminou, ainda com as bochechas insufladas e o suor a correr-lhe pela tonta, voltou-se para Vaz Caminha que feria as teclas com a mesma gravidade que teria, se estivesse consultando um texto do *Corpus Juris* ou arrazoando um agravo para a Casa da Suplicação.

— Que dizeis deste solo, senhor licenciado? É solfa deste vosso servo.

— *Optime!* respondeu o letrado cortesmente.

Era a vigésima vez que o bom do Bartolomeu cantava aquele trecho e terminava pela pergunta referida, à qual o advogado com a regularidade dos homens sisudos e pensadores respondia pelo mesmo advérbio.

A ponto que isto passava no coro, e a missa cantada prosseguia, muitos sentimentos diversos e bem estranhos à cerimônia sagrada agitavam os atores principais da cena.

D. Diogo de Menezes vendo a cadeira do provincial dos jesuítas vaga, sorria de um modo significativo; compreendera que a ausência não motivada, no dia em que

celebravam a sua chegada, era um primeiro manifesto de guerra que lhes lançavam os aliados do Bispo D. Constantino.

Embora fosse toda mental e íntima a reflexão, o fidalgo ergueu a cabeça com expressão de energia, como se aceitasse o desafio e se preparasse para a luta; depois lembrando-se onde estava inclinou diante de Deus a fronte que trazia sempre alta em face dos homens.

Mais longe, as duas meninas, logo que começara o sacrifício, haviam cessado a conversa e emudecido no santo respeito que lhes inspirava o sublime mistério da religião cristã; mas o espírito de Elvira, rebelde e tenaz, voltava às suas preocupações, apesar de todos os esforços que ela fazia para afastá-lo de tais ideias e trazê-lo à oração que os lábios balbuciavam automaticamente.

A donzela lembrava-se das festas que deviam ter lugar à tarde, festas que a haviam feito sonhar tantas horas, e iam passar enfim sem que as gozasse; sua fantasia revoava por todas aquelas imagens brilhantes e esquecia a realidade para viver ainda alguns instantes de esperança; mas a ilusão desvanecia-se breve e tornava ainda mais pungente a decepção.

Às vezes em sua cólera infantil, a inocente fazia protestos de querer mal à sua mãe por causa da crueldade com que a condenava à solidão no momento em que todos haviam

folgar e rir; eram ímpetos passageiros, como as faúlhas que saltam das chamas e se apagam no ar.

Por fim acabava pedindo à Virgem perdão para o mau pensamento que tivera; e resignada à sua desventura, enfiava por entre o véu um olhar longo e apaixonado, que penetrava até o coração de Cristóvão, e voltava de lá mais sereno e consolado.

Inesita, essa estava inteiramente absorvida pela oração; o espírito de Deus a dominava; e só de espaço em espaço, nos momentos em que a alma saindo da meditação lembra-se que tem um corpo, a tímida menina sentia-se viver pela recordação do lugar onde estava e da proximidade de Estácio; então sem ver, adivinhava que o olhar do moço a envolvia em um raio de amor, e estremecia com a sensação de gozo inexprimível.

Mas o que ela não podia adivinhar era a angústia que confrangia a alma do moço, ajoelhado junto à grade e tão pálido, que o oval de seu rosto iluminado por uma réstia de sol, destacava entre as roupas negras como um relevo de alabastro em medalha de ébano.

Estácio descobrira a alguns passos D. Fernando de Ataíde, que não tirava os olhos da menina; bastou para que uma suspeita cruel entrasse em sua alma; lembrou-se que talvez o olhar de Inesita fosse dirigido a seu rival, e desejou até

que ela não erguesse mais a vista, nem se voltasse de seu lado.

O moço era pobre e modesto; aqueles que como ele amaram um dia, compreenderão o martírio que sentiu pensando que D. Fernando de Ataíde, nobre e rico, podia depor aos pés de sua amada um belo nome e soberbas prendas, enquanto que ele apenas tinha um coração leal a oferecer.

A dama desconhecida e velada não tirava os olhos de Estácio, senão para volvé-los a Inesita. Por vezes inclinara-se para a gorducha de sua companheira, como se lhe quisesse falar e disfarçava; até que afinal a palavra retida escapou-lhe dos lábios:

— Sabeis, Brásia, quem seja aquele cavalheiro que agora ajoelha perto à grade, bem em frente a nós?...

— Vejo dois, D. Marina, tão gentil um como outro! De qual falais?

— Do que traja negro.

— Não sei, não, dona; mas não faltará quem o saiba.

— Pois indagai, e onde mora.

A velha estabeleceu logo um cochicho que percorreu toda a longa fila de beatas estendida pela nave da catedral.

A festa prosseguia, o coro e o cantochão continuavam alternando, quando foi ouvido na porta da igreja um ligeiro rumor causado por muitas pessoas, que voltavam o rosto para ver alguma coisa que estava passando fora.

O objeto que tanto excitava a curiosidade, a ponto de distrair assim a atenção do ofício divino, era um navio de alto porte que encoberto pelas sombras da noite se avizinhara de terra, e aos raios do sol nascente aparecia à entrada do porto com as velas enfunadas pela fresca viração da manhã.

D. Diogo acenou ao capitão de sua guarda:

— Manuel de Melo, inquiri da razão deste rumor! disse-lhe à pureza.

Nesse tempo ainda não se tinha desmoronado o tabuleiro que ficava em frente da Sé, a pique da montanha, com uma vista soberba para o mar; por isso daquela posição distinguia-se já perfeitamente o navio que velejava demandando o porto, e o casco, e a mastreação, e a bandeira espanhola a flutuar na popa. A não escassear o vento, era natural que em menos de duas horas estivesse fundeado.

A notícia transmitiu-se rapidamente. Há uma espécie de corrente elétrica nas grandes massas de povo; dois minutos depois de ouvir-se o rumor na porta da igreja ninguém já ignorava a grande nova.

— É uma fragata espanhola, ao que parece procedente do reino, que entra a barra, informou ao governador o capitão da guarda.

Este fato que hoje não tem muita importância pela sua frequência, naquele tempo de raras e difíceis comunicações entre o Brasil e a metrópole, era um acontecimento do maior interesse. Para os governadores e empregados no serviço real queria dizer a solução de altas questões da administração do novo Estado; para o povo exprimia talvez o deferimento aos pedidos das Câmaras sobre redução de impostos, extinção dos estancos e servidão dos índios; para os mercadores de grosso trato significava o recebimento de cabedais ou de gêneros de tráfico; para os particulares era o provimento da mercê que haviam requerido, ou a reforma da sentença de que tinham agravado; para as mulheres, além da parte que tomavam no que dizia respeito a seus pais, irmãos e maridos, havia a curiosidade, sentimento poderoso em todas as filhas de Eva.

Já se vê pois, que desde o Governador D. Diogo de Menezes até a última das beatas escondida em algum canto, todas as pessoas, que se achavam na igreja, desejaram intimamente ver acabada a missa; os cônegos acordando salmeavam o cantochão como se cantassem um solau; o licenciado apressara o compasso; o deão saltara por engano uma página do missal; as velhas correram duas contas por cada padre-nosso.

No meio da geral preocupação só ficaram estranhos, Elvira e Inesita, que continuavam as suas orações; Cristóvão, Estácio e Fernando, para os quais o mundo se resumia nas duas meninas; D. Luísa de Paiva, imóvel em seu êxtase religioso; finalmente o mestre de capela, que apesar dos cônegos, do salto da página, do toque do órgão, apesar de tudo, solfejava um andante com imperturbável sangue-frio, sem engolir uma nota ou falhar uma pausa.

## IV.

### **No qual vem á lume um papel velho.**

A cerimonia religiosa terminou por volta de nove horas.

Em pouco tempo a multidão deixou a igreja quasi solitaria e foi apinhar-se á beira do terreiro, para ver a fragata que distava do porto cerca de um tiro de canhão.

Elvira e sua amiga dirigiram-se a pia de marmore branco colocada à porta, como de costume; a alguma distância seguiam D. Luísa de Paiva conversando com o pai de Inesita. Era este, D. Francisco de Aguilar, nobre castelhano, senhor do engenho de Paripe, homem principal, como se dizia naquele tempo.

Alto, robusto, ainda verde e bem conservado, D. Francisco era o verdadeiro tipo do *hidalgo* andaluz. Orgulhoso de seu sangue, de sua pátria e de seus cabedais, altivo no trato dos que julgava inferiores, seco nas maneiras, tinha contudo a verdadeira nobreza, que a educação e o hábito podem apurar, mas não é o privilégio dos brasões, pois a dá o

coração; sabia ser grande e generoso quando os prejuízos de fidalguia não se opunham aos impulsos de sua alma.

Elvira e Inesita apressando o passo chegaram à pia, onde os dois amigos já as esperavam; mas D. Fernando aproximara-se no mesmo momento, e tomando água na palma ofereceu-a cortesmente às duas meninas.

Inesita hesitou; tímida como era, não teve ânimo de recusar; embebendo a pontinha dos dedos alvos e delicados, ia levá-los à frente, quando viu o olhar de Estácio; a pobre menina estremeceu e sem saber o que fazia, deixou cair o braço desfalecido.

Quanto a Elvira, mais animosa, voltou-se para Cristóvão. O cavalheiro encorajando-se com esse movimento adiantou-se, e apresentou-lhe a mão onde brincavam algumas gotas d'água; depois de benzer-se, a menina umedeceu de novo os dedos e com um movimento rápido lançou de longe um borrifo na frente do mancebo.

— Para que sejas esta tarde bem feliz, disse ela enrubescendo.

— Basta que desejeis para que o seja, respondeu o mancebo não se contendo de alegria e felicidade. Que o vosso olhar me acompanhe...

— O olhar, não, que é impossível; o pensamento, sim, respondeu Elvira com uma expressão melancólica.

— Por quê? Lá não estareis? perguntou o moço em sobressalto.

— Não; minha mãe...

A aproximação de D. Luísa e Aguilar cortou a conversa; as duas meninas saíram da igreja, Elvira satisfeita porque ao menos consolara Cristóvão de sua ausência; Inesita zangada consigo mesma porque não tivera coragem de recusar o oferecimento de Fernando, e com Estácio, porque depois do seu movimento em vez de apresentar-lhe a mão voltara-se triste e desaparecera; de modo que ela foi obrigada, para benzer-se, a molhar os dedos na pia.

Quanto a Ataíde, como todos os homens que têm plena confiança em sua riqueza, não percebera nem a indecisão da menina e o movimento que produziu o olhar de Estácio, nem o disfarce com que Inesita molhara de novo os dedos na pia. Radiante sob o gibão de veludo carmesim acompanhou o fidalgo castelhano.

No adro e por ocasião de despedir-se, Inesita voltou-se para D. Francisco:

— Meu pai, instai com D. Luísa para que leve esta tarde Elvira às festas do Terreiro do Colégio.

— Vosso pedido tem mais valia do que o meu, mas se o quereis...

— Impossível, Senhor D. Francisco. Fiz voto de não assistir a festas profanas; e quebrar um voto, disse-me o Padre Luís Figueira, é incorrer em excomunhão *latae sententiae*.

O castelhano, ouvindo o texto, voltou-se para trocar um sorriso com Fernando.

— Mas, acudiu Inesita, Elvira que não fez voto podia ir comigo!

— Não lhe está bem aparecer em lugares de folia sem sua mãe, menina. É prova de descomedimento, que não assenta em donzela recatada.

O tom severo destas palavras, mais de repreensão que de resposta, desconcertou Inesita, que não soube o que replicar; despediu-se de sua amiga, e entrou na cadeirinha lançando um olhar a furto em busca de Estácio.

Este depois que desaparecera, tomando pelo corredor lateral, encostara-se à portada de onde observara toda a cena anterior, e seguira com os olhos a cadeirinha, cujas cortinas ao longe lhe pareciam entreabertas por uma mãozinha mimosa.

Era o tempo que o palanquim de D. Luísa sumia-se também, e Cristóvão saía da igreja. Estácio foi-lhe ao encontro.

— Julgava-te longe, disse Cristóvão; vi-te sair pouco há.

— Mas não tive a força de ir-me, embora fosse o melhor, respondeu o moço com um sorriso triste.

— Que te aconteceu?

— Nada. Dize-me: tens desejo de primar esta tarde sobre todos, para merecer o olhar dela, não é verdade?

— Acertaste, menos em um ponto, Estácio; desejo vencer nos torneios e jogos porque ela lá não estará, e assim farei que não tenham outras, o que só merece a mais bela.

— E contas ganhar todos os preços? perguntou Estácio com intenção.

— Todos os que não quiseres para ti.

— Por que não os outros?

— Porque nem quero medir-me contigo, nem que o quisesse, o poderia com vantagem.

— Não digas tal!

— Não o diria a outro, ainda que sentisse a sua espada na gorja; digo-o a ti com a mão no coração.

— Pois ouve, acudiu Estácio; também a mim repugna-me roubar um prêmio que te pode pertencer; toma-os todos, mas cede-me uma só coisa.

— Qual, Estácio?

— Cede-me teu lugar na primeira corrida.

— Meu lugar!... Mas diriam que tive medo!

— Não receies tal; a confusão da partida impedirá ver; demais não lucras na troca. D. José de Aguiar é dos mais aguerridos campeões que entrarão em liça.

— Ah! compreendo; não te queres bater com o irmão de D. Inês!

— É um dos motivos; o outro saberás depois.

— Pois está dito; mas por isso não te deixes vencer por minha causa. Lembra-te que também te olham. Adeus; vou-me com pressa.

— Em pouco irei ter contigo.

Os dois moços apertaram-se as mãos; e separaram-se tomando direção oposta.

Terna e sincera amizade os ligava. O modo singular porque nascera essa afeição anunciou logo a têmpera daquelas duas almas, ainda não batidas na incude do mundo.

Costumavam os filhos das principais famílias, quando por tarde saíam a passeio acompanhados de seus aios, reunirem-

se na Praça do Governador onde estava assentada uma bateria a pique da Ribeira. Aí entretinham-se em galhofas e folguedos próprios da infância.

Uma vez acertou Estácio de passar por ali tornando da casa de Vaz Caminha, onde tinha escola de pueris. Um gibão rapado, de mangas tão justas que o crucificavam, barrete que de machucado já tinha virado carapuça, e calções com remendos davam ao rapazinho um aspecto realmente grotesco. Os meninos o receberam com tremenda algazarra que o acompanhou até sumir-se do lado oposto.

Percebendo que a mofa era com ele, Estácio parou e voltou face aos rapazes, afrontando-os com o olhar e gesto. Desde então o discípulo e afilhado de Vaz Caminha teve para si, que fora cobardia escolher outro caminho. Todas as tardes ali passava, embora para isso fizesse uma volta. Os meninos o atropelavam como da primeira vez com vaias e apupos. Ele passava impávido e calmo, empertigando-se em sua pobreza e desafiando-os a todos.

Cristóvão que era da roda, soube afinal quem fosse o tal rapazito; e uma tarde quando ele passava, deixou muito zangado os companheiros e botou-se de carreira ao filho de Robério Dias.

Esperou-o a pé firme Estácio, julgando que o outro vinha brigar. Deitando ao chão um maço de cadernos, arregaçou as mangas.

— Não venho para brigarmos, senão para nos conhecermos, pois somos parentes! disse Cristóvão sorrindo e com um modo afável.

Passada a primeira surpresa de ver aquela fala e modo em um menino tão bem trajado e que parecia de família rica e principal, o escolar respondeu altivo:

— Não tenho parentes mais que uma tia!

— Pois não sois filho de Robério Dias?

— Que vos importa isso?...

— Eu sou filho de Garcia de Ávila!

— Não vos conheço!...

— Que val, se temos o mesmo sangue! Perguntai a vossa tia.

— É escusado!... Sei eu que não tenho parentesco com gente de vossa qualidade; sou pobre!...

Dizendo essa palavra com orgulhosa arrogância, o escolar foi seu caminho sem mais palavras. Nos dias seguintes, por espaço de duas semanas, todas as tardes Cristóvão fazia parar Estácio para convencê-lo do seu mútuo parentesco, e a todas as instâncias respondia este com uma orgulhosa esquivança. Não se enganava Cristóvão. Seu terceiro avô,

Garcia de Ávila, também terceiro de nome, tivera uma filha natural, Isabel Garcia, casada em segundas núpcias com Diogo Dias, neto do Caramuru e segundo avô de Estácio; donde vinha entrelaçamento de afinidade entre as duas famílias.

Uma tarde, Cristóvão perdeu a paciência, e disse para Estácio:

— Ou me reconheceis por vosso parente ou brigo convosco.

— Briguemos; é melhor.

Atracaram-se ali mesmo; mas o aio de Cristóvão correu a separá-los, e o fez maltratando Estácio. O menino afastou-se indignado.

— Eu te castigarei, maroto!

Cristóvão irado arrancou a vergasta que o aio trazia e com ela o fustigou.

No dia seguinte muito cedo esperava por Estácio à porta de Vaz Caminha para lhe comunicar que o criado fora expulso de seu serviço e de sua casa. Desde essa manhã ficaram camaradas; os anos vieram fazê-los amigos e afinal irmãos.

Tornemos à Sé.

Estácio seguiu para as bandas de Santo Antônio. A alguns passos encontrou Vaz Caminha, que atravessava gravemente o largo com a cabeça baixa, e entregue a funda meditação.

Logo que terminara a missa, o licenciado recebera do mestre de capela a competente moeda de prata; mergulhando-a na comprida bolsa presa ao ilhós do calção, esgueirou-se pela escadinha do coro, e foi acompanhando a chusma de curiosos ver o navio que entrava na barra.

Depois de alguns minutos de observação, conhecendo que em menos de uma hora não se poderia haver notícias do reino, resolveu ir confortar o estômago, e nesta intenção louvável dirigia-se ao modesto tugúrio, quando foi encontrado por Estácio.

— Bom-dia, mestre, disse o moço quando o velhinho passava. Tão embebido ides em vossas reflexões, que não vedes os amigos?

O licenciado ergueu a cabeça de chofre, e os olhos pequeninos pestanejaram com vivacidade jovial.

— Bem aparecido, pequeno! Há bons quatro dias que não vos ponho olhos. Bem diz o ditado: “que para os moços são as festas e para os velhos as crestas”.

— Me levais a mal, que tome parte nos brincos e jogos de cavaleiros?

— Ao contrário, filho. Lograi a vossa mocidade, que perto vem o tempo dos cuidados; e bem aziago é quando não se tem nos maus dias uma boa lembrança para consolar o espírito.

— Acho-vos hoje mais triste que de costume, mestre; alguma coisa vos amofina?

— É próprio da velhice; quando a idade é muita e a saúde pouca, sobram os enfados e mínguas as esperanças. Mas não semeemos flores em cinzas, que não brotam; dissei-me antes, se estais contente e satisfeito, se contaís que ninguém vos dispute hoje na galhardia e boas manhas?

— Farei o que em mim estiver; e ajudando Deus, espero dar-vos algum prazer.

— E as roupas estão ao vosso agrado? Ajustam-vos bem? São de fino estofa? perguntou o velho com terna solicitude.

— Ricas não podem ser, bem o sabeis; mas também não desmerecem em um cavalheiro: talhou-as o melhor algibebe da cidade, mestre Cosme.

— Ainda bem; dais-me com isso mais gosto do que pensais; porém – acrescentou o licenciado fitando o olhar no semblante do moço – alguma coisa ainda vos resta que me dizer?

— O que, mestre?

— Aquelas galas devem ter sido bem apreçadas, e do pouco que possuo sempre há para vos não deixar à mercê de fanqueiros e algibeibes.

Estácio apertou com efusão a mão seca e mirrada do velho, cuja oferta tão delicada como generosa lhe tocara o coração.

— Obrigado, mestre; lembrastes que de feito me faltava referir-vos alguma coisa, que esta manhã tinha em mente, e passou-me na missa; mas não é o que pensais. Graças à minha mãe que me deixou um saquitel com algumas dobras, poucas é verdade, pude enroupar-me; sem isso não o faria; pobre como sou, gasto do meu, não uso do alheio. São vossas lições.

— Que bem aproveitaram; mas não é alheio, filho, o que pertence àqueles que nos amam; porque esse está como depósito em outras mãos, e para ser nosso basta querermos.

— Outra vez obrigado, mestre; felizmente não careço despir-vos do vosso necessário para satisfazer fantasias de rapaz.

— Assim não haveis precisão de nada?

— De vossos conselhos, muita; e tanto que, se me dais licença, vou recorrer a eles.

— É verdade; o caso que tínheis em mente?

— Dele mesmo é que vos quero falar.

— Estamos à soleira, melhor é entrarmos.

— Como vos parecer.

Conversando, Estácio e Vaz Caminha tinham tomado por detrás da Sé; seguindo por uma rua estreita e solitária, quebraram em um beco apenas guarnecido por algumas habitações, que se destacavam a espaços entre as linhas de cercas cobertas de melão-de-são-caetano.

O beco descia em ladeira, e formava no centro uma espécie de vala por onde corriam as águas da chuva; junto das cercas serpejavam dois trilhos que serviam de caminho, e iam dar à entrada das casas, para as quais subia-se por alguns degraus feitos de tijolo. Um monturo, que servia de despejo às casinhas da vizinhança, ardia lentamente fazendo grande fumaceira.

A casa do licenciado era a segunda; pouca diferença tinha das outras. Baixa, com duas gelosias e uma porta, paredes caiadas de branco e beiradas saídas, o edifício dava perfeita ideia da arquitetura do tempo. Ao lado esquerdo via-se o quintal coberto de mamona e beldros, com touças de bananeiras; encostados ao oitão, o galinheiro, e uma espécie de horto onde cresciam alguns pés de arruda, hortelã, manjeriço e perpétuas.

Uma velhinha com saia de ganga amarela e manta escura de rebuço, que lhe cobria a cabeça como um capuz de freira, de volta da missa entrara no poleiro, e fizera uma revolução; as frangas cacarejavam, os galos batiam as asas, os pintos pipilavam, quando felizmente para o povo galináceo o licenciado chegou a casa.

Apesar de serem nove horas do dia, a porta exterior estava fechada, como se usava então, que não se tinha inventado a polícia, e cada um era obrigado a velar na segurança própria; Vaz Caminha chegou ao canto da casa, e erguendo-se nas pontas dos pés para ver por sobre a cerca do quintal, chamou a caseira.

— Euquéria! Abride, filha!

A velhinha correu tanto quanto o permitiam suas pernas curtas e trôpegas; decorrido um momento, o licenciado entrava em seu cartório acompanhado de Estácio.

Duas altas estantes de livros, um telônio cheio de autos e papéis, um bufete e alguns tamboretas rasos, eram os móveis que ornavam o gabinete, onde a luz filtrava amortecida pelos vidros das janelas, cobertas da mesma poeira clássica que jazia sobre os grandes alfarrábios, e das veneráveis teias de aranha suspensas ao teto.

— Vossa colação aí está sobre o bufete, senhor licenciado. Se não precisais de mim vou-me aos pintainhos, que estão

morrendo do mal triste.

— Ide, filha; eu cá me aviarei.

— Jesus! exclamou a caseira voltando a correr com as mãos na cabeça.

— Hein!... já pela manhã vos começam a aparecer as almas do outro mundo? disse Vaz Caminha para a velha.

— Que Deus, Nosso Senhor, nos livre e guarde! Ai! só de falar já estou tremendo, minha Virgem Santíssima! Mas vai, senhor licenciado, que por um triz não me escorrega ainda hoje de vos dizer!... E três dias há que o trago mesmo aqui na ponta da língua! Quando digo que estou já com esta cabeça varrida, não querem acreditar! Pois é assim!

— No fim das contas, o que há, Euquéria? Dizei-o de uma feita.

— É o vosso vinho, que está por um dedal. Daqueles dois odres que se encheram pela Assunção, um encarquilhou que nem, com o devido respeito, o roquete do senhor deão; o outro que aí tendes, bem escorropichado, muito dará, se der, um meio pichel.

— Bem, filha; havemos de prover ao necessário. Ide com Deus.

Vaz Caminha tirou o barrete e arrastou dois mochos para junto do bufete, onde havia sobre o mantém de algodão grosso, porém de alvura deslumbrante, uma escudela com três ovos escalfados, uma cestinha com bananas passadas, uma regueifa de pão e um pichel de estanho polido como prata.

— Sentai-vos, pequeno, e refazei com o que há; não chega para regalo, mas basta para quebrar o jejum.

— Não tenho fome, mestre; almoçai vós, eu esperarei.

— Por quê?... Os ouvidos nada têm com o estômago; se quereis, falai, que vos presto atenção, e se não, fazei como vos aprouver.

Durante isto, o licenciado sentava-se ao bufete arregaçando as mangas, escorria no canjirão o resto de vinho do odre pendurado por detrás de uma das estantes, e começava seu parco almoço. Estácio de pé encostado ao telônio deixava que ele satisfizesse o apetite para começar.

— Então? disse Vaz Caminha erguendo os olhos.

— Não é coisa de grande monta, replicou Estácio. Ontem pedi à tia o cofre que me deixou minha mãe quando faleceu, para tirar algumas dobras guardadas numa bolsa, e deparou-me o acaso com um papel do qual nunca tive notícia. Talvez me possais explicar o sentido.

— De qual papel falais?

— De uma carta escrita a minha mãe, há cerca de quatro anos. Por sinal que ainda se achava selada, disse o moço tirando do seio do gibão um papel dobrado e já amarelento.

— Lede essa carta.

Estácio desdobrou o papel e leu:

*A D. Clara Dias Correia*

*Senhora*

*Para em minhas mãos um papel de mor valia que pertenceu a vosso falecido marido Robério Dias; como seja demais precioso para sujeitá-lo a perda na remessa, mandareis havê-lo por pessoa de confiança.*

*Em São Sebastião, aos 28 de setembro de 1604.*

*D. Diogo de Mariz.*

Vaz Caminha perturbou-se de tal maneira ao ouvir as primeiras palavras, que levou a naca de pão ao nariz, e ficou de boca aberta sem poder proferir uma palavra.

Vaz Caminha era natural da vila de Arraiolos, em Portugal, e descendente de uma família de aldeões, para quem o mundo não existia além do estreito horizonte em que se debuxava o campanário da igreja paroquial.

O futuro legista estava pois condenado a vegetar nos labores campestres, se a natureza deserdando-o da robustez e vigor proverbial na família, não o houvesse predestinado para uma vida espiritual e meditativa: nascera de sete meses e mostrara desde logo que pouco desenvolvimento teria sua organização acanhada.

Os pais sentiam profundo anjo de ver aquele menino raquítico e débil, que tiritando de frio e encolhido a um canto, acompanhava com a vista, nas longas tardes de inverno, os brincos de dois rapagões fortes e rosados a saltarem no eirado da granja.

A mãe especialmente tinha tomado tal desgosto a esse fruto imaturo de suas entranhas, que a não ser a solicitude de uma irmã, o menino não teria decerto sobrevivido à indiferença e abandono em que ela o deixava; mas a Providência parece colocar sempre ao lado das criaturas fracas e desamparadas um coração que as proteja e abrigue; é a folha para a larva do inseto.

Felizmente um monge do Convento dos Loios tomou o menino sob sua proteção, e depois de o haver feito aprender as pueris e gramaticais, mandou-o ouvir na Universidade de Coimbra as aulas maiores de degredos; porém, o moço estudante preferiu dedicar-se à jurisprudência, e seu protetor atendendo às boas disposições que mostrava, não o contrariou.

Vaz Caminha cursou todas as cadeiras, das quais fez exame privado. Defendendo sucessivamente as conclusões magnas exigidas pelo Estatuto da Universidade, tomou um após outro os graus que então havia de bacharel, mestre, licenciado e doutor; e ganhou na sábia congregação de Coimbra a fama de um dos mais profundos romanistas do tempo.

O legista recolheu-se então à sua vila natal; aí, entregue às lides forenses, teve a nobre ambição de ilustrar seu nome obscuro; aproveitando os momentos que lhe deixavam os clientes, como depois fez Lobão, empreendeu escrever um *Comentário às Ordenações Manuelinas*, obra de plano vasto, em que se investigavam as verdadeiras fontes daquele código do direito português.

Correram os anos. Vaz Caminha concluiu sua obra, limou-a conforme o preceito de Horácio, e sentiu o desejo muito natural de trazer à luz o fruto de suas longas vigílias; mas então a imprensa era um luxo dispendioso, e as cópias em

pergaminho, a que se recorria na falta daquele agente da circulação, não custavam menos.

Ora, o foro de Arraiolos era escasso; o advogado poucas economias tinha feito, apesar da parcimônia com que vivia; de modo que a obra estava condenada a jazer na arca de papéis e autos, se um acontecimento imprevisto não viesse dar a seu autor uma esperança de obter a fazenda necessária para a realização de seu grande desejo.

Criara-se em 1588 uma Relação na Bahia; desde que o tribunal começasse a funcionar, o número das demandas aumentaria infalivelmente; no Brasil, terra abundante de ouro e balda de letrados, os provarás e embargos deviam ser pagos por bom preço; um advogado pois que se fosse ali estabelecer tinha todas as probabilidades de adquirir rápida abastança.

Foi esse o raciocínio de Vaz Caminha, e devemos confessar que não pecava contra a lógica; assim embalando-se na ideia risonha de poder realizar o sonho de sua vida, resolveu definitivamente embarcar-se para a cidade do Salvador; deixou algumas economias à irmã que velara sobre sua infância e ainda o acompanhava, e partiu para Lisboa.

Um navio estava a fazer-se de vela, e nele ia um dos desembargadores da nova Relação, Baltasar Ferraz, que encontramos feito provedor-mor da fazenda; o nosso advogado aproveitou o ensejo, e obtendo uma passagem,

deixou as terras da pátria, para ir procurar longe os meios de dar-lhe uma prova do seu amor, e de erguer um monumento à sua glória.

Com feliz travessia chegou ele à Bahia, e foi assentar os seus penates, isto é, suas estantes, seus livros, seu telônio, seu manuscrito e a velha Euquéria naquela mesma casinha por detrás da Sé; imediatamente os demandistas recorreram à experiência do novo jurisconsulto, a quem o povo, ignorante das distinções acadêmicas, chamava geralmente — *o senhor licenciado*.

Vaz Caminha, modesto como era, nenhum caso fez; mas não deixou de lhe causar impressão o caráter especial do foro baiano. O advogado era apenas um conciliador de partes; afora essa tarefa de nada servia; porque os embargos, os agravos e recursos tinham sido substituídos por uma exceção peremptória não consignada no formulário dos praxistas — a adaga ou o arcabuz.

Começavam-se muitos pleitos, porém todos eram decididos extrajudicialmente; os físicos vendiam alguns récipes e os boticários as suas mezinhas; os padres ganhavam frequentes encomendações; mas ao advogado nada rendia esse modo expedito de terminar os processos. Assim Vaz Caminha compreendeu que antes da chegada da Relação nada se podia fazer.

Desde então principiou um hábito que ele ainda conservava na ocasião em que o encontramos; todos os dias ao raiar da alvorada saía de casa, e no seu passeio matutino dirigia-se ao Largo da Sé, de onde se descortinava toda a baía. Ali ficava cerca de uma hora com os olhos engolfados no horizonte a ver se enfim surgia o galeão, em que vinha a desejada Relação.

Ora, esse galeão partira em meado de 1588 de Lisboa, tendo a seu bordo o Governador Francisco Giraldes donatário dos Ilhéus, e os desembargadores nomeados para instalarem o novo tribunal; sucedendo arribar duas vezes, os passageiros tomaram isso como aviso do céu e deixaram-se ficar em Portugal.

Nem mais novas houve da Relação. Vaz Caminha resignou-se e continuou a magra advocacia que pouco mais lhe rendia que em Arraiolos; então lembrando-se de algumas lições de cravo que tomara em sua mocidade, aceitou o lugar de organista da Sé, o que lhe deixava no fim do ano algumas patacas.

A gente que se ocupa da vida alheia chamava-o de avarento; mas ignorava que sublimes sentimentos ocultava aquela restrita economia: não sabia que dos modestos lucros ele mandava dar uma pensão em Portugal à irmã que lhe servira de mãe, e o resto destinava para a publicação de sua obra, o maior serviço que podia prestar ao seu país.

Quando os rapazes que passavam para a escola, vendo-o que se dirigia para o Largo da Sé triste e cabisbaixo, o perseguiram com risos e galhofas gritando — *vais? vais, Caminha?* — mal pensavam que aquele homem que durante vinte anos, chovesse ou fizesse sol, ia todas as manhãs olhar o mar e o horizonte, não se iludia já com a esperança vã e ridícula de ver chegar o navio que trazia a Relação.

O que o levava lá era a saudade da pátria, a sublime nostalgia do velho que sente o corpo vergar para uma terra, que não é a sua, e em cujo seio talvez descansarão suas cinzas, entre gente estranha, longe do berço; o que ele ia ver não era nem o mar, nem os navios, era sim o horizonte imenso, no fundo do qual os olhos d'alma lhe mostravam o modesto painel de sua aldeia natal.

Que lhe importava que o mundo risse? As dores profundas e grandes se escondem nos refolhos do coração, aí vivem, aí morrem, sem que a compaixão pública as profane; só Deus lhes sabe o segredo, e lhes manda às vezes uma doce consolação na terra, ou lhes guarda um prêmio no céu.

Para o licenciado essa consolação fora um menino.

Três anos depois que chegara à Bahia, em 1590, conheceu Robério Dias, o célebre possuidor do segredo das *minas de prata*. Corria que voltava da Espanha descontente, porque Filipe II lhe recusara o título de Marquês das Minas, que

pedira como prêmio da descoberta, e o nomeara apenas administrador. Viera ele esperar na cidade do Salvador o novo Governador-Geral D. Francisco de Sousa, aproveitando o ensejo para passar algum tempo com sua mulher, de quem andava ausente havia bom par de anos.

Robério sofrera uma grande decepção e era infeliz; não há laço que mais prenda e solde duas almas do que a desgraça; tendo necessidade de consultar o advogado para deixar os seus negócios em boa ordem, achou nele um conselheiro, que breve tornou-se amigo; estabeleceu-se a intimidade, a tal ponto que, partindo para o sertão com o governador, Robério, a quem um pressentimento cerrava o coração, abriu-se completamente com Vaz Caminha e deixou-lhe o cuidado de velar sobre sua mulher e o filho que ela ainda trazia no ventre.

O pequeno Estácio veio a ser um consolo para o legista, a quem a sorte negara o doce sentimento da paternidade; esse menino e sua mãe criaram para o seu coração virgem uma família espiritual, em cujo seio ia esquecer as saudades de sua boa irmã e as lembranças de seu velho Portugal.

Um ano não era decorrido, quando Robério Dias adoeceu e morreu no sertão sem haver revelado o segredo das *minas de prata*; este fato deixando órfã e ao desamparo aquela criança, ainda ligou-a mais ao licenciado, que sentia necessidade de repartir com uma criatura humana a afeição que votara aos seus queridos alfarrábios.

Cuidar da educação de Estácio foi imenso prazer para ele; ensinou ao menino as humanidades; depois, modesto como era, e desejando dar-lhe uma instrução acabada, entregou-o a mestres de primeira força; na idade de quinze anos o moço começou a frequentar as aulas do Colégio dos Jesuítas, na qual tivera tais adiantamentos, que os padres instavam para que ele entrasse na ordem.

Este projeto porém encontrou séria oposição da parte de Álvaro de Carvalho, que se associara a Vaz Caminha na educação do moço e se incumbira de ensinar-lhe as artes da cavalaria. O velho alcaide sonhava para seu protegido um mais brilhante futuro, que o da roupeta.

Eis como se achavam as coisas no momento em que Estácio, acabando de ler a carta dirigida a sua mãe por D. Diogo de Mariz, dobrava-a tranquilamente sem reparar na alteração de fisionomia e na posição grotesca de Vaz Caminha.

— Podeis dizer-me, mestre, que papel é esse de mor valia, pertencente a meu falecido pai?

O licenciado conseguiu restabelecer-se do abalo que sofrera; atirando-se a Estácio, arrancou-lhe das mãos o papel e leu-o de novo, enquanto o moço olhava-o admirado da singular excitação que pela primeira vez quebrava a pausada e fria gravidade do advogado.

Quando acabou de ler, segurando o papel nos dedos trêmulos, voltou-se para o estudante:

— Não sabeis a história de vosso pai?

— Sei dela o que me tem ensinado a tradição popular; contam que meu pai conhecia o segredo de grandes minas de prata, que recusou descobrir por lhe haver El-Rei negado a recompensa que pedia.

— A tradição mente, filho; Robério era incapaz de uma tal vilania; depois de haver prometido cumpria.

— Mas então por que ainda hoje é desconhecido o segredo?

— Ouvide, filho; o que vou referir-vos foi dito há dezenove anos por Dias na véspera de partir-se para o sertão, de onde um pressentimento lhe advertia que não devia voltar; desde então ficou sepultado em mim, e só agora sai de meus lábios para vossa alma. Assim, é como se vosso pai vos falasse do seu túmulo.

O velho recolheu-se um instante.

Estácio comovido, preparava-se para escutá-lo.

— Estas famosas *minas de prata* do Brasil, que tanto mal têm feito, excitando a cobiça de uns e causando a desgraça de outros, fazendo que reis esqueçam seus povos e sacerdotes sua divina missão, foram achadas em 1587 por vosso avô, o Moribeca, de uma maneira que ainda hoje se ignora.

— Ah! não foi meu pai!

— Para não esquecer o lugar e direção em que demoravam, deixou no tronco das árvores em todo seu trajeto certos golpes que deviam orientá-lo em uma segunda jornada. Infelizmente não a pôde levar a cabo; enfermou quando ordenava os aprestos dela, e na hora derradeira chamou o filho e lhe comunicou sua descoberta.

Robério cuidou logo em fazer a jornada para aviventar os rumos e marcos apostos por vosso avô, antes que o tempo e os acidentes os destruíssem. Partiu quase escoteiro, seguindo as pegadas do pai e chegou ao lugar indicado.

— Quando isso? perguntou o moço.

— Em fins desse mesmo ano de 1587, ainda eu não estava no Brasil. Vosso pai, por prudência e para não dar rebate aos garimpeiros que o acompanhavam, saiu do rancho como para caçar. Seguindo as indicações, deu com a entrada da caverna; achou-se em uma longa crasta subterrânea; havia escuridão profunda; mas com pouco o luar enfiando pelas fendas da pedra, deu em cheio sobre aquelas paredes alvas e brilhantes; vosso pai admirado julgou ver um palácio encantado no qual o pórtico, a fachada, as colunas, tudo era de prata.

— E voltou carregado de riquezas?

— Não trouxe nem uma oitava de metal; seria revelar o segredo e expor as minas à ambição de todos que o acompanhavam, tanto mais quando de repente foi surpreendido pelas vozes de alguns que se aproximavam. Resistiu à tentação e voltou como fora. De volta à Bahia, caso de maravilhar, encontrou na voz do povo, e assoalhada por toda a cidade, a nova da descoberta. Disse-me Robério que atribuía esses boatos à muita cópia de prata em alfaias que vosso avô havia mercado, logo após sua chegada do sertão; e de feito, casa alguma rica da Bahia competia com a vossa, Estácio, em baixela e copa.

— Agora come-se nela em escudela de pau, e bebe-se em pichel de estanho!

— É a lei deste mundo, filho; devemos nos resignar. Vosso pai tivera o cuidado de substituir os primeiros sinais por outros de mais dura, bem como de escrever a rota da jornada de modo a poder em qualquer tempo ir com segurança e presteza às minas.

— Ah! é esse roteiro que D. Diogo de Mariz anuncia?... exclamou Estácio.

— Esperai! acudiu o licenciado interrompendo-o com brandura. Era o primeiro intento de Robério empreender por si mesmo a exploração das minas; mas os boatos que começaram de correr, como vos disse, o fizeram mudar de parecer.

— Foi então que passou às Espanhas?

— Sim; refletiu, e julgou que melhor era seguir rumo direito; embarcou-se para o reino; levava o roteiro dentro de uma bolsa de couro que nunca o deixava. Por infelicidade precedia-o a fama do que ia fazer; depois de oferecer o segredo das minas a Filipe II, que lhe prometeu de seu moto próprio o título de marquês, quando abriu a bolsa para entregar o manuscrito, não o achou; tinham-no roubado.

— Ah!... balbuciou Estácio cujos olhos brilharam de indignação.

— El-Rei, desconfiado como era, não conhecendo o caráter do homem que com ele tratava, suspeitou um embuste;

voltou atrás; e proveu D. Francisco de Sousa no governo para vir ao descobrimento das minas, nomeando vosso pai simples administrador.

— Apesar de perdido o roteiro?

— Robério afirmou ao rei, que sua memória supriria o papel; e Filipe II receando que outrem lograsse o tesouro, tomou aquela resolução. Robério veio então para esta cidade esperar o governador, e aqui durante dezoito meses de estada tive eu a dita de conhecê-lo; um ano depois partia para não tornar, deixando a meu cuidado vossa mãe que vos trazia ainda no ventre.

— Terminai!... exclamou o moço.

— O resto sabeis: são as desgraças que enlutaram vosso berço, filho. Robério confiou demais da sua memória, na qual cinco anos de cuidados e tributações tinham apagado a reminiscência da primeira jornada; por fim, depois de esforços baldados, tido como falso e embusteiro, ele, a honradez em pessoa, foi preso de uma febre maligna, e finou-se no delírio que lhe mostrava ainda uma vez a visão daquela tarde, em que entrara nas minas. O Governador D. Francisco de Sousa dera conta a El-Rei do que passara, e sobre as cinzas ainda quentes de vosso pai executava-se a sentença de confiscação que vos reduziu à extrema pobreza.

O moço enxugou a lágrima que tremulou em seus olhos límpidos; e beijou com ternura e respeito filial as mãos secas do velho.

— Depois vós me servistes de pai, e quando, vai para cinco anos, minha mãe deixou-me para ir-se aonde a chamava seu esposo, fostes vós ainda que tomastes o lugar que ela ocupava neste mundo.

— Não falemos disto, disse o licenciado passando a manga pelos olhos; o passado é dos velhos, pequeno; aos mancebos deu Deus o futuro. Ele vos pertence; podeis realizar a obra de vosso pai. O papel de que fala esta carta é o roteiro de Robério; não pode ser outro.

— Assim, eu sou rico! disse o moço como acordando de um sonho.

— Rico é o menos; tendes em vossas mãos um grande poder; o ponto é saberdes usá-lo.

— Me guiareis com a vossa experiência; ensinareis a gozar da riqueza àquele a quem ensinastes a suportar a pobreza.

— Em tempo praticaremos sobre isso; hoje tendes o espírito todo empregado em folguedos e festas.

— É verdade! respondeu Estácio lembrando-se de Inesita; agora mal vos escutaria.

— Ide, ide, pequeno, onde vai o vosso pensamento; não vos demoro. Somente lembrai-vos que esta carta é mais que a vossa felicidade, é a reabilitação da memória de vosso pai.

— Não o esquecerei nunca, mestre.

— Guardai-a, e o segredo que ela encerra, como um arcano; tirai exemplo da desgraça de Robério.

— Não pode estar melhor do que em vossas mãos, respondeu o moço entregando-lhe o papel.

— Não, filho, um velho fraco e inerme, é má guarda de tesouro tamanho, a alma é impenetrável, mas o corpo facilmente se quebra. Sois moço e valente cavalheiro; a riqueza mudou-vos de repente a carreira; habituai-vos desde já a trazer a vossa fortuna, como a vossa honra, na ponta de vossa espada.

— Então vossos projetos?...

— A Providência acaba de destruí-los.

Mais estabelecidos das comoções por que tinham passado, o velho voltou ao seu almoço, e Estácio escondendo no seio o papel, dispôs-se a partir.

— Uma coisa porém me parece obscura ainda.

— Apontai-a, filho, que vo-la explicarei podendo.

— Por que esta carta que continha tão importante revelação estava ainda fechada com o fio preto que a selava? Por que nunca minha mãe falou-me dela? Quem a entregou?

— O escrito traz a data de 28 de setembro de 1604; que no mesmo dia partisse de São Sebastião, devia chegar aqui meado de outubro; vossa mãe já estava sacramentada; uma semana depois rezávamos por sua alma; a carta que lhe trouxeram ficou pois na caixinha onde guardava suas alfaias, tal como a tinham entregado. Quanto ao mensageiro, decerto algum colono que passou ao reino ou a esta capitania.

— E esse homem não devassaria o segredo? disse Estácio tomado de súbita inquietação.

— É claro que não, respondeu o licenciado com o acento da convicção.

— Como o afirmais?

— Se ele soubesse o conteúdo da carta, não a entregaria, e por si, ou por terceiro, se apresentaria a D. Diogo de Mariz para receber o papel.

— Tendes razão. E estais informado da pessoa que é esse D. Diogo?

— É o provedor-mor da Fazenda de São Sebastião; bom português, fidalgo às direitas, descendente da casa dos

Marizes, uma das melhores do tempo do Senhor D. Afonso Henriques, que Deus tem. É filho de D. Antônio de Mariz, que prestou grandes serviços no governo do Sr. D. Antônio Salema, e há anos correu ter perecido às mãos do gentio aimoré.

— Julgais então que durante os quatro anos que passaram, ele tenha fielmente guardado o roteiro?

— Não conheceis um português, Estácio! Com esta sede de ouro que traz ao Brasil tantos aventureiros, os costumes dos nossos maiores se perderam; mas entre estes ainda há cavalheiros que sabem o que devem à sua honra e aos seus brios. D. Diogo de Mariz é um dos poucos dessa raça que lá se vai com o seu tempo; o roteiro, se o não roubaram, ainda está em seu poder e intato.

— Quando assentais que deva partir? perguntou o moço com certa vivacidade.

— Devagar, filho; depois trataremos disso. *Festina lente.*

A citação latina anunciou ao moço que Vaz Caminha ia apresentar-se sob um aspecto que já conhecemos.

Com efeito havia naquela exótica figura três homens diversos.

Um era o homem de sentimento e efusão, que só a Estácio se revelava nos momentos de intimidade: uma bela alma

fechada num corpo grotesco; uma pérola fina escondida em casca rude e grosseira.

O outro era o homem do foro, o advogado seco e dogmático, inflexível no raciocínio, recheado de textos romanos, armado com o *ergo* formidável que acentuava as conclusões de sua lógica de aço; a necessidade de ganhar os meios de subsistência tinha criado essa personalidade, que sendo a menos verdadeira, era a que a todos se manifestava.

O terceiro homem, que havia dentro daquela organização raquítica, era o homem de talento, o autor ainda desconhecido de uma obra concebida e realizada durante muitos anos de trabalho e longas noites de insônia. Espírito vivendo no futuro, alimentado pelo fogo íntimo que queima lentamente, absorvido na gestação de um pensamento grande, ninguém o compreendia; a ninguém se revelava nessa última fase de sua vida. Era um mistério entre ele, a candeia que o alumia e Deus que o encorajava.

Os três elementos dessa organização tinham constituído uma vida à parte; cada uma das fases da tríplice existência tinha seu órgão diverso e sua esfera distinta.

No primeiro homem funcionava o coração; no segundo a vontade; no terceiro a inteligência.

Pai espiritual e amigo pela necessidade de amar; advogado pela obrigação de se alimentar e socorrer sua irmã; autor

pela febre d'alma que excita o espírito a criar alguma coisa, e deixar durante a rápida passagem neste mundo seu nome impresso e seu pensamento materializado em algum objeto.

Ora, Estácio amava seu mestre; mas respeitando o advogado, sentia uma certa dissonância entre seu caráter leal e a lógica forense que arma-se muitas vezes do sofisma para escurecer a verdade; por isso apenas Vaz Caminha anunciou com o primeiro texto latino que o jurisconsulto ia aparecer, o mancebo apertando-lhe a mão, partiu.

Ia seu caminho bem preocupado com os pensamentos que lhe suscitara a revelação de seu padrinho, e por isso não ouvia que o chamavam.

— Psiu!... Psiu!... Senhor cavalheiro!

Brásia corria após ele e o alcançou.

— Fazei a mercê de esperar, meu rico senhor!

— Que desejais, mulher?

— Certa dama que vos viu na missa está tão rendida de vosso gentil parecer, que ansiosamente deseja falar-vos um instante que seja.

Estácio ficou surpreso e passado; não era mancebo de aventuras; nunca as tivera, nem mesmo as sonhara. Ficou

pois a olhar mui sério, para a aia, sem lhe ocorrer alguma resposta.

— Que lhe hei de eu levar à formosa dama, meu rico senhor?

— Dir-lhe-eis que este seu servo não merece seu agrado, e nem já se pertence, pois rendeu-se cativo de outros encantos, tornou Estácio gravemente.

A Brásia titubeou; mas logo espevitada acudiu:

— Mas, gentil namorado, não me entendestes ou eu não me expliquei assaz... Não sou correio de Cupido, que bem diversa é a incumbência que trago!... A dama, sabendo da vossa bizzarria, quer valer-se dela, para seu amparo!

— Ah! então carece ela de mim?

— Pois que tão apressada me mandou...

— Onde a posso eu encontrar?

— Esta mesma noite de hoje, ao escurecer. Ficai parado no adro de Santa Luzia, olhando fito para as bandas do mar.

— Esta noite não poderei, pois devo estar no torneio.

— É verdade, mas em acabando ele?

— Lá estarei, se for por instantes, pois devo voltar para o sarau.

— Pois sim, disse a Brásia esgueirando-se.

Entretanto o legista terminava tranquilamente seu almoço, e se dispunha a sair de novo, quando o vultozinho da tia Euquéria assomou à porta.

— O pequeno já se foi, senhor licenciado? perguntou ela.

— Agora mesmo saiu; ainda não dobrou o canto. Por quê?

— É pena que se fosse; podia dar-me uma demão para cortar lá no horto um cachinho de bananas que estão a cair de maduras! Faz gosto ver!

— Pois Euquéria, disse Vaz com ar severo, é essa incumbência que quereis dar a um moço cavalheiro?

— Ai!... tal não me lembrou, Senhor Vaz; mas não leveis a mal, que me arrependo, e dos arrependidos é o reino do céu. Como ele foi quase criado aqui...

— Contudo já é um homem...

— Um rapaz, resmungou a velha; para homem ainda lhe falta muito. Porém as frutinhas? Ficam perdidas? Mete dó! Já estão sorvando!

— Não vos amofineis, Euquéria, há de se arranjar.

— Como, é que eu não sei, porque o cacho não é lá muito baixo, e nem vós mesmo, senhor licenciado, com serdes de boa altura, podeis deitar-lhe a mão.

Com efeito Vaz Caminha tinha mais meia polegada que a sua caseira.

— Talvez por aí venha logo mestre Bartolomeu, disse Vaz Caminha.

— Esse sim! Era um achado! Mas virá ele?

— É natural.

— Pois vou preparar meu tabuleiro para pô-las à seca. Não gostastes dessas passas que vos servi na colação?

— Não desgostei, não; estavam tenras.

— Sabem, assim assim, com os nossos figos de Arraiolos, não é verdade, Senhor Vaz? Se nós os tivéssemos cá? Que de anos não lhes tomo o gosto! Fazem bem pela Páscoa...

E a velhinha começou de fazer a conta.

O licenciado deixou-a nessa profunda elucubração; tomando o barrete e sua cana de Bengala, ganhou a rua e seguiu para as bandas do Colégio dos Jesuítas.

A poucos passos de casa, o advogado encontrou o desembargador Baltazar Ferraz, seu antigo companheiro de viagem, que como ele, esperara debalde pela encantada Relação, e afinal se consolara de sua inércia forense nas lidas financeiras do cargo de provedor-mor da Fazenda.

O magistrado voltava de palácio, onde deixara o governador ocupado com a leitura dos despachos reservados que vinham do reino.

— Então, *doctor*, não foi ainda desta vez!... Nada de Relação.

— Virá quando Deus for servido, e El-Rei o ordenar, senhor desembargador. Quais novas do reino? Boas?

— Não sei, se boas, se más; sei que são importantes. El-Rei houve por bem dividir outra vez seu Estado do Brasil em dois governos, separando as capitanias do Sul.

— El-Rei terá razão de assim proceder, Senhor Baltazar Ferraz; mas não é menos certo que pouco avança, quem não segue rumo direito. Ainda em 1577 se uniam os dois governos, e já os dividem!

— Pensais com acerto, Doutor Vaz Caminha. Porém não pensam assim os vossos amigos, que tão certo como ser

hoje quinta-feira, foram os motores disso.

— Falais dos padres, senhor desembargador?

— Falo dos da Companhia de Jesus, que bem conheceis.

— *Ubi effectus, ibi causa*. Que interesse podem ter eles na divisão?

— O de vingar-se de D. Diogo de Menezes, pela audácia de lembrar-lhes o texto das Santas Escrituras. Os filhos de Jesus costumam esquecer que seu reino *non est de hoc mundo*.

— Estou que vos enganais, senhor provedor.

— O tempo vos abrirá os olhos, Senhor Vaz Caminha.

— Sabe-se já quem foi o provido no governo do Sul?

— D. Francisco de Sousa há muito o estava por carta régia de 2 de janeiro passado.

— D. Francisco de Sousa!... É o que veio há anos em cata das minas de prata de Robério Dias?

— O mesmo, e desta vez traz não só o provimento de governador, como a superintendência das minas, com regalia de conceder foro de fidalgo e hábitos nas três

ordens, passando por morte a sucessão a seu filho, independente da confirmação de El-Rei.

— Julgais então que os padres da Companhia para humilhar D. Diogo de Menezes obtiveram tudo isto?

— É fora de dúvida. Quem, se não eles, obteriam prerrogativas, como governador algum ainda as teve?

O licenciado abanou a cabeça.

— Afora estas, não há outras novas?

— Conta o sargento-mor que os desembargadores nomeados ficavam a partir para virem instalar nesta cidade a nova Relação; mas tantas vezes nos tem chegado a mesma notícia, que já não há crer nela.

— Chegarão quando menos os esperarem. E passageiros? Muitos?

— Algumas famílias de Ilhéus para a colonização das terras, e um padre da Companhia.

— Só um? perguntou Vaz Caminha.

— Achais que são poucos os que já existem em sua casa do Terreiro? Orçam por noventa e tantos!

— Não é isso que me causou estranheza, senhor desembargador; poucos ou muitos, nada tenho com o número; é natural que onde sobra o trabalho das reduções e apostolados, mais se empenhem as forças da Companhia. Por outro motivo pareceu-me singular a vinda do padre.

— Por que, doutor? Não andam eles sempre de arribação?

— Sim; mas não se manda um soldado para aumentar a guarnição de uma praça, senhor provedor.

— O que se manda então?

— Manda-se um bom cabo de guerra para defendê-la; ou um mensageiro para levar-lhe instruções superiores.

— É possível que assim aconteça. O que for soará, respondeu o provedor despedindo-se.

O licenciado continuou seu caminho refletindo sobre a conversa que tivera com o Desembargador Baltasar Ferraz.

Não era que o seu espírito andasse ocupado com as questões da governança da terra; em sua posição modesta e com seu gênio, nunca aspirara a fazer o papel de político; e até recusara em 1562 representar a vila de Arraiolos em Cortes, desviando de si os votos do Conselho, e fazendo nomear outro procurador.

Mas os homens de inteligência, habituados ao estudo e meditação, não se podem conservar indiferentes aos fatos de importância que passam sob seus olhos: embora não lhes interessem de perto, sentem eles a necessidade de os apreciar. A inteligência é ímã também; atrai o que entra em sua atmosfera.

Estranhava que o governo espanhol em vez de conservar a unidade da administração colonial, imagem da unidade da monarquia, voltasse ao antigo sistema da divisão que pouco havia fora condenado; não acreditava que uma simples vingança dos jesuítas desse causa àquela mudança repentina e impolítica.

No meio dessas reflexões uma ideia passou-lhe de relance pelo espírito.

A lembrança da cena que há pouco tivera lugar em sua casa entre ele e Estácio; a coincidência de ser o novo Governador D. Francisco de Sousa, o mesmo que em 1591 viera com Robério Dias ao descobrimento das minas de prata; o fato da existência do roteiro que se julgava perdido; todas essas circunstâncias, apresentando-se de repente e conjuntas a um espírito sagaz e profundo como o seu, deviam impressionar.

A ambição insaciável dos reis de Espanha, os quais desde a descoberta do Novo Mundo, sugavam o sangue da América para arrancar do seio dessa terra o ouro e as pedras

preciosas que a natureza aí depositara; o desejo de obter as famosas minas de prata, cuja abundância e riqueza a tradição popular havia engrandecido, explicariam perfeitamente a nova política e a nomeação de outro governador e superintendente.

Também não deixava de causar certo reparo ao nosso advogado a chegada do jesuíta, que naturalmente, como fizera sentir ao provedor, vinha incumbido de alguma missão importante; qual ela fosse, é o que ele não podia adivinhar. Isso o inquietava involuntariamente. Um quer que seja lhe fazia reear que o segredo de Estácio se achasse envolvido em todos esses acontecimentos.

— Cuidemos de sondar os ânimos! disse entre si.

Assim pensativo atravessava o doutor o Largo da Sé, quando lhe ocorreu a advertência da tia Euquéria, de que a sua provisão de vinho das Canárias já estava exausta, e pois carecia nova para o dia seguinte. Quebrou na primeira travessa em busca de uma taverna muito afreguesada, que havia ali perto, servida por um tal Brás Judengo.

A varanda da taverna ainda estava deserta e a porta cerrada; porém Vaz Caminha, como freguês antigo, penetrou no interior. Já ele vinha do fundo desenganado de encontrar viva alma com quem falasse, um murmúrio de vozes abafadas feriu-lhe o ouvido. O advogado sondou com o olhar os cantos escuros do aposento.

Viu no fundo uma fresta triangular interiormente esclarecida por uma candeia.

— Bom! pensou Vaz Caminha. Está justamente na adega.

De fato, a fresta dava para o vão subterrâneo de uma escada onde o bodegueiro havia construído a cava dos vinhos. Enfiando o olhar pela abertura, o advogado pôde ver e ouvir distintamente o que passava no interior.

Na estreita área ladrilhada, que formava o fundo da adega, estavam dois homens sentados em face de um e outro lado da quartola, cujo tampo lhes servia de mesa; outros barrilotes deitados faziam as vezes de tamboretas.

A candeia, colocada sobre um tijolo saliente da parede, projetava a luz de chapa sobre o meio perfil dos dois companheiros.

Um deles era um negro, moço e robusto, cuja tez escura refletia os raios da luz, como o lustro do jacarandá polido. Tinha a feição comprimida peculiar à sua raça: o olhar pesado e torvo; nos lábios grossos, o sorriso carnal da animalidade africana. Com os cotovelos apoiados sobre o arco da quartola acompanhava os movimentos do outro.

Era esse o taverneiro, o Brás Judengo, como o chamava o vulgo; homem de estatura meã, entre gordo e magro, de cabelo preto corrido e barba ruiva encarapinhada; espécie

de ecletismo vivo no moral como no físico; alma anfíbia, habitando no vício tão bem como na virtude.

Não professava religião alguma, porém usava de todas: era ao mesmo tempo pelos padres da Companhia e pelos senhores de engenho, a favor e contra a liberdade dos índios; vivia bem com o alcaide e com os ratoneiros; acoutava negros fugidos e também os entregava aos donos quando lhe davam pingue espórtula.

Seu verdadeiro nome era Joaquim Brás; pelo menos assim foi dado o rol na Câmara, quando se tratara do assentamento dos moradores e vizinhos do Conselho. Desse nome usava ele sempre que traficava com os mercadores judeus. Neste caso pronunciava *Baraz* e escrevia *Joakim* com *k* em vez de *q*; isso dava à assinatura certo cheiro de velho testamento, bastante para conciliar a benevolência dos vendedores, e não tanto que compromettesse.

Se vivera nos tempos modernos, o Sr. Brás (Joaquim) ou Joakim Baraz faria um importante papel na política; e primaria sem dúvida entre os mestres de certa escola, que aceita todos os princípios e apoia todos os governos.

O Brás naquele momento acabava de riscar a giz sobre o chantel do barrilote diversos traços que figuravam a tosca planta do interior de um edifício.

— Pronto! exclamou ele largando o giz e enchendo na mesma quartola, que lhe servia de mesa, uma caneca de vinho.

E continuou, depois de beber:

— O dinheiro está por baixo do oratório, não é?

O negro acenou com a cabeça:

— Aqui, respondeu assentando a ponta do dedo sobre um dos traços de giz.

— Então, replicou o Brás, bem vês, Lucas, que tenho razão: é melhor cavar dentro da casa. Anda mais lesto e vai-se pela certa!

— Não! disse o negro com a palavra breve e decidida. Dentro não se pode; há de ser por fora.

— Mas vem cá, filho! Devagar, que é o meio de apressar.

O bodegueiro designou a planta.

— Se o oratório está aqui, temos que para lá chegar, carece atravessar a recâmara da dona. Ora, cavar tudo isto por baixo da terra, não é cavar um queijo do Alentejo.

— Gimbo muito! Paga a pena, retorquiu o negro.

— E a dona não há de ouvir, quando estiverem a cavar por baixo da cama dela?

— É não fazer barulho.

— Custa pouco a dizer: Beba, mas não engula! O som do ferro no chão, por força que se há de ouvir, filho de São Benedito!

— Pois a querer, é assim! disse o negro, que se ergueu resolutamente e bateu com a palma da mão no barrilote. Dentro da casa ninguém entra, que não deixo eu!

— Está bem! acudiu o bodegueiro, não vai a zangar. Tudo se arranja.

O advogado apenas teve tempo de ganhar a varanda, antes que os dois interlocutores assomassem no topo da escada subterrânea.

— Ó de casa! disse Vaz Caminha batendo com a bengala no ladrilho. Não há quem acuda aos fregueses?

— Já se vai! Já se vai! gritou o Judengo, supondo que batiam à porta da rua.

— Ora sejais bem aparecido, sô taverneiro! Tarde madrugais, para que vos Deus ajude.

— O senhor licenciado!... Cá dentro?... Por onde entrou sua mercê? exclamou o taverneiro arregalando os olhos.

— Não está má! Pela porta! Queríeis que entrasse pela janela?

— Mas se a porta estava fechada!

— Tanto não estava, que por ela entrei eu!

E como o Brás embatucasse, continuou o advogado rindo maliciosamente:

— A isto chama-se no digesto, mestre Brás, provar *in continenti* pela vista dos olhos, *aspectu*.

O bodegueiro disparatou afinal:

— Já sei! Foi aquele maldito que se pôs ao fresco e deixou-me às escâncaras, em risco de me limparem a casa!... Martim! Martim! Diabrete, filhote do demo, com perdão de sua mercê, senhor licenciado! Anda por aí de bródio! Não tem que ver!... Deixa estar, cão, que eu te guardarei boa pitança.

Quando o bodegueiro acabou de vociferar e acalmou o furor que o tomara por ver a porta aberta, Vaz Caminha apreçou o vinho e continuou seu itinerário. Mal tinha ele dado uns trinta passos na rua, o negro, que o seguira de longe, entregou-lhe uma carta.

Vinha na capa o seguinte endereço:

*Para o Sr. Vaz Caminha, letrado da Bahia, que mora por detrás da Sé.*

— Quem te manda? perguntou o advogado reconhecendo no portador o companheiro de Brás na adega.

— O papel diz, respondeu Lucas.

O advogado rompeu o selo, augurando mal daquela estranha missiva; a carta continha estas palavras:

*Pessoa que tem razão de segredo, muito deseja aconselhar-se com o senhor licenciado. Não permitindo seu sexo e posição que o procure ela, pede para vir à sua casa esta mesma noite de hoje, depois do sino de recolher. Um escravo fiel acompanhará sua mercê.*

— Senhor vai? perguntou Lucas, vendo o advogado dobrar lentamente o papel.

Vaz Caminha fitou os olhos vivos na face do negro; sentiu um ligeiro estremecimento, recordando a cena misteriosa da adega; não obstante respondeu com a voz clara, ainda que um tanto baixa:

— Irei, filho, irei!

— Depois do sino?

— Onde te encontrarei?

— Na bodega, respondeu Lucas.

— Aqui serei a ponto.

Não foi sem inquietação, sem medo, digamos francamente, que Vaz Caminha se meteu naquela arriscada aventura; porém o advogado tinha, em falta da coragem física, a coragem moral dos homens de vontade firme. De mais, que interesse havia em atentar contra sua vida, que a ninguém prejudicava?

Tomando pela Rua dos Mercadores, o licenciado foi sair no Terreiro, junto ao Colégio dos Jesuítas, vasto e belo edifício que ocupava uma das faces do largo, com a frente voltada para o nascente.

No meio do Terreiro via-se armada em vasto círculo uma paliçada, que abria para o lado do convento e rematava nos cantos com palanques alcatifados de rases e lambéis de cores vivas. Nas ruas próximas e no largo havia profusão de folhas aromáticas que serviam de tapete; as escadas e os estrados porém estavam cobertos de lindos panos de Flandres com vistosas ramagens.

Muitos oficiais mecânicos, carpinteiros e capelistas, trabalhavam ainda nos preparativos dos festejos da tarde; os primeiros erguiam as colunas e arcos que tinham de servir aos diversos jogos; os segundos pregavam as telas, e

armavam sobre os assentos preparados para as damas os ligeiros toldos de tafetá, que deviam resguardar os formosos rostos dos raios do sol.

O licenciado deu uma vista indiferente àqueles trabalhos, e atravessando o Terreiro, entrou a larga portaria do convento, aberta pelo Irmão Bernardo, que se desfez em mesuras ao visitante.

— *Servus servorum!*

— De Deus, de quem todos o somos, Irmão Bernardo. Como vai o vosso achaque?

— Sempre na mesma, senhor licenciado! Um cansaço... Ah!... que nem posso com este corpo.

O achaque do irmão porteiro era a preguiça, que ele diagnosticara — afrontação.

No rés do chão do edifício ficavam, de um lado as vastas salas do refeitório e a rouparia, do outro o pátio, nome que davam os jesuítas às aulas de latim e mais estudos menores; no fundo viam-se por entre as grades das janelas o horto e a grande cerca do convento, a qual ia ter ao mar.

Enquanto Vaz Caminha subia os primeiros degraus da escada de pedra, que conduzia aos aposentos superiores, assomou no topo a figura de um frade já quebrado pelos

anos, o qual tendo visto pela janela entrar o advogado, fora cortesmente ao seu encontro.

— *Ave, doctor, semper amabilis!* disse o jesuíta com a expressão da mais viva cordialidade.

— *Gratia vobis, pater provincialis,* respondeu o legista com igual expressão.

E acabando de subir, apertou a mão que lhe estendia o Provincial Fernão Cardim.

— É de mister que Deus mande um dia de ano-bom, para que os seus servos possam ter-vos nesta sua casa.

— Tão poucas não são as festas do ano, padre provincial; e elas não passam sem me ver sentado à mesa deste convento, onde a vossa amizade me acolhe com verdadeiras mostras de bondade.

— Não é razão, *carissime doctor,* para nos privar de vossa companhia nos dias não santificados; se eu fora vosso confessor, vos daria essa penitência por algum peccadinho que deveis ter cometido na mocidade.

— Não era preciso ir tão longe; hoje mesmo, padre provincial. Sou homem, e o salmista o disse: *Homo, natus de muliere, repletur multis miseriis...*

— Livre-nos Deus de ofender vossa modéstia. Mas passando a assunto profano, vindes disposto a jogar nossa partida do costume?

— Decerto, e por sinal que me deveis uma desforra da última vez. Preparastes um lance que me desorientou bastante.

— É verdade! respondeu o provincial, esfregando as mãos com visível satisfação. Avancei um peão defendido por um castelo; xaqueei o rei, e antes que pudésseis defender-vos, dei-vos o mate com o delfim!... Belo lance!... Tinha-o estudado.

— Também eu havia preparado um, mas tínheis o jogo tão cerrado, que me desfizestes todas as combinações.

— Deveras!... Não me havíeis dito tal.

— Pensais que fica-se de ânimo sereno, quando se perde uma partida de honra? Porque, se vos lembrais, era um desafio!...

— Lembro-me! Lembro-me!... exclamou o frade não cabendo em si de contente; fazei por tomar hoje a desforra.

— Neste propósito venho eu; e já vos advirto que custareis a levá-la!

— Melhor! Gosto da vitória disputada.

— A propósito, sabeis novas do reino? A Relação virá? perguntou o licenciado com um ar de perfeita ingenuidade.

— Breve deve estar por aí; já El-Rei tinha provido os desembargadores, respondeu o provincial não podendo esconder um sorriso. Quanto às novas, de grande monta são para este estado.

O jesuíta repetiu então o que Baltasar Ferraz já havia contado ao licenciado, sem contudo fazer nenhuma observação sobre as causas que tinham motivado a resolução de Filipe III.

— Quem não há de receber isso de rosto alegre sei eu, disse Vaz Caminha.

— O Senhor D. Diogo de Menezes!... Não se pode queixar senão de si!

— Ele mesmo o procurou com suas mãos!... E o novo governador veio na fragata? perguntou o advogado.

— Não; mas já deve estar em Pernambuco, de onde seguirá direito para o Rio de Janeiro.

— Então ninguém de vulto chegou?

— De vulto, não; chegou-nos um irmão que vem fazer residência nesta casa por ordem do Geral.

— Bem-vindo seja, que nesta terra de gentio nunca serão demais os missionários de Cristo. Pena é que fosse um somente, acrescentou o licenciado.

— Com o tempo virão outros, doutor, respondeu o provincial risonho. Mas entrai, entrai!...

Esta conversa tivera lugar no topo da escada, onde os dois velhos amigos se haviam encontrado.

Ao convite do jesuíta, Vaz Caminha o seguiu pelo corredor que dividia os dormitórios, e entraram ambos na biblioteca.

Esta parte do convento, uma das mais importantes depois da secretaria, estava colocada ao lado do sul; era uma vasta sala, com janelas rasgadas, das quais se gozava de uma vista admirável sobre o mar. Grandes estantes de livros cobriam as paredes de alto a baixo; no fundo pendia um grande retrato a óleo de Santo Inácio de Loiola, o fundador da Companhia; o artista espanhol que desenhara esse quadro tinha reproduzido com fino colorido a expressão sublime do soldado de Navarra, coberto com a roupeta do monge.

Ao longo da sala estava uma mesa comprida, carregada de instrumentos astronômicos e matemáticos, de tinteiros, livros e papéis; aí, sentados, diversos religiosos aproveitavam a manhã para realizarem os trabalhos de

paciência e estudo, que são o mais precioso legado deixado por essa Ordem à civilização moderna.

Muitos copiavam manuscritos de história; outros traduziam em guarani as orações cristãs para uso dos indígenas; estes se entregavam a estudos de botânica e classificavam uma planta brasileira ainda desconhecida; aqueles tiravam a limpo suas observações astronômicas; alguns escreviam crônicas das religiões, ou cartas sobre o estado das reduções.

Quem visse esses homens, assim ocupados em marcarem com o selo de sua inteligência todos os conhecimentos, em ligar seu nome, não já à religião, mas à história, à geografia, à política, à filosofia e até às artes, não se admiraria que, unidos pelo mesmo pensamento e dirigidos por uma só vontade, houvessem criado a Ordem poderosa que, espalhando-se pelo mundo, dominou os tronos, curvou os reis, e lutou com os governos das nações mais fortes.

Um frade, que nesse momento entrou na sala, avistando o advogado, encaminhou-se logo a ele para o saudar. Vaz Caminha respondeu à cortesia com sinais de respeito e acatamento que não tivera, mesmo falando ao provincial.

Quem era pois esse jesuíta, e que elevado grau ocupava na Companhia?

Era o P. Inácio de Louriçal, um simples professo, de todo alheio aos negócios secretos, a que nenhuma importância ligava; e por isso o menos qualificado do grau. Mas bastava olhar aquele meigo semblante de velho, coroadado de nívea auréola de cãs, para ver ali estampado o evangelho da bondade.

Quando passavam os outros professos, cujo voto pesava nos negócios da Companhia, a gente melhor desbarretava-se; para o P. Inácio ninguém se arredava, pois quase o não percebiam; mas o povo, que via esgueirar-se furtivamente o modesto frade encolhido na roupeta, murmurava baixinho: Santo homem!...

Vaz Caminha respeitava-o como a um príncipe da Igreja; e sempre que o via, beijava-lhe mau grado a manga do hábito, que o frade esforçava por esquivar.

— Então, doutor, o nosso estudante trocou hoje os estudos pelas gritas e torneios?...

— Bom é, P. Inácio, que conheça o mundo para saber o que abandona... Bem entendido... Se tal for seu gosto e vontade!

— Sem dúvida!... Pois o contrário seria fazer de um bom mancebo um mau padre. Não lhe parece, padre provincial?

Um sorriso fugiu pelos lábios finos de Fernão Cardim:

— Demos hoje sueto aos negócios em atenção ao dia que é.

A sineta tocou chamando a comunidade à refeição.

Era a ponto de meio-dia.

Quando Fernão Cardim e o licenciado iam descer a escada, o irmão despenseiro chegou-se a eles e dirigiu-se ao superior com o costumado respeito.

— O P. Gusmão de Molina pede a Vossa Reverendíssima, que o dispense por hoje de comparecer ao refeitório.

— O dia da chegada é sempre concedido ao repouso; digei ao nosso irmão que se restabeleça das fadigas da travessia; melhor cumprirá depois os deveres do nosso Instituto.

Com pouco, a comunidade, rodeando a longa mesa de jantar, murmurava a prece do ritual.

Deu uma hora da tarde.

Na vasta sala da biblioteca, pouco antes deserta, andava um frade, que percorria o aposento a passos vagarosos, com o movimento automático e maquinal do homem absorvido em funda meditação.

Às vezes parava em face do quadro de Santo Inácio de Loiola; erigia então a alta estatura, fitava no retrato o olhar ardente, e rastreando na tela as linhas das feições nobres e expressivas, trocava com a imagem inanimada um sorriso de orgulho.

Quem o observasse nesse momento, compreenderia o que passava em sua alma.

Aquela fronte larga e proeminente, cobrindo como uma abóbada de mármore os olhos fundos, onde a pupila negra brilhava na sombra com reflexos de um fogo vulcânico nas trevas da noite; o oval do rosto que terminava na ponta de uma barba saliente, o nariz aquilino, as faces longas, a boca fina e cerrada; todos esses traços enérgicos pareciam cinzelados pelo molde do busto, que o artista havia desenhado no quadro suspenso em um dos panos da biblioteca.

Era tal a semelhança, que à primeira vista se julgaria que o vulto do fundador da Ordem de Jesus destacara da moldura, e encarnando-se, passeava pela sala deserta, a revolver na mente os destinos futuros da poderosa criação de seu espírito, esse apostolado que devia conduzir a humanidade dos umbrais da Idade Média ao pórtico da civilização moderna.

Mas passada essa primeira ilusão, conhecia-se que entre aqueles dois homens, o que revivia no quadro e o que contemplava, havia mais de um século: separava-os o túmulo de duas gerações; um nascera com a descoberta do Novo Mundo, em 1491; o outro apenas contava trinta anos de idade.

Não era portanto um retrato em face do original, como a princípio parecia; era sim uma recordação, um tipo conservado pelo artista, que a natureza por uma misteriosa coincidência caprichara em reproduzir, e que talvez o artifício inspirado por oculto pensamento tratara de aperfeiçoar.

Depois de rever-se um momento naquela imagem, como em um espelho moral, onde se reproduziam as suas ideias, o frade continuava seu passeio, perlongando o aposento.

Então já não era o mesmo homem; o talhe acurvava-se; a cabeça inclinando obscurecia os traços da fisionomia; os olhos afundavam quase ocultos pelo cenho carregado; as

faces se contraíam, e a boca ainda mais cerrada, repuxando os músculos faciais, abria rugas precoces naquele rosto que antes parecia expandir-se em toda a robustez da idade.

Nessa ocasião representava mais dez anos; era quase um velho, gasto pelas vigílias e macerações de uma prática ascética, arrastando com o passo já meio trêmulo uma existência atribulada, expiando talvez no jejum e penitência os erros da mocidade desregrada.

Qual dos dois homens era o verdadeiro? Qual das duas fisionomias era a máscara que disfarçava a outra?

A mocidade não se finge; o fogo do sangue, que borbulha nas veias e ferve no coração, depois que os anos o gelam, não há mais aquecê-lo; essa expansão da vida no momento de sua florescência, uma vez passada, nada a faz voltar.

Se pois havia máscara na fisionomia desse homem, era a velhice prematura, que desaparecia quando o espírito distraído por algum pensamento grave esquecia a matéria que ele escravizava, deixando o corpo, livre da pressão, reivindicar sua atividade e desenvolver-se de repente com o impulso da vigorosa constituição.

Havia apenas três horas que o P. Gusmão de Molina desembarcara e achava-se no convento; ninguém sabia ao certo o que o trazia ao Brasil e quem o enviava; mas era natural que tocado do mesmo fervor de Nóbrega e

Anchieta, viesse apostolar entre os selvagens e plantar a cruz nos desertos, cingindo-a com as palmas do martírio.

Assim pensavam todos e o mesmo provincial, a quem o recém-chegado nada comunicara a respeito de sua viagem: apenas no momento de beijar-lhe a mão, dera-lhe o toque simbólico do grau de *professo*, e tanto bastou para que o superior não lhe dirigisse uma só pergunta e o acolhesse como filho da casa.

Rodeado pela comunidade que estava ansiosa por saber notícias da Europa, Molina satisfez a todos e ao mesmo tempo informou-se do estado das coisas no Brasil; daí a uma hora ficou ao corrente das questões importantes da Ordem, na Bahia; não porque lhe houvessem os padres revelado segredos que ignoravam, mas porque a sua perspicácia lera a verdade nas notícias vagas que lhe ministravam.

Quando a sineta do refeitório tocou, o recém-chegado, que desejava estar só, mandara pedir dispensa ao provincial; e depois de tomar na cela uma açorda confortante e um cálice de vinho de relego, dirigiu-se à biblioteca então completamente deserta.

Aí, seu primeiro cuidado foi passar um exame minucioso nos papéis que os padres haviam deixado sobre a mesa na ocasião de irem à refeição; leu um trecho ou uma página de cada um destes trabalhos, e fez o seu juízo a respeito da

capacidade de seus autores; pela escolha das matérias deduziu observações que deviam servir-lhe para conhecer o caráter daqueles homens.

Depois de ter assim interrogado esses objetos e lido em seu aspecto tudo que eles exprimiam, como pouco antes havia lido no espírito dos frades, Molina deixou-se levar pelos pensamentos que de tropel lhe assaltavam o espírito e o transportavam a outras regiões.

É nessa ocasião que o encontramos medindo a passos lentos a sala da livraria, até que a comunidade voltando da refeição o veio interromper em suas elucubrações.

Fernão Cardim e Vaz Caminha entraram em último lugar. O provincial tinha o rosto ainda mais prazenteiro e o gesto ainda mais vivo e animado. O licenciado conservava o sério imperturbável que nunca o abandonou; a ventura lhe negara uma das expressões características da fisionomia humana; seu lábio não sabia sorrir.

Atravessando a sala os dois encontraram-se com o P. Gusmão de Molina, que continuava seu passeio:

— V. Paternidade já repousou dos incômodos da travessia? perguntou Fernão Cardim.

— Quanto basta para cumprir as ordens de V. Reverência, disse Molina com humildade.

— As ordens do nosso Instituto, P. Molina, replicou Fernão Cardim. Mas para isso ainda é cedo; mal chegastes, e ninguém conheceis na cidade do Salvador.

— É verdade; ninguém que eu saiba.

— Pois quero que vosso primeiro conhecimento seja o melhor. Aqui está o Doutor Vaz Caminha, principal advogado da terra, homem de boas letras e melhores virtudes, com quem gostareis de praticar.

O frade e o licenciado cortejaram-se cerimoniosamente.

— Agradeço a V. Reverência o favor que me depara; porém receio que pessoa de tanto saber não se desagrade da companhia de um pobre servo de Deus, ignorante nas coisas que deleitam o espírito.

— V. Paternidade bem sabe, respondeu mansamente o doutor, que as aves de altanaria antes de erguer o voo rastejam com o chão para desentorpecerem as asas; aos homens de grande engenho sucede o mesmo, descem muito para subirem mais.

O frade lançou um olhar rápido sobre o velhinho. Adivinhou ele que essa crosta rude e grosseira cobria delicada polpa e um espírito elevado?

O provincial tinha-se afastado alguns passos para inspecionar o serviço de um donato que preparava o jogo de

xadrez, colocado junto à janela sobre um bufete; vendo todas as peças enfileiradas em seu lugar, voltara-se para o licenciado.

— Não façamos esperar aos *reis*, doutor! disse Fernão Cardim apontando para as figurinhas chinesas e sorrindo de seu trocadilho.

— Não sou capaz de tal descortesia; aqui me tendes.

Fazendo uma reverência ao P. Gusmão, o licenciado foi tomar o seu lugar à direita do bufete e defronte do provincial; este esquecendo o mundo concentrava sua atenção no tabuleiro, cujas casas pretas e brancas se lhe afiguravam posições estratégicas de dois exércitos inimigos no começo de uma grande batalha.

— Toca-vos a mão, Vaz Caminha, disse o provincial depois de tirar a sorte.

— É justo, replicou o letrado; aqui são os peões que primeiro saem.

E dizendo isto empurrou um trebelho, que fez o jesuíta erguer a cabeça e olhá-lo espantado.

— Que é isto, doutor! Jogais o peão do roque?

— *Omnis variatio delectat*, padre provincial. Quero experimentar jogo novo.

— Não creio que vos deis bem com a lembrança.

— A experiência mostrará.

Fernão Cardim desconcertado em seus planos com a saída do parceiro, levou o anelar à testa e refletiu profundamente no lance, até que ao cabo de cinco minutos resolveu-se a fazer a primeira jogada.

A biblioteca a pouco e pouco ficara deserta; os padres acabando o trabalho, desciam à cerca do convento, e aí à sombra das árvores prosseguiam na leitura de alguma obra; outros saíam ao cumprimento de seus deveres religiosos e apesar de ser o dia de festa iam, como confessores que eram de diversas casas, à cura das almas.

Entretanto a partida de xadrez se travara; o provincial completamente absorvido não dava fé de coisa alguma; porém Vaz Caminha dividia a atenção entre o jogo e os importantes acontecimentos daquela manhã, que vieram perturbar a calma e doce monotonia de sua existência.

Não lhe saía da memória a carta que Estácio lhe mostrara; quanto mais refletia, maior vulto tomava a suspeita de que as últimas novidades políticas do reino tivessem alguma conexão com o destino de seu pupilo. A estas preocupações vinha ligar-se a lembrança do misterioso empraçamento daquela dama desconhecida que dizia precisar do seu conselho.

Também não deixava de impressioná-lo a presença do jesuíta recém-chegado, que continuava a passear de um canto a outro da sala.

O ar de excessiva humildade do P. Molina não o tinha iludido; adivinhara que sob aquela aparência enganadora se escondia o superior, o qual não tardaria a revelar-se.

Nisto o jesuíta aproximou-se do bufete e esteve alguns instantes a contemplar o jogo, que se complicara em suas variadas evoluções. Segurava então o provincial uma das peças, e assentando-a de chapa na próxima casa exclamou com ar de triunfo:

— Xaque ao rei!

O licenciado era um hábil jogador; com um volver d'olhos apreciava a posição do parceiro, e opunha uma defesa invencível, ou preparava um ataque decisivo; descobria todas as manhas do adversário e previa os mais bem combinados lances.

Ele tinha porém estudado o parceiro e conhecido seu fraco; por isso como homem que sabia viver, perdia sempre, e sacrificava a gloriola de jogador de xadrez à vantagem real e positiva de conservar um amigo, que lhe podia servir de muito em caso de necessidade.

Assim quando o provincial, pensando que ia ganhar a partida, soltou o primeiro grito de triunfo, já o seu parceiro,

que desejava ainda por algum tempo disputar a vitória, tinha prevenido o ataque e inutilizado todo o plano, cobrindo o rei com um cavalo.

— Ah! tínheis esse cavaleiro à mão! disse Fernão Cardim desconcertado.

— Se V. Reverendíssima em vez de xaquear de longe aproximasse sua dama do rei, não sucederia isso, disse o P. Molina, em tom condoído; e na segunda jogada daria mate.

O provincial mordeu os beiços de despeito:

— Não sabia que V. Paternidade era forte no xadrez.

— Pouco entendo deste, como de outros jogos.

— Entretanto tem avisos prudentes que não são de principiante, mas de mestre.

P. Gusmão sorriu:

— Tais avisos não os aprendi nesse tabuleiro de sessenta e quatro casas, porém em outro maior a que chamam o mundo, padre provincial. Se eu quisesse atacar um governador, digo, um rei, não o ameaçaria de longe para que ele se prevenisse; aproximar-me-ia ao contrário para conhecer-lhe o fraco, e dar mais certo o golpe.

O licenciado volveu a furto os olhinhos para o frade e admirou a expressão de energia que realçava a inteligente fisionomia; o provincial embebido em novos cálculos não deu atenção ao incidente.

Ouviu-se no Terreiro a música das charamelas, adufes e pífaros em concerto com o vozear alegre da multidão.

O P. Molina dirigiu-se a uma das janelas que abria sobre a praça; por entre as rótulas pretas enfiou o olhar rápido e incisivo do homem observador.

Entretanto os dois enxadristas continuavam impassíveis. O convento poderia tombar sobre suas cabeças, que o estrondo da queda não perturbaria o provincial na elucubração profunda do xaque-mate, e o paciente doutor no quilo do jantar e das ideias que ruminava desde a sua chegada.

*Si fractus illabatur orbis,  
Impavidum ferient ruinae.*

Os prelúdios da música anunciavam que a festa ia começar. Esplêndido e magnífico era o espetáculo que apresentava o Terreiro do Colégio. A multidão, que enchia a praça, ondulava marchetando-se das cores vivas e brilhantes dos trajes e atavios.

Pelas janelas das casas pendiam vistosas colchas da Índia com franjas e lavores de preço; uma infinidade de bandeirolas, flâmulas e galhardetes esvoaçava ao sopro da brisa do mar, formando um íris móbil e volante.

A claridade do sol, batendo de chapa sobre a imensa alcatifa de sedas e veludos, fazia cintilar as facetas das pedrarias, o polimento das armas e o lustro dos arneses, cujos reflexos brilhantes esguichavam como espadanas de uma cascata de ouro.

Na sombra que projetavam os toldos de seda, outro quadro se desenhava menos vivo, porém mais delicado. Em volta das arquibancadas do circo, como colar de pérolas, ou festão de rosas, estavam as mais formosas damas da Bahia, desfolhando o sorriso na ponta do lábio travesso, vertendo cores e feitiços das faces rosadas.

Ao primeiro lanço d'olhos, o painel se mostrava confuso e enredado, como os mosaicos chineses e os arabescos mouros.

Logo após a multidão que se agitava na praça figurava um dragão de mil cores, a enroscar em anéis o dorso de escamas prateadas. Afinal quando a vista se fitava, os objetos tornavam-se distintos, as formas várias destacavam; podia-se então apreciar a disposição da cena.

O circo ainda completamente deserto abria-se no centro mesmo da praça. Corriam em volta duas teias: a primeira que servia de estacada era de gradil verde; a segunda que separava a multidão estava coberta de raso vermelho; entre ambas havia um passeio estreito, no qual já apareciam alguns cavalheiros.

Pela cinta exterior se elevavam de espaço a espaço compridas lanças com suas divisas listradas; ao longo delas estavam postados os soldados do terço da Fortaleza de Santo Antônio da Barra, com as couras amarelas e as alabardas afiadas, prontos a manter a multidão em respeito e sossego.

A meio do círculo, em face uma da outra, tinham armado duas tendas verdes, a primeira destinada para os aventureiros; assim chamavam naquele tempo os cavalheiros que tomavam parte nos vários jogos e sortes. A segunda era reservada para os mantenedores.

Fronteiro à entrada da liça e mais elevado, erguia-se um gracioso pavilhão de damasco branco dividido em três arcos: o do centro mais largo fora adereçado com finas

alcatifas e lindos coxins de veludo para o governador e as famílias por ele convidadas; os das extremidades para os oficiais da Câmara e ministros de Justiça, Fazenda e Guerra.

Uma escadaria tapetada descia para um largo estrado, que ficava sobranceiro à liça; aí viam-se as três cadeiras dos juízes em torno de uma mesa coberta de veludo com a salva de prata, onde se guardavam as joias e objetos de primor, que deviam ser dados em preço de valor e galhardia aos cavalheiros que se avantajassem nos jogos.

Pela beira do estrado passeava com um ar de importância a fazer inveja ao mais pedante desembargador da casa da suplicação, nosso conhecido mestre Bartolomeu, que pelo seu porte atlético e pela entonação majestosa de sua voz, fora escolhido para desempenhar as funções de arauto. O cantor da capela tinha um aspecto soberbo sob suas vestes de cerimônia; mirava-se com ufania na cota d'armas que lhe cobria o peito, no jubão roxo com morenilhos de retrós, e no brasão que trazia do lado esquerdo.

Sobre o arco central que sustentava a cúpula do pavilhão tinham pintado as armas que Tomé de Sousa dera à cidade do Salvador quando a fundara; eram essas uma rola branca sobre campo verde, tendo no bico um ramo de oliveira com o seguinte dístico em letras de ouro: *Sic illa ad arcam reversa est.*

Esse emblema recordava a tradição bíblica. A rola simbolizava a mensageira de Deus que viera anunciar ao Brasil a aurora da civilização, como no começo do mundo anunciara ao gênero humano a bonança depois do dilúvio; a arca era a cidade onde num futuro bem próximo se devia salvar a colônia da invasão estrangeira.

Sob o dossel do pavilhão já se achava D. Diogo de Menezes, o qual nesse momento esquecia seu elevado cargo, para lembrar-se como cavalheiro do que devia às damas das mais nobres e ricas famílias, que por convite especial ocupavam os lugares distintos, e formavam por assim dizer a pequena corte do governador.

Entre todas, uma linda menina atraía os olhares dos cavalheiros, que em sua ardente admiração a proclamavam rainha da beleza.

Era Inesita.

O longo véu, que de manhã na missa lhe ocultava o rosto e disfarçava o talhe, desaparecera; agora o traje de gala deixava contemplar em seu brilho as graças da encantadora criação, que a natureza concebera em algum momento de enlevo e cristalizara com um beijo de mãe.

Tudo era mimoso e delicado no corpo gentil que palpitava de esperança e amor, ondulando no requebro suave, desatando nos movimentos faceiros como se a alma lhe

vertesse dos lábios, para embebê-la de luz e envolvê-la toda em um só e único sorriso.

A coifa de fios de ouro, colhendo as tranças negras em volta da cabeça, ia terminar em coração na fronte pura, onde os cabelos riçados anelavam-se como espiras de um diadema, lembrando o gracioso penteado, a que uma rainha infeliz dera seu nome.

As sobrancelhas arqueavam como traços fugitivos de um pincel embebido em nanquim; e as pálpebras ligeiras, ou cerravam-se beijando as faces com os longos cílios e azulando a tez com as tênues sombras, ou deslaçavam como folhas de rosa nadando em gotas de leite.

Nesses rápidos instantes via-se a limpidez e a perfeição de seus grandes olhos; a pupila negra, engolfada no cristalino úmido e transparente, coalhava em glóbulos de luz branda e serena; o olhar não era visão, sim reflexo da irradiação íntima, doce fulgor de inocência e candidez.

Aljôfar diáfano enrubescendo aos raios do sol; alva lançaria corando ao reflexo de fitas escarlates; fino esmalte onde o branco e o carmim se cambiam; nem uma dessas imagens pode dar uma ideia da cútis mimosa, que aveludava-se aos toques da luz.

Brincava-lhe o coração nos lábios rosados, que enflorava o meigo sorriso, abrindo nas faces duas covinhas graciosas,

ninhos feiticeiros, onde se incubavam desejos de amor estreme; porém às vezes uma expressão séria colhia esse deslace das feições gentis, e traçava em toda a pureza as linhas harmoniosas, que, desenhando o colo flexível, torneavam as espáduas e iam fugindo perder-se na volta de um colarinho de renda.

O corpilho de lhama de ouro, atufando-se para debuxar o relevo de dois seios de virgem, depois estreitando para moldar o talhe esbelto e senhoril, cerrava a cintura de menina, e abria as asas sobre as amplas dobras da saia de raso branco, que arfava com o influxo das formas sedutoras.

Das largas mangas de volante, apanhadas por um broche, escapavam os lindos braços cujos contornos divinos pareciam talhados no mais cândido alabastro; as mãos pequenas e melindrosas, uma machucava a cambraia rendada de um lenço de Valência, a outra brincava no regaço, alisando distraidamente os rofos do cetim.

Trazia gargantilha e pulseira de rubis; o cinto de veludo azul era broslado de ouro e cravejado de gemas preciosas; dois lindos diamantes engastados nos pingentes das arrecadas tremulavam suspensos à pontinha da orelha, como gotas de orvalho pendurando-se das pétalas de uma flor ou borbulhando nos lábios de uma concha nacarada.

Tinha a cabeça recostada no espaldo do coxim de veludo, e deixava os olhos vagarem incertos pela cena que se

desdobrava em face, acompanhando o fluxo e refluxo da multidão alegre e pressurosa.

Eis que súbito rubor acende-lhe a cor mimosa das faces; e ligeiro estremecimento, de sensitiva que se arrufa, corre-lhe pelos ombros delicados.

As pálpebras cerraram; o sorriso que ia desabrochar fugiu dos lábios; a mãozinha buliçosa descaiu-lhe imóvel; a fronte inclinou timidamente; o seio ofegou, comprimido por uma sensação estranha.

Vira dois cavaleiros que atravessavam pelo fundo da praça; um deles fazendo estacar o feroso ginete, procurava de longe com os olhos algum objeto querido; a donzela reconheceu Estácio, e foi presa do sentimento vago que se apodera da virgem na presença do homem amado.

Que sentimento é esse? Misto indefinível de pudor e vaidade, de inefáveis alegrias e misteriosos pressentimentos; vaga alternativa de receio e confiança, de inquietação e serenidade.

Estácio vestia saio e calças de cetim azul guarnecido de alvo torçal; as armas eram pretas com labores dourados; o talabarte e cinto, de couro negro pespontado de branco com espiguiha de prata. Do capacete rematando em longo velinho flutuante sobre as ancas do animal, escapava-se a alva pluma que enroscando em volta do pescoço, ia beijar a

face afogueada pelo sol; montava com elegância um soberbo cavalo negro, que estremecia de ardor e impaciência sob o freio coberto de espuma; na mão direita trazia a lança com manga de seda azul; na esquerda tinha passado o escudo sobre o qual via-se a letra: *Amor vincit omnia*.

O outro cavaleiro era Cristóvão; trajava, como seu amigo, roupas do mesmo molde e das mesmas cores. Cavalgava um ginete tordilho arreado com primor; sela coberta com teliz de veludo, e jaezes de aço tauxiado com frisos de ouro; na tarja via-se por timbre uma estrela brilhando entre nuvens em campo azul com a legenda latina: *Me videt, ducit me*.

Um instante Inesita, pálida e trêmula, esteve sob a influência magnética do olhar de Estácio, como sentindo aquele raio luminoso deslizar-lhe pelo rosto e abrasar-lhe as faces: até que as pálpebras ergueram-se a medo. De um volver ela viu o gesto de admiração ardente que se pintava no semblante do moço.

Ergueu a cabeça desvanecida: o sorriso de adoração, que adejava nos lábios de Estácio, acabava de refletir como um espelho sua beleza deslumbrante.

Seu olhar envolveu amorosamente as feições do moço em ondas de luz; depois fitou-se no escudo, e procurou decifrar com o coração, mais do que com o espírito, o enigma da

divisa. Um quer que seja lhe dizia que ali havia uma palavra para ela; na impossibilidade de traduzir, soletrava decorando uma a uma as letras.

Nisto D. Diogo de Menezes, aproximando-se pela frente do pavilhão, tomou-lhe a vista. A menina, mau grado seu, não se pôde conter; deixou escapar um movimento de contrariedade tão vivo que fez o governador sorrir.

— Bem vejo que o sol queima a quem lhe faz sombra! disse D. Diogo motejando.

Inesita arrependeu-se da sua imprudência.

— Não é assim?

— Que sei eu! balbuciou ela confusa.

— Sabem esses lindos olhos, que me estão deitando quebranto, porque...

— Por quê?...

— Porque lhes roubei um olhar que andava enleado, Deus sabe onde.

— Oh! não! exclamou a donzela muito corada. Eu digo o que era.

— Algum guapo cavaleiro?

Estácio e Cristóvão tinham desaparecido na entrada da rua; Inesita, conseguindo encobrir sua perturbação, graças à inata dissimulação das mulheres, abanou a cabeça com um arzinho de malícia.

— Eram aquelas tenções dos escudos, que estavam me aborrecendo! disse ela meio arrufada.

— Ah! as divisas em latim!... exclamou o governador rindo.

— Não é mal feito escreverem numa língua que não se entende?

— Certo que parece falta de galanteria; mas assim usaram nossos pais.

— É que as damas então sabiam muito! replicou a moça.

— Menos que hoje, e os próprios cavaleiros mal soletravam essas palavras; isso porém não impedia que as trouxessem gravadas no coração, mais do que no escudo.

— Melhor fora que as compreendessem; o que se guarda no espírito vai-se; o que sentimos n'alma, fica para sempre.

— Oh! que as sentiam! Bebiam com o primeiro leite e só as perdiam com o último suspiro.

— Embora! Antes as queria na língua que falamos.

— Já vejo que vos enfada não poder entendê-las; não seja isso razão de quererdes mal aos nossos cavaleiros; em vindo eles vos traduzirei as letras dos seus escudos.

— Todas sem faltar uma? acudiu a menina contente.

— Desde a primeira até a última.

— Que bom é saber! disse Inesita sorrindo.

Os três juízes do campo, Álvaro de Carvalho, D. Francisco de Aguiar e Baltasar Ferraz, dirigiram-se ao governador pedindo-lhe vênias para começar a festa, e voltaram logo a ocupar seus lugares. Imediatamente tocaram de novo as charamelas e adufes, cujos sons se confundiram ao longe com o tropel dos cavalos.

Daí a instantes uma cavalgata brilhante e luzida apareceu no canto da rua, e fazendo sua entrada na liça deu volta à teia; saudou o governador e as damas com airosos meneios e giros das lanças, e foi colocar-se à direita.

Conduzia-a D. Fernando de Ataíde, que vinha ataviado com aprimorado luxo; vestia saio e calças de cetim carmesim acarelado de galão de ouro; de preto, com a longa pluma, eram os pespontes e orla do cinto e talim; armas brancas, lança com manga escarlata, e no escudo a letra — *Voe qui percutiant illum!*

D. José de Aguiar, irmão de Inesita, era o segundo; tanto ele como os outros cavaleiros em número de vinte trajavam irmãos; e do mesmo modo que Fernando, suas cores eram preto e escarlate.

Com pouco a segunda quadrilha, conduzida por Cristóvão, e composta também de vinte cavaleiros trajando azul e branco, entre os quais distinguia-se pelo seu garbo e gentileza Estácio Correia, assomou à entrada da liça e desfilando com igual solenidade, foi postar-se à esquerda.

Então Inesita impaciente olhou travessamente para o governador.

— Quereis lembrar-me que o prometido é devido! disse D. Diogo com amabilidade. Por onde começaremos?

— Pelo céu, respondeu Inesita sorrindo. Aquela estrela?

Era um disfarce inocente para não se trair perguntando pelo que mais a interessava; era também um meio de aproximar-se de seu fim, porque Estácio estava logo depois do amigo.

D. Diogo correu os olhos pelos cavaleiros.

— É de Cristóvão de Ávila?... Tem a letra: *Ela me vê e me guia...*

— Ah! que linda é! exclamou Inesita lembrando-se de Elvira.

— Não é menos a do outro cavaleiro que não conheço. Sabeis quem seja?

A menina enrubesceu e só pôde fazer um gesto negativo; porque a voz prendeu-se-lhe nos lábios.

— Tem um nobre parecer, continuou o fidalgo; sua divisa é o verso de um grande poeta romano.

— Mas a primeira palavra não é latim! acudiu Inesita com vivacidade.

— Tem as mesmas letras e o mesmo sentido: diverge porém na pronúncia; diz-se, *á*mor.

— Ora! Nas falas portuguesas é mais doce! respondeu a menina ingenuamente.

— E também nos corações portugueses! replicou o governador galanteando.

— E a significação do verso?

— Tendes razão. Ei-la: *O amor tudo vence*. Que vos parece? Não é gentil, e sobretudo verdadeira?

— Quem sabe! murmurou a donzela tornando-se melancólica de repente.

— Oh! lá está D. Fernando de Ataíde que traz um moto a fazer inveja aos mais esforçados lidadores dos tempos da cavalaria: *Desgraçados dos que baterem no seu escudo.*

Inesita sorriu com desdém.

— Vosso irmão é que foi lacônico: *Ære!* Disse muito em uma palavra: seu escudo é de bronze.

Esse mote do alferes era uma travessura inocente de Fr. Carlos da Luz, confessor da casa. Na dúbia significação daquela palavra latina tinha ele reunido as duas faces mais salientes do caráter de fidalgo: *aere*, fortaleza de bronze; *oere*, cupidez de moeda.

D. Diogo continuou a traduzir as divisas mais engenhosas dos diversos cavaleiros; esse doce entretenimento distraía seu espírito das graves preocupações que lhe trouxeram os importantes despachos chegados do reino naquela manhã.

Seu orgulho sofrera com a separação do governo do Sul; mas para não dar aos inimigos e sobretudo ao partido dos jesuítas o prazer de se regozijarem com sua mortificação, o fidalgo como hábil político tinha o semblante tão prazenteiro e risonho, que não parecia o mesmo homem de aspecto frio e severo.

Inesita já não prestava atenção a D. Diogo; tendo sabido o que desejava, seus olhos foram-se presos no semblante do

moço e o espírito começou a revoar como falena ou silfo em torno das palavras escritas no escudo do cavaleiro.

Tênue sombra de melancolia anuviara o rosto mimoso; a frase entusiasta que Estácio pedira ao poeta para exprimir a energia de seu amor e a nobre ambição de sua alma, lhe acordara no coração um pensamento triste, antes acalentado com os murmúrios da festa.

De repente a menina estremeceu; notara o lugar em que se achava Estácio; observou que ele tinha de bater-se com seu irmão. Embora não passasse de um jogo o combate, apertou-se-lhe o coração com essa ideia. Ver assim em luta duas afeições, e não saber qual delas preferir, era cruel: desejava que o homem a quem amava vencesse, mas não queria seu irmão vencido.

## X.

### **Do como se correu segunda lança.**

Volvam-se os olhos á outro prisma da scena.

Sobre o telhado de uma casa terrea proxima á liça, estava desde cedo trepada uma sucia de galopins de todas as cores, começando no mais retinto foucinho africano ou no vermelho acobreado do caboclo, o acabando no branco ruivo do pequeno ilhéu do Fayal.

uma lei essencial de toda a associação, ainda mesmo efêmera. Reuni duas criaturas; uma obedece infalivelmente à outra; senão, brigam ambas para saber qual terá a primazia. A república dos galopins, que se estabelecera provisoriamente com território no telhado da casa, não podia eximir-se à regra constitucional da sociedade: tinha um chefe, a quem obedecia.

Era este um caboclinho de doze a treze anos, a quem seus camaradas chamavam Martim. Não tinha ele coisa alguma saliente, que não fosse sua excessiva fealdade. Era realmente seu rosto o cunho de um desconcerto completo da fisionomia humana; o nariz usurpara o molde do queixo; a testa era cabeluda; o pescoço começava na boca; as orelhas comiam as bochechas; os olhos, como os do caranguejo, projetavam-se fora das órbitas, ou recolhiam-se dentro.

Qual fosse o título a que devia Martim o mando sobre seus camaradas, será difícil atinar. Não era ele o mais esperto, embora não lhe faltasse certa agudeza; não era o mais forte também; muitos dos que ali estavam obedecendo a seu aceno, tinham mais coragem e dupla robustez. Quanto à posição, a do bicho da taberna de mestre Brás era somenos à do estúpido moleque ou do galeguinho mais imundo da ribeira.

Essa grande questão social, do direito e razão dos que sobem e paciência dos que descem, é um problema que por muitos séculos há de esperar solução. Acaso e felicidade — responde a voz geral quando interrogada a respeito de semelhante anomalia. Penso eu porém que é isso um sintoma da degradação da consciência pública. Só a ignorância aceita, e o indiferentismo tolera o reinado das mediocridades.

Aquelas crianças ali estavam no Terreiro do Colégio, desde o começo da festa; submergidas na multidão, privadas

absolutamente de ver o que passava na liça, agitavam-se insôfregas de um para outro lado. A necessidade as reuniu em frente de uma casa térrea, cujo telhado as estava do alto convidando a verem a gosto os folguedos e jogos. Difícil, mas não impossível, era a escalada; e qualquer da roda já a teria praticado, se não fosse o receio de que o dono da casa, um velho remendão, levando a coisa a mal, aplicasse algumas lambadas de tirapé ao intrometido.

Neste comenos, Martim escapo das garras do taberneiro, chegou e foi logo metendo-se na súa. Ninguém lhe deu atenção; continuaram os outros a mirar o telhado com olhos compridos e a tentarem uma investida, de que recuavam logo pela razão sabida do tirapé. O caboclinho tinha já perdido o pudor do castigo; acostumado ao regime do bodegueiro que diariamente o moía de pancadas à vista da gente toda que enchia a taberna, era coisa de pouca monta para ele uma lambada de mais ou de menos. Arrostando pois impávido o tirapé do remendão; e em dois saltos encarapitou-se na beira do telhado. Cessou a indecisão; todos os outros, com exceção de alguns medrosos, o imitaram.

Eis por que se achou Martim feito chefe da súa. Quanta gente deve como ele a posição elevada que alcança, a ter perdido o pudor do castigo que inflige a opinião pública?

Subido ao seu improvisado palanque, avistou o caboclinho na teia os pajens que circulavam a liça, prontos a acudir ao

sinal dos vários cavaleiros a quem serviam. Entre esses chamou especialmente a atenção de Martim um rapazito pouco mais velho que ele, trajado em corpo, com pelote de belbute cor-de-rosa. Apenas o lobrigou, entregou-se a um trabalho tal de gesticulação que parecia um telégrafo em caso de perigo. Afinal como de nada lhe valessem os respectivos sinais, levou as mãos à boca em forma de buzina e gritou:

— Gil!...

O coro respondeu:

—...il, il, il!...

O pajenzito voltou-se para o telhado, e dando com o caboclinho, levou a mão aberta à boca: com o dedo anular fez o gesto de silêncio e com a palma o de espera. Tudo isto com certo empertigamento casquilho, que bem mostrava quanto o pajenzito tomava ao sério suas funções.

— Bico! disse Martim para os outros. Não me piem!

— Nada de barulho!... acudiram alguns.

O resto calou-se; e arregalou os olhos porque a corrida estava próxima.

O sinal da investida soou na liça.

As duas quadrilhas, de lança em reste, arremeteram à desfilada uma contra a outra, e esbarraram no meio da estacada, como as trombas d'água que embatem no oceano pulverizando-se. Os cavalos, de chofre estacados no ardor da carreira, empinaram, topando peito com peito; as lanças romperam nos escudos, que retiniram ferindo-se; os justadores, com o ímpeto da peleja, dobrando sobre os contos, se enovelaram no turbilhão.

Um instante foi impossível distinguir entre os vórtices daquele torvelinho de homens o que passara; os espectadores mudos e suspensos esperavam cheios de curiosidade; Inesita pálida e sem respiração sentia paralisadas no seio as pulsações que há pouco o faziam intumescer-se brandamente; o próprio D. Diogo, em quem revivera a imagem, desmaiada já, das esperanças e glórias da mocidade, reanimou-se com o choque dos cavaleiros.

Rápido e fugace passou esse momento de ansiedade: foi como pausa imperceptível no meio da lufa-lufa do combate.

Os cavalos arcando, arrancaram afinal em nova desfilada, nitrindo, aspirando o ar pelas narinas dilatadas, atirando ao vento as crinas esparsas. As duas quadrilhas, deslaçando-se como fios de uma meada, atravessaram a arena e foram de novo alinhar-se na extremidade oposta àquela de onde tinham partido.

Então pôde-se apreciar o resultado da justa, e ver os destroços que a onda de cavaleiros em seu furor havia deixado sobre o campo; ginetes estropiados, campeões desarmados, lanças rompidas, capacetes e jaezes rolando pelo chão, e um justador desmontado, tendo a seus pés o escudo que lhe saltara do braço.

Inesita conseguiu abafar o grito de prazer, que expirou nos lábios e perdeu-se na ruidosa aclamação do povo saudando o vencedor.

O cavaleiro desmontado era D. Fernando de Ataíde; de cabeça baixa e desfigurado, o moço corria-se de vergonha diante dos olhares da multidão; a custo ergueu o escudo que deixara cair, cavalgou de novo, e foi colocar-se à direita de sua quadrilha.

Uma tremenda surriada o acompanhou durante o curto trajeto.

O pajenzito vendo por terra D. Fernando, voltara-se para o telhado, e sem que o percebessem, introduzira na boca dois dedos, fazendo o gesto de assobiar. Martim compreendeu e transmitiu a senha aos sócios; imediatamente a vaia estrugiu pelos ares.

— Caiu!...

— Fiau, fiau, fiau!

Do outro lado da liça Estácio apertava sorrindo a mão de Cristóvão; laivos do nobre orgulho, que é reflexo das almas superiores, brilhavam no semblante do moço, a quem o fervor da peleja avivara o cunho de energia, que a natureza lhe imprimira na feição.

Entre todos os espectadores Inesita unicamente viu e compreendeu o aperto de mão dos dois amigos; para os outros não passaria de uma felicitação; para ela a quem nada escapara, era um agradecimento.

Só o olhar da mulher que ama, olhar que vê com coração e adivinha com os pressentimentos, podia acompanhar no meio do turbilhão da investida daqueles cavaleiros, e reconhecê-lo entre tantos outros ataviados com as mesmas cores.

Ainda com o ânimo partilhado entre os dois sentimentos que a dominavam, Inesita ouvira o sinal; mas quando os cavaleiros chegaram as esporas aos flancos dos fogosos animais que saltaram com o ímpeto da dor, o grito do coração, mais forte, sopitou a voz do sangue.

Durante um segundo a menina só viveu naquele olhar que protegia seu amante.

Viu Estácio, que estava à esquerda de Cristóvão, tomar rapidamente a destra na ocasião da partida. Seguiria o moço por entre a lufa-lufa, até que a sua lança batendo em cheio

no escudo de D. Fernando, saltou em estilhaços. Vira o negro corcel retrair-se de um salto, devorar a terra e estacar na teia, onde chegavam ao mesmo tempo os outros cavaleiros.

O que porém a menina não tinha visto, porque seu olhar se condensara todo para envolver Estácio, fora que a lança impelida com a força da carreira obrigara D. Fernando de Ataíde a vergar sobre as ancas da cavalgadura, perdendo a sela e caindo por terra desmontado.

Quando pois as duas quadrilhas separando-se deixaram a descoberto o centro da estacada, ela soltara aquele grito de triunfo e gratidão ao mesmo tempo; meneou a cabeça altiva com o orgulho sublime da mulher que se enobrece pela glória do homem amado, e agradeceu a Estácio do fundo do coração a delicadeza de respeitá-la na pessoa do irmão.

Seu olhar encontrou o olhar do moço e estremeceu; mas não fugiu sem vazar n'alma de Estácio um raio de luz, desses que ficam eternamente, e douram os sonhos azuis do amor puro e as ilusões diáfanas que alvorecem na manhã da vida.

Entretanto os espectadores admiravam Cristóvão, a quem naturalmente atribuíam a façanha; alguns, é verdade, que julgavam ter visto na confusão da peleja justar com D. Fernando de Ataíde um campeão que montava ginete preto; mas não deram a isso grande atenção.

Ao passo que os juizes consultavam, Inesita curiosa e inquieta não se podia conter.

— A quem caberá o preço? disse ela como falando consigo, mas bastante alto para ser ouvida pelo governador.

— Sem dúvida que a D. Cristóvão de Ávila, que bem o mereceu, disse D. Diogo. Melhor lança não a tem El-Rei em seus Estados do Brasil.

— Que fez ele? perguntou a menina surpresa.

— Não vistes? Desmontou o mais brilhante cavaleiro da quadrilha escarlata, D. Fernando de Ataíde, que lá está cobrando novos brios para tomar sua desforra.

— Cuida o senhor governador que fosse ele?

— Tenho como certo, menina. Era o primeiro.

— Antes de partir, disse Inesita com vivacidade.

— E no recontro ainda o era, como agora.

— Não! Eu bem vi!...

— O quê? perguntou D. Diogo.

Inesita balbuciou; ia trair-se, mas dissimulou a tempo.

— O cavaleiro que correu com D. Fernando não montava um cavalo preto?

— Com efeito, quer-me parecer que assim era! acudiu D. Diogo pondo os olhos no tordilho de Cristóvão. Mas seguramente que foi engano...

— Tão verdade como ser azul meu cinto! disse a donzela em tom de profunda convicção.

— Pode ser... Mas eis o que vai tirar-nos da dúvida, respondeu o governador mostrando com um aceno a mesa onde se sentavam os três juízes.

O arauto fazendo uma profunda cortesia aos três cavalheiros, chegou-se à beira da rampa. Aí desempenando o corpo e correndo um olhar pela multidão, soltou a voz sonora e enfática no meio de profundo silêncio:

— Em nome de Sua Senhoria, o Senhor D. Diogo de Menezes e Siqueira, fidalgo de Foro Grande, governador e Capitão-general deste Estado do Brasil por Sua Majestade D. Filipe III, que Deus guarde...

Aqui mestre Bartolomeu inclinou-se; temperou a garganta, e tomando a respiração, continuou:

— Os Cavalheiros Álvaro de Carvalho, alcaide-mor da Bahia, Baltasar Ferraz, provedor da Fazenda, e D. Francisco de Aguilar, Senhor de Paripe, juízes nomeados pelo mesmo

senhor governador para decidirem dos jogos e torneios dados em honra sua e satisfação de sua chegada pelos homens bons desta cidade, nobres e mercadores; mandam proclamar em praça, por arauto e passavante, ao som e toque de caixa, o nome do campeão que por suas boas partes e gentilezas houve o preço da justa; e outrossim ordenam que o mesmo se afixe por edital na entrada da liça.

Houve uma curta pausa, durante a qual mestre Bartolomeu gozou da sofreguidão geral. Os espectadores suspensos esperavam de sua boca a aclamação do vencedor, a quem aliás todos já conheciam; o nome soou por fim na estacada.

— O Cavalheiro D. Cristóvão de Garcia de Ávila!

O despeito que sentiu Inesita foi tal, que uma lágrima borbulhou em seus límpidos olhos e empanou-os. Doeu-lhe aquela injustiça, e doeu-lhe sobretudo que o voto de seu pai a tivesse confirmado; nesse momento quis mal a Cristóvão, a quem ela estimava por ser amigo de Estácio, e a Elvira, porque o amava.

— Bem vedes que foi engano vosso, menina, disse o governador recostando-se na poltrona de veludo.

— Sou capaz de jurá-lo ainda sobre a cruz, senhor governador; foram eles que se enganaram.

Cristóvão, mal o arauto pronunciou seu nome disparou o animal apesar do movimento que fez Estácio para retê-lo;

esbarrando em frente ao pavilhão, levantou o capacete com um movimento gracioso:

— Por desleal e cobarde me haveria eu, e daria a todos direito para como tal me tratarem, se recebesse por prêmio de valor o que a outrem pertence. O preço desta justa, se alguém o houve, foi decerto o cavaleiro que de um bote da sua lança atirou por terra o contrário, e o desarmou.

— E não sois vós esse cavaleiro? perguntou Álvaro de Carvalho.

— Não, senhores! E o declaro alto e bom som: foi Estácio Correia!

O povo, que simpatiza com tudo que é grande e nobre, admirou a ação dos dois amigos: a modéstia e heroísmo de um, a franqueza e lealdade do outro; nos seus aplausos e vivas entusiásticos ligou os nomes de ambos, como se foram ambos vencedores.

Martim encolheu-se todo para expelir do franzino corpo o grito estridente, como se espreme e escorropicha de um odre todo o vinho que ele contém. Apertando os joelhos contra o ventre, gania que era um desespero:

— Vi... i... i... i... va!...

As damas agitavam os lenços, e sentiam lá no fundo do coração uma voz doce a dizer-lhes baixinho que elas

amariam qualquer um daqueles dois moços, ou mesmo ambos, se fosse possível, somente por prêmio e honra de tão bela ação.

As mulheres naquele tempo tinham dessas nobres inspirações; não sabiam tanto calcular com os sentimentos; conheciam a santidade de sua missão neste mundo, e não havia glória ou virtude que elas não dourassem com um raio de amor.

A alegria de Inesita foi imensa; sua alma expandiu-se; o olhar úmido e fagueiro agradecia a Cristóvão, às damas, ao povo, ao último dos galopins trepados nas esquinas das ruas, a glória de Estácio; essa glória lhe pertencia também pela santa comunhão que o amor cria logo entre duas almas.

Quanto a D. Diogo, habituado a estudar os homens, tinha conhecido por aquele traço o caráter dos dois amigos; eram valentes espadas e braços leais com quem a todo o tempo poderia contar.

No meio dos generosos sentimentos que despertara a imprevista declaração de Cristóvão, havia três homens que se conservavam frios e impassíveis: eram os juízes. Compenetrados dos deveres de sua posição, tão severos e rigorosos em pontos de honra, como se tratassem de decidir da vida e fazenda alheia, consultavam sobre o caso; uma decisão injusta nesse objeto os infamaria tanto, como a suspeita de suborno em uma causa importante.

Os jogos militares daquele tempo tinham no meio da aparente futilidade um pensamento sério e de longo alcance; serviam de exemplo e escola à mocidade, que se amestrava para as verdadeiras lutas, e bem cedo adquiria esforço e brios. Eram estímulo para nutrir na população o espírito guerreiro necessário em épocas de conquista. Por isso os reis e governadores os tinham em tanto apreço.

Explicada a troca que se dera entre os combatentes, os três juízes dividiram-se nas opiniões: Álvaro de Carvalho entendeu que o prêmio era de Estácio, pois o caso nada influía na decisão; Baltasar Ferraz porém foi de voto que o fato da troca do lugar, sendo uma irregularidade, anulava o ato posterior; e citou imediatamente boa cópia de textos latinos para confirmar seu parecer.

— Não se trata agora de decidir pleitos, nem demandas, senhor desembargador, replicou Álvaro de Carvalho com firmeza. Em negócios de armas tenho por melhor lição a minha velha experiência do que todos os textos e alfarrábios da vossa livraria.

— Ninguém vos tolhe o alvitre; dei o meu voto e disse.

— Voto de togado! murmurou o velho alcaide. E vós, Senhor D. Francisco de Aguiar, como vos parece?

— Estou com o Senhor Baltasar Ferraz; o preço não foi ganho.

— Pois então fazei o que vos aprouver, exclamou Álvaro de Carvalho batendo com o punho fechado sobre a mesa; mas declarai que tal decisão não teve o meu conselho.

Soltando estas palavras arrebatadas, o velho, forte e vigoroso apesar dos seus setenta anos, subiu os degraus do pavilhão; os olhos brilhavam com fogo juvenil, e a mão trêmula de cólera repuxava com impaciência as pontas retorcidas do longo bigode branco.

— Onde ides tão açodado, Álvaro? Que vespa vos mordeu? perguntou sorrindo o governador, que conhecia o gênio do soldado.

— Vou em busca de um homem, que tenha o arrojo de dizer-me, a mim, Álvaro de Carvalho, que minto, quando afirmo que gente de beca e traficantes de açúcar entendem tanto de justas, como eu de trapaças e rabulices.

— Que sucedeu?

— Não acabam eles de decidir que aquele valente mancebo, Estácio Correia, não deve ganhar o preço, porque fez virar de cambalhotas a D. Fernando, em vez do vosso alferes?

— E agora o que contam fazer?

— Não o sei eu; eles que a desatem.

O arauto publicou então a decisão dos juizes, que mandavam Estácio correr nova lança com o seu contrário, D. José de Aguilar, a fim de que o preço fosse conferido em regra.

— Está vendo, Sua Senhoria! exclamou Álvaro de Carvalho. Tem isso algum jeito? É ou não rabulice?

— Sossegai, Álvaro, não desarrazoeis por nonadas. Respeitai a opinião dos outros, para que respeitem a vossa.

— Porém, se é uma injustiça! acudiu Inesita inquieta. O senhor governador não devia consentir.

— Que posso eu, menina? perguntou D. Diogo.

— Não fostes vós que os nomeastes? Tendes direito de ordenar-lhes que emendem seu erro!...

— Reparai, D. Inês, disse o fidalgo sorrindo, que censurais gravemente vosso pai!

A menina caiu em si:

— Não podia ter tal pensamento; mas ele foi severo demais, não é verdade?

— Foi injusto! exclamou o alcaide. E Deus queira, não se arrependa ele! Estácio é capaz de fazer a vosso irmão pior do que a D. Fernando. Eu conheço aquele rapaz!...

— Vamos, Álvaro, não desamparai o vosso posto, disse D. Diogo. Ide e sede menos arrebatado, meu velho soldado; nem tudo se leva à ponta de espada.

O alcaide desceu lentamente a escadaria.

— Oh! impedi este combate, senhor governador, disse Inesita inquieta.

— Por que vos assustais? perguntou D. Diogo com bondade.

— Tenho medo! murmurou a menina.

— Mas não passa de um jogo! Deixai que brilhe vosso irmão!

As caixas rufaram anunciando o combate; os dois cavaleiros tomaram praça, e esperaram o sinal da partida.

A curiosidade pública estava excitada ao último ponto.

Todas as simpatias eram por Estácio, privado injustamente do preço que havia ganho com a tão brilhante mostra de seu esforço e perícia; assim a esperança de vê-lo sair vencedor da segunda prova a que o submetiam, trazia suspensa a máxima parte dos espectadores.

Entretanto Inesita, que instantes havia, saudara com tamanha efusão a vitória do moço e sentira orgulho em amar o homem que todos admiravam, agora tinha medo só de pensar que ele podia humilhar seu irmão, e expô-lo à irrisão pública.

Mas desejaria que D. José de Aguiar derrotasse o galhardo cavaleiro há pouco aplaudido com entusiasmo? Não; dentro de sua alma pedia a Deus que tal não sucedesse; queria o impossível, que ambos vencessem, e nenhum fosse vencido.

Mil vezes arrependida de ter vindo a essa festa que devia causar-lhe tantas e tão cruéis emoções, a donzela invejava a solidão de Elvira que a essa hora acompanhava de longe e com o pensamento a seu amante, sem curtir as aflições por que ela estava agora passando.

Nisso encontrou os olhos de Estácio e sem compreender por que sentiu renascer-lhe no seio a esperança; mais corajosa,

porém inquieta sempre e palpitando, pôde contemplar a cena que ia começar.

Os dois cavaleiros partiram ao sinal; levavam ambos após si as vistas ardentes e curiosas da multidão; mas todos os votos e desejos acompanhavam Estácio unicamente.

Vencendo rápidos a distância que os separava, os dois campeões toparam no meio da arena. O choque foi tão violento que os animais abriram; mas, com admiração geral, só um escudo feriu-se, só uma lança rompeu-se.

Estácio, resolvido a não se medir com o irmão de Inesita, em vez de levar a lança no reste, terçava-a na destra; na ocasião do encontro, fincando-a no chão, recebeu sem vergar o arremesso do adversário.

O povo cheio de pasmo viu tudo isto, a princípio sem compreender; depois por uma rápida intuição conheceu que o mancebo não tinha querido de propósito bater o contrário; mas a razão ninguém a podia adivinhar; geralmente atribuíram ao orgulho ofendido pelo voto dos juízes. O povo deu-lhe razão.

Até D. Diogo de Menezes voltou-se para Inesita e disse:

— Vosso irmão teve a melhor; porém juro-vos que antes me queria vencido com o feito de Estácio, do que vencedor como D. José.

— Por que então? perguntou a donzela ainda branca e desmaiada como a espiguiha de seu lenço de Valência.

— Não podeis compreender isto, menina; só quem está habituado a jogar uma lança, sabe quanto esforço é preciso para receber em cheio e sem toscanejar o arremesso de um cavaleiro à disparada.

— Entretanto o preço será de outrem? disse Inesita esquecendo no entusiasmo do amor que se tratava de seu irmão.

— É a regra da cavalaria: houve-se como herói, mas herói vencido.

De feito, o colar de ouro, preço da justa, foi conferido a D. José de Aguilar, o qual brindou com ele a primeira dama que avistou na galeria.

Entretanto o alferes não estava satisfeito com sua vitória; o ato de Estácio revelava desdém que o ofendia. Se ele houvesse adivinhado a verdadeira causa, ainda mais ofendido se julgara em seu orgulho, com o amor da irmã pelo filho de Robério Dias, réu de traição, que era, diz a Ordenação, “o mais grave e feio caso que um homem pode cometer”.

Quanto a Inesita, corou vendo seu irmão aceitar prêmio que lhe não pertencia. Um assomo de cólera fez borbulhar o puro sangue andaluz que lhe circulava nas veias. Nesse

instante a menina jurou em sua alma, que vingaria Estácio da injustiça dos mais.

Há quem entenda esse composto inexprimível de fraqueza e força, de susto e heroísmo que forma o caráter da mulher?

Tímida em face da sociedade, corando com um olhar, estremecendo com a farfalha da seda de suas próprias vestes, desmaiando ao menor choque, de repente essa criatura frágil e nervosa tira de seu coração a energia necessária para lutar com o mundo, e defender contra todos e contra tudo o homem a quem ama.

A menina esquiva, que não tem a coragem sequer de sorrir a seu amante, receando mostrar nos lábios o segredo de sua alma, breve, já é capaz de todos os sacrifícios para proteger na desgraça o escolhido de seu coração.

No entanto os cavaleiros tinham atirado os troços das lanças quebradas, e recebido dos pajens umas hásteas longas e delgadas, cobertas de seda de vários matizes.

Terçando-as como piques, atacaram-se com evoluções rápidas, caprichando cada um em mostrar mais destreza e agilidade.

Era a isso que então chamavam jogo das canas.

Estácio, fiel à sua palavra, apenas defendia-se, e como só ele podia disputar a primazia a Cristóvão, cujos volteios

graciosos eram de todos admirados, coube o preço a esse último; o moço o escondeu no peito da véstia com bastante pesar de algumas damas que julgavam-se com direito à prenda.

Seguiu-se o jogo das argolinhas.

Tinham passado um torçal de seda, que prendendo-se ao teto agudo das tendas, dividia a meio a estacada; no centro, presos por um fio de retrós, pendiam vinte anéis de ouro, que balouçavam com o sopro da aragem; os raios do sol no ocaso, tremulando sobre as argolinhas, ainda as tornavam mais vacilantes ao olhar.

As duas alas de cavaleiros, empunhando lanças muito mais longas e maneiras que as de combate, alinharam-se em suas primeiras posições, uma à direita, outra à esquerda: ao som da música deviam partir ambas à rédea solta, e dando meia volta à teia, unirem-se na entrada da liça, a fim de correrem direito à argolinha contra o pavilhão do governador.

Assim tinham os cavaleiros de passar sucessivamente dois a dois, um da ala azul, outro da ala escarlate; afastando-se depois, circulariam de novo a teia continuando sem interrupção o jogo, que só terminaria tirado o último anel.

De todos os jogos era talvez o mais apreciado dos mancebos gentis e namorados; porque além do preço de ligeireza e agilidade, tinham direito de oferecer as

argolinhas que enfiassem com a ponta da lança, a qualquer das damas presentes, que em retribuição da galanteria os prendavam com dices e mimos.

A música tocou uma marcha rápida; a cavahada partiu.

Os primeiros cavaleiros eram Cristóvão de Ávila e Fernando de Ataíde par a par; seguiam-se logo Estácio e D. José de Aguilar; vinha após o resto dos campeões.

Cristóvão enfiou a primeira argolinha, e passou; mas em vez de oferecê-la, guardou, como já tinha feito com o bracelete que recebera em preço; Fernando de Ataíde e D. José nem roçaram os anéis; Estácio atirou a lança por cima do cordel, e foi apanhá-la no ar muitos passos além.

— É altivo aquele mancebo! disse o governador. Como lhe negaram o primeiro preço, desdenha os mais.

— E no seu caso, o senhor governador não faria o mesmo? replicou Inesita.

— Talvez! respondeu o fidalgo sorrindo.

A corrida continuara; só restava uma argolinha; as outras tinham sido tiradas, muitas por Cristóvão, algumas por D. José e outros cavaleiros; Fernando não conseguira enfiar uma só.

Estácio estava satisfeito e contente, como se tivera ganho todos os prêmios; para ele a grande recompensa não eram nem as joias dadas pelos juízes, nem os aplausos do povo; era a humilhação de seu rival diante de Inesita; essa tinha-a já conseguido de uma maneira estrondosa.

Restava porém uma argolinha; Cristóvão falhou-a; e Fernando, que moderara o galope do cavalo, ia com a lança direita enfiá-la; percebendo isto, o sangue afluiu ao coração de Estácio; pareceu-lhe que via já o cavaleiro oferecendo o anel a Inesita e recebendo em troca uma prenda.

O moço fincou as esporas nos flancos do nobre corcel que saltou, e alongando-se como uma flecha, devorou o espaço. No momento em que Ataíde ia tocar a argolinha, o cavaleiro passou envolto em uma nuvem de poeira. Foi como uma águia que voasse, arrebatando a presa no bico adunco.

A celeuma do povo saudou esse admirável esforço de agilidade. Inesita não pôde conter-se, e bateu as palmas das mãos com o prazer infantil das crianças; as damas agitaram os lenços; Álvaro de Carvalho, esquecendo sua imparcialidade de juiz, soltou uma exclamação entusiasta.

Estácio, ao ver a argolinha de ouro tremular na ponta de sua lança, sorriu; mas foi logo tomado de um receio; parou indeciso. Afinal vencendo a timidez e o acanhamento,

chegou defronte do pavilhão, e apresentou corando o troféu de sua vitória a Inesita.

O cavaleiro tinha os olhos baixos; o coração saltava-lhe aos ímpetos; a mão tão firme no combate, tão segura e certa no golpe, tremia como a de um velho já inválido, ou de uma criança débil.

A menina também corou, mas impelida pela coragem que despertara a luta por que passara, tomou na ponta dos dedos rosados o fino aro de ouro; e reparando que a lança de Estácio perdera na corrida a manga de seda, por um movimento rápido atou na haste seu lencinho de renda.

Quando Estácio no retirar da lança viu flutuar a alva e fina tela, que durante toda a festa se perfumara ao contato das mãos da menina e aquecera-se com o seu hálito, a felicidade inundou-lhe os seios d'alma; tomou o lenço, como se fora relíquia, e beijou-o à face de todos.

Estas cenas de galanteria eram usuais nos jogos e festas do tempo; a ninguém pois causavam estranheza; as damas pensavam que o mesmo fariam por seu cavaleiro; os moços invejavam a fortuna de Estácio; quanto ao povo, esse achava a coisa mais natural que um garção tão guapo e uma cachopa tão airosa se amassem com extremos.

D. Diogo de Menezes acompanhou os movimentos de Inesita com o ar de bondade paternal, que adoçava a

seriedade habitual de sua nobre fisionomia.

— Por isso dizem que não há homem atilado a quem a menina mais simples não cegue com seu ar de santinha!

— Ainda está para ser o primeiro que eu cegasse, tornou-lhe Inesita maliciosamente.

— Já me não admira, continuou o fidalgo levantando-se, das gentilezas de certo cavaleiro. Quem tinha para animá-lo tão feiticeiro sorriso, se não fizesse proezas, nunca mais deveria cingir uma espada.

— Os governadores também fazem madrigais? perguntou a donzela faceirando.

— Não; mas fazem traduções, respondeu o governador amimando-lhe a face.

Houve um intervalo no divertimento.

Os cavaleiros apeando foram cortejar as damas, e depois, mudar de roupas e armas para as novas justas; formaram-se os círculos de conversação, onde se discutiam os feitos dos diversos campeões, a graça com que uns meneavam seu ginete, o garbo com que outros traziam a lança.

Duas pessoas, porém, havia ali para quem a cena muda entre Estácio e Inesita não passara despercebida; não a tinham essas visto com os mesmos olhos complacentes.

Uma era Fernando de Ataíde que duas vezes batido por Estácio e conhecendo agora a causa, ardia em desejos de vingança; a outra era D. José que também adivinhara o motivo por que o moço se esquivara de medir-se com ele; ambos estavam ofendidos em seu orgulho, e numa esperança que partilhavam.

O alferes protegia a afeição de seu amigo por Inesita; embora sua irmã mostrasse completa esquivança a D. Fernando, atribuía isso à timidez da menina, e acreditava que afinal o amor conseguiria vencer o recato.

Conhecendo porém que se iludira, e suspeitando agora que sua irmã amava outro homem, sentira despeito profundo; sobretudo sendo esse um moço obscuro e pobre, como Estácio, o qual embora nobre, tinha em seu nome a nódoa, que deixara a condenação do pai.

Orgulhoso e de gênio arrebatado, D. José não podia sofrer semelhante afronta. Resolveu imediatamente castigá-la, antes mesmo que Fernando de Ataíde pedisse ao moço satisfação pelo modo descortês por que se houvera.

Enquanto os dois amigos passeavam na volta da teia conversando sobre o que passara, Álvaro de Carvalho indo ao encontro de Estácio, o abraçou com efusão e guiou ao pavilhão para apresentá-lo ao governador.

— Aqui trago a Sua Senhoria o nosso herói! Poucos anos, porém muitos brios.

— Isso mostra que na escola de um velho lidador de vossa têmpera, Álvaro de Carvalho, a experiência vem mais depressa que a idade! respondeu o governador unindo em um só elogio a perícia do mestre e o valor do discípulo.

— Sua Senhoria engana-se! retrucou o alcaide com a habitual rudez e batendo familiarmente no ombro do moço. Homens desta estofa, não se fazem aqui embaixo, vêm já feitos.

— Não creia, Sua Senhoria, atalhou Estácio corando; o pouco que sou, devo-o a dois homens que Deus me deu em troca da família que levou-me bem cedo: o Senhor Álvaro de Carvalho que me ensinou a trazer esta espada para um dia servir ao meu rei; e um santo homem que preso e estimo como meu pai, porque dele recebi tanto ou mais que daquele que me deu o ser.

— Pois trataremos de acabar a obra de ambos dando-vos campo mais vasto do que esta liça, disse D. Diogo. Não é justo que tão valente lança se embote em folgedos, quando o serviço de El-Rei e a causa da religião tanto carecem de bons defensores.

O governador afastou-se com o velho alcaide, e Estácio voltando-se viu de longe Inesita.

Estava recostada a um dos arcos do pavilhão e procurava o amante com os olhos por entre a multidão: mal sabia que o moço estava tão perto dela.

Mas de repente o seu coração, palpitando com violência, anunciou-lhe a aproximação de Estácio: por súbita e instantânea revelação, que não se explica, ela sentiu a força de um ímã que atraía toda sua alma.

Volveu os olhos e deu com o mancebo.

Violenta comoção abalou o corpo delicado, que estremeceu como se o envolveram ondas de fluido magnético; o sangue fugiu-lhe das faces, queimando o coração. Murchara nos lábios a flor do sorriso. Assim uma planta delicada, oculta na sombra, enlanguesce quando um raio ardente do sol vem súbito aquecê-la. As folhas desmaiam, inclina-se a haste, as flores abrocham; até que a luz filtra nos poros, e a seiva, correndo pelas fibras, reanima a vegetação e a expande mais brilhante.

Passado aquele deslumbramento, a menina surgiu dentre a esplêndida auréola de sua beleza. No sorriso, aveludado pela inefável doçura do coração feliz, a alma exalava perfume suave de rosa mística, voando para o céu azul dos castos amores.

Também Estácio sentia o doce enlevo do coração, ainda não desflorado de esperança: bebia vida e eternidade no sorrir

de Inesita.

Depois de um instante de muda contemplação, em que essas duas almas vazando uma na outra, desviveram em si para renascerem anjos no puro e santo afeto que as unia, Estácio quis falar: a voz evaporou-se em ténue suspiro:

— D. Inês!...

A doçura do seu nome, balbuciado pelos lábios do mancebo, afagou-a, como a melodia de um canto celeste; igual só houvera na terra uma harmonia: era a do nome de Estácio, que lhe adejava no sorriso, e já ressoava intimamente nas cordas d'alma.

Mas foi um grito de espanto que lhe escapou.

A menina vira D. José, parado diante dela, lívido de cólera, mordendo o beijo e cobrindo Estácio com a vista odienta.

Este, no encantamento da presença de Inesita, não o percebera.

— Não parece bem que uma moça se desacompanhe das outras damas, minha irmã. Tomai o vosso lugar, disse o alferes com um modo brusco e descortês.

Estácio voltou-se friamente para D. José.

O alferes acompanhou a irmã até que a viu sentar-se trêmula e pálida no coxim; então dirigiu a palavra ao mancebo.

— Só agora posso agradecer ao senhor estudante a generosidade que há pouco houve para comigo, e o preço de que me fez mercê! disse o alferes com um tom de chasco bem visível.

— Nada tendes que me agradecer, senhor alferes, nada me deveis, respondeu o moço com uma polidez glacial.

— Oh! que vos devo! Mais do que pensais, porém conto breve pagar e com usura. Não pretendeis tomar parte no torneio?

— A pergunta é escusada.

— Não tanto como parece; porque careço de avisar o senhor estudante de uma coisa, continuou o fidalgo com o mesmo ar de ironia. Não trago roupeta, sigo a milícia: quando tiro a minha espada, ou se trate de jogos ou de combates, tenho sempre que é negócio a valer. Será um defeito; mas já não estou em idade de aprender.

Estácio não respondeu.

— Assim trate cada um de defender-se às veras, continuou D. José. Bem pode suceder que brincando mesmo, tenha o

profundo desgosto de passar a minha espada pelo corpo de alguém.

— É tudo quanto me tínheis a dizer, senhor alferes? perguntou Estácio com a maior calma e dignidade.

— Tudo; e agora que está de aviso o senhor estudante, se por acaso escolhesse outro campeão, seriam capazes de dizer que tinha medo!

— E não errariam, Senhor D. José, realmente tenho medo.

— Ah! exclamou o alferes.

— Tenho medo de matar-vos; porém por felicidade vossa e minha, sei me dominar.

Estácio voltou as costas ao alferes, e encontrou fito nele o olhar de Inesita. Esse olhar era uma interrogação e uma súplica.

A menina de longe não escutara as palavras, mas vira a expressão de D. José, e presa de cruéis pressentimentos procurava ler no semblante do moço a confirmação dos seus receios, pedindo-lhe ao mesmo tempo indulgência para seu irmão.

Estácio sorriu-lhe; sorriso triste, acerbo e pungente, úlcera d'alma cicatrizando nos lábios.

O burburinho de festa, que enchia o Terreiro do Colégio, e o entusiasmo da população baiana iam quebrar-se de encontro à mudez austera e sombrio aspecto do Convento dos Jesuítas.

Grave e silencioso, como o espírito que o dominava, o vasto edifício quedava no meio da alegria e contentamento, que fizera sorrir todas as habitações vizinhas, guarnecidas de colchas e alcatifas. Assim grave e recolhido, se julgaria estranho ao espetáculo representado em face dele.

Tal não era: por detrás da grade que vestia uma das janelas, dois frades, enfiando os olhos pelas frestas, seguiam desde o começo os incidentes do festejo, praticando em voz baixa, para não perturbarem o provincial e o licenciado Vaz Caminha, que continuavam a partida de xadrez, valentemente disputada de parte a parte.

— V. Paternidade conhece sem dúvida aquela donzela com quem fala o governador neste momento? perguntou o P. Molina.

— É D. Inês, filha de D. Francisco de Aguilar, um dos mais ricos senhores de engenho da Bahia.

— Quem é o confessor da casa?

— Fr. Carlos da Luz, do Patriarca São Bento.

— Como! Deixaram que nos preterissem?

— Não ignora V. Paternidade, que os senhores de engenho nos são adversos, por causa do negócio da servidão dos índios.

— Embora! Há sempre meios de insinuar-se. E tenho para mim como um grande erro que cometeram, abandonarem a outros a direção da consciência daquela menina.

— Por que motivo assim pensa o P. Molina?

— Li algures, P. Inácio, que as mulheres governam metade dos homens; e essa metade governa a outra. Quem tivesse o poder de dirigir a consciência desse ente frágil, dominaria o mundo!

— É possível que tenha razão!

— Diga-me; essa menina já não tem mãe?

— Tem-na; porém enferma de uma paralisia.

— É filha única?

— Não; ali está o irmão, D. José de Aguilár; é o segundo cavaleiro de escarlate.

- Vejo! A casta de homem que é esse D. José?
- Dizem ser dado ao jogo e perdulário. Segue a milícia; é alferes do piquete do governador.
- Despachado por D. Diogo de Menezes?
- Pelo próprio.
- Ah! murmurou o P. Molina.
- De que se admira?
- De coisa alguma. Repare o P. Inácio quanto o governador se enleva com a prática daquela menina.
- Quase não dá atenção ao mais.
- Quer saber V. Paternidade o que me está passando pela ideia?
- Diga o P. Molina. De tão agudo engenho nunca serão demais os avisos.
- V. Paternidade me acanha... É bondade extrema para o mínimo dos servos de Cristo. O que disse não passa de humilde reparo.
- Não é razão para privar-me dele.

— Ora pense o P. Inácio... Não seria bem possível que a mão frágil de uma donzela quebrasse a soberbia do governador poderoso, que pretendem ser de tão rija têmpera? Tem-se visto destes milagres. Davi matou Golias, e bastou para tanto uma pequena pedra.

— Faz mau juízo de D. Inês o P. Molina: é donzela de muito recato que estimam quantos a conhecem pelas prendas e virtudes.

— Nem digo o contrário; mas o P. Inácio há de concordar comigo que no fundo do coração da mulher mais virtuosa, lá existe um átomo de vaidade, como brasa em borralho. Um sopro, e verão a chama atear-se.

— Quer com isto dizer que a julga capaz de galanteios tais!

— Quero dizer que o confessor de D. Inês seria um mau servo de Deus, se dentro em quinze dias não tivesse o governador em sua mão.

— E a virtude dessa donzela, P. Molina, não a leva em conta?

— Que entende V. Paternidade por virtude?

O frade embatucou com a pergunta; fitou os olhos surpresos no companheiro, que sorria com a maior beatitude:

— A prática do justo ainda com sacrifício do bem-estar, o cumprimento dos deveres que se resumem todos no amor de Deus, não será a virtude?

— Não decerto, P. Molina.

— Pois decida entre estas qual seja a virtude de mais preço. A virtude de Susana, esposa de Joaquim, que resistiu aos juizes de Babilônia somente para não pecar diante do Senhor, *in conspectu domini*; e a virtude de Judite, que Deus abençoou na sua força para vencer os inimigos de Israel?

— O caso é difícil. Segundo o voto do P. Molina é a última dessas virtudes a mais agradável ao senhor?

— Segundo o voto dos mestres, em cuja lição nos devemos formar, P. Inácio. A virtude é robustez do ânimo: a beleza da mulher, como a força do homem, são instrumentos na mão do operário de Cristo.

P. Inácio curvou a cabeça diante daquela filosofia perigosa, que assentava a religião sobre as ruínas de todas as crenças e dos sãos princípios da moral; havia nessa argumentação tal cunho de energia e tom de convicção profunda, que subjugava a seu pesar o espírito do jesuíta.

— Não consta que aquela menina ame algum cavalheiro? perguntou de repente o P. Gusmão.

— Não curo das coisas mundanas, P. Molina. O que soa é que seu irmão D. José de Aguilar protege os afetos de um Fernando de Ataíde, de quem é amigo.

— Esse Fernando é o primeiro cavaleiro à direita do alferes?

— Justamente.

Nesse momento soaram as trombetas anunciando a investida; os dois jesuítas continuaram este exame, trocando de vez em quando as suas observações, até a ocasião em que a voz do arauto publicou a sentença dos juízes, e Cristóvão de Ávila proclamou Estácio Correia como o vencedor da justa.

Ouvindo o nome de seu discípulo, repetido pelas aclamações entusiásticas do povo, o licenciado sentiu uma comoção violenta, que paralisou-lhe os movimentos: a mão direita, que havia tomado o rei, com a intenção do rocar, parou suspensa sobre o tabuleiro. Assim ficou um instante, com o ouvido atento e a alma dilatada para receber os ecos da ovação que saudava o moço cavalheiro.

Por fim voltando ao jogo e vendo que tinha ainda suspensa a peça que devia mover, sem reparo colocou-a quatro ou cinco casas além. O provincial, estremecendo com o caso nunca visto, deu um salto no tamborete; logo um grito de dor partiu dos lábios pálidos e convulsos de Fernão Cardim.

Catástrofe horrível, capaz de enlouquecer um enxadrista, provocara o grito. Os joelhos do jesuíta, movendo-se imprudentemente na ocasião do seu espanto, tinham virado o bufete e atirado no meio da sala o tabuleiro com as peças, que ainda rolavam no soalho, perseguidas pelo licenciado, cujas perninhas custavam a alcançá-las.

O provincial, de braços cruzados, cabeça caída e cãs em desordem, contemplava os destroços da partida de honra. Mário sobre as ruínas de Cartago não tinha decerto nem mais eloquência na expressão, nem mais tristeza no olhar, do que Fernão Cardim nesse instante solene.

Mas não eram quaisquer enxadristas os dois parceiros que disputavam havia duas horas a mais renhida batalha que tenham pelejado os trebelhos chineses; o licenciado tomando imediatamente a resolução pronta que exigia o caso, ergueu o tabuleiro, e começou a reconstruir de memória o seu jogo tal como ele se achava na ocasião do desastre.

— Que fazeis, doutor? perguntou o provincial com a voz trêmula.

— Não vedes? Ponho as coisas no estado em que se achavam *ante bellum*.

— E podeis lembrar-vos? acudiu o frade desanuviando o rosto.

— Do meu jogo perfeitamente, como vos deveis recordar do vosso.

— Oh! estou vendo-o como se ainda aí estivesse! Sou capaz de refazê-lo a olhos fechados.

Os dois parceiros puseram mãos à obra; em breve a partida foi restabelecida; não afiançamos que o frade não aproveitasse o ensejo para melhorar a sua posição; e que o licenciado se visse abarbadado com algum xaque improvisado ameaçando de novo o seu rei. Como porém nenhuma das partes beligerantes pôs a menor dúvida sobre a posição estratégica do inimigo, o jogo continuou, e sem mais acidente.

No entanto a conversa prosseguia entre os dois jesuítas.

— É esforçado aquele cavaleiro, dizia o P. Molina; como se chama?

— Estácio Dias Correia; é filho do célebre Robério Dias, possuidor do segredo das minas de prata.

— Tem bela presença! Deve ser capaz de grandes coisas, se tiver bom conselho!

— Não lhe falta; o licenciado Vaz Caminha que V. Paternidade já conhece, é seu pai espiritual; e o Alcaide-Mor Álvaro de Carvalho, que ali está entre os juizes, o estima em muito; e ele o merece, posso assegurar.

O P. Inácio do Louriçal lia durante o tempo que passava na Bahia uma cadeira de Ética. A ele encarregara Vaz Caminha a direção de Estácio, logo que o menino, então na idade de quinze anos, começara de cursar as aulas do colégio. O velho sacerdote se afeiçoara a seu aluno, em quem descobria muitas qualidades, mas nenhuma inclinação para a vida claustral.

Tornou o P. Molina:

— Que faz ele?

— Deve acabar este ano os estudos neste colégio; pelo desejo do doutor, professaria; porém o alcaide opõe-se com todas suas forças e espera que se lhe depare ocasião de seguir a carreira das armas.

— E os haveres? Poucos?

— nenhuns; é pobre como Jó.

— Ignora o segredo de seu pai?

— Robério Dias morreu com ele.

— É o que reza a tradição; mas podia ser boato para adormecer a vigilância dos governadores.

— Sabe V. Paternidade alguma coisa a este respeito? perguntou o P. Inácio com vivacidade.

— O que se repete; ouvi contar uma vez essa história, e quer-me parecer que tais minas nunca existiram.

— Estou que se engana o P. Molina.

— Pode ser. Tem razões para pensar o contrário, P. Inácio?

— Talvez.

O P. Molina sorriu:

— Ainda vive a mulher de Robério Dias?

— É morta há cinco anos.

— Com quem vive o filho?

— Com uma tia velha, D. Mência.

— P. Inácio é confessor da dama?

— De que tira essa conjectura?

— É dela naturalmente que houve certeza da existência das minas de prata, respondeu o frade.

O P. Inácio perturbou-se:

— Errado vai o P. Molina: não abuso do segredo da penitência. O que ouço no confessionário entrego-o a Deus,

e só trago comigo a satisfação de ter ajudado a remir da culpa uma alma arrependida.

— Mas suponha que um penitente revela um crime que vai cometer-se, homicídio, *verbi gratia*: deixaria que se consumasse podendo prevenir?

— Suplicaria ao Senhor que iluminasse o espírito desse homem; mas não trairia o segredo da confissão.

— E julga que o Senhor exalte a súplica de uma alma criminosa, porque o era, participando com o seu silêncio ao crime que ia perpetrar-se?

— Tem uma lógica terrível, P. Molina.

— Quanto sei, digo-o a V. Paternidade, aprendi dos que durante dois séculos engrandeceram a nossa ordem *para a maior glória de Deus*. Eles me ensinaram, P. Inácio, que os companheiros de Jesus desde que prestam voto de obediência passiva aos superiores, não têm vontade sua.

O frade encarou com o companheiro, como para ver se era o mesmo homem que lhe falava, tão grave lhe pareceu a entonação daquela voz há pouco doce e insinuante; mas o P. Molina já não lhe dava atenção e estava completamente embebido em ver a festa.

Houve uma pequena pausa durante que o P. Molina contemplava a festa, e o P. Inácio contemplava seu estranho

companheiro.

O mais velho dos dois jesuítas estava surpreendido do carácter audaz e do espírito arguto que revelara nesta conversa o frade chegado aquela manhã de Espanha.

O tom humilde e tímido com que às vezes falava o P. Molina indicava o homem habituado à obediência; outras vezes a sua voz acentuava a palavra com energia e firmeza, e o seu olhar caía incisivo e penetrante.

Decorreu algum tempo ainda; de repente ouviuse a vozinha frautada do provincial, gritando:

— Xaque-mate!

— Tinha de ser vossa a partida! acudiu o licenciado com ar contrito.

— Xaque-mate! repetiu Fernão Cardim triunfante. Custou-me! Mas enfim... Oh! podeis gabar-vos de que me destes que fazer, doutor.

— É o que me consola, padre provincial; há derrotas que honram aqueles que as dão, e também os que as sofrem.

— Para quando a desforra?

— Domingo; tantas vezes hei de perder, que uma virá em que lograrei a melhor.

O licenciado dispôs-se a partir, deixando Fernão Cardim ainda enlevado diante do lance admirável com que terminara a partida; lance que Vaz Caminha tinha previsto, e não evitara por ser tempo de dar fim ao jogo.

— Já nos deixa o senhor doutor? perguntou o P. Molina com amabilidade.

— São horas, padre-mestre; *ruit nox*, respondeu o licenciado mostrando o sol que se escondia no horizonte.

Despedindo-se do provincial e dos dois jesuítas, Vaz Caminha ia transpor a porta da livraria, quando a voz do P. Molina o fez voltar.

— Doutor, olhai que vos esqueceu a bengala!

— É verdade! disse o licenciado mordendo os beiços; ia tão distraído.

Tomando a bengala e despedindo-se de novo, o velhinho desceu enfim a escadaria do convento; o P. Inácio tinha-se retirado à sua cela. Ficando só com Fernão Cardim, o P. Gusmão de Molina deu uma volta pela sala deserta, sondando com o olhar os escuros recantos, e parou junto do bufete, onde o provincial estava ocupado em recolher as peças do jogo.

— Fareis reunir esta noite o capítulo, padre provincial! disse em voz baixa, examinando um dos trebelhos de

marfim.

— O capítulo? replicou Fernão Cardim como homem que não compreende o que se lhe diz.

— O capítulo, sim, padre provincial, respondeu o jesuíta sorrindo.

— P. Molina, chegastes hoje; isso releva a falta que acabais de cometer. Talvez nas outras províncias se pratique de maneira diversa, embora tal não me conste; mas nesta governo eu, e não admito que nenhum irmão, ainda mesmo professo, se ingira nas minhas atribuições.

O provincial tinha perdido a sua bonomia habitual e revestira-se da rigidez e dignidade própria do superior, quando se quer fazer respeitar.

— V. Reverência à vista disto não está resolvido a reunir o capítulo esta noite? disse o P. Gusmão friamente.

— Não, P. Molina, reunirei quando me aprover.

— Neste caso alguém o convocará.

— Quem? E com que autoridade?

— Breve o saberá V. Reverência.

A noite caía, como dissera o advogado citando Horácio; o sol mergulhava no oceano, coroado de luz e majestade, sempre rei, no ocaso como no momento da ascensão.

As sombras do crepúsculo desdobravam-se já e vestiam a natureza; o silêncio plainando no espaço, descia lentamente sobre a cidade há pouco tão agitada e ruidosa; todos sentiam a influência da hora mística, breve pausa entre a luz e a treva, imagem da vida oscilando entre berço e túmulo.

Soavam trindades.

O largo apresentava novo aspecto; as tochas acesas em volta e as luminárias suspensas nas janelas das casas, derramavam sobre as alcatifas cobertas de lantejoulas a claridade das luzes, menos brilhante que a do sol, porém mais suave e fascinante.

A um lado da teia, junto à tenda destinada aos mantenedores, tinham preparado um coxim com dossel; dois cavalheiros, D. José de Aguilar e Fernando de Ataíde, de pé no último degrau, pareciam esperar a pessoa que devia ocupar aquele trono oriental.

Tocaram os anafis na entrada da liça; todos os olhos voltaram-se para ver o novo espetáculo que se apresentava.

Vinha na frente um truão coberto de guizos, fazendo esgares e trejeitos que provocavam o riso da multidão; seguiam dois mouros arrastando as curvas cimitarras; outros dois caminhavam ao lado de um palanquim conduzido por negros vestidos como eunucos, sobre o qual vinha sentada uma mulatinha de dezoito anos.

Era um tipo brasileiro, cruzamento de três raças; americano nas formas, africano no sangue, europeu na gentileza. O moreno suave das faces, os grandes olhos negros e rasgados, os dentes alvos engastados no sorriso lascivo, o

requebro lânguido e sensual do porte sedutor sob o traje oriental, davam-lhe ares de verdadeira sultana.

Véu branco e transparente, preso ao airão dourado, descia-lhe sobre o rosto, avivando mais o brilho dos olhos e o carmim dos lábios; as calças largas de tafetá, cerrando no artelho de uma perna bem torneada, deixavam admirar o pé delgado por entre o bordado da alparca de seda; o saiote de cassa da Índia, preso ao justilho de renda, desaparecia sob a cabaia amarela, semeada de aresta de prata, que lhe caía dos ombros.

Acompanhavam o palanquim oito moças vestidas igualmente à oriental; essas não tinham capa e traziam passados à cintura uns xales de lã de cores vivas; vinham duas a duas, dando as mãos e formando graciosas figuras de dança, que realçavam as formas esbeltas. Fechava a marcha a banda de música que tocava os anafis e outros instrumentos mouros.

Chegando junto do estrado onde se achavam os dois cavalheiros, os eunucos pousaram em terra o palanquim. A princesa moura no meio de suas escravas, ajoelhou sobre o tapete, que estendera um dos guerreiros do séquito.

— Ilustres cavalheiros, disse ela. Eu sou a Princesa Alzira, filha d'El-Rei da Pérsia, que trazida pelo grande esplendor de vossa fama e nomeada de vosso valor, venho pedir-vos amparo e proteção contra o mau fado que me persegue; pois

tendo aceitado o esposo que meu pai me destinara, sou agora maltratada da sorte e havida como perjura por um príncipe que me queria.

Parece que a rapariga não recitou exatamente seu papel de comédia; porque D. José, surpreso, murmurou-lhe ao ouvido:

— Que me perseguia!

A princesa deu um muxoxo, e fingindo enxugar duas lágrimas rebeldes, que nem sequer umedeceram o canto dos olhos negros, abaixou a cabeça para esconder o riso brejeiro que frisava a ponta do lábio.

— Erguei-vos, formosa princesa, que não de joelhos, mas sobre um trono, deveis mandar a vossos leais cavalheiros. E secai esses belos olhos, que com fervor de Deus e vosso amparo, breve haveremos fronta e desagravo de vossa injúria.

Estas palavras foram proferidas por D. Fernando de Ataíde; e logo erguendo com toda a galanteria a fingida princesa, a fez sentar no coxim preparado sobre o estrado.

A odalisca deu sinal a suas escravas; estas imediatamente trançaram novas danças, ainda mais graciosas e originais que as primeiras; nos intervalos o histrião mouro divertia o povo com visagens e truanices.

Esta espécie de auto que acabavam de representar era naquele tempo o prólogo necessário do torneio; lembrava as tradições da cavalaria andante, que apesar da sátira homérica de Miguel Cervantes, ainda viviam no Amadis de Gaula, no Palmerim da Inglaterra, e na imaginação dos cavalheiros de vinte anos ou das meninas namoradas.

D. Fernando e D. José se haviam recolhido à tenda, onde se armavam para manterem a liça contra os aventureiros que viessem disputar. Mal terminaram as danças, um arauto foi pregar no meio do campo, sobre a haste de uma lança, o cartel de desafio, que era assim concebido:

*Os dois cavaleiros, escolhidos pela formosa Princesa Alzira para defenderem sua causa, dizem e farão conhecer a todos os que aceitarem seu gaje, e lhes provarão a três botes de pique e outros tantos de espada, que é justo que uma dama aceite de preferência o esposo que seu pai e senhor lhe destinou.*

Como mestre Bartolomeu terminava o proclamo do cartel, lançando no meio da arena as manoplas, gaje do combate, os mantenedores saíram da tenda; ao mesmo tempo apareceram na extrema da estacada dois cavaleiros de armadura branca e morrião preto.

Traziam a viseira caída; era impossível conhecê-los; ambos adiantaram-se lentamente até o centro da liça; erguendo o gaje dos mantenedores em sinal de que aceitavam o desafio,

descalçaram os guantes e os arremessaram aos pés dos adversários.

Os juízes deram o sinal; os justadores tomaram campo.

— Bem vedes, Sr. D. José, que sou dos primeiros! disse um dos cavaleiros de armas brancas colocando-se em face do alferes.

— Ah! em bem o resolvestes! respondeu o moço cujos olhos lampejavam.

— Descortesia grande seria não responder a tão gracioso invite, retrucou o outro com desdém.

Inesita, que reconhecera nos dois aventureiros Estácio e Cristóvão, sentiu renascerem os sustos, vendo seu amante colocar-se em frente de seu irmão; porém o mancebo pareceu adivinhar o que passava em seu espírito, porque antes de arrancar, pousou a mão aberta sobre a cruz da espada. Compreendeu ela o misterioso juramento? Talvez; um quer que seja serenara o soçobro de sua alma.

O combate começara; rotos os piques sem vitória decisiva de parte a parte, os cavaleiros desembainharam as espadas, e atacaram-se de novo.

D. José tinha cumprido sua palavra; desde o princípio do combate procurava por todos os meios fazer do jogo um duelo; porém a sua arma encontrava sempre a arma de

Estácio, que defendia-se com o maior sangue-frio, resolvido a não tomar a ofensiva, nem derramar uma gota do sangue que para ele era sagrado, porque era o de Inesita.

O moço alferes, a pouco e pouco se ia enraivecendo com aquela resistêcia fria e invencível, que não esperava encontrar em um estudante; ignorava que as lições de Álvaro de Carvalho tinham criado um discípulo, digno do mestre na perícia, superior pela robustez do braço e pela calma inalterável do espírito.

O despeito o tomou a ponto que perdeu a prudência; precipitou-se sobre o contendor com tal sanha, que a multidão, surpresa da animosidade, excitada mais por estímulo de vingança que por brios de cavaleiros, fitou pasma esperando a peripécia do combate.

Então foi a vez de Inesita estremecer pela vida de Estácio, ameaçada a cada momento por seu irmão, cuja espada brilhando à luz das tochas semelhava nos rápidos volteios uma língua de fogo, e parecia, ora embeber-se no peito do moço, ora lambe-lhe o rosto.

Estácio não se alterou:

— Guardai-vos melhor, sr. alferes! dizia ele ao adversário desviando-lhe os botes.

— Curai de vós e não de mim, respondeu D. José, furioso.

— Pois me dais mais cuidado em não ferir-vos, que em defender-me, como quereis que faça? Pareceis ter antes em mente matar-vos a vós, que a mim mesmo!

De repente a espada do alferes, retraindo-se como uma cobra, distendeu-se com velocidade espantosa, e ia tocar o coração do seu adversário, quando a lâmina de Estácio vibrou com o rasgo que lhe imprimiu a mão ágil, e enleou-se na outra, atirando-a ao longe, e deixando desarmado o alferes que rugia de raiva e humilhação.

O moço ergueu a arma; tomando-a pela ponta, apresentou de novo a D. José; mas os juizes interpuseram sua autoridade, e mandaram dar fim ao combate.

— Ficaré para melhor ensejo, disse o alferes embainhando a espada; quando não haja testemunhas que nos olhem, e juizes que nos estorvem.

Estácio inclinou-se, e procurou o olhar de Inesita, para dizer-lhe que tinha cumprido seu juramento; nesse instante Cristóvão conseguia também desarmar o adversário. Os dois amigos, senhores do campo, mantiveram a liça contra os outros aventureiros que se apresentaram, até que por volta de oito horas fechou-se o torneio.

D. Diogo de Menezes e seus convidados recolheram-se a palácio, cujas salas estavam preparadas para um esplêndido sarau que devia pôr termo aos festejos do dia.

Diferentes danças e mascaradas começaram então a percorrer as ruas, armadas de uma extremidade à outra com arcos de luminárias e alamedas de coqueiros, de cujas palmas pendiam lampiões de várias cores.

Entre as ondas de povo, que enxameava na praça do Palácio, distinguia-se o vulto atlético de Bartolomeu Pires, que dominava a multidão com a estatura e com a voz. O mestre de capela, apesar de seus cinquenta anos puxados, não era de todo insensível ao efeito que produzia o seu vistoso traje de arauto sobre alguns mantéus que o cercavam nesse momento.

— Que ancho está mestre Bartolomeu! Nem dá pelos pobres! disse uma voz feminina.

O cantor voltou-se e viu a alguns passos uma comadre alta e esgrouvinhada, rastejando já pelos sessenta.

— Como queria que a visse, tia Eufrásia, no meio desta balborda? respondeu o mestre de capela, torcendo entre os dedos as falripas que lhe pendiam pelas faces rubicundas.

— Cruz! Que é uma confusão de dia de juízo! continuou a tia Eufrásia. Nunca me vi em semelhante entaladela! E para que, minha Mãe Santíssima? Para não ver nada, mesmo nada!

— Pois inda agora chega? perguntou mestre Bartolomeu.

— Prouvera que assim fosse, que não andaria por aí há boas duas horas aos empuxões! Que gentinha tão pífia! Credo!... Não há tir-te nem guar-te com ela! E se uma criatura solta um arre lá, engrifam-se todos! Olhe, mestre Bartolomeu, que se não fosse porque, fazia hoje uma estralada!...

E a matrona, fincando as mãos nos quadris e alongando a belfa, bamboleou o corpo, desafiando a peonagem.

— Alguma lhe aconteceu, que está assim tão arrenegada? disse o mestre de capela admirado daquele desempenho marcial.

— Pudera não! retorquiou a tia Eufrásia. Pois não vejam estes peralvilhos a faltarem com o respeito à gente para se derreterem com a bruxa da alfeloeira!...

— Quem? A Joanhinha?

— Ela mesma. Quem mais há de ser senão a enjeitada da parteira, que a leve o demo? Porque fez de princesa moura, não se cuida já uma dona! Nanja eu, que com ser uma adela, com minha tenda afreguesada, me tenho em tamanha conta como aquela bisbilhoteira. Mas a culpa, fique com esta que lhe digo, é de quem lhe meteu um par de caraminholas na cabeça.

Nessa ocasião ouviram-se os assobios e apupos do poviléu:

— A bruxa!... Olha a bruxa!

— Avó torta de Satanás!...

— Pede ao teu louro que te estique a pele, engelhada do demo!...

A causa dessa vozeria era uma velha mulher coberta de andrajos, que mostrava todas as aparências de mendiga; mas o povo a tinha em conta de feiticeira.

A sua fisionomia provocava a atenção por uma singularidade incompreensível; a fronte coroada de cabelos grisalhos e revoltos era surcada de rugas profundas que lhe sarjavam também as faces crestadas de nódoas e cosidas de cicatrizes; o nariz disforme tinha as vermelhas protuberâncias que revelam o longo uso da embriaguez. Entretanto nesse semblante decrépito e corroído pelos anos e pelo vício, os olhos e a boca estavam respirando mocidade. Ninguém pode fazer uma ideia do aspecto repulsivo que tinha essa pupila negra nadando em leite, e esse lábio rosado sorrindo sobre alvos dentes, no meio daquela horrenda máscara.

Fugindo diante dos apupos, deixando na mão dos rapazes os farrapos de seus andrajos, a mendiga acertou de encaminhar-se para o lugar onde praticavam mestre Bartolomeu e a adela:

— Não deis ouvidos ao que ela diz, mestre Bartolomeu, é uma má mulher! gritou a bruxa.

— Sai-te, mendiga!

— Antes mendiga que ladra!... Cuidas tu, cadela, que és, e não adela, que te fazes... Cuidas tu que não se sabe do teu comércio danado com o judengo? E da tavalagem que dás no fundo da tenda? E do mais que por aí vai?...

— Vamo-nos daqui, mestre Bartolomeu, que hoje parece anda o diabo solto. Dia de festa é sempre isto!... Muito beberrico, por força que hão de vomitar quanta blasfêmia há!

— Vai, vai, cadela, para a pocilga, mas ouve o que te digo!... Estes olhos, que a terra há de comer, não se fechem sem que te vejam pendurada no Largo do Rosário de súcia com teu bonifrate!

Depois dessa praga a feiticeira perdeu-se outra vez na multidão, e deixou que a adela continuasse seu colóquio com o mestre de capela, que seguia um tanto ressabiado do que ouvira e desejoso de ver-se livre da companheira.

De repente souu a voz do licenciado Vaz Caminha; rompendo o cardume de povo que o submergia, conseguira ele afinal surgir na espécie de esteiro, que o Pires ocupava no meio das vagas revoltas desse mar agitado.

O mestre de capela, apenas o descobriu, estendeulhe sua proteção, afastando com um vigoroso arranco dos ombros a

mó de gente que ameaçava esmagar o exíguo talhe do jurista.

— Que ideia foi a vossa de deixar-vos ficar neste aperto, senhor licenciado? Fazia-vos a esta hora em casa bem sossegado.

— Um dia não são dias, mestre Bartolomeu, respondeu Vaz Caminha sorrindo.

— Assim é, mas na vossa idade...

— Os velhos gostam às vezes de lembrar-se de seu tempo. Partia-me do Colégio, como principiava o torneio, e influí-me para ver o menino...

— Vistes então como ele desarmou o alferes! Que bote, heim!

— E não lhe achastes um belo parecer? perguntou o advogado satisfeito.

— Com perdão de Sua Mercê, acudiu a tia Eufrásia fazendo uma mesura ao doutor. Era o cavaleiro mais guapo de quantos se apresentaram; eu sei de alguns cujos que se ralavam de inveja.

— Porém o melhor foi na cavalhada, disse o mestre de capela. Não assististes?

— Não, respondeu o licenciado.

— Pois eu vos conto.

— E a da argolinha? retorqui a matrona.

Tomando seu ar grave e solene das grandes ocasiões, Bartolomeu Pires começou a narrar em voz de cantochão a cena, que passara por causa da distribuição do primeiro preço, e na qual ele representara o importante papel de pregoeiro.

Mal tinha concluído o exórdio, quando a tia Eufrásia, que o escutava com atenção religiosa, descrevendo uma elipse, veio-lhe de encontro ao abdome volumoso e proeminente que repercutiu como um adufe.

— Jesus! Valei-me!...

O mestre de capela acompanhou este grito da matrona com um grunhido surdo, arrancado pela dor que sentira e o obrigara a dobrar a respeitável corpulência.

O acidente desagradável, que atalhara de um modo tão desastroso a eloquência de mestre Bartolomeu, era produzido por uma revolução súbita que se operava na multidão. Em meio da praça fora ouvido um clamor; de repente um torvelinho de homens, deslocando as massas de povo, precipitou para as extremidades, esmagando quanto se opunha à sua passagem.

O coro de lamentações e gemidos, o choro do mulhero que se encomendava a todos os santos do calendário, as imprecações e juras do poviléo, e algumas vozes de ameaça que destacavam-se na confusão geral, formavam o ruído da torrente impetuosa, que transbordava de seu leito, escoando pelas ruas adjacentes.

Passado o primeiro momento de entalamento, mestre Bartolomeu percebendo o que sucedia, endireitou-se; filou pela gola da garnacha o licenciado que já garrava arrastado pelo turbilhão, e dispôs-se a resistir ao combate furioso das ondas do povo que se encapelavam umas sobre outras.

Firme e impávido como rocha, com a tia Eufrásia que lhe agarrava as panturrilhas, e o licenciado metido embaixo do braço, jogando ao mesmo tempo os ombros hercúleos e a pesada manopla habituada a bater o compasso do fabordão, opondo à enxurrada que o envolvia, as formidáveis ancas, mestre Bartolomeu Pires oferecia um grupo digno de uma estátua, que não teria inveja à de Laocoonte.

Com pouco a multidão rarefez-se; no centro da praça, via-se uma pinha de gente, que falava a um tempo e aos empuxões como para descobrir alguma coisa que passava no meio do ajuntamento; entre a vozeria e o burburinho que fervia sobre tantas cabeças encandecidas, distinguia-se um rugido, que parecia antes de fera que de homem.

O mestre de capela tinha-se aproximado, seguido pelo licenciado sempre calmo e sereno e pela matrona, que já restabelecida do susto estava com a curiosidade aguçada ao último ponto, tanto que foi metendo o nariz pela primeira aberta que o acaso lhe deparou.

Ia-lhe custando caro a sofreguidão, porque sem o socorro de Bartolomeu, que ainda desta vez lhe valeu, era muito provável ficasse de menos com a rodilha do toucado, que se embaraçara nos colchetes de um gibão; mas o cantor, vendo-a naquelas aflições, quase de rastos, com a melena esticada sobre o occipício, recorreu a um meio sumaríssimo: livrou-a, arrancando o colchete e com ele um punhado dos cabelos grisalhos da tia, que estrebuchou de dor.

Vaz Caminha voltava-se então:

— Mestre Bartolomeu, acudi se é tempo, que talvez poupeis algumas vidas! disse o advogado. Sinto não ter forças para ajudar-vos.

— Como quereis que afaste este poder de gente? Não vedes que estou a esforçar tanto há?

— Por isso não; meios nunca faltam, respondeu Vaz Caminha com sua mansidão ordinária.

— Pois se o sabeis, servi-me com o vosso conselho.

O licenciado chegou-se ainda mais ao grupo, e alçando a voz, bradou:

— O alcaide e seus homens!

Imediatamente, como por uma influência mágica daquelas palavras, o grupo se abriu, e os espectadores voltaram-se, interrogando com os olhos e com a fala, para saber onde apareciam as personagens anunciadas, a quem competia velar sobre a segurança pública.

Aproveitando a primeira aberta, o advogado barafustou por entre o povo; após ele o mestre de capela e a matrona em quem a curiosidade podia mais do que o receio de uma segunda descabelação; porém os três pararam diante do espetáculo horrível que se apresentou às suas vistas.

Um mariola trigueiro, com a fisionomia decomposta pela raiva, a fronte golpeada, os cabelos em desordem e o olhar inflamado, brandia na mão direita uma larga adaga já escorrendo sangue, e com o braço esquerdo cingia pelo talhe uma pobre moça, que ele meneava como um escudo, contra aqueles que o atacavam; mantendo assim imóvel, ou pelo receio de ser ferida ou pelo receio de ferir a rapariga, a multidão que o cercava.

Apesar disto, porém, tinha em frente um competidor que não lhe deixava um momento de repouso.

Era homem ainda moço, de pequena estatura, mas de uma construção vigorosa; tinha pescoço de touro, ombros largos e quadrados como o plinto de uma coluna, braços curtos e grossos, quase sem formas, terminando em duas manoplas formidáveis, cujo peso bastaria para vergar o infeliz sobre quem se abatessem.

Vestia escarlata grosseira; na cinta de couro branco que apertava o pelote ao corpo, via-se um largo manchil de carnicheiro, que indicava a sua profissão de magarefe ou cortador de reses nos açougues.

Desprezando aquela arma temível e servindo-se dos braços nus, parecia cuidar unicamente de arrancar das mãos do seu adversário a rapariga, que se debatia já quase a desfalecer. Insensível às feridas que rasgavam-lhe o ombro e o pescoço, indiferente ao sangue que lhe escorria pelas vestes, o carnicheiro não toscanejava; toda sua atenção estava concentrada na luta e todos os seus esforços eram para livrar a vítima do conflito, sem contudo ofendê-la. Depois de conseguido esse fim, quando já o não tolhesse o receio de tocar com sua arma o corpo delicado da moça, então ninguém sabe o que aconteceria.

Vendo este combate do primeiro lanço de olhos, a tia Eufrásia vacilou sobre os joelhos, levando as mãos às repas e bradando misericórdia:

— Filho! Anselmo!... Quem me acode!... Ai! meu Jesus de minha alma!

Vaz Caminha com risco iminente de vida adiantou-se erguendo a cana de Bengala, ao passo que mestre Bartolomeu procurava tomar de esguelha o filho da tia Eufrásia, que arrastava a rapariga, e facilmente se conhecia ser o causador da desordem.

Percebeu isto o Anselmo; afastou a tia Eufrásia e fez girar a adaga com tal força e agilidade, que obrigou a multidão a recuar.

— Arredo! gritou ele. Arredo!...

Então foi horrível a confusão; o povo que em princípio, impellido com o pânico, escoara pelas ruas vizinhas, voltava excitado pelo desejo de conhecer a causa do tumulto. De novo arremessando-se para o centro da praça, como fluxo de maré, comprimindo o estreito círculo do combate, enovelou espectadores e adversário num só remoinho.

Uma espada volteou no ar; houve um grito abafado e o tumulto serenou de chofre.

Era o tempo, em que o alcaide-pequeno com os seus quadrilheiros armados de lanças desembocava pela Rua da Sé, e varava entre o povo para aproximar-se do lugar do conflito e prender os delinquentes, que transgrediam a Ordenação do Livro Quinto, levantando volta e assuada.

Mas já o tumulto fora apaziguado; da luta renhida e encarniçada apenas restava o morno silêncio que sucede aos grandes clamores, como às grandes borrascas.

Inesperada intervenção pusera termo ao combate; quando Anselmo impellido com a pressão da onda popular, amiudava os golpes, surgiram dentre a multidão Estácio e Cristóvão; fora a espada do primeiro dos cavalheiros que batendo de prancha, fizera voar a adaga da mão do lutador.

Estácio, ao sair do torneio, correrá a casa a tomar suas roupas de gala, para ir-se ao sarau.

Na volta parou como prometera no adro de Santa Luzia, olhando para o mar. Sentiu logo o contato macio de mão que apertava-lhe docemente o braço, e as falas de uma voz maviosa, como o canto do saí.

A dama velada estava em face dele:

— Deus vos recompensará, cavalheiro, a graça de acudir tão pronto ao meu rogo.

— Ordenai, senhora, em que vos possa eu ser agradável.

— Esta que vos fala é uma dama infeliz e ao desamparo dos homens, sem outro apoio mais que Deus. Em sua angústia inspirou-lhe ele que se valesse do vosso braço, e venho em seu nome pedir-vos proteção contra a desventura. Me recusareis?

— Não a pode recusar um cristão ao próximo, nem um cavalheiro às damas.

— Bem me dizia o coração que esperasse tudo de vossa generosidade. Não é porém chegado ainda o momento de recorrer ao vosso esforço; em ele chegando vos mandarei aviso. Até lá permiti que me conserve velada e desconhecida.

— Não preciso conhecer-vos para servir-vos; basta que me assegureis que vossa causa é boa e justa.

— Eu vo-lo juro!

— Então só careço de conhecer vosso inimigo.

— Heis de conhecê-lo em tempo. Não vos quero deter mais. Sei que vos esperam no sarau.

A voz teve um ligeiro estremeamento.

— É a hora de lá estar, disse Estácio.

— Dai-me vosso braço; deixar-me-eis em caminho.

A dama seguiu com passo demorado ao flanco de Estácio, fazendo-lhe perguntas sobre as justas e o torneio. A pouca distância um vulto aproximou-se deles e com voz lacrimosa solfejou:

— Esmola pelo amor de Deus!...

— Não trago moeda comigo! murmurou a dama.

Estácio tirou da cinta a bolsa esquia, e se não fosse a escuridão, sua companheira veria o rubor que lhe acendeu as faces. Com doce violência, cheia de faceirice, ela arrebatou-lhe a bolsa das mãos, exclamando:

— Quero dar-lhe eu mesma! Depois voltarei o que ficar-vos a dever.

Tirou da bolsa algumas pequenas moedas de prata, resto dos dobrões deixados pela mãe de Estácio, e deu-as à mulher que implorara a caridade e logo sumiu-se. Então os seus

dedos nevados, com uma graça irresistível, repuseram a bolsa à cinta do cavalheiro.

— Ora vos deixo, cavalheiro. Ide-vos, aonde já revoam vossos pensamentos.

Desprendeuse do braço de Estácio e afastouse, lentamente, como se desejasse ser retida; mas ele ficou olhando-a alguns instantes, e encaminhou-se à casa de Cristóvão que já o esperava.

Juntos se dirigiam a palácio, quando o burburinho dos curiosos, os gritos dos adversários, o fluxo e refluxo da multidão, os atraíram ao lugar do conflito.

O primeiro cuidado dos cavalheiros foi livrar das mãos de Anselmo a rapariga que parecia causa e vítima da briga. Ela tinha desmaiado com o susto que sofrera; apenas livre cobrou os espíritos, e Cristóvão reconheceu, apesar das vestes rotas e ensanguentadas, o rostinho brejeiro e petulante da princesa moura, não alindado como há pouco, senão pálido, amortecido e velado pelos cabelos em desordem.

— Então, formosa princesa, disse o moço sorrindo, não te contentas que senhores e cavalheiros justem por tua beleza, e ainda vens dar torneio na praça pública?

— Por minha mãe vos juro, senhor cavalheiro, que não é culpa minha, replicou a rapariga abaixando as pálpebras

rosadas.

— É minha, aposto! acudiu o mancebo gracejando.

— É de quem Deus perdoe o muito mal que me queria fazer, respondeu a princesa. Como saía do torneio, seguiram-me estes dois que aí vedes, e tanto se travaram de razões, que por fim vieram às últimas. E eu inocente que pague as custas.

— Estás ferida? perguntou Estácio.

— De ferro não, que antes o fora que da fama. Que não dirão de mim?

— Sossega, Joanhinha, acudiu Cristóvão, mal não pode vir a quem mal não obrou.

— Sabes o que deves fazer? disse Estácio para a rapariga.

— Agora mo direis, senhor cavalheiro, respondeu ela fazendo uma mesura graciosa.

— Pois que esta noite tens foros de princesa, escolhe destes dois paladinos teus, cujo queres ser a dama dos pensamentos.

— Justo! exclamou Cristóvão. É o meio de terminar a contenda. Qual preferes?

— Nenhum, disse a alfeloeira com desdém.

— Queres mostrar esquivança que não sentes; fala.

— Quem eu escolheria, talvez me não quisesse a mim, ou me não soubesse querer, murmurou Joaninha com uma sombra de melancolia. Mais val que ninguém o saiba.

— E se eu te disser que sei? tornou Cristóvão.

— Voto a Deus que não!

— Não será este mariola que te defendia contra o outro, e agora esquece o sangue que lhe corre das feridas para não tirar os olhos de ti?

— Tiburcino!... exclamou a mulatinha fazendo um muxoxo. Ele sabe que não; tanta vez lho tenho dito, que não há conta já. Se continua a querer-me, mal de si.

— E nem dó tens de o ver naquele estado por tua causa? disse Estácio.

— Oh! que sim! Dó, muito! Como o sangue lhe corre! exclamou Joaninha.

Rasgando uma tira de tafetá de seu manto de princesa já esgarçado, chegou-se para o carnicheiro e tratou de estancar-lhe o sangue.

Um estremeamento de prazer abalou o corpo robusto de Tiburcino, quando sentiu o tato das mãos da alfeloeira; a fisionomia que a dor contraíra achatou-se com um riso alvar.

Chegavam então os homens do alcaide. Os respeitáveis quadrilheiros daquela época já cultivavam, como seus dignos sucessores da polícia moderna, o velho axioma do “mais val tarde que nunca”. Não vinham a tempo de aplacar o tumulto, mas sempre conseguiram empolgar o mariola, que incorrera na pena da Ordenação.

Anselmo, apenas desarmado pelos dois cavalheiros, fora subjugado por mestre Bartolomeu, apesar das súplicas da mãe, cujas lamúrias e choradeiras eram entremeadas de baldões contra a pobre rapariga, que excitara a ojeriza da tia Eufrásia.

Cristóvão obtivera da autoridade a soltura de Tiburcino, que outra culpa não tinha senão a de querer obstar a violência feita a Joaninha. Os quadrilheiros conduziram unicamente Anselmo, que foi-se, lançando sobre a cena que deixava, um olhar torvo e mau.

Anunciando a música em palácio o começo do sarau, os dois amigos iam partir, quando Estácio percebeu o Doutor Vaz Caminha, a quem não tinha visto, pelo cuidado com que o advogado se ocultava atrás de mestre Bartolomeu.

— Estáveis aqui? perguntou o moço com solicitude e reparando nas vestes amarrotadas do licenciado. Nada vos sucedeu neste tumulto?

— Nada, nada; podeis tranquilizar-vos, filho. Saí quite por um rasgão na capa; mas não é coisa que valha a pena.

— Vinde, deveis estar farto de ver povo e luminárias; vou conduzir-vos a casa, para que não fiquéis sujeito a alguma pior.

— Há tamanha confusão! disse Cristóvão.

— Não vos inquieteis, outra vez vos digo. Ide-vos ao sarau; eu fico por aqui.

— Tanto gostais da festa? admira-me isso!

— *Nihil mirari*, filho, é o preceito do sábio, bem o sabeis.

— Mas não podeis andar só, no meio desta vilanagem, replicara Cristóvão.

— Deixai-me vosso pajem, Estácio; ele me basta.

— Gil! disse Estácio alteando a voz.

Um menino de quatorze anos, vivo e esperto, que acompanhara os cavalheiros e se conservava a alguma

distância, chacoteando e rindo com outros da sua idade, aproximou-se.

— Segue o senhor doutor; tu me respondes pelo que lhe acontecer.

— Não tem dúvida, Senhor Estácio! respondeu o pajem com certa galhardia, levando a mão a uma pequena adaga que trazia à cinta, e perfilando o talhe franzino.

Os dois cavalheiros e o doutor sorriram do recacho cavalheiresco de Gil.

— Já vedes que estou em boa guarda; parti-vos tranquilos; não desperdiceis os momentos de prazer, que tão raros vêm e tão cedo vão.

Estácio e seu amigo deixando o licenciado, atravessavam para palácio. Antes de lá chegarem, a mendiga que os vira passar correu a eles:

— Não quereis ouvir a *buena-dicha*, cavalheiros? disse ela com voz submissa e volvendo em torno olhares suspeitosos.

— Se adivinha és, como te inculcas, dize-nos primeiro onde dançarás um dia, na corda ou na fogueira?

— Não quereis então que vos tire a sina?

— Para quê?... retorquiu Ávila. Se boa for, não acreditaremos na sorte; se ruim, melhor é não a saber.

A bruxa enristou-se, chocando com um olhar perverso os dois mancebos que passavam diante dela ricos de mocidade e esperança.

— Pois heis de sabê-la! resmungou ela. Ouvi bem e guardai!

Deu à voz uma entonação sarcástica:

— Sois tão amigos, gentis cavalheiros, tão unidinhos do coração, que ao cabo desejareis trincá-lo um ao outro!...

E soltou uma risada.

Estas palavras e o relincho sardônico que as envolveu, vibraram tristemente na alma de Cristóvão. Não que fosse supersticioso; porém a amizade que votava a Estácio era sensível e nervosa, como a afeição de uma dama. Voltou-se para a feiticeira.

— Vinde cá, mulher! Tomai...

Apalpou o cinto e sorriu; lembrara-se de aplacar as iras da Sibila das ruas, e conheceu que não tinha moeda.

— Trazes bolsa, Estácio?

— Que significa isto?... exclamara o outro.

O estudante, tirando da cinta a bolsa para dá-la ao amigo, ficou surpreso porque não era a sua, mas outra primorosamente bordada a fio de prata e pérolas. Abrindo-a viu que estava cheia de meias dobras. As mãos lhe queimavam como se brincasse com brasas ardentes; parecia-lhe que os olhos de toda a multidão o perseguiram como o receptor do alheio.

Cristóvão também admirado replicou:

— Estás mais rico do que esperavas?

— Esta bolsa não me pertence!

— E como se acha em teu poder?

— Não sei!...

A bruxa resmungou a rir:

— Fortuna de quem empresta às damas caridosas!...

Estácio lembrou-se de repente da dama velada.

— Ah! agora entendo! Vem, que te contarei...

— Empresta-me primeiro uma moeda para dar a esta pobre. Aí tendes, mulher; rogai pela ventura de uma boa e santa

amizade!

— Rogarei, bom cavalheiro!

E sumiu-se.

Ouvindo o nome de Gil, Joanhinha que ligava as feridas de Tiburcino, voltou o rosto; seu olhar afetuoso envolveu o menino. Depois, quando os cavalheiros se afastaram, disse-lhe sorrindo:

— Adeus, Gil; não me falas?

— Deus te dê boa-noite, Joanhinha; à fé que te não tinha visto.

— Vem cá, onde vais?

— Vou meu caminho, respondeu o menino tomando a direção em que ia o licenciado.

A alfeloeira acabou de curar o magarefe. Este durante todo aquele tempo não proferira uma palavra, tão absorto ficara em devorar com os olhos as formas sedutoras da moça. Estava como embriagado; temia que sua voz quebrasse o encanto, em que o tinha preso o toque suave das mãos mimosas.

— Agora podeis ir-vos a casa repousar. As feridas não vos doerão tanto, disse Joanhinha.

— Não são estas as que mais me doem; outra tenho, e bem funda, que sangra como nenhuma.

— Para essa não lhe sei o remédio, replicou a rapariga sorrindo.

— Sabeis-lo; mas não quereis dá-lo!

— Que o quisesse, não podia.

— Basta já de negaças, Joaninha. Tanto há que me trazeis assim neste embeleco! Por São Tibúrcio, meu divino patrono, que se não pondes termo a isto, a coisa acaba mal.

— Escutai cá, Tiburcino. Já vos disse o que podia dizer, não mais. Tenho eu culpa de me quererdes mau grado meu?... Fazei o que vos aprouver; porém mal aconselhado anda quem pensa ganhar a vontade de alguém com tais abafas.

— Não vos enquizileis, por quem sois, Joaninha de minha alma! Ninguém me tira de que sou um néscio e um sandeu! Não sei que faço; mas tende dó de mim; dizei-me ao menos que se me não dais esperança, também a outro...

— Oh! lá isso é demais, sô Tiburcino! Cada um tem seu segredo; nunca perguntei o vosso, deixai o meu em santa paz.

— Por Deus, que atinarei! exclamou o carnicheiro batendo com o punho no peito amplo e vigoroso. Então ist'há de

virar, ou eu não me chamo mais Tiburcino!

— Que haveis de fazer? perguntou a rapariga medindo-o com os olhos.

— Inda perguntais-lo! É pouco roubar-me tudo? E eu que cruze os braços? E não me desforre?...

— Pois então desforrai-vos em mim; pois lhe quero a ele, sem que ele o saiba; ouvis?

— Calai-vos que me ensandecéis!

— Para que me fazeis falar?

— Se me tendes dito isso há um'hora quand'ele queria levar-vos, aqui ficaríamos os três!

— De quem cuidais? De Anselmo? Como vos enganais.

— É ele mesmo! Outra não me escapará.

— Pois bem, ficai-vos com essa; mas sempre vos digo, que se armardes brigas, não achareis mais cavalheiros que vos livrem da gaiola.

— Ouvide, Joaninha.

— Não quero ouvir nada. Deixai-me sossegada; estou cansada de aturar magarefes!

Tiburcino quis segui-la, mas debalde: a mulatinha tinha-se perdido na turbamulta. Então o tomou tal acesso de raiva e ira contra si mesmo, que aferrando um punhado de cabelos, arrancou-o com desespero.

Estava escrito, que a tia Eufrásia passaria nessa noite por todas as provanças; tendo-se aproximado para ouvir a conversa de Joanhina, que lhe devia dar tema vasto de murmurações, acertou que a mão de Tiburcino, com o movimento brusco que ele fizera, deu tal repelão nas ventas da matrona que a estendeu a fio comprido.

— Aqui d'El-Rei!... Que me matam!

O amante infeliz de Joanhina, preocupado com seu infortúnio, nenhum caso fez do acidente; maldizendo-se do seu caiporismo, foi afogar as mágoas com um trago de vinho de Caparica na bodega do Brás Judengo.

A retirada porém não o salvou da ladainha de epítetos afrontosos, que a adela cantou em todos os tons, e com as várias modulações da voz fanhosa e esganiçada.

— Magarefe dum demo! Cão tihoso! Coisa ruim! Bargante! Alma danada!... Pragas te consumam, cascarreia de mouro! Judengo! Marrano!... Tu ma pagarás com língua de palmo!

A tia Eufrásia continuaria a glosar este mote pelo resto da noite, se um dos quadrilheiros, que o alcaide deixara entre a

multidão para evitar novos distúrbios, não a interrompesse.

— Arre lá também! Cala-te, boca praguenta! Se não queres ir pelo mesmo caminho que Anselmo...

A adela tragou o muito que ainda tinha a vomitar; e tratou de recolher antes que lhe sucedesse mais alguma catástrofe nessa noite, que para outros fora tão cheia de folgares e alegrias, para ela tão farta de amarguras.

Ao tempo que isto tinha lugar, Joanhinha perdida entre o povo, corria inquieta e sôfrega de um a outro ponto; desde que deixara Tiburcino parecia procurar entre a multidão uma pessoa; mas todos os seus esforços eram inúteis, e a levavam de decepção em decepção.

A vida dessa rapariga tinha a sua crônica misteriosa.

Ninguém sabia de seus pais; mas quase toda a gente a conhecia por causa de sua profissão de alfeloeira ou mercadora de doces e confeitos, que ela vendia pelas ruas numa cestinha de palha; neste mister ocupava todo o dia, percorrendo de uma extrema à outra a cidade do Salvador; às vezes, quando sentia-se fatigada ou quando o sol estava a pino, sentava-se na portada da Sé ou no cruzeiro do Colégio. Divertia-se então em trançar palha de várias cores, com que tecia lindos cabazes e os mais vistosos abanos que ver-se podiam.

Estes dois ramos de negócio sobravam para sua subsistência. Ninguém a via desalinhada, senão mui composta e bem trajada. A beleza e graça natural davam-lhe o sentimento de faceirice inseparável de toda a mulher, que conhece o poder de seus encantos e deseja ostentá-lo, ainda que por simples e inocente vaidade.

A propósito da alfeloeira, um reparo.

Há pequenas indústrias que por sua natureza são próprias da mulher, e formam a sua especialidade na grande oficina do trabalho social. Exercê-las o homem, a parte robusta e livre, parece além de efeminação, injustiça ao sexo frágil e delicado, cuja atividade não é só restringida pela natureza, mas acanhada pelos usos e costumes.

Sentiram os antigos legisladores a necessidade de garantir a mulher contra a indecorosa concorrência do homem na exploração dessas indústrias, femininas por sua natureza. A ordenação do livro 1.º tít. 101 proibia que houvesse alfeloeiros e obreeiros; porém acrescentava “se algumas mulheres quiserem vender alféloas e obreias, assim nas ruas e praças, como em suas casas, podê-lo-ão fazer sem pena”.

Por que não será aproveitada na legislação moderna tão salutar disposição?

A liberdade do trabalho tem limites; e nenhum mais justo e sagrado do que a proteção devida pela sociedade às órfãs do

século e pupilas da lei. Se a especulação do homem não disputasse à mulher o seu direito ao trabalho, quem sabe quantas misérias não seriam remidas do vício? O pão amassado com o suor é acerbo alguma vez; o pão amassado com lágrimas amarga sempre.

Voltemos a Joanhinha.

Corriam sobre seu nascimento dizeres cuja origem aliás ninguém conhecia.

Contavam que em certa noite aparecera na rua uma criança envolta nas faixas; ali fora achada por uma parteira já idosa, a comadre Brites, que voltava de assistir certa dama. A boa mulher recolhera a criança e a educara.

Diziam mais que na toalha da menina vinha cosida uma carta na qual se pedia à pessoa que a encontrasse, tivesse dela cuidado até a idade de vinte anos, em que seus pais a reconheceriam, recompensando largamente a alma caridosa que a houvesse recolhido. Daqui tiravam mil comentários; e não faltava quem dissesse que este mistério ocultava um alto nascimento.

É a sorte dos enjeitados darem tema às fábulas fantasiadas pela imaginação popular, sempre disposta a acreditar no maravilhoso. O que havia de certo a respeito de Joanhinha era ter sido ela criada pela velha parteira a quem pagava a educação que lhe dera com muito amor e o melhor dos

ganhos de sua indústria. A princípio a tia Brites ajudara com seu escasso mealheiro o pequeno negócio; mas em pouco a freguesia tornou-se tão numerosa, as alféolas de Joanhina começaram a ser tão cobiçadas pelas bocas mimosas das meninas baianas, os seus abanos tão desejados pelas fidalgas, o seu gentil sorriso tão admirado pelos cavalheiros, que logo colheu os frutos do seu trabalho. À uma confessavam todos que na cidade do Salvador não havia nem mais feliz, nem mais formosa alfeloeira.

O desamparo de sua vida livre, bem como a ausência de família, junto à pobreza e ignorância do estado, fez supor aos rapazes namorados que seria uma conquista fácil; mas Joanhina, que já tinha ganho pela formosura e jovialidade a admiração geral, ganhou com uma virtude austera e uma esquivança constante, a estima e respeito da boa gente. Acabaram por confessar que ela não era só a mais gentil, senão a mais honesta de todas as alfeloeiras dos dois reinos de Portugal e Algarves.

Em verdade, nessa existência vagabunda não havia fato por pequeno que fosse, do qual pudesse nascer a mínima suspeita contra a honestidade de Joanhina; não se sabia, nem sequer desconfiava, de um rapaz ou mesmo senhor a quem ela tivesse dado mostra de bem-querer. Entretanto essa pessoa existia, pois a rapariga o confessara na conversa com Tiburcino; mas o nome estava guardado tão dentro do coração, que nem olhos de rivais, sempre alerta, tinham podido ver na sombra desse mistério. Seria seu amor mal

pago? Assim parecia à primeira vista; pois a alma feliz é flor a desabrochar: tem um perfume que recende.

Mas custaria a admitir semelhante conjectura quem vira a expressão travessa e viva de seu olhar, o sorriso malicioso, e a faceirice do gesto galante. Amores tristes e mal afortunados não vivem em crisálida assim dourada e brilhante. Que houvesse completa felicidade, também não era provável. Em certas horas, mais frequentes quando estava só e ninguém a via, a expansão de contentamento desvanecia: anuviava-lhe o rosto sombra fugace de melancolia, recuerdo ou pressentimento de mágoas.

E porque, em assunto de amores, “essa dor é tão palreira, diz o nosso João de Barros, que logo descobre o que sente o coração”, a crença geral decidia-se pela absoluta isenção da feiticeira mulatinha.

Entretanto a alfeloeira continuava a correr em todas as direções sem achar o que procurava. Não se podendo ter já de fatigada, sentara-se na soleira de uma porta; e começou de cantarolar um vilancete, olhando de longe para as janelas iluminadas do palácio.

O que Joanhinha cantava a meia voz, era, se a crônica não mente, uma trova de Gil Vicente, em compasso de lundu:

*Quem quereis que veja olhinhos,  
Que se não perca por eles*

*Lá por uns jeitinhos lindos  
Que vos metem em caminhos;  
E não há caminhos neles,  
Senão espinhos infindos.*

Houve momento em que a alfeloeira suspirou; sentiu cobrir-lhe o coração uma das nuvens de melancolia que às vezes passavam no céu dos seus pensamentos. Breve rarefez-se a névoa, pois ainda no fundo de sua alma ingênua e pura não estancara a fonte das alegrias inefáveis da juventude, que o mundo, vasto areal, a pouco e pouco vai sorvendo, até que a exaure.

Quem a visse então, acompanhando a música do sarau com a voz e as inflexões da cabeça, traçando com a ponta do pé figuras e passos de dança, e dando estalinhos de castanhola nos dedos, não julgara possível esconder aquele sereno júbilo da mocidade um pesar oculto.

Passavam Bartolomeu Pires e Vaz Caminha. O licenciado oferecera ao mestre de capela uma vez de vinho; nessa intenção dirigiram-se à bodega do Brás.

Gil, cumprindo à risca a ordem de Estácio, acompanhava o licenciado; caminhava arremedando com a sua figurinha de pajem o andar solene e magistral do ex-arauto.

Mal descobriu o menino que seguia sem vê-la, Joaquina ergueu-se de um salto, e cobriu os olhos do pajem com as palmas das mãos.

Ele não se mostrou surpreso da travessura.

— Cuidas que não te conheço as mãos? Tanta alféloa tenho manjado amassada por elas!...

— Também! Não se doam mais elas das que amassarem para ti! respondeu Joaquina despeitada.

— Por que então? Algum mal te fiz eu!

— Inda agorinha? Quase nem me falaste.

— Não viste o cavalheiro mandar que seguisse o senhor licenciado?... Lá dobram o canto! Vou-me após eles.

— Espera!

— Que me queres?

A alfeloeira hesitou corando.

— O Senhor Estácio está no sarau? perguntou depois de uma pausa.

— Pois que para lá foi; lá deve estar.

— Que lindas que são aquelas danças! disse ela suspirando, com os olhos voltados para o palácio. Não te fazem inveja? Não estimarias também ter a tua dama, Gil?

— Ixe! Eu cá penso nisto! disse o travesso pajem afastando-se.

— Até amanhã!... gritou a alfeloeira.

— Guardas-me alguma coisa?

— Vê-lo-ás.

— Pois sim.

Gil correu a alcançar o licenciado que de fato quebrara a esquina; Joantina voltando-se deu com Tiburcino.

O magarefe estava sombrio e torvo como uma borrasca prestes a desabar; a testa breve e estreita desaparecia franzindo e caía-lhe sobre os olhos pequenos mas vivos; os beiços grossos, fendia-os uma coisa entre carranca e riso, arreganho de dentes, que gelava a medula dos ossos.

Fitando na moça a vista ameaçadora, arrancou a custo da garganta voz surda e cava, antes rugido de fera:

— Sabe-se já por quem vos morreis de amores!

— Quem? perguntou a alfeloeira pálida e trêmula.

— O Senhor Estácio! disse Tiburcino, como se aquele nome lhe queimasse os beiços.

Joaninha soltou uma gargalhada e desapareceu.

O ramo de louro, antes graveto de tão seco e preto que era já, suspenso à porta, indicava a taberna do Brás.

As vendas, que ainda hoje se encontram, viajando-se as províncias do sul, dão boa amostra do que era ela. O principal repartimento consistia numa espécie de varanda em quadra, primitivamente aberta e agora fechada com tabiques. Fazia as vezes de balcão uma janela bastante larga e rasgada na parede do fundo; ali repimpava-se o judengo no seu trono báquico, feito de um tonel, através de uma cortina de botelhas, almotolias e canjirões.

Sobre a tez vetusta e denegrada que geralmente apresentavam todos esses objetos desde o edifício até a frasca, espontava aqui e ali um ou outro ponto que tinha ar de frescura e novidade. Eram melhorias introduzidas por mestre Brás depois de sua viagem ao reino.

De ordinário só havia na varanda uma grande mesa esquinada, posta no centro e ao comprido; naquela noite porém, como essa não bastasse para a gente da festa, mestre Brás, sempre fértil em recursos, engendrara modos de satisfazer a sua numerosa freguesia. Uma tábua passada da janela a um cavalete, e barris ou quartolas voltados de borco, faziam bom suplemento de mesas, estreitas sim, mas suficientes para o pratel e a malga.

O popular enchia a taberna, e o fluxo e refluxo dos que entravam e saíam agitava a multidão. Um caboclinho de doze anos de idade acudia aos fregueses e ia de um a outro canto, já saltando por cima das mesas com uma agilidade de saltimbanco, já mergulhando como um peixe por entre as gâmbias dos bebedores. Havia na fisionomia desse menino, como em toda a sua compleição, ares de tristeza e abatimento. Na ligeireza de seus movimentos não aparecia a vivacidade alegre própria da infância, mas um certo movimento ríspido e frio como o de um autômato.

Era Martim, o bicho da taberna, e já nosso conhecido.

Mestre Brás, de costume sempre alerta aos menores gestos dos fregueses, estava nessa noite preso de uma preocupação qualquer. Bem profunda e grave devia de ser ela; o giz esquecido na mão inerte já não marcava na folha carunchosa da janela o rol da despesa feita por cada freguês; e coisa ainda mais estupenda, a paga escorregava pelos dedos frouxos, sem o infalível contado e recontado. Se a gente que ali estava a beber e vozear tivesse tempo de reparar nestes sintomas assustadores, acreditara por seguro que o demo dera volta ao miolo do taberneiro.

Afinal, depois de bom esperar, os olhinhos pardos que o judengo tinha pregados na porta, fisgaram-se como dois croques em um sujeito que entrava. O recém-chegado trazia com efeito uma cara de caso. Era homem da plebe, de má catadura e piores obras; parara na penumbra da parte de

fora, e apenas viu enfiar-se pelo seu o olhar interrogador e assustado de mestre Brás, levantou a mão direita à altura da face, cerrando-a logo após com o gesto de quem fecha alguma coisa na palma.

O taberneiro pulou no fundo da quartola que lhe servia de tamborete, como se fosse de borracha. Alongou o pescoço por entre os garrafões, e os beiços moveram-se mudamente como soletrando, sem pronunciá-la, uma palavra:

— Filado?...

O sujeito parece que traduziu a palavra pelo simples movimento labial, pois a confirmou com uma flexão de cabeça; e ao mesmo tempo designou com um olhar a Praça do Palácio. Mestre Brás bufou de raiva, armando um murro ao demo; o caboclinho que se achegava na ocasião o recebeu em cheio no estômago e revirou de cambalhota, sem força de soltar um gemido.

— Toma, enguiço de Belzebu, é para o teu tabaco!... Já!... Salta daí! berrou o judengo atirando à criança um pontapé; vai dizer àquele tiro de azêmolos... àquele que ali está restolhando dês trindades, que se ponha ao vento!... Basta de beberrico! A freguesia está farta e refarta de esperar! Deixem a malga aos outros, que também a querem!

— Bem falado, mestre Brás! exclamaram alguns fregueses que estavam de pé.

— É mesmo! acudiram outros. A cada qual sua vez.

Os quatro latagões da camarada, que o taberneiro em sua linguagem pitoresca chamara de tiro de azêmolas, levantaram a orelha; mas ao avesso do que se deveria esperar de gente de tal laia, foram de manso desocupando a mesa a que estavam agarrados desde o começo da noite, e esgueirando-se pela porta. No momento em que se aproximaram do balcão, fingindo pagar o escote ao taberneiro, este disse-lhes rápido e em voz quase imperceptível:

— Fila d'Anselmo!... Ide sem detença!

O sujeito do sinal parece que só esperava pela camarada, pois foi-se com ela. Ao sair cochicharam os cinco entre si, e logo separaram-se em direções opostas por entre os grupos de festeiros e populares. Com pouco o murmúrio, que plaina sempre sobre a multidão como o zumbir das colmeias, se fora elevando; vozes soltas soaram mais alto; o popular fervilhou; um primeiro indivíduo correu para a extremidade da rua; depois segundo, logo terceiro; e afinal a turbamulta precipitou-se em cheio.

De envolta com o estrupido dos pés ouvia-se um vozear múltiplo e confuso que parecia dizer:

— Briga na Praça outra vez!...

A onda de povo, que alastrara pelas ruas adjacentes logo depois da briga de Tiburcino com Anselmo, condensando-se agora, de novo refluía compelida pela curiosidade de assistir a outro espetáculo. Quando ela desembocava na praça, ainda se notava um cordão de gente desdobrando-se para o lado oriental, onde se erguia o edifício do Senado da Câmara com a cadeia do conselho. Eram os quadrilheiros que conduziam o Anselmo quase de rastos, e esforçavam havia bom quarto de hora para atravessar o pequeno espaço que medeava entre o lugar da briga e a porta da cadeia. Mas os dignos alguazis da Câmara, além de bisonhos no ofício, tinham de lutar com os repelões do robusto rapaz e com a resistência da turba de curiosos aglomerada na passagem.

Os que formavam a cabeça da serpente popular, e não eram outros senão os cinco homens do Brás, em vez de correr direito ao ajuntamento, resvalaram rente com as casas, de modo a passarem entre a cadeia e os quadrilheiros. A turba coleou e, como eles tinham previsto, veio bater de frente contra o outro grupo, enovelando-se com ele. Houve grande confusão; ouviram-se alguns clamores; e quando a multidão rareou e a ordem se restabeleceu, o Anselmo havia desaparecido.

Mestre Brás ignorava ainda o sucedido, no momento em que o Doutor Vaz Caminha e seu companheiro entravam na taverna; por isso não se há de estranhar que deixasse de festejar, como costumava, a boa-vinda à sua casa de pessoas tão conspícuas. Com efeito o taberneiro cada vez mais

preocupado saíra do balcão para vir recostar-se à janela; e aí, todo ouvido e todo olhar para a rua, nem sequer vira entrar o advogado.

Bartolomeu porém, que não desempenhava de balde, e com tanta bizzarria, o ofício de mestre de cerimônias, chamou o judengo aos seus deveres de cortesia e hospedagem, do modo o mais expedito. Lobrigando no vão da janela a figura meã do taberneiro que lhe voltava as costas, o cantor estendeu o braço, espalmando a larga manopla sobre a cabeça do mísero, que pensou lhe desabara o teto da casa. Então apertando-lhe o crânio entre o polegar e o índice, e torcendo-o pouco mais ou menos como uma cravelha de rabeção, trouxe-o assim à presença do paciente advogado, que modestamente esperava à porta.

— Não vedes o senhor licenciado que vos faz a honra de entrar em vossa pocilga, mestre cão?

— Deixai! Deixai, amigo Bartolomeu!

— O senhor licenciado!... Mas por Deus que o não tinha visto!... Meu melhor freguês! Bem fizestes de mo advertir, mestre Bartolomeu... Senhor Bartolomeu Pires... Esta minha cabeça... Também é uma algazarra...

Isto dizia o taberneiro desfazendo-se em zumbaias à direita e à esquerda, e encolhendo-se o mais que podia, a ver se

fazia-se tão baixo que o não alcançasse segunda vez a formidável manopla do mestre de capela.

— Bom! bom!... Não nos azoineis com o vosso falsete! Segui adiante, e trouxe-nos do melhor, que é o senhor licenciado quem bebe, e eu quem paga. Ouvides!

O advogado quis contestar.

— Então, homem! gritou o cantor com a sua mais cheia voz de baixo profundo. Ainda me estais aí feito um estafermo?... Presto!... Em três tempos!

Bartolomeu levantou dois dedos sós para bater o compasso ternário. O Brás eclipsou-se como um relâmpago, e voltou logo com uma candeia na mão direita, pichéis na esquerda e duas botelhas sobraçadas. Abrindo a porta do corredor guiou os dois fregueses a um camarim reservado para as pessoas de condição que não gostassem de se misturar com a gentilha. O taberneiro deitou sobre a mesa as garrafas e os pichéis, feito o que desapareceu pela porta em três profundas reverências.

A espessa crosta de pó e as grossas teias de aranhas de que estavam cobertas as duas garrafas, atestavam sua respeitável idade. Quando mestre Bartolomeu Pires, com a delicadeza e antegosto de exímio bebedor que era, limpava docemente o gargalo para sacar a rolha, o advogado suspirou e esteve algum tempo embevecido a olhar a poeira

que se dissipava no ar; alguma porção lhe caiu na manga da garnacha, que o estremeceu com íntimo e recôndito sentimento.

A botelha viera de seu velho Portugal; quem sabia se aquele pó não era ainda da terra natal!

— É do superior! dizia entretanto o mestre de capela dando na língua o estalo clássico. Tão boa tivesse o excomungado do taberneiro a alma, como tem a adega!

O advogado tomou uma prova no pichel:

— Ótimo! disse ele, e melhor ainda mestre Bartolomeu, porque vem do nosso Minho!

— É verdade, senhor licenciado! Se tornaremos lá ainda?

— A mim espero que praza a Deus deixar que me vá restituir o pó destes ossos à terra de que foram amassados; mas a vós bem difícil me parece que lá torneis já agora.

— Por que então, Senhor Vaz Caminha! Cuidais que me não apertem a mim também as lembranças?...

— Oh! que não!... Alma sã e reta vos sei eu, amigo; e nas almas assim a pátria vive sempre presente, ainda que apartado o corpo. Porém esta também é já pátria vossa, por sê-lo de vossa mulher e filhos. Pensais que sejam laços esses para romperem-se?

— Se todos iremos!...

— Eles... E os parentes e a gente deles, e a terra em que nasceram, também irão convosco?... Levareis uns pedaços do coração, mestre Bartolomeu; outros cá ficarão, como nos ficaram a nós lá dalém mar.

— Mas quando falo de ir, não crede que seja por uma feita, não. É negócio de matar saudade e tornar.

O doutor um instante absorvido em suas recordações, reatou logo a conversa, já menos enternecido.

— E vosso ofício? E vosso estabelecimento da ilha? Haveis de sacrificar a um sentimento outro não menos sagrado? Porque desejais como bom filho rever o nosso Portugal, esqueceréis como pai a herança de vossa família?

Mestre Bartolomeu era dono da Ilha da Maré; e Gabriel Soares que o conhecera vinte e dois anos antes, deixou notícia dele e de seu engenho.

— Tendes sobras de razão. Mas supondo que já por esse tempo tenha a gente posto de parte algum cabedal, que direis então?

— Se contaís com isso, é outro o caso. Ao que parece as pescarias vos têm ido de feição?

— Assim, assim! Sempre deixam alguns reais!

— E quem dirá, que vivendo nesta terra há cerca de vinte anos, ainda não vi a vossa ilha, mestre Bartolomeu!

— Porque não haveis querido. Tantas vezes pedi já de balde, que afinal desenganei. Ainda por São João, que passou.

— É certo; vezes que não têm conta; bem sabeis porém quanto custa na minha idade estar um dia fora de casa. Demais, nunca fui amigo de andar sobre a água.

— Falta-vos o costume. Se uma vez vos dispusésseis, veríeis que é mais cômodo do que andar na terra firme. E tão perto que é! Da ribeira lá com bom vento não gasto eu tanto como numa caminhada a Vitória.

— E tendes vós embarcações seguras em que a gente se possa fiar?

— Que dúvida! Os meus barcos de pescaria. Ninguém os tem melhores.

— Contudo, se o mar estiver agitado?

— Que tem?

— Não haverá perigo?

— Nenhum, vos afianço eu! Ainda que o tempo seja de borrasca, podeis aí estar tão sossegado como em vossa casa.

— Verdade é, dizia Vaz Caminha, que tenho ouvido andarem batelões muitas léguas pelo mar alto, e mesmo virem a este porto alguns de Pernambuco. Mas não anda aí exageração?

— Pois se estão chegando todos os dias de Porto Seguro e Alagoas! E como são esses? Podres e abertos que é um milagre não irem ao fundo.

— Os vossos são fortes?

— Os meus?... São de tapinhoã; e concerto-os cada ano que Deus dá!

— Visto que me segurais a viagem, quero desobrigar-me para convosco de tão repetidas instâncias, aceitando um dia a vossa hospedagem.

O mestre de capela cheio dos vapores do vinho e do júbilo que acendera a promessa do advogado, desandou na porta que lhe ficava ao alcance do longo braço, uma tremenda palmada, que serviu de acompanhamento ao nome do taberneiro solfejado nas sete notas da clave.

— Mais duas!... gritou o cantor apenas sentiu no corredor os passos do taberneiro.

Brás apareceu instantes depois com duas botelhas, como as primeiras, encanecidas pelo pó. Enchendo os dois pichéis

do generoso vinho, mestre Bartolomeu alçou a mão com a solenidade das grandes festas da Sé, e saudou o advogado:

— À satisfação da vossa tão esperada e mais desejada visita, Doutor Vaz Caminha!

— Ao hospedeiro amigo! tornou o bom velhinho com sincera expansão.

— Só peço a Deus que cedo nos mande o dia abençoado! acrescentou Pires deitando sobre a mesa o pichel completamente enxuto.

— Breve será. E mais,izei: quando pretendeis lá ir?

— Domingo, depois da missa.

— Bem pode ser que me tenhais de companhia. Não é certo ainda... Havemos de concertar até lá.

O advogado, começando a prática sob a impressão do momento, a dirigira com a agudeza dos engenhos superiores ao fim que tinha em mira quando convidara o mestre de capela para, de companhia, esvaziarem uma botelha de vinho. De onde provinha o súbito interesse do doutor pela Ilha da Maré, e pelos batelões e pescarias de Bartolomeu Pires, não sei eu. É de crer que ele tivesse suas razões e das melhores, pois era homem que sabia pesar as coisas; mas tão matreiro, que fora difícil ao mais esperto penetrar-lhe as intenções.

Os velhos amigos continuaram a prática, que se prolongou pela noite adiante. Enquanto eles assim discursavam de vários assuntos, outros incidentes ocorreram na taberna.

Voltando de servir o advogado e o mestre de capela, viu Brás postado na porta o mesmo sujeito que pouco antes lhe trouxera a notícia da prisão de Anselmo; mais longe, na rua, apareciam os vultos dos quatro da camarada, tão bruscamente enxotada da taberna. O judengo, do primeiro lanço d'olhos leu boa nova naquela cara espalmada de riso e satisfação. À interrogação muda da fisionomia do taberneiro respondeu o sujeito olhando para o teto.

A casa do judengo tinha uma trapeira, e ele sabia que bons serviços pode prestar essa espécie de porta escusa, aberta sobre os telhados vizinhos. Escapando-se pelo interior, foi abrir a janelinha ao Anselmo, que usurpava essa noite o domínio dos gatos.

— Sempre vos meteis em boas!... disse o taberneiro, a modo de consolação. Até que um dia vos leve o demo à breca.

— Deixai-me cá!... tornou o outro carrancudo. Cada qual tem seu embeleco; e o meu é aquela maldita rapariga!...

— Ah! o caso é esse?... Cuidei mais sério! E perder-se uma noite como esta que veio mesmo ao pintar!... Podia já estar o negócio adiantado...

— Não digo que não; mas ainda se pode remediar.

— Pode, pode, se não houver detença. Aí tendes com que matar a sede e forrar o estômago. Aviai e a caminho! O negro deve estar mais que farto de esperar.

Anselmo estava soturno, lembrando o que lhe acontecera; tinha poucas palavras e nenhuma fome. Virou a malga de vinho, e tomando a um canto o arcabuz de mestre Brás e um punhal, disse:

— Dai aviso aos outros; por mim estou aviado.

— Onde achais que vos esperem?

— No adro de Santa Luzia.

O mariola sumiu-se de novo pela trapeira, e ganhando os telhados até o fim do quarteirão, saltou na rua, escura e deserta nessa passagem; depois dando uma grande volta por detrás da Câmara, foi sair em Santa Luzia.

O judengo desceu à varanda.

Na sua ausência o caboclinho, acudindo afinal aos repetidos sinais que lhe fazia Gil desde a chegada, correu à janela. Ligava essas duas crianças um sentimento, que era gratidão da parte do índio e dó da parte do pajem.

— Que tens tu hoje, Martim, que me torces as ventas quando te chamo? E com que má cara estás! Foi mau-olhado que te deitou a bruxa da velha Eufrásia, aquela arrenegada?...

— Mau-olhado!... mau-olhado!... murmurou o índio. Se o fora!... Bom esmurrar!

— Esmurrou-te?... Ele, o cão do judengo, o focinho de caititu?

— Agora mesmo... Quase me desancou... Tenho todo o corpo moído de pancada... E queres que traga cara de riso, Gil?...

Os meninos ficaram a olhar em silêncio um para o outro. Nisso o taberneiro chegando à porta bispou Martim, e caindo sobre ele como ave de rapina, físgou-lhe a orelha. Lá foi o pobrezinho de rastros, batendo por bancos e mesas, até o balcão onde o judengo o arremessou como um fardo.

Gil sacara do punhal; saltou na ombreira da janela para correr sus ao taberneiro; o menino ia cego de ira; ninguém sabe o que seria do Brás, se um dos companheiros do Anselmo que viu o movimento do pajem, não lhe obstasse o intento.

— Que é isso agora?... Franguinho já de esporão!... Salta, pirralho!

O sujeito que proferira estas palavras tentou agarrar o braço de Gil, mas este correu-lhe a punhalada tão rápido que ainda arranhou-lhe a mão apesar da ligeireza com que fugira.

— Encolha a munheca, sô barbaças! disse o petulante menino, engrilando o franzino talhe.

Naturalmente o barbaças ia retorquir-lhe a fineza com alguma punhada ou tapa, quando chamado pelos companheiros reuniu-se a eles e seguiram os cinco rua abaixo. Durante a briga de Gil, o taberneiro havia segredado ao ouvido do espia o que fora combinado com o Anselmo na trapeira. Os cinco da camarada iam pois encontrar-se com o carpinteiro no adro de Santa Luzia.

Depois que partiram, mestre Brás mais sossegado e já prazenteiro, voltou ao estado normal, à sua consciência de taberneiro. Cada grupo de fregueses mereceu um sorriso e uma reverência aferida pela soma provável de escote. O giz começou de trabalhar com a costumada presteza e segurança; e os olhinhos vivos e pequeninos, saltando de mesa em mesa, não viram mais senão as escudelas e pichéis que se esvaziavam, e as bocas que se enchiam.

Estava escrito porém que essa noite seria de tributações também para mestre Brás. Outro susto ainda rapou ele, embora passageiro. Foi o caso que mal começou de ser tangido o sino de recolher, assomou na entrada da taberna o

negro Lucas. Brás supunha-o àquela hora bem longe daí com o Anselmo e os outros; a inesperada aparição o fez estremecer, pensando que estivesse o caldo entornado. Entretanto o africano, com a calma bruta que lhe era habitual, passou o olhar pela varanda, e não vendo o que buscava, endireitou para o balcão.

— Que houve? perguntou rápido o taberneiro.

— Nada!

— A que vieste então?

— À festa!... respondeu o negro, cuja face achatou-se com um riso largo.

O judengo teve ímpetos de quebrar uma garrafa na cabeça do negro; mas era homem de suma prudência; reprimiu esse inconsiderado movimento, e consolou-se em coçar a orelha, à maneira de gato; com a diferença de que o gato coça a orelha de satisfeito, mestre Brás coçava de arrenegado. Lucas deu-lhe as costas e foi sentar-se no poial da janela onde chupitou a golo e golo um martelinho de aguardente.

Por esse tempo ressonava de braços sobre a mesa mestre Bartolomeu Pires, com um ronco de prima de rabeção. Vítimas desse beático sono, jaziam atiradas ao canto as quatro garrafas cujo líquido, com exceção de um pichel que bebera o advogado, passara todo pela musical laringe do mestre de capela ao seu vasto estômago.

Vaz Caminha, do outro lado da mesa, com o cotovelo fincado na perna e o queixo apoiado no polegar da mão esquerda, resumia mentalmente os acontecimentos daquele dia e as longas e laboriosas meditações que eles haviam sugerido ao seu espírito.

Havia muito já que o sino emudecera, deixando nos ares a longa e triste vibração do bronze, que trespassou como um gemido plangente o festivo burburinho da praça. Lembrando-se do emprazamento que tomara pela manhã e que tivera todo o dia presente à memória, o advogado ergueu-se afinal e seguiu ao longo do corredor. Saído à varanda lobrigou o negro que tinha nele cravado o olhar acerado. Vaz Caminha depois de pagar a escote e encomendar o digno mestre de capela aos cuidados do taberneiro, ganhou a rua. Lucas desaparecera; mas o doutor viu-o a alguns passos de distância, que o esperava para servir-lhe de guia.

Ia tomar naquela direção quando Gil, que os espreitava do vão de uma porta fronteira, saiu-lhe ao encontro. O doutor o havia esquecido; habituado a andar sem acostado ou servo, não sentira a falta do menino, e nem lhe ocorrera durante a noite a ordem que Estácio dera a seu pajem.

O primeiro pensamento do doutor, vendo-o, foi que estava sem cear a hora tão adiantada, e culpou-se a si daquela crueldade.

— Ainda estais aqui, Gil?

— Se foi a ordem do Senhor Estácio!

— Tendes razão, rapaz; cumpristes com o que vos mandaram, não eu com o que devia. Vinde cá, mestre Brás vos dará a ceia; depois ide à casa recolher. Não hei precisão de vós.

— Com perdão de V.M.<sup>cê</sup>, senhor licenciado, livre-me Deus de tocar coisa de comer e beber em que este excomungado taberneiro pôs o gadanho. Quanto ele vende é mal agourado, e não me mataria a fome a mim.

— É que a fome não é grande, filho; senão faríeis como os outros. Visto isto, já ceastes?

— Se vos digo que não! Mas não vos dê cuidado, que eu tenho aqui quanto basta para não dormir pagão.

E o menino mostrou uma naca de pão que trazia no bolso, e na qual havia dado uma ou duas dentadas. O licenciado tranquilo por este lado, bem que admirado da sobriedade do menino, que preferia aos guisados e covilhetes de mestre Brás a pada seca e dura, continuou seu caminho. Lucas, seguia adiante guardando a mesma distância.

Dirigiram-se até a extrema sul da cidade, então

**no match**

conhecida por porta de São Bento, em memória das antigas muralhas erguidas por Tomé de Sousa.

Estácio e Cristóvão deixando a bruxa tinham entrado em palácio.

O sarau começara.

As danças figuradas e graciosas do tempo faziam voltear pelo salão as damas, e também os cavalheiros que tinham tanto garbo em executar um passo airoso de pantomima ou fazer um batão e uma floreta, como no exceder-se pelas armas e feitos guerreiros.

A dança não era então como atualmente desfastio ou pretexto de conversa, mas uma arte que se cultivava com esmero, e dava ao corpo a flexibilidade das formas e o donaire dos gestos e maneiras; qualidades estas indispensáveis em uma época em que o vestuário elegante e garrido obrigava o homem, sob pena de ridículo, a ter a perna bem torneada, o talhe esbelto, e a rasgar uma cortesia exatamente copiada dos mais belos modelos da corte de D. João II.

No momento em que os dois amigos entravam, dançava-se um bailo de machatins.

Essa linda composição coreográfica, inspiração de um artista de talento, cujo nome a história ingrata deixou no silêncio, fora inventada em 1603 na Vila Viçosa por ocasião das

grandes festas que se fizeram com o casamento de D. Teodósio II, Duque de Bragança. Apesar de seis anos de existência era ainda nos saraus a novidade ou, como hoje diríamos, a última moda dos casquilhos da Bahia e Pernambuco.

Inesita fazia uma das figuras do bailado, e esqueciase no abandono d'alma, entregue toda ao inocente prazer.

Quando a flor desfolha vai-se o aroma, vem o fruto. Há na mulher enquanto a maternidade a não santifica, um quer que seja de frívolo e infantil, perfume de puerice, que exala de toda a sua pessoa. Ainda o estame não abriu.

Assim, naquele instante era Inesita uma criança: de moça se tornara menina; brincava entre os braços de seu cavalheiro, como outrora folgara no regaço materno. Nem já lembravam-lhe as justas, os enlevos e sustos que sentira. Seu mundo ali estava no bailo: dançava.

Sua beleza em repouso era para a deslumbrante formosura que lhe dava a agitação e movimento do bailo, como a sombra para a luz: cintilava. Na ondulação das formas, na flexibilidade do talhe e no gesto que desatava em meneios graciosos, havia irradiações esplêndidas.

Estácio aproximou-se, e ela não o viu.

O moço tinha espinhos a pungir-lhe dentro d'alma.

O cavalheiro de Inesita era Fernando de Ataíde. Cada vez que o dançarino, executando a figura do bailo, travava da mão da menina ou enlaçava-lhe a cintura, Estácio sentia dor violenta a morder-lhe o coração.

Junto praticavam alegremente das festas e do bailo vários convidados; mas ele nada ouvia: os ritornelos da música de envolta com o burburinho da sala ressoavam a seu ouvido como golpes de um malho, que lhe trabalhasse no cérebro. De repente o nome de Inesita, proferido perto, foi um raio que atravessou a tormenta.

— Então casa D. Inês de Aguilar? dizia um convidado.

— Com D. Fernando de Ataíde? perguntou outro.

— São novas para mim! acudiu terceiro.

— Como para os mais. Se D. Francisco mal acaba de anunciá-lo ao senhor governador!

Fez-se n'alma de Estácio uma grande treva e maior silêncio. Quanto tempo durou esta noite do espírito, nunca ele o soube; houvera uma solução de continuidade em sua vida: ficou-lhe um vácuo no passado.

Quando voltou a si, estava ao relento, num campo escuro. Quem o trouxera ali? Como viera? Sente-se muitas vezes nas grandes aflições uma necessidade invencível de agitação; o homem parece que forceja por escapar a si

mesmo e à dor que o possui; move-se e caminha, vai sem destino, fugindo ao que vê.

Assim chegara o moço àquele sítio.

Viu que tinha nas mãos um objeto; sentiu que esse objeto estava úmido. Era o lenço de Inesita que tinham molhado suas lágrimas. Não se lembrava de haver chorado; nem sabia como a prenda da menina saíra do seio onde a tinha guardada.

— Valia a pena defender contra o ódio de seu irmão esta vida que era dela? murmurava-lhe uma voz dentro d'alma.

Por misteriosa associação de ideias desembainhou a espada: dobrou-a no joelho; a lâmina partiu-se.

Olhou ele um instante os pedaços, como olharia na outra vida, precito já, seu espojo mortal. Rojou-os de si e serenou logo. A dor não se extinguiu, não; mas agora a sentia como em distância, longe, bem longe do coração; cercava-o uma névoa espessa; estava em um mundo estranho e novo.

Para este da terra, acabava ele de finar-se. Quebrando a espada, sua defesa, morrera; sepultara-se atirando os pedaços ao chão. Sombra apenas, não já vivente, errava ainda, penando como os duendes dos contos populares.

Após esta, veio outra alucinação. Pareceu-lhe que mão de ferro, gelada e fria, pousava no peito de seu cadáver, e

arrancava fora o coração, e fugia pela treva. E ele pôs-se a seguir essa mão, caminhando sem sentir.

Tirou-o desse pesadelo uma voz infantil, que lhe falava. Era a voz de Gil, parado em face dele, com um cavalo à destra.

— O senhor licenciado mandou-me esperar o cavalheiro, pois já não havia precisão de mim. Como estivesse aqui à mão o cavalo fui buscá-lo, e bem fiz, que já é tarde muito! Cuidei que não acabava mais hoje de esperar!...

Estácio não ouvia o pajem. Escutava o rumor das palavras; reconhecera o menino, mas só a pouco e pouco foi voltando à realidade, de que escapara por tantas horas. Volveu o olhar pelo sítio onde se achava; era a calçada do palácio, à qual viera como dela se fora, sem consciência.

Então lembrou-se do que sucedera. Via diante um abismo negro e imenso, no qual ele se afogara e surgira enfim. Na margem de além a sua felicidade perdida; aquém, na outra margem, ele transido e extinto.

Que tempo levava a debater-se no abismo antes de transpô-lo? Quantas horas ou quantos anos aturara essa agonia? Que passara durante no mundo a que pertencera, e na cidade onde habitara?

Fitou Gil; observou a fachada dos edifícios. Procurava ele com este exame ver se o menino tinha envelhecido ou as construções desmoronado em ruína?

— O sarau?... exclamou afinal.

Nesta interrogação havia um poema inteiro, uma elegia. Era a história de seu amor, cujo triste epílogo fora aquele sarau; era o casamento de Inesita aí anunciado; era a ventura de seu rival escarnecendo do infortúnio dele, Estácio; era o passado e o futuro.

— O sarau?... respondeu Gil. Quanto há que de lá partimos! Ainda era em ontem!

— Serão que horas?

— É noite alta. Se os galos já cantaram a primeira vez!...

O moço deu alguns passos maquinalmente; o pajem ouviu-lhe palavras soltas, murmuradas consigo.

— Ao romper d'alva... Lá serei.

Voltou para o menino.

— Viste quando se partiram do sarau os convidados?

— Eu que chegava e eles que começavam de ir-se.

— Reparaste...

Estácio hesitou.

— Dos primeiros, acudiu o pajem disfarçando, foi o fidalgo que fez de juiz, sem ser o desembargador.

— D. Francisco?

— Isso mesmo. Foi-se com a doninha e o outro... o alferes.

— E ninguém mais? perguntou Estácio engolindo as palavras.

— Mais não vi eu, tornou o menino sem titubear.

E acrescentou consigo:

“Deus me perdoe.”

— Não ia também D. Fernando de Ataíde?

— Bem pode ser que me escapasse.

— Qual caminho tomaram? Lembras-te? Foram logo direito ao engenho?

— Quer me parecer que não. Vi tomarem para as bandas de Nazaré. Não têm casa aí? Têm-na, que lá vai a Joanhinha, a alfeloeira. O Senhor Estácio não sabe? Aquela da briga do Tiburcino?... A Joanhinha é uma boa rapariga! Ela conhece esta gente toda: não há casa em que não entre a mulatinha. É um furão!

Já Estácio não o ouvia: revolvia na mente outros pensamentos.

— Gil, nós vamos a Nazaré.

— Vamos, Senhor Estácio.

— Sabes a que vamos?

— É o mesmo. Lá chegaremos com o favor de Deus.

E o pajem, puxando o cavalo, segurou o estribo.

Estácio pousou a mão sobre a sela, mas em vez de montar reclinou sobre o pescoço do animal para falar ao ouvido do menino.

— Tenho um desafio com o alferes, Gil.

— Um desafio?

— Se ele trespassar-me, meterás a mão no peito de meu gibão, aqui, acrescentou o moço tomando a mão do pajem. Não sentes? É um lenço. Há de estar cortado pelo ferro e tinto do meu sangue. Jura que o entregarás... a D. Inês, de minha parte.

— Mas... ia dizendo o pajem.

— Ouve! Dir-lhe-ás somente este recado, guarda-o bem guardado: “Que lhe restituo quanto era dela; o mais tem-no a terra”. Juras-me, Gil?

— Mas ele não há de ferir-vos, Senhor Estácio! Por essa fico eu. Quem joga as armas como o cavalleiro, teme-se lá de qualquer alferes? Em já hoje ele não viu a amostra do pano?

— Ninguém sabe o que pode succeder. Jura sempre!

— Pois o quereis, juro por alma de minha santa mãe e por Deus que a tem! Mas são juras em vão; heis de ensinar o alferes para vosso e meu contentamento. Já eu estou saltando!...

— Digo-te eu, Gil, que sua espada me há de transpassar.

— Não repita estas palavras, Senhor Estácio. Dá-me gana de chorar.

— Tens pena de mim, Gil?

— Pena? respondeu o pajem. Também a tenho; porém mais é a raiva só de pensar que vos possam fazer mal!

O moço cingiu a cabeça do menino e a teve algum tempo sobre o coração; depois montou rápido a cavallo; tomou o pajem de garupa, e lançou-se a galope.

Entretanto Gil, impressionado pelo que acabava de comunicar-lhe o cavaleiro, inquieto com a ideia do próximo combate, sentia-se mais tranquilo, lembrando as provas de esforço e valor, que dera o moço estudante, na tarde daquele mesmo dia.

Retratava na memória infantil os feitos recentes do torneio, as brilhaturas de Estácio e sua galhardia no manejo das armas. Insensivelmente o menino procurou no flanco do cavaleiro os punhos da espada leal, sua guarda e defesa: tinha necessidade de acariciá-la. A carícia é uma maneira de sentir das crianças e das mulheres; é também um estilo para a língua que fala o coração.

Afagar os punhos da espada, era para Gil um meio de dizer que punha nela toda a confiança, e um modo de pedir-lhe que transmitisse à sua alma a coragem e a esperança. Valia tanto como beijar a mão do cavaleiro, tocar dos lábios o ferro que essa mão valente enobrecera.

Nos copos da espada havia uma cruz; diante dessa cruz a alma do menino, bafejada pela fé sublime do cristianismo, ajoelhava aos pés do Senhor, e votava sua eterna salvação pela existência do único protetor e amigo que tinha na terra.

O pajem estremeceu encontrando unicamente a bainha da espada, viúva do ferro, que a acompanhava:

— Vossa espada, Senhor Estácio?... balbuciou Gil assustado.

— Perdi-a!... respondeu o moço breve e ríspido.

— E sem ela como há de ser, pois que vos ides a um desafio?

A voz de Estácio era grave proferindo estas palavras:

— Para morrer já não careço dela!

— Então, acudiu o pajem com um soluço, quereis mesmo que ele vos mate!

— Não é ele que me há de matar, Gil. Morto já fui eu, não de ferro; mas de pena, como nunca a sintas!

Nesse momento iam os dois cavalgando perto do lugar, onde o caminho estreito cortava a Rua de Santa Luzia. Viram em distância dois vultos que atravessavam, um após outro, como amo e criado.

Estácio reconheceu no primeiro seu mestre e padrinho, Vaz Caminha; logo parou o cavalo e apeando rijo, voltou para o pajem:

— Guarda-te daí, enquanto torno!

O menino deixou-se ficar esmagando nos olhos as lágrimas que lhe saltavam aos punhos. O cavalheiro apressou a marcha para alcançar o advogado:

— Agora vos recolheis, mestre?

— Agora filho; e vós, que vos traz a horas mortas por estes sítios? Fazia-vos no sarau.

— No sarau?... Má hora, má e aziaga, mestre, em que a ele fui!

Estácio apertando a mão do velho, vergara a cabeça abatida pela dor; as palavras que proferira vieram travando a fel; afogaram-se em lágrimas.

O licenciado esteve a observá-lo bastante tempo; depois, erguendo-lhe a fronte com ternura, impondo a mão sobre o coração oprimido do moço, murmurou-lhe ao ouvido:

— Cedo fostes homem, filho, para sofrer. Amores são rosas de todo o ano; breves folhas, muitos espinhos. Pior é regá-las de lágrimas que mais nunca secarão.

— Secarão, secarão, mestre! Bem secas já estão nesta alma, onde nem goivos quero eu que vingem já!

O estudante tornou mais calmo:

— Abraçai-me, mestre! É tarde; careceis de recolher-vos.

— Até amanhã. Ireis ter comigo logo cedo?... É preciso para o muito que tenho de comunicar-vos.

Vaz Caminha abraçou o afilhado; este estreitou-o nos braços com visível emoção.

— Ides de ânimo mais sereno? perguntou o velho com terna solicitude.

— Para onde vou, mestre, respondeu o moço docemente, a serenidade me espera.

O advogado seguiu seu caminho para a casa da dama desconhecida. O outro vulto que o acompanhava era o negro Lucas.

Se Vaz Caminha não viesse tão preocupado dos sucessos dessa noite e de coisas futuras relativas ao próprio Estácio, não deixaria por certo de notar que a torva serenidade do moço, ao despedir-se, ocultava como a onda do rio, uma profundidade sinistra.

Reunindo-se ao pajem, Estácio antes de montar disse para o menino:

— Gil, junto do lenço encontrarás também um papel. Este, hás de levá-lo ao doutor com estas palavras minhas: “que lembre-se de meu pai e de ti”.

O cavalo, arrancando a galope, desapareceu nas trevas.

Cristóvão apenas quis mostrar-se no sarau, para que sua ausência não desse motivo a reparo: logo se retirou.

Embuçado no manto ganhou a Rua de Santa Luzia, estugando o passo do cavalo, como quem tinha pressa de chegar.

Essa parte da cidade, embora fossem oito horas apenas, estava completamente escura e deserta; não se via porta aberta, nem janela alumiada. Toda a população tinha-se aglomerado na Praça do Governador e Rua do Colégio, onde gozava dos prazeres e folias da noite, até que fosse tangido o sino de recolher.

O moço não deu atenção a esta circunstância, como quem tinha outros pensamentos que o ocupavam todo; continuou seu caminho; nem a escuridão da noite o fazia hesitar; adiante quebrou numa esquina, passou junto da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, e atravessando uma pequena ribeira, tomou a rua que seguia aclive.

Ao longe o Mosteiro de São Bento estampava no céu de azul-ferrete a larga claustura e os vastos dormitórios; à direita corriam as cercas das roças plantadas de mangueiras, coqueiros e outro arvoredado frutífero.

Estava tudo em sossego; apenas se ouvia o ramalhar da aragem nas folhas e o borbulhar da ribeira fugindo pela charneca; de quando em quando uns longes rumores da festa passavam como rajadas e entravam no silêncio do ermo.

Cristóvão parou à beira de um fundo e largo valado, cheio pela recente enxurrada; resfolgando da batida em que viera, enfiou os olhos pela ramagem.

Havia defronte uma cancela; e mais longe erguia-se a casa, destacando confusamente na sombra do arvoredo. Alva cinta de luz coava entre os bambolins de uma janela e resvalava trêmula pela folhagem, que agitava a viração da noite. O resto da habitação envolto nas trevas repousava da lida diurna.

Uma prancha, que servia de ponte sobre o valo, fora retirada da parte de dentro; de modo que a entrada do terreiro da casa tornava-se difícil e perigosa.

O cavalheiro volveu em torno olhar rápido e escrutador para certificar-se de que ninguém ali se achava oculto pelas árvores que pudesse espreitá-lo; feito o que apeou-se, ajustou as armas ao corpo, atirou a capa sobre o ombro esquerdo, e procurando um lugar favorável ao seu intento, conseguiu transpor o valo, graças a alguns ramos inclinados que lhe serviram de apoio. Meteu-se então por entre as

árvores, onde a ramagem era mais basta, evitando que os raios da luz que filtravam da janela caíssem-lhe sobre.

Tanta precaução indicava grande receio de ser descoberto; de feito, às vezes o moço parava irresoluto se devia prosseguir no seu primeiro intento, ou retroceder enquanto era tempo; mas depois de curta hesitação, sondando de novo as trevas e certo de que tudo estava tranquilo e sossegado, cobrava afoiteza e ia por diante.

Cristóvão era um destemido cavalheiro, valente como as armas, bravo como os filhos da raça ibérica, em cujas veias girava ainda a pura mescla do sangue godo e árabe; não fora pois o receio de um perigo, por maior que se lhe afigurasse, motivo para influir no seu ânimo tal indecisão.

Era sim receio de escândalo.

Seu amor e caráter ousado o tinham lançado naquela aventura noturna; durante a festa a ausência de Elvira o contristara a tal ponto, que decidira ver a moça naquela mesma noite, para oferecer-lhe com a sua alma e vida as joias que tinham premiado sua destreza e galhardia.

Sem refletir na possibilidade de realizar esse propósito, saíra do sarau, e achava-se em face da janela de Elvira; mas aí foi que a razão lhe começou de apresentar à mente quanto havia de extravagante e desusado no passo que pretendia

dar sem consentimento da moça, nem certeza de que ela levasse em bem semelhante temeridade.

Estando assim com o espírito tomado por mil pensamentos contrários, e com os olhos na janela, a luz vacilou; uma sombra ligeira debuxou-se docemente na atmosfera esclarecida, esfumando os contornos suaves e puros de um busto encantador.

Cristóvão estremeceu; porém já de prazer, não de susto.

Deu por bem paga a imprudência, pois ao menos gozava a ventura de ver a imagem da imagem que trazia n'alma. Para ele a sombra vivia e animava-se; houve momento em que lhe pareceu que ela o olhava e sorria; até chegou a acreditar, com a superstição natural do coração amante, que à força de contemplá-la, talvez Elvira recebesse a refração dos raios de tão ardente afeto.

Mas o coração é insaciável; o que a princípio lhe basta para a completa felicidade, logo serve apenas de aguçar o desejo. Sucedeu assim com o moço; a sombra de sua amante em vez de lhe dar prazer, já o torturava com a ideia de não vê-la, a ela própria, estando tão perto, que podia ouvir-lhe a voz terna e amorosa.

Mas essa voz emudeceu em seus lábios trêmulos; pois o esmorecia a só lembrança de ofender a moça e perturbá-la em seu casto repouso. Tanto bastava para quedá-lo mudo e

estático em frente do balcão da janela, elevado do chão na altura de uma lança.

Se ao menos pudesse devassar com a vista o interior!...

O aposento esclarecido formava uma pequena recâmara forrada com rás simples e ornada no gosto o mais apurado da época. A um lado estava o leito de madeira embutida com relevos de metal; em volta esfraldavam-se as cortinas de seda azul suspensas do esparavel dourado; aos pés um tapete da Índia; junto da cabeceira, contra a parede, o escabelo, traste característico dos tempos de fé sã e robusta.

Do lado oposto, no estrado baixo que então fazia as vezes dos sofás e conversadeiras de moderna invenção, estava Elvira sentada; tinha o corpo escaído em frouxa atitude, os braços distendidos, as mãos cruzadas sobre os joelhos, a cabeça reclinada um tanto, os olhos fitos no relógio d'água colocado em cima do trumó, sobre o qual ardia uma vela de cera, eschamejando-se na face lisa e polida do espelho.

Os cabelos desatados pelas espáduas nuas ensombravam o perfil, amortecendo-lhe a cor; mas deixavam imergidas na claridade as evolutas suaves do colo soberbo, e dos seios que moldava o linho transparente. Traçando a curva graciosa de uma perna admirável, a roupa roçagante de fina beatilha frangia na orla, por onde escapava o pezinho nu, aninhado em um pantufo de veludo roxo.

Doce enlevo, ideal sublime de suave melancolia ou de vago cismar, quando a alma engolfada no silêncio e na soidão, partida entre as recordações que voltam e as esperanças que fogem, dói-se com a ausência do bem que fruiu, e enleva-se revivendo no gozo passado! Voluptuosidade inexprimível de mágoas doces e agros prazeres para o coração que sofre com o isolamento e praz-se nele! Hino sublime que o lábio português canta em uma só palavra — *saudade!*

Corriam os minutos; e ela não mudava de posição.

Os raios de luz brincavam com as gotas do róseo licor que estilavam a uma e uma do globo superior da ampulheta; a claridade decompondo-se nos rubis líquidos, formava um prisma brilhante em cujas irradiações se estereotipava a miríade de pensamentos que esvoaçavam na mente de Elvira. Cada gota era um instante que fugia, e com ele um feixe de esperanças.

Em que podia ela pensar a não ser nas festas a que não assistira, e em Cristóvão por quem mais sentia, que por ela, a privação daquele prazer?

Toda a tarde estivera triste e aborrida; chorava pensando que o lindo cavalheiro que a estremecia, pudesse no meio dos folgares ter um pensamento, um olhar, uma lembrança que não fosse dela. Cada vez que as aclamações entusiastas do povo, saudando o vencedor, mandavam-lhe um eco dos

alegres arruídos, afogava-se-lhe o coração em lágrimas, que a seu pesar vinham rorejar as faces.

Mas um olhar severo de sua mãe recalrava-lhe a dor no fundo d'alma, até que depois da prece da noite, recolhendo à sua alcova, pôde desabafar a mágoa comprimida; ou antes pôde entregar-se livremente a novos pesares que lhe assaltaram o espírito. A princípio esteve numa impaciência mortal; volvia de um para outro lado, chegava à janela sôfrega e inquieta, inclinava o ouvido, e reprimia as palpitações do coração; por fim, como isto em vez de acalmá-la, a exasperava ainda mais, sentara-se no estrado e contava com ansiedade os minutos da hora que faltava para acabar o seu suplício.

A última gota vazou da ampulheta; Elvira ergueu-se de salto e correu à janela.

No horizonte, entre a escuridão profunda que plainava sobre a cidade, brilhava um frouxo clarão que ia a pouco e pouco desmaiando; sinal de que as luminárias começavam a extinguir-se. Não se ouvia mais o barbarizo que exala das grandes massas da plebe. O primeiro dobre do toque de recolher acabava de soar.

A festa popular estava terminada; mas uma branda lufada de vento trouxe uns alegres tangeres de música, como para dizer a Elvira que o sarau ainda durava e com ele seu tormento e aflição.

A pobre donzela suspirou.

— Nem mais se lembra de mim! balbuciou com a voz repassada de lágrimas.

De repente a moça, que se recostara ao balcão estremeceu.

Julgou ouvir a brisa murmurar seu nome; o primeiro movimento, depois do susto, foi recolher-se e fechar a janela; mas uma atração invencível a fez voltar; ainda trêmula e fria, teve coragem de se debruçar ao balcão para ver entre as árvores.

Quando já mais animosa inclinava a crer que tudo fora uma ilusão dos sentidos e um receio infundado, os olhos caíram sobre um vulto, que saindo dentre as sombras, foi súbito ferido pela luz da vela.

Ela quis sufocar, mas tarde, o grito de júbilo e surpresa que lhe escapou dos lábios; porque tinha reconhecido Cristóvão.

O moço adiantou-se, murmurando o doce nome de Elvira; mas ela em quem o receio tinha vindo de pronto perturbar a alegria inefável da presença do cavalheiro, suplicou-lhe com o gesto que se calasse, e foi ao corredor que passava pelo fundo da câmara, para assegurar-se de que ninguém velava na casa. Mais sossegada com a tranquilidade que reinava no interior, fechou devagarinho a porta, e voltou-se no momento em que já Cristóvão saltava pelo balcão da janela.

A moça recuou cruzando os braços sobre o seio, com sublime gesto de pudor.

— Oh! não! disse ela suplicante.

Cristóvão arrependeu-se do que tinha feito.

— Perdoai-me, Elvira! respondeu ele com respeito. O muito que vos amo fez-me esquecer o muito que vos devo. Com a mente de falar-vos, e dizer-vos quanto sofri pela vossa ausência, não me lembrei que este asilo me era vedado; mas crede-me, que não entraria em templo, com recato maior do que entrei aqui.

A moça, presa dos lábios de seu amante, comovida de tanto amar, mal sabia o que fizesse; já não era o receio que a retinha, sim o pejo.

— Bem penso, continuou o moço, que errei; sede porém benigna para esse erro de que só fostes a causa. Trouxe o que por vós e para vós ganhei; e vou-me por onde vim, para que não vos deixe maior aflição da que levo em deixar-vos.

Dizendo isto, o moço deitou sobre o toucador uma bolsa que tirou do peito do gibão, e na qual brilhavam entre as malhas de seda as joias que tivera em preço dos jogos; após fitando um longo e ardente olhar na sua amada, foi para sair.

Elvira não se conteve mais; lançou pelo colo uma manta de seda e correu à janela, ao tempo em que o moço ia saltar o balcão.

— Não ides magoado comigo, não? disse ela pousando-lhe as mãos sobre os ombros e sorrindo.

— Bem sabeis que não, Elvira minha, alma de minha alma! exclamou o cavalheiro ajoelhando a seus pés e beijando-lhe a fímbria do vestido.

— Pois então antes de partir contai-me como vos foram as festas sem mim; e se vos deslembrastes de quem não passou um instante, que não estivesse convosco em pensamento.

Cristóvão apontou para a tarja do escudo que trazia bordada no peito do saio:

— Perguntai-o à minha estrela que nunca me desacompanhou ou a estas joias que o são menos do que sois de minha vida. Elas ficam; e eu me parto.

— Não; que me haveis de dizer como as ganhastes; pague-me esse prazer tão grandes penas quais passei.

— Ah? e não me contareis que penas foram essas?

— Quando souber tudo que fizestes. Vinde; mas falai baixinho que não vos ouça minha mãe.

Elvira fez Cristóvão sentar-se no estrado, e escutando, se tudo estava em silêncio, foi sentar-se junto dele.

— Oh! que lindas galanterias! exclamou ela soltando no regaço as joias da bolsa. Que tão cobiçadas não haviam de ser pelas damas que lá estavam!... Mas quisestes guardá-las para quem menos as merecia!

— Para quem elas menos merecem, senhora minha.

— Mas falai; que não me posso já com o desejo de saber quanto fizestes!

— Não quereis que cerre aquela janela? Podem ver a luz a estas horas mortas, disse o moço erguendo-se.

Elvira corou.

Lembrou-se que estava só com seu amante, à noite calada, e na sua câmara de donzela recatada; pareceu-lhe que fechando a janela, o isolamento ainda se tornava maior; porém sua alma era tão cândida e o amor de Cristóvão tão respeitoso, que se acusou a si mesma daquele seu receio.

— Cerrai! tornou com um sorriso encantador. Não ficamos sós.

— Quem mais está aqui? perguntou Cristóvão admirado.

— Deus! disse ela apontando para o crucifixo que pendia da parede.

— Deus, vossa virtude e minha honra, Elvira! replicou o moço em tom solene, e estendendo a mão, como se fizera um juramento.

A janela cerrou-se ocultando a luz que derramava sobre a folhagem das árvores.

A fachada do edifício ficou em completa escuridão; porém minutos não eram passados que uma luz interior bruxuleou; aparecendo e desaparecendo, percorreu quase toda a casa até parar em uma sala que deitava para o nascente.

Algum tempo depois ouviu-se o ranger de uma porta baixa que abriam; um vulto embaçado apareceu no terreiro, e avançou a passo e passo como quem procurava alguma coisa.

A última badalada do sino de recolher ressoava ainda pelo espaço.

Já tinham rezado *completas* no Colégio dos Jesuítas.

Os frades se retiraram aos seus cubículos; os vastos salões ficaram completamente desertos e às escuras; reinava em toda a casa profundo silêncio.

Os rumores da festa que ainda enchiam a cidade batiam contra os altos muros externos do claustro; mas nenhum eco do mundo penetrava já no templo do Senhor.

Decorreu uma boa meia-hora.

Cinco vultos negros, esgueirando-se pelo comprido corredor que separava os vastos dormitórios, entraram a um e um na sala da biblioteca, e depois de trocarem mesmo no escuro um toque simbólico, agruparam-se defronte da pesada porta de vinhático que dava entrada para o *cartório*. Era este o lugar reservado onde se guardavam os papéis de importância, a escrituração mercantil e o cofre da comunidade, cujos rendimentos cresciam anualmente, aumentados pelas doações régias e deixas particulares.

Os religiosos que esperavam à porta do cartório eram o P. Nunes, reitor; o P. Inácio do Louriçal, que vimos conversar à janela do convento, enquanto duraram as festas, com o jesuíta chegado naquela manhã; o P. Luís Figueira, autor da gramática da língua tupi, o qual em 1607 tinha escapado ao

martírio entre os selvagens da Serra da Ibiapaba, na Capitania do Ceará; o P. Domingos Rodrigues, ardente missionário, que havia seis anos reduzira os ferozes Aimorés da capitania e o P. Manuel Soares, cronista e autor de importantes manuscritos, que infelizmente não chegaram aos pósteros para bem de sua fama.

Havia alguns instantes que os jesuítas esperavam sem trocar uma palavra, quando ouviu-se o roçar de sandálias, e ao frouxo clarão de uma lanterna surda apareceu o provincial Fernão Cardim acompanhado pelo P. Gusmão de Molina.

Os jesuítas não se admiraram de ver entre eles o novo irmão que sabiam ser professo; mas conhecendo a política da ordem, pressentiram que sua vinda ocultava algum negócio grave; o provincial, tirando a chave que trazia à cinta, abriu a porta, que fechou interiormente, enquanto um dos outros irmãos acendia a grande alâmpada de prata suspensa ao teto do aposento.

Figure-se um gabinete pouco espaçoso, entre quatro paredes guarnecidas por largos armários que subiam até a abóbada, alcatifado de alto a baixo com uma fazenda espessa que forrava também o soalho, tendo uma só porta, e fronteira a esta uma janela revestida de gradil de ferro; e se fará ideia exata desse aposento, no qual o som da voz ou dos passos por mais forte que fosse morria abafado e não transpirava.

Na larga banca de jacarandá de forma oval via-se o tinteiro, a poeira e a campainha, tudo de prata de lei e de proporções desmesuradas. À cabeceira, que ficava do lado da janela, estava a seda ou cadeira presidencial que ocupava de ordinário o superior da comunidade, quando não se achava presente o provincial; aos lados haviam assentos rasos destinados aos simples conselheiros.

Era nesse lugar que os principais da Companhia de Jesus, incumbidos do governo da Província do Brasil, faziam as suas conferências secretas, nas quais só eram admitidos os irmãos do quarto voto, geralmente chamados os *professos*; únicos de toda a numerosa associação, que tinham conhecimento das altas questões políticas que interessavam a Ordem.

Os outros membros, coadjutores, estudantes e noviços, condenados pelo instituto do fundador à *oboedientia coeca*, nem sequer penetravam naquele santuário, onde muitas vezes decidiam da sua sorte; máquinas animadas, autômatos vivos, moviam-se conforme a impulsão que lhes dava a inteligência superior que os dominava: *Perinde ac cadaver*.

Quando a mesa achou-se ocupada pelos jesuítas, o provincial voltou-se para o novo irmão:

— O capítulo está reunido: V. Paternidade pode falar.

Por toda resposta o P. Molina inclinou-se e apresentando a Fernão Cardim um pergaminho dobrado, que tirou da manga, disse-lhe com a habitual humildade:

— Faça a mercê de ler, padre provincial.

O superior ergueu-se com uma ligeira comoção, que logo dominou; beijou a mutra, e fez a leitura, que foi ouvida em respeitoso silêncio pelos jesuítas.

Era um breve do Geral assim concebido:

## AD MAJOREM DEI GLORIAM

*Nós, Cláudio Aquaviva, pela autoridade da Santa Sé Apostólica e voto da Congregação, Superior Geral da Companhia de Jesus, nomeamos o Reverendo P. Gusmão de Molina Visitador e Assistente na Província do Brasil, e mandamos a todos os nossos irmãos, assim religiosos como seculares, por tal o reconheçam e lhe prestem obediência plena.*

*Em nome do Padre, do Filho, e do Espírito Santo, amém.*

*Dado em Roma na Casa da Companhia, aos 5 de agosto de 1608.*

## *Cláudio Aquaviva*

Ao lado esquerdo do pergaminho via-se o selo chão em lacre preto com a mutra do anel que usava o Geral; logo abaixo a nota do registro feito na secretaria da Ordem.

Quando o provincial, terminada a leitura, pronunciou pela segunda vez o nome do homem que a mil léguas de distância fazia estremecer todos esses velhos encanecidos e provados nas vicissitudes da vida, os olhares dos jesuítas cruzando-se caíram sobre o rosto do P. Gusmão de Molina, como para lhe arrancarem da fisionomia o motivo da nomeação secreta e do poder imenso de que se achava revestido.

O assistente ou visitador era um dos mais altos cargos da Companhia; só tinha superior em hierarquia o Geral, de quem era delegado e representante. Dentro da nação ou da província a que era enviado, governava como soberano até o momento em que o poder supremo, que o tinha elevado, o quebrasse de repente como um torrão de argila.

Depois do P. Inácio de Azevedo, morto em 1569 às mãos dos corsários huguenotes, que capturaram a frota, em que vinha ele com sessenta religiosos e o Governador D. Luís de Vasconcelos, nomeado para suceder a Mem de Sá, nenhum outro assistente fora mandado ao Brasil. Quarenta

anos durante o Geral deixara a direção dessa província entregue ao prelado ordinário.

Era natural pois que os padres ficassem surpresos; essa nomeação secreta, que não lhes fora comunicada, nem de Portugal, nem da Espanha, indicava um acontecimento de grande alcance, ou uma reforma no governo da província; qualquer desses dois pontos interessava altamente os professos da Bahia, para que eles se apressassem em conhecer as intenções com que vinha o P. Molina.

Mas a fisionomia deste não respondeu aos olhares interrogadores.

Calmamente e frio, o assistente acompanhara a leitura do breve; seu rosto não tinha expressão, ou se a tinha, era indefinível; não se podia distinguir, que sentimento dominava naquele semblante imóvel, se a indiferença e a bonomia, ou a severidade gélida e impassível. Os olhos em vez de projetar os raios visuais, pareciam voltá-los interiormente, deixando a pupila baça e pasma como um vidro a que o vapor houvesse empanado o cristal.

Sem dar mostras de aperceber-se da investigação profunda que as vistas perscrutadoras dos jesuítas faziam sobre sua fisionomia, o P. Molina dirigiu-se ao provincial, que partilhava a desconfiança geral e conservava ainda nas mãos o pergaminho que acabara de ler.

— Queira V. Paternidade passar aos nossos irmãos.

Fernão Cardim entregou o breve ao reitor, o qual o deu ao P. Inácio; assim passou de mão em mão até o último. Este, depois de examinar minuciosamente a letra e o selo, como tinham feito os outros, apresentou-o ao assistente, que o recusou com um gesto.

— Julgam que esteja conforme? perguntou ele.

Os seis jesuítas inclinaram-se em sinal de assentimento.

— Registem-no então.

O P. Molina esperou que o reitor copiasse no livro próprio a carta de sua nomeação, terminado o que, dobrou-a de novo e guardou no peito da roupeta; arrastando a cadeira de espaldar colocada à cabeceira da mesa, sentou-se acenando aos outros que o imitassem.

Um instante volveu o olhar pasmo e sem brilho pelos seis frades recolhidos na aparência, mas interiormente suspensos de seus lábios e ansiosos pela palavra que devia esclarecer o enigma; por fim apoiou os braços à borda da mesa, e deixou cair as frases a uma e uma como se as tivera composto e decorado com antecedência.

— Não preciso dizer-vos eu, pois o adivinhais, que me trouxe ao Brasil missão importante. Trata-se de objeto que interessa mais que muito à Companhia. Sabeis que El-Rei

de França permitiu tacitamente há cinco anos que de novo entrássemos em seus estados; tal concessão foi-nos de grande valia, porém muito nos resta ainda por alcançar. Enquanto o Edito de Nantes não for revogado, seremos tolerados, mas não admitidos; a Companhia não poderá criar naquele país uma influência bem sólida. Quanto é isso necessário, bem o conheceis: mas por que meio o obteremos?...

O jesuíta parou deixando a pergunta suspensa; e como não tivesse resposta continuou:

— Um meio há, e pronto, e infalível. O dinheiro, que tudo vence, fará em uma hora maior conversão, do que têm feito tantos anos de apostolado. As guerras atrasaram as finanças da França e o protestantismo de El-Rei Henrique IV não será tão intolerante, que repila algum forte subsídio, unicamente porque lhe é oferecido por mão católica. A Companhia precisa pois de soma avultada, que não lhe pode ser fornecida senão pelas nossas províncias de Ásia e América. Eis a que mandou-me a vontade soberana a quem devemos obediência: espero me ajudareis com o vosso avisado parecer.

Concluindo sua exposição oratória, o P. Molina bem percebeu que nenhum dos seus ouvintes tinha acreditado uma palavra só do que ele acabava de dizer.

Com efeito os padres, sabidos e ousados na arte da dissimulação em que primavam os jesuítas, conhecedores de todas as sutilezas e disfarces que tinham costume empregar nas altas negociações, compreenderam que o P. Molina havia realizado o preceito dos mestres da Ordem, os quais ensinavam que — “a palavra era o melhor meio de ocultar o pensamento”.

Essa fábula do Edito de Nantes, quando por muitos outros motivos não parecesse inverossímil aos membros do capítulo, tinha contra si uma razão de grande peso; era que, se fosse verdadeira, o assistente não a confiaria tão facilmente e sem necessidade a homens cuja discrição não conhecia, e que podiam contrariá-lo nesse plano de exaurir o tesouro da província em benefício de Roma e dos estrangeiros.

Todos eles ficaram portanto firmemente convencidos que o P. Molina tinha preparado aquela história para iludir a sua curiosidade, com o fim de poder depois livremente tratar do verdadeiro objeto da missão e obter deles os esclarecimentos e informações de que necessitava. Mas escarneceram interiormente daquele ardil tão comum e vulgar, que depunha contra a perspicácia do assistente; e redobraram de atenção para apanhar no meio da discussão a menor palavra, o mais simples gesto que denunciasse o segredo.

Ao P. Gusmão, porém, não escapara a suspeita dos seis conselheiros.

— Que pensa a respeito o P. Provincial? Será possível obtermos alguma parte da soma precisa?

— A falar verdade, devo confessar a V. Reverência que não julgo a coisa fácil. A terra é rica, porém os haveres vão-se mais em luxo e prazeres da carne, do que em esmolas e deixas pias. Quanto aos bens da Companhia, são poucos por ora, e seu rendimento apenas arrecadado é logo remetido a Portugal. Contudo não esmoreço; e como é em serviço da religião, dela tiraremos forças para levar a cabo tamanha empresa.

— E o P. Reitor, que aviso nos dá? perguntou o assistente, mostrando-se contrariado.

— Meu voto é de bem pouca monta; mas ajudando Deus, creio que poderei auxiliar V. Paternidade no cumprimento de sua tarefa.

— Vejamos o como.

— Vive nesta cidade uma dama espanhola ainda moça, a quem parece que um grande infortúnio desgostou do mundo.

— Diz que parece, P. Reitor? perguntou o assistente com um sorriso inexprimível.

— V. Reverência admira-se?... Também eu; porém por maiores esforços que tenha feito, ainda não consegui dela ouvi-la de confissão. Deve de ser um caso grave para que resista a todas as admoestações, e mesmo ao terror da condenação eterna!

— E em que nos pode servir essa mulher?

— É possuidora de imensa riqueza, que de seu pai herdou, e não está longe de, mesmo em vida, fazer doação dela à Companhia.

— Bem, veremos a sua penitente, padre reitor. Em quanto lhe avalia os teres?

— Ela própria não lhes sabe o valor. Deixou-os seu pai num cofre enterrado em certo lugar; a filha com o seu desapego às coisas mundanas nem sequer teve ainda a curiosidade de o ver.

— Pensa então que esse tesouro esteja no mesmo lugar? disse o P. Molina com seu fino sorriso.

— Não há razão para que duvide: ninguém mais afora ela sabe do segredo.

— Quem enterrou o ouro?

— O pai só e durante a noite, pouco tempo antes de finar-se.

— E essa dama chama-se?

— Tem nome pouco vulgar, que me parece suposto. Chama-se D. Marina de Peña.

Uma plica imperceptível traçou rapidamente a vasta fronte do assistente; mas desfez-se logo, e fora impossível distingui-la da sombra tênue e móbil que projetavam em seu rosto os trêmulos clarões da alâmpada, coando entre os cabelos revoltos.

— Ainda assim, não lhe tenho o segredo por muito seguro. Devem de haver serviçais na casa.

— Há uma aia que tomou logo que chegou da Espanha, e mais um escravo. Esses, se alguma coisa soubessem, já se teriam aproveitado, e não ficariam decerto ao seu serviço.

— Contudo! O ouro é como a luz de que tem a cor e o brilho; ainda no seio da terra surde.

— O que for se há de conhecer, disse o reitor um tanto despeitado.

— Certo! Nestes casos as suposições nada valem. Trabalhem na esperança do sucesso; e a seu tempo a verdade aparecerá. Entretanto já temos por onde começar, e o nosso irmão P. Inácio, naturalmente vai propor-nos algum outro alvitre.

— Se o tivesse, não esperaria que mo pedisse, padre assistente; porém curo mais dos bens d'alma, do que dos bens terrestres.

— V. Paternidade procede sabiamente, disse o P. Molina amaciando a voz; somente digo que se todos assim procedessem, a Companhia não teria forças para vencer tantos inimigos, que a perseguem, nem meios de empregar-se no serviço da religião. Uma coisa não exclui outra, P. Inácio; curemos d'alma, arrostemos o martírio se necessário for, para plantar a fé entre os selvagens; mas não esqueçamos que é preciso combater o mundo com suas próprias armas. Esta roupeta que nos veste, não é nem de melhor fazenda, nem de mais custo, do que o hábito de qualquer outra ordem; mas ela representa a milícia do Cristo e o poder imenso da Companhia; por isso abre todas as portas, e vê em todas as consciências. Dispa-a, e suas palavras, embora unguidas pelo Senhor, cairão em terra sáfara.

O P. Inácio abaixou a cabeça e não respondeu.

— Também pensa do mesmo modo o P. Figueira? perguntou o assistente a outro jesuíta.

— Penso que V. Reverendíssima tem razão; e pesa-me que, sobrando a vontade, falte-me a força de servir à Companhia em objeto de tamanho alcance; mas se uma esperança pode ser de alguma utilidade...

— Uma esperança é já alguma coisa; quando a cultiva mão tão hábil, é flor que sempre vinga e dá seu fruto.

O padre corou modestamente com o elogio do superior: encolheu-se na capa, como um homem que não se pode eximir de certo acanhamento e timidez falando a pessoas autorizadas.

— Tomou-me há tempos por seu confessor, disse ele, a Senhora D. Luísa de Paiva, viúva já idosa e muito conhecida nesta cidade pelo seu avultado cabedal. Faleceu-lhe o marido há seis anos deixando uma filha única, que está hoje moça. É senhora de muita virtude; mas tem ainda restos de sangue impuro...

— Ah! é de raça judaica! exclamou o P. Molina.

— Infelizmente assim é, respondeu o P. Figueira.

— Devem ter passado ao Brasil muitos desses cristãos-novos, depois de levantada a proibição? replicou o assistente pregando os olhos no teto.

— De feito não é pequeno o número dos que têm vindo.

— Para isso compraram tão caro o direito a El-Rei, que não soube o que vendia.

Os jesuítas tinham levantado a orelha, apenas o P. Molina fizera o primeiro movimento de surpresa, e acompanharam

o curto diálogo com atenção disfarçada. Pareceu-lhes ter entrevisto o fim secreto da missão do assistente.

Em 1601, os *pobres judeus*, a quem era proibido pela lei de 30 de junho de 1567 passar às colônias, ofereceram a soma de 200.000 cruzados pela revogação do interdito; semelhante transação que bem revelava os lucros avultados que essa raça industriosa e mercantil tirava do comércio da Índia e do Brasil, ofendia os interesses da Companhia. Desde então não cessara ela de insistir pela revogação da lei de 30 de julho de 1601.

Nada mais natural portanto do que tratar agora a poderosa associação de afastar os competidores que lhe disputavam boa parte das riquezas do Novo Mundo. Para tamanha empresa fora mister um homem hábil que excitasse nas populações o espírito de intolerância religiosa, bem intenso ainda no século XVII, coagindo assim El-Rei a voltar à antiga proibição de passarem judeus às colônias.

E esse homem não seria o visitador?

Simultaneamente luziu a centelha no espírito dos cinco jesuítas. O sorriso sutil que mal rugou os lábios mostrava a satisfação íntima da inteligência que alcançara resolver um problema difícil.

Entretanto o P. Molina, a quem não escapara o efeito produzido pela sua pergunta, reatava o fio à narração

interrompida.

— Mas isso não nos interessa agora. Dizia V. Paternidade?...

— Que D. Luísa de Paiva é descendente de uma família de judeus; e pois, embora sua fé seja robustíssima, remorde-lhe aquela mácula. Estou que seu zelo bem aconselhado não duvidará remir a culpa, fazendo esmola de todos seus cabedais a uma casa de oração que possa bem empregá-los no esplendor do culto divino.

— Se não me engano, ouvi que tinha uma filha?

— Não se engana V. Reverência, não, respondeu o P. Figueira sorrindo; tem uma filha; porém essa menina, se já não sente, é natural que venha a sentir breve, irresistível vocação para o claustro; e então...

— Compreendo! A mãe poderá dispor livremente de seus haveres.

— E satisfazer as pias intenções da sua alma devota.

— Nenhum destes auxílios é para desprezar-se, replicou o P. Molina; mas não são de pronto resultado; e para o fim que é de pouco servem. Cumpre recorrer a meios mais rápidos e...

— Se V. Reverência permite?... atalhou um frade gordo que ainda não tinha proferido palavra.

— Pode falar o P. Manuel Soares. Estamos aqui para ouvir, disse o assistente.

— Talvez pareça ousadia querer eu decidir ponto em que nossos irmãos se acharam embaraçados; mas cada um deve ocupar-se do que lhe é ordenado; e aquele não merece mais, que só cumpre o seu dever.

— Então, V. Paternidade julga ter descoberto o meio de dar à Companhia a soma de que ela precisa?

— Julgo que poderei dar à Companhia, não três milhões, porém cinquenta, respondeu o P. Soares.

— Como? perguntou o assistente com vivacidade.

— V. Reverência conhece a história das minas de prata de Robério Dias?

— Ah!...

Esta exclamação indefinível e o riso de ironia que esclareceu o rosto pálido e severo do assistente, não produziram a menor impressão no P. Soares; calmo e plácido, como quem sustenta convicção profunda e inabalável, o frade contentou-se com encolher os ombros.

— Quer V. Reverência prestar-me atenção?

— Sem dúvida; V. Paternidade diga, que o escutamos.

O Padre Soares ergueu-se, foi ao canto, abriu uma arca de que tinha a chave, tirou um grosso in-fólio, que deitou sobre a mesa, a qual gemeu com o peso do respeitável bacamarte.

Os outros jesuítas, que partilhavam a incredulidade fingida ou sincera do assistente, estremeceram vendo-se ameaçados com a leitura de algum capítulo da obra, e trocaram um olhar de espanto e medo. Só o P. Inácio conservara-se indiferente a tudo; apenas algumas vezes seus lábios finos comprimiam-se como para reter uma palavra que iam pronunciar.

Enquanto o padre-mestre espanava o pó da capa de pergaminho do velho alfarrábio, o assistente fazendo uma cara de aborrecimento, parecia revestir-se de boa dose de paciência: preparava-se para cumprir dignamente o seu penoso encargo de superior, obrigado a ouvir todos os pareceres, e a não desprezar nenhuma informação que pudesse favorecer os interesses da Companhia.

Sacudido o pó, o P. Soares alisou os raros fios de cabelos da imensa calva, encheu as bochechas, afinou a garganta, e retraindo o corpo, levou a mão à capa do livro com a emoção do autor que revê depois de muito tempo o fruto de seu trabalho e o filho de suas elucubrações.

O conclave estremeceu de novo; pressentiu que a borrasca ia desabar na forma de algum prólogo monstruoso, recheado de textos e citações; e os há tão longos que usurpam o espaço necessário ao desenvolvimento da obra, e tão insulsos que fazem perder o gosto do livro antes de o ler.

Enganaram-se porém.

O autor no abrir a capa do alfarrábio, voltou atrás e deixou-a cair.

— V. Reverência talvez não saiba a história deste livro?

— Não, padre-mestre, não sei. Pois tem uma história? perguntou o assistente com resignação evangélica.

— Tem-na, como tudo neste mundo.

— Bem pensado, P. Soares!

Os jesuítas olharam-se com desespero mudo e concentrado; em vez do prólogo escrito, que talvez só fora adiado, tinham um prêmio oral.

O P. Soares começou:

— Quando chegou a Madrid em 1593 a notícia de ter Robério Dias morrido sem indicar o lugar onde jazem as minas de prata, levantaram-se diversos boatos. No dizer de

uns, Robério despeitado porque El-Rei não lhe dera o título de marquês, vingara-se levando desta vida o segredo. Acreditavam outros que ele estava de boa-fé, e nada revelara por se ter desencaminhado um roteiro que seu pai fizera no descobrimento. Queriam muitos finalmente que tais minas só tinham existido na voz pública, *in voce populi*.

— E há de concordar que era essa a opinião mais acertada, disse o P. Molina bocejando.

— Foi a que mais correu entre a gente douta, replicou o imperturbável cronista. O sumo prelado da Companhia entendeu porém que não se devia desprezar, antes cumpria estudar o assunto com a necessária atenção. Procurou-se homem a quem encarregar de tão árdua tarefa; a escolha recaiu no menos digno. Fui mandado a esta província, e tirando forças dos bons desejos, cumpri a vontade soberana do Geral. Aqui tem V. Reverência a resulta de quatorze anos de pesquisas e trabalhos: creio eu que não foram perdidos.

— Descobriu V. Paternidade as minas pelo que vejo! acudiu o assistente com ar de mofa.

— Não, Reverendíssimo; mas achei o modo de descobri-las.

Voltando então a capa do alfarrábio, o P. Soares leu o gordo título da obra, escrito, com tinta vermelha, em bastardinho

floreado.

O título rezava:

*Memória circunstanciada*

Que

*A respeito das famosas Minas de*

*Prata*

*de Jacobina*

*escreveu o Padre Manuel Soares,*

*da Companhia de Jesus, Religioso*

*Professo,*

*e Cronista da Província do*

*Brasil,*

*Seguida de notas críticas e explicativas*

*para*

*melhor inteligência do texto.*

*Cidade do Salvador. — Ano MDCVI.*

Não se achava muito desenvolvido naquela época o espírito de associação literária, nem se tinham inventado ainda institutos e academias de toda a espécie; pois é natural que o Reverendo P. Manuel Soares não se esquecesse de

comemorar no frontispício do livro, à guisa de alguns autores modernos, os seus diplomas científicos.

Os olhos já apertados dos jesuítas começaram a toscanejar de uma maneira significativa.

— Tem esta memória duas partes. Na primeira trata-se de saber que destino teve o roteiro de Robério Dias. Na segunda procura-se conhecer aproximativamente o lugar onde existam as minas. Vou ler.

— Tudo isso, P. Soares? exclamou o assistente em cujo rosto pintou-se o pavor que lhe inspirava semelhante leitura.

O cronista sorriu:

— O texto é pequeno e escrito em bastardinho; o que avultam são as notas, e estas V. Reverência consultará depois.

— Contudo, não será melhor amanhã?

— Amanhã?... Ninguém sabe o que pode acontecer.

— Está bem, leia, P. Soares, disse o assistente recostando-se no espaldar da poltrona.

A imparcialidade de historiador nos põe o dever de protestar contra a injusta prevenção do respeitável capítulo sobre a prosa do Reverendo Manuel Soares.

O ilustre cronista da Província do Brasil, como Cervantes, havia pressentido já no século XVII a invenção da escola romântica, à qual deve a literatura moderna tantos primores e maiores extravagâncias literárias. A sua narrativa tinha a forma dramática do poema antigo e a simplicidade do conto da Média Idade. O estilo chão e fluente desmerecia talvez pela falta do nervo e concisão da frase, mas compensava este senão com a naturalidade e singeleza da expressão.

É pena que esse livro precioso se tenha perdido, pois sem contar a descoberta importante de que tratava, daria à história que ora escrevemos um testemunho irrecusável de sua veracidade.

O jesuíta abriu o alfarrábio com muita solenidade, e dispôs-se a começar a leitura no meio do mais profundo silêncio, pois era o silêncio da modorra. De feito o capítulo, com exceção do P. Inácio absorvido em suas meditações, sofria naquele momento a ação soporífera que sobre ele exercia a crônica das minas de prata; mas o autor, com a consciência do merecimento de sua obra, não via senão o recolhimento de quem se preparava à audição.

Não há notícia do que leu nessa noite o Reverendo Manuel Soares, cronista da Província do Brasil; porque ainda é duvidoso que algum dos respeitáveis conselheiros que compunham seu auditório o ouvisse. Antes que o leitor chegasse ao fim da primeira parte, a grande lâmpada, falta de óleo, crepitou e a luz extinguiu-se.

Esse caso imprevisto dissolveu o capítulo com verdadeira satisfação dos reverendos professos, que foram acabar no leito o primeiro sono interrompido. O último a retirar-se foi o provincial, que depois de fechar as arcas e armários com a costumada prudência, entregou a correia de chaves ao assistente, como superior da casa.

Já o silêncio se restabelecera nas vastas salas e corredores do convento; todo o claustro parecia entregue ao repouso, quando de novo a luz mortiça de uma lanterna alvejou nas trevas, e veio caminhando na direção do cartório.

A chave rangeu na fechadura, e o P. Gusmão de Molina, pois era ele, penetrou no gabinete e fechou-se por dentro. Aí demorou-se o resto da noite, lendo o grosso in-fólio do P. Manuel Soares com ardente curiosidade. Alguma vez parava para refletir, mas prosseguia logo com maior afã a interrompida leitura.

Afinal encontrou ele o que procurava. Leu e releu uma e muitas vezes a página; acabou arrancando-a sutilmente do ventre do alfarrábio. Dobrou-a e escondeu no bolso interno do hábito; restituindo o manuscrito à arca onde jazia, tornou com o mesmo mistério à cela que lhe haviam destinado.

O dúbio palor que precede a alvorada descorava o oriente, quando o visitador entrou na cela. Ainda uma vez absorveu-se na leitura da folha arrancada ao manuscrito, como se a

quisesse decorar; depois abrindo o missal, copiou em cifra, de que só ele tinha a chave, o contexto da página.

Então a chama da luz que o esclarecia devorou lentamente a folha do manuscrito, cuja cinza pulverizou a mão prudente do jesuíta.

O P. Gusmão abriu o postigo da janela; a fresca brisa que impelia o pirajá da Ponta do Padrão refrescou-lhe a fronte abrasada pela vigília e por fundas meditações.

Longe recortavam no escuro do horizonte as colinas de Itaparica; sobre a polida face do mar passavam, como frouxos reflexos das estrelas, as velas dos barcos pescadores, que já se aproximavam de terra.

Nem mais burburinho de festa, nem mais rumores do mundo.

A cidade repousava fatigada das emoções da véspera, enquanto a natureza plácida se preparava para a festa serena do nascer do dia.

Interrompeu a meditação do visitador uma forte pancada vibrada na porta larga do convento por mão robusta e insôfrega. O jesuíta debruçando-se à janela viu parado no pórtico um vulto armado; poucos instantes passados ouviu o diálogo que trocava o irmão porteiro com o desconhecido.

— Quem vai lá por tais desoras?

— Um servo de Deus, Irmão Bernardo.

— Um servo de Deus! resmoneou o porteiro. Todos o são quando lhes faz conta.

— Pois não me conheceis? Manuel Batista, escudeiro da Senhora D. Luísa de Paiva?

— Bem me queria parecer que já vos tinha ouvido a voz algures... Com que então sois Manuel Batista?

— Sim, Manuel Batista.

— O escudeiro da Senhora D. Luísa de Paiva?

— O próprio sem tirar nem pôr.

— Da Senhora D. Luísa, viúva do mercador...

— Isso mesmo, Irmão Bernardo. Mas com o favor de Deus abri, que já me tendes aqui há bom credo!

— Lá se vai, lá se vai, irmão. Com que então sois o escudeiro da Senhora D. Luísa, daquela que mora além dos Padres Bentos? Estais bem certo disso?

O escudeiro mordeu nos beiços uma jura bem pouco cortês e desabafou abalando a portada com um murro furioso.

— Quereis fazer a mercê de abrir?

— Esperai com Deus, Irmão Batista. A impaciência é um pecado; e já agora fareis penitência dele.

— Irmão Bernardo, Irmão Bernardo! retrucou Batista: tendes muitas palavras para leigo, e pouca diligência para um porteiro. Queira Deus que a Senhora D. Luísa não faça disto sabedor o Reverendo P. Figueira, que certo o levará ao P. Provincial.

O argumento calou no ânimo do leigo, que resolveu enfim alumiar a candeia.

— Hum! Hum! hum!... Mas, enfim, dizei duma feita a que vindes.

— Venho procurar o Reverendo P. Figueira da parte da dona.

— E que tamanha estreita é esta? Já se acha ela *in extremis*?

A portada abriu-se; o escudeiro como quem era conhecedor da casa barafustou pela escadaria em direção aos dormitórios.

O P. Molina chegava à porta da cela para inquirir de Batista o motivo de tão pressuroso chamado que enviava D. Luísa ao seu confessor, quando encontrou-se face a face com o P. Inácio do Louriçal. Trocadas as saudações com a costumada humildade evangélica, o visitante esperou que o religioso lhe comunicasse o assunto de visita tão matutina.

— Venho pedir a V. Reverência uma graça.

— Diga, P. Inácio; e seja ela tal que eu possa satisfazer a V. Paternidade sem prejuízo do serviço de Deus.

— Não pode ser em prejuízo do serviço de Deus, pois é para seu maior serviço. Venho pedir a V. Reverência que me deixe ir apostolar no sertão, entre os selvagens que tanto carecem da palavra divina, da qual nunca seremos pródigos em demasia, nós, os ministros do Senhor.

— De quando é essa meritória inspiração?... Seria a nossa chegada a esta casa que tanto afervorou o zelo de V. Paternidade?

E como o jesuíta não respondesse, o visitador continuou em tom de severidade.

— P. Inácio, P. Inácio, o orgulho é mau conselheiro. *Initium omnis peccati est superbia*, disse o Eclesiástico. Ontem fui de contrário aviso ao seu, na maneira de entender o nosso santo ministério; e o fui por dever, que não por mundana vaidade de primar sobre o próximo. Doeulhe a contrariedade; por isso quer já evitar a nossa presença. Não pode ser bem aceita a Deus a oblação que vem do mau pensamento.

— Humilho-me diante de V. Reverência como um grande pecador que sou, mas de orgulho não me acusa a consciência, padre visitador. O apostolado foi sempre o meu

constante desejo; agora mais do que nunca. Entre o gentio, um sacerdote ignorante e simples será sempre agradável ao Senhor ensinando o Evangelho; enquanto que nas cidades, as obras são de vulto e os casos difíceis. As forças me falecem para tamanha empresa.

— Recaiu em culpa e pena, P. Inácio; essa fingida humildade é soberba ainda. Amesquinha o apostolado; mas está se vendo que sua intenção foi exaltá-lo, desdenhando daqueles que se ocupam com outros deveres, também árduos, do nosso Santo Instituto. Parece que a obediência de V. Paternidade repugna com eles.

— A minha obediência é sem limites, padre visitador, mas a minha inteligência é acanhada. V. Reverência me ensinou ontem que há deveres que não sei compreender; confesso a minha fraqueza; temo que a minha rudez não me torne túbio e irresoluto. É receio de pecar por ignorância, padre visitador; não falta de zelo, menos soberba.

— Bem; não comece pelo rigor o uso do pleno poder que o sumo prelado da Companhia nos confiou para governo desta Província: vá apostolar o P. Inácio. Quando V. Paternidade se achar só com a sua consciência, conhecerá que tínhamos razão; estou que nos virá então de ânimo contrito. Saiba porém que o maior martírio que levamos em oferta ao Senhor não é o martírio da carne, que nos tingem de vermelho a túnica e macera este pó de que fomos amassados. Oh! que não! Há mais cru e de maior angústia.

É o martírio d'alma, cheia de caridade e crivada das dores que afligem a pobre humanidade; é a coroa de espinhos do apóstolo mandado para resgatar o homem do pecado com as lágrimas e sofrimentos do próximo. Esse sim é martírio; não de sangue, mas do espírito.

Nesse momento o P. Figueira acompanhado do escudeiro de D. Luísa aparecia na extrema do corredor.

O escudeiro penetrando no convento, correrá direito à cela do confessor de sua ama, e sem dar-lhe tempo de vestir a capa, anunciara a que vinha:

— Padre-mestre! Padre-mestre! Trago recado da dona para que sem perda de tempo a vá socorrer com seu adjutório.

— O que houve por lá?

— Saberá o Reverendíssimo que ignoro. A dona só me disse para trazer, que o caso era intrincado e ninguém mais lhe podia valer, senão o padre-mestre.

— Isto foi o que mandaram dizer; diga agora o que sabe, respondeu o jesuíta envergando o hábito.

— O que sei? Mas eu não sei nada, Reverendíssimo!

— Manuel Batista, você não está em estado de graça. Hoje é sexta-feira: vou ouvi-lo de confissão, antes de partirmos.

— Não é preciso, padre-mestre.

O escudeiro pôs-se na ponta dos pés e segredou no ouvido do religioso, em cujo rosto pintou-se o assombro do que ouvia.

— A filha!... A menina Elvira?... exclamou o frade.

— A menos que não sejam coisas do Tinhoso!... *Vade Retro!*

— Bom, bom! Vamo-nos sem detença. Remiu sua culpa, Manuel Batista. De caminho rezará em voz alta três credos; é a penitência que lhe dou. Para outra vez a terá anoveada.

Encontrando o visitador, o P. Figueira tomou-o de parte para comunicar-lhe o motivo de sua diligência. Pouco se demorou; logo descendo a larga escadaria de pedra, transpôs o limiar e cortou a passo miúdo, mas rápido, na direção dos beneditinos.

Seguia-o de perto o Manuel Batista, o qual em cumprimento da penitência, declamava no tom da verdadeira compunção o Creio em Deus Padre.

O sol já vinha despontando; seus primeiros raios douravam os cimos das verdes colinas grupadas em pedestal à cidade, e iam carminar as orlas das brancas nuvens esgarçadas pelo azul do céu.

O pirajá que durante a noite se desfizera sobre a cidade, umedecera o arvoredos, que ainda nesse tempo entrava pelo recente povoado, recortando as ruas e praças e dando à cidade uma feição campestre de amena singeleza. As aves silvestres atitavam na ponta dos telhados cobertos de parasitas; o gado mugindo alegremente retouçava à beira do caminho.

Era uma fresca manhã das que vigoram o corpo nos países tropicais, e lavam o peito com os acres perfumes das plantas; manhã que já não se pode hoje gozar senão longe das cidades, *procul negotiis*.

Enquanto o P. Figueira, seguido pelo seu penitente acólito, vai lesto galgando a estreita vereda que serpeja pelo vale na direção dos beneditinos, o compilador destas velhas memórias irá em busca de Cristóvão, que ficou em ação de contar a Elvira as festas do Terreiro do Colégio.

O vulto que a desoras aparecera no pátio da casa de D. Luísa de Paiva e se adiantara manso e manso, era o caseiro e homem de confiança da rica viúva; melhor diríamos mordomo, se este cargo não fora privativo das casas de primeira nobreza.

Quando Elvira, reconhecendo Cristóvão embaixo de sua janela, soltou a imprudente exclamação do júbilo que lhe causava a presença de seu amante, o caseiro não dormia. Privado da festa pelas práticas severas da viúva, que impunha o seu beatismo aos próprios fâmulos, Manuel Batista consolava-se com alguns restos da adega do falecido mercador, e preparava-se por meio de uma ceia fria e succulenta para o jejum da sexta-feira.

Ouvindo o estranho grito, o caseiro passou a cabeça pelo postigo; viu um vulto galgar a janela de Elvira, e desaparecer no interior. O doce murmúrio de vozes abafadas, que lhe trouxe a brisa daquele lado, fez-lhe

compreender o que passava, e colocou-o em sério embaraço.

Se o desconhecido fosse um malfeitor, o negócio era simples. Batista tinha no canto armas de boa têmpera, e sempre pronto um braço robusto e ágil. Mas era outro o caso; a menina levaria decerto a mal qualquer ato de violência contra seu namorado; e o prudente caseiro não se julgava habilitado a obrar, sem ordem expressa da dona.

Firme nessa resolução, fechou o postigo, fez desaparecer os vestígios da ceia, foi direito à câmara da aia, a quem mandou acordar a viúva. Esta pressentindo um acontecimento extraordinário, se ergueu e compôs logo.

— Que há, Batista?

O caseiro contou quanto sabia.

— Julgais que ele ainda ali esteja? perguntou a dama depois de ouvi-lo friamente.

— A não ter saído enquanto vim prevenir-vos.

— Pois ide e guardai a janela. Dizeis que não é um ladrão; é um ladrão, vos afirmo eu, ladrão de minha honra e sossego! Tratai-o como tal!

Batista voltou; D. Luísa tomando uma adaga na antiga armadura de seu marido, erguida ao lado da sala, dirigiu-se,

ela só, para o quarto de sua filha.

Elvira e Cristóvão sentados no estrado repetiam ainda uma vez as juras e doces protestos de eterno amor, quando a menina viu pelo espelho do trumó o lado oposto da tapeçaria que afastavam, e o vulto de sua mãe que surgia lívido e ameaçador, brandindo na mão convulsa o punhal meio oculto pelas dobras da roupagem.

Ela via, pasma de grande terror, o vulto crescer e caminhar com passo hirto, abafado pelo tapete; Cristóvão sem aperceber-se da mudança de seu semblante murmurava as ternas falas que ela já não escutava. Mas quando o punhal, vibrado pela mão nervosa, cintilou aos reflexos da luz, rápida como o pensamento, Elvira soltou um grito convulso, e envolvendo o corpo de seu amante, furtou-o ao golpe mortal. A ponta do ferro ainda rasgou a cambraia da anágua, esfrolando a cútis cetim da mimosa espádua.

Houve grande silêncio; as três personagens desta cena formavam um belo grupo.

Cristóvão, que se erguera surpreso, estava imóvel, de cabeça baixa; em face D. Luísa, muda e sombria, com o colo distendido, parecia espreitar a presa; Elvira, de cabelos desgrenhados, lábio trêmulo, roupas espedaçadas e rubras de sangue, era sublime na ferocidade do seu amor. Debruçada toda sobre o cavalheiro, que ela defendia com o corpo, voltando o rosto sobre a espádua para fitar sua mãe,

com uma das mãos estreitava o amante ao seio, e com a outra tocava o cabo do punhal na cinta de Cristóvão.

E assim, mãe e filha afrontavam-se, uma nos seus instintos de cruel vingança, a outra no heroísmo de sua veemente paixão. Mas era sobre-humano o esforço: não podia durar. D. Luísa deixou cair o punhal da mão; Elvira desmaiou nos braços de Cristóvão.

O moço pousou sobre o estrado o corpo inanimado de sua amante e foi ajoelhar aos pés da dama.

— Fugide à minha vista! gritou D. Luísa sufocada pela cólera.

— Grande foi meu crime, senhora; seja grande vosso castigo. Se me julgais indigno do amor de Elvira e de vosso perdão, pereça eu pela mão que ultrajei, mas quisera beijar como filho.

Cristóvão proferiu estas palavras apresentando o punhal que erguera dos pés da dama. D. Luísa hesitou um instante; afinal mostrando a janela com um gesto enérgico, exclamou de novo:

— Saíde! Não insulteis esta casa com a vossa presença! Saíde!

O moço conheceu que não havia lutar contra tão violenta cólera; dirigindo-se à janela, saltou no pátio.

A mãe de Elvira correu imediatamente para espreitar o que passava fora; viu cinco vultos botarem-se ao cavalleiro apenas ele tocou o chão. Soou logo o estrupido dos pés que batiam como se a luta andasse travada entre adversários; após o tinir de armas que esgrimiam.

Elvira saiu do desmaio, como por estranha impulsão. Ergueu a cabeça e inclinou o ouvido para receber os ligeiros rumores que vinham de fora. Quando distinguiu a natureza do som áspero e metálico, que lhe erriçara os cabelos, surgiu de um salto, ofegante e esvairada.

Sua mãe, vendo-a precipitar-se para a porta entreaberta, apenas teve tempo de gritar-lhe:

— Elvira, onde ides?

— Morrer com ele!... exclamou a menina sumindo-se pelo corredor.

Instantes depois uma branca sombra atravessou veloz pelas trevas da noite, passou entre as espadas nuas, e foi cair nos braços de Cristóvão. O moço reconheceu a sua Elvira querida, e julgou-se feliz de poder apertá-la ao seio ainda uma vez antes de morrer.

As armas abaixaram-se diante da donzela, que se voltara para os agressores dizendo-lhes:

— Matai-me primeiro a mim!

Batista que capitaneava os acostados, não sabia como desatar este nó, quando para desencargo seu, D. Luísa apareceu no pátio.

— Fugi! Eu vo-lo suplico! disse rapidamente Elvira ao ouvido de Cristóvão.

E como ele hesitasse:

— Salvai-vos por mim, e para mim!

— E vós, Elvira?

— Não temais. É bárbara, mas é mãe.

Súbito, uma voz possante cortou o silêncio do ermo, e elevou-se cheia e sonora, modulando ao longe uma chacota popular da época:

*Santo Antônio de Argoim  
Sentou praça de soldado;  
Tem capa de cramesim,  
Ganha de soldo um cruzado,  
Santo Antônio de Argoim.*

Cristóvão escutava com alegre sobressalto esse descante a

horas mortas, quando depois de breve pausa a voz atacou a segunda copla:

*Cachopa de Matoim,  
Dá-me praça em teu cuidado  
Por capa a fralda cetim,  
De soldo um riso lavado,  
Cachopa de Matoim.*

O leitor curioso de conhecer a crônica de Santo Antônio de Argoim, a quem deu El-Rei em prêmio de seus bons serviços praça de soldado raso na Fortaleza da Barra e o soldo correspondente, pode ler as memórias do tempo; basta-lhe saber para melhor inteligência desta história, que Santo Antônio de Argoim era então o santo mais milagroso da Bahia, como tal celebrado nas cantigas do popular; e bem assim que as cachopinhas da ribeira de Matoim traziam de canto chorado os seus adoradores.

Cristóvão tinha, antes que terminasse a segunda copla, levado as mãos à boca; e soltara pela expulsão do ar comprimido um desses assobios longos e agudíssimos, como se ouvem nas assuadas da plebe. Havia porém uma modulação especial no aviso do cavalheiro; depois do sibilo vivo e prolongado que subiu ao último tom da gama, sentiu-se como um tremulho de aspiração, e por fim o pizicato de três notas soltas e destacadas.

Era visivelmente um sinal que mandava Cristóvão a alguém através da distância que os separava; mal expirou o eco entre os murmúrios da noite, um assobio inteiramente semelhante respondeu longe; daí a um instante, mais perto e rápido, talvez pedindo a direção do sítio donde partira o aviso.

— Tranquilizai-vos, Elvira minha. Estou salvo! disse o moço depois de ter dado a réplica ao misterioso diálogo.

Era tempo, porque D. Luísa chegando travara do braço da filha e procurava arredá-la do lugar da luta. Elvira quis resistir ainda; mas um gesto cheio de confiança de seu amante e um novo sinal muito próximo que anunciava o pronto socorro, a persuadiram. Seguiu lentamente a mãe até o meio do pátio; aí foi necessário que a aia a tomasse ao colo para fazê-la entrar à força.

Retirando-se, a viúva voltou-se para Batista, e atirou-lhe estas palavras em tom breve e ríspido:

— Aí o tendes!

O caseiro, visivelmente preocupado com o singular diálogo de Cristóvão, sondava as trevas em torno, julgando ver surgir a cada momento dentre a ramagem alguma quadrilha de alguazis ou gente armada. Obedecendo porém ao pensamento, mais que às palavras da dona, fez um sinal aos

acostados, e avançaram em linha contra o cavaleiro já preparado para recebê-los.

O combate continuou.

Cristóvão já ferido defendia-se com a espada na mão direita, e na esquerda um forte bastão que improvisara de um galho seco. Mas o que o salvava ainda, era a ligeireza do salto, que não permitia aos agressores cercá-lo e feri-lo pelas costas.

Contudo a posição do cavaleiro empiorava a cada instante. Recuando aproximara-se do largo e fundo valado que cercava o pátio da casa; a estreiteza do espaço já não lhe permitia as livres e rápidas evoluções com que resistira à grande superioridade do inimigo.

Nisto assomou da outra banda uma figura de homem seca e pernalta, que avançava com passo tardo e desgarrado.

Nesse andar preguiçoso vencia o sujeito mais distância que o melhor caminheiro a todo o estirão; mas também quando ele abria o largo compasso das pernas, e assentava a chanca espalmada num soco de couro cru, parecia que se escarranchava no chão para surdir de novo e de novo mergulhar na passada desmedida. A estatura descia então mais de palmo; os braços abanados e já longos de si rastejavam quase; e o enorme tamanco deixava no chão um surco profundo.

Era uma ridícula figura!

Trazia, atirado para as costas e preso ao pescoço por um rosário de coco, um grande chanfalho de folha larga e fornida, semelhante aos que ainda hoje usam alguns sertanejos, e servem ao mesmo tempo de faca, de espada, de cavador e foice a quem anda habitualmente pelos matos virgens. Um comprido varapau com pontas de ferro, atravessado por baixo dos braços ao través do lombo, completava o equipamento guerreiro do grotesco personagem.

Chegando à beira do valado aprumou o talhe e mostrou um instante a descomunal elevação da estatura; mas logo, vergando como um arco sobre o fosso, o olhar felino perscrutou as sombras e viu o que passava do lado oposto.

Cristóvão também o vira e reconhecera, pois o chamou pelo nome:

— João Fogaça!...

— Tente com eles, Cristovinho: três botes ainda, enquanto engambito este valo de mil demônios!

— Avia, amigo, se não tarde chegarás! respondeu o cavalheiro.

— Seria a primeira vez que tal me acontecesse, rapaz! Ai, neste jeito, não me deixas nenhum dos malandros, para que

eu tenha o gosto de tosar-lhe a pele.

Cristóvão com efeito acabava de prostrar um dos adversários; mas ainda restavam quatro contra ele ferido e debilitado com a perda de sangue; quatro assassinos excitados pela resistência heroica, pela ambição do salário, e o receio do novo e fresco inimigo que se aproximava.

— Espera, corja de biltres; eu já te dou a amostra do pano. Vais ver de que massa é feito João Fogaça, o capitão de mato.

E fincando os pés na borda, colheu as curvas elásticas, para saltar de um pulo temerário toda a largura do fosso: mas um obstáculo imprevisto sobreveio.

Duas mãos robustas pesaram-lhe sobre os ombros, quando ele já desenvolvia o salto:

— Alto lá, camarada! proferiu voz estranha.

O capitão de mato, sentindo falhar-lhe o primeiro impulso pela brusca intervenção, teve apenas o tempo de saltar para trás, e pôr-se em defesa contra a agressão inesperada. Achou-se então cercado por seis homens que chegavam sobre seus passos.

Um deles, que parecia ter sobre os outros certa proeminência de chefe, fora quem retivera o capitão de mato no momento em que este ia saltar o fosso.

— Peai-me já este sendeiro manhoso, vós outros, disse ele para os companheiros.

E adiantou-se para o valo:

— Que é isso lá? gritou para a outra banda.

— É um homem que assassina covardemente! disse Cristóvão.

— Olé, Anselmo! exclamou Batista. Foi Deus que vos trouxe por essas bandas para dar-nos uma demão cá neste negócio.

— O negócio é vosso, mano; o meu ainda não sei qual seja, respondeu Anselmo.

— Também já está a concluir, acudiu o caseiro; basta que tenhais filado, um credo só, esse encazinado capitão de mato!...

— Há de se ver isso!...

O Anselmo voltou-se para conhecer a causa do rumor que ia entre os seus e João Fogaça; sentindo as costas guardadas, continuou a conversa:

— Antes de correr o dado olha-se a parada, amigo Batista. Ainda não sei como fala esse cavalheiro, que vende a vida mais caro do que desejais. Vede!... quase estroncou-vos o

braço!... Se ele tem a bolsa tão pesada, quanto o bote que vos atirou, estou apostando que não lhe levareis a melhor.

— São vossas dez moedas! exclamou Cristóvão animado de súbita esperança.

— As falas são boas, retrucou Anselmo. O que falta saber é se as obras correspondem.

O salteador armou o arcabuz:

— Eh lá, amigo Batista! Arredo, se não quereis que vos faça um fricassé dos miolos. Paz, enquanto me entendo cá com o fidalgo.

— Mas, Anselmo, esta é uma ação má que praticais, e de que vos heis de arrepender cedo ou tarde!

— Tendes mais de dez moedas para picar o páreo?

— Quando as tivesse, não sérieis vós que lhe havíeis de pôr o gadanho, burlão!

— Pois não me obrigueis a fazer em vez de má, uma boa ação, mandando-vos direitinho para as caldeiras do compadre Botelho. Arredo, vos digo eu!

Batista, diante da boca do arcabuz voltada para ele, cedeu bem contra a vontade, e recuou com os seus companheiros a uma pequena distância.

— Mais! Mais!... Sois madraço, mano, mas não me embaçais! Bom! Agora, meu fidalgo, contai as dez moedas, atirai cá a bolsa, e dou-vos carta de seguro até a porta. Até se quereis, podemos preparar para vosso divertimento um sarapatel desses quatro borregos que aí estão tanto há para matar um homem. Quanto ao Maneco, eu lhe apararei as orelhas para doutra feita ouvir melhor!

Cristóvão desgraçadamente não tinha bolsa consigo; a que ele trouxera, vinha cheia das prendas que dera a Elvira. Pressentindo porém que o desconhecido não lhe prestaria o prometido auxílio sem palpar as moedas, o cavalleiro assentou de ganhar tempo, fingindo procurar um objeto que ele sabia ausente.

— Muito custam a desatar os cordões de vossa bolsa, meu fidalgo, disse Anselmo já desconfiado da demora. Tão leve a trazeis, que não sentis onde vos pesa.

O moço tinha ao menos conseguido descansar algum tempo; fingiu pois que de novo procurava, e aproximando-se do fosso, respondeu a meia voz:

— Sem dúvida caiu-me a bolsa na luta; mas com isso nada perdeis. Hoje mesmo vos contarei não dez, senão vinte moedas. Palavra de cavalleiro!

— Ai! meu fidalgote de sólia! Cuidei que tínheis outro metal de voz! O vosso não tine, nem mesmo a prata velha!

— Chega-te mais perto que eu te farei tinir no costado outro metal de melhor cunho! retrucou o moço sentindo revoltarem-se os brios.

— Estais assim com essa pressa de esticar a canela? Pois faça-se a vossa vontade. Vou tirar-vos esse gosto, manos!

E de feito apontava o arcabuz para Cristóvão.

Enquanto isto passava à beira do fosso, outro incidente tivera lugar ali perto.

Os cinco desconhecidos obedecendo à ordem do chefe, tinham corrido sus a João Fogaça para segurá-lo; mas o capitão de mato sempre impassível inteiriçou a perna esquerda, e levantando a direita horizontalmente, girou sobre si mesmo com velocidade incrível. Por onde passou o dúplice corrupio do varapau e do enorme tamanco ferrado, se encontrou braço, estroncou, se bateu em cabeça rachou.

— Ainda faltam seis para a minha conta! disse o capitão de mato contando os adversários colocados em respeitosa distância e bem maltratados do primeiro ataque.

João Fogaça ruminava nos meios de socorrer Cristóvão, quando as coisas tomaram melhor aspecto com o oferecimento das dez moedas. Sempre alerta acompanhou os incidentes da cena: se os seus adversários faziam o menor movimento para atacá-lo, o compasso da perna abria-se como para mostrar o raio de círculo que não

podiam transpor; e tanto bastava para que eles recuassem logo.

Mal Cristóvão declarou ter perdido a bolsa, o capitão de mato pressentindo o desfecho, tomou a sua posição de ataque; mas dessa vez o corrupto avançando rechaçou os cinco bandidos para os lados, e aproximou-se do fosso no momento em que Anselmo levava o arcabuz à face.

De um revés do pé, o capitão de mato atirou com o salteador no fundo do valado. Já os outros porém estavam com ele, e o impediam pela necessidade da defesa, de tentar o salto difícil senão impossível do largo fosso.

Cristóvão estava prestes a sucumbir sob as espadas que o ameaçavam de novo, depois da curta trégua. Cansado da heroica defesa, perdida já toda a esperança, atirara-se com raiva e desespero sobre os agressores. Mais um caiu sob o fio de sua espada; porém restavam três, e por cúmulo de infelicidade acabava de receber na curva um golpe, que o forçara a ajoelhar. Nessa situação extrema, o que o sustinha ainda, não era já o instinto da conservação, mas sede de vingança somente. Queria antes de morrer matar mais um, todos se pudesse, de seus vis assassinos.

Que fazia entretanto Elvira?

Morria e revivia para tornar a morrer de mil mortes, que lhe dava a cruel angústia. Com o ouvido à escuta, absorvida

toda em sua aflição, ajoelhada aos pés do crucifixo, queria orar e não podia. A alma ia-se de Deus ao triste amante.

Em vida do pai de Cristóvão, morava nas terras de seu engenho Garcia, um roceiro pobre, casado em segundas núpcias.

Sua primeira mulher, que servira de ama a Cristóvão, deixara um filho de sete anos, feio menino e desengraçado sim, mas de excelente índole. A madrasta foi má para o enteado, como sempre sucede, e escorraçou a pobre criança.

O menino fugia de casa para evitar os maus tratos, e escondia-se na próxima capoeira. Aí passava o dia entretido em ver as formigas carreando a areia do buraco, em armar arapuca às rolas e sabiás, ou trepar nas árvores para dar caça aos ninhos. A princípio ainda recolhia a casa nas horas de refeição; depois só para cear e dormir. Os frutos silvestres lhe sabiam melhor do que a broa, que o pranto amargava.

Quando voltava do mato, já lusco-fusco, era raro que não trouxesse, escondidos no seio da camisa, algum ninho de ave, uma fruta, ou bonitos passarinhos que dividia entre o seu colação e uma menina do lugar, filha do vizinho. Eram esses dois entes seus carinhos e sua maior consolação.

As vezes e bem frequentes, que a madrasta o castigava barbaramente sem arrancar-lhe um gemido dos lábios cerrados ou uma lágrima dos olhos secos, era no seio de sua

camarada de infância, que a vítima desafogava o coração. Mariquinhas chorava também; pranto copioso vertia dos olhos de ambos. Então o menino arrendia-se da mágoa que causava à sua amiga, e inventava algum folguedo para alegrá-la.

De lastimando-se que estavam, logo começavam de rir e folgar. Abençoadas lágrimas da infância, doce linfa que mana o coração, enquanto puro e virgem, como límpidos orvalhos da manhã da vida! Não conhecessem os olhos que as vertem, aquele outro pranto amargurado, que sangra mais tarde da alma ulcerada!

Veio a adolescência.

João habituado já à solidão e feito com os acidentes do campo, se arriscara até a mata-virgem, e breve soube-lhe dos mais recônditos mistérios. Ninguém melhor que ele seguia a pista do animal, ninguém melhor imitava o silvo da cobra, o assobio da anta, o canto de todos os pássaros. Muitas vezes atraía o iludido animal, que lhe acudia como ao terno companheiro.

A gente do lugar chamava-o caiporinha, de uma palavra tupi que significa — habitante da floresta; e com efeito o apelido quadrava perfeitamente, porque vindo a falecer-lhe o pai, ele abandonara de maneira a casa paterna, e aí não pôs mais os pés, desde o dia em que saiu órfão. Arranjou então uma miserável palhoça à beira da mata; e ainda essa

parecia luxo; sua verdadeira moradia continuou a ser a floresta, onde cada árvore lhe dava abrigo durante a noite.

Por esse tempo, Cristóvão, cinco anos mais moço do que o seu colação, já se afoitava a travessuras maiores de sua idade, e frequentes vezes acompanhava o caiporinha nas excursões pelo mato.

Quando sucedia separarem-se no escuro da floresta, o menino sentia-se tomado de um estranho pavor; para animá-lo e indicar-lhe o seu ponto, tinha o João um modo de assobiar mui particular, e de tal força que atravessava os rumores da mata sem confundir-se neles.

O costume fez que este assobio se tornasse com o tempo um sinal de aviso em todos os incidentes de sua vida comum. Queria João comunicar a Cristóvão alguma caçada de jacus, a que pretendia ir à boca da noite? Assobiava de longe; e o seu colação fazia uma escapula de casa para vir falar-lhe. Carecia Cristóvão do companheiro alguma vez para irem-se de camarada ao banho ou ao passeio? Não tinha mais do que pôr-se ao vento da palhoça e soltar o assobio: João com pouco ali estava rente.

Fora igual aviso que dera Cristóvão quando, no transe em que se achou, ouviu a cantiga predileta do capitão de mato; o mesmo foi reconhecer-lhe a voz que lembrar-se dos folguedos de sua infância tão presentes à memória. Depois daqueles tempos felizes e descuidosos muitos e muitos

acontecimentos haviam passado que são de saber. Cristóvão chegara a mancebo e cavalheiro; João alcançara uma patente de capitão de mato para o que tinha muita propensão.

Naquela época em que a floresta confrontava com a cidade e quase lhe invadia os quintais, oferecendo ao crime como ao vício couto seguro e asilo contra a vindita da lei, o capitão de mato foi ofício de importância. Era quem melhor policiava o estado, e ia aos desertos sertões trazer o réu à justiça, o escravo ao senhor, e perseguir as hordas selvagens quando infestavam a vizinhança dos povoados.

João Fogaça porém não seria capitão de mato se não fora sua má estrela.

A menina, que lhe dera os primeiros amores, estava já moça, e guapa e formosa. Era conhecida pela Mariquinhas dos Cachos. Viera-lhe o nome das lindas tranças pretas aneladas que brincavam sobre as espáduas torneadas. Quando ela vestia aos domingos, para ir à missa da capela, sua vasquinha de belbute azul com saiote de seda, não havia em toda aquela ribeira quem não suspirasse pela gentil cachopa. João a amava desde a primeira infância. Se com os anos vieram a timidez, o recato, a esquivança, por outra parte o sentimento criara raízes mais profundas, como as túbaras, que medram no seio da terra, embora tenham a rama crestada do sol.

Assim os dois já não brincavam com a antiga efusão; mas em compensação viviam mais um do outro.

A melhor porção da vida de João era da moça. Sua lembrança amiga o acompanhava nas correrias através das matas. Quanto colhia de gracioso e delicado, flor, ave, ou fruto, era para ela; quanto via de bom e lindo, misturava-se logo em seu espírito com a imagem dela. Mariquinhas de seu lado seguia com o pensamento o jovem caçador, estremeando à ideia dos perigos que porventura corresse. Ao cair da noite o esperava ansiosa entre as moitas do quintal, junto à cerca, onde costumava falar-lhe todas as tardes. O coração soçobrava em alegria e susto ao mesmo tempo, quando ouvia longe o descante que anunciava próxima a chegada do amigo.

Amavam-se, mas nem sabiam dizê-lo um ao outro; nem conhecê-lo. Entreciam e duvidavam de sua mútua afeição, e esperavam ambos a confissão que nenhum ousava fazer, e talvez ambos temiam em sua impaciência. Até que o dia chegou da explicação; antes não viera!

Uma bela manhã, por meio do almoço, o pai de Mariquinhas virou de supetão a cara para a mulher e lhe disse à queima-roupa, em tom que não admitia réplica:

— O José Tendeiro casa com a Maricas. É preciso ver modos de arranjar-lhe o enxoval. Coisa que ande em pouco!

O primeiro movimento da moça foi de espanto; logo após quando ficou só a angústia encheu-lhe os seios d'alma e transbordou nas lágrimas e soluços. Regalou-se de chorar; e bom foi porque afinal de contas achou-se mais serena. Uma coisa, como a fresca sombra da árvore nas ardentes soalheiras do sertão, foi-se derramando por sua alma crestada e aflita. Horas passadas, a mãe a viu alegre e prazenteira, cantando umas cantigas mui do coração, acordadas com o ponto ligeiro da agulha. Enquanto isso, dizia a menina lá entre si:

— Quando eu contar a João!... Estou para ver que ele ainda me esconda o muito bem que me quer!... O pai que faça lá sua conta, eu lhe tirarei a prova. Esta noite mesmo, Deus sabe onde me irei eu.

Tanto que foi por tarde, Mariquinhas largou da costura, fez às pressas uma trouxa de roupa domingueira, e disfarçando para que a mãe não visse, foi escondê-la junto à cerca onde costumava falar com João. Depois, às trindades, acabada que foi a reza, tomou a bênção à sua mãe, e saiu de casa, onde ela pensava que não voltaria mais senão noiva recebida de seu querido João.

O rapaz chegou com escuro.

Vinha com o passo lento e o coração a saltar-lhe, porque também ele tinha o quer que fosse. Naquela mesma manhã lhe ocorrera um engenhoso expediente para arrancar de

Mariquinhas a confissão por que tanto ansiava. O alcaide, a pedido de Cristóvão, e pelas boas partes que lhe conhecia, o propusera a capitão de mato. Nunca a João passara pela ideia aceitar o ofício e apartar-se do seu torrão onde via quanto ele mais queria neste mundo. Mas esse mesmo receio de tão cruel apartamento lhe serviu de inspiração. Pensou que fingindo a próxima partida e para tão longes e arriscadas paragens, a menina não se poderia ter que não mostrasse o que trazia no sentido a respeito dele. Se fosse amizade somente, ele partiria, e sabe Deus se para não tornar; porém um certo bate-bate do coração estava lhe dizendo que não era amizade, mas amor do melhor quilate, o sentimento de Mariquinhas.

Indo ao encontro da moça dizia ele com os seus alamares:

— Chego; digo-lhe adeus, como quem se parte para tão longe, donde sabe Deus se tornará.

Aqui sorria-se do susto de Mariquinhas:

— Ela se debulha toda em choro e salta-me ao pescoço... Então entre dois engulhos sai-lhe afinal de dentro o feitiço de que se morre por mim, como me eu morro por ela. Arrenega-se, quer por tudo quanto há ir comigo por montes e vales. No fim das contas ficamos aqui bem sossegados de nossa vida e amarradinhos...

Do mais longe que avistou o amigo, Mariquinhas acenou-lhe que apressasse, e ele já corria mal divisara o vulto da rapariga entre as sombras e folhas do arvoredado.

— Chega, João, saberás a nova que te guardei! disse a moça com o coração nos lábios.

— Vai dizendo, Mariquinhas! Também eu trago-te uma por que não esperas, respondeu o rapaz mui prazenteiro.

— Pois ouve lá! O pai quer-me para mulher do José Tendeiro!... Sabes? o remendão!

Dizendo isto o riso argentino desfolhava rosas nos frescos lábios da rapariga.

João enfiou.

— Então coseram-te a língua? Nem dizes que te parece do meu futuro!...

— Eu, Mariquinhas!... balbuciou João. Eu... que queres que diga, senão que o José Tendeiro há de ser bom marido... É arranjado e bem visto da gente...

— Achas isso, João? perguntou a moça descorando.

— Acho, sim, Mariquinhas. Só me pesa não estar aqui para as bodas, que vou-me ao sertão. Vinha mesmo para te dizer adeus. Saio pela alvorada.

— Pois era essa a nova que me trazias?

— Que outra podia ser? Querem-me para capitão de mato. Não te parece um bom mister para mim que não tenho outro, e a falar verdade para nenhum presto?

— É muito bom, João; e mais tu que tanto gostas de viver no mato. Bem escolheste.

— Como tu, Mariquinhas.

A torvação dos espíritos, mais do que a escuridade da noite, os cegava a ambos, de modo que não se apercebiam do que passava no outro, tão ocupados estavam de si. E entretanto a voz de João enrouquecera; a fala de Mariquinhas tremia com os soluços. Depois de breve pausa a moça tornou:

— Então é esta madrugada, João?

— Se Deus não mandar o contrário. E tu, quando te casas?

— Breve, breve, mas não tanto como esperei!

— Adeus. Fica-te na paz do Senhor e felicidade que eu sempre te roguei, Mariquinhas.

— Adeus, João. Os anjos te acompanhem, e Nosso Senhor te leve e traga a salvamento.

João abalara bruscamente às últimas palavras; e Mariquinhas caiu de joelhos por trás da moita onde escondera a pequena trouxa. Nenhum viu o pranto que lavava o rosto do outro; nenhum ouviu os soluços que rompiam do seio opresso do infeliz amigo.

O elo que unia aquelas duas existências se partira.

No dia seguinte, por madrugada, João Fogaça partia para a cidade a receber a patente de capitão de mato, e nessa mesma semana fez-se na volta do sertão. Um mês depois a moça era noiva recebida do José Tendeiro e trocava por este o seu gracioso apelido de Mariquinhas dos Cachos.

Seis anos eram decorridos.

A amizade dos dois companheiros de infância, longe de enlanguescer com o tempo, robustecera ao contrário com os vaivéns da fortuna, no que mostrava sua boa têmpera. Quando João tivera uma grande enfermidade que o levara às portas da morte, Mariquinhas, a mais honesta mulher que se sabia, pediu licença a seu marido, que lha deu, e foi velar vinte dias com vinte noites à cabeceira do enfermo. Também quando os selvagens assaltaram uma vez a engenhoca do José Tendeiro, aonde ele então se achava, mal chegou a notícia à cidade, houve um homem e esse foi João Fogaça que cometeu a temeridade de ir, ele só, arrancar das mãos dos canibais o marido de Mariquinhas. Coberto de

feridas embora, trouxe-o são e salvo à mulher, sem lembrar-se de que por ele a perdera, e para sempre.

Como que a vida do José Tendeiro só tinha um fim neste mundo, qual o de pôr à prova a sublime abnegação do capitão de mato; realizado que fosse, extinguiu-se de repente. Mariquinhas ficara viúva. Havia isso já muito mais de ano; no entanto a situação relativa dos dois amigos e companheiros de infância, pouca ou nenhuma alteração sofreu com aquele acontecimento.

Quando João Fogaça voltava das suas correrias, ainda coberto de pó e lama, a primeira porta a que batia, era a de Mariquinhas, a primeira pessoa a quem dirigia a palavra, era a viúva do Tendeiro. A moça preparava-lhe a refeição, inquiria de sua saúde, espanava-lhe o fato. Só depois de cumprida a devoção dessa visita, o capitão de mato ia dar conta de suas obrigações.

Realmente essa amizade já era uma parte da sua rude e simples religião. Ele, o homem das brenhas, costumado a orar ao Senhor no templo aberto da criação, tinha para si que nunca melhor cumpria seus deveres de cristão do que amparando a viúva.

Enquanto se demorava na cidade, todos os dias que Deus dava, o serão ia passá-lo em casa de Mariquinhas. Chegados à janela do oitão, ou sentados ao pé da mesa onde ela à luz da candeia fiava, conversavam como dois amigos velhos do

seu bom tempo que passara, até a hora em que a frugal ceia fumegando sobre o alvo mantém, os convidava à refeição. Havia porém um ponto em que nenhum se animava a tocar: página do coração que cerrara para não mais abrir. Era a tarde que decidira de seu mútuo destino.

Amavam-se ainda?

Era de pensar que não; pelo menos nenhum deles acreditava possível já agora, o que não fora outrora na flor dos anos seus. Viviam na doce confiança de uma terna e pura amizade. Se alguma suave esperança, das que brotaram na primavera do coração, ainda reverdecia às vezes na monotonia do presente, breve se finava no silêncio de suas almas já ermas de amor.

Naquela noite de ano-bom, fadada para tantos acontecimentos desta história, a primeira luminária a luzir entre os coqueiros e João Fogaça que galgava a ladeira de Nazaré para entrar na cidade, depois de uma ausência de dois meses gastos em correria pelo sertão. O capitão de mato deixou o seu bando arranchado no recôncavo, e demandando a cidade, tomou o caminho tão trilhado da casa da viúva do José Tendeiro, que morava para as bandas de Santa Luzia.

Mariquinhas esperava-o. Partindo, João lhe dissera:

— Guardai-me as janeiras, Mariquinhas!

E ela cumpriu com o prometido. Apesar da festa, deixou-se ficar em casa à espera do amigo. João achou já posta a mesa da ceia com dois talheres. No que lhe era destinado estava um pequeno saquitol de seda escarlata cobrindo uma relíquia, a que o vulgo dava o nome de bentinho e atribuía a virtude de salvar de todo o perigo quem o trazia com fé e devoção. O relicário da moça era preso a um cordão de ouro e continha um pedaço do santo lenho da Cruz, envolto em cabelos seus.

Mas a natureza desse invólucro não se via, nem se havia de saber. Era segredo dela para Deus. Não valiam aqueles fios como prenda ou mimo a João, senão como satisfação que se dava a si própria, fazendo que uma porção, mínima embora de sua pessoa, acompanhasse o amigo nas longas ausências pelos ásperos sertões.

A noite passara como as outras, se não fora que o capitão de mato se deixou ficar além da hora costumada. Ao toque de recolher ainda estavam à mesa da ceia: o viandante trouxera bom apetite do último estirão de caminho que forçara para alcançar a cidade; e portanto a refeição prolongou-se. Avisando afinal que era tarde, saiu para seu rancho, levando ao pescoço o relicário.

A prenda de Mariquinhas a roçar-lhe o peito, o contato de uma coisa que saíra tão tocada das suas mãos, lhe despertara não sei que doces estremecimentos d'alma. Sentiu-se como afrontado de suspiros alegres e tristes, de

saudades travadas de esperanças; e sem pensar, os lábios entreabriram-se e o seio desafogou no descante predileto. Bem anos havia que o não entoava senão lá no seio profundo das florestas virgens, onde não chegava o rumor de gente. No povoado temia acordar os ecos dormidos de um passado morto.

Dez braças não andara, quando ao terminar a primeira copla, alguma coisa o ressabiou. Apesar de preocupado, os sentidos estavam alerta. A vida do deserto, o costume de bater o mato dia e noite, faz desses homens assim. Há neles como uma espécie de sonoridade íntima; o menor rumor, o mais leve estrídulo, repercute dentro, estejam embora com a atenção voltada a outra parte. Isso neles é já independente da vontade: o sentido vibra, como vibra a outra ponta do fio de arame levemente percutido na oposta extremidade.

O que ressoou ao ouvido de João Fogaça que assim o ressabiou, foi surda percussão na terra, que se ouvia ali próximo; coisa por certo imperceptível para outro que não o capitão de mato, mas clara e distinta para ouças tão finas e exercidas como as suas. O som lhe vinha do mais basto de um arvoredo que ficava à direita, cobrindo o flanco de um edifício. Era a mesma casa para onde se dirigia com tamanho mistério o nosso bom Doutor Vaz Caminha.

Sondando a ramagem com o varapau ferrado e o olhar, nada descobriu de suspeito o capitão de mato; o rumor de todo cessara. Não julgando necessária à segurança de sua pessoa

maior investigação, pôs-se de novo a caminho atacando a segunda copla. Foi então que lhe chegou o primeiro aviso de Cristóvão.

Viera ele repassando na mente todo esse feliz tempo de sua descuidosa infância. Aquele assobio especial, sinal de folgares e caçadas, era como um eco vivo dessas recordações, ali espertado de repente no ermo silêncio da noite. Estacou, e levado de um impulso mais forte e rápido que o seu querer, respondeu ao aviso. Que o assobio vinha de Cristóvão, seu colaço, tinha ele plena certeza; ninguém mais o daria com aquela perfeição. O difícil era conhecer-lhe a tenção. Seria brinco apenas, ou algum caso sério e urgente? A instância com que repetia-se o aviso, e uma certa sofreguidão no sopro, talvez por sair de um seio oprimido, indicaram ao sagaz forasteiro que seu colaço estava em mau passo e havia dele mister.

— Deve de ser além do mosteiro!... disse orientando-se.

Voltou sobre os passos e onde acabava o muro da casa que ia ladeando, cortou rumo direito na direção que lhe dera o sinal.

“Quem anda aos porcos tudo lhe ronca”, diz o anexim. Ora a Anselmo e seus companheiros que ali estavam escondidos no arvoredor, cavando uma mina lá para os seus planos concertados com mestre Brás e o negro Lucas, não escaparam os feitos do capitão de mato. Eles o descobriram

quando sondava a ramagem, escabreado com a pancada surda do cavador, ouviram-no que trocava um sinal com alguém ao longe, e não fizeram reparo donde primeiro partira; enfim o viram sumir-se varando direito pelo matagal fora, como quem tinha pressa de chegar, ou afogo de escapar.

Afigurou-se a Anselmo que tal assobio podia bem ser a senha de quem os estivesse espreitando; e como Joaninha aí não estava para o despejar de toda a prudência, resolveu tirar as coisas a limpo. Deu fala aos cinco, e todos um após outro, se foram na pista do capitão de mato, agachados pelo capim.

Eis como chegara João Fogaça à borda do valado, e infelizmente para Cristóvão, seguido da vil quadrilha do Anselmo, que mais complicaria a já de si tão difícil posição do moço cavalheiro.

As coisas estavam ainda no ponto em que as deixamos. O Anselmo caído no fosso, mas esforçando com unhas e dentes para galgar a borda; Cristóvão sobre um joelho, mas resistindo sempre, e amedrontando ainda os três cobardes assassinos, que não ousavam afrontá-lo de perto e esperavam ensejo de feri-lo de revés e à traição; João Fogaça impedido pelos companheiros de Anselmo de saltar o valo e levar socorro ao seu coloço.

— Vocês me conhecem, corja de biltres? disse o capitão de mato para os cinco bandidos. Pois eu vou saltar este valado já; se quando chegar-me da beira e olhar para trás, ainda vos enxergar aqui, prometo-vos, palavra de João Fogaça, que de cinco que sois vos porei em dez!

E o capitão de mato deu-lhes as costas e caminhou com imperturbável serenidade para a borda do fosso. Os aventureiros se dispunham a dar de pernas, com medo da ameaça, quando a voz do Anselmo, que decididamente tinha sobre eles grande ascendente, restituiu-lhes a coragem.

— Não façais tal! gritara o cigano do fundo do valo. Picai-o à faca, e o mais depressa é o melhor, para me safardes daqui.

Os cinco avançaram. Então João Fogaça foi tomado de uma raiva tremenda. O ímpeto só com que travou do largo chanfalho, fez tiritar o coração aos aventureiros; o seu primeiro passo deu-lhes asas; de modo que arremetendo contra eles, já não achou homem para o bote que levava feito. Todos haviam desaparecido.

Volver de uma corrida, desenvolver o pulo e saltar o fosso, foi para o capitão de mato negócio de um jato. Mas em mofina hora o fez; porque a esse tempo já o Anselmo conseguira segurar-se à borda fronteira. Quando pois João Fogaça bateu com as pesadas chancas na beira mesmo do

terreiro, sentiu que o mariola lhe travava das mãos ambas o tornozelo esquerdo. Felizmente conseguiu agarrar-se a um ramo de árvore, mas foi preciso para isso largar a farrusca.

Assim suspenso por um pé à borda do valo, resistindo no outro aos esforços repetidos do Anselmo que trabalhava por derrubá-lo, sentindo estalar o ramo que vergava com seu peso, João Fogaça via com desespero Cristóvão a morrer ali a seus olhos, quase ao alcance do braço, sem poder valer-lhe. Debalde abaixava-se para alcançar o espadão; era vão intento.

Nisto reboou no silêncio da noite o estrupido cadente de rápido galope.

A voz do capitão de mato, aquela voz possante e sonora, ecoou quase uníssona, lançando duas vezes a pequeno intervalo o grito de socorro:

— Aqui!... De Deus e de El-Rei!...

Quando o som da voz se dissipou no ar, tudo voltara ao silêncio; já não se ouvia o galope do cavalo. Mas a ansiedade foi curta. O som das patas do animal repercutiu de novo e mais próximo; logo depois uma voz:

— Quem vai lá?

— Cristão e português, prestes a morrer às mãos de seis assassinos! respondeu João.

— Estácio!... balbuciou Cristóvão sucumbindo afinal.

Era de feito Estácio Correia.

Deixando Vaz Caminha, corria um galope desesperado sobre Nazaré. Por cima de barrancas e corcovos, através balsas e matagais, lá se ia o cavaleiro com seu pajem na garupa. Essa corrida louca e esvairada como que lhe acalentava o sofrimento. Gil seguro à cintura do moço, fechava os olhos para não ver; ele tremia, é certo, mas uma ideia o consolava. Pensava que se o cavalo arrebetasse nalgum estrepe, ficariam bem magoados sem dúvida, mas o amo não iria fazer-se traspasar pelo alferes.

Quando reboou o primeiro grito, Estácio não o ouviu, tão alheio estava de tudo que não era a sua dor íntima e funda. Gil porém o advertiu:

— Não ouvides, senhor cavalheiro? Bradam socorro.

Estácio era generoso o caritativo; esse reclamo extremo que invocava auxílio não só em nome de El-Rei, como em nome de Deus, ecoou em seu nobre coração. Mas é força confessar; colhendo as rédeas para governar o cavalo na direção do clamor, o seu pensamento e sua palavra não eram de compaixão.

— Talvez matem-me eles mais breve do que esperava eu.

E precipitou a corrida para a cerca de D. Luísa, onde chegou justamente a tempo de ouvir de envolta com seu nome, o último gemido da vítima.

— Cristóvão!... gritou reconhecendo na voz moribunda a fala do amigo.

Quando a exclamação terminara, já as patas do cavalo, que juntara com o golpe rijo dos acicates, batiam o terreiro e já Estácio saltava da sela e corria ao amigo. Achou-o, corpo inanimado, nos braços do capitão de mato:

— Cristóvão, amigo, fala-me, dizia ele sentindo correrem as lágrimas que supunha estanques.

— Ainda vive!... acudiu João. Já, senhor! Eia, sem perca de tempo, a ver se o salvamos.

— Que pretendeis?

— Levá-lo aonde seja possível pensar-lhe as feridas. Morais acerca daqui?

— Oh! que não! Junto da Ribeira...

— Mais próximo acharemos gasalhado e socorro para ele... Deixai que o carregue! Não é peso para mim.

João Fogaça tomou Cristóvão nos braços, como se fora um filho pequeno, e partiu com o precioso fardo. Seguiram

atrás Estácio e Gil mudos e cabisbaixos, acompanhando o corpo do valente cavalheiro. No terreiro, somente ficaram os feridos que lograram a vida escapa, graças a ter o capitão de mato o cuidado todo empregado na salvação de seu colação. Os assassinos, estes se tinham evadido por detrás da casa perseguidos pelo destemido pajem. O Anselmo também foi cuidando em pôr-se a bom recado, logo que pressentiu que a chegada de Estácio ia afinal decidir o pleito.

Fora poucos instantes depois desse desfecho, que D. Luísa de Paiva despachara o seu caseiro Manuel Batista com recado ao Reverendo P. Figueira. Do como desempenhou-se ele dessa incumbência já se viu anteriormente; e ainda mais agora que o jesuíta seguido sempre do seu penitente acólito, entra já a cancela do terreiro.

A viúva esperava com ânsia o seu capelão. Apenas o avistou de longe correu a recebê-lo no patamar.

Encerraram-se ambos no gabinete, e tiveram aí larga conferência; do que nela acordaram não se soube; mas logo que foi terminada, o Manuel Batista partiu apressado para a cidade em busca de um mecânico, oficial de serralheiro.

Deixando o terreiro de D. Luísa, o capitão de mato acompanhado de Estácio e Gil, dirigiu-se rápido à casa de Mariquinhas dos Cachos, por ser esse o mais próximo albergue a que podia conduzir o corpo de Cristóvão a fim de acudir-lhe com os primeiros socorros.

A moça já estava recolhida desde muito; mas entendendo daquele bater apressado e tão fora de horas, que era caso de aperto, e conhecendo a voz de João Fogaça que a chamava, consertou de afogadilho as roupas de dormir e embuçada na sua mantilha correu a abrir.

Em poucas palavras lhe comunicou João o que o trazia assim de surpresa; e ela, vendo-lhe nos braços o corpo desfalecido do cavalheiro, ficou tão enleada que não sabia o que fizesse.

Seu primeiro impulso foi levar o capitão de mato à alcova; mas lembrou-se que sua cama estava desfeita e ainda quente de seu calor; e a lembrança de que João a pudesse ver assim, queimou-lhe as faces de pejo.

— Move-te daí; e dá-me uma cama, ou uma enxerga ao menos, para deitar este mísero, que está a despedir-se da vida se não lhe acudimos já.

Estas palavras do capitão de mato fizeram a moça esquecer-se de si para só pensar na salvação de Cristóvão. Correu à

sua alcova, e ajudou João a deitar em sua cama o corpo inanimado do cavalheiro.

Na cidade do Salvador e sua redondeza não havia então físico ou algebrista que chegasse ao capitão de mato na arte de pensar feridas, consertar ossos e conhecer os simples; nem mesmo o mestre Cabral, de todos os mata-sanos da Bahia o mais afamado.

Aprendera dos selvagens entre quem passava uma boa parte de sua nômade existência.

Lavando os golpes e sondando-os, conheceu ele que, profundos e em grande número, não tinham embora ofendido algum órgão vital; a perda de sangue, sim, fora muita e debilitara em excesso o enfermo. Posto o aparelho, o cavalheiro recuperou os sentidos, mas para cair em nova e frequente síncope, que trazia a todos assustados.

João Fogaça resolvido a não arredar pé um instante da alcova enquanto não visse o seu colaço livre de todo o perigo, chamou Gil para mandá-lo a sua casa buscar um cordial que ele mesmo compusera de bálsamo de embaíba.

O pajem, depois de ouvir o recado do capitão de mato, tomou Estácio de parte para dizer-lhe:

— Ides amofinar-vos comigo, sr. cavalheiro, mas paciência. Jurei à minha alma que não vos deixaria um instante só.

— E por que motivo não me queres tu deixar, Gil?

— Se nada posso por vós, dai-me ao menos que seja convosco até o último instante.

— Vai em paz. Eu te prometo que na hora derradeira te terei junto a mim, pois lembra-te o que de ti espero que lhe digas a ela.

Gil, consolado com esta promessa, partiu a correr; e antes de uma hora estava de volta.

O resto da noite correu entre os frouxos lumes da esperança, que logo se apagavam, para lampejarem de novo. Foi somente lá para a madrugada que os efeitos do curativo dissiparam os sintomas assustadores. Voltou o calor à epiderme gelada, a luz aos olhos baços; e o espírito animou outra vez aquele corpo hirto. Cristóvão quis falar; mas as forças não lhe chegaram senão para sorrir aos amigos que rodeavam o leito. Depois desse esforço, caiu em profundo letargo.

Até então pessoa alguma ocupara-se de outra coisa que não fossem desvelos e sustos pela sorte do enfermo. Com os olhos pregados no belo semblante pálido de Cristóvão, espiavam todos, reclinados sobre a cama, os vislumbres daquela existência que semelhante ao clarão da lâmpada bruxuleava prestes a extinguir-se de todo.

Mal o sorriso despontou nos lábios descorados do cavalheiro, derramou-se por todos os semblantes como se fosse contagioso. Ouviu-se então o respirar profundo daqueles peitos por tanto tempo opressos; e a alegria de todos se difundiu em um mesmo grito:

— Está salvo!

João Fogaça então voltou-se para Estácio Correia:

— Não vos conhecia de pessoa; e não sei mesmo se vos conhecia de nome, ainda que o ouvisse proferir por vezes. Comecei porém a conhecer-vos pelo coração, que é de ouro fino. Se algum dia precisardes de um braço pesado, um pé ligeiro, e uma cabeça dura, é esta figura desengonçada que aqui vedes, João Fogaça, capitão de mato, para vos servir e respeitar.

Estácio apertou a mão ao sertanista.

— Eu já vos conhecia pela conversação de Cristóvão, e tanto que vos adivinhei logo que nos encontramos. Sei pois quanto vale o que tão graciosamente me ofereceis, e do que é capaz vosso esforço e diligência para as maiores empresas; mas acima de tudo agradeço-vos a salvação deste irmão; ainda que não o fizestes senão por ele, é como se o fizésseis a mim mesmo.

— Mas não, pois fostes quem o salvou e não só a ele, senão também a mim de um banho no fosso. Quando chegastes

tão a ponto, estava eu, cai não cai. Figurai-vos um homem com um cão filado ao calcanhar!... Mas eu lhe farei as contas e boas, ao tal Anselmo e aos outros. Bastou vossa presença para que se moscassem!... E nem espada trazíeis!...

Continuaram a praticar os dois, que se tinham passado à varanda para não perturbar o sono do enfermo. João Fogaça contou o que vira desde o momento de sua chegada; Estácio adivinhou o resto pelo que já sabia dos amores do amigo.

Pela madrugada Mariquinhas veio ter com eles:

— Espertou agora mesmo, disse a moça; deixei-o mais calmo da dor, mas não do ânimo.

Os dois amigos voltaram à recâmara, onde encontraram o ferido já outro, embora ainda bastante abatido. Assim que os viu, Cristóvão tomou-lhes das mãos, para os chamar a si:

— Que isto não se assoalhe, amigos. Se me quereis, dai-me esta prova. Seu recato é bem mais precioso, do que esta vida salva por vós.

Resolveram que se guardasse segredo impenetrável. Estácio respondia pelo pajem; os facínoras, esses de seu lado teriam cuidado de não se denunciarem. A mãe de Cristóvão morava no engenho a quatro léguas; portanto podia ficar na ignorância dos ferimentos, se durante a cura houvesse cuidado de mandar regularmente notícias. Afonso, o

escudeiro de Ávila, que apenas avisado por Gil acudira à pressa, foi incumbido da execução desse plano.

— Ainda vos tenho que pedir, disse o ferido.

— Falai, amigo! tornou Estácio.

— Falai, porém o menos possível a fim de não enfraquecer-vos ainda mais.

— Para meu sossego, careço de saber dela... Como a tratou sua mãe, depois que a arrebatou de mim... Sobretudo não me enganai!

— Estou que por aí nada há que temer.

— Ah! que muito! Tenho um pressentimento...

— Pois vou-me deste passo cumprir o vosso desejo e não esperareis muito, que não torne com boas-novas, disse Estácio. Mas ficai certo que se forem más, não as esconderei; pois bem sei eu o que costumam depois os desenganos.

A última frase, Estácio a soltara sem querer e com uma voz abafada que só do amigo foi entendida. Este viu-lhe no rosto o luto d'alma, e ainda que nada sabia, suspeitou uma grande mágoa:

— Não, Estácio, replicou Ávila. Guardo-vos para coisa mais difícil; esta diligência, dou-a ao meu colação, como pessoa menos conhecida.

— Pronto, Cristovinho! De que se trata?

— Esperai, que me sinto fatigado.

— Bem que vos recomendei!

— Quereis que lhe explique? perguntou Estácio.

Cristóvão fez sinal afirmativo.

— Trata-se de ir à casa de D. Luísa. Sabeis? A mesma desta noite...

— Sei, sei; lá contava ir eu hoje logo que amanhecesse à busca do meu varapau, e para tirar certa devassa do caso...

— João, por quem sois, não façais espalhafato!

— Convém todo o disfarce e prudência para o bom êxito da empresa, acudiu Estácio. Ides lá unicamente saber o que houve com D. Elvira da parte da mãe.

— Mas bem entendido, observou Cristóvão, que não fareis ruído, nem algazarra.

— Está direito! Mas pergunto-vos eu, se pilhar de jeito algum dos cães desta noite, posso torcer-lhe o gasnete.

— Não! Não! exclamou Cristóvão.

— Devagarinho, sem rumor?

— Por Deus, João! Se ides com tais tenções, melhor é deixar-vos ficar. Estácio me fará esta esmola!

— Bem, bem; não se matará nem uma pulga, pois que sois tão avaro do sangue alheio, quanto pródigo do vosso.

— Não é do sangue que ele é avaro, mas do crédito e virtude dela. Porventura nunca vos bateu o coração por alguma mulher, Sr. João Fogaça? perguntou Estácio.

Os olhos do capitão de mato brilharam como uma chama que rompe do borralho, e apagaram-se logo sob a expressão de um riso desconsolado.

— Não sei! Se isso foi, há tanto tempo já, que não me lembra.

Mariquinhas voltou-se para abafar um suspiro, que ninguém ouviu.

— Pois voltei a esse tempo, tornou Estácio; e suponde que por uma indiscrição vossa, iam dizer amanhã que essa a

quem adorais faltou ao recato de donzela e aos ditames da honra!... Pensai que desgosto não seria o vosso.

— Basta; não careceis de me dizer mais nada. Ficai tranquilo, Cristovinho!

O capitão de mato advertiu Mariquinhas do que lhe cumpria fazer, e foi-se, tendo antes o cuidado de examinar o aparelho da ferida.

Ficando só com o amigo, a primeira palavra de Ávila foi:

— Que vos aconteceu, Estácio? Dizei-mo, amigo.

— Falemos antes do que me quereis incumbir, Cristóvão.

— A incumbência é nenhuma, foi mero pretexto para não vos distrair de vossos cuidados com os meus, pois vejo que os tendes bem negros e pesados.

— Engano vosso.

— Que val negardes?... Não estou vendo eu que se a mim cortaram as carnes a ferro, a vós lancearam o coração quem sabe de que dor. E todavia eu vos acreditava tão feliz!

— Também eu!... É sempre assim, primeiro o mel, depois o fel, para que mais amargo saiba.

— E agora, ainda o negareis?

— Quereis saber? Suspeito que os amores de D. Fernando são bem acolhidos.

— Onde e por que o suspeitais?

— Não poderei dizer-vos; tenho essa desconfiança.

— Ah! já vejo que não passam de sombras más vossas tristezas. Desterrai esse mau pensar; Inesita vos ama; não o viu ontem na cavallhada quem não quis ver.

Estácio pôde a muito esforço disfarçar a sua dor e ocultar a certeza de sua desventura, para não magoar o amigo. Calou-se pois dando mostras de consolado.

Sobreveio com pouco novo sono ao enfermo. Estácio contemplou um instante o amigo adormecido, e afastando carinhosamente os anéis de cabelos, beijou-o na frente.

Gil alerta ouviu os passos do cavalheiro, e dispôs-se logo a acompanhá-lo. Partiram ambos sem despedirem-se da Mariquinhas dos Cachos.

— Vamos a Nazaré, Sr. Estácio? perguntou o pajem.

O mancebo respondeu com um gesto afirmativo.

— E o vosso cavallo?

— Não é preciso.

Rompia então a alvorada. As lindas colinas que formavam naquele tempo a cintura da cidade, debuxavam-se no horizonte aos toques da luz matutina. Dos campos e dos bosques se elevava esse jubileu sublime, que anuncia em nossa terra o nascer do sol.

Estácio, submergido em sua consciência, não se apercebia desses esplendores da natureza tropical. O projeto sinistro que ele formara na véspera ao sair do sarau, e do qual o distraíra a aflição de ver Cristóvão malferido, de novo se tinha apoderado de seu espírito.

Mas, neste momento, aplacado o primeiro ímpeto da paixão, o mancebo tinha a calma necessária para refletir.

O recente perigo de Cristóvão lembrou-lhe que tinha um amigo, um irmão, a quem sua vida ainda podia servir outra vez, como servira aquela noite. Depois pensou no desgosto que sua morte causaria ao bom Vaz Caminha, a quem pagaria com a ingratidão o amor e benefícios que dele recebera. Finalmente recordou-se do empenho sagrado que na véspera contraíra com a memória venerada de seu pai, injustamente condenado.

E foi assim que o desastre acontecido a Cristóvão de Ávila trouxe esse bem de salvar a vida de Estácio Correia, impedindo-o de correr ao desafio com o alferes, para trespassar-se na sua espada.

Contudo ainda o mancebo esteve em risco de tornar à sua ideia, quando ouviu ao longe um alegre descante, resto das folias da noite. Este eco das festas, que para ele haviam sido tão desventuradas, veio avivar-lhe todas as recordações que apenas começavam a adormecer.

Entretanto João Fogaça tratava de desempenhar-se da incumbência que recebera.

A advertência de Estácio e o pedido de Cristóvão o tornaram prudente e o demoveram da ideia em que estava de ir ao terreiro de D. Luísa buscar seu varapau e com ele por desfastio escovar o pelo a algum dos mariolas da casa, se o apanhasse desgarrado. Adiando para mais tarde este gosto, fez-se na volta de Nazaré.

Daquelas bandas ficava o pouso onde costumava arranchar sua companhia composta de cem índios, e onde a deixara na véspera sob as ordens de Antão Pereira, seu cabo, quando entrou na cidade para acudir ao emprazamento da ceia em casa da Mariquinhas.

Fogaça não era homem de palavras, nem de reflexões; sua força estava na ação. Essa era pronta, decidida e inspirada pelas circunstâncias do momento; então um instinto maravilhoso guiava-lhe o pensamento e o braço. Se fosse general, só ganharia batalhas à Marengo.

Sem inquietar-se dos meios de que ia servir-se para chegar ao resultado, curou unicamente de armar-se dos instrumentos necessários à empresa. Era isso o que o levava ao rancho.

Entre os selvagens de sua companhia, havia três que formavam seu estado-maior, porque sempre e em qualquer empresa que cometesse, os trazia a seu lado.

Um deles via de dia ou de noite um inseto voar em distância onde qualquer outro de vista regular não descobriria um pássaro. João Fogaça o chamava pura e simplesmente Olho, e com razão, porque era o único órgão inteligente que se distinguia nessa natureza bruta.

O segundo selvagem ouvia na distância de dez passos o roer da lagarta na folha da imbaúba, e distinguia no vasto rumor da mata-virgem a qualidade e a distância de todos os sons que formavam o surdo concerto das selvas. Pela mesma razão que o outro, esse foi apelidado Ouvido.

O terceiro porém era ainda mais admirável; bastava-lhe pôr o nariz ao vento e aspirar uma baforada de ar, para conhecer que pessoas ou coisas estavam naquele momento dentro do largo círculo de seu olfato, ou por aí tinham passado nos dias anteriores. Se lhe dessem a cheirar um molho da relva pisada por animal, ele diria incontinenti a espécie, se bruto, e qual a família; se homem, qual a raça, europeia, africana

ou brasileira; e precisaria o tempo em que por aquele lugar passara. Esse acudia ao nome de Faro.

Coletivamente João Fogaça os chamava seus três sentidos de sobressalente.

Chegado ao rancho o capitão de mato, entendeu-se previamente com seu capataz, sujeito que formava com ele perfeito contraste; tanto tinha um de avolumado, quanto o outro de exíguo. Aquele era a pachorra caracterizada; este tinha azougue na medula.

— Careço de estar estes tempos na cidade, Antão; deixovos pois a gente bem recomendada.

— Este que aqui está, João Fogaça, já aguentou o arranco de uma maruja insubordinada!... Se vísseis como a tentei à força de calabrote! Nem piava!...

— Bem sei com quem lido; e por isso não vos dou mais jurisdição, do que a de amarrar o que mal proceder; o mais fica por minha conta.

— Torno a dizer-vos, Fogaça, poupais muito o pelo a esses malditos caboclos!

— Pudera não; se é esse pelo que me cobre a pele!...

— Por isso mesmo; é bom trazê-lo escovado.

— Sobre isto basta. Vamos agora a certa combinação necessária. É bem possível que eu tenha necessidade de comunicar-me convosco de um momento para outro; de caminho irei postando a distância os escutas para que no caso de necessidade o aviso vos chegue sem tardança. Esse aviso será além dos mais que já sabeis: ou que preciso de vós em pessoa, ou que preciso de um, dois, até os cem caboclos. No primeiro caso ouvireis gritar a saracura.

E o capitão de mato imitou o grito da ave; depois deu ao grito uma modulação imperceptível para distingui-lo do primeiro, e significar conforme a sua repetição o número de homens. Finalmente o canto cheio do pássaro equivaleria a dez!

— Portanto, concluiu o capitão de mato, se ouvirdes a saracura cantar assim dez vezes, correi todos em meu socorro.

— Estamos cientes! disse Antão.

João Fogaça voltou à cidade com os seus três sentidos de sobressalente e mais alguns índios, que foi deixando pelo caminho, na distância de muitas braças um do outro. Chegando defronte da casa de D. Luísa, parou fazendo um sinal aos três índios para que se aproximassem; as três cabeças inclinaram logo, cada uma de seu modo a fim de aproximarem do senhor a parte mais nobre e inteligente; a

de Olho, direita, encarando em frente; a de Ouvido, pendida para escutar; a de Faro, empinada ao vento.

— Estão vendo aquela casa?... Quero saber tudo que se passar dentro dela e ao redor!... Ora, pois, à noite cá voltarei!...

As três figuras de quadrúmanos afastaram-se, tomando cada uma forma diversa; uma grimpou ao cimo da árvore mais alterosa do circuito; as duas outras, pondo-se a barlavento da habitação, uma embolou-se entre as moitas como um tatu, a outra escorregou de galho em galho como uma preguiça.

Ao separar-se de Estácio na Rua de Santa Luzia, o licenciado seguiu para a casa da dama desconhecida, guiado pelo negro Lucas.

Passada a porta de São Bento, havia à beira do caminho uma casa que tinha de um e outro lado grande quintal, coberto de vasto arvoredos. As ramas das goiabeiras tinham invadido as duas extremidades do alpendre, de modo que não se via senão duas janelas de rótulas no centro.

A porta principal da casa, que ficava a um dos lados, parecia condenada desde muito, pois estava oculta pela ramada e coberta de limo. De feito, muitos anos havia que não se tinha aberto para pessoa alguma; o serviço da casa fazia-se pela entrada interior, que do quintal comunicava com a rua por uma cancela.

Como essa cancela ficava muito distante do oitão, e abria-se no meio de uma cerca bastante extensa, não era fácil conhecer se dava entrada para a casa misteriosa, que parecia abandonada, ou para alguma outra que houvesse dentro do quintal.

Lucas, deixando o doutor no alpendre, abriu a cancela e dirigiu-se à casa por um caminho tortuoso e estreito, que passava entre o arvoredos copado e as toijas de bananeiras.

O Doutor Vaz Caminha, desde que saíra da taverna do Brás Judengo, vinha parafusando, já no mistério deste chamado,

já na conversa que surpreendera na adega entre o negro e o taberneiro. Ainda que o primeiro ponto devia ocupar muito mais seu espírito, como aquele que diretamente o interessava, ele não podia arredar o pensamento do plano concertado para o roubo do tesouro enterrado; e cogitava se não estaria involuntariamente envolvido nessa trama.

Agora, parado ali no alpendre da casa, onde provavelmente jazia o tesouro, aquelas preocupações voltavam, e com maior intensidade; pelo que o doutor examinava o edifício e seus arredores com uma atenção minuciosa. Pareceu-lhe distinguir uns vultos que se esgueiraram pela cancela, logo depois da passagem de Lucas; e erguendo-se na pontinha dos pés, tentou ver através da cerca a direção que tomavam.

Neste momento porém a chave rangeu na porta grande da entrada, e volveu à direita e à esquerda, mas debalde; a ferrugem tornara perra a fechadura. Depois de grande esforço a porta abriu-se afinal e correu sobre os gonzos gemendo; algumas víboras escaparam-se das fendas carunchosas, e a luz interior coou mortiça através das folhagens.

Vaz Caminha penetrou na casa; e a Brásia, que lhe abrira a porta, o conduziu a uma sala outrora ricamente adereçada, mas já então usada pelo tempo e desbotada do antigo luzimento.

Uma dama erguera-se do coxim a que estava recostada para vir ao meio da sala receber o doutor. O traje era de viúva; a beleza deslumbrante. Quem lhe via a mimosa e gentil feição, a julgava na primeira flor da juventude; mas reparando, descobria-se uma névoa ou sombra, como nas imagens de santas, a embotar o viço da formosura.

Naquele tempo havia destas flores de claustro, floridas sem brisa, nem sol; mas esta, não a desmaiara o gélido crepúsculo das naves, senão talvez que a crestara o sopro ardente do mundo.

Este constante volver d'alma para dentro de si mesma, quem já o exprimiu? Quem sabe o que há aí, no âmago, que assim confrange a vida? Será um santo êxtase de amor e fé, e também pode ser o acre prurido de úlcera profunda.

A dama, depois que saudou o advogado, indicou-lhe uma cadeira de espaldar que estava fronteira; junto ao coxim havia sobre o velador da Índia uma bolsa cheia de ouro, posta em salva de prata.

— Desculpai-me o desarranjo que vos causei, meu senhor, e a mesquinhez da paga. Outra de mais valia vos guardarei eternamente em meu coração pela generosidade que houvestes com uma dama desconhecida.

Ao proferir destas palavras com a voz trêmula e leve acento castelhano, a dona tomara a salva do velador e a pouco e

pouco, resvalando pelo coxim, estava de joelhos sobre a almofada no momento de oferecer ao advogado a espórtula dos bons ofícios que dele esperava.

Nunca remuneração de um serviço foi mais generosa, nem com mais delicadeza oferecida. O doutor confuso ergueu a dama e deitou a salva em cima da banquinha.

— Não fiz mais que o meu dever, senhora minha, e dou-me por bem pago com prestar-vos tão pequeno serviço.

— Sois rico e muito de saber, sr. licenciado, mas se não me enganaram, reduzido nos bens da fortuna que o acaso acumulou em minhas mãos. Demais, tendes com quem repartir, enquanto que eu estou só no mundo.

— Quem tenho eu, senão uma pobre irmã, que de bem pouco precisa para encher os últimos dias?

— E um afilhado e discípulo a quem estimais como filho.

— Estácio?... Ah! esse é como outro eu!

— Tanto o prezais!... Pois recebei para ele o que para vós recusais. Trocando uma parte mínima de sua abastança por toda a vossa opulência de saber, é esta vossa serva quem ainda vos fica restando.

— Basta, senhora minha; vejo que vossa generosidade é das que não se deixam vencer da recusa, antes dobram e

avultam com ela. Recebo a tão fidalga retribuição; mas como letrado somente. Se outra foi vossa ideia chamando-me, dissei-o logo, para que me retire.

— Ah! não... podeis ficar sem receio.

O advogado não hesitou mais e beijou a mão da dama; esta prosseguira:

— Haveis de escusar, senhor doutor, a hora e estranheza deste emprazamento, tão fora dos vossos hábitos; mas além de que tinha razão de segredo, como vos adverti no meu recado, acresce que sou espiada. Sabereis logo por quem, e qual o motivo. Assim não achei melhor ensejo para falar-vos do que esta noite de folguedos, em que todos andam distraídos com a festa.

— Vejo que se vosso caso é grave, senhora, vossa discrição está na medida dele. Podeis expô-lo.

A dama recolheu em si e parecia agora no momento de abrir os refolhos de sua alma, presa de um enleio que lhe tolhia a palavra. Era o pudor de uma angústia, ainda não desflorada pela curiosidade ou mesmo pela compaixão de estranhos, mas até então recatada nas profundezas d'alma.

— Quando vos aprouver, senhora, estou pronto para ouvir-vos, disse o velho animando-a.

A dama começou trêmula:

— O para que vos roguei, sr. licenciado, é em verdade mais do que uma consulta, pois é uma confissão. O que espero de vós, não é só conselho, senão também amparo e proteção ao meu desvalimento. Isto bem sei que não se paga com ouro, mas suplico eu como esmola.

— Proteção, dar-vo-la-ei, senhora, não minha; mas a da lei e justiças de El-Rei. Quanto ao mais podeis falar; meu ministério é um sacerdócio também.

— Não esperava menos de vossa bondade.

— Contudo de uma coisa devo prevenir-vos. Se com a vossa revelação tendes em vista antes um conforto para o espírito, do que um remédio a agravos dos homens, melhor vos serviria um ministro da religião, do que um ministro da lei. Tão seca e áspera é a palavra deste, como a daquele suave, branda e insinuante.

— Nunca!... Deles nada quero! exclamou a dama com um gesto de horror, que surpreendeu o velho advogado.

— Teríeis a desgraça de não ser cristã, senhora? perguntou o velho com um tom compassivo.

— Mas ouvide esta desventurada, senhor meu, que tudo entenderéis. Cristã nasci e... e sou ainda.

Passado um instante, em que a dama recobrou-se da comoção que sofrera, dirigiu-se de novo ao advogado.

— Talvez tenha chegado à vossa notícia o nome de meu pai, D. Ramon Salas?

— Castelhana?

— De Andaluzia. Fazem nove anos que nos passamos ao Brasil. Logo depois de nossa chegada, meu pai fez uma entrada no sertão, donde trouxe avultado cabedal em pedrarias de diamante, que ocultou em lugar seguro. Para mim o destinava ele, que para si não queria mais felicidade do que a de sua filha!... Pobre pai! Finou-se sem ver o termo de minhas desditas!... Eu que tanto esperava dessa riqueza, não sei agora como use dela! E às vezes já me cansa defendê-la contra a cobiça alheia.

— Alguém é sabedor dela, pois a cobiça?

— Foi público e notório o lucro que meu pai tirou de suas explorações no sertão. Parece que também esta nova chegou ao Colégio dos Padres, pois o reitor não tem cessado de instar comigo para fazer esmola ao seu Instituto dos cabedais que herdei. Deixai que vos diga; sinto por tudo quanto veste o hábito negro da Companhia um ódio entranhado; mas ele também é jesuíta!...

— Ele?... interrogou o doutor.

A moça calou-se de novo, absorvida em suas mágoas. O velho contemplava-a perscrutando-lhe o pensamento na expressão da fisionomia. De repente ergueu a fronte,

surpreso. Inclinando o ouvido à escuta, percebeu um surdo rumor que saía do chão e parecia vir do lado a que dava ele as costas.

Voltando-se, percorreu de um olhar rápido essa face interior da sala. Rasgavam a parede três portas; uma pela qual entrara, à direita; outra, à esquerda, velada por um reposteiro; a do centro mais larga, em ogiva, rematando em uma cruz de madeira embutida no cimento.

Circulando o aposento, observou mais o doutor que a parede, onde encostava o camarim, abria janelas para o oitão da casa, justamente do lado da cancela, por onde vira pouco antes esgueirarem-se os vultos suspeitos.

Este rápido exame da topografia do edifício confirmou o advogado nas suspeitas que o tinham assaltado em caminho. A conversa que pela manhã ouvira na adega do Brás Judengo; a circunstância de ser Lucas escravo da dama; os avultados cabedais que Ramon havia trazido do sertão em diamantes, e que ocultara em lugar seguro, como pouco antes referira a filha; tudo se combinava agora.

— Não há duvidar!... pensou Vaz Caminha. Aí está o oratório no centro; o camarim da senhora, aqui, no oitão... O Brás foi expedito; não quis perder tempo. Aqueles vultos, que lobriguei na cerca ao chegar, são os acólitos do Judengo, encarregados de fazer a mina. Este rumor subterrâneo é eles que estão cavando.

O advogado teve um impulso de revelar imediatamente à dona o perigo em que estava o seu tesouro, mas lembrando-se que não era possível abrir em uma só noite a mina precisa para chegar ao oratório, conteve-se para não assustar a dama; e propôs-se a ruminar mais tarde o caso, na esperança de descobrir algum meio de burlar os ladrões sem dar rebate de seu projeto.

A voz da moça interrompeu-lhe a cogitação:

— É tempo de contar-vos a minha história, e dizer-vos que infortúnio é o meu, tão cruel como talvez nenhuma outra mulher o tenha sofrido; pois ver morrer o esposo, não é decerto tão duro golpe como aquele que a sorte mofina me reservou, de ver-me viúva, não o sendo, e proibida de amar aquele que me pertence, porque Deus, que mo deu, o tomou para si.

Vaz caminha recolheu-se atento, e esperou que a dama lhe explicasse o enigma daquelas palavras.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

# I

## Quando as uvas são mais saborosas que os beijos.

Palos é uma pequena cidade da Hespanha, sobre o Atlantico, na embocadura do Tinto.

Si nasceste nas plagas da America, esta *magna parens* dos rios gigantes, das montanhas ciclopicas e das florestas seculares; si a aurora da vida foi para ti illuminada pelas esplendidas magnificendo sol tropical; vem, irmão, ajoelha nesta plaga estrangeira!

Foi aqui o berço primeiro da civilização para a tua pátria americana.

Deste pequeno porto, aos 3 de agosto de 1492 se partiu Cristóvão Colombo, rumo do desconhecido. Levava três navios apenas; mas levava-o a ele seu gênio. Errou setenta dias, devassando a imensidade dos mares, lutando contra o

poder dos elementos conspirados e a maldade dos homens descrentes.

Deus o tinha sagrado ao martírio da glória. Aos 12 de outubro de 1492 dava Colombo um mundo ao mundo.

Mais de três séculos depois, na mesma data 12 de outubro de 1822, devia outro herói, D. Pedro I, dar um império à América.

Essas duas datas memoráveis se olham na história do Novo Mundo, como acaso se contemplariam de longe as estátuas colossais dos dois heróis, eretas sobre gigantesco pedestal, a norte e sul do vasto continente americano.

Vês tu, além, sobre o painel eriçado da pequena cidade, aquelas ruínas monumentais, que veste a recente fábrica, qual sudário a cobrir um esqueleto carcomido pelos vermes?

É o antigo Convento da *Rapita*, aonde retirou-se Cristóvão Colombo, miserável na opulência do seu gênio, rebotalho da incredulidade, tragando escárnio e fel. Aí amparado pela fortaleza d'alma e pela fé robusta em sua ideia, esperava.

Esperava, sim, que houvesse rei de alguma nesga estéril de terra europeia para se dignar de aceitar o mundo que ele andava oferecendo em vão!

Oito anos esperou.

Já o tinham repellido Gênova, sua pátria, e Portugal, a moderna Fenícia. Espanha o acolhera friamente, e mais por espírito de rivalidade. Tarde, e só quando viu o leopardo inglês estirar sobre as futuras Índias Ocidentais as garras que depois fisgaram as orientais, resolveu ela aceitar de má vontade a mais suntuosa conquista, que povo algum já realizou.

Depois do convento dilatam-se as veigas e os vales amenos que aformoseiam essa parte da Espanha.

Vamos pelas margens pitorescas do Tinto, que desce dos cimos de *Sierra Morena* regando os frondosos vinhedos. De espaço a espaço entre as cortinas das parreiras assomam os alvos casais e as granjearias: a vida ali é calma e serena como a correnteza do rio, onde se espelha o céu azul da formosa Andaluzia.

Em um dos casalinhos que bordavam a margem esquerda, vivia em 1595 um pobre vinhateiro. Ramon era descendente de uma família de escudeiros nobres; mas preferira a vida independente e tranquila do campo; tinha pouca família, mulher e filha, nenhuma ambição. A jeira de terra, que herdara, bastava à modesta subsistência; e nos bons anos lá entravam para o modesto mealheiro alguns reais destinados ao dote de D. Dulce.

Era Dulcita uma formosa menina de quinze anos, pura flor andaluza: olhos grandes, de negro aveludado, olhos de

gazela; o lábio vermelho como os bagos doces das romãs de Granada; na tez a rósea pubescência dos pêssegos de Almeria; o porte de sultana, e a trança opulenta como a crina virgem do corcel árabe.

O relancear de uns lindos olhos que vos raptam os espíritos e os enleiam num contínuo viver e desviver; os tentadores *olhos furtados*, como lhes chamou Camões, feiticeiro requebro que os castelhanos dizem melhor com uma só e breve palavra, *ojea*; esse condão, ninguém o teve jamais, como ela o tinha. Na sua pálpebra rosada, como na fímbria do oriente, fazia-se o dia e a noite; havia ali para a alma de quem a adorava, auroras resplandecentes e suaves crepúsculos.

Se Djezir, o mavioso poeta árabe, a vira sorrir, acreditara que as mais finas pérolas de Ofir rolavam entre cascatas de rubins de Golconda; ou que todas as rosas odoríferas de Gulistan se desfolhavam em cascatas dos lábios da huri mais mimosa do profeta.

Como as princesas encantadas das *Mil e Uma Noites*, Dulcita esperava o seu príncipe andante. Ele veio a propósito, disfarçado em moço de almocreve. O incógnito por certo pudera ser mais gentil.

Isso foi por uma bela tarde dos últimos dias de abril, tépida e perfumada, como são as tardes da primavera sob o céu da Andaluzia, nos vales ensombrados de laranjeiras em flor. A

brisa suspirava a medo, o rio lambia as margens, como lambe o cordeiro os brancos velos da ovelha adormecida. Um rouxinol preludiava a canção maviosa no espesso e florido rosal. Longe tinha o som argentino de uma campainha, que tangia o passo tardo das mulas de carga trilhando caminho da cidade.

Dulcita, retirada a um canto do pomar, à beira do rio, dava os últimos pontos a uma linda mantilha que destinara à função da maia. Enquanto as agulhas ligeiras passavam e repassavam cerrando as estreitas malhas do torçal, estavam já a revoar-lhe no pensamento as danças e os alegres folgares, e os lindos descantes da próxima festa. Já se via admirada e perseguida pelos rapazes que disputavam a ventura de bailar com ela a primeira cachucha. E de nenhum se agradava, senão que a todos os rejeitava.

Nisto aparecia um lindo *majo*, formoso como um anjo e nobre como um infanção, tão bem composto das feições gentis, e tão alindado das luzidas galas, que era um gosto vê-lo. Chegando lhe deitara os olhos, cativos já; e veio para ela, e veio bailando, e atirou-lhe o desafio. Dulcita estremecia e corava, de pejo também, porém mais de prazer. O pé mimoso e sutil já lhe titilava no chapim broslado e os dedos insofridos estalavam as castanholas.

Ai dor!... De tão enlevada que a tinham os ledos pensamentos, se esquecera de si, e começou não de pensamento, senão de verdade, a estalar nos dedos as

sonhadas castanholas. Eis que as agulhas resvalando pelo regaço, saltaram do terrado e foram cair no rio. Com elas se afundaram também as ingênuas alegrias de tão meigas cismas.

Dulcita enfiou de aflição.

Como poria ela agora remate ao seu lindo véu? E sem o seu lindo véu, tão malfadado, como ousaria ela, mofina e desconsolada, aparecer na festa entre as outras *majas* tão aprimoradas no traje?

Vão-se-lhe os olhos magoados pela correnteza das águas e com eles as lágrimas a desfiar pelas faces como orvalho da noite rorejando as pálidas boninas que o sol desbotou.

Quem vos dera, sonhado mancebo e gentil príncipe, serdes ali presente para enxugar o dorido pranto e remir com todo o vosso puro sangue castelhano uma só daquelas raras pérolas de Ceilão!

Embebida em seus enlevos, a sonhar da festa, não vira Dulcita aproximar-se da beira do rio, por entre o arvoredado basto, um rapazito que tocava três mulas de carga. Havia aí um bebedouro. Enquanto matavam a sede e resfolgavam os animais fatigados da caminhada, o moço recoveiro lavara o rosto e as mãos cobertas de pó, e se recostara no tronco derreado de um velho salgueiro. Para amenizar o descanso, sacara do alforje um alfarrábio sovado e roído nas pontas, e

prossegiu na leitura já começada. Era a obra, que assim lhe prendia a atenção um volume truncado dos muitos que deixou Lope da Vega sob o título de *Autos Sacramentales*.

Lia o rapazito quando os estalinhos que dava a menina, imaginando repinicar as castanholas, o fizeram erguer olhos para o pomar. Julgou ver ali uma das virgens dos painéis de Navarreto, *el mudo*, o mais gracioso dos pintores daquele tempo. Esteve contemplando-a até o momento em que as agulhas caíram.

O recoveiro ergueu-se devagarinho; tinha na fisionomia a astúcia do gato.

— O que dará a *niña* a quem lhe achar suas agulhas?

Dulce soltou um pequeno grito de espanto vendo o rapazito; quis fugir, mas logo acudiu-lhe uma ideia risonha.

— É *usted* que as tem?

— Não as tenho não, porém as terei querendo Deus.

— Verdade, verdade? exclamou a menina não cabendo em si de contente.

— Tão verdade, que as estou vendo daqui. Mire!

De feito o moço, da posição em que estava, via brilhar sobre a branca areia no raso d'água cristalina, iluminada

pelas réstias do sol, as duas agulhas de aço; bastou-lhe mergulhar a mão para que as apanhasse. Feito o que, agitou-as no ar, como um troféu.

— Traga! Traga! exclamava a menina desfeita em risos.

— Que me dará a menina?

— Tudo e mais se o tivera eu; *pero* não tenho nada.

— Tem, tem!

A menina ficou suspensa, entre contente e pesarosa, com os olhos fitos no rapaz. Só então reparou ela na formosura do alvo semblante, que realçavam as vestes de lã cor de pinhão. Tinha o moço o corpo esbelto, e em toda sua pessoa a arrogância castelhana, que perfumavam ares de muita graça e gentileza.

Dulcita lembrou-se do seu *majo* e sorriu:

— Se você me dá minhas agulhas, para acabar minha mantilha, para compor meu traje, para me ir à festa da maia, para dançar a cachucha... Que lhe darei eu?

— Sim, que me dará você?

— Darei... Darei que seja meu cavalheiro!

E dizendo isto, sorriu ainda. Ela sabia, a vaidosa, pesar da ingênua inocência, que essa palavra abria o céu ao feliz mortal que a recebesse. Como não ficou quando viu que o rapazito, em vez de cair de joelhos a seus pés e render-lhe mil vidas, abanava a cabeça com mostras de indiferente!

— Serei seu cavalheiro, sim. *Pero* não basta! disse o moço.

Dulcita inclinou a fronte melancólica, murmurando:

— Que mais posso eu dar?

— Veja a menina, respondeu o rapazito.

Novo raio de luz, desta vez aceso em rubor, cintilou no rosto da andaluzita:

— Ah! sei já! Darei... Darei...

— O quê?

— Darei que me beije a mão.

— Também quero; mas é pouco.

— Deus Santo! Não acaba hoje de querer?

— São duas as agulhas! Serve à *chiquita* uma só?

— Não! As duas! Quero as duas!

— Então?

Dulcita bateu o pé com impaciência. Teve ímpetos de recolher-se. Mas o seu véu por acabar? E a função da maia tão sonhada?

O sangue espanhol borbulhou no coração de quinze anos.

Avançou a cabeça com certa petulância, pousando a ponta do dedo sobre uma das rosas que abrira em cada face. Nos lábios, que frisava o despeito, espontava um beijo; no olhar havia um ponto de interrogação vivo e instantâneo.

O *muchacho* sorriu à graciosa pantomima.

— Sim! respondeu ele.

— Está contente enfim? balbuciou a menina.

— Ainda não.

— Ai! que você é mui mau!

— Eis o pago que me dá por ter achado o que estava perdido! acudiu o rapaz.

— Diga pois duma vez: o que quer?

— Digo mesmo!

— Diga sem medo!

— Jura a menina que não me recusará?

Dulce estremeceu, presa de vago terror; estremeceu, como a sensitiva, sem ver do que; mas era andaluza; pôs os olhos no céu e o pensamento em Deus.

— Juro! disse a voz breve e decidida.

— Mui bem! A *chiquita* terá suas agulhas, se por cima da cachucha...

— Estou ouvindo!

— E por cima dos quatro...

— Quatro, senhor meu! Dois, não mais!...

— Um em cada mão, um em cada face...

— Mas não! Mas não!...

— Bem contados, dois e mais dois fazem quatro!

— Não darei senão um! Foi o prometido.

— Pois fique-se a menina com ele, e eu me vou com as minhas agulhas.

— Já que você o quer, sejam quatro embora! É só isto?

— Por cima disto há de dar a menina...

— Que coisa? diga logo!

— Esse cacho de uvas... que ali está... o maior!

A menina saltou como um passarinho; num fechar d'olhos cortou com a tesoura de costura o cacho de uvas, alegre de se ver quite por tal preço. Pobrezinha! Ainda tremia do susto que passara!...

— Aqui o tem!

O rapazito estendeu a mão.

— Mão para lá, mão para cá. Minhas agulhas?...

— Uma só; a outra quando vier o resto.

— Pois tome-lo já!

Não se fez rogar o *muchacho*; saltando no pomar, pregou dois beijos em cada mão e três em cada face da menina. Depois sentado no chão debulhou o cacho de uvas, enquanto Dulcita ainda vermelha como uma cereja, recuperava o tempo perdido trançando as malhas do véu.

De vez em quando a menina distraía-se a olhar o rosto de querubim do pequeno recoveiro, e nesses momentos suspirava. Quanto ao rapaz, erguia também os olhos, mas para comparar o cacho de uvas que devorava, com os outros que pendiam das parreiras.

- Como se chama você, cavalheiro? perguntou a menina.
- Vilarzito.
- Tem um nome mui gracioso.
- Se lhe gosta, tome-lo a menina para si.
- Ave-Maria! Para mim?
- Não faltam nomes. Deus os dá de graça aos pobres como aos ricos.
- Porém... Não vê? O nome de meu paizinho, só o posso trocar eu pelo de meu maridito!
- Não seja esta a dúvida! Serei eu seu maridito.
- Mil graças, cavalheiro! Meu marido, quem ele for, há de me suspirar um ano, me querer dois, e esperar três que lhe queira eu! Serve-lhe isto?
- Serve mui bem; pois casar, senhora minha, com perdão de você, o mais tarde é sempre o melhor! E antes disso tenho eu muito que fazer por este mundo!
- Pois vá-se por ele fora; aqui me quedarei eu. Não faltam cavalheiros em Andaluzia!

— E *chiquitas* formosas!... Em Castilha nascem elas como flores pelos caminhos.

— Ah! você é castelhano?

— Da velha Castilha. Sou de Burgos, a valente, sim, senhora! Sou da pátria do *Cid, el Campeador*,

“*Que cingiu a velha espada  
De Mudarra, o castelhano,  
E foi-se a vingar a afronta  
Do infame conde Lozano!*”

O rapazito se tinha erguido; cantarolando a antiga trova popular de Castilha, alçava o talhe esbelto e meneava a cabeça com tão nobre galhardia, que a menina pôs-se ingenuamente a admirá-lo.

Talvez murmurasse ela em sua alma, como Dona Chimene, aquela doce palavra do romance, *mío Cid!*

No entanto Vilarzito chegara à cerca do pomar e chamava, com um sinal particular aos recoveiros, as mulas que já se iam afastando a retosar a verde relva da margem do rio.

— Você é almocreve, D. Vilarzito? perguntou a menina.

— Sou poeta ambulante, como meu mestre D. Miguel Cervantes de Saavedra! respondeu o rapaz com certa

arrogância picaresca.

— Pois que você vai a pé tocando suas mulas em vez de cavalgá-las, cuidei!...

— Isto é para correr mundo. Fiz-me moço de um arrieiro, um *bribonazo*; porém não o sirvo eu, antes me serve ele a mim, pois me paga, mui mal, é verdade. Quanto a ir eu a pé, me agrada mais. D. Rui de Bivar, meu compatriota, andava com seus pés; todo o bom castelhano deve fazer assim. Isto é que é nobre! A sela se fez para as mulheres, pois que são fraquinhas.

Houve uma pausa no interessante diálogo. Dulce suspirava trançando as malhas do véu; Vilarzito olhava a menina à sorrelfa, e seus olhos iam dela ao parreiral. Por fim o rapazito coçou a cabeça e pareceu refletir:

— Não esqueça a *chiquita* que me deve uma cachucha!

— Tenho palavra, eu, D. Vilarzito, ainda que não devera ter, pois já tomou mais que o devido!

— O passado, passado! Você me deve uma cachucha, eis o certo.

— Sem dúvida, e a pagarei.

— Quando?

— Porém!... Na festa da maia!

— Está longe ainda.

— Faltam só seis dias.

— Em seis dias fez Deus o mundo.

— Que pretende você com isto?

— Ninguém sabe o que pode suceder até lá! O melhor, quer a menina que lho diga?

— Fale, D. Vilarzito.

— Pois que a menina me deve uma cachucha, podemos cambiá-la já por mais dois só...

— Mais dois!... exclamara a menina, com as faces a arder em rubor.

— Senhora, sim; não é muito!

— Com os dez que já tomou você, fazem uma dúzia! Para o primeiro dia!...

— Porém não! Lembre-se a menina que não me deu mais que um, e não foi o maior.

— Ai! são cachos de uvas os dois?

— Então! Cuidava que eram beijos! Depois, não digo que não!

— E por uvas perde você de ser meu cavalheiro! disse a menina com enfado. Não é galante, D. Vilarzito.

— Não há homem galante em jejum, ainda quando ele seja um castelhano. Quisera ver no meu lugar um que tivesse almoçado um Padre-Nosso, e jantado cruces na boca.

— Como! Está você ainda em jejum?

Sem esperar resposta, a menina saltou ligeira como a gazela dos campos nativas e desapareceu entre as cortinas de parreiras. Voltou logo trazendo sob o avental uma naca de queijo e pão.

— Aqui tem, D. Vilarzito; jante, que me dá nisso prazer.

— Não tenho fome já! respondeu o rapazito com soberba e desdém. Guarde a menina sua esmola para os perros que a peçam.

As lágrimas saltaram dos olhos da menina:

— Não se anoje comigo! É Deus que nos dá a todos o pão nosso de cada dia! Receba você dele, não de mim. Apenas serei eu sua servente!

Assim falando Dulcita se aproximara do moço; tinha ela mil carícias no olhar, e ainda maiores meiguices no gesto; a voz suspirava como um canto de sereia:

— Já não está anojado? Diga que não! Diga-o para sossego meu!

— Não o estou, não, pois que a menina não soube o mal que fez!

— Mui bem! Seja galante assim! Agora jante!

— Não o poderei, ainda que queira. As uvas comi-as eu, porque as ganhei com meu trabalho, não as mendiguei!

— É certo: porém, tão grande foi o serviço, que isto por cima não o paga ainda.

— Para não magoar a menina, guardarei para depois!

— Isso mesmo!

— E agora vou-me que é tarde!

— Já? Tão cedo!

— A noite aí chega; e eu ainda não cheguei à cidade.

— Quando verão agora estes meus olhos a seu senhor?

— Que lhe dera a menina para vê-lo?

— Quanto ele quisera!

— Os que faltam para completar a dúzia?

Dulcita fez um leve sinal com a cabeça, e cerrou corando as longas pálpebras: o rapazito posou não dois, mas uma cascata de beijos em cada face.

— San Tiago de Compostela! exclamou perto uma voz trêmula.

Era de uma velha que chegara a tempo de ver o que passava debaixo do parreiral.

— É sua mãezita? perguntou Vilarzito à menina em voz baixa.

— É a servente! murmurou ela envergonhada.

O rapaz voltou-se com ar imperioso.

— Vem cá, velha, acompanha a casa minha esposa.

— É possível? exclamou a aia.

— Adeus, querida! Até amanhã.

— E vai-se sem perguntar meu nome?

— Basta que o saiba o padre na igreja. Para mim será a doçura de minha alma.

— Sim; pois me chamo *Dulcita*, quero sê-la para quem agora somente sou.

Vilarzito beijou de novo as faces de sua amante às barbas mesmo da velha, e calcando o sombreiro na cabeça, partiu-se, altivo como um rei.

Era um gosto ver o menino *aguador* que em 1589 os passeadores de Burgos encontravam todas as tardes diante do Palácio Velasco; tão gentil se mostrava ele de sua pessoa, e tão prendado de sua graça infantil.

Chamava-se Vilarzito; tinha 12 anos; herdara o nome e o ofício do pai, que o deixara só no mundo. A mãe, essa nem lograra, mísera e mesquinha, beijar o filho que fora todos os seus extremos. Era mulher de muita religião e especial devota do grande São Inácio de Loiola. Sempre que ia à igreja, ficava horas e horas em doce arroubo dos sentidos diante de um grande quadro a óleo, onde tinham representado a imagem em pé, do Santo, ao vulto natural. Quando Deus lhe destinou marido, ela não cessava de rogar ao céu um favor:

— Meu divino Santo Inácio, se de todo não vos desprezais desta serva indigna, e que por vossa intercessão Nosso Senhor Jesus Cristo me abençoe em o fruto das minhas entranhas, fazei que esse filho seja a cópia vossa humilde, assim na compostura das feições, como na vida e obras.

Se exalçara o céu esta prece fervorosa, quem o podia saber? Em tão verdes anos não era natural que se conjeturasse coisa certa sobre o menino. Inteligência e ambição foram

sim precoces nele; tinha a nobreza do parecer; e estreou na vida, como o soldado de Pampelune, pelas armas.

Seu primeiro sonho fora o herói popular da sua pátria, o Cid campeador, tão celebrado nas lendas castelhanas: cantando as trovas do romanceiro, o menino sentiu borbulhar o sangue nas veias, e intumescer-lhe o seio de uma nobre emulação. Com os primeiros reais que apurou, mercando copos de água nevada, o *aguadorzito* comprou uma espada. Era esta de tamanho desmedido para um homem que fosse, quanto mais para um menino; e tão comida já de óxido, que o armeiro a tinha entre os ferros-velhos.

— Bem pode ser a espada de Mudarra, a velha espada ferrugenta! disse o menino consigo, e acariciou os punhos.

Nesse dia a calçada do Palácio Velasco não o viu, e as damas de Burgos notaram a falta do esperto e vivo rapazito que as divertia com seus repentinos chistosos, e sabia oferecer um copo de água nevada com tão fino donaire para admirar em um menino de rua.

Vilarzito tivera mais que fazer. Escondido em um pardieiro, o futuro êmulo do Cid esgrimia e ferralhava a valer contra as velhas paredes. O entusiasmo lhe duplicava as forças; a ferrugenta espada coruscava no ar, ferindo fogo no cimento empedernido. Enfim o ardor guerreiro sucumbiu à fadiga; o rapazito caiu extenuado sobre a relva e dormiu ao sol, como os cameleões.

Dormindo sonhou torneios e batalhas. Na seguinte manhã tornou à ocupação habitual; mas bem se via pelo nenhum cuidado que dava ao seu mister de aguador, que outro cuidado o tinha. As damas passavam e ele dantes tão pressuroso em servi-las, quase nem as olhava agora.

Decorreram dias. Era sobre tarde: Vilarzito cismava melancólico na calçada. Achevou-se um homem de guerra, munido de grandes bigodes.

— É servido você, cavalheiro, de um copo de água? Mais fresca não a há em *Sierra Nevada!* gritou o menino, com seu gesto mais amável, correndo para o soldado.

Este tinha sede e aceitou. Os espanhóis passavam então na Europa por grandes bebedores de água, pelo que incorreram no desprezo dos alemães.

Vilarzito examinava o cavalheiro enquanto ele bebia. Achou-lhe o porte desempenado, o talhe longo ainda que franzino, a barba espessa, e o arreganho marcial; porém mais que tudo o impressionara um gilvaz que debruava o rosto moreno desde o ângulo direito da frente até o meio da face esquerda.

— Como se chama você, cavalheiro? perguntou afinal o menino.

— Pois não conheces o famoso Capitão D. Aníbal Aquiles de la Fuerte Espada, para as damas o gracioso *Acutilado*, e

para os homens o terrível *Acutilador*?... Sou eu, o próprio que tens a honra de refrescar!... Oh! que é lá isso?... Não tremas, *chiquito*! És um pirralho, e mesmo que foras um homem, tão pouco! D. Aníbal só acutila os fortes! Aos fracos protege!

Vilarzito não tremia; ficara enlevado:

— Com que é você o grande *Acutilador*?

— O maior e mais ilustre de todas as Espanhas, o que val dizer do mundo inteiro. Não admira que conheças a minha fama, pois ela enche o universo.

— Já esteve você na guerra, cavalheiro?

— Caramba! Se estive eu na guerra?... Pois nasci nela! Minha mãe me gerou na batalha de São Quintino entre dois *cañonazos*!

Vilarzito, satisfeito com esta resposta, perfilou-se:

— Muito bem, cavalheiro! Você me serve.

— Que vem a dizer? Eu te sirvo... *Sangre de Cristo*! Estás varrido, pirralho?

— Escute sempre, homem! Ando eu à procura de um cavalheiro; pois não há pajem sem seu cavalheiro, e eu me quero pajem. Você é valente; digo-lhe eu que me serve!

D. Aníbal soltou uma gargalhada homérica.

— Caramba!... Sempre hei ouvido, que são os pajens os que servem aos amos!

— Alguma vez vai o mundo às avessas, cavalheiro!

— É picante o caso! Quanto ganharei eu por ser teu cavalheiro, pois que sou eu quem te servirei?

— Ganhará você a fortuna de me ter por seu pajem, e por cima o gosto de me trazer bem vestido e acontiado!...

— Não queres também uma bolsa recheada de duros, bargante?

— Dinheiro!... Não é isso que me come, mas a fama!

O cavalheiro soltou segunda gargalhada:

— Vejam só, uma formiga de catarro!

— Capitão D. Aníbal Aquiles de La Fuerte Espada!... exclamou o menino com modos de gente. Mire você... Se me afronta, me dará satisfação e desagravo!...

— *Sangre de Cristo!* Eis um pícaro que me agrada! És meu pajem. Eu te sirvo...

— Tu me serves, atalhou o menino. Nós nos servimos!

— Também sabes as gramaticais?

— Quanto basta para escrever às damas.

— Às mil maravilhas!

Uma semana depois Vilarzito, em figura de pajem, se partia de Burgos, cavalgando após o Capitão D. Aníbal um sendeiro choutão, em cujas ancas chocalhava a velha espada ferrugenta.

O primeiro dia de viagem acabou sem novidade; o segundo foi pelo mesmo teor. O esperto pajem à cata de aventuras entristeceu; às vezes conversando com os seus alamares (naquele tempo não se usavam botões), murmurava entre dentes:

— Isto não me quadra.

Veio o terceiro dia: deixaram a pousada ao romper d'alva. Trotando, o pajenzito empenava o talhe delgado, e afagava o punho desmedido da catana com a mão pequerrucha. Tinha o pescoço teso, o nariz ao vento; farejava uma aventura.

A meia légua da pousada cruzaram com os viajantes dois cavaleiros. Saudaram cortesmente ao passar. D. Aníbal respondeu à saudação; o pajem ao contrário calçou o sombrero sobre os olhos com um modo soberbo, desdenhoso, olhando de través.

Ou não viram, ou não deram a isso importância os dois cavaleiros, e seguiram seu caminho. Vilarzito embaçou com a história, mas logo tomou uma resolução.

— Espere você um tantinho, cavalheiro, enquanto eu torno.

— Onde vais tu, pajem?

O pajem já não ouvia a pergunta, porque dando de rédea ao sendeiro e fincando-lhe as esporas, fora-se no encalço dos dois cavaleiros.

— Cavaleiros! Cavaleiros!... Queiram parar.

— Que nos queres tu?

— Saibam que meu amo, o mui nobre Senhor D. Aníbal Aquiles de la Fuerte Espada, por fama o *Acutilador*, que ali espera firme como o rochedo, me manda a suas mercês, para dizer-lhes que são uns pícaros...

— Caramba! Engole a palavra, pajem!

— Engolir, eu! Pois não! Vou repeti-la três, cem, mil vezes!

Aqui passando da voz ao grito, o menino clamou a pleno pulmão:

— Uns pícaros!... Uns grandes pícaros!... Uns grandíssimos picarões!...

Os cavalheiros não puderam deixar de rir.

— E por que, perguntou um deles, nos maltrata esse cavalheiro, teu amo?

— Porque você não o saudou...

— Não o saudei! Mal fiz em catar-lhe cortesia, a um vilão ruim qual ele é.

— Não o saudou como devia, apeando-se quando ele passava.

— Caramba! É ele o Santíssimo Sacramento? O perro! Apear-me eu quando ele passava!...

— É um bravo! Por isto e pelo mais pede ele desafronta da injúria que sofreu!

— Desafronta, quero eu!

— E eu primeiro!

Os dois cavalheiros picaram para D. Aníbal, desembainhando as espadas. Vilarzito os seguiu, gritando:

— Ei-los, cavalheiro. Vamos ensinar-lhes as regras da cortesia.

Os desconhecidos não deram tempo a explicações; o que primeiro chegou arremeteu contra D. Aníbal que mal teve tempo de defender-se. O segundo fora mero espectador, se Vilarzito estacando defronte dele com a farrusca em punho, o não obrigasse a pôr-se de guarda.

— Queda-te, menino, se não queres que te corte cerce as orelhas!

— Antes que tal gana te venha, te arrancarei os dentes, perro! Defende-te! dizia o menino esgrimindo.

O cavalheiro foi obrigado a defender-se com efeito para não ser ferido; em dois botes conseguiu desarmar o fedelho, que caiu ferido no braço. Seu companheiro acabava do estender o bravo *Acutilador* que jazia desmaiado, com um segundo gilvaz na face direita.

Os desconhecidos foram seu caminho.

Vilarzito desprezando as dores com o estoicismo admirável das crianças travessas e pertinazes, pôs o braço de tipoia; e assim mesmo, conseguiu pensar as feridas de D. Aníbal que voltara do desmaio.

— Vê o que fizestes, diabrete?...

— Vai tudo às maravilhas, cavalheiro, respondeu o menino. Você subiu um ponto na estima das damas; de acutilado

passou a acutiladíssimo! Quanto a mim já tenho nome de guerra. Sou Vilarzito, o maneta.

E o pajem mostrou com orgulho o braço na tipoia.

Fora preciso o talento de Cervantes para contar as aventuras do *pajem andante* e seu cavaleiro. Da amostra e feliz estreia que aí fica tirem o mais. Basta saber que Vilarzito se acompanhou cerca de três anos de D. Aníbal, fraco espírito que o astucioso menino dirigia a seu bel-prazer. Estiveram juntos na batalha de Groningen em 1596, onde Maurício de Nassau bateu os espanhóis. Vilarzito fez proezas e concluiu esta célebre jornada salvando o cavaleiro, que por prêmio de tão assinalado serviço o elevou de pajem a escudeiro.

Assim marchavam as coisas quando acertaram, amo e escudeiro, de passar por Sevilha. O antigo aguadorzito não tinha visto ainda a maravilha da Andaluzia, com seu alcáçar mourisco, sua majestosa catedral, e suas *calles* magníficas.

Na tarde em que eles entraram, um grande ajuntamento de povo impedia o trânsito. Pararam como os outros passantes, para ver o que tanto excitava a atenção popular. Era uma *botega* ou oficina de pintor: havia sobre o cavalete uma grande tela recentemente acabada; defronte, apoiado na penumbra da porta um mancebo, trajando negro, mostrava-se em uma atitude modesta.

Francisco Pacheco, o criador da escola sevilhana e predecessor de Velasquez, Murilo e Zurbarán, terminara seu grande quadro de *São Miguel*. A multidão admirava com entusiasmo; os olhares iam da obra ao artista; e as saudações ruidosas que partiam de todos os pontos formavam um só grito:

— Divino!

Vilarzito admirou também, não o quadro, mas aquela admiração fervente de que era objeto o pintor. Nesse momento o menino sentiu fervilhar-lhe o sangue, mais ardente ainda do que o sentira outrora em Burgos, cantando o romanceiro do Cid.

— A glória!... murmurou ele. Em vão a hei buscado!... Está aqui!

Numa circunstância análoga Rafael Sanzio disse – *Anch'io son' pittore!* Era o grito da inspiração, a voz do gênio revelando uma vocação. No menino castelhano falou a vontade somente; seu grito era o da ambição precoce, intensa no querer, mas vaga ainda no objeto.

— Também serei pintor!

Significava isto: Também serei admirado assim, e por conseguinte famoso; também verei uma cidade grande, talvez uma nação, o mundo inteiro, agitar-se ao redor de mim, tendo na boca um só nome, o meu.

A custo conseguiu D. Aníbal que Vilarzito se apartasse daquela rua, para ir à próxima venda, onde contava pousar. O menino dormiu mal; se dormiu, teve sonhos brilhantes. Ao romper d'alva já ele estava de pé à beira do leito do cavalheiro, esperando que abrisse os olhos.

— Cavalheiro, venho apresentar-lhe minhas despedidas.

— Han!... Que dizes tu, escudeiro?... respondeu D. Aníbal bocejando ainda.

— Não sou mais escudeiro, pois me parto de sua companhia.

— Como! Queres deixar-me?

— Já o deixei, cavalheiro!

— Porém... estás sonhando! Ainda não acordaste bem.

— Acordei ontem, cavalheiro! E não dormi até agora!

Pedidos, promessas e ameaças, foi tudo baldado. Vilarzito partiu-se por uma vez da companhia do cavalheiro; tinha seu plano combinado. Dirigiu-se à oficina de Pacheco.

— Deus o salve, mestre!

— E lhe dê sua bênção, filho! respondeu o pintor.

— Não tem você, mestre, necessidade de um aprendiz?

— Aprendizes não faltam, porém resta saber se são capazes de aprender.

— Sinto eu que sou! Senti ontem vendo a sua obra, e admirando-a, mestre!

Vilarzito ficou na oficina como aprendiz. Cedo revelou seu talento; mas era esse unicamente para um gênero ainda não cultivado, a caricatura. Incapaz de uma obra séria, o menino estragava qualquer esboço que lhe davam a encher. O mestre arrenegava-se, e o aprendiz vingava-se caricaturando-o a carvão pelos muros da cidade. O mesmo fazia com todos os que lhe caíam no desagrado, fossem de qualquer categoria.

Um belo dia, em que ele escapulira da oficina em virtude de um forte repelão, desabafava conforme o costume a sua zanga pelas paredes. Nisso parou juntou um cavalheiro de 50 anos, na aparência homem de guerra, e bem maltratado dela:

— Que fazes tu aí, *muchacho*?

— Não tem olhos você, cavalheiro, para ver? Estou pintando; é bem claro!

— Bem vejo que estás borrando essa parede; porém te pergunto eu que pretendes tu que sejam estas figuras de

animais com rosto de gente!

O menino encarou com o cavalheiro:

— Este gato é meu mestre, o grande Pacheco, quando lhe chegam a mostarda ao nariz; crescem-lhe as unhas, e bufa como se ficara espiritado. Este ratinho que zomba do gato e lhe rói os bigodes, aqui o tem você em pessoa diante de si.

— És tu, maroto?

— D. Maroto, senhor cavalheiro, entre gente limpa assim se usa.

O cavalheiro riu de boa vontade. O menino prosseguiu, fitando-lhe as feições com um olhar, em que a atenção perspicaz era disfarçada sob uns ares de escarninha malícia.

— Mas ainda falta ao meu quadro para o completar, uma terceira figura, mui interessante. Quer vê-la você?

— Qual ela é?

— Espere um pouquinho.

Em dois traços de carvão o menino desenhou no muro uma figura de jumento com um rosto que bem podia ser o do cavalheiro ali presente:

— Vê. É um asno com cara de perguntador! disse o menino dando um salto para trás.

Mas o cavalheiro, lesto e ágil apesar dos cinquenta, já o tinha filado pela orelha!

— Caramba! Vou te levar a teu mestre, grande pícaro, para que ele mire as tuas obras.

— Vejo bem que fiz mal em pintá-lo de asno, pois é um leão! disse o menino forcejando por escapular.

— Tenho uma só mão, pequeno; mas desta nem o diabo te pode tirar. Sossega!

O cavalheiro seguiu com o menino para a oficina.

Bem se conhecia pela expressão de sua fisionomia aberta, que em vez de irritá-lo, a travessura de Vilarzito o divertia.

— Viva, mestre!... disse o cavalheiro entrando, D. Miguel de Cervantes Saavedra tem a honra de saudar o primeiro pintor de Sevilha, D. Francisco Pacheco.

O mestre inclinou-se:

— A honra é para D. Francisco Pacheco, pois recebe em sua casa o valeroso Capitão de Lepante, o mais glorioso poeta e escritor de todas as Espanhas.

— Aqui vos trago, mestre, o vosso aprendiz, que achei apresentando-vos em figura de gato e a mim de jumento.

— Não sei já o que faça, D. Miguel de Cervantes; a menos de lhe cortar pé e mão, não há poder com ele.

— Quereis vós um conselho, ainda que não pedido?

— Embora, será melhor agradecido.

— Deixai-o dar pasto ao seu gênio. Há de sair daí alguma coisa. Vossa arte, mestre, assim como tem os seus Virgílios e Horácios, por que não terá seus Plautos e Marciais?...

O imortal autor do *D. Quixote*, em que já ele trabalhava nessa época, tomou-se de simpatia por Vilarzito. O pequeno caricaturista a carvão também de sua parte começou a admirar o grande caricaturista a pena, que ia dar ao mundo a sua sátira-epopeia. O fel de ironia que vazava desse grande espírito, embebeu-se n'alma infantil e foi a pouco e pouco corroendo as suas doces ilusões. O menino descreu das glórias que sonhara; e acabou por imaginar que não havia maior do que aluí-las a todas pelo sarcasmo e escárnio.

Lá num certo dia, acordou com esta ideia:

— Vou-me a Salamanca!... Serei poeta satírico!

E de feito partiu-se e foi ter a Salamanca. Coursou as aulas de humanidades, como jogara espada e manejava os pincéis: com ardor febril, vontade firme, e superior engenho. Fez versos; encheu as paredes de sonetos e glosas escritas a carvão, como as caricaturas de Sevilha. Seria sem dúvida, poeta como Lope de Vega, Cervantes, Quevedo, se por infelicidade não sobreviesse novo acidente para dar outro curso aos ímpetos dessa impaciente ambição.

Começava de cursar a aula de cosmografia; a descoberta do Novo Mundo, recente de um século apenas, dava aos prolectos tema vasto para eruditas e compendiosas dissertações. Vilarzito tinha ouvido falar da América, como terra de ouro, e de Cristóvão Colombo, como um piloto feliz.

Quando sua jovem inteligência, exercitando-se nas controvérsias de história e cosmografia, começou de entrever a parte que tivera o gênio naquela portentosa descoberta, seu entusiasmo pelas grandes coisas, que o espírito satírico amortecera, mas não extinguiu, acendeu de novo, e talvez mais intenso. Se antes fora chama fugace, parecia agora ardente labareda de um incêndio. Deparou-lhe o destino uma vida de Cristóvão Colombo, escrita pelo filho Fernando. O moço escolar devorou o livro; quando o terminou, tinha na cabeça um vulcão de ideias; corriam lavas do cérebro em ebulição; dos olhos incendidos saltavam chispas de fogo. Esteve assim nessa febre d'alma

um dia inteiro; saiu dela para exclamar com o tom de um inspirado:

— Por que não descobrirei eu também um mundo? Deve de haver um terceiro, ainda desconhecido, por essa imensidade dos mares!...

E tinha razão. Esse terceiro mundo existia; já ele começara então de surgir do infinito, filho do oceano de quem derivou o nome. Mas a glória de o descobrir, a providência não a reservara para o humilde aguador de Burgos, agora estudante em Salamanca. Não obstante, uma semana inteira andou aquele pensamento a tumultuar-lhe no cérebro. Ao cabo, parece que tomou uma resolução:

— Colombo se partiu de Palos. Vou-me eu também a Palos. À la ventura!

Vilarzito tinha dois meios de viajar; ou se oferecia por pajem a algum cavalheiro, ou tratava com os almocreves para lhes tocar as mulas de carga. Desta vez foi o último expediente o que mais pronto lhe apareceu; de recova em recova, topou afinal com uma que fazia o serviço entre Sevilha e Palos. Sua tenção era embarcar aí como grumete do primeiro navio que o recebesse, e atirar-se à vida do mar. Um dia, não muito longe, havia de subir a sargento-mor e ter ao seu mando uma nau ou mesmo uma galé. Então se lançaria pela amplidão do oceano, e iria buscar o seu mundo, ainda que o ocultasse uma dobra do infinito.

Terminava ele sua viagem, quando a sorte o levou à margem do Tinto, na tarde de 25 de abril de 1597.

Ia descobrir um mundo; encontrou no caminho uma mulher.

Quantas coisas grandes da terra, quantas glórias e cometimentos ilustres, não nascem dos orvalhos que esparge um sorriso de amor? Mas também quantas ambições ardentes e nobres estímulos têm seu eclipse na luz de uns lindos olhos?

É sol de maio, que já brilha pelas devesas floridas do Tinto.

Sob a cúpula diáfana de um céu de primavera, tudo é luz, graça e harmonia. Os esplendores da tarde douram as veigas e adiamantam as águas. Flores, sorrisos do prado, e sorrisos, flores dos lábios, desabrocham por toda a parte, e engastam-se onde quer que aparece um rosal perfumado ou um rosto mimoso. Vão de envolta nas asas da brisa, trinos das aves, rumores do campo, e os ledos descantes de rústico trovador.

Além, à sombra do florido laranjal, folgam os camponeses a festa da maia. As raparigas, conduzidas pelos seus bailarinos, correm à eira preparada para a dança. Ao som do bandolim estalam e crepitam as castanholas; o pé andaluz, que tem do colibri as asas e as sutilezas, voa sobre a relva; a vasquinha de seda rodopia na veloz pirueta, como a plumagem iriada da ave graciosa.

Dulce baila com seu querido Vilarzito. A ver o donoso par, os velhos admiram tal graça e formosura; os moços invejam o suave consórcio da beleza e juventude, que o amor celebrava na união dos namorados bailarinos.

Trazia Dulcita, bem onde abria o peito do justilho de veludo preto debruado de ouro, uma rosa do campo, que ali estava como enfiada das que o prazer abria nas faces da donzela; e por isso se escondia entre os alvos lírios do seio mais

mimoso, que amor já palpitou. Girando rapidamente em volta da menina, o gentil muchacho no meio das graciosas floretas, tentava debalde arrebatá-la num passo gracioso a rosa do seio de Dulce. E como não o conseguisse, ia suplicante ajoelhar aos pés da menina.

Então Dulce olhava-o meiga e compassiva; sorria-lhe depois com certo disfarce, e saltando sobre a pontinha do pé garboso, reclinando e quase suspensa sobre a cabeça do seu gentil cavalheiro ajoelhado, pairava um instante, como a borboleta sobre as flores. O branco seio arqueando roçava quase pelos lábios do moço a rosa prestes a escapar.

Mas ao menor gesto de Vilarzito, a menina furtava o corpo numa rápida pirueta; e lá se ia ela no seu voo de sílfide, entre mil requebros e negaças, trançar novas e mais graciosas figuras; até que Vilarzito vinha outra vez ajoelhar a seus pés; e a pantomina recomeçava.

Uma vez, acaso ou propósito, a rosa desprendeuse do seio da bailarina, e caiu sobre a relva; Dulce correu a apanhá-la; porém no momento em que dobrando o talhe flexível, ia colher a flor, Vilarzito se interpunha: e em vez da rosa, a menina via o rosto brejeiro de seu dançarino.

Nisto um rapaz que estava entre os espectadores apanhou a flor, e guardou-a no peito do jaleco. Chamava-se ele Velez e tinha não sei que remoto parentesco com Dulcita.

Vilarzito erguera-se pronto, e caminhou direito ao impertinente.

— Dê-me você esta flor que não lhe pertence, disse o muchacho com sua natural arrogância.

— Sabe você quem sou eu para ma pedir? replicou Velez.

Vilarzito mediu-o de alto a baixo, e avançando mais, respondeu-lhe mesmo na face:

— Não é preciso saber, pois estou vendo que és um cão e te provarei agora mesmo.

— Ai! meu cutelo! exclamou o Velez dando um salto e desembainhando a adaga. Ele te fará engolir a palavra, birbante!

— Com esta te farei eu vomitar a peçonha, víbora! retrucou Vilarzito sacando também a sua navalha.

Ambos afastaram-se a passos largos do lugar da festa. Dulce quisera reter Vilarzito; mas este a repelira com uma palavra:

— Quer a menina amar um castelhano ou um perro?

A festa continuou, como se nada houvera acontecido de maior. O acidente passara desapercibido para a multidão;

de resto era coisa tão comum um desafio nesses tempos, que por tal a gente não se abalava.

Para Dulce porém a festa estava acabada. As suas rosas de maio, como os seus risos de menina, desbotaram súbito. O vácuo que lhe deixaram n'alma os doces enlevos e as inefáveis alegrias, encheram logo as ânsias, as lágrimas e os tristes pressentimentos. Ela não pôde mais dançar sobre aquela relva; pareceu-lhe que dançaria sobre o túmulo de seu querido amigo.

Presas de viva inquietação, errava pelos campos sem tino, na esperança de encontrar Vilarzito; voltava à maia julgando ali achá-lo já; partia de novo e tornava, até que vindo a noite, foi-se a mísera ao seu humilde casalinho da margem do Tinto.

Recolhendo à camarinha, deu a moça com os olhos numa imagem de Nossa Senhora das Candeias, que então se venerava na sua Igreja de Sevilha. Dulcita ajoelhou aos pés da Virgem e fez um voto pela vida de seu amante em perigo. Esteve ali grave e recolhida na súplica fervorosa um tempo esquecido.

Quando ergueu-se, era noite fechada; as estrelas brilhavam no céu; e pela gelosia aberta entrava a aragem fresca derramando agrestes perfumes.

Esses frouxos raios de estrelas coados pelo azul do céu, de envolta com os aromas dos vinhedos e laranjais, traziam uns ressaibos de amor e tais delícias à alma, que Dulcita, apesar de sua mágoa, sentiu-se atraída pelas carícias daquela noite de maio.

Saiu fora, para que a noite com seus perfumes e mistérios a envolvesse toda e escondesse no materno regaço. Ela tremia e palpitava, já presa do susto, já travada de esperança.

De repente Vilarzito ergueu-se diante de seus olhos.

— Ah! querido!...

Dulcita exalou toda a sua alma nessa breve exclamação, e ficou-se extática diante do moço que a olhava sorrindo. Foi quando Vilarzito passando-lhe o braço pela cintura e chamando-a a si, prendeu no peito do justilho a malfadada rosa do baile, que a donzela cobrou os espíritos para devolvê-los logo no divino sorriso que voou dos lábios.

Apoiada ao ombro de Vilarzito, e erguendo-se nas pontas dos pés, a ingênua menina cobriu de beijos ardentes o rosto do amigo. Afinal um desses beijos foi colhido pela boca do moço. Dulcita estremeceu, suspensa ao lábio do amante; e cerrou as pálpebras suspirando.

As duas crianças não sabiam do amor senão o que haviam aprendido nas jácaras e seguidilhas. Amar era para eles uma festa da mocidade, como brincar fora uma festa da infância.

Os beijos que se davam mutuamente não passavam de inocente travessura. No momento porém em que os seus lábios se uniram, um tremor súbito abalou-os interiormente, e uma chama intensa coou pelas veias. No meio desse deslumbramento, o santo pudor da inocência espontou no coração como um espinho.

Afastaram-se envergonhados. Dulcita ocultou o rosto na espádua com o gracioso movimento da rola que esconde a cabeça sob a asa para dormir; porém antes, a menina agastada atirara ao rapaz com certa petulância própria das crianças uma palavra dura:

— Mau! exclamou ela, acentuando a voz com o gesto da cabeça.

Vilarzito fez-lhe uma careta; voltou-lhe as costas; e começou a puxar os laços que enfeitavam o seu faceiro traje de majó.

Nunca viram como dois ratinhos, que estranho rumor afugentara, voltam ao lugar onde brincavam? Eles deitam a cabeça fora da toca, espreitam, recolhem rápidos para surdir logo, arriscam um passo, hesitam, voltam, dão uma pequena corrida, cobram ânimo e encontram-se afinal. Assim tornaram uma à outra as duas crianças arrufadas.

Mas já não se beijaram.

Vilarzito contou à menina o seu duelo com Velez. No meio da luta falseara o pé do adversário, que fora de rojo à terra; o recoveiro atirou-se a ele, calcou-lhe o joelho aos peitos, e com o punhal erguido, obrigou-o a remir a vida restituindo a flor. O rapaz referiu isto com sua costumada fanfarrice, acrescentando que fora uma felicidade para o Velez cair, pois com certeza o matava, se continuasse a resistir.

Acabada a narrativa a menina ergueu-se com uma petulância andaluza:

— Para que nenhum se julgue mais com direito sobre mim, quero desde hoje pertencer-lhe, D. Vilarzito.

— Que pretende você, Dulcita?

— Espere!

Ela correu direito à varanda onde estavam reunidos seu pai, sua mãe e a servente. Entrou dançando, piruetou na sala com uma graça inimitável, e foi cobrir de carícias o rosto crestado do bom campônio.

— Pai, eu tenho quinze anos!

— Hás de fazê-los pelo Natal, filha, respondeu o campônio.

— Não importa, acudiu a menina, eu tenho quinze anos; preciso de um marido.

— Meu bento Jesus! exclamou a mãe. A menina perdeu o juízo!...

— Perdeu a mãe o seu quando casou com o pai? retrucou vivamente a chiquita.

— Bem respondido! disse o campônio abraçando a filha com ternura.

— Você mesmo é que a tem posto a perder! resmungou a velha.

— Então, continuou Ramon com bondade, queres um maridinho, Dulce?

— Quero, sim, pai do meu coração!

— Não te parece que é cedo ainda?

— Cedo!... Nunca é cedo para casar, pai; tarde, sim, costuma ser muitas vezes.

— Pois havemos de procurar um bom marido, um rapaz honrado e trabalhador...

— Não é preciso, acudiu Dulce. Eu tenho já.

— Um marido?

— Sim! um maridinho, e mui gentil! Quer ver, pai?

Antes de receber a resposta saiu aos pulinhos. A mãe voltara-se precipitadamente para a criada:

— Ouves servente?

— Ouço bem.

— Está espiritada, Senhor Deus!

Dulce voltou trazendo Vilarzito pela mão.

— Venha, venha, D. Vilarzito! Aqui está o pai.

O rapaz cortejou.

— Então, disse o granjeiro, você pretende a *niña* em casamento?

— Não, Senhor!

— Como!... balbuciou Dulcita sentindo desfalecer-lhe o coração.

— Não pretendo coisa alguma, continuou o rapaz imperturbável. A *niña* quer muito casar comigo e eu para não desgostá-la, consinto!

— É isso mesmo! exclamou a menina batendo as mãos de contente.

— Então o moço faz à minha filha um favor casando com ela?

— Porém, sim; um grande favor.

— Um favor só!... acudiu Dulce. É a minha felicidade que ele fará.

— Quem é você, D. Vilarzito? perguntou o campônio.

— Sou D. Vilarzito.

— Pergunto que profissão tem.

— Nenhuma: isto é, todas as que eu quiser. Comecei por ser aguador, para servir às damas. Fui pajem, escudeiro, pintor, estudante e poeta, não por necessidade, mas por gosto. Ultimamente dei a um certo almocreve a honra de viajar em sua companhia; porque um homem deve conhecer mundo.

— Mas afinal o que é hoje o moço?

— Hoje sou aquele, atenda bem, que está para ser, ouça, o mais famoso e rico homem de todas as Espanhas.

O caseiro soltou uma gargalhada; as velhas benzeram-se; Dulcita teve um aperto de coração. Só o rapaz ficou impassível.

— Então você será o primeiro depois do rei!... disse Ramon chasqueando.

— Suba! retrucou o rapaz encolhendo os ombros.

— Será o próprio rei, pelo que vejo?

— Mais! disse Vilarzito breve e firme.

— Mais que o rei? gritaram à uma as três mulheres.

Até então fora possível supor no rapaz a arrogância picaresca, que se designou depois com o nome de *espanholada*. Não era raro naquele tempo ver a fanfarrice castelhana comparar um mendigo ao rei; mas pô-lo acima do rei, passava à loucura.

— Mais que o rei! repetiu o granjeiro, pensando que o moço perdera a cabeça.

— Sem dúvida, replicou este; pois que o rei é só das Espanhas; e eu o serei de um mundo inteiro.

— Do mundo da lua?

— Do terceiro mundo, que me vou a descobrir, como Cristóvão Colombo descobriu a América.

As duas velhas assombradas, de boca aberta, cobraram a fala afinal:

— É o Tinhoso, padrona! murmurou a servente fazendo cruces no ar.

— Não te dizia eu que a *niña* estava espiritada? Abrenúncio!...

O granjeiro disse para Dulce:

— Teu galante, filha, está varrido do juízo.

— Mas o coração é bom, pai!

— Não basta.

E voltou-se para o rapaz:

— Pois D. Vilarzito, vá você descobrir o seu mundo, e quando lhe apontar a barba no queixo e os reais na bolsa, volte.

— Homens desta massa, redarguiu o muchacho, não voltam nunca, avançam sempre. Saúdo a você e a demais companhia.

D. Vilarzito saiu como entrara, senhor de si, calmo e soberbo.

Dulcita seguiu-o com os olhos rasos de lágrimas; quando o rapaz transpôs o lumiar, o seio estalou com os soluços que borbotavam. O pai a consolou com a promessa de melhor

noivo; a mãe ralhou, aspergindo-a com os borrifos de seu ramo bento de alecrim.

Com pouco a menina, disfarçando, recolheu ao interior do albergue. Mas apenas sentiu-se fora das vistas maternas, pareceu criar asas. Correu ao quarto, atirou uma mantilha aos ombros, e esgueirou-se pelo caminho que conduzia à cidade. A voz de Vilarzito, que caminhava cantarolando a sua trova do Cid, deu-lhe voos aos pezinhos andaluzes. Em um fechar d'olhos estava com ele.

— Venha, meu querido.

— Aonde?

— À casa do senhor cura! respondeu a menina tomando-lhe o braço e arrastando-o.

— Para que, doçura minha?

— Para nos casar, maridito.

— Já?

— Neste momento!

— Não é cedo?

— Queira Deus que não seja tarde.

Chegaram ofegantes da corrida à porta do velho cura. Depois entrou afoitamente, não já pelo braço do rapaz, e sim puxando-o pela aba do jaleco.

— Senhor cura, valha-me V. Reverendíssima! exclamou a menina caindo de joelhos aos pés do sacerdote.

— Que lhe há sucedido, filha?

— Uma desgraça, a maior desgraça!... Só Deus no céu, e o senhor cura que é seu ministro na terra, me podem valer! Ai, de mim! Mísera que sou!

As lágrimas rebentavam e a voz soluçava chorando também.

— Mas fale, filha. Para tudo há remédio no céu, que a misericórdia do Senhor é infinita.

— Este cavalheiro, que aqui está presente... Não o vê, senhor cura, como está envergonhado?... Este monstro, que cavalheiro não é quem falta à fé jurada!... Oh! não!... E ele há faltado, como um mouro que fora!...

O sacerdote começava a compreender:

— Este monstro, senhor cura, me desgraçou! exclama enfim a menina escondendo o rosto na mantilha. Se não acho proteção nesta casa de Deus, vou-me daqui lançar ao

rio!... Como terei ânimo de me apresentar a meu pai, neste estado!

Seguiu-se uma severa admoestação do sacerdote; e um quarto de hora depois os dois meninos saíam casados da sacristia. À porta, Dulcita lembrou-se de alguma coisa, e voltou só, para falar com o cura.

— Senhor cura, esqueci-me de perguntar a V. Reverendíssima uma coisa!

— Dirá, filha.

— Eu fiz um voto a Nossa Senhora das Candeias... Um voto de quando me casasse com aquele que é meu marido, não o reconhecer como meu senhor, antes que ele fosse levar à Virgem uma vela de promessa! Mas eu não pensava que o casamento viesse tão cedo, como veio!... Queria saber... O voto vale?

— Decerto, filha; e ainda mais agora, porque é uma penitência que lhe dou.

— Penitência por que, senhor cura? É algum pecado casar?

— Não, mas é um pecado feio deixar a donzela que lhe roube seu noivo, o que só a esposa pode dar a seu marido!

— Porém, com perdão de V. Reverendíssima, ele não me tomou mais que o meu coração!

— Como, filha! Não disse você que ele a desgraçou!

— Pois sim, me desgraçou, porque me roubara o meu amor, e ia-se partir sem me dar sua mão e seu nome! Há maior desgraça no mundo, padre cura, para quem só vive de amar?

O sacerdote azoou; a rapariga desapareceu como uma sombra.

Caminhavam pelas margens do Tinto, de mãos dadas, os dois noivos. Dulcita desfeita em risos e meiguices, Vilarzito sério e pensativo.

O rapaz, cujo gênio aventureiro aceitara sem calcular este casamento, como uma das muitas fases de sua vária existência, com a mesma facilidade com que passara de um sonho a outro, e de pajem se fizera pintor ou poeta; o rapaz cogitava consigo nos embaraços que lhe podia acarretar essa paixão de menina. Quanto aos deveres conjugais e à gravidade do estado, pouco cuidado lhe davam: eram nós, que ele cortaria, quando não os pudesse desatar.

— O futuro é de Deus, o passado dos mortos. O presente é a vida.

Com essa reflexão filosófica pôs ele termo às suas cogitações. Envolveu a sua bela noiva em um olhar amoroso, e perguntou-lhe:

— Onde vamos nós, Dulcita?

— Para onde havemos de ir, se estamos no céu, bem meu; não queres que aí fiquemos? disse a menina sorrindo.

— Pois fiquemos, respondeu o moço. Estas laranjeiras em flor são tão perfumadas, que bem podem ser o céu de nosso amor!

Cingindo com o braço a cintura da donzela, afastou os pâmpanos que fechavam um bosque sombrio. Dulcita desprendeuse ligeira e fugiu. Voltou depois, não já desfeita em carícias, mas revestida de uma meiga seriedade.

Ela contou ao moço o voto que havia feito a Nossa Senhora das Candeias. Vilarzito insistiu, mas seu orgulho não lhe deixou que supplicasse.

— Não me queiras mal, Vilarzito! Por mim não é, mas pela felicidade do nosso amor! Tu és já meu senhor; e eu, que mais sou do que bem teu? Mais val esperar alguns dias, até que a Virgem abençoe para sempre a nossa felicidade e a torne em uma virtude, do que fazer um pecado, porque seremos punidos, e eu duas vezes, na tua e minha pessoa! Mas responde!... Se te enfadas comigo, mal de mim, que me perderei por ti, perdendo-te!...

— Adeus! disse Vilarzito.

— Onde vais? perguntou a menina espavorida.

— A Sevilha! Não é lá que devo cumprir a promessa?

— Sim... Mas queres partir já?

— Quanto mais cedo partir, mais cedo voltarei!

— É verdade!... murmurou a menina curvando a fronte já carregada de mágoas.

Vilarzito apertou-a ao seio, e teve-a algum tempo ali, enquanto seus olhos se engolfavam no horizonte. Que via ele ao longe, nessa névoa do espírito, que se chama pressentimento? Via a ambição, que batia asas d'ouro, prestes a desferir o voo; e sua alma, presa da vertigem, que se lançava a par, devassando mundos ignotos. Via o fantasma de sua imaginação que lhe gritava, avante, avante, e o atraía sempre, não lhe deixando sequer volver um olhar aquém.

Nesse momento o aleijão daquele coração, pressentindo que pela última vez palpitava sobre ele o coração amante da mísera virgem, teve um aperto, que espremeu nos olhos uma lágrima, talvez a última que umedeceu essas pálpebras, e nos lábios um escasso sorriso de ternura:

— Não te penes, amor meu, que me tiras a coragem de ir-me. É preciso, tu disseste, e eu parto-me com bem pesar de meu coração; fique-te ele, para que mais ligeiro torne a ti este corpo.

Dulcita sorriu entre as lágrimas:

— Vai, querido, vai. Tu levas a graça de minha alma; eu te guardarei, senhor meu, a flor desta pobre beleza minha.

Seu lábio embebeu-se no lábio do esposo; e ficou ali suspenso como um fruto que o bico lascivo do pássaro colheu na haste. Depois que libou o mel, o pássaro bate as asas, e o fruto pende murcho e eivado. Assim desfaleceu Dulcita, quando seu noivo precipitando a partida, arrancou-se ao beijo, e partiu. Ele levava-lhe o âmago de sua alma, o doce mel de sua felicidade, seu amor, sua vida.

Voltaria ele a restituir-lhe quanto levava?

Vilarzito não voltou o rosto, com receio de ceder à emoção; foi por diante trilhando as margens do rio, cantarolando qualquer seguidilha. A menina, seguindo-o de longe para ouvir algum tempo ainda a voz amiga, sentia minguar-lhe a vida à proporção que essa voz desfalecia com a distância. Afinal caiu extenuada à beira do caminho.

Era noite alta quando recolheu-se a casa, onde achou a aflição que causara o súbito desaparecimento. As velhas se lamentavam rezando; o pai mal entrara das caminhadas que dera em procura da filha querida.

Dulce contou com singeleza o sucedido, sem esconder a mínima circunstância. Que tinha a esconder ela na candura do seu amor? O pai depois de muito ralar, feliz de ver a

filha restituída à sua ternura, perdoou; a mãe benzeu-se, como costumava nas ocasiões solenes; e a família voltou à habitual tranquilidade.

Mas em Dulce uma revolução profunda se consumara. Uma hora só por cima dos seus quinze anos acabava de fazer da menina travessa uma dona séria e prudente. Ela preparava-se já com certo orgulho para as inefáveis ternuras do amor conjugal e para o grave papel de esposa.

Essa primeira noite não dormiu, passou-a toda rezando à sua imagem de Nossa Senhora das Candeias, e conversando com a sombra de Vilarzito sobre sua felicidade. Às vezes receava que essa felicidade tamanha não pudesse caber naquela alcova tão acanhada, pois só com a lembrança dela sentia-se sufocar. Outras vezes corria os olhos pelos seus trastes singelos, e se alguma coisa não lhe parecia bem, saltava do leito e ia arranjá-la, para que não desagradasse aos olhos de Vilarzito.

Oito dias decorreram, nos quais Dulce, como a calhandra nos primeiros eflúvios da primavera, forrava de macia relva o caro ninho. À tarde do último dia ela sentou-se no terraço, com os olhos no horizonte, e esperou. Quando à meia-noite ergueu-se para recolher, seu lábio murmurou:

— Ele não me quer tanto, como eu a ele... Senão teria chegado!

Talvez que um obstáculo imprevisto demorasse o moço, pesar do seu desejo, não só um, porém mais dias: não havia motivo ainda para se afligir. Tamanha devia de ser a sua felicidade, que Deus, para que ela a não matasse, a preparava por uma maior prova.

Esperou. Deus sabe quantas lágrimas lhe custou; lágrimas que lhe empanaram o brilho dos lindos olhos, e desbotaram-lhe as faces.

Uma noite enfim Dulce sentiu um grande abalo; pareceu-lhe que o coração rompera dentro. Era a morte da esperança. A donzela ergueu-se lívida, para cair fulminada pela dor; o resto da noite foi um horrível sofrimento.

Pela manhã a menina vestiu-se de luto e foi ter com o granjeiro.

— Pai, meu esposo é morto a esta hora. Eu vou-me a Sevilha, para morrer junto dele.

Havia nessas palavras um abismo de dor, no fundo do qual, como nas gorjas da montanha, rolavam surdas torrentes; havia também a obstinação heroica das grandes paixões.

Ramon amava sua filha, com amor cego. Fez-lhe a vontade, abandonou o seu casal, e partiu. A cidade maravilha, a suntuosa Sevilha, só teve luto e dores para a inconsolável esposa.

Entretanto um raio de esperança luziu na treva que sepultava a mísera e mesquinha, noiva apenas, e já viúva. Desde o dia da chegada, as horas de alívio que tinha, eram as que passava carpindo e orando na Catedral, diante do altar onde se venerava a imagem de Nossa Senhora das Candeias. Um dia o velho sacristão, travado de piedade por aquela dor tamanha em tão poucos e tão belos anos, falou à infeliz, granjeando consolá-la. Dulce contou-lhe por alto a sua desdita.

— Mas!... acudiu o donato. Tempos há, e não muitos, que um rapaz aqui veio cumprir promessa igual! Seria talvez o vosso!

— Bendito sejais, meu Deus! disse a moça mal podendo ainda falar. Bendito e louvado em vossa infinita misericórdia, que assim mandais um raio de graça, a quem se julgava para sempre dela desamparada.

Com este dizer, que saía bem fundo d'alma, prostrou-se de novo aos pés do altar; santo fervor brotava-lhe do seio oprimido. Arrastaram-na depois esperanças fagueiras e impacientes afogos aos joelhos do velho, que ela abraçou:

— Repeti! oh! repeti, santo homem, que o vistes, que vivo é, aquele que meus olhos não pensavam mais ver neste mundo das desventuras minhas! Dizei-me, bom donato, piedoso senhor, dizei-me onde se foi ele? Que má hora o levou? Onde o tem, longe da esposa, o mau fado meu?

Estas e outras falas de tão angustiado coração ficaram sem resposta. O velho nada mais sabia do que disse: nem a certa data, nem sinais do moço devoto, lhe ficaram na cansada reminiscência.

Dulce entrou mais triste, se é possível, do que saíra. O pai que de sua parte não se poupava à fadiga em cata de novas boas ou más do desaparecido, desenganado já, não tinha mais esperança, que lhe fosse conforto da dor.

A filha contou-lhe o que era passado. Correu ele ao sacristão, cuidando comprar com ouro, o que não tinham granjeado lágrimas e penas. Debalde foi, debalde vagou o resto do dia pela cidade, inquirindo, de quem encontrava, indícios de Vilarzito.

— Digo-te eu por seguro, filha, em que isto mais te aflija, quando não devera! Digo-te eu que o bandido mui de vontade sua te abandonou.

— Não, pai; morto é!

E prosseguia depois de silencioso pranto:

— Morto é! Tenho aqui dentro uma voz que mo está dizendo, e mais, que sua alma ainda não deixou este mundo.

— Abusões que te entraram!

— Não é abusão, pai! Se o céu ouvir os rogos meus, e deparar-me o lugar, onde jazem as cinzas de quem tanto amei, que nesta vida não acabarei de amá-lo!... Por seguro, pai, que estes olhos que a terra tem de comer, o verão uma vez ainda. Ele me aparecerá talvez para levar-me! Ah! prouvesse a Deus!

Dois meses passados, nesse contínuo desviver de tristura e angústias, volveram pai e filha ao pobre casalinho, já tão brincado e loução, ermo agora e viúvo de sua mal gorada alegria, e dos risos donosos, que o enchiam dantes quando a sua bela senhorita o encantava.

O desamparo de sua casa, os gastos de jornada e locandas, junto ao desânimo que o entrara com a desgraça, desarranjaram a vida ao infeliz granjeiro. O já de si escasso mealheiro, esvaziou de todo; minguaram as posses, foi-se a abastança; a miséria faminta e esfarrapada veio sentar à porta espreitando a sua hora de entrar.

Esse arreganho da miséria, de que ela fora a causa inocente, tirou Dulce do egoísmo de sua dor e deixou-lhe ver o sofrimento dos seus. Foi sublime então de coragem e abnegação, como o fora de amor! O trabalho de suas mãos, e mais que ele a força de sua alma salvaram a família da fome, senão da pobreza. No afã de uma lida sem cessar encontrava curtos repousos para sua pena rebelde ao esquecimento; na satisfação de sacrificar-se pelos seus,

libava seu coração, o consolo único, dos que o mundo pode dar às grandes dores.

Para mais apurar a fortaleza desta alma, mandou-lhe Deus nova provança; a mãe de Dulce finara-se, consumida pelos desgostos. O vácuo deixado n'alma por um ente querido, nada o enche,

Que era feito de Vilarzito?

Morto era, ou andava ainda à cata de aventuras por este mundo grande?

Deixando sua noiva nas margens do Tinto, o rapazito caminhou a Sevilha. Como foi ele, não o sei eu; foi, e de caminho aquela ambição grande e ardente, que lhe fervia no seio, ia farejando no ar alguma aventura.

Como não lha deparasse o acaso, chegou afinal à grande cidade; tendo mercado a vela de cera, andou a cumprir o voto de Dulcita na Catedral. Era dia de grande festividade religiosa; o bispo devia officiar em pontifical.

Enquanto o rapaz ajoelhado esperava que ardesse a vela no altar, aos pés de Nossa Senhora das Candeias, o povo fora invadindo o vasto recinto da igreja, e a cerimônia começara.

Era a primeira vez que o galopim das estradas se achava em face da majestade divina, revestida da pompa e esplendor do catolicismo. O espetáculo grandioso impressionou aquela imaginação vivaz. Ela ficou absorta no meio da harmonia grave do órgão concertando com as litânias sagradas, dos luminosos vapores do incenso que nublavam as imagens divinas e o venerando busto dos levitas cristãos, dando à cena aparências de visão.

De repente fez-se um grande silêncio: a fronte calva do pregador assomou no púlpito; a voz possante ainda, embora trêmula, encheu o vasto âmbito do templo. Sobre a multidão curva e respeitosa, a palavra inspirada do apóstolo de Cristo caiu como a chuva de fogo do Monte Sinai.

Esse homem só, esse velho débil, qual possante lutador, tinha a seus pés submissa e humilde a turba gigante, o leão-povo. A um gesto seu, o monstro estremeceu; a frase impetuosa de sua eloquência inspirada flagelava como látigo os flancos da fera, que nem gemia. Ele olhava, e as frentes orgulhosas dos grandes da terra se abatiam. Ele troava, e as lágrimas rolavam em silêncio pelas faces dos soberbos.

Uma hora durante, ele teve assim o dragão esmagado no pó sob a virga de sua eloquência, como o tivera o arcanjo sob as patas do corcel; uma hora durante, o gládio de sua palavra retalhou o coração do réptil domado.

Enfim o sorriso iluminou o semblante severo e torvo; o fogo celeste dardejou ainda nos olhos fundos, não já chispas ardentes, senão ondas de luz branda e serena; daqueles lábios crispados, onde vibrara a maldição, mana em jorro o mel da graça, qual manara no deserto para o fugitivo povo do Senhor.

Seu hálito inspira nova e melhor vida ao gigante; ei-lo que de esmagado se ergue mais vigoroso, e vai coleando pelas

ruas e praças da vasta cidade.

Quando Vilarzito voltou a si do arroubo em que ficara, a igreja estava deserta; volveu um olhar para a vela de promessa que ardia ainda, e apagou-a de um sopro.

— Quero ser pregador! Hei de sê-lo! murmurou.

Dois frades atravessaram pela nave; era um de exígua figura, minguada pela velhice, que já lhe acurvava a cabeça; a humildade evangélica estava em toda sua pessoa. Vilarzito não reconheceu, nem podia, naquela insignificante figura, o sublime pregador; os alumbramentos d'alma operavam nesse corpo mesquinho e encarquilhado uma transfiguração pasmosa e incrível. Era este o célebre pregador Fr. J. Corela, da Ordem dos Capuchinhos; florescera na Corte de Filipe II, e agora nos últimos dias da vida que devia extinguir-se com o século em 1599, os lumes que desferia a sua eloquência, eram raios ainda.

O outro frade tinha a mais bela estampa de homem, que ser podia. Velho também, mas de velhice robusta, o seu inverno era como primavera dos climas boreais. As cãs realçavam as cores do sangue vigoroso e sadio; trazia o talhe ereto; era nobre o gesto e o passo majestoso.

— Este é! disse consigo Vilarzito admirando-o. Nunca me lembrara eu como era a sua fisionomia, que me cegavam

aqueles olhos em brasas! Mas agora sim, estou vendo-o ao próprio. Parece um rei. E mais que rei é!

Estas reflexões fazia o rapazito seguindo a alguma distância os dois frades. Ao quebrar da primeira esquina o pregador separou-se, e seu bem apessoado companheiro continuou só. De caminho recebia ele a saudação respeitosa dos passantes, que lhe catavam cortesia, como à dignidade que era na religião.

Chegado à calçada de um suntuoso palácio, o religioso deixando a larga portaria, procurou na próxima viela uma portinha escusa, que naturalmente dava entrada reservada aos íntimos. Pondo o pé na soleira encontrou-se frente a frente com um cavalheiro que vinha de dentro, e saía, apressado sem dúvida de negócio urgente.

O religioso não demoveu o passo, antes firmou-o no batente com a solidez de seu porte majestoso; o cavalheiro, ou porque o não reconhecesse, ou porque não quisesse mesmo dar-lhe senhas do respeito, que nessa época se guardava aos ministros da religião, não recuou também. Assim ficaram medindo-se no limiar da estreita porta.

Por fim o moço, impaciente, estendeu a mão para abrir passagem:

— Fazei-me a mercê de arredar-vos, reverendo. Vou-me apressado!

O religioso ficou imóvel; com um gesto lento e soberbo desviou a mão do moço que lhe roçara o ombro:

— Mais respeito, mancebo! Não mancheis com vossa mão profana este santo hábito!

— Sabeis a quem falais, padre?... Sou fidalgo da casa de El-Rei, e vou em seu real serviço! Deixai-me passar!

O frade sorriu:

— São vossos títulos esses? Pois se vós sois fidalgo do rei, eu sou ministro daquele que tem em sua mão os reis da terra. A majestade que servis, já a tive eu de joelhos a estes pés. Bem vedes que a precedência me compete.

E arredando o cavalheiro, o frade passou altivo e sobranceiro.

Vilarzito não perdeu uma palavra do curto diálogo; sua imaginação já excitada mais se exaltou. Desde esse momento seu destino estava preso àquele frade que representava para ele a maior glória do mundo.

O rapaz sentou-se na calçada fronteira; e esperando que seu herói saísse do palácio, rilhava nos dentes uma naca de pão de rala de três dias.

O religioso era o P. Gusmão da Cunha, procurador do Colégio de Lisboa. Vinha de Madrid aonde fora solicitar

perante a corte sobre negócios da casa. Vilarzito avançou afouto e manifestou-lhe seus ardentes desejos de ser pregador. Tão decidida vocação não era para desprezar num século em que a Companhia de Jesus, com os olhos largos no futuro, colhia entre os povos a fina flor da mocidade para cultivá-la em suas vastas estudarias. Aspirava ela ser como o sol da inteligência naquela aurora da civilização moderna.

No seguinte dia tomaram caminho de Lisboa o frade e seu novo fâmulos, aspirante ao noviciado. Na viagem notou o rapaz que o religioso lia, mais que o breviário, um volume in-4.º, o qual trazia no rosto este título latino: *De liberi arbitrii cum gratia domini concordia. Ludovico Molina. Olisipone – MDLXXVIII.*

Ignorava Vilarzito o rumor que então fazia no orbe católico essa obra e sua doutrina, conhecida por *molinismo*, do nome do seu autor; porém bastava a preferência que dava o padre procurador ao livro, para levá-lo a formar a mais alta ideia dos méritos da obra. Aquele nome de Molina ficou-lhe na lembrança como de um dos famosos luzeiros da igreja e seus futuros modelos.

O rapaz tivera depois que deixara Sevilha, uma hora de desencantamento: e foi quando soube dos fâmulos que o sublime pregador da catedral não era o P. Cunha, e sim o velho capuchinho. Esteve muito tempo repartido entre a glória que abandonara, e essa que seguira, talvez falsa luz.

Nestas cogitações achou-se a sós com o religioso, uma tarde que tinham chegado à pousada:

— Releve V. Reverendíssima que eu lhe ponha uma questão.

— Quantas queiras, filho. Perguntar é próprio dos que desejam aprender.

— Diga-me então, padre-mestre, qual é a maior glória deste mundo?

— É a prática do justo em que se resume a lei de Deus.

— Essa é a glória celeste; pergunto eu, das glórias do mundo, qual avulta mais?

Como o religioso embatucasse, o rapaz prosseguiu:

— Qual preferia o padre-mestre, a do Cid por exemplo, o Aquiles castelhano, a de Lope de Vega, o maior poeta das Espanhas, a de Carlos V, imperador e rei, a do grande Pacheco, primeiro pintor do mundo, e outras muitas?...

— Prefiro aquela que vem do Senhor, filho, e nele se fortifica.

— Qual ela é?

— A do Geral da Companhia.

— Onde está ele, padre-mestre?

— Em Roma, que é a cabeça do orbe católico.

— Que faz ele?

— Move o mundo.

— É mais que El-Rei?

— É mais que o Papa, filho. Nele se inspiram os eleitores do sagrado colégio, quando escolhem o sucessor de São Pedro.

— E quem o escolhe a ele?

— A Companhia.

Desde então Vilarzito não hesitou mais; seu destino estava traçado pela Providência. Entrou em noviciado, com o nome de Gusmão, que lhe deu o procurador, no sacramento da crisma. Sabe-se que necessidade tinha ele dessa mudança; era preciso que Vilarzito, o marido de Dulce, morresse no século, aos umbrais do claustro. O apelido tirou-o ele do famoso escritor, como bom presságio de sua nova carreira.

Segundo o uso dos conventos, cada noviço era adjunto especialmente a um dos religiosos mais autorizados que lhe servisse de guia e exemplo vivo; assim desempenhava o

moço ao mesmo tempo funções de discípulo e fâmullo. Vilarzito continuara sob a imediata inspeção do P. Procurador; sucedeu que um dia arrumando a cela do mestre, fez o rapazito uma descoberta.

O P. Cunha tinha a seu cargo os negócios do Brasil. Entre os vários maços arrumados uns sobre os outros na prateleira, leu o menino quando os virava para espanar, o seguinte rótulo sobre a encosta de papelão, em letras maiúsculas: NEGÓCIOS DAS MINAS DE PRATA.

Ouvira Vilarzito ainda muito criança falar dessas famosas minas de prata, cuja fábula enchera as Espanhas. Tomado pois de curiosidade, e aproveitando a ausência do P. Mestre que saíra para longe, desdeu os nós ao cadarço vermelho, e encontrou sob a capa de papelão uma série de cartas escritas da Bahia pelo nosso conhecido Rev. P. Manuel Soares, cronista daquela província e autor de certa memória.

A primeira carta trazia a data de 15 de novembro de 1595 e rezava assim:

*Pax Christi. Aproveito portador seguro para dar conta a V. Reverendíssima das minhas diligências, sobre o objeto que de Roma me foi incumbido.*

*Logo que a esta cheguei, tive por primeiro cuidado,*

*informar-me da mulher e filho de Robério Dias. Vivem pobremente para as bandas da Ribeira, em companhia e a expensas de uma velha tia, cuja é a casa.*

*D. Clara é uma santa mulher, que tudo faria pelo serviço da religião; mas infelizmente não sabe mais do que divulgou a voz pública; afirma que seu falecido esposo possuía o roteiro das minas e com ele se partiu para Espanha, onde, ou em caminho, lho roubaram. Quanto ao filho, o menino Estácio, que o pai deixou no berço, anda nos cinco anos de idade; se não falharem os prognósticos, deve de ser moço para se aproveitar.*

*Sobre a recomendação que trouxe, creio não haverá dificuldade,*

*em chegando o tempo, de ganhá-lo para a ordem, metendo-o noviço neste colégio. O P. Inácio do Lourical que é o confessor e cura da casa, já a tal respeito teve suas entradas com o Doutor Vaz Caminha, padrinho do menino, e grande amigo que foi de Robério.*

*Esse Doutor Vaz Caminha é pessoa doutíssima, de suma prudência e conselho. Tendo-o por nós, não há recear do bom sucesso da empresa. A mãe não tem outro voto senão o do advogado, o menino o quer por cima de tudo. O único obstáculo virá da parte do Alcaide-Mor Álvaro de Carvalho que é ainda afim da dona. Este é homem iroso, obstinado, antepondo a tudo sua militança, e tendo em nenhuma conta*

*qualquer profissão que não seja a das armas; pode bem ser a queira seguida pelo moço, mas o advogado lhe porá as medidas e nos avisaremos.*

*Nada mais por ora, senão pedir a V. Reverendíssima que me tenha em sua graça quando orar a Deus por seus filhos, e me deite sua bênção.*

*“P. Manuel Soares.”*

Seguiam-se outras cartas sobre o mesmo assunto; todas devorou-as o rapazito com ardente curiosidade. Ele tinha a memória de César, Cromwell e Napoleão; o que uma vez penetrava em seu espírito, aí ficava gravado como relevo no mármore.

Durou dois anos o noviciado de Vilarzito; ao cabo deles professou no primeiro voto. Coursou como escolar todas as aulas da estudaria com tal aproveitamento, que admirou os mais sabedores dos mestres que liam na casa de Lisboa. Aprovado *cum laude* em todas as matérias, passou a coadjutor, tendo já ganho a fama de primeiro humanista do pátio, com que de dia em dia mais se avantajava em tão verdes anos.

Rastejava ele pelos vinte e cinco, se incluirmos o acréscimo de quatro, que fizera por sua conta entrando para o noviciado. Sua astúcia pressentira desde logo quanto a

velhice era para o comum dos homens certo abono de saber, prudência e siso; por isso foi tratando de adiantar-se em anos no livro dos assentamentos. Mais tarde, quando cursou as aulas de anatomia e química, a ciência lhe revelou segredos, que hábil e cautamente explorados, serviram para desbotar o viço da juventude.

Como não pudesse antes da oito anos ser admitido a professar no quarto voto, para o qual exigia o Instituto de Santo Inácio a idade de trinta e três, em memória de Jesus Cristo, e do fundador da Companhia, impetrou a graça de fazer durante esse tempo residência numa província do ultramar.

O P. Gusmão sabia que nas casas dessas províncias remotas, onde o número dos professos não era crescido, lhe seriam cometidos por carência de homem mais apto os negócios de ponderação, que no seu colégio de Madrid não se confiavam de um simples coadjutor.

Demais, ele pretendia granjear todos os títulos, para no momento dado pô-los ao serviço de sua ambição. Aos louros escolásticos de casuísta e sabedor, convinha engrinaldar as palmas apostólicas. Precisava para isso de teatro vasto, onde provasse a força de sua palavra já exercitada no púlpito.

Foi-lhe designada a Província do Brasil, e nela a casa do Rio de Janeiro.

Partiu em 1600, caminho de Palos, a tomar navio que o transportasse. Perlongou depois de quatro anos as pitorescas margens do Tinto, onde se representara um ato do drama de sua vida. Não foi sem emoção que seus olhos procuraram o alvo casalinho, tão mudado do que era outrora. Estava ele já a esse tempo abandonado de seus antigos senhores, e possuído de estranhos.

Chegado à cidade o P. Gusmão apeou na primeira igreja que ficava em caminho, e entrou para fazer oração. Era manhã, depois da missa conventual; reinava no recinto o dúbio crepúsculo que é próprio dos templos góticos, e tanto convida ao santo recolhimento. Apenas duas largas réstias de luz, coadas pelas ogivas, cortavam o pavimento.

Quando o jesuíta fazia oração, uma das raras devotas que ainda estavam na igreja, dando com os olhos nele, caiu de bruços sobre a pedra. As outras não fizeram reparo, atribuindo o acidente a fervor de penitência, muito usual então; terminada a devoção foram-se à obrigação.

A penitente enfim ergueu a custo a fronte magoada da pedra; desvairou os olhos pela igreja; tornou a ver o frade e lembrou-se! Esteve a contemplá-lo até que ele voltou-se para sair. Aí, como tomada de uma força superior, a mulher ergueu-se e foi direita ao jesuíta; as pupilas desferiam raios entre a renda preta da mantilha que a vendava:

— Padre, fazei-me a esmola de ouvir de confissão a uma pobre pecadora! exclamou ela rojando-se aos pés do religioso e segurando-o pelo hábito.

O jesuíta voltou-se; no lugar onde estava, a réstia de luz batia em cheio sobre a sua cabeça, esclarecendo-a como um resplendor.

— Estais em pecado mortal? perguntou o religioso.

O som dessa voz penetrou o coração da moça, ao mesmo tempo que seus olhos erguendo-se cravaram no rosto do sacerdote. Ela soltou um grito de pavor:

— Meu marido!...

— Quem sois, mulher? interrogou o jesuíta recuando de espanto.

A devota ergueu-se de um ímpeto, atirando a mantilha para os ombros e descobrindo o formoso semblante. Os olhares de ambos cruzaram-se como dois dardos:

— Fui Dulce, hoje me chamam Marina de Peña, porque assim me fizestes! disse a moça no rancor da sua paixão. Tão mudada me têm os pesares, que não me reconheceis!

Mas já o P. Molina havia recobrado a sua impassibilidade:

— Como pudera reconhecer-vos, quem nunca vos conheceu?

— Conheço-vos eu e vos requero, que meu marido sois!... Os olhos que as lágrimas cegam poderão enganar-se; não este coração onde as vossas falas estão vivas como na noite em que me jurastes...

— Calai-vos, mulher! Vosso marido morreu! Este que vedes, humilde servo do Senhor, não é já deste mundo!

— Mentis! Deus que vos deu ao meu amor, não podia roubar-vos à sua criatura! Se o fizesse, não seria Deus...

— Não blasfemeis!

— Não! Oh! não seria! E eu lhe disputaria o que era meu e muito meu pelo sacramento e afeto que ele mesmo abençoou.

— Senhor! exclamou o P. Molina cruzando as mãos para o altar. Perdoai a esta mísera pecadora, a quem as más paixões mundanas escureceram os lumes da razão.

O religioso quis afastar-se, mas Dulce arrastando-se de joelhos, travou-lhe do hábito.

— Oh! por piedade, não me desampareis outra vez nesta solidão de minha alma, em que tenho vivido. Não quereis já ser meu; pertenceis ao Senhor? Pois eu virei adorar o

Senhor a vossos pés. Me ensinareis a amá-lo, já que não me é dado mais amar-vos, a vós!...

— Cessai de desarraçar, mulher, e largai-me do hábito!

— Não, não vos deixarei! Repelis-me?... Nem sequer uma palavra de compaixão?... Pois eu serei de agora em diante a sombra vossa! Por toda a parte vos seguirei como alma penada ou remorso vivo! Quando passardes, vos apontarei: “Esse que ali vedes, é meu marido, o qual mentiu a Deus e aos homens...”

Durante estas palavras, o P. Molina debalde esforçava por tirar o hábito das mãos crispadas da moça; mas ela se deixava ir de rastos sobre as lajes que lhe magoavam os joelhos. A dor por fim tornou-se tão aguda, que a mísera, não podendo já resistir, caiu desmaiada.

O frade desapareceu.

Logo após chegou Ramon em busca de Dulce. Muitos anos havia que ele tinha deixado para sempre o lindo casinho. A miséria em parte forçara o campônio a vendê-lo, e em parte também as tristes e agras reminiscências de que estava tão cheio. Vieram então pai e filha habitar na cidade de Palos o quarto de um velho casarão, onde aposentava gente da terra e também colonos e forasteiros que embarcavam para as Américas ou de lá tornavam.

Muitas vezes, tentado dos contos fabulosos que faziam os aventureiros e marujos, pensara Ramon em passar-se à colônia à busca de riquezas, com que supunha poder comprar para sua filha uma felicidade, em troca da outra, para sempre e sem remissão perdida.

Dulce porém, quando ele comunicara seu intento, recusou obstinadamente:

— Não, pai; nesta terra, onde ele repousa, quero eu também repousar. Teremos este mesmo frio leito, já que o céu negou-se a abençoar o outro para o nosso amor. De que me valem a mim riquezas? Vende acaso a terra o que roubou e já consumiu em pó?

A patroa da locanda era uma velha a quem a beleza de Dulcita ganhara logo os afetos e que não se cansava de admirála de mil desvelos e carinhos.

— Sabe a menina que tem um formoso nome e tão bem acertado, que mais não pudera ser! disse a velha logo no primeiro dia. Dona Dulce!... É como se lhe chamassem pelo seu lindo rosto de alcorce, e por esse riso que parece mesmo um torrão de açúcar!

— Enganou-vos quem vos disse de assim chamar-me.

— Mas se ouvi mesmo a vosso pai!

A moça pôs nela uns olhos fundos de dor, porém rasos de pranto:

— Não sou Dulce, mulher, inda que o fui já, se não *amara*, e bem *amara* de pena! Mais bem posto que nenhum me foi este nome por minha desventura, pois sou dela crismada.

Ou porque a velha não comprehendesse o trocadilho que a moça fizera com o seu nome, e ao qual conservamos os termos castelhanos; ou o que é mais natural, por comprazer com a sua habitual tristura; o fato é que lhe respondeu por este teor:

— Bem, seja a menina D. Marina de Peña, e não Dulcita, pois assim quer ser chamada; mas fique com o que lhe digo, que dentro do meu coração será sempre doce.

De feito a velha daí em diante só a tratou por esse novo nome, cuja singularidade não escapara à finura e perspicácia do P. Reitor da Bahia. Ouvindo-se chamar daquele modo, Dulce sorria; não há admirar; os grandes pesares também têm seu júbilo, qual o de sentirem-se vivos e ardentes; nem há nada que mais se toque neste mundo do que seja o riso e o pranto, a alegria e a dor.

Sete anos esteve o P. Molina residindo nos colégios de São Sebastião e São Vicente; e ao cabo deles recolheu à sua província de Portugal, onde se ia preparar para receber o quarto e último grau da ordem.

Embarcara no galeão *Rosário*, navio de licença, que partiu do Rio de Janeiro por fins de 1607, em demanda do porto de Lisboa. Tendo feito escala por Pernambuco, bordejava na altura da Assunção, às baforadas de uma fresca brisa que salteava a cada instante de um a outro ponto do quadrante.

Era noite escura e alta.

O frade, que estivera praticando no tombadilho com o comandante do galeão, agora absorto em cogitações largas, sentara-se em um rolo de calabre contra a amurada. Correu o tempo; entrara há pedaço o quarto da modorra. Ninguém mais, à exceção do jesuíta, havia àquela hora adiantada sobre o convés de popa.

Entre o coaxar das ondas batendo os flancos do navio e os estalos da armação, ouvia-se por momentos, trazido pela brisa, um murmúrio de vozes abafadas, que vinha de estibordo. Na posição do P. Molina, a sota-vento, as palavras embora proferidas em tom soturno, deveriam chegar bem perceptíveis; não as escutava ele porém, tão alheio estava de si naquele instante.

Uma exclamação mais viva perturbou porventura as cogitações do religioso, que aplicou o ouvido e conhecendo donde partia o murmúrio das vozes, aproximou-se manso e manso, tomado de alguma curiosidade, porém mais do desejo de qualquer preocupação que o arrancasse ao turbilhão de seus íntimos pensamentos.

Junto do mastro grande, no espaço deixado entre uns caixões servindo de galinheiros e gaiolas de animais, estavam sentados quatro sujeitos, apostados a quem esvaziara mais depressa uma grande escudela cogulada de chanfana e uma meia dúzia de botelhas, que surdiam dentre os massames de corda na ocasião precisa, e lá sumiam-se de novo depois de larga libação. Era essa uma medida de prudência para o caso de surpresa.

O acaso, o mais engenhoso dos fabricantes de dramas, juntara ali, na tolda de um navio perdido na imensidade do oceano, esses quatro indivíduos, que nunca anteriormente se tinham visto, e talvez não se reunissem mais nunca neste mundo, finda a jornada que os associara.

Um deles era o gajeiro, mestre Antão Gonçalo, que preferia fazer o seu quarto em boa companhia a vigiar só e desconsolado. Outro tinha ares de mariola de praça, e não passava dos seus vinte anos. O terceiro, grisalho já, mas bem fornido de bigodes e pera, retratava mui ao vivo um tipo daqueles tempos, que ainda hoje existe, mas profundamente modificado pelo espírito do século, o tipo

do soldado aventureiro e mercenário, ao serviço de todas as empresas boas e más, conforme a paga; de menos as armas e de mais a trapaça, é o moderno cavalheiro de indústria. Finalmente completava o quadrado uma figura suína, que tinha todos os visos de mercador das colônias; era ele quem pagava o pato, e talvez por isso o que menos falava e menos consumia. Mastigava o seu dinheiro, isto é, a sua carne; de resto parecia bastante enjoado.

O bródio fora ajustado entre o marujo e o soldado. O colono deixara-se depenar, pensando granjear assim os bons ofícios do marujo a bordo, a proteção do soldado em terra, e a confiança do mariola.

O aventureiro vinha de São Sebastião; o mercador e o mariola, ambos da Bahia, tinham embarcado em Olinda, por não haver no porto do Salvador navio de licença a partir, nem ser tempo da frota.

Rolava a prática sobre o tema de ocasião, os trabalhos que esperavam a quem passava ao Brasil para tentar fortuna, os malogros de muitos e os avultados lucros de alguns. Cada qual contava como lhe fora a sorte, e todos tinham dela as queixas mais acerbas.

— É tal qual vos digo, Antão gajeiro! repetiu o espadachim. Aforrado como me vedes podia estar hoje nadando em ouro! Assim não fora eu mal-aventurado!

— Escapastes de fisgar o arpéu nalguma boa presa, capitão? perguntou o marujo.

— Não faltam elas naquela terra excomungada!... observou o rapaz.

— Não faltam, não, *muchacho!* O diabo é não haver justiças que guardem as costas de um homem!... tornou o soldado. Quando a gente é atacado pela frente e lealmente, o juiz é a espada; morre-se em boa guerra! *Pero*, isso de estar um cristão à mercê de gentio e outros que tais degradados, a tremelicar sem saber de que, vendo a hora que uma seta o manda desta para melhor!...

— É assim mesmo!

— Isso não é terra em que se viva! Melhores juízes lhe ponha El-Rei, se quiser que lá medre a boa gente de espada para o seu real serviço!

O aventureiro empinou a botelha e afogou o suspiro com uma formidável golpada.

— Deixai em paz esses urubus, D. Aníbal, disse o gajeiro, e dizei-nos como o caso foi. A gente cá do mar gosta de saber histórias...

— Qual caso?

— Do como... vos desarvorou a nau antes de entrar a bom porto. Não dissestes que a fortuna pregou-vos um logro?

— E grande. Ninguém me tira de que estive com a mão mesmo em cima daquelas maravilhosas minas de prata... Sabeis?

— Umm!... fez o rapaz a modo de exclamação.

O traficante que tinha pendido à direita com o balanço do navio, dera um estremeção.

— Orça! acudiu o marujo rindo.

— *Sangre de Cristo!* tornou o cavalheiro. Ainda me ferve o meu lembrando!...

Fora essa exclamação castelhana, que despertara o P. Molina. Quando ele, sem que o pressentissem, veio sentar-se por detrás de uma das caixas de pinho, o soldado já havia começado a narrativa.

— Foi um certo Fernão Aines, de São Sebastião, quem me pôs na pista... Mas primeiro devo referir... Certo dia apareceu morto na Ladeira do Castelo um sujeito cosido a facadas, e a mulher pouco lhe faltava para isso com as três que alapardara. Muita gente foi ver o acontecido e até eu acertei de passar... A mulher só fazia engrolar uma ladainha com este dizer: “O papel!... o papel!...” Que ali havia rasca, suspeitei eu logo.

— É mesmo!... disse o gajeiro. Aí andava mouro na costa.

— Ele parece que sim!... acudiu o rapaz. Ainda eu não estava em São Sebastião quando isso foi, mas ouvi rosnar como coisa fresca.

— Pois a semana não estava acabada, quando veio valer-se de mim o tal dito cujo de Fernão Aines para fazer uma entrada no sertão. Estava ele de luto pelo finado, que era seu parente, ao que me disse. Cá para mim é negócio líquido que o amigo foi quem aviou o outro. Apesar de beato...

— São os piores!

— De pedaço a pedaço estava-me ele a rezar numa cruz grande de pau-santo que trazia ao rosário!... Um dia, já oito eram idos depois que nos partíramos de São Sebastião, o cujo desembuchou. A coisa era esta. Íamos à descoberta de umas minas de prata de que só ele sabia o rumo, por lho ter ensinado um índio manso. Era preciso que os companheiros não dessem pela coisa, o como carecia de um sócio, me escolhera a mim. Havíamos de deixar os outros em certa paragem, tirar o que se pudesse de metal, e escondê-lo longe do lugar, para depois fingir que o achávamos à toa.

— Pelo jeito, o mano não era nenhum sandeu!

— Fino era ele, como azougue; *pero*, a D. Aníbal, o diabo, seu mestre dele, não embaçaria. Aquela ladainha da mulher

andava-me parafusando na cachola!... Sangre de Cristo! disse cá comigo! Não há dúvida! O papel... Tem-no o birbante, e nele está o segredo. Pois o tomarei eu à ponta da espada!

O traficante fez um gesto de susto e murmurou baixinho:

— Tomar per força!...

O aventureiro olhou fito o mercador, que embuchou o resto da frase; era uma simples alusão à Ord. do liv. 5.º, tít. 61, que punia o roubo.

— Alguns pícaros, continuou D. Aníbal, seriam capazes de chamar roubo a isso!... Não sabem os parvos, o que seja o direito de conquista. Os reis conquistam lá seus reinos, nós cavalheiros conquistamos os duros e os reales. Cá para mim, tudo que for necessário à vida, mulheres, pecúnia, boa pitaça, tudo é despojo de guerra!

O mercador encolheu-se; os dois outros companheiros deram sua aprovação tácita à teoria conquistadora do cavalheiro.

— Decidido pois estava a oferecer combate leal ao amigo, quando chegamos a um pouso, onde devíamos falhar um dia para repousar. Maldita lembrança foi essa! Voltando à noite de uma caçada, retardados pela borrasca, que havíamos de achar?...

— Um bando de selvagens! disse o colono.

— Pior foi a desgraça. Um raio partira o pícaro do Fernão!...

— Um raio!...

— Desconfiei da história e vou-me a ele! Já estava morto e bem morto. Nas algibeiras, nada. *Pero*, a tal cruz estava atirada ao chão em pedaços!... *Sangre de Cristo!* Era oco o pau. O papel ali estava escondido.

— Ah!... fez o gajeiro! Era essa a devoção do marreco.

— Mas o papel que sumiço levou? perguntou o rapaz.

— Tinha-o levado um frade que confessara o tal.

— E o frade?

— O frade... Só se o não encontrar neste mundo, ou mesmo no outro. Ele mo pagará. O pícaro! Roubar-me o que tinha de ser meu, e com que sem-cerimônia!...

— Pois deixai que vos diga, replicou o rapaz, que mais perdi eu, senhor capitão.

— Calai-vos daí, rapaz, mais do que as maravilhosas minas de prata?

— Qual!... Se era possível, Anselmo? Vede bem!

— E se vos eu disser que estive no caminho da cidade encantada, onde as ruas são calçadas de prata e as casas de ouro?...

— Ah! então!...

— Como! Se ainda ninguém a achou?

— Menos aquele que deu a notícia dela.

— Esse, morto é.

— Morto será, que isso nada faz ao caso, se deixou a rota escrita, para lá ir quem a tiver, tornou o Anselmo.

— E esse escrito onde para?

— Sei-o eu?...

— Fazeis segredo disso?...

— Tanto não faço que vou-me a Madrid queixar-me a El-Rei de quem à força me privou do que muito meu era! Um letrado e bom letrado da Bahia, o licenciado Vaz Caminha... Heis de conhecê-lo, mestre Brás?

— Se o não conhecera eu!... Pois é freguesia minha! bocejou o mercador entre dois engulhos.

— Pois deu-me boa fiança de meu direito.

— Também eu pesco o meu tantinho da rabulice, acudiu o mercador. Se quereis, posso dizer-vos como me parece da vossa justiça.

— Os bons avisos nunca sobram, e com o vosso me fareis mercê. Conheceis um D. Diogo de Mariz, fidalgo, que é provedor-mor da fazenda em São Sebastião?

— Não me é estranho esse nome, mas que o conheça não digo.

— Conheço-o eu mui bem! disse D. Aníbal.

— E eu que até já fui portador de uma carta, que ele mandava à mulher do tal descobridor das vossas minas, senhor capitão! disse o marujo.

— A mulher de Robério Dias? perguntou o mercador. Uma D. Clara?...

— Por aí assim!...

— Essa dama já é falecida! observou Anselmo.

— Pelo menos estava para ir a pique, quando lhe fui levar a carta, que o comandante mandava. Recebeu-a um grumetezinho deste tope...

— Havia de ser o filho, o estudante, observou o mercador.

— Que se chama Estácio, cuidou eu, concluiu o gajeiro.

— Pois esse D. Diogo de Mariz é o próprio da minha querela. Com ele fui há coisa de três anos, acostado à banda que levou para socorrer seu pai. O homem tinha sido atacado pelo gentio Aimoré, lá para as bandas de Paquequer, e o filho veio de rota batida em busca de gente. Chegado era eu a São Sebastião, para me passar a São Vicente. Falava-se tanto no ouro dos paulistas, que a fama me tentou.

— Esse ouro dos paulistas é como o da vossa cidade, *muchacho!* ponderou o capitão.

— Não duvidareis, quando ouvirdes tudo. Enquanto esperava, aproveitei o ensejo de ganhar boa paga e lá fomos. Trabalho perdido. O gentio arrasara tudo. Só encontramos as pedras da casa e gente queimada! Aí ficamos uns tantos dias para enterrar aquela carvoagem de ossos.

— Então o gentio pôs fogo ao redor da casa toda, que não puderam fugir?

— Assim parece.

— E os selvagens já tinham abalado?

— Nem notícia deles. Andando a pesquisar no mato que ficava pela redondeza, chegamos a uma clareira, onde sem dúvida tinham dado combate. Estavam ali duas filas de ossadas, que os urubus tinham limpado, e uns trapos de roupas. Espetando com a ponta da espada levantei uma coisa, à feição de cobra. Mas não era. Vedes esta cinta?

Dizendo isto o rapaz desatacou uma cinta que trazia, tecida com finas malhas de aço, formando interiormente duas bolsas. Os outros a examinaram.

— Pois era isso; com a diferença de estar recheada...

— De boas coroas?

— Hupa!... Tinha dentro umas folhas de pergaminho a modo de um livro de rol. Pus-me a olhar aquelas letras vermelhas graúdas, como boi para palácio, quando sinto uma voz dizer atrás de mim: *Roteiro*. Era D. Diogo; tomou-me o rolo, esteve lá resmungando, e acabou por guardá-lo no peito do jaleco.

— Que tal o mano! E era fidalgo!

— Não tínheis a vossa espada ao lado? disse o aventureiro.

O rapaz levantou os ombros:

— Um homem contra cinquenta!...

— Ainda que foram cem!

— Mas exigistes dele que vos restituísse?

— Sabeis com que me tornou? Que aquilo era um tesouro e devia ser restituído ao seu próprio dono.

— Bom modo de ficar-se com ele.

— E ficou-se; ainda que já em São Sebastião teimando eu que me voltasse o meu achado, disse-me que já avisara o dono para o vir receber. Mas isso não passava de uma história.

— Quem era o tal dono, não lho perguntastes?

— Fez-me orelha mouca!

— E deixou-vos tocando leques com bandurra!

— Sempre deu-me uns dez marcos de prata, como espórtula!

— Vejam que tal era a ganância!

— Mas então esse papel cuidais vós que fosse o roteiro?... disse o soldado.

— Da cidade encantada. Não podia ser outro.

— Também estou nisso! afirmou o gajeiro.

— Talvez não passasse de algum diário de descobertas! replicou D. Aníbal.

— Há muitos anos que isso foi?

— Três, se tanto. Seria pela Assunção.

— Dormistes no caso. Bem pode acontecer que já seja tarde.

— Que querieis que fizesse? Faltava o melhor. Tornei à Bahia, e só agora ajuntamos, eu e a mãe, alguns reais para a jornada.

— Contanto que o cujo não tenha já evaporado a coisa.

— Que vos parece do caso agora, Senhor Brás? Não pensais que a justiça esteja toda de meu lado?

O mercador teve segundo estremecimento, de quem era arrancado ao valente cochilo:

— Hem!... Dizeis?...

O rapaz repetiu a pergunta.

— Ele não deixa de ser intrincado, continuou o mercador bocejando. Achastes uma botija de dinheiro...

— Estais sonhando?... Um papel, vos disse eu!

— Um papel, sim!

— Mestre Brás parece que está com o porão muito carregado; o leme não governa!

— Nada! É este balanço...

— Carga ao mar!

— Uhah!... uhah!...

O mercador estirou-se. Os outros foram tratando de recolher. Com pouco a sineta de bordo anunciou que entrava o quarto de prima.

O P. Molina ainda ficou no tombadilho. O vento rondara e o navio singrando rumo direito, corria agora ligeira bolina sobre o mar sereno. Como esse barco, o espírito do religioso enleado em cogitações, corria agora impelido pela ambição sobre um oceano de ideias. A lembrança apagada das cartas que lera na cela do P. Cunha avivara-se em sua mente.

No dia seguinte o jesuíta prolongando até a proa seu passeio habitual, engendrou um encontro casual com Anselmo. Trocadas as primeiras palavras, o rapaz o acompanhou até as amuras, onde tiveram longa prática. Carecia o sacerdote de um moço de serviço, e a propósito de informações sobre o procedimento fez-lhe uma infinidade de perguntas

relativas, não só a ele, como a outras pessoas da cidade do Salvador.

Entrou enfim o galeão Rosário a barra de Lisboa.

Poucas horas depois de lançar o ferro no ancoradouro, o aventureiro D. Aníbal e o mariola Anselmo foram presos por familiares do Santo Ofício em virtude de denúncias depostas na caixa secreta. O P. Molina interveio em favor do criado; mas tudo quanto obteve foi que ele voltasse imediatamente, em um navio que estava a levantar a âncora com destino à Bahia. A Santa Inquisição ainda tolerava os cristãos-novos nas colônias, terra para degredos; na metrópole por forma alguma.

Não ficou muito contrariado por isso o frade e consolou o rapaz, dando-lhe de conselho que não boquejasse mais sobre certo caso acontecido com D. Diogo de Mariz, pois era homem poderoso, e contava amigos por toda a parte. Partiu-se pois o Anselmo, inteiramente desabusado das cidades encantadas e dando graças à Providência que o livrara da Inquisição. Já Belém sumia-se pela popa do navio, quando D. Aníbal sofria perante os inquisidores do Santo Ofício o primeiro interrogatório.

Entretanto achava-se o P. Molina recolhido à sua casa de Lisboa, depois de oito anos de ausência. Ainda ali vivia o P. Mestre Cunha, que recebeu de braços abertos seu antigo discípulo e fâmulos; o gordo jesuíta estava muito acabado do

reumatismo gotoso; e já não viçava na sua robusta pessoa aquela florente velhice, que tanto admirara Vilarzito em Sevilha. O recém-chegado não quis receber a hospitalidade de outro que não seu primeiro mestre, o qual de sua parte muito estimou tê-lo por companheiro de cela.

No primeiro momento favorável, Molina passou busca ao armário, onde outrora descobrira o maço relativo às *minas de prata*. Ainda ali estava ele, muito aumentado com a continuação da correspondência, porém atirado ao canto e desprezado, senão esquecido, a julgar pela espessa crosta de poeira que o cobria. Não nos é possível copiar a íntegra das cartas do P. Manuel Soares, apesar do muito bem lançado delas, pois ocupariam largo espaço. Basta dar aqui a summa da correspondência.

Quando o filho de Robério Dias chegou aos doze anos de idade, se aventou seriamente em família a questão de fazê-lo entrar para a Companhia de Jesus. Como contava o P. Manuel Soares, houve firme resistência da parte de Álvaro de Carvalho, apoiado na repugnância do menino pela carreira a que o destinavam. Vaz Caminha não se deixou mover pelos argumentos do soldado; mas as preces do afilhado enterneceram seu coração. Assegurou-lhe que ninguém, senão ele mesmo, Estácio, decidiria de sua sorte, esperariam pelos vinte anos, idade em que poderia conhecer a sua vocação, e decidir-se por um estado.

Com esta certeza entrou Estácio a cursar as aulas do Colégio como simples escolar. Os jesuítas tinham então a seu cargo a instrução primária, especialmente nas colônias, onde eram raros os mestres particulares; em remuneração de tal serviço, bem como da obra da catequese, recebiam eles do Real Erário uma cômputo de quatro mil cruzados.

Não agradou ao P. Manuel Soares o desfecho do negócio, e pois de combinação com o provincial tratou de solver a dificuldade inesperada. Recorreu à astúcia, tantas vezes empregada pela Companhia, com bom êxito. Sob pretexto de tomarem a Estácio termo de matrícula nas aulas, lhe deram a assinar um auto de noviciado, que Álvaro de Carvalho em boa-fé subscreveu.

Seguiam-se outras cartas relativas à memória das minas de prata em que o P. Manuel Soares trabalhava com fervor; em cada missiva dava ele uma resenha de seus esforços e pesquisas no desempenho da importante tarefa que lhe fora cometida; em uma das últimas da coleção anunciava o infatigável cronista a importante descoberta que fizera de uma testemunha, cujo depoimento punha feliz remate à sua obra.

Sem dúvida não partilhavam os padres de Lisboa a fé que mostrava o Rev. Manuel Soares em suas laboriosas investigações, pois nada resolveram apesar das repetidas instâncias, e afinal deixaram sem resposta as suas cartas. Não desanimara contudo o denodado cronista, e de vez em

quando dava cópia de si, reiterando ao provincial de Lisboa suas rogativas para que se tirasse o fruto dos esforços de tantos anos.

Como acabava Molina a interessante leitura, caiu a noite.

Tratou o jesuíta de acender a candeia na lâmpada do corredor; conservava ele ainda na mão a carta em que P. Manuel Soares falava da testemunha de vista que acompanhara o pai de Robério Dias na descoberta das minas de prata. Sem dúvida por inadvertência e distração, machucou-a e acendeu na lâmpada para transmitir a chama à candeia; quando deu por isso, estava o papel reduzido a cinza.

Nessa mesma noite, depois da reza, impetrou o P. Molina do provincial permissão para seguir sem demora a Roma, na pia intenção de beijar o anel de Sua Santidade e a mitra do vigário-geral da Ordem. Não desejava professar no 4.º voto, sem ter feito essa pia romagem.

Estava nessa ocasião agasalhado, ou melhor, homiziado, no Colégio de Lisboa, um fidalgo de nome D. Lopo de Velasco, comendador de Santo Ivo, a quem perseguiam as justiças de El-Rei por certo duelo muito extravagante. Amigo dos padres, e deles protegido, asilara-se o fidalgo na casa da Companhia; não pôde esta apesar de todo seu valimento obter o perdão completo do delito, porque o

adversário morto pertencia a uma família poderosa; mas alcançou a comutação da pena em alguns anos de degredo.

A vice-rainha mandou ir ao Paço o comendador e ali fez-lhe sentir que seria muito conveniente uma viagem ao Brasil; observando-lhe o fidalgo que não possuía terras nas colônias, retorquiu a princesa, que devia comprar:

— Quando Sua Majestade D. Filipe III tanto se ocupa com suas possessões do ultramar, não é muito que o ajudem seus fidalgos a povoar aqueles domínios.

Em vésperas de partir, D. Lopo de Velasco aproveitou a recente chegada do P. Molina para colher informações seguras a respeito da terra. O fidalgo era grande caçador, e não se emendava; apesar de ter sido essa paixão a causa de achar-se em lance tão difícil, queria fixar sua residência na capitania mais abundante de caça.

Bem se vê que o fidalgo não conhecia o Brasil, onde, e especialmente naquele tempo, as matas regurgitavam de toda a espécie de monteria e os ares coalhavam-se de volateria. O P. Molina porém não hesitou em lhe aconselhar a cidade de São Sebastião, onde ele acharia reunidas boa gente e boa caça.

D. Lopo acedeu.

— Então aproveito o ensejo para escrever por algum criado de Vossa Mercê duas linhas a uma pessoa que me

encarregou de certo negócio.

— Pois escreva, padre-mestre. Com muito gosto me farei eu mesmo portador de suas letras, respondeu o fidalgo.

No momento de partir entregou de feito o jesuíta a D. Lopo de Velasco uma carta assim sobrescritada: — *Para S. Mercê o Sr. D. Diogo de Mariz, Provedor-Mor da Alfândega de São Sebastião.*

O jesuíta, senhor agora de todo o segredo do roteiro das minas do Prata, e convencido de que o manuscrito ainda se achava no poder de D. Diogo de Mariz, só tinha um receio; era que Estácio, ou alguém em seu nome, se apresentasse a reclamá-lo antes que ele, P. Molina, tornasse a S. Sebastião.

Para prevenir esse caso, escrevera o jesuíta a D. Diogo o seguinte:

*Muito nobre senhor meu.*

*Fui encarregado pela pessoa que V.M.cê bem sabe, de receber o objeto de grande preço que se acha em seu poder. Motivos ponderosos me têm impedido de cumprir esse procuratório, de modo que só lá para o ano vindouro aí poderei estar.*

*Como porém se perdesse a carta de aviso que V.M.cê*

*escreveu, e é possível com ela se apresente algum aventureiro burlão a reclamar o que lhe não pertence; por isso julgo prudente que esteja de prevenção, para não fazer a entrega senão a este que se assina,*

*de V.M.<sup>cê</sup>  
o mais obediente servo*

*P. Gusmão de Molina.*

*Lisboa, aos 27 de outubro de 1607.*

Quando voltava o jesuíta de acompanhar à Ribeira D. Lopo de Velasco, lobrigou de longe o matreiro do mestre Brás, seu companheiro de travessia, que muscava-se mui sorrateiramente de um belo palácio onde residia D. Francisco de Sousa.

Que fora ali fazer o mercador das colônias? Solicitar o poderoso fidalgo para patrono de algum requerimento? Dar conta de alguma incumbência das colônias?

Dias passados chouteava eclesiasticamente o P. Gusmão em mula de aluguel, caminho de Espanha. Na recova a que se juntara para fazer a jornada, ia também o Brás. Tratou logo o jesuíta de entabular conversação com o mercador; mas era impossível com semelhante criatura a menor prática.

Não tinha agora o taberneiro o enjoo como a bordo do *Rosário*, mas em troca o terrível chouto da mula o amassava na sela como lêvedo de pão. Saltando com os solavancos da andadura e jogando de uma a outra banda, ia o judengo encolhido todo e agarrado ao gancho do selim. A ladainha de lamentações, que servia de acompanhamento ao trote da besta, era apenas interrompida pelos gritos de espanto, que soltava o taberneiro cuidando cair. Chegado ao pouso aquela massa inerte de carne e osso caía sobre a enxerga como uma pedra.

Em Sevilha perderam-se de vista os dois companheiros de viagem.

Quarenta dias depois entrava o P. Gusmão a cidade eterna, e alojava-se na casa da Companhia. Houve entre o humilde frade e o prepósito-geral, Cláudio Aquaviva, longa e secreta conferência. Ao cabo de três horas descia Molina as marmóreas escadas do grande consistório, escondendo na manga do hábito um pergaminho. Era a sua nomeação de visitador na Província do Brasil; trazia essa nomeação a data em branco, porque só depois de jurar o frade o quarto e último voto da ordem, podia ela ter efeito. A qualidade de professo e por conseguinte o assento em capítulo era, segundo o Instituto, condição essencial para a prelazia.

A tempo que isso passava em Roma, no mesmo dia e hora, a centenas de léguas, em outra capital europeia, na cidade de Amsterdam, mestre Brás batia à porta da casa onde

habitava o cidadão Usselincx, e entregava uma carta coletiva de que era portador, dirigida pelos judeus da cidade do Salvador ao ilustre chefe do partido da guerra e um dos fundadores da Companhia das Índias Ocidentais.

A missiva hebraica foi o fomento da famosa guerra que durou vinte e tantos anos. Os judeus ameaçados pelo Santo Ofício, chamavam os holandeses, como outrora seus antepassados em Babilônia haviam chamado em suas preces Ciro, o conquistador, para libertá-los da escravidão. Os holandeses vieram, como o herói meda, não suscitados por Deus, mas açulados pela cobiça, poucos anos depois, em 1621.

É tempo de tornar à cidade do Salvador, onde o nosso bom e velho amigo, o Doutor Vaz Caminha, refocila ainda no modesto catre, bem que alto já vai o sol.

De instante a instante a engelhadinha da Euquéria vem pé ante pé escutar à porta da camarinha. Ouvindo o calmo resfolgo da respiração subtil, torna de manso para não perturbar o somno de passarinho do bom do amo seu.

Quem soubesse do tarde que recolhera o advogado e do resfriado que vinha com o chuvisqueiro da noite, não estranhara uma tal inversão nos seus habitos madrugadores. Desde que estava no Brasil, não passara o letrado de Arrayollos outra noite de tributações, como essa tão aziaga que lhe trouxera de janeiras, o anno da graça de 1609.

Si bem nos lembramos, ficou o doutor na casa mysteriosa, onde cortezmente o recebera a formosa dona. Esta depois que o saudou, lhe indicara uma cadeira de espaldar, que estava fronteira. Junto ao cochim havia sobre o velador de charão, obra da India, uma bolsa cheia de ouro, posta em salva de prata.

Desculpai-me o desarranjo que vos causei, meu senhor, e a mesquinhez da recompensa. Outra de mais valia vos guardarei eternamente no meu coração pela generosidade que houveste com uma desconhecida.

Ao proferir destas palavras com a voz tremula e um ligeiro accento castelhano, a dona tomára a salva do velador, e á pouco e pouco resvallando

Iluminava a fronte da bela senhora um reflexo vivo das paixões sublimes. Mas passou. Foi trêmula e receosa que ela dirigiu de novo a palavra ao advogado pensativo:

— Dizei-me pois, sr. doutor, se as leis dos homens me dão o direito de arrancar meu esposo e meu único bem aos votos que mo roubaram!... Porque senão, se justiça não há no céu que cansei de implorar, e na terra onde só tenho penado... Pois bem, eu me farei justiça por minhas mãos...

— Qual é o vosso intento, senhora?

— Meu intento... meu intento... Sei-o eu?... Reaver o que perdi... Sim; ainda que para isso seja preciso armar os maus contra os bons... profanar a casa do Senhor... Que importa!... Contanto que me restituam meu esposo... Irei de convento em convento, de portaria em portaria mendigar novas dele... Hei de encontrá-lo, e então...

— Basta, Dona Dulce! Bem vos dizia eu que vossa generosa retribuição era demasiada para o ofício do humilde letrado... Esqueci avisar-vos que fora nenhuma para o seu dever. Aqui vo-la deixo!

Vaz Caminha ergueu-se, deitando a bolsa sobre a banca:

— Em que vos ofendi eu? exclamou a dama travando-lhe das mãos.

— Vim ao vosso chamado para aconselhar-vos, não para vos dirigir no caminho do mal. Meu ministério, senhora, é da justiça e não das paixões, da lei e não da vingança!

A dama respondeu com uma nobreza repassada de profunda mágoa:

— Nunca sofrestes dores, como as que tenho aqui neste coração transido, senhor doutor; senão seríeis indulgente para estes desvarios, que me pungem mais a mim que a vós mesmo. Já vos não detenho; destes-me a última prova dos homens. Se dos nimiamente bons, como sois, recebo tão duras palavras, que esperar dos outros?...

— Senhora, mercê! Fui descortês, confesso minha culpa; não veio ela d'alma, senão da profissão que não me costumou a fazer salas. Vou satisfazer-vos no que de mim exigis.

— Ah! exclamou a dama. Falai!...

— As leis dos homens nada podem no vosso caso; mas podem tudo as leis divinas. Em Roma, aos pés de Sua Santidade, está o remédio à vossa desdita; porque lá está

aquele a quem Deus disse: *Quodcumque alligaveris super terram...*

O advogado citava o texto, mas calou-se, advertindo que falava a uma dama. Emendou a mão:

— A quem Deus disse: “*Quanto ligardes na terra, será ligado no céu; e quanto na terra solverdes, soluto estará no céu*”.

Dulce ergueu as mãos súplicas, exaltando ao céu sua alma arroubada num olhar de infinita gratidão. Depois esse mesmo olhar desceu a embeber-se no rosto pálido e mirrado do velho.

— Obrigada, senhor doutor! Salvastes-me de um grande pecado, dando remédio à minha dor!...

— Já não haveis mister de mim, Dona Dulce? perguntou o advogado.

— Hoje não: basta a esperança que me deixais. Outro dia próximo, terei necessidade de praticar convosco mais compridamente.

— Enviai-me aviso. Agora é tarde, dai que me recolha.

O doutor levantou-se para despedir-se:

— Antes que me retire, uma palavra.

O velho tomou galantemente a mão da dama, e conduzindo-a até o meio da sala, abaixou a voz para dizer-lhe:

— Pedistes-me um conselho, senhora; quero eu dar-vos um que não me pedistes.

— Mais por isso o agradecerei.

— Guardai melhor vosso ouro, e fiai menos de escravos. A terra esconde bem, é verdade, porém não há chave nem ferrolho que a feche, pelo que abre-se em qualquer parte.

— Deste lado estou segura. O segredo só eu o sei.

— Cuidais disso? E se vos eu disser que o tesouro está enterrado ali, no oratório...

— Quem vo-lo revelou?... perguntou Dulce espavorida.

— E que a esta hora estão abrindo uma mina por baixo da vossa recâmera pela qual se há de escoar o vosso ouro?

— Deus meu! Como sabeis tudo isto? Quem pode ter maquinado uma maldade igual, a não ser a gente maldita, que veio ao mundo para meu mal!...

— Não paguem inocentes por pecadores. Aplicai o sentido; não ouvis um bater surdo que vem do chão?

— Sim, agora ouço! Vem dali!

— Pois são eles que cavam.

— Eles quem?

— Disse-vos quanto é preciso para que vos acauteleis. O mais, crede-me, não aproveitaria ao vosso cabedal, e menos ao vosso sossego.

Nesse momento ouviram uma serenata de alguém que parava junto à cerca; o rumor cessou; momentos depois farfalharam as folhas do arvoredor. Vaz Caminha abrindo na janela uma estreita fresta, mostrou à dama seis indivíduos que surdiam a um e um do outão da casa e sumiam-se nas trevas.

— Bem longe me supunha eu de mais esse cuidado, para o qual confesso que já não me sobram espíritos, tanto os tenho, e tão inteiramente empregados, em mais alto pensamento. Se me não valeis ainda desta vez com o vosso conselho, não sei o que vai ser de mim.

— Não é caso de esmorecer, ainda que demanda grande tino, muita prudência, e mais que tudo, segredo inviolável. Tendes pessoa de quem fieis tanto como de vós mesma?

— Ninguém tinha ontem, tal era meu desamparo, mais que um escravo fiel, o mesmo que vos guiou. Agora vos tenho a vós.

Vaz Caminha conservara-se impassível quando Dulce referiu-se ao negro, e correspondeu com uma reverência à prova de confiança da senhora.

— Enquanto ao escravo, digo-vos eu, senhora, com os meus sessenta e seis anos, que o bom tem a fidelidade do cão: descobre o dono farejando-lhe o rastro e o denuncia ladrando para festejá-lo. Enquanto a este vosso servo reverente, vos peço vênha para observar que se é nenhuma a confiança que se conta por dias e meses, o que será a que mal data de horas?

— Qual pessoa posso eu ter de mais fiança minha, do que aquela a quem se abriu esta alma cerrada ao mundo inteiro? Não fôsseis vós quem sois, Senhor Vaz Caminha, tão reputado de saber quanto de virtude, que esse título só de meu confessor ao mesmo tempo que letrado, vos faria senhor da minha fé.

— Uma coisa são infortúnios e contrariedades da vida; outra cabedais e riquezas. Se da primeira me encarreguei para vos aconselhar e dirigir, para a segunda, sinto que não sofrem as forças tamanho peso de responsabilidade.

— Cumpra-se então o último transe da minha desventura! Perdida com esse ouro e apagada a derradeira luz de esperança que ainda lampejava na escuridão de minha vida, acabará esta mísera uma vez de morrer!

— Mas por que desanimais, senhora?

— E mo perguntais? O único meio que me restava para alcançar o fim de uma vida inteira de martírio, posto em dúvida e risco! E vós mesmo, que me roubais esse conforto, não me dais remédio para o mal; ao contrário, a confiança que tinha no escravo, a dissipais; a que pus em vossa pessoa, recusais! Se essa era vossa tenção, para que avisar-me do mal... Melhor era deixar-me viver na minha antiga segurança, roubada fosse embora, do que matar-me assim lentamente neste repetido sobressalto e contínuo terror! Usastes comigo, senhor doutor, sem querer, de crueldade igual à que sofrem os condenados; prolongam-lhe com a vida a tortura. Não vos culpo, nem culpa há, senão desdita de quem em má hora nasceu para si e os seus.

O doutor ouvia com ar de bondade as palavras pungentes da moça; e tanto que acabou ela de falar, começou com um termo brando e meigo, pondo nela os olhos enternecidos.

— Razão alguma tendes, e fácil me fora provar, que por cumprir meu dever de cristão e homem discreto, não me obriguei a mais para convosco, nem a mais me obriga a lei como letrado, que me chamastes, e letrado vim. Mas que importa que não tenhais razão alguma, se toda vos quero eu dar? Ganharam-me vossos infortúnios; rendido me vedes. Uma coisa porém vos peço. Ides fiar de um estranho o segredo do grosso cabedal, capaz de excitar a cobiça, a quem não a tem; não deveis ceder ao primeiro movimento,

para que não venha depressa o arrependimento; pensai até amanhã: o caso não urge tanto, que o não permita.

— Se já sois senhor desse segredo, que arrisco em adiantar o que já sabeis?

— Sei parte dele, é certo; sei que vosso ouro foi enterrado no oratório; que esse oratório ali está, ao lado de vossa câmara. Mas o lugar do pavimento, a profundidade, isso ignoro, e quisera ignorar sempre. E quem vos diz que eu, que vim dar-vos aviso, não estou aqui fazendo as minhas partes, e vou colher as maduras, pelas verdes que lancei? Quem vos diz que aqueles que vistes não sejam meus sócios; ou que tendo aventado parte do seu projeto, eu trate de arrancar por vossas mãos o ouro das garras deles, para a minha bolsa?

Havia na fisionomia do velho advogado tal jeito de astúcia e manha, ao proferir destas frases, que Dulce não pôde deixar de estremecer; mas sua alma serenou logo.

— Diz-me o meu coração, que de vossa pessoa só conforto e alegria me há de vir. Ao toque das almas nobres como as vossas, o ouro é metal de vil quilate.

— Enfim, pensareis, senhora, e do resultado me dareis conta quando nos virmos, amanhã, sobre noite. Já sei o caminho; virei só, e portanto mais acompanhado do segredo e recato que é preciso.

— Mas eles? Me deixais assim em seu poder?

— Nada tendes que recear por enquanto; não vos deis por apercebida, nem mesmo quando estiverdes só. Dizem que as paredes têm ouvidos; têm olhos também. É preciso que eles continuem a cavar a mina, pensando que o ouro está no mesmo lugar; nesse tempo transportareis a outra parte, de maior segredo, o vosso tesouro.

— Não fora melhor fazê-los prender logo de uma vez? Se a justiça de El-Rei não serve para proteger uma pobre mulher, para que serve ela então?

— A justiça de El-Rei serve para punir os que infringem a lei; mas por isso cada um não está desobrigado de velar no seu interesse. O segredo do vosso ouro está descoberto; quem e quantos o conhecem a esta hora, não há saber. Falais em prender os malfeitores; basta que um escape, ou mesmo comunique com outros da prisão, para transmitir o projeto e pôr-vos em contínuo desassossego. Melhor é desnorteá-los. Ou pensem que mudastes o lugar, ou que outros mais felizes lograram o tesouro, podereis ficar tranquila; e então será tempo de fazer a prisão.

— E não se podia prender antes e mudar o lugar? Daria no mesmo, e me tiraria mais depressa do meu desassossego.

— Parece-vos, mas não é o mesmo. Agora, seguros do seu segredo, eles têm a atenção toda empregada na mina; já

contam com o ouro; e só tratam de esconder-se. Presos alguns porém, os que ficassem, se poriam à espreita; e quem sabe se não penetrariam outra vez o segredo, como penetraram da primeira.

— Vejo que a vossa prudência tudo previne, e devo estar tranqüila pondo-me sob sua guarda.

— Sob a guarda do Senhor vos deixo eu.

Dulce bateu as palmas, Lucas apareceu.

— Acompanha a casa o senhor doutor: e olha que nada lhe aconteça. À sua caseira entregará essa bolsa.

Vaz Caminha partiu.

Deixemos que vá ruminando pelo caminho adiante as suas cogitações, para explicar uma coisa que era para notar: o ter ele ocultado de D. Dulce o modo por que chegara ao conhecimento da trama contra ela urdida, e sobretudo calado o nome do negro Lucas, em quem aliás a dona depositava muita confiança.

O doutor tivera para isso boas razões. Ele sabia o que são mulheres, e não conhecia D. Dulce; sem lhe fazer injúria, receou dela o comprometesse revelando o como surpreendera a conversa de Lucas com o Brás na adega da taberna, e excitando contra ele a vingança de qualquer dos dois. Ora, a prudência era a prenda mais cultivada do

licenciado. Quanto ao negro, foi por compaixão para a dama, que assentou de calar-se. Imaginou qual suplício não seria dessa pobre senhora, ali naquela casa, vendo-se entregue a um escravo capaz de tudo para evitar o castigo severo de sua falta.

Preferiu advertir indiretamente a dama como o fez, a denunciar positivamente a traição. Demais ele conhecia a força que tem no ânimo um sentimento ali enraizado: se o abalam fortemente, verga talvez, mas reage com força dobrada. Acusar o negro que Dulce tinha em conta de fiel, fora plantar no seu espírito a dúvida sobre a verdade da trama, e provocar talvez uma desconfiança contra ele, Vaz Caminha, que a queria salvar.

O doutor chegou enfim a casa, resfriado do sereno. Euquéria estava no seu quinto ou sexto rosário, sem contar os fragmentos do terço, da magnífica e da ladainha, e as repetidas invocações que ela ia entremeando. Na sua imaginação exaltada pelo medo das abentesmas já supunha o seu querido amo morto e bem morto. Quando bateram, e ela ouviu a voz do advogado, supôs que era a sua alma que a vinha buscar para o outro mundo.

Afinal Vaz Caminha falou-lhe de um modo que nada tinha de sobrenatural; muito humano ao contrário:

— Apressai, Euquéria, que já não posso comigo de cansaço!

Recolhido ao leito, onde o aqueceu o copo da sossega, o velho refocilou afinal o fatigado corpo. Eram 7 horas da manhã, quando despertou de todo repousado e na melhor disposição de espírito.

Só mais tarde chegou Estácio.

Vaz Caminha já refeito com a boa sonada recebeu o afilhado cheio de contentamento.

— O vosso cedo, filho, o é menos que o meu tarde. Desde as sete que vos espero; mas sem dúvida pegou-vos o sono, que é valente nos moços.

— Parece-vos que estes olhos estejam inflamados de dormir, mestre?

O advogado já tinha reparado no aspecto decomposto do estudante, mas conheceu que era debalde querer arrancá-lo à oculta mágoa; e teve por mais acertado sondar logo a profundidade do golpe:

— Estácio, filho, não vos deslembreis que já não sois a esta hora o moço estudante sem cuidado e futuro que ontem éreis. A memória de vosso pai, primeiro, e vossa honra depois, sem contar com o que deveis à pátria, esperam de vós uma ser resgatada, e a outra mantida. Para tamanha empresa careceis de todas as vossas forças de espírito e corpo, e guarde Deus que todas elas acrescidas pelo brio que vos conheço, não bastem! Se tendes pois coisa que vos aflige, e tolhe o ânimo resolutivo, dissei-o, filho, por que eu vos limpe dessa ferrugem da tristura, que rói mais o coração, que a outra o aço.

Sentiu Estácio alguma coisa que o impelia aos braços do velho, e abria o seu coração para vazá-lo naquele tão amigo seu, e mais de pai; porém quase logo outro movimento estranho refrangeu-lhe os folhos d'alma magoada, e os lábios emudeceram. Nada escapou a Vaz Caminha:

— Peja-vos de conversar amores com vosso velho mestre, ou temeis que estas cãs e rugas agourem mal vossos afetos, se os deixardes roçar por elas?

— Oh! não, mestre; tal pensamento nunca me entrara, bem o sabeis. Tanto vos estimo quanto vos respeito; e eis por que me falta o ânimo.

— Vinde cá! disse o velho tomando a mão do moço. A quem respeitamos mais que a Deus, Senhor nosso e Criador, e não é a ele que despimos todos os dias nossa alma e a pomos nua a seus pés, com as chagas dos pecados todas à mostra? Além de que resto pouco podeis acrescentar ao que estou lendo nesse semblante desfeito e nesses olhos fundos não dormidos e escaldados de lágrimas. Vosso coração espertou, filho, cedo demais para o vosso sossego; mas assim devera de ser com o fruto, pois a árvore foi precoce. Homem já pelas qualidades, não podíeis deixar de sê-lo para as paixões. Subistes vossos amores alto demais para vossa fortuna presente, não para o vosso merecimento; daí vos vem decerto a pena que sofreis neste momento. Vede, a suma é esta: o nome das pessoas, o lugar e as circunstâncias, sabem-no todos os curiosos e enredeiros da

cidade, a quem nada escapa; eu os ignoro, porque não fazeis confiança em vosso velho mestre, que vos ficou neste mundo em lugar de pai e mãe.

Estácio não hesitou mais.

— Perdoai, mestre, perdoai se vos magoei. Tudo já vos digo.

O moço começou, enrubescendo, uma simples narrativa, a história de seus estranhos amores.

— Sem dúvida conheceis D. Francisco de Aguilar?

— De fama, muito; pouco, de trato.

Estácio balbuciou:

— É sua filha, D. Inês.

Como se o nome da moça fosse o único e mágico fecho que encerrava os ímpetos de seu afeto, e uma vez quebrado sua alma jorrasse em borbotões dos lábios, ele prosseguiu com desafogo e veemência:

— A vez que primeiro a vi foi há cerca de três anos, e em todo este tempo, mestre, não a tornei a ver mais que três sem contar o dia de ontem.

— Referi como isso aconteceu.

— Não imaginais quanto me deleita o mar. Houve tempo em que foi meu passatempo sulcar a baía na canoa de um rapaz da ribeira, que me conheceu de muito criança. Fazia-o às ocultas vossas e de minha boa mãe, pelo susto que vos poderia causar a ambos, do que agora me escusareis.

— Deus escreve direito por linhas tortas! interrompeu o advogado a meia voz e sorrindo.

— Dizeis?

— Prossegui, filho.

— Foi em dias de setembro, sobre tarde. Ventava rijo; as ondas andavam altas e cruzadas; a travessia inchando o seio à vela; e o barquinho a pular sobre o grosso marulho, como passarinho de ramo em ramo. Tudo isso era festa para mim, festa da natureza mais fermosa e gentil do que a fazem os homens.

“O canoeiro tinha a escota, eu o governo. Íamos fronteiros com a Graça, rumo da barra; eis que uma galeota apavesada de sedas luzidas, a todo o pano e voga arrancada, fez-se na volta da Escada e veio sobre nós fendendo as ondas galhardamente. Trazia suspensa a ponta do reposte de damasco azul; e ali, como em um canto do céu, estava, de menos as asas e de mais a gentileza, uma figura de anjo. O mesmo foi verem-na os olhos meus que cegarem logo. O realce da celeste visão enlevou-me em um só e rápido

instante o espírito e a vontade; mas tanto bastou para que o mar nos arremessasse contra a soberba galeota. O frágil esquife espedaçou-se. Esteves cortou direito à praia; eu não sei por que fui-me no seguimento do barco que singrava os mares alterosos. Um cavalheiro, que soube depois ser D. José, irmão seu, saíra da tolda ao rumor produzido pelo soçobro da canoa. Descobrimo-me que nadava a poucas braças, voltou-se para os escravos da voga e intimou-lhes uma ordem em tom iroso e assoberbado:

“— Leva remos!... Um calabre àquele mariola!... Outro merecia ele para se não atravessar ao caminho da gente.

“Ainda agora, mestre, repetindo-vos esta palavra, sinto que ela me escalda o sangue; imaginai o que seria naquele instante. Minha vontade era poder ali mesmo desafrontar-me. Quanto a aceitar um socorro que me era atirado de envolta com o ultraje, se em tal pensasse, me teria por indigno e vil. Arrojei de mim com desprezo e mofa o cabo que me lançaram. Ainda que me considere perdido havendo por impossível ganhar a praia tão distante, segui na esteira da galeota, onde o surco cavado na onda me ajudava.

“O anjo, que eu vira de relance para minha desventura, surgiu outro instante de longe, reclinado sobre a onda, olhando-me entre sentida e admirada. Encomendei a ele minha alma, por que a levasse ao céu, quando deste mundo se partisse; e bem próximo estava, que as forças me faleciam, e o corpo hirto não respondia já ao aflito ânimo.

Então lembrei-me de vós, mestre, e sepultei-me no fundo do mar. Entre o rumor das vagas que se abriram para tragar-me, ouvi como uma voz suave que já me acolhia na bem-aventurança:

“— Jesus!...

“Voltando à tona d’água, minha mão alcançou por proteção de Deus a corda de uma boia. O desespero restituiu-me alguma parte das forças, e com estas me volveram os espíritos. Bem recobrado da extrema fadiga, e livrando-me das roupas, ganhei a terra. Pisei-a com um grande contentamento, não só porque pensava não mais senti-la sob os meus pés, como porque a minha salvação, a devia a Deus unicamente.”

— Bem, filho! exclamou o velho. Razão tive eu de inquirir o vosso coração, para ainda mais louvar-me da nobreza dele!...

Estácio continuou:

— Meses decorridos, deu-me o acaso, que a visse outro breve instante. Foi em Nazaré, na casa que aí tem seu pai. Acertei de passar por lá em ocasião de estar ela regando seus craveiros na janela mais alta do torreão. Vinha meu caminho, sem me aperceber de nada, quando as gotas d’água que me borrifaram o chapéu, fizeram que desviasse para o meio da estrada e erguesse a vista. As gelosias

estavam entreabertas; e seu rosto me apareceu entre os dois vasos de porcelana da Índia postos sobre o balcão. Também ela reclinara para ver; mas dando com os olhos em mim, teve um forte sobressalto, talvez porque me julgava morto e pensou naquele instante ver meu vulto apenas. Com o movimento do susto, o braço dera em um dos vasos, que arremessado de toda a altura do balcão veio espedaçar-se a meus pés: uma linha mais e esmagado ali ficava eu. A morte roçara por mim tão perto, que eu sentira o seu calafrio.

— Depois?... perguntou o velho.

— As gelosias cerraram-se; e ninguém mais apareceu.

“Correu muito tempo. Já eu tivera tempo de esquecê-la: uma grande dor, vós sabeis, a perda de minha mãe, sepultara cedo a minha infância, e com essa toda lembrança do passado. Mas a imagem dela, de Inês, de novo presente a meus olhos, volveu a tomar posse de mim, e dessa vez creio eu, que para sempre.

“Vinha ela do engenho; e caçava eu por aquelas bandas. Vendo a comitiva que se aproximava, deixei-me ficar escondido na ramada espessa, onde estava espreitando uma codorna. O cavalo refugou, os pajens gritaram, e não lhes respondendo eu, talvez iludidos da cor das minhas roupas, me tomaram por um selvagem; um desfechou-me a carabina; a bala zuniu-me ao ouvido, chamuscando o pelo da lã do

meu gibão. Com o estrondo do tiro e o voo sussurrante da ave, o cavalo disparou como um raio. Felizmente passou ao alcance de mim, que pude de um salto travar-lhe a brida e sofreá-lo.

“Seu pai chegava então, e já sabedor do que era passado, atirou-me a bolsa fornida de moedas. Rápido a apartei de mim com o pé, e voltando-lhe costas, sumi-me pelo mato. Em me lembrando disso, penso que me fiz mal a mim mesmo de ser tão altivo e ríspido na recusa; mas quando o quisesse, não acabaria comigo proceder de teor diverso. Essa esmola do pai tinha-me doído, ainda mais do que o insulto do irmão.

“Só então refleti na estranheza das minhas aventuras. Três vezes que a vira de relance, três a minha vida correra por ela iminente perigo. Significavam esses casos que sua influência me havia de ser fatal, e eram avisos do céu para que a fugisse? Outro bem diverso foi o pensamento que me acordou no íntimo, e tão poderoso que não havia resistir-lhe. Até ali não era eu que a tinha buscado, mas o acaso que ma trouxera: daquela hora em diante fui eu que a busquei debalde e o acaso que a furtou ao meu desejo e incessante esforço.

“Longo trato de dias e semanas corri após essa ardente esperança de encontrá-la. Quantas vezes cruzei os mares onde ela me aparecera primeiro, e quantas o caminho onde último a admirara de perto. Passei e repassei por baixo da

janela, em que lograra um rápido instante a sua vista. Mas tudo debalde. Tanta decepção afinal irritou meu brio, mestre; jurei em minha alma que a havia de ver um olhar sequer, ainda quando esse olhar devesse custar-me a vida, três vezes já sobejo da morte.

“À hora dessa jura, que foi a da alvorada, tomei caminho de sua casa de Nazaré. Fronteiro ao balcão da janela há um coqueiro; encostei-me aí com os olhos pregados nas gelosias douradas, e o pensamento enleado nos modos de a ver. Batia-me o coração que ela estava ali naquela recâmara, onde me mostrara antes regando suas flores; e de a sentir tão perto d'alma, quanto mais longe dos olhos, o desejo se acendia em mim.

“As horas vieram umas após outras, trazendo-me o desânimo, pelas esperanças que me arrebatavam aos molhos. Era dia de fevereiro; o sol abrasava, e eu o curti ali todo; mas que muito, se não deixava sentir-lhe a calma o fogo que ardia dentro. Sobre tarde o tempo desconcertou-se; uma grande borrasca armou-se, que o vento rijo impelia sobre a cidade. Parte do céu ainda estava límpido e azul, que a outra era estofada de grossas nuvens. No bojo verde-negro os relâmpagos incendiavam-se a miúdo, e o trovão reboava com um estampido surdo.

“Haveis de lembrar-vos, mestre, desse medonho temporal do ano passado...”

— Que tantos estragos causou no mar, bem como em terra!

— Sabeis pois a parte que tive nele. Enquanto se formava a borrasca, o dia ia-se finando, já com a sombra da noite próxima, já com a escuridade das nuvens. Houve um momento em que tudo foi silêncio e placidez no céu e terra; a natureza com a respiração tomada, sufocava: mas logo, como se recobrara as forças ingentes, acrescidas pela angústia, desfechou o temporal horrível.

“Foi nesse instante, que o céu fez solene. Uma banda da gelosia abriu-se de repente e fechouse. Entre a luz dos relâmpagos vi deslumbrado a imagem de Inês. Pareceu que o céu se fendera para mostrar-me o seu anjo mais puro no seio da glória, nadando em luz. Fora acaso essa aparição, ou propósito, não o podia eu saber. Acreditei que Deus a enviava a mim, e desta vez para salvar-me, como vereis.

“Voltava já, mas com um andar lento, que me não roubasse de repente a janela da vista, quando a nuvem rasgou-se, e um raio listrando fogo, correu pelo tronco do coqueiro e embebeu-se na terra, que ainda conservava os vestígios de meus passos. Uma grande alegria se derramou dentro em mim com a luz desse raio. A fatalidade fora vencida. Inês já não podia ser funesta ao meu destino, pois era ela quem acabava de salvar-me, aparecendo ao balcão, para que eu me partisse.

“Desde então nunca mais a vi, senão foi ontem, embora, sempre que passava por sua casa e olhava as gelosias, era como se a tivera ali própria e viva diante de meus olhos. Minha alma sentia-se perto dela; e sabia, por um estremecimento íntimo, quando comunicava com a sua por um olhar invisível coado entre as frestas da gelosia. Até que um dia a casa apareceu deserta; tinham partido para o engenho.

“Quando ontem a encontrei na missa, por um olhar dela, mestre, acreditei que não me malqueria; à tarde nos jogos, pensei que viesse a merecer um dia o seu agrado. Mas o sarau tudo esvaneceu; é noiva de D. Fernando de Ataíde. Seu pai o publicou a todos em palácio; e antes disso, o conheci eu no modo por que dançavam ambos no baile.”

O moço proferira essas últimas palavras açodado e com extrema aflição. Percebia-se que ele, ao tocar nas últimas recordações de seu afeto, doía-se como se estivessem ainda em carne viva; e por isso perpassava por elas rapidamente.

— Por que esta desventura, que tudo levou, ainda me deixou coração para amá-la, mestre?... Sinto que teria um grande consolo em aborrecê-la!...

Vaz Caminha saiu do recolhimento de espírito em que estivera escutando o afilhado, desde a sua última interrupção; erguendo-se com uns ares vivos e animados, bateu no ombro do moço:

— Ora vos desconheço, Estácio!... E não vos vejo o mesmo homem que fostes e deveis ser para as contrariedades!... Porque a sorte, a princípio avessa, vos faz negaças, parecendo roubar-vos a escolhida de vosso coração, já desanimais e vos rendeis aos pesares e desventuras?

— Que posso eu, mestre, contra a fatalidade?

— Tudo, ajudando o Senhor. Compenetrai-vos disto, Estácio, que um querer firme e constante, dirigido para o bem, praz sempre ao Criador, que fez o homem à sua imagem, inda que imperfeito.

Como se essa ideia esticasse fortemente em sua alma uma corda então flácida, restituindo-lhe o antigo vigor e vibrando-a sonora, Estácio ergueu-se de um ímpeto, transfigurado inteiramente do aspecto sombrio e desânimo que tinha há instantes. Agora a força inata de sua organização difundia-se no olhar resolutivo, no gesto sóbrio e pronto, na atitude calma, porém firme e enérgica.

— Falastes à minha alma, mestre, pois ela vos responde! Oh! que sim; abristes uns olhos cegos; sanastes este espírito enfermo. Lutarei!...

O licenciado sorriu de satisfeito.

— Tudo me diz que vosso afeto é recebido por aquela a quem o oferecestes. Na idade de Inês, os olhos são espelhos d'alma, e o recato a mais eloquente fala do coração. Embora

seu pai a tenha destinado para outro, desde que vos apresentardes nobre e rico, podereis disputar com vantagem sua mão.

— Nobre e rico!... murmurou Estácio.

— Esquecestes acaso o roteiro?...

— Não o esqueci, não, mestre: aqui trago a carta. Mas quanto tempo não passará antes que me seja entregue esse depósito? E até lá não será tarde? Não estará Inês esposa já de outro e para sempre perdida de mim?

— Conforme a resolução e presteza com que vos houverdes na empresa. Podeis ir a São Sebastião e estar aqui de volta em dois meses. Ora, um casamento, e casamento de fidalgo, é negócio para três dobres.

— Quem sabe?... A pressa com que o anunciaram...

— Crede no que vos digo!... Seis meses, nunca menos! De mais, para tranquilizar-vos, fico-vos de fiador que Fernando de Ataíde não se casará com D. Inês de Aguilár, nem mesmo em um ano... e talvez nunca!

— Donde provém tamanha segurança?

— Depositai fé neste velho amigo, Estácio, e crede que bem longe de tratar de resto vossos amores, tem-nos como coisa sua do peito, porque são parte vossa. Quem melhor pode

sentir vossas penas e tomar-lhes o peso que o amigo que vos traz, e a tudo que vos pertence, dentro do coração?

O mancebo estreitou o velho em seus braços.

— Assim, sede prestes a partir domingo!

— Já domingo!

— Concertei o plano de vossa viagem ontem à noite; não vo-lo comunico já para não carregar-vos o espírito com objeto triste: nos poucos dias que restam entregue-se ele todo aos doces cuidados. Na véspera sabereis: somente estai prestes e compenetrar-vos bem disto, que ides em busca de mui precioso tesouro, Estácio, pois ele representa a reabilitação de vosso pai, a honra de vosso nome, e a felicidade de vosso amor.

— Três coisas santas, por uma só das quais dera minha vida.

Momentos depois, Estácio deixava a casa de Vaz Caminha, e se encaminhava pensativo à Ribeira, onde morava em companhia de D. Mência, sua velha tia. Na altura da Sé, atravessou-lhe pelos raios do olhar empanado, um vulto de mulher que teve o poder de evocar seu espírito.

Era nada mais que a figura insignificante da comadre Brásia, embrulhada em sua mantilha rapada de serafina e saracoteando o corpo com o trote miúdo de uma cadela que

anda ao faro de algum osso para roer. Sua vista lembrou ao mancebo o emprazamento da véspera no adro de Santa Luzia, com a misteriosa dama que lhe trocara a bolsa. As faces arderam de rubor, com a lembrança dessa humilhação; deitou-se pois com veemência à covilheira, a qual já o tinha percebido, e disfarçada moderara o passo para ser alcançada.

Afinal Estácio, obrigando-a a parar, tirou dos golpes do saio a bolsa e esvaziou as moedas:

— Mulher, levai este ouro àquela que vos mandou e que eu não conheço. Dir-lhe-eis que em troca do serviço que de mim espera, a sua paga é generosa demais para um aventureiro, e vilíssima para um cavalheiro!

— Por Cupido vos juro, senhor cavalheiro, que minha formosa dona não teve intenção de ofender-vos!

— Tanto disso estou convencido, que lhe restituo o ouro, mas guardo a bolsa como a única recompensa que desejo!...

— Mas sempre ouvi que não era desar receber um cavalheiro mimos de sua dama!... Nos tempos da cavalaria assim se usava!...

— Ah! esquecia-me advertir-vos; falta aí uma moeda. Dei-a ontem de esmola e não tenho outra para repor!...

— Pelo amor de Deus, cavalheiro!

— Vamos, tomai!

— Isso não! Sem ordem da dama!... Para que se amofine comigo e ralhe?... Desse cavalinho não caio eu!

— Pois não quereis a aprazimento, será a contragosto! Aí estão em vosso poder; fazei delas agora o que vos aprouver!

Dizendo o que, travara Estácio de uma ponta da mantilha da covilheira, e atando destramente as moedas em nó, afastou-se antes que a mulher caísse em si da surpresa.

Com uma cara de desconsolo, tornou a Brásia mais que depressa a casa para dar conta à dama do acontecido.

Quem seguisse a margem exterior do largo fosso, que nessa época cercava a área da cidade e o arrabalde do Carmo, ao chegar à altura do Convento dos Franciscanos, dava com um pequeno casebre que aí havia. Encostado aos panos de muro, restos dos bastiões em ruínas, o exíguo albergue ameaçava de um dia ser esmagado pelo descalabro das antigas e aluídas construções.

Na nesga do campo, que mediava entre as linhas de fortificações e a margem do fosso, não havia outra habitação; e como a vereda que serpejava entre o matagal até o arrabalde do Carmo era rodeio e não atalho, raros passantes atravessavam aquele ermo; o que sucedia de ordinário entre uma e quatro horas, quando era o caminho protegido do sol pela sombra da montanha.

Sexta-feira, seriam oito horas da manhã, andava no terreiro da casa a feiticeira Joaninha. Trocadas as vestes de princesa pelos trajes de rapariga do povo, já pela manhã voltara ao mister cotidiano. Völvia de um a outro lado, entrando ou saindo, com a graça e a sutileza de uma perdiz que fabrica o ninho. Fabricava ela também os confeitos e alcorças, donde tirava o pão de cada dia e a escassa reserva para os tempos difíceis.

Aqui estendia à seca em tabuleiro os doces já feitos, ou esfriava as fôrmas em vaso d'água; lá recortava flores na pasta de açúcar estendida sobre a mesa, ou batia o mel para dar-lhe a alvura deslumbrante do alfenim e dele esculpir figurinhas de frutos, árvores e animais. Enquanto porém os sentidos estavam todos à ocupação, parece que o pensamento andava longe, a julgar pelo tom submisso com que estava a cantarolar, tanto havia, a mesma letra de uma quadra, sempre e sempre repetida:

*“Ele vai, ele vem,  
Inda cá não chegou!...  
Mal sabe onde seu bem,  
Seu benzinho ficou.”*

Entanto, um rapazito desembocando da Rua de São Francisco, galgou de um salto o lombo da muralha em ruínas, e seguiu rápido com tanta segurança, como se andara sobre chão aberto; e estava ele ainda tonto do sono, e esfregava os olhos encandeados com a claridade do dia. Vinha apressado; de instante a instante sem parar enfiava pelas frestas dos dedos uma vista ao céu, para ver a altura em que andava o sol.

Chegando a cavaleiro da casa, avistou ele à rótula do sótão uma velha gorda, de cabelos brancos, que recortava à

tesoura umas estrelinhas de pão de ouro e prata, naturalmente destinadas a enfeitar os confeitos da alfeloeira.

— Sua bênção, tia Brites!... disse o menino.

A velha levantou um pouco os grandes óculos de tartaruga que lhe armavam o nariz, e encarou com a pessoinha que falara.

— Deus vos abençoe, filho!... Ah! sois vós, Gil? Em casa estão todos em santa paz?

— Vai-se vivendo, assim como Deus manda. A Joaninha?

— Há de estar lá no terreiro às voltas com sua lida.

Gil prosseguiu pelo caminho aéreo até o outro lado da casa, onde ficava o terreiro. Aí como visse a Joaninha mui apurada nos doces, logo deixou-se escorregar mansinho pelo muro abaixo. Aproximou-se sutilmente da mesa, quando a alfeloeira recolhendo as aparas de açúcar, as deitava descuidosamente no tacho posto ao lado. Estender a mão ligeira, arrebatou dos dedos da rapariga um torrão, acompanhando o gesto com um miau perfeitamente imitado, foi para o rapaz coisa de um instante.

— Ai!... Gil!... Que tamanho susto me pregaste!...

E a mulatinha mostrava ainda no tremor da voz e desmaio das cores o soçobro que tivera.

— Pois estavas tão apurada!...

Ou desfalência das forças por causa do susto, ou languidez natural à sua índole crioula, a rapariga reclinando apoiou-se docemente sobre o ombro do pajem e tomou-lhe a mão que apertou de encontro ao seio.

— Vê como ainda me bate o coração!

Sobre o mimoso seio que pulsava estofando o corpinho do vestido, a mão do pajem pousou inerte e fria; nenhuma chispa do intenso fogo que ardia ali, propagou-se por aquele sangue infantil.

— Bebe água, que isso passa. É santa coisa!... para susto e queda não há outra!...

— É a mezinha que tu me dás, Gil?...

— Essa não mata como a dos boticários.

— Oh! se mata! murmurou a mulatinha com um suspiro que lhe afogou o coração.

Gil não lhe deu atenção, ocupado como estava a raspar com a ponta da faca as pastas de açúcar estendidas sobre a tábua. Nesse movimento, que era distração apenas, a alfeloeira viu

uma gulodice, e lembrou-se do que na véspera prometera a Gil.

— Ainda não perguntaste pelo que te guardei?

— Que foi?

— Adivinha!

— Que há de ser?... Por força um doce!

— Um doce, sim; mas que doce?

— Ora, dos que sabes fazer.

— Olha!... disse a rapariga tirando um objeto do avental.

Era um coração de alfenim, colocado no centro de um fartem apetitoso.

Gil arremessou-se a ele.

— Bravo!...

A mulatinha porém retirara a mão a tempo, e levantando o braço, e suspensa nas pontas dos pés ou girando sobre si, apresentava a Gil a gulosina que logo furtava para de novo oferecer-lhe. O apetite excitado, e também a contrariedade e a travessura, faziam o esperto pajem saltar de uma à outra banda para arrebatá-lo.

— Já agora não o pilhas, Gil!

— Assim não vale! exclamava o menino. Se foges...

— Não fujo, não; mas juro que o não hás de ter.

— Pois juro-te eu que o hei de tomar, custe o que custar.

Nesses movimentos desencontrados, nesses ímpetos infantis, quantas vezes o corpo gentil da mulatinha foi enlaçado pelos braços do pajem, quantas suas mãos se tocaram e suas faces roçaram uma na outra! Afinal desfalecida com a fadiga, Joaninha deixou-se cair sobre o banco, escondendo no seio o coração. Gil não hesitou; meteu a mão no talho do vestido e tirou o presente que agitou no ar em sinal de triunfo:

— Não te disse eu, que o havia de tomar?

— Se era teu já... Tanto há que to dei!... Esse que aí está, Gil, é o meu coração.

— Quantos tens então, Joaninha! Com este, andam pela dúzia os que já tenho manjado; nenhum, é certo, tão gostoso como este!...

— Sabe-te ele bem?... Pois o mais gostoso, ainda tu não provaste.

— Qual ele é? Dá-mo cá!

— Dar-te, dava-te mesmo, se já não to dei; mas tu não gostarias dele!

Joaninha suspirou outra vez; e Gil, que depois de devorar o doce, lambia os beiços, ouvindo tanger o sino de São Francisco, estremeceu e demudou-se:

— Queres tu que te diga eu, Joaninha, uma coisa?... Teu doce embora feito por tuas bentas mãos, não me tirou o amargo da boca!

— Qual amargo, Gil!... Estarás tu mofino?

— Estou enquijilado de minha vida, Joaninha! Já me deu gana de chegar ao terreiro da Sé e deixar-me cair de lá, cabeça a baixo.

— Jesus! Cala essa boca, Gil! Não ofendas a Deus, que te ouve!

A mulatinha cingiu o menino ao colo como se o quisesse proteger contra o perigo.

— Que te traz assim tão azoado, pois transtornou-te o juízo?

— Em vindo tinha mesmo na tenção dizer-te a ti, que só és quem pode remediar tudo.

— Eu!... Joaquina? exclamou ela no alegre alvoroço de uma esperança a luzir.

— Tu mesma, em pessoa!

— Ora fala!... Depressa, Gil!...

— Acaso sabes o que sejam amores, Joaquina?

— Se o sei eu, Gil?... exclamou a mulatinha estremecida; levando a mão ao coração que afogava em um delíquio suave, prosseguiu:

— Se o sei eu, Gil?... Eu, que tenho deles crivado este coração, não saber o que sejam amores!...

— Roga a Deus então que te proteja, rapariga, para que não proves das angústias, em que ontem vi o Senhor Estácio!... Hás de crer, Joaquina... Mas olha lá, não passes a ninguém!... Hás de crer que ele se quis matar!

— Quem, o Senhor Estácio?

— Se não fora certa coisa, que não te posso referir, ninguém sabe a esta hora o que seria dele!... É o que te digo, rapariga! E tudo, adivinhas por quem?

— Pois não adivinhara!... Nem que o não visse andar tanto lá para as bandas de Nazaré!...

— E ontem à tarde no terreiro do Colégio?... Mas a coisa foi no sarau, donde saiu tão avesso do que lá entrou! O que houve, sabe Deus! Mas aí andou volta daquele bruxo, do tal que ele virou ontem de cambotas, o Fernando! Só se eu não crescer um dia, ele deixará de pagar-me!... Com que então, o Senhor Estácio teve um desafio com o irmão... Sabes?... o alferes. E que havia de fazer?... Queria jogar de si a espada, para que o outro o trespassasse!... E foi ele mesmo que mo disse com estas próprias palavras: — “ Que no seu peito trespassado havia de achar um lenço cortado do ferro e tinto do seu sangue para o entregar a ela, a D. Inês, ajuntando que lhe tornava quanto era seu, pois o mais ficava na terra fria”.

O menino enxugou as lágrimas, que borbulhavam, e continuou com a voz sufocada:

— Quando penso que isto possa acontecer, Joaninha, sinto em mim uma gana de morder o nariz ao excomungado do alferes, para que me ele mate a mim primeiro. Foi nesta aflição, que me lembrei de ti, para dar uma volta ao caso. Ninguém me tira, que uma palavra da doninha ao Senhor Estácio mudava tudo do preto para o branco!

Joaninha, que de princípio escutara o pajem no doce assomo da esperança, fora depois a pouco e pouco retraindo-se, até que afinal recolhidos inteiramente os espíritos, languesceu, frouxo o talhe esbelto, pendida a

fronte e inertes os braços caídos. Melancólico abatimento oprimia agora a natureza vivace e travessa da rapariga.

— Eram pois os amores do Senhor Estácio que trazias na tenção, Gil? Só eles?

— Que mais querias que trouxesse, Joaninha?

A mulatinha hesitou antes de suspirar estas palavras:

— Os teus, Gil!

— Sai-te daí. Cuidas que estou para chascos hoje! Bem te enganas.

— Também eu não estou para palras e contos, que tenho mais em que cuidar! respondeu a mulatinha despeitada.

Nesse tempo soou perto um passo lento e pesado como bater de pilão. Joaninha estremeceu, e correndo ao pajem de um ímpeto, o empurrou até à cozinha.

— Não te mexas daí, Gil!

— Por que então?

Apenas teve ela tempo de fechar a porta, que do lado oposto, à boca da vereda cortada no matagal, apareceu o vulto de Tiburcino, o carneiro. Vinha, como na véspera o deixara a alfeloeira, sinistro e carregado; mas a grande fúria

estava agora como abafada por uma crosta espessa de tristura, que afulava a fisionomia taurina. Achevou-se do terreiro, volvendo a um e outro lado esgares torvos; e foi parar em face da rapariga, cravando nela os dois olhos de crocodilo.

Esta voltara à sua lida e continuava como se ninguém ali estivera, mas sem deixar de olho a porta, que fechara sobre o pajem. O magarefe depois de a estar encarando algum tempo, arrancou da larga peitada estas palavras receosas:

— O que vos disse ontem, Joanhina,... sobre o cavalheiro...

E concluiu com esforço:

— Dizei que não é verdade!... Dizei-o por vida vossa e minha, Joanhina, se não quereis ver-me endemoniado e às tontas aí pelas ruas. Pois dêis aquele instante, tenho como um mourão a bater-me aqui no toutiço!

Joanhina que nesse dia não estava em seu costumado bom humor, voltou-se arrebatada, faiscando iras:

— Arre, que já perdi a paciência! Culpa tive eu de vos dar confiança; mas é preciso pôr cobro a isso!... Já daqui fora!... Deixai-me de uma vez e para sempre em paz... Segui vosso caminho!...

O magarefe curvou a cabeça ao peso daquela ira e murmurou timidamente:

— Misericórdia, Joanhina!...

— Ide-vos, com Deus!... E não me retorqui...

— Vou-me, vou-me, Joanhina, bem castigado... Mas, melhor merecia...

Tartamudeando estas palavras, Tiburcino sob a influência do olhar de Joanhina e do gesto imperativo que lhe mostrava o caminho, arrastou os passos vacilantes, volvendo o rosto a cada instante e cruzando ao peito as mãos súplicas; afinal desapareceu entre os arbustos, e por muito tempo ouviu-se ressoar o chão com o eco de sua passada. Quando a mulatinha reconheceu que já ia longe, abriu a porta da varanda ao pajem e achou-o adormecido sobre a rede.

Sobressaltou-se e teve uma ideia que a fez sorrir; por duas ou três vezes aproximou seu rosto do pajem, talvez para examinar se realmente dormia; mas ao chegar perto, levantava rapidamente a cabeça com um susto, que a fazia de mil cores. O que isso vinha a ser, não sei eu; mas a verdade era que os lábios que desciam apinhados em botão de rosa, na volta se desfolhavam em desconsolado riso; perdiam a cor e a graça. A graciosa pantomima durara, se num dos movimentos ela não embalançara a rede, o que despertou o pajem.

Gil saltou sobre os pés, esfregando os olhos:

— Que vergonha!... Dormir com o sol nestas alturas! exclamou Joaninha meio alegre, meio sentida.

— Pegou-me outra vez, o maldito sono... Já esta manhã, antes de vir... Por isso cheguei tão tarde. Mas, Joaninha, todo o tempo é pouco. Sabes já a que vim. Não tens mais que ir a Nazaré e falar com a doninha. De caminho eu te contarei o resto.

— Que tenho eu com os amores alheios?... respondeu Joaninha tornando-se outra vez melancólica.

— Mas são do Senhor Estácio! Pois não te alegras de servir a um cavalheiro como aquele?

— E quem me servirá a mim, e aos meus amores, Gil?

— Eu, Joaninha. Em tudo que for, palavra de pajem.

— Isso dizes tu agora; mas em chegando a ocasião... Porque, olha, Gil, para servir e ajudar amores, é preciso tê-los sentido já por sua conta; sem o que o mesmo é falar deles que nada.

— Se assim é, já não te posso valer, rapariga, mas querendo tu, servirei para levar-te algum mimo ou recado!

— Não careço. Para curtir desenganos eu mesma me ajudarei da minha resignação!

— Mas afinal fazes o que te disse?

— Em negócios de senhores e gente fidalga não me meto, que já bastam cuidados meus, para ainda acrescentar outros por conta alheia.

— Nem por to pedir eu?

— Nem que mo pedissem os santos.

Gil enfiou de raiva:

— Também não se precisa de gente da tua laia!...

De um soco enterrou o barrete na cabeça, e caminhou terreiro fora; logo adiante, encontrando um tabuleiro de doces que estavam a secar, virou-o de trambolhão com um pontapé. Ao passar pela alfeloeira, olhou-a de través, e lançou-lhe como um dardo esta palavra:

— Gasguita!...

Joaninha soltou uma risada gostosa, e arremessou-se a ele, cingindo-o ao seio.

— Pois não vês tu que são brincos?... Queria meter-te figas!...

— Bem verdade?

— Vou-me já deste passo a Nazaré. Fazer o que, não sei ainda; mas como é para bem, o Espírito Santo me mandará alguma boa lembrança!

— Oh! se mandará, Joaninha! E então a ti, que nunca faltam! Vai a Nazaré, vai; que eu prometo beijar-te os pés quando voltares.

— Os pés, não quero eu!

— Pois a terra que eles pisarem.

— Também, não. Beijarás... beijarás...

— O que, dize?

— Adivinha!

— Que sei eu! Fala logo de uma feita!

— Pensa, enquanto torno. Se não acertares, te direi então.

— Pois sim. E onde te encontrarei para saber o que houver? Virei por ti?...

— Não! Quando for por meio-dia, esperar-me-ás na fonte do Gravatá, mais para cima, onde estão os cajueiros.

Joaninha fechou a porta por dentro, e chegando ao topo da escadinha do sótão, gritou:

— Madrinha, cá me vou! Olhai a rótula!

— Ide, filha, ide com Deus e a Virgem Maria.

— Amém, madrinha!

Com o balainho de doces na cabeça, outro de confeitos no braço, um maço de abanos já feitos e um molho de palha de vários matizes, a alfeloeira seguiu pela vereda que serpejava na margem do fosso. Gil a acompanhava, e de caminho contoulhe mais de miúdo, o que na véspera ouvira de seu amo. No canto da Cadeia separaram-se, renovando o emprazamento para meio-dia.

Prosseguindo sozinha para Nazaré, a esperta mulatinha ia com o sentido todo empregado em seus cuidados, para poder pensar nos amores de Estácio. De vez em quando sorria-se, e sua alma como que batia asas; então apressava o passo gracioso e dava umas carreirinhas feiticeiras, como de lundu; depois corava, empalidecia, e alguma coisa lhe pesava a ponto de entorpecer a marcha viva e o gesto alerta. Assim, nessas vicissitudes, chegou a Nazaré.

Quando pisou a soleira da porta de D. Francisco, foi que lhe acudiu à mente o objeto que a trazia ali; repassou no espírito um momento as circunstâncias referidas por Gil e outras por ela dantes conhecidas. Joanhinha sabia que Estácio gostava de Inesita, por ter muitas vezes encontrado o moço daquelas bandas, e algumas com os olhos pregados

na janela do torreão. Suspeitava que Inesita não era de todo indiferente àquele afeto, pelo que vira nos jogos.

Quanto ao mais, não fora difícil atinar com as causas. O desafio com o alferes era o resultado de ter este surpreendido o segredo do amor de sua irmã. A tristeza de Estácio era a dúvida de ser amado e o receio de que fosse D. Fernando o preferido; era enfim o pânico do coração aterrado ante a perda da felicidade sonhada.

Até aí o ocorrido; faltava o mais difícil, o que devia ela fazer para sossego do desconsolado amante. Cheia da mesma confiança com que partira, entregou-se ao azar e à sua natural malícia. Tirando da bolsa uma moeda, com ela bateu à porta.

Eram dez horas passadas.

Na casa de jantar estava àquela hora D. Ismênia de Aguilar, mãe de Inesita, cercada de muitas escravas, que bordavam e faziam rendas e costuras sobre um estrado coberto de rás. A senhora, tomada de uma paralisia, estava sentada em poltrona de couro à guisa de palanquim, com braços que serviam para transportá-la. Sua fisionomia, que era naturalmente risonha apesar da moléstia, estava nesse dia sisuda e desprazível.

Junto dela, sua formosa filha bordava em um pequeno tear de marfim uma faixa de seda azul; no modo por que o fazia,

e no semblante que tinha, dava mostras bem claras do pesar profundo que a oprimia. Para ela igualmente as festas tinham vindo em má hora.

Ao entrar, Joanhinha parafusou com um rápido olhar todos os cantos da sala, e logo conheceu que também na casa havia novidade. Começou então a rezear que as coisas não estivessem mais embrulhadas do que a princípio supusera; e desde esse instante, sentindo-se abalada com a lembrança das penas de Estácio, não pensou mais senão em servir aos seus desventurados amores.

Avançou na sala, parando três vezes, para fazer a mesura graciosa, e foi ajoelhar junto à cadeira da dona. Beijou-lhe a mão, apresentando depois o balainho dos confeitos, com uns modos mui galantes ao passo que discretos. O semblante de D. Ismênia desanuviou-se.

— Então, moça, disse a senhora sorrindo, que tais foram as festas para ti? Gostaste de fazer figura de princesa?

— Ai, dona, que mal-agouradas festas! A quantos não trouxeram elas tristezas e cuidados.

— Não a mim, que as não gozei, nem sou já deste mundo, se não é para penar e nada mais!...

— Em hora má parece que veio este ano novo! Muitos ouvi eu se queixarem. Também para a dona foi mal estreado?

— Há seis, que todos o são; mas esse promete ser o pior.

— Espero em Deus que ele se troque ainda em ano de venturas para toda esta casa; e os anjos digam amém.

Durante estas palavras, Inesita nem tirara os olhos do bordado, nem mostrava ter-se apercebido da chegada de Joanhinha. Quem observasse com atenção a atitude e o aspecto da gentil menina, conheceria que a mágoa havia chegado ao estado de plenitude; bastaria uma gota para fazê-la transbordar em soluço e pranto daquele seio intumescido e daqueles olhos upados. Joanhinha tanto conheceu, que mudou logo de tom:

— A dona não tira mais confeitos?... E a doninha, não me compra nada?

— Estou hoje mofina, Joanhinha. Nada me apraz.

— Ai, que acertei!... Trouxe hoje uns confeitos milagrosos, que têm a virtude de curar toda pena, assim do corpo que d'alma. Amargores de boca ou de coração, mal de saudades ou displicências, tudo saram estes confeitos, que é uma coisa nunca vista, nem falada. Porém outra maior excelência têm eles, que já passa à maravilha, e é, como se derretem na boca, logo naquele instantinho, pelos efeitos da cor mui alva fazem que a vista de quem os manja se aclare por forma que tudo vê, ainda o que está longe e fora dos olhos; e pelos efeitos da grande doçura tornam a voz tão

suave, que muito espaço depois ainda se ouve o canto dela. Sem falar de outras virtudes, por menos celebradas, como um só confeito pequenino matar a fome por um dia inteiro, remoçar a gente, apagar os vapores que sobem à cabeça, e tirar ou dar sono conforme se quiser!...

A garridice e gentileza com que a feiticeira mulatinha tagarelava, acompanhando cada frase de um gesto brejeiro, já haviam ganho de todo as boas disposições de D. Ismênia, que a escutava sorrindo:

— Também fazem os teus confeitos a língua palreita, não é, moça?

— Lembra bem a dona. Esquecia-me essa virtude, que é a ponto de obrigar os mudos a falar. Estes confeitos chamam-se confeitos da fada, porque foi ela que ensinou a receita a uma velha, mui velhinha, da qual passou a outra, e a outra, e a outra, até que a soube minha avó torta, donde me chegou a mim. E o como a fada inventou o confeito encantado, é uma história mui primorosa, que me ensinaram. Quer a dona que lha conte, tal como ma contaram?

— Conta, moça, conta; mas vê que se não for bonita, como dizes, não te comprarei os confeitos.

— Oh! fique a dona descansada. Verá se a engano.

Joaninha de joelhos como estava, sentou-se sobre os pés, deitando o balaio de doces e os abanos em cima da banca posta entre D. Ismênia e a filha. Inesita continuava no fundo recolhido; todos os requebros e caídos da mulatinha para excitar-lhe a atenção eram baldados. Seu espírito andava tão absorto e soldado no íntimo, que era difícil trazê-lo aos sentidos.

A menina estava ainda no atordoamento do mesmo golpe, que na véspera esmagara Estácio. Ao recolher do sarau seu pai lhe anunciara que a havia destinado para esposa de D. Fernando de Ataíde, coisa em que nunca ela sonhara. Foi como se lhe espremessem o coração, cheio das primícias de um puro amor, para enchê-lo de amargores cruéis. Passara, ela também, aquela noite aziaga, em angústias. O sono lhe desertara dos olhos, como o sossego d'alma.

Inesita amava Estácio; amava-o desde o dia em que no fulgor da tempestade que desabara sobre a cidade, ela se mostrara um instante, da gelosia, aos olhos do moço. Até então, e desde o primeiro dia em que o vira de relance na baía, esse menino orgulhoso, tanto como arrojado, apenas lhe causava terror, um terror travado de admiração. Lembrava-se do modo por que três vezes o vira, e na ingenuidade dos verdes anos talvez acreditava que lhe houvessem lançado algum quebranto, para mal dela e dele. Quando o estudante postou-se em frente à sua casa resolvido a não arredar pé sem vê-la, logo que o descobriu foi refugiar-se perto da mãe. Voltou, e achando-o no mesmo

lugar, correu ao oratório e implorou à Virgem. Da terceira vez não saiu da porta da recâmara. Por último encostou-se no alizar da gelosia, e seu olhar coando entre as grades, rendeu-se cativo à contemplação do bem querido.

A primeira audácia desse amor foi aquele abrir instantâneo da gelosia. A menina teve dó de Estácio; compreendeu sua insistência, e adivinhou que o único meio de o obrigar a recolher do temporal, era satisfazer-lhe o desejo. Esse arrojo primeiro foi depois resgatado por perto de um ano de timidez, de recato e silêncio. O amor de Inesita cresceu isolado, mas teve um abrigo doce no seio de Elvira, sua amiga e confidente.

Agora que esse coração floria com os raios de sua manhã, era quando sopra mau o vinha murchar de repente, e talvez para sempre finá-lo! A gentil donzela recolhia pois dentro dele e encerrava-se na chaga que lhe haviam aberto.

Como podia ela escutar a garrulice da alfeloeira?

Joaninha, depois de uma pausa, em que teve os olhos pregados no semblante da menina, começou assim a história dos confeitos encantados:

— “Foi um dia uma princesa, formosa como o sol, e que se chamava...”

Sorriu apontando para a donzela:

“Chamava-se Inesita; mas todos a conheciam por Flor de Beleza.

“El-Rei, seu pai, vendo que ela tinha chegado à idade de tomar esposo, e querendo com justa razão para tão gentil senhora o mais guapo cavalheiro que pelo mundo houvesse, mandou deitar bando, fazendo saber a todos os príncipes das partes d'além, que daria por prêmio de sua valentia a mão da filha àquele que sobre todos se avantajasse nos torneios que para esse fim se haviam de celebrar.

“Começou de chegar gente de todas as partes para assistir aos torneios, e os príncipes mais nobres e formosos da terra para neles pelejarem; porém de todos que já tinham chegado e dos que ainda vinham em caminho, nenhum era para se comparar com o gentil cavalheiro, que a sorte por aquele tempo, andando ele a correr mundo, levou à cidade.

“Só na véspera dos torneios aí entrou, e tão descuidado de seu coração, que ali mesmo o perdeu, ou lho arrebataram, como é mais certo, umas estrelas do céu. Foi o caso que nessa tarde subindo a princesa ao mirante, para refrescar da calma, e avistando aquele airoso mancebo que vinha ao galope de seu corcel negro, debruçou-se um instante para vê-lo; e então esses olhos assim como arrebataram o coração do cavalheiro, também foram punidos, porque trouxeram um filho, que chamam amores, e é espírito traiçoeiro, que embriaga muito.

“Assim rendidos um do outro, ficaram cuidando ambos, o cavalheiro, quem seria a tão formosa dama, encanto dos olhos e flor de graça; a princesa, se o gentil e galante cavalheiro seria algum dos príncipes que vinham disputá-la. Mas antes é de saber o nome do bravo cavalheiro. Chamava-se ele...

“Chamava-se *Está...*”

Aqui Joanhinha interrompeu-se de repente, e voltando-se para as escravas que segredavam, fez gesto de silêncio:

— Psiu!... Assim falando não se pode contar.

— Calem-se daí! disse D. Ismênia muito interessada na história.

— Chamava-se pois Está... nislau!

O engenhoso trocadilho feito pela esperta alfeloeira foi tão habilmente executado na presteza do gesto e na acentuação da palavra, que o nome de Estácio vibrara distintamente primeiro ao ouvido, depois dentro d'alma de Inesita. Joaninha acertara no golpe; o efeito da palavra foi prodigioso. A moça estremeceu, como se despertasse; e erguendo a fronte, fitou os olhos inquietos no rosto brejeiro da alfeloeira. Esta sorriu-lhe; mas que sorrir! Misto indefinível de tantos sentimentos! Consolo e esperança, através do qual filtrava um raio de inteligente malícia. O coração da menina sentiu um bálsamo suave a embeber-se nele, ao mesmo tempo que um fluido desconhecido vazando-lhe dos olhos, comunicava com a sua a alma da rapariga.

Joaninha, sorrindo sempre, e sem tirar os olhos da donzela, prosseguiu sua história:

—“Chamava-se pois Esta...nislau, o cavalleiro que tão depressa se rendera aos encantos da princesa. Como foi dia, e a primeira claridade tingiu as nuvens do céu, ele mais que depressa revestiu as armas, e foi pôr os olhos não dormidos no mirante em que tivera a dita de ver quem por seu mal lá fora; porém a esse tempo estava a princesa tocando os lindos cabelos, para descer ao torneio. Acertou então de passar o arauto que andava pregoando o bando pela cidade, e tão de jeito, que percebendo o cavalleiro ser aquela sua dama a mesma Flor de Beleza de que aí se tratava, correu em busca de seu corcel, que deixara na pousada. Era o

famoso corcel negro, mais ligeiro que o vento, mais bravo que um pelouro.

“Já tocam as alvoradas de charamelas e trombetas na entrada da carreira. Os cavalheiros estavam recolhidos às suas tendas. A gente da nobreza nos palanques, a do popular no terreiro. Chegou El-Rei, guiando pela mão a princesa sua filha. Foi um resplendor que alumiou a praça toda, quando Flor de Beleza apareceu. Parecia a rainha das fadas, se não era mais formosa. O vestido que trazia era azul e de muito primor; tinha no toucado tanta pedraria fina que cegava os olhos. A princesa cercou com os olhos a teia, e ficou triste porque não viu em nenhuma flâmula as cores do seu cavalheiro, que eram, escapou-me advertir, azul e branco.

“A um senho de El-Rei travaram-se as justas e pelejas, levando a todos de vencida um príncipe não mal parecido e afortunado de todos os bens. Mas ainda que ele era mui particular amigo e companheiro do irmão de Flor de Beleza, não tivera o dom de tocar-lhe no coração para outro reservado.”

— Qual nome tinha esse? perguntou Inesita.

— Tinha nome *Fer... Não!... D. Cisnando!... D. Cisnando!*

Inesita não pôde reprimir o sorriso. Agora escutava ela com sofreguidão a história dos confeitos encantados; pressentiu

que sob o disfarce desse conto havia alguma coisa que lhe dizia respeito, a ela e a Estácio também; seu olhar impaciente crivava a mulatinha para apressar o desenlace. Mas esta que tinha de satisfazer a curiosidade da velha e ao mesmo tempo de adormecer a desconfiança das escravas enredeiras, com um gesto imperceptível acenou à menina que esperasse.

—Maldizia-se Flor de Beleza de sua desdita e do mau fado, que lhe pusera ante os olhos aquele gentil cavalheiro do mirante, só para seu maior mal, pois se o não vira e nesse ver não lhe fosse o coração cativo, não sentira agora tão cruel a sorte que a entregava a outro. “Mofina de mim!... Meus olhos vão ser duas fontes; minha boca uma gruta erma; meu peito uma urna de saudades”. No meio destas lástimas tão sentidas, e quando já o juiz do campo guiava o vencedor pela escadaria aos joelhos de El-Rei, de quem havia de receber o cumprimento da real promessa, a mão de Flor de Beleza...

“—Suspendei! gritam fora. E o clarim: — Tararara, tran; tararara, tran!... E o povo a correr; e as damas a se debruçarem nos camarins; e os olhos todos voltados para a entrada. Era um cavalheiro à desfilada pela praça adentro; montava corcel negro; eram negras as armas, sobre as cores azul e branco do traje. Flor de Beleza levou a mão ao coração que lhe fugia, e desmaiou de ventura; mas logo voltou a si, que esses desmaios de ventura são assim passageiros como um sopro.

“O cavalleiro estacou na entrada da carreira; e batendo com o conto da lança no chão que estremeceu, proclamou este desafio:

“— Ouvi-me todos. A mão da minha gentil princesa e senhora, celebrada por Flor de Beleza, que El-Rei, seu pai, prometeu dar ao mais valente campeão; essa mão, digo eu bem alto, não pode pertencer mais que a um só cavalleiro no mundo: aquele em quem ela pondo o seu carinho, deu forças para que a todos vencesse!

“— E esse quem seja, disse-o! gritou D. Cisnando irado.

“— Aqui o tendes presente, para declarar em face, a quem se arroje ao contrário, que é um falso e aleivoso, indigno do nome de cavalleiro e das armas que traz!...

“— Pois digo-o eu, cavalleiro das armas pretas; que refalsado, aleivoso e cobarde, é aquele que ousa alçar os olhos onde não chega o seu ardimento.

“Os cavalleiros tomaram campo; e Flor de Beleza não tinha acabado de dizer Jesus, que já D. Cisnando era atirado de cambalhotas no chão com um só bote de lança, que lhe deu o airoso cavalleiro das armas negras. Declarado este vencedor, foi ajoelhar aos pés de El-Rei; mas no momento em que já recebia o prêmio, o príncipe, que estava mortificado de ver o amigo vencido, adiantou-se para o estrado do pai:

“— Saberá Vossa Real Majestade, que tenho razões de muita gravidade a opor.

“— Diga o príncipe, que o escuta seu rei e pai.

“— É o caso, que se não há duvidar da gentileza o valentia do cavalleiro das armas negras, aqui presente, outro tanto não sucede com a nobreza de raça e nome. Pois não tendo chegado em tempo e nem dado seus apelidos, é de todos desconhecido, e assim como pode ser bem-nascido, segundo penso, pode também não estar na altura de pretender a mão de tão formosa princesa, filha do mais poderoso rei da terra.

“— Discorreis, príncipe, com muito acerto; e folgo de ver que já nessa idade sois homem de conselho.

“Voltando-se para o cavalleiro, perguntou-lhe:

“— Sois de sangue real, cavalleiro, e de que terras?

“O mancebo enfiou com a pergunta, pois sua fidalguia não passava de cavalleiro, embora seus feitos fossem de imperador. O que sabendo El-Rei, o despachou mui descortesmente, declarando-lhe que sua filha não era para ser merecida senão por quem fosse pelo menos filho e neto de rei. Retirou-se então a corte; Flor de Beleza entrou em palácio com o coração cortado; e logo subiu ao mirante, para ver o lugar onde um momento fora feliz.

“Entanto o infante, penado com a derrota do amigo, como era valente, brioso e soberbo, foi-se dali ao Cavalheiro Estanislau, e atirou-lhe um desafio, para desafronta de haver ele, simples aventureiro, alçado a vista para sua irmã Flor de Beleza. Emprazaram-se para o romper da manhã, num sítio próximo da cidade; e o cavalheiro recolheu mui contente de si, ainda que triste do sucesso, todo esperançado no bem querer da princesa, porque ele sabia que amor nada há que não vença. Abalo algum lhe dava o desafio do infante, tão certo estava de que o desarmaria sem ofensa, pois a sua gentileza nas armas era ainda para maiores coisas.”

Inesita estremeceira outra vez no lance do desafio; e pálida e ansiada, ficara sem respiro, enlevada dos lábios travessos da Joaninha, que vendo este afogo, disfarçara com os balaios, empurrando-os da beira da banca onde se achavam e dizendo como se falasse com eles:

— Sentido daí, senão, senão!...

Advertida, a moça dissimulou, e Joaninha ia continuar, quando na porta fronteira da entrada ouviu-se o sonsonete pausado e pachorrento de uma voz sonora:

— Licença para o capelão da casa!

Encheu o vão da porta o toro nédio e rochonchudo de um frade, abaixo do regular. Pelo bem cevado da papada e

cachaço, mais que pelo grosso burel cor de vinho, divulgava o recém-chegado a regra de sua observância; era sem dúvida a melhor amostra do frade bento, tal como o conheceram ainda nossos avós. Fisionomia beática, olhos espertos e folgazões, mansuetude do gesto, palavra insinuante, era o que logo inculcava o aspecto do religioso.

— Entre, Frei Carlos da Luz, nesta sua casa.

Depois de informar-se da saúde espiritual e corporal da dona e filha, e dar sua bênção às escravas, pajens e crias, o religioso acomodou-se numa poltrona ao lado de D. Ismênia, e enterrando o pescoço no gordo toutiço, esperou que advertissem a D. Francisco de Aguilar da sua visita. Entretanto os olhinhos cerrados com o peso das grossas pálpebras, viam pela estreita fresta quanto passava no aposento.

À entrada do frade, Inesita mordera os lábios de despeito, e Joanhinha não se pôde conter que não lhe atirasse por detrás um momo, que fez sorrir a D. Ismênia. A dona tinha suas razões para não agasalhar muito o beneditino, que em compensação, protegido pela parte masculina da casa, ia seu caminho sem dar-se por achado. Assim mal respondeu às primeiras saudações, a dona logo voltando-se para a mulatinha, disse-lhe:

— Vai por diante, moça. Gosto da história: já li coisa parecida, que muito me deleitou.

A mulatinha não se fez rogar.

— Onde fiquei eu? perguntou Joanelha.

— No desafio do infante.

— Sim. Era para o romper da manhã, e o cavaleiro estava muito descansado de seu. Mas o Tinhoso as tece a seu jeito. Saberá agora que o infante tinha um feiticeiro...

Neste ponto a travessa mulatinha com um trejeito dos lábios e um esgar dos olhos designou o rochonchudo frade:

— Com que o infante tinha um feiticeiro que era uma bola de gordo e roncava como um porco, cujo feiticeiro corria fama ser forte nas artes da mágica preta. Foi-se a ele o infante, e pediu-lhe que arranjasse modos de sair vencedor do combate com o cavaleiro. Que havia de responder o bruxo?... “Esse cavaleiro, ilustre infante, tem em si uma grande força que o faz invencível, como Sansão; mas essa força não traz ele nos cabelos como o outro, senão dentro do coração. É o contentamento de sentir-se querido de Flor de Beleza.”

“Como o infante saía descoroçoado, o bruxo tornou-lhe, que não obstante pelos seus feitiços podia tirar aquele contentamento d'alma do cavaleiro, se lhe desse o infante vinho velho e boa papança. Prometeu o príncipe, e o bruxo tomando a vara de condão, gritou: — “Por artes de berliques e berloques, e por esta vara de condão, mando-te,

gênio, que me obedeces, que entres no corpo do Cavalleiro Estanislau, e lhe façás ver o que a mim aprouver.” Logo sentiu-se um cheiro de enxofre, e depois uma fumaça que saía pela janela: era o gênio que se foi meter no corpo do mísero cavalleiro, o qual desde aí viveu em sonho.

“E aconteceu que nesse sonho mau ele viu um sarau, e nele Flor de Beleza mui contente e satisfeita a escutar as falas de D. Cisnando; e ouviu muitas vozes que diziam ao seu ouvido que a princesa estava de todo rendida aos afetos do príncipe, e olvidara seu cavalleiro fiel e a prenda com que o prendara.”

— Qual prenda? inquiriu D. Ismênia.

— Pois eu não disse que Flor de Beleza na justa atara seu lenço à lança do vencedor? Disse. Ora, quando o sonho passou, o cavalleiro ficou-se crente no que vira e ouvira, como se acordado estivera; e sentiu que a vida se despedia dele com tão cruel desengano.

Nesse ponto da história entrou D. Francisco de Aguilar, que acudia à visita do frade; e logo começaram ali uma prática em meia voz. Inesita pendera a frente sobre a tela do bordado, e uma lágrima, que a seu pesar estalou dos olhos, rolou como aljôfar pelo cetim verde.

— Anda, rapariga.

— Aguardou o cavaleiro o desafio com tenção feita; e essa foi de pôr sobre o coração a prenda que lhe dera Flor de Beleza, e enfiar-se por aí na espada do infante e cair dela trespassado.

Inesita soltou um grito de horror; mas Joanhina que já contava com ele, estava preparada. De um revés da mão atirara um dos seus balaios de cima da banquinha ao chão, e tal escarcéu fez e tal rumor de susto e risada para apanhá-lo, que ninguém se apercebeu do ânsia e pavor da donzela.

— A pensar assim, foi o cavaleiro lá consigo dizendo: “Morrerei nela, dela e por ela. Nela porque esqueceu este triste; dela porque virá o golpe de quem tão conjunto lhe é; por ela, a fim de não magoá-la com a memória de sua inconstância”. E chamou seu pajem e disse-lhe: “Pajem fiel, quando me vires trespassado, levarás esta prenda a Flor de Beleza, e lhe dirás que o sangue de que vai tinto lave-o com as lágrimas que derramaria por seu irmão; pois são o resgate delas.”

“Durante que estas coisas passavam, Flor de Beleza, triste sim, mas não suspeita dos perigos que ameaçavam seu gentil cavaleiro, bordava no seu mirante uns labores mui lindos, que eram um primor de agulha. Quis então sua estrela que aparecesse à porta do palácio uma velha, mui velhinha, com um balaio como este, cheio de confeitos para vender, pedindo que a levassem à presença de Flor de Beleza. Mas era a velha tão horrenda, que não lhe

consentiriam, mesmo quando o recato da princesa permitisse ver gente estranha. O mais que fizeram foi levar o balaio dos confeitos à princesa, a ver se agradavam a seu real prazer.

“E sucedeu um caso pelo qual logo se viu que eram encantados os confeitos e foi que o pajem que os levava, de caminho, querendo meter o gadanho para filar alguns, achou-os em brasa; e gritou por tal forma que ali acudiu El-Rei, a rainha e todos os grandes do palácio. Informado o caso, riram do pajem, porque não havia brasas, senão confeitos muito claros na cestinha; porém maior foi o pasmo quando sentiram também chamuscada a ponta dos dedos, assim como quizeram tocar-lhes. Só Flor de Beleza achou-os frios e tão apetitosos, que o mesmo era tocá-los que sentir-lhes o sabor.

“Aí foi o encanto e a maravilha; porque mal que os confeitos se derreteram na linda boca da princesa, logo pelo efeito da cor, seus olhos tornaram-se tão claros que viram além o cavalheiro lastimando-se, e leram o que ele tinha n'alma. Caminhando até a janela, como se chegasse perto dele, soltou mui de mansinho estas falas: “Esposo meu, vivei e nesta fé que ora vos juro, que se vossa não for, de mais ninguém”. E pela virtude da doçura grande dos confeitos estas vozes derramaram-se por aí a fora nos ares como uns favos de mel, e foram cair no coração do cavalheiro.

“Assim foi quebrado o encanto do bruxo; porque restituído o cavalheiro ao contentamento de ser querido por Flor de Beleza, e à sua valentia, soube tão bem defender sua vida sem ofensa do infante, que ganhou-lhe a generosidade. E El-Rei a quem foi levado o caso, conhecendo quanto sua filha amava o esforçado cavalheiro e quanta razão tinha para isso, o agasalhou muito na sua corte e com o tempo deu-lhe a mão de Flor de Beleza. Houve grandes festas, e um banquete como nunca se viu. E assim acabou a história, e manda El-Rei, nosso senhor, que me compre a dona os confeitos encantados.”

— Dá cá o balaios! disse a dona acenando a Joanhinha que lho pusesse ao colo. Quando tornares, hás de contar-me outra bonita como esta. Ouves, moça?

— Dona, sim.

Se a história agradara a D. Ismênia, a Inesita a pusera numa terrível perplexidade. Compreendera perfeitamente o engenhoso disfarce com que a mulatinha lhe dera conta do que era passado e do que podia suceder a Estácio, se o não salvasse ela com uma palavra semelhante à que proferira da janela Flor de Beleza. Tinha a morte n'alma; e por mais esforços que fizesse não acabaria consigo de resolver-se. O amor de uma parte, o respeito filial da outra, sem contar o recato e a timidez, partiam sua vontade.

E o tempo corria; Joanhina debruçada sobre a banquinha esperava debalde uma palavra.

Inesita ia talvez proferi-la, quando seu irmão entrou e veio justamente sentar-se ao lado dela. A menina fez-se lívida, e presa de terror se concentrou tão completamente no bordado, que parecia debuxada com ele. O alferes encontrando ali, com mostras de tanta entrada na casa e família, a mulatinha, rugara o espesso sobrolho. D. José não era esperto; mas em extremo desconfiado. Ora, uma das coisas que mais o apoquentara na véspera, descobrindo os amores de Estácio com Inesita, era o modo por que nascera esse afeto e crescera. Notara entre ambos os amantes uma certa inteligência, e incapaz de compreender, como de sentir, a sublime delicadeza de um amor puro e elevado, entendera que por força houvera entre eles falas ou recados; isto o admirava, pela educação que recebera sua irmã. Achando ali a mulatinha, logo uma suspeita o assaltou, que fosse ela a mensageira dos ocultos amores; e pôs-se alerta.

Joanhina também de seu lado vendo entrar o alferes, embaçou temendo nada mais conseguir, não tanto por ela, como pelo estado em que ficara a donzela; mas a mulatinha era fértil em recursos, e de uma tenacidade invencível. Seu amor-próprio ali estava empenhado:

— Bem-vindo é o senhor alferes, para mercar um dos meus lindos abanos?... Qual será?...

— Nenhum, respondeu o moço rispivamente. Quando quiser vento, montarei meu cavalo e irei até a Barra, onde o há de sobra. Não careço desse sestro de namorados.

— Ui, gente!... Se fosse algum velho judeu que mercasse os meus abaninhos, aposto que o senhor alferes não enjeitaria, mas como é a pobre da mulatinha que a ninguém tem por si, nem parentes amparados, nem filha formosa!...

— Que dizes tu, alfeloeira? perguntou o alferes voltando-se.

— Nada, senão que inda agorinha, em passando Rua da Palma abaixo para vir aqui, uma doninha mui graciosa que estava à rótula com os olhos no caminho, mercou-me um dos meus abanos.

— Na Rua da Palma?... perguntou o alferes que enrubesceu repuxando os bigodes.

— E mais ela não tinha sestro de namorada. Certo é que muitos não têm o sestro, que lhes têm as manhas; e pelo jeito de umas perguntinhas que eu cá sei...

A mulatinha apontoou esta reticência com um sorriso dos mais brejeiros. O alferes lançou à direita e à esquerda um olhar para ver se alguém o observava; em seguida fez à alfeloeira um gesto que ela traduziu como um emprazamento para continuação da conversa fora da casa, e simulou não compreender.

— Então o senhor alferes não me compra mesmo um abanilho?... Tão lindos que são!

— Para mimo de alguma dama, não digo que não! Mostrai-os cá.

— Nenhum como este, fiaí de mim; já pelo bem tecido, já pelo bem combinado dos matizes. Olhe a doninha; não lhe parece muito lindo?

Inesita volveu o olhar, que logo retirou para absorver-se toda no trabalho.

— Pensais então que seja este o que mais agrada a uma dama de bom-gosto?

— Por sem dúvida! Demais este abanilho tem uma virtude!... Um encantamento, o qual é, quando seu dono dele abanar-se nas horas de maior calma, como as três, logo faz aparecer diante dos olhos a pessoa que tiver no pensamento. Veja a doninha como é feiticeiro!...

O alferes sorriu. Inesita estremeceu, e a fronte vibrando pareceu acenar uma negativa enérgica. Joaninha mordeu os beiços, resolvida de uma vez a acabar com essa timidez. O ensejo não tardou.

— Tudo acreditara eu de um abano, acudira o alferes chasqueando; menos que servisse de chamar a gente.

— Mas se é sua virtude mágica essa!...

— Embora, a mágica não anda tão avessa do que é, pois sempre ouvi, que para o dinheiro dão as fadas uma bolsa encantada, para a comida uma toalha de mesa, e assim o mais.

— Ora!... fez a mulatinha com um muxoxo. Nas mãos de quem sabe, tudo serve não só para o que é feito, mas para o que se deseja.

A voz de Joanhinha tomou um tom vibrante:

— A prata foi feita para gastar-se, e tantos que a aferrolham. O agrado mandou Deus que fosse dado de coração, e não falta quem o merque. E para não ir mais longe, essa espada que aí tendes à cinta, senhor alferes, é ferro de talhar, o que não vos impedirá de amanhã, quem sabe, *coser* a estocadas o peito de vosso inimigo!... Também aquela agulha, que ali tem a doninha, é ferro de bordar, e quem quisesse escreveria com ela. Mas tudo isto é nada, pois com esta palha que aqui vedes, querendo eu, vos farei uma bilha como a que levou Raquel à fonte onde a encontrou Jacó!

O engenho com que a mulatinha meneou o seu jogo era coisa de embasbacar o mais mitrado jesuíta. Depois de algumas palavras alusivas ao amor de Inesita, ela atirou à menina certo bote, ameaçando-a com a morte do amante

pelo irmão; logo sob o atordoamento dessa ideia, espertou-lhe no espírito embotado pelo desânimo um meio de fazer chegar a Estácio a palavra salvadora; finalmente para evitar que a atenção do alferes se demorasse naquela lembrança da agulha, lançou-lhe o nome, cujo ela sabia ser o efeito mágico.

Nesse instante Fr. Carlos da Luz, deixando a prática de D. Francisco, achegou-se ao alferes e disse-lhe à puridade:

— Gente de terreiro, amigo D. José, nunca se deve deixar que penetre tão dentro das casas de bem!

O alferes fez um sinal de aquiescência, e cedendo ao mesmo tempo a outro pensamento oculto, disse para a mulatinha:

— Bem, alfeloeira; segui vosso caminho; à porta recebereis a paga de vosso abanillo. Mandar-vo-la-ei pelo pajem.

— Senhor, sim!

Então Joanhina, fingindo que arranjava os balaios para sair, começou com D. Ismênia uma tal e tão longa ladainha, que foi um Deus nos acuda. A língua da alfeloeira movia-se com rapidez igual à de suas mãos sutis; ela se erguia e ajoelhava outra vez; cobria e descobria os balaios; parecia realmente mordida de uma tarântula. Nunca se viu uma garrulice semelhante!

Inesita bordava agora com sofreguidão. Seu irmão se erguera, e esperando a saída de Joantina, abaixara os olhos para o tear:

— Esta é a faixa que me destinais de mimo, D. Inesita? Que lhe pondeis aí?

Foi lívida como um lençol e com a voz sumida que a menina respondeu:

— Bordo a tenção!...

— Qual ela é?...

Interveio Joantina que estava alerta:

— Tendes já o vosso abanillo, senhor alferes? Mas não! Vos enganastes; outro é! Há de estar aqui entre estes.

Assim falando, a mulatinha fez um estenderete de abanos sobre o tear de Inesita; insinuou-se ligeiramente entre a menina e o irmão; e deu de rosto a este que se fosse. Como hesitasse ele, se sairia, a alfeloeira debruçou-se no tear e recolheu de novo os seus abanos, não sem primeiro os passar de uma a outra banda, de modo a cobrir inteiramente o bordado.

Inesita a olhava estática.

Enfim depois de muita mesura, Joanhinha saiu; e no corredor escondeu ao seio o escudo de seda verde que Inesita bordava. Com pouco veio o alferes à porta.

— Tende-vos aí um instante, enquanto levo à vossa irmã sua agulha que veio na minha toalha!...

— Deixai que lha darei.

— Deveras! para que digam que me seguistes!

— És fina, alfeloeira!

— Mais sois vós, senhor alferes. Aposto que passaríeis pelo fundo desta agulha! Que o digam as seteiras da Rua da Palma!

— Rapariga, olha esta língua!

Joanhinha voltou à casa de jantar, em tão boa hora que D. Francisco conversava com sua mulher e o frade. A pretexto de restituir à moça a agulha, ela pôde segredar-lhe:

— Não lhe mandais nada mais?...

— Estou prometida, por meu pai a D. Fernando, por meu fado à terra fria. Dizei-lhe isto, e acrescentai que lhe rogo viva por mim, já que Deus não quer que o seja para mim.

Murmurou estas palavras com os olhos rasos de pranto.  
Joaninha sumiu-se temendo que o percebessem.

À mesma hora em que Vaz Caminha despertava, erguia-se de seu catre no Mosteiro de Jesus o reverendo P. Gusmão de Molina, ao cabo de um sono curto e agitado.

Depois de curar do asseio de sua pessoa e arranjo da cela, o visitador, que tinha em alto grau o espírito de ordem e método, fez seu exame de consciência. Recapitulando todos os sucessos da véspera e observações que lhe haviam sugerido, traçou na mente a regra para o dia que principiava. Isto fez ele durante a leitura do breviário, para melhor poupar o precioso tempo.

Tomou então de sobre a banca uma correia de chaves, e foi em busca do cartório, onde pouco se demorou. Na volta, trazia sobraçado, mas bem oculto pelo hábito, um grosso volume, digno êmulo do famoso alfarrábio do P. Manuel Soares, a não ser que este tinha uma capa de couro vermelho com o emblema da Companhia em negro sobre o frontispício e uma grande cruz no lombo; de mais guarnecido com fechos de metal amarelo.

O P. Molina escolhendo na correia uma pequena chave de broca, primor do irmão serralheiro, abriu os cadeados e levantou a capa do livro vermelho. No rosto achou o que naturalmente procurava, porque mal demorou o olhar sobre o título escrito em lindos caracteres góticos, o qual dizia

assim: — *Livro grande do assentamento dos irmãos seculares nesta Província do Brasil.*

Já havia o visitador perpassado rapidamente mais de meio volume, quando seus olhos caíram sobre um assentamento que despertou nele a curiosidade; levou o índice da mão esquerda ao lugar da página onde começava a nota, e releu dessa vez com muita lentidão as palavras escritas:

*“D. Ismênia de Mascarenhas do Couto Aguilar, esposa de D. Francisco de Aguilar, Senhor de Paripe, dona de jerarquia por descendência, como por aliança. Jurada secretamente aos 15 de novembro de 1599. Enfermou de paralisia que a tem tolhida em uma cadeira, pelo que esmoreceu nas obras, sem contudo arrefecer no zelo, devoção e obediência.”*

O frade esteve a cogitar algum tempo com a vista pregada na escritura, ou porque lhe despertasse ela uma série de pensamentos, ou porque estivesse a decifrar naquelas palavras seu verdadeiro e cabalístico sentido. O jesuíta, quando fosse obrigado a escrever, ensinava a *Monita Secreta*, que escrevesse o menos possível, só quanto bastasse para ser entendido. Ninguém mais versado nessa cabala do que o P. Molina; pelo que não é de estranhar que inquirisse do escrito o que ficara na tenção do escritor.

— Bom!... murmurou sorrindo. Com tão boa âncora, não haja medo que daquele porto garre a barca de São Pedro!

E continuou a folhear o livro.

Aí bateram devagarinho à porta da cela, e uma voz açucarada enfiou pelo buraco da chave:

— Vênia para o irmão despenseiro?

— Entre, irmão! respondeu o P. Molina depois de ocultar o livro vermelho.

O leigo entrou com muitas reverências e gatimanhos, trazendo uma taça de porcelana:

— *Dominus vobiscum!*...

— *Et cum vobis, amen!*

— O reverendo padre provincial manda trazer a V. Paternidade, e saber como lhe foi o passadio da primeira noite nesta casa de Deus.

— Agradecei por mim ao P. Provincial tanta bondade para com seu humilde súdito. Que trazeis aí, irmão?

— É um caldinho quente de cana, famoso para fortalecer o peito e muito necessário nesta terra para reparar da grande perda dos suores.

— Deixai!

Ficando só, o religioso voltou ao exame, interrompido a espaço pelos goles de garapa quente, que sorvia da taça. Depois de algum tempo de novo parou a vista sobre segundo assento, concebido neste teor:

*“João Fogaça, capitão de mato, jurado aos 10 de setembro de 1607, no sertão, onde passa todo o mais tempo. É homem forte e destemido, importante de sua pessoa e da banda de cem homens que traz a seu mando; grande sabedor das manhas e ardis do gentio; em uma palavra obrador de grandes feitos e capaz de maiores ainda.”*

Neste assento a demora do religioso foi menor; contudo leu-o duas vezes e depois de dobrar o canto superior da página, fez com a unha uma cruz à margem. Correram as folhas sob o impulso do dedo ágil e impaciente do P. Molina; às vezes paravam enquanto ele firmava sobre algum nome a vista que relanceava do alto ao baixo da página. Afinal encontrou o frade o que sem dúvida procurava, porque respirou como ao cabo da tarefa, e erguendo-se foi espiar pela rótula o lindo painel da baía, achamalotada pela brisa e dourada pelos esplendores do sol americano.

Tornando à mesa, esgotou a taça, e fixando no livro um olhar que parecia, de tão poderoso que era, arrancar da página as palavras ali escritas e gravá-las na memória, leu duas vezes uma sobre outra o pequeno assento; feito o que fechou cuidadosamente o misterioso registro e pô-lo sob chave na arca do canto. Para assegurar-se de sua memória repetiu mentalmente o que tinha decorado e era apenas uma nota deste teor:

*“Tibúrcio Estêvão, magarefe no curral do Conselho, para cujas bandas mora. Jurou aos 3 de junho de 1605; ainda não provado. Espírito simples e rudo, mas bem procedido; é mui temente a Deus, e o que lhe for ordenado para seu serviço, certo que o fará, com cegueira de entendimento, mas energia de ânimo.”*

Nesse momento um leigo cubiculário, que passava pelo fundo do dormitório, ouviu tocar a campainha no cubículo do P. Molina, e acudiu com açodamento à porta.

— Chame o irmão andador que o requer o padre provincial.

Quando o leigo requerido apresentou-se, o P. Molina o tosou da cabeça aos pés, e conheceu que o pobre tonsurado era um bem-aventurado, incapaz do mínimo raciocínio.

— Sabeis onde pousa Tibúrcio Estêvão, cortador de reses? É conhecido vosso?...

— Para as bandas do Curral. É meu conhecido só de o ver e ele a mim.

— Pois ide da parte do padre provincial dizer-lhe que venha falar-me; e o acompanhareis até aqui, ao meu cubículo. Estais entendido? Pois ide rápido.

O leigo desapareceu, cerrando a porta. O visitador recaiu em suas cogitações. Era ele um acérrimo pensador, desses que se afinam a uma ideia, como o vampiro a uma veia, e só a deixam quando saciados.

Ao cabo de alguns instantes murmurou:

— Careço agora um noivo para D. Inês!...

Olhando para a arca onde guardara o livro, acrescentou:

— Mas esse registro nada adiantaria sobre assunto tão delicado. O P. Figueira, que de todos parece mais de sala, informará da mocidade fidalga da Bahia.

Bateram à aldraba; era o provincial, que saudou com respeitosa amabilidade o superior, sem mostra do menor ressentimento. Não era de balde que Fernão Cardim tinha tantos anos de prelatura; avezado ao governo da

Companhia, ele possuía ao mesmo tempo a ciência do superior que se faz temido, e do inferior que se faz amável.

— Folgo de ver V. Reverendíssima já refeito das fadigas do mar.

— *Gratia*, padre provincial!... V. Reverência acomode-se para aqui.

— Vênia, P. Visitador. Passei unicamente para saber de V. Reverendíssima, como dormiu e se gosta de caça, porque agora mesmo mandou-nos um amigo e devoto da casa, D. Lopo de Velasco, um veado de sua monteria e dois nambus.

— D. Lopo de Velasco, diz V. Reverência? Vive ele nesta cidade?

— No Recôncavo, cerca de légua e meia da porta do Carmo. No lugar de São Gonçalo.

— Ah! não sabia.

— Conhece-o V. Reverendíssima?

— Vi-o em Lisboa há coisa de ano, quando estava ele a partir para seu desterro do Brasil. Pouco trato tivemos.

— Grande caçador, perante Deus, como Nemrod. V. Reverendíssima julgará.

— Não hoje, que é dia de preceito.

— Mas o abatimento da viagem é razão de dispensa!...

— A regra... a regra antes de tudo, P. Cardim.

Saído que foi o provincial, P. Molina acariciou a barba com um gesto de contente e satisfeito, dizendo entre si:

— Nem feito de encomenda o achara tão próprio. Fidalguia muita, grandes haveres, bem composto sempre e melhor apessoado.

A campainha soou segunda vez no corredor, e o cubiculário acudindo teve ordem de mandar que depois do refeitório selassem uma mula de serviço, pedida a vênua do provincial.

Não cause reparo a sujeição que aparentava o P. Molina; ele continuava a residir no Colégio da Bahia, incógnito como chegara. Embora no capítulo da noite antecedente não fizesse nenhuma recomendação a tal respeito, os irmãos professos não necessitavam dela para guardar o segredo inviolável, que era um dos preceitos do Instituto; ao contrário, para que divulgassem o que passara no consistório, fora necessário ordem mui positiva. Eis por que se os professos o tratavam com a deferência devida ao seu alto cargo, o resto da comunidade continuou a ver no visitador um irmão venerável pelas suas virtudes e acatado

pelos superiores, não suspeitando nem por sombras, do grau que tinha ele no Instituto.

Dispunha-se o P. Molina a descer ao poio onde começava de reunir-se a comunidade, quando o irmão andador apresentou-se à porta, precedendo Tiburcino, cuja pata bovina já se ouvia ressoar no soalho. Sentou-se o visitador de novo, e depois de rápida observação, dirigiu a palavra ao magarefe:

— É chegada a ocasião, Irmão Tibúrcio, de empregar-se no serviço da Companhia, que é o serviço de Deus. Lembra-se que tomando a capa de Jesus, jurou duas coisas, obediência primeiro, depois segredo, o que quer dizer que será cego e mudo.

— Os padres podem fazer de mim o que lhes aprouver, porque assim jurei pela cruz, e uma vez a jura feita, está acabado.

— Tivestes ocasião já de ver um mancebo, estudante aqui das aulas do Colégio, que tem nome Estácio Correia?

Tiburcino estremeceu; e esse movimento não escapou ao frade.

— Não têm conta as vezes que o hei visto.

— Que sentis por ele?

— Não sinto nada!

— O Irmão Tiburcino esquece seu juramento. Não é obediência esconder o pensamento. Confesse que o moço Estácio em alguma coisa o molestou, porque sei eu que não gosta dele!

— Como podeis vós saber, padre-mestre, se não vem de mais longe que ontem à noite?

— Sei-o eu, o isto vos baste, para que não procureis iludir-me. Por penitência mando-vos que declareis a ofensa que recebestes.

— Dispensai-me dessa, padre-mestre, ainda que em troca me ordeneis outra mais dura.

— Obedecei!... disse o visitador severo.

Tiburcino inchou como uma untanha; depois de um grande esforço soltou bufando estas palavras sumidas:

— Uma mulher, reverendo padre-mestre, que por meus pecados enfeitiçou-me, e agora me deixa a mim por...

— Seu nome, disse-o logo!

— Joanhinha, a alfeloeira!

O P. Molina refletiu um instante:

— Vejo que é homem de verdade, Irmão Tibúrcio. Aqui tem pois a incumbência para que foi chamado. Neste momento vá à cata do moço, e siga-o por onde for, dia e noite: não lhe perca a pista. À hora de recolher virá aqui dar-me conta do que houver feito. Se entrar em qualquer casa, guarde na lembrança; se com alguém falar, procure ouvir o que diz; porém muito cuidado, em que o não perceba ele, nem desconfie. Está bem entendido?

Tiburcino tinha os olhos no chão.

— Mas, padre-mestre, adverti uma coisa. Já agora sabe o resto: desde ontem à noite que fujo de ver o moço, porque tenho medo se o vir... Pode ser mais forte que eu!... Ora assim um dia inteiro e uma noite após, e a tentação comigo... Então se acertar de ir ter com ele a Joanhinha...

O magarefe a essa só ideia rangeu os dentes.

— Melhor é, padre-mestre, me dispensardes de uma tal coisa.

O frade sorriu dos lábios, mas o olhar pesado e austero disciplinou o carnicheiro:

— Seja pois essa a punição de haverdes pecado. Fareis o que vos disse; ainda mais, defendereis o moço de qualquer perigo que porventura o ameace. De joelhos!... Jurai-o sobre a cruz!... E a maldição do Senhor caia sobre vossa cabeça, se quebrardes ainda que por pensamento este voto.

Tiburcino ajoelhou automaticamente e estendeu a mão sobre a cruz; quando porém o visitador alçando os olhos ao céu e elevando o braço, descarregou sobre a cabeça a tremenda imprecação, tal foi a eloquência sinistra do gesto e a surda entonação da voz, que o mísero carnicheiro tombou com a face sobre o pavimento e ali ficou prostrado nas lajes, trêmulo e beijando a fímbria do hábito.

O religioso ajudou-o a erguer e lhe tornou com bondade:

— Vá o Irmão Tibúrcio na paz do Senhor, que sua alma está fortalecida contra a tentação. Seu salário, como não irá esses dias ao curral, o receberá aqui à noite, do Irmão P. Procurador.

Tocava o refeitório.

O P. Gusmão acudiu ao toque; durante e depois da colação teve com o provincial larga conversa a respeito de várias pessoas da cidade e de outros assuntos relativos aos negócios da Província.

Meia hora depois cavalgava o visitador a mula passeira, seguido de um escravo que trotava a pé, segurando a cauda do animal. Desceram pela ladeira chamada dos Padres, por ficar ao lado do Colégio da Companhia, e ganharam a Ribeira. Junto dos trapiches apeou o frade à entrada de uma casa térrea, de insignificante aparência. Veio à janela e espiou pela parte de dentro da rótula, uma senhora velha,

que logo acudiu à porta para receber o jesuíta com muitos agasalhos.

Essa era a morada de Estácio; e a velha, sua tia materna, D. Mência Figueiredo. Com ela teve o visitador uma prática extensa, sobre diversos negócios de devoção e também de família.

Repicava meio-dia, quando o jesuíta cavalgando de novo partiu, tomando um caminho que da praia subia ao arrabalde do Carmo e passava pelas abas do Morro do Calvário, onde estava assentado o convento. Aí chegando, atravessou o fosso na ponte e seguiu campo fora pelo Brejo.

Esse caminho ia dar ao lugar de São Gonçalo a cerca de légua e meia da cidade. Era um antigo engenho, agora desmontado, e servindo unicamente de recreio e morada ao dono e seus acostados ou serviçais. A casa de purgar, a tinham transformado em pocilga de cães, e era habitada pela grande matilha de caça; o resto da fábrica foi pequeno para estrebaria e não cabiam todos os cavalos de sela, sem contar os de tráfego.

O edifício principal destinado à habitação do dono dava mostras de grandes posses, pelo ataviado, espaçoso e bem acabado dele. Ao lado, como duas asas, corriam os comuns, ordenados com muita vista e asseio: nos da direita tinham acomodado a cozinha e ucharia; nos da esquerda os

cubículos dos pajens e serviçais, a casa de banhos e outros necessários.

Aí nessa propriedade, consumia os últimos anos da mocidade D. Lopo de Velasco, moço fidalgo da casa real, comendador de Cristo, e da melhor nobreza de Portugal; porque pela linha paterna descendia dos Duques de Aveiro, e pela materna dos Condes de Assumar.

Era um cavalheiro de mais bela presença, e casquilho de roupas, se já o houve algum; mas nunca fizera valer aquelas vantagens a damas. O comendador não era homem de salas; só tivera na sua vida uma paixão, e essa tão valente, que o possuía todo sem deixar presa a outra qualquer: era a caça. Educado por um tio, devoto acérrimo e inveterado de Santo Huberto, chefe das monterias na casa de El-Rei, ele se formara cedo nessa escola; e em tão boa hora a esse gosto e perícia pela monteria deveu a comenda que lhe deixou o velho fidalgo, com preterição, segundo rezavam, de um filho bastardo. Parece que o orgulho do antigo monteiro-mor abafou o sentimento da paternidade; não lhe sofreu que sua bela coutada coubesse a quem dela não saberia usar, podendo ter por senhor o herdeiro de suas glórias cinegéticas.

O sobrinho porém não foi só o continuador do tio; mas o excedeu de muito no culto pela nobre arte venatória. D. Lopo, longe de se contentar com a rotina, leu os autores de melhor lição assim sobre a monterias, como sobre a

altaneria; fez uma viagem à Alemanha para consultar alguns famosos barões, caçadores da Floresta Negra, herdeiros em primeira mão das tradições de Santo Huberto; e por fim tendo feito grande cabedal de conhecimentos especiais, tentou com sucesso alguns melhoramentos nas regras então estabelecidas, sendo os principais, um sobre a maneira de correr o veado, e outro sobre o momento justo em que se devia dar o golpe de misericórdia ao javali acuado.

Ele cultivava a nobre arte, não só com paixão, mas com galanteria. Nenhum cavaleiro enamorado e bem disposto como Velasco, se apontoava com mais alinho e garridice nem com mais finas galas para mostrar-se à sua dama, do que ele para a caçada, que era no fim de contas sua amante. Se as urzes rasgavam-lhe as sedas, se os ramos amarrotavam-lhe as roupas ou a neve as manchava, ele dizia rindo: “Foram as unhas, os abraços e o choro da minha dama”.

Mas não há felicidade que dure. Desfrutava Lopo de Velasco a sua comenda de Santo Ivo caçando na coutada secular, e fruindo os pingues foros, quando um fidalgo, seu vizinho, que também se metia a caçar, talvez despeitado com a fama do comendador, desfez na sua ciência e na sua pessoa. Tudo suportou ele evangelicamente; e a coisa não passaria disso, se o tal fidalgo não levasse um dia a imprudência a ponto de declarar em uma roda formais palavras: *que César era um podão*.

César era o primeiro dos cães das matilhas do comendador, e o melhor, no seu dizer, que havia em Portugal e Castela, o que valia dizer no mundo inteiro. Quando tal soube, logo despachou Lopo o seu monteiro ao fidalgo, pedindolhe reparação da injúria atroz. Bateram-se os adversários, e a honra de César foi desafrontada inteiramente: o seu difamador mordeu a terra e veio a custar-lhe a vida aquela palavra, porque o golpe se arruinou e não houve modo de evitar a gangrena.

A consequência do desafio já é conhecida. O fidalgo teve a vida escapa, graças à proteção dos padres, e veio ver terras do Brasil. Partira de Lisboa com destino a São Sebastião; mas no mesmo navio ia o senhor do Engenho de São Gonçalo que desejava apurar seus cabedais para empreender grandes explorações no interior. As terras do engenho eram abundantes de caça; o comendador entusiasmado com as boas notícias que lhe deu o colono, tratou sem mais demora de fechar a avença.

Quando o visitador passou pelas casarias da fábrica, viu muitos serviçais ocupados no asseio e trato dos animais. Os palafreiros pensavam as cavalgadas, ou limpavam os arneses de prata; os moços de trela lavavam os cães ou catavam-lhe os bichos que os perseguiam, e afivelavam as correias à coleira.

Ao chegar ao muro descobriu o padre o grande pátio; aí os fâmulos estavam também atarefados, já escovando as librés

de caça, já brunindo os instrumentos, como carabinas, arcabuzes, cutelos e cornetas de chifre com guarnições de ouro. Na ucharia chiavam as frigideiras, e o mestre ordenava as peças de assados para o jantar, enquanto os serventes cuidavam dos covilhetes e outras peças de encher.

Avisado o comendador de que o procurava um padre da Companhia, deu-se pressa em recebê-lo com sentimento de muito gosto e mostras de grande cortesia, vindo buscá-lo à porta da entrada; e porque não havia aí muita claridade, ou por infidelidade da memória, não reconheceu ele o seu antigo comensal do colégio de Lisboa.

— Quando pensara eu naquela manhã, em que depois da colação vos acompanhei ao embarque, que ainda nos havíamos de ver neste mundo, e em que paragem!

— P. Gusmão de Molina!... Que contentamento me dá V. Paternidade!...

Depois das efusões naturais nestas circunstâncias, tornou o religioso:

— Então vossa escolha se decidiu pela Bahia!

O fidalgo referiu o acontecido:

— Mas descansai que vossa carta foi entregue em São Sebastião.

— Graças devo a Vossa Mercê. E como lhe tem ido a vida por cá? Por força que havia de estranhar?

— A princípio não digo que não; mas ao cabo de um ano estava de todo acostumado; e já agora, acreditai que se de Portugal me mandassem dizer que podia tornar, duvido que me aproveitasse do favor.

— Tanto vos agrada a terra?

— Vê, Vossa Paternidade aquele serrote coberto de mato? Pois só ali tenho eu monteria, em abundância tal, qual a não têm as coutadas todas de Portugal. E que monteria? Antas, galheiros, caititus, capivaras, pacas, e tal quantidade de alimária de menos vulto, que é de perder-lhe a conta!

— Assim está o senhor comendador em seu paraíso terrestre? disse o P. Molina com um sorriso.

— Bem acertado nome, não vos parece? respondeu também rindo o comendador.

— E não tem medo que lhe venha tentar alguma serpente?

— Oh! que não!... As serpentes desta terra são venenosas; e não há aqui mulher para dar-lhe ouvido, senão for uma negra velha, que mais parece raça de bugio.

— Mas pode vir de repente alguma moça formosa, como são as tentadoras.

— Não haja receio; por aí não me expulsarão do meu paraíso.

O comendador passou a mostrar ao frade os seus domínios. No atravessar para as cavalariças, encontraram um marachão de terra, com um respaldo de alvenaria e sobre este um chifre enorme de galheiro. Ao lado, espetada em uma estaca, uma caveira de onça.

— Vê o P. Gusmão? perguntou o fidalgo com um suspiro que desentranhou do seio.

— Vejo; mas sem saber o que seja.

— Aqui jazem os restos mortais de César, o rei dos cães de caça. Foi vítima da traição de uma onça, que imolei à sua vingança: ali está a caveira. Este chifre que lhe serve de cruz, foi sua primeira façanha nesta terra; duas horas o teve pelo focinho, enquanto a batida ia outro rumo, tendo perdido o rastro. Bravo César, repousa na terra de suas proezas!...

— Deveis escrever-lhe a biografia, Senhor D. Lopo de Velasco.

— Já pensei nisso, P. Gusmão; mais para diante, quando estiver menos fresca a dor de sua perda. Mas não é vossa cavalgadura, aquela que ali está?

— Assim parece, ainda que não reparei muito nela.

— Olá, bilhastre! gritou o fidalgo ao moço das cavaliariças. É preciso que vos mande, para tirardes os arneses à mula, e pô-la ao manjedouro?...

— Por tão pouco tempo, não vale a pena.

— Como, por tão pouco tempo? Não o entendo eu assim, que não vos deixo ir, sem provardes da nossa sopa. Justamente é hoje sexta-feira; fareis penitência!

— Bem agradável, se a obrigação mo permitisse; mas pouca é a demora que tenho nesta cidade, e pois faz-se mister que aproveite os dias e as horas deles.

— Razão de mais, para que não deixe escapar a ocasião. Sabe Deus se nos veremos ainda cá embaixo; a primeira, em que nos conhecemos, juntos almoçamos em Lisboa; a segunda jantaremos aqui na Bahia; talvez ceemos em Cochim ou Angola.

— Tudo pode ser, sem milagre.

— Espero alguns amigos aqui mesmo dos arredores, que muito folgarão com a vossa companhia.

— Depende o ficar do resultado da prática que tiver convosco; pois meu fim, vindo aqui, não foi só fazer-vos minha visita, ainda que esse era de sobra para trazer-me.

— Nesse caso diga depressa V. Paternidade o que posso em seu serviço, para mais breve ter o gosto de satisfazê-lo, e alegrar-me a mim com a certeza de sua companhia.

— Desejo entreter a V. Mercê em particular.

— Vamos até à sala.

Voltaram à casa e entraram em um aposento espaçoso, forrado de lambéis, com cabides de armas nos cantos e troféus pelas paredes. No centro uma banca, coberta de couro com debuxos, e sobre ela aprestos de escrever, três ou quatro livros; um grosso caderno escrito em letras garrafais, com ortografia afonsina, estava aberto quase pelo meio, em posição que mostrava ter-se pouco antes trabalhado nele.

Adiantando ao P. Molina a poltrona, o comendador ainda de pé pôs a mão espalmada sobre o manuscrito:

— Não interrompendo... V. Paternidade veio a propósito para dar-me um aviso, como pessoa tão douta que é!

— Chegando para tanto a minha insuficiência!...

— Oh! que sobra para coisas de maior alcance!... Saberá V. Paternidade, ou talvez não tenha curado destes assuntos profanos, que em Portugal são conhecidas e praticadas da ciência venatória as duas espécies: a monteria, ou caça do monte, e altaneria, ou caça de voo. Ora aqui vim eu achar uma terceira, que muito me agradou pela novidade; é a que

à moda do gentio se faz nos rios, em canoas, a qual realmente, deixa as outras muito a perder de vista. Lembrou-me até, por ser arte nova, escrever um tratado dela, e já dei começo como aqui vedes; mas ocorreu-me uma dificuldade, que não é para minhas forças; e foi ela a do melhor nome dessa nova arte, pois nenhum dos outros lhe cabe. Como lhe chamaria V. Paternidade?

— A seguir a derivação das outras devia ser *fluminaria*, de *flumen*, como de monte veio monteria; mas eu a chamara antes *caça aquática*, ou *caça de mergulho*, pois suponho que a grande ciência está em ferir o animal no fundo d'água, e então essa caça seria justamente o oposto extremo da altaneria ou cetraria, ficando a do monte no centro, isto é, na superfície da terra.

— Discorreis como entendido, P. Molina. É excelente o vosso alvitre, e para que não me escape, vou já aproveitá-lo.

E escreveu no rosto do caderno. — *Tratado da arte nova de caça de mergulho, como se pratica nas terras do Brasil, estudada e reduzida a preceito por \*\*\*.*

Feito o que, fechou o manuscrito na gaveta, e sentou-se defronte do P. Molina, disposto a ouvi-lo com a maior atenção. O frade deu à sua fisionomia mais uma camada de amabilidade e novo retoque ao sorriso insinuante:

— Mal cuidais, senhor comendador, que aquela serpente de que ainda agora falamos, que viria tentar-vos em vosso paraíso, é este humilde frade que aqui está em vossa presença!

— Com que então vindes para tentar-me, P. Gusmão? disse o fidalgo rindo.

— Vim para casar-vos, senhor comendador.

— A mim, P. Mestre?

— A vós, D. Lopo de Velasco.

— Estais então conspirando contra a minha paz e sossego de espírito, que assim quereis meter-me em casa a discórdia?...

— Quero pôr-vos no verdadeiro caminho de que andais arredio como ovelha desgarrada. O celibato sem o voto da castidade não é agradável ao Senhor, que vos manda trabalhais na sua vinha como bom cristão; e como fidalgo ilustre vos deveis à vossa descendência, à qual um dia passarão vosso nome e riqueza.

— Confesso que sou um grande pecador, porém maior me faria V. Paternidade, se me obrigasse a receber mulher, que é fonte de malícia.

— Quando a não santifica o sacramento.

— Embora; sempre ficam restos da peçonha. Quanto ao mais não se afadigue Vossa Paternidade, não há de faltar quem se alaparde com a minha comenda e o pouco que sobrar, quando eu fizer a asneira de ir-me desta para melhor.

— Esse mesmo modo de falar com tamanha indiferença do que o homem tem de mais caro, que é sua honra e família, está mostrando a necessidade que há de tomardes estado. Tocais já a extrema da necessidade; é tempo de cuidar nesse ato indispensável, pois é o complemento da criatura. Sem ele sereis velho, e contudo não tereis a experiência da vida.

— Não vos contesto, padre-mestre. Mas eu dispenso a experiência que se compra tão caro a preço da liberdade.

— Fiai-vos em mim, que tenho mais mundo. Um dia, tarde, vos arrependereis. E para que isso não suceda, resolvi empenhar todas as minhas forças em vosso bem. Ele pode tanto na minha amizade, que apenas chegado ontem e sabedor da vossa presença nesta cidade, tomei informações, e achei já coisa que vos convém em todos os pontos.

— Jesus, padre-mestre!... Já a tendes assim de encomenda? Quem sabe se não a trazeis aí na manga do hábito e mais o ritual para nos desposardes aqui mesmo, de supetão?

— Não a trago, mas hoje mesmo a vereis. Sem dúvida que vos é conhecido D. Francisco de Aguilar, Senhor de Paripe? Pois sua filha é, D. Inês.

— Oh! padre-mestre! Se nunca a vi!...

— Vê-la-eis!... É moça de grande formosura.

— São as piores de aturar!... Cheias de dengos e faniquitos.

— D. Inês é donzela de juízo e muita sisudez; rica por seus pais e nobre. Será boa dona de casa e não vos envergonhará se algum dia, como desejo, a apresentardes na corte de Lisboa ou de Madri.

— Será a nata das mulheres, mas a albardará outro que não eu.

— As terras de Paripe são abundantes de caça, por modos que ainda desse lado vos é vantajosa uma tal aliança.

— E seria mais possível a mim caçar, padre-mestre, quando me lembrasse que dentro mesmo de minha casa estava uma língua afiando-se para descoser-me as orelhas?...

— Assim é ponto decidido. Esta tarde mesmo o senhor comendador irá a D. Francisco de Aguilar, pedir-lhe a mão de sua filha D. Inês.

O comendador soltou uma gargalhada estrondosa, erguendo-se:

— Boa pilhéria!... Vai fazer rir a goelas despregadas os meus amigos!... Creio que são eles que chegam.

O frade deixou rir o fidalgo.

— Este hábito que representa o Instituto no qual também jurastes obediência e submissão, não costuma servir de capa a mascaradas e galhofas. Nem sua cor condiz, nem a gravidade do seu ministério o consente.

— Escute, V. Paternidade, respondeu o fidalgo tornando-se sério. A estranheza da nova fez-me pensar que gracejava como se costuma em amizade.

— É em nome da Companhia, que eu aconselho ao irmão D. Lopo de Velasco esse casamento.

O frade carregou na palavra como se fosse a intimativa de uma ordem.

O fidalgo respondeu ríspido:

— O conselho de V. Paternidade é para mim da maior autoridade; mas versa sobre ponto em que a minha resolução é inabalável.

O sorriso voltou aos lábios do frade e a sua voz amaciou outra vez:

— Sendo assim não tratemos mais de tal coisa. Queria me parecer que essa aliança era de grandes proventos para Vossa Mercê, não sendo o menor o de segurar-lhe o futuro. Tudo neste mundo é precário, ainda o que mais sólido se

afigura. Assim a comenda que Vossa Mercê herdou de seu tio... É de pública fama que ele deixou um filho bastardo...

— Certo, mesmo em vida não ocultava de ninguém.

— O nascimento não, mas a perfilhação que lhe fez, essa a deixou tão oculta, que poucos tiveram conhecimento, ignorando-a até o próprio a quem mais interessava. A carta queimaram-na; mas o registro anda nas notas públicas em seu respectivo cartório.

— Sabeis disso com certeza, padre-mestre?

— Ouvi dizer em Lisboa; e a ser verdade, se o moço deserdado, que lá vive pobrementemente, vier a sabê-lo, tratará de querelar do testamento de vosso respeitável tio.

— Podeis informar-me mais pelo miúdo do mister em que se ocupa ele, e do lugar onde se acha ao certo?

— Em nosso Colégio de Lisboa, onde serve como leigo, por caridade. Os padres ali são todos amigos do peito, com que Vossa Mercê deve contar; mas quem pode evitar que um mal-intencionado desencaminhe o rapaz? E então, se ele achar patronos, que nunca faltam quando a maquia é boa, não sei o que diga!... É certo que Vossa Mercê também os tem e da melhor espécie; contudo deve de estar preparado, e um engenho famoso como o de Paripe, no pior caso, encheria o rombo, que deixasse a comenda de Santo Ivo!

Mas Vossa Mercê é tão avesso ao matrimônio!... Fique pois o dito por não dito!...

O frade ergueu-se e foi à janela apreciar a perspectiva do horizonte, acidentado pelas montanhas e florestas, deixando o fidalgo afundar-se mais na meditação em que o deixara já submergido.

Decorreu curto espaço.

— Far-me-eis então a mercê, senhor comendador, de mandar chegar a mula, por que torne à cidade?

— Com perdão de Vossa Paternidade, não consinto nisso, pois prometeu ficar para o jantar.

— Ficaria com sacrifício para ter o gosto de acompanhá-lo à cidade; mas desde que assim não pode ser, vou-me já.

O fidalgo insistiu debalde; conhecendo que o frade não cedia, mandou que trouxessem a cavalgadura. Estavam já nas despedidas, quando o comendador, arrancando-se a si mesmo e à perplexidade em que estava, disse:

— Responda Vossa Paternidade a duas perguntas que lhe quero fazer.

— Quatro que sejam.

— É a primeira: este casamento seria obra meritória para a Companhia?

— Mas decerto, senhor comendador, desde que era em serviço de Deus e bem vosso, que sois filho também, podeis duvidá-lo?

— Outra: qual é vossa autoridade para falar em nome do Santo Instituto?...

— Esta, irmão: a que o Geral me conferiu.

E o frade tirou da manga o pergaminho de sua nomeação. Lopo de Velasco curvou a cabeça.

À uma hora em ponto foi o jantar. Às cinco entrava na cidade do Salvador de guião e em grande comitiva, o comendador, vestido de gala, com toda sua gente de libré mui luzidia e garbosa. O fidalgo montava um cavalo de raça andaluza, com jaezes de ouro e sela de veludo bordada a fio de prata. A seu lado trotava humildemente na mula fradesca o P. Gusmão de Molina.

Ao entrar a porta do Carmo, o jesuíta esgueirou-se por uma rua lateral, e o fidalgo continuou sua marcha triunfal, através da cidade, com grande aplauso e pasmatório dos basbaques da metrópole brasileira. Apesar de ser o fausto e riqueza nessa época mui comuns na Bahia, contudo aquele suntuoso cortejo, de régia pompa, não só pelo número dos escudeiros e pajens, como pelo custoso adereço das roupas

e fino trato da cavalhada, era uma festa para a gente de terreiro.

D. Lopo de Velasco dirigiu-se a Nazaré, onde ia pedir a D. Francisco a mão de sua filha, a muito nobre e formosa Senhora D. Inês de Aguilar.

Chegou véspera de Reis.

Eram sete horas da noite. Já corriam as ruas e praças da cidade os alegres descantes e costumadas serenatas, com que então muito celebrava o povo aquela festa do ano.

Por esse tempo um cavalheiro bem embuçado na capa entrou pela porta de São Bento, e seguiu até o princípio da Rua da Palma. Aí apeou, atirando as rédeas ao pajem com estas palavras:

— Vai-te ao Terreiro esperar!

Continuou a pé e cosido com a parede seu caminho até a casa onde tinha o judeu Samuel banca de dinheiro. A porta estava fechada; abriu-se um postigo que havia por cima, e uma voz doce e maviosa perguntou:

— Quem bate lá?...

O cavalheiro já se tinha afastado dois passos, como se esperasse aquela aparição; e saudou-a debaixo, atirando-lhe um estrepitoso beijo estalado na ponta dos dedos. De cima lhe responderam com um longo suspiro acompanhado de uma flor que veio cair a seus pés; ele depois de a apertar uma e muitas vezes aos lábios, guardou-a no peito do gibão.

— Quando permitireis a um triste, senhora, que vos admire de mais perto, ainda que seja para acabar a vossos pés de dar esta alma?...

— Ela não vos disse?... murmurou a voz maviosa.

— Quem, a Joaninha?

— Sim, ela; não vos disse que sou guardada como monja?

— Quisésseis vós!...

— Ui!...

Este gritozinho de susto foi acompanhado do bater do postigo, que fechavam. Um vulto de maiores dimensões apareceu, e outra voz roufenha e pesada deixou cair estas palavras:

— Andai vosso caminho, senhor cavalheiro. Não é prudente se expor à beirada das casas; as telhas podem cair. Andai.

— Andado o tenho, eu, honrado Samuel, para não dizer honrado ladrão; e bem andado, pois me trouxe ele à vossa espelunca.

Aproveitando uma sonata de remoto descante, que ouvia-se para as bandas da Graça, o cavalheiro entoou baixo o princípio de uma cantiga de reis:

*Aqui estou à vossa porta,  
Acordai se estais dormindo!*

— Longe estava eu de supor que fôsseis vós, Sr. D. José; escusai-me a liberdade. Corro a abrir-vos.

O alferes penetrou na toca do velho judeu.

— Honradíssimo Samuel, o negócio é breve; preciso de quinhentos cruzados esta noite, ou antes, neste momento.

— Trouxestes o vale?...

— Não, mas posso assiná-lo aqui; dai-me com que escrever.

— Raquel! disse o velho.

A voz maviosa respondeu dentro:

— Pai!...

— Buscai-me os óculos.

Pela fresta aberta na parede passou a mão a mais alva e mimosa que é possível imaginar; o alferes aproveitando o momento em que o velho estava ocupado a arranjar a mesa, tomou os óculos, e travando dos dedos que os seguravam,

beijou-os sem a menor cerimônia. Ao estalo do beijo e do grito que soou dentro, o judeu voltou-se:

— Não passou da ponta do dedo mindinho, digno usurário. Creio que trazeis este tesouro ainda mais aferrolhado do que o outro.

— Este é minha carne; o outro são apenas os ossos, senhor cavalheiro. Sereis pai um dia para me compreender.

— Mas usurário, não; disso podeis ter certeza.

— Aqui tendes o necessário! Ponde-vos à mesa e fazei vosso bilhete, enquanto vos contarei as moedas.

O cavalheiro sentou-se e escreveu em vez de um, dois bilhetes; o primeiro para o velho judeu, de quinhentos cruzados, o segundo para a filha, dando-lhe um emprazamento à janela na próxima noite. Dobrando ambos na mão, aproximou-se do contador, onde estava o judeu, e apresentou-lhe o primeiro. O velho judeu calçou os óculos e principiou a leitura; mas logo à primeira linha tornou a dobrar o papel e o restituiu, dizendo:

— Creio que vos enganastes?...

— É certo; este é um papel à toa; o vosso aqui está! acudiu o alferes azoado, pensando ter dado ao judeu a carta destinada a Raquel.

Enquanto Samuel examinava com profunda atenção o outro escrito, o cavalheiro aproveitando o ensejo, jogou pela fresta o bilhete, pensando que o apanharia a donzela. O mercador contou-lhe os quinhentos cruzados em moedas de ouro, e cerrou na gaveta o papel que recebera. Apenas o fidalgo saiu, o velho debruçou-se ao balcão, e disse à filha:

— Raquel, tornaime cá o escrito do cavalheiro para que o aponte em minhas notas.

Era com efeito o vale, que o alferes passara sorrateiramente à moça pensando ser a carta de namoro. O velho e fino judeu, desconfiado com o negócio da janela e mais do beijo, não perdera de olho o oficial enquanto ele escrevia; viu-o pois fazer dois bilhetes e dobrá-los fechando ambos na palma. Usou então de arдил; ao apresentar-lhe o moço o vale, fingiu haver engano que realmente não havia; desconcertado o alferes, como era natural, mais que depressa arrecadou esse, dando-lhe em troca o recado de namoro, que era quanto desejava o judeu.

Esse então pareceu absorver-se na leitura para dar ocasião ao cavalheiro de fazer a sua estratégia; logo que o vale se achou em segurança na mão da moça, tranquilo a respeito do seu dinheiro como a respeito da filha, consumou a transação.

Entretanto o alferes, depenado na bolsa e logrado nos amores pelo velho judeu, seguia rua acima até a Praça do

Palácio, donde quebrando a Travessa da Sé, ganhou a bodega do Brás, ainda nessa noite, como na de Ano-Bom, cheia de alegre freguesia e procurada por toda a casta de gente, desde a mais reles peonagem até a mais famosa fidalguia. O alferes reбуçou-se bem no manto escuro e entrou afoitamente a varanda da taberna; trocado com o judengo um sinal que decerto era concertado, penetrou no interior pelo corredor particular; a última das portas dava para uma câmara pequena, onde havia encravado na parede um grande armário de angelim.

O taberneiro chegou logo após com uma candeia na mão; e reconhecendo o fidalgo pela feição, não mais reбуçada, saudou-o com mostras de muito respeito.

— Estão em número? perguntou o alferes.

— Uma dúzia deles; todos dos melhores.

— Aviai-vos!...

Brás sacou do bolso a chave do armário que abriu; calcando então uma pequena mola oculta no canto, fez volver sobre os gonzos o fundo que era da mesma madeira. Apareceu uma aberta que dava para o vão de um segundo armário embutido na face oposta da parede. Cinco pancadas, divididas por duas pausas, applicou o taberneiro à divisão, que logo foi franqueada. O alferes passou de um salto deste àquele aposento, e tudo voltou ao estado anterior.

O aposento era espaçoso bastante e situado no centro da casa; não tinha janelas, nem outra porta a não ser a encoberta por detrás do armário. O ar penetrava pelas largas seteiras que davam para um pátio, e pela água-furtada que havia no telhado. No meio da casa via-se uma grande mesa oblonga de jacarandá, em volta da qual estavam grupados dez fidalgos jogando as cartas. D. José foi recebido por eles com ruidosa alegria; todos conchegaram-se para dar-lhe lugar junto a si no banco em que sentavam. O alferes acomodou-se no que mais perto encontrou.

A mestre Brás não satisfaziam unicamente os ganhos da taberna; também tinha casa de jogo ou tavolagem, e explorava mais essa lucrativa indústria apesar das Ordenações do Reino, que a proibiam. O judengo porém era fértil em recursos e achara modos de combinar a segurança de sua pessoa com os acrescentamentos da bolsa. Comprara por intermédio de um mercador judeu a casa que tocava com a sua pelos fundos e construíra aposento apropriado ao fim a que se propunha.

A frente da tal casa era ocupada pela tia Eufrásia, mãe de Anselmo, que aí tinha sua tenda aberta durante o dia; à noite, por uma escada de mão encostada ao muro do pátio, ou ela ou o filho penetravam na sala pela água-furtada, para servir aos jogadores quando careciam de qualquer coisa. Estes entravam pela taberna a título de beber, e ninguém podia suspeitar do fim que realmente os trazia.

Assim, graças à engenhosa combinação, a tavadagem do Brás não o podia comprometer porque não fazia parte de sua casa; a tia Eufrásia e o Anselmo seriam, no caso pouco provável de devassa, os que pagariam as custas; mas em compensação disso, boas contas faziam eles ao taberneiro pelo serviço que lhe prestavam.

D. José deitara sobre a mesa a bolsa pesada dos quinhentos cruzados, e esperou a sua vez de tomar cartas. Seus parceiros eram todos da melhor fidalguia da cidade, moços e cavalheiros, que esbanjavam o patrimônio de seus pais, e também alguns velhos encanecidos no vício.

O taberneiro voltando à varanda, encontrou um mestiço encostado ao balcão e resfolgando como quem trazia longa caminhada:

— Então, Pedro, que novas?...

— Primeiro molhai-me a goela, se quereis que fale, pois a trago esturricada.

— Tomai lá, rapaz, bebei, mas com tino, que não vos vire a bola.

— Não haja medo.

O rapaz esvaziou o canjirão, e chupando os beiços, debruçou ao balcão para falar ao ouvido do judengo.

— O navio é chegado desde tarde, disse ele. De primeiro ninguém o conheceu; vinha-se fazendo na volta de terra, mas logo entrou a noite. Então fez sinal... Sabeis?... As três panelinhas de fogo azul?...

— Sei, sei. Que mais?

— Então deixei lá os outros à espreita e vim dar-vos aviso.

— Bem, Pedro!... Tereis uma boa paga, eu vo-lo prometo. Tornai, que sobre madrugada serei convosco. Cuidado com a guarda-costa, que anda de pulga na orelha!

— Deixai-a comigo, que bem lhe conheço as traças. Agora a ceia enquanto descanso.

— Sim, rapaz! Apre, que nada vos esquece!

— Cuidais?...

O Pedro que sentava-se a uma das mesas, e um cavalheiro rebuçado que parava na porta; depois de um instante de hesitação endireitou para o balcão. O taberneiro emborcouse todo para falar ao novo hóspede, mas especialmente para sondar-lhe a feição através das dobras do manto.

— Preciso de falar já sem demora a D. José de Aguilar!... disse o recém-chegado com um tom vivo e imperioso.

— Dir-me-eis agora o que é mister que faça, Senhor D. Fernando de Ataíde, para que já me ponha em caminho de obedecer-vos.

Isso foi modulado pelo Brás no seu mais doce sonsonete, entre duas reverências humildes, e adubado por um sorriso, que se desfazia como torrão de açúcar.

— Ide avisá-lo que aqui estou! retrucou o cavalheiro.

— Há muito lá estaria eu correndo, senhor cavalheiro, se soubesse onde encontrá-lo.

— Se ele está em vossa própria casa, taberneiro!...

— Em minha casa, que assim a chamo com permissão de Vossa Mercê!... Em minha casa! Tal não há! Juraria, se preciso fosse!...

— Digo-vos que para aqui veio; aqui deve estar!...

— Desde que vos juro eu, Senhor D. Fernando!... Não me quereis crer; pois se vos praz, podeis correr toda a casa para certificar-vos.

— Taberneiro, já vos adverti que venho apressado; poupai vossas juras e reverências para outros. Segunda vez vos digo que aviseis D. José de lhe querer eu falar com urgência!... Não vos direi terceira.

— Fazei-me em postas, senhor cavalheiro, se tal é o vosso gosto; já que não sei que mais faça para que me acrediteis.

D. Fernando mordeu os beiços de impaciência:

— Peão, tu persistes em negar que D. José está em tua casa?

— Persisto na verdade, senhor cavalheiro.

— Pois, guiai-me à casa da tavolagem.

— Qual tavolagem, Senhor D. Fernando?

— A tua, burlão!...

— Virgem Maria Santíssima! Que heregia, meu fidalgo!... Joaquim Brás, o taberneiro, com casa de tavolagem! Donde chegais, que tal coisa vos meteram na cabeça; pois em toda esta cidade do Salvador e sua redondeza, ninguém tal dissera!

— Mestre Brás, se me conheceis, não ignorais sem dúvida o amigo que eu sou de D. José, para quem não guarda ele segredos. Eu sei que tendes aqui nos fundos de vossa casa uma câmara onde se dão jogos muitas noites!...

— Ai, Céus!... Quem está livre de um falso testemunho!

— E agora lembro mais, por mo dizer uma vez que emprazou-me para acompanhá-lo, que a comunicação se faz por um armário.

— Falai mais baixo por quem sois, senhor cavalheiro! Vejo agora que estais no segredo, que é mais dos vossos amigos, que meu; e só pelo respeito deles é que vos encobria. Portanto me perdoareis, porque outro tanto faria pelo vosso respeito.

— Perdoar-vos-ei, se me guiardes sem mais demora; do contrário amargareis o que já me fizestes esperar.

— Segui este corredor aí à esquerda, que lá no fundo, último cubículo, me achareis.

O cavalheiro executou a recomendação e chegou à casa do jogo pelo mesmo caminho do alferes. A sua entrada causou alguma surpresa, por não ser ele dos camaradas daquela devoção; mas foi aplaudida por quantos ali estavam.

— Oh! D. Fernando!...

— Bravo!... chegou vosso dia!...

— Bem pensava eu que não havia tardar!...

— Todos acabam por aqui! Cedo ou tarde!

— Bem-vindo sejais!...

— E ainda mais bem-vinda e melhor ficada bolsa, que trazeis recheada!...

— Abancai-vos para aqui!...

D. Fernando correspondeu com uma cortesia geral a estas exclamações partidas de todos os lados, e respondeu simplesmente:

— Enganam-se, senhores meus, em pensar que venho tomar parte na tão boa companhia: por honrado me dera; mas outro cuidado me traz, que é falar a D. José de negócio importante e apressado.

O alferes, a quem o jogo tinha por tal forma que não lhe deixava fora dali mais olhos para ver, e mais boca para falar, quase nem se apercebera da chegada do amigo. Ele estava em hora má de fortuna; as moedas do judeu a pouco e pouco escoavam de sua bolsa para engrossar as pilhas de ouro que brilhavam diante de dois ou três parceiros a quem o azar favorecia com uma veia inesgotável. Via-se porém o fidalgo no desprezo com que enchia o páreo, e na sobrançeria e calma em que arrostava os lances contrários.

O sorriso cortês não abandonara um instante o seu lábio; o olhar não contava as moedas perdidas, mas só as que restavam, para mais depressa arriscá-las. Pouco lhe importava o ouro, o que o absorvia todo era só a paixão, o vício, o demônio das cartas. As últimas moedas que

acabava de atirar sobre a mesa, não lhe recordaram que eram elas o fim de uma grossa quantia, mas sim, que eram talvez a derradeira mão que jogasse; e esse pensamento o incomodou, e o prendeu ainda mais às cartas.

Debalde lhe dirigiu D. Fernando a palavra; não respondeu, nem mesmo voltou para ele o rosto; nesse instante abria as cartas dadas pelo parceiro da direita; correram as vazas, e o alferes perdeu ainda a mão. Fez um gesto de enfado passageiro que mudou em sorriso; e afastou de si o baralho, que lhe tinham passado, por lhe caber dar as cartas.

Fernando aproveitou o ensejo para lhe falar de novo.

— D. José, tenho coisa urgente que comunicar-vos!

— Oh! chegastes a propósito!... respondeu o alferes, como se então somente se apercebesse da presença do cavalheiro.

Reclinando ao ouvido:

— Prestai-me quanto trazeis na bolsa, amigo!...

— De bom grado o faria, se não fosse carecer de conversar-vos, o que o jogo não permitiria.

— Temos tempo!... Só duas mãos para forrar parte do que perdi.

— Mas atendei, amigo, que é grave, e muito, o de que vamos tratar.

— Pois não jogarei mais que uma; depois me tereis todo para quanto vos aprouver, o que agora não sucederá, pois se não me servis, vou ao judeu!...

Ataíde passou a bolsa; e o alferes travando do baralho, chafurdou-se de novo no vício; correu primeira, segunda, terceira mão; a cada uma o amigo lembrava-lhe o prometido, e avivava a importância e urgência do negócio que o trouxera; mas a nada ele atendia. Afinal D. Fernando inclinou-se e conseguiu meter-lhe ao ouvido estas palavras:

— D. José, trata-se da honra de vossa irmã!

— Já vos falo!...

A má fortuna continuava: o subsídio acrescentado aos quinhentos cruzados fundiu-se rapidamente entre os dedos do jogador; chegou outra vez o momento em que a mesa diante dele achou-se limpa, tendo apenas, como relíquias, as duas bolsas desertas e encolhidas.

— Senhores, recebeis uma parada sobre palavra? perguntou o alferes.

Os outros olharam-se entre si e como atalhados da pergunta, sem proferir palavra. Afinal um resolveu responder, pois já o silêncio passava à descortesia:

— Deveis lembrar-vos, D. José, do que foi aceito por todos que vimos a esta mesa, de em caso algum fazer páreo que não seja com moeda de contado sobre a mesa; e isso pelo motivo de se acabarem com reixas e afrontas que costumam em casos tais, filhas da leveza de uns e desconfiança de outros.

— Bem lembrado estou e por isso vos perguntei antes se querieis receber?...

— Fazê-lo a um é abrir a porta a todos: e tanto não podemos nós em uma coisa concertada pelo voto geral.

— Basta, senhores. Outra vez em que a sorte me esteja de feição, forrar-me-ei das moedas e do mais!

— Penso que não vos dais por ofendido, alferes!...

— Dar-me-ei, se assim vos apraz, capitão! replicou D. José repuxando o bigode.

O interlocutor, que era Afonso da França, capitão entretido por El-Rei, ergueu-se pronto, mas os outros meteram o caso à bulha e tanto fizeram que instantes depois riam todos a goelas despregadas, com as facécias de Manuel de Melo. Afinal este foi à parede e bateu nela com a palma da mão; era oco o muro nesse lugar porque o som repercutiu profundamente. Logo apareceu na água-furtada a cabeça arrepelada da tia Eufrásia:

— Que mandam vossas mercês em seu serviço?

— Do melhor da Madeira!...

— A uma por cabeça?

— A duas, megera! Onde já vistes um bom português da Bahia bater-se com um só inimigo!...

Com pouco desceu por uma corda uma cesta cheia de garrafas e copos; correu a primeira saúde a D. José, a segunda ao Capitão Afonso, depois a todos os presentes, às damas, ao amor, à folia e ao jogo. Enfim D. Fernando impaciente, conseguiu arrancar o alferes à tentação; e embuçando-se ambos, saíram à rua pela taberna do mestre Brás.

Os dois amigos caminhavam a par e par sem dizer palavra; o alferes logo que pisara a calçada inquirira do motivo que trouxera D. Fernando à sua busca:

— Em chegando a casa, já agora!

D. José não replicara e encolhendo os ombros continuou a andar, ruminando em seu cérebro esquentado jogo, vinho, amor, tudo de mistura; bem se via que estava de mau humor, pelo ímpeto com que esticava o bigode a ponto de arrancar os pelos. Ao descer a Ladeira da Palma, lobrigou ele que se espremia pela fresta da porta do judeu um vulto, o qual logo que pôs pé na rua, nivelou-se com a parede, de

modo a não roçar nem de leve no cavalheiro. O alferes porém não perdeu essa ocasião de descarregar uma pouca da sua raiva; a mão foi direito à gorja do encolhido e o arrancou da parede de um safanão.

— Quem és tu, e que fazes aqui a esta hora, taful!

— Ai! sou eu, Senhor D. José, com vosso respeito!

— Oh! mestre Brás, vós em casa do judeu Samuel, tão tarde da noite?

— Os tempos andam tão maus, senhor alferes!... Vim empenhar umas pratinhas!...

— O judeu ainda está acordado; abrirá ele?...

— A Vossa Mercê, sem dúvida!...

O taberneiro escamou-se; o alferes caminhou para a porta do judeu.

— Quê, D. José?... Ainda pretendeis voltar ao jogo?... Se não vale meu pedido, valha ao menos a fama de vossa irmã, pois vos repito que dela e de sua honra se trata.

O alferes ao tom grave do amigo vexou-se e sem responder-lhe apressou o passo. Chegaram à casa de Ataíde; eram dez horas; a ceia os esperava sobre a mesa; sentando-se, Fernando despediu os fâmulos com um aceno, e tirou do

bolso do calção um papel cerrado em carta, e o apresentou aberto a D. José; este leu um escrito assim concebido:

*Ao mui nobre Cavalheiro D. Fernando de Ataíde.*

*Quarta-feira depois de Reis, que se contam 7 deste janeiro, desde o romper d'alva até o toque de meio-dia, estará no sítio da Graça, a um tiro de berço da ermida para as bandas da praia, um cavalheiro que jurou não ter um momento de repouso enquanto não provar que vil e indigno é o fidalgo que pede e aceita a mão forçada de uma dona, sem o coração que ela a outro já deu com seu amor.*

*Se D. Fernando de Ataíde preza a sua honra e não é um cobarde, venha ao lugar emprazado ouvi-lo dizer em face, e desmenti-lo com a espada na mão. Não o fazendo, será tido por infame, e tratado como tal no lugar mais público onde se faça encontrado.*

O alferes acabou a leitura em pé, batendo, com força no pavimento:

— O atrevido a pagará. Deixai-o à minha conta. Esta afronta é primeiro minha; e só depois vossa.

— Sabeis donde vem este cartel?

— Não o soubera eu!... Do tal D. Lopo de Velasco!... Cuida ele com ser comendador que há de caçar também Inesita, como usa com suas alimárias!... Está muito enganado. Verá se aqui na Bahia se aturam tafularias!...

— Mas por que pensais que fosse ele?

— Ora, é boa pergunta! Não há uma semana, que o tal fidalgo veio em procissão à nossa casa pedir a mão de Inesita, e meu pai lha negou redondamente! Ainda duvidais? Pois sabeis mais agora, que havendo-lhe meu pai por forma de desculpa dito ter-vos dado sua palavra, e que a não ser esse grave motivo, se regozijaria de seu pedido; logo no dia seguinte escreveu ele dizendo que tinha por aceita e ratificada a promessa condicional, caso qualquer razão maior nos desobrigasse da palavra dada!...

— Ah! essa ignorava eu!...

— Bem sei; não dando a isso importância alguma, esqueceu-me de vos fazer saber. Assim descobris agora o seu manejo; desafia-vos para com esse meio destruir o obstáculo único que ele supõe se opor ao seu intento. Mas há de sair-lhe às vexas!...

— Ainda estou longe de concordar convosco. Lembro-me de ter ouvido de D. Francisco, que estranhando ele o improvisado de seu pedido, pois acreditava que raras vezes

tivesse visto D. Inês, acudiulhe o comendador que nunca, mas que o decidira a fama de sua beleza e virtudes.

— Que tem isso?

— Se o comendador não viu D. Inês e menos foi dela visto, como a ama e sabe ser correspondido?

— Não vedes que são iscas para que lhe pegueis no anzol! Quis tocar-vos no fraco!

— Talvez assim seja; mas logo que deitei os olhos a este escrito, atirei a outra parte. Lembrai-vos das justas...

— Quem, o estudante?... Não teria o atrevimento!...

— Não teve ele o de erguer olhos para D. Inês? Por que não o de arriscar tudo para possuí-la? No seu caso eu o faria! Esses ardimentos, crede-me, dá-os o coração, e não há resistir-lhes.

— Fazeis muita honra a esse rapaz, D. Fernando!... Ele deve conhecer-se para que nem um instante se lembre que D. Inês de Aguilar possa distingui-lo no pó!... Mas ainda vos digo, deixai isto por minha conta. Ou D. Lopo, ou quem quer que seja, receberá o castigo de minha mão.

— Não o entendo assim, D. José. Se mostrei-vos esse cartel foi por uma só razão, que estou haveis de aprovar. Aqui se diz que aceitei a mão de uma dama, sem o coração a outro

dado; e acrescenta-se que o cavalheiro que tal pratica, é vil e indigno. Sou do mesmo pensar. Portanto acharei justo que eu ouça, sem mais tardar que amanhã, da própria boca de D. Inês o desmentido a essa calúnia, para com a consciência tranquila e a fé na minha causa, punir o refalsado que ousou denegrir a sua e a minha honra.

O alferes impacientou-se.

— É o que me faltava ver!... Que désseis crédito ao que vos escrevem encapotados. Quem sabe se não é isso alguma farsa de amigo nosso?

— Farsa em tal assunto passa a caso sério, pois é objeto com que não se brinca. Minha resolução está tomada; procurei-vos para anunciar a D. Francisco!

— Tal não farei; ocupá-lo com nonadas!...

— Fá-lo-ei então eu próprio, amanhã, com cedo.

Os dois amigos separaram-se frios.

A resolução de Fernando incomodava o alferes, bem como a recusa deste afligia profundamente aquele; e isto se explica pelas relações que havia entre ambos.

D. José de Aguiar, jogador e perdulário, travara conhecimento, dois anos havia, com D. Fernando de Ataíde, rico fidalgo, da casa dos Condes da Castanheira,

proprietário de muitos engenhos. Em princípio não passou isso de camaradagem de moços, mas logo o amor que Inesita inspirou a Ataíde o rendeu, como era natural, à amizade do alferes, o qual desde então começou a usar e abusar da bolsa do amigo, a título de empréstimo. Avultavam de dia em dia os empenhos, quando o enamorado cavalheiro animou-se um dia a fazer a confidência de seu afeto ao irmão; este a acolheu favoravelmente e encorajou o amigo prometendo servi-lo.

Esse fato selou o cativo de D. Fernando que tornou-se daí em diante propriedade de D. José, ele e seus haveres. Mas o alferes desdenhando falar à irmã acerca dos sentimentos que ela inspirara, contentou-se em agasalhar muito o amigo, a quem facilmente iludia o recato da menina, junto à benevolência devida ao companheiro de seu irmão. Afinal instado pelo cavalheiro resolveu D. José falar de sua pretensão a D. Francisco, empenhando em favor dela todo o seu valimento no coração do pai. O fidalgo castelhano não desaprovou a ideia; mas consultando sua mulher, achou-a de aviso contrário. Contudo um voto mui autorizado, o de Fr. Carlos da Luz, capelão e conselheiro do fidalgo, fez pender a balança em favor de Ataíde, cuja casa fora sempre, de pais e filhos, protetora do Mosteiro de São Bento, desde a sua fundação em 1581. Entretanto para não afligir sua mulher, quis o fidalgo que o projetado casamento ficasse em segredo até o tempo de se efetuar, o que seria quando Inesita completasse os dezoito anos.

Sucedeu porém que no sarau de ano-bom, interrogado pelo governador com mostras de muita benevolência sobre sua família e o futuro de Inesita, D. Francisco julgou-se obrigado pelo respeito a confessar os projetos formados, e assim divulgou-se nas salas a notícia, que fora para Estácio um golpe mortal.

No dia seguinte, que foi o de Reis, D. Fernando, firme na resolução da véspera, procurou em sua casa de Nazaré, a D. Francisco de Aguilar, já a esta hora prevenido pelo alferes. O moço achou reunidos na sala pai e filho e mais o frade bento, chamado a conselho para o caso difícil. Avistando-o, o Senhor de Paripe foi a ele:

— Deixai-me ver o insolente escrito!...

— Aqui o tendes. Já sabeis?...

— Sei tudo. D. José mo referiu.

— Sabeis também o pedido que lhe fiz?

— Depois trataremos disso! Vamos ao que mais importa!...

— Perdoai, D. Francisco. O mais importante para mim é o desmentido dessa calúnia da boca mesmo de vossa filha.

— Ides ouvi-lo, D. Fernando. Antes porém é mister que concertemos sobre o que mais convém à nossa honra e comum interesse.

Tomando conhecimento do cartel, que seus olhos percorreram rapidamente com um gesto irroso, atirou-o amarrotado sobre os joelhos de Fr. Carlos da Luz.

— O primeiro e mais ofendido aqui sou eu, na pessoa de minha filha e fama de minha casa. A mim pois antes de todos compete o direito de castigar o vilão e refalsado, qualquer que ele for.

— Essa é a minha parte, senhor, como filho, como moço e como soldado. A vós o conselho; a mim a espada.

— Vingareis vosso pai, se ele sucumbir, D. José: é essa a vossa parte. Depois poderá D. Fernando castigar a afronta a ele feita.

— Esqueceis, Senhor D. Francisco, que este cartel não vos foi endereçado, e sois suposto ignorar o que nele se contém! O direito de responder-lhe não é de ninguém mais, senão meu; e conto não cedê-lo.

— Pois a mim me parece que todos estão no caminho errado!... disse o frade que adiantou-se com o papel dobrado entre o índice e o polegar da mão esquerda. Antes de tudo, pessoas de nobreza e tão qualificadas, como são os que me fazem a honra de ouvir, não respondem a desafio de um encoberto! Sabeis vós ao menos que casta de homem é o que isto escreveu? E que figura faríeis se lá chegando achásseis um vilão indigno de medir-se convosco?

— Mandá-lo-ia açoutar pelos meus escravos, para lhe castigar o atrevimento!...

— Devíeis então começar por aí, se o mais digno e acertado não fosse lançar ao desprezo estas palavras ao vento.

— Isto não admito eu por forma alguma! exclamou D. José.

— Dado que seja um cavalheiro quem assim se oculta contra todas as regras usadas entre a boa gente, vosso desprezo será compreendido, e ele voltará de rosto descoberto. Então não serei eu quem vos tolha a valente espada, Senhor D. Francisco, ou a de vossos filhos aqui presentes.

A sensatez desse alvitre calou à uma no ânimo dos três fidalgos, os quais embora já rendidos à razão, sentiram ainda os brios alvoroçados que resistiam. Emudeceram, por não acharem argumento com que retrucar.

— O cartel!... disse enfim D. Fernando estendendo a mão ao frade.

— Esse escrito?... Uma vez na minha mão, ordena-me o meu ministério de paz, que o confisque em bem da religião e humanidade. De mais para que vos serviria já agora?

— Sem dúvida, pois que aceitamos o conselho que nos sugeriu a sabedoria do nosso capelão! acudiu D. Francisco.

— E a vossa promessa, senhor!... É preciso que o veja aquela de quem aí se fala, para que o desminta!

— D. José, trazei aqui vossa irmã!

— Com vossa permissão! *Primo*, julgo eu que resolvido se desse ao desprezo este escrito, entende-se todo o conteúdo seu; portanto desapareceu o motivo e a necessidade deste passo, sempre difícil para uma donzela angélica e de tanta pureza como D. Inês. *Secundo*, mostrar-lhe tal papel seria pô-la em ânsias por pessoas que lhe são tão conjuntas, como pai e irmão, e outra que o será em um ano!

— Ponderais bem, Fr. Carlos; mas já que esta ocasião se apresentou, ouça eu o que ainda não ouvi daquela que tem de ser minha esposa, oculte-se-lhe embora todo o ocorrido.

D. José saiu para cumprir a ordem do pai. Achou Inesita na varanda, recostada à penumbra, e olhando tristemente o céu; ao aproximar-se, a menina estremeceu, e seu olhar angustiado caiu-lhe sobre a mão direita, correndo como uma faísca elétrica ao longo da espada. Procurava esse olhar ali o vestígio do sangue de Estácio?

— D. Inês, vosso pai vos chama!

A menina seguiu automaticamente para a porta, depois de ter feito um gesto de assentimento com a fronte.

— D. Fernando de Ataíde deseja ouvir de vossa própria confissão, minha irmã, que respondeis aos sentimentos que lhe soubestes inspirar!...

— E por que o não dissuadistes, meu irmão?... respondeu a donzela voltando-se com uma dignidade serena para o alferes.

— Por quê? replicou o alferes com um mau sorriso. Porque um besouro lhe zumbiu aos ouvidos que sem o consentimento dos vossos tínheis dado a outro o vosso coração. Ora se isso fosse verdade, esse feliz seria hoje mesmo um homem morto! Mas não é verdade!... Tenho disso toda a certeza!

— D. José, mal conheceis vossa irmã se cuidais que ela seja capaz de comprar com uma mentira a vida daquele a quem ama!

E soberba e rainha, na sua altiva resignação, assomou à porta da sala onde a esperava seu pai. O frade adiantou-se como para recebê-la, e ao passo que lhe dava a mão a beijar, murmurou-lhe baixo estas palavras:

— Filha, há segredos que só no confessionário se revelam!

D. Francisco de Aguilar dirigiu-se à filha com certa severidade:

— Vosso pai vos ordena, D. Inês, que em presença de vosso futuro esposo confesseis a verdade dos vossos sentimentos a seu respeito. É de vossa livre vontade que recebereis sua mão e seu nome?

— Ordenais, senhor; devo obedecer-vos sem hesitar. Darei minha vida a quem escolhesteis, de minha muito livre vontade, porque a dou a vós, de quem a recebi eu.

— Estais satisfeito, D. Fernando?

— E o vosso coração, mereço-o eu?...

Inesita calou-se:

— Falai! disse o pai.

— Mereceis, Senhor D. Fernando, melhor do que este coração ingrato e desleal, pois se roubou ao seu dever para dar-se a um infeliz como ele!

— Que proferis, D. Inês?

— A verdade, como ordenastes, senhor! Este orgulho podeis ter, que nunca vos mentirá vossa filha!

— Quem foi o sedutor infame?

— Sedutor, se o houve, foi Deus somente...

— Não blasfemeis, D. Inês.

— Deus que nos reuniu quatro vezes, uma para que me salvasse ele, e todas para que lhe pusesse eu a vida em risco, quis que por gratidão e misericórdia o amasse!

— Como se chama?

— Sim, o nome?

Inesita pôs os olhos no céu e entreabriu os lábios para que exalasses o nome querido entranhado no mais profundo de sua alma. Um grande rubor invadiu-lhe súbito as faces, que arderam; refluindo, deixou uma grande lividez impressa nas feições.

Desmaiara.

Reboava o carrilhão do Colégio.

O povo afluíra em massa à festa de Reis que celebravam os padres no seu mosteiro. As ruas estavam enramadas de palmeiras e florões, e a praça toda apavesada de flâmulas e galhardetes. A artilharia montada na cerca jogava de meia em meia hora; a armação da igreja excedia na riqueza e primor quanto se tinha visto mesmo em Portugal.

O orgulho dos jesuítas não podia consentir que passasse sem protesto o regozijo dos nobres e senhores de engenho pela chegada do novo governador. Aproveitando o pretexto do dia de Reis que vinha logo em seguida, resolveram dar também a sua festa ao povo baiano e eclipsar no suntuoso das galas e ornamentos, bem como na concorrência, a cerimônia religiosa da catedral.

O P. Gusmão de Molina aprovou a ideia e foi em comissão com o provincial e o reitor pedir a D. Diogo de Menezes a honra de sua presença; admirou-se o governador do estranho proceder, que denotava mudança de tática do adversário; e suspeitou que o motivo oculto desse passo era apresentá-lo aos olhos de El-Rei como intolerante, caso não comparecesse ele conforme decerto esperavam. O que porém resolveu D. Diogo a ir foi o lembrar-se da ausência do provincial na Sé em dia de Ano-Bom; tinha por indigno

do seu caráter, como de seu cargo, mostrar que o ofendera semelhante ato, e retorquir por igual modo.

A fidalguia, com exceção dos poucos amigos e devotos da Companhia, não apareceu; em compensação o popular, que uma parte era pelos padres e outra pela festa, apinhava a igreja e o terreiro. Muita gente viera de todo o recôncavo; e muita ainda estava chegando para o fim da cerimônia.

Já a missa cantada havia começado: Fernão Cardim oficiava; o reitor tinha a epístola e o P. Figueira o evangelho. O coro dos noviços e estudantes, regido pelo respeitável Manuel Soares, correspondia à reputação musical de que merecidamente gozava a Casa Provincial do Salvador, desde o tempo do P. Navarro, o Orfeu cristão. Não obstante, o nosso Bartolomeu Pires, de corpulenta memória, mui digno mestre de capela da Sé Catedral, nesse momento ao lado de seu inseparável amigo Vaz Caminha, achava que dizer à execução.

— Ora, vede, senhor licenciado, como agora afrouxam o compasso, para outras vezes esticá-lo que parecem vão a toque de marcha!...

— São invenções de canto moderno, mestre Bartolomeu!... respondia o advogado mansamente.

— Bem sei; mas não me parecem bem na música de igreja; para salas e terreiros, não digo que não!... E as vozes, achais

que sejam bem afinadas umas por outras?

— Podiam ser mais, e o seriam, se fossem regidas por certo mestre de capela do meu conhecimento.

— Haveis de dizer-me o seu nome! acudiu o músico expandindo-se como um repolho.

Nesse instante entrou uma dama de preto, coberta de mantilha e véu espesso, que ao passar enviou ao advogado uma ligeira saudação da frente. Seguindo com os olhos o passo airoso e a ondulação do talhe elegante, o advogado reconheceu através das rendas a sua formosa cliente da Rua de Santa Luzia. Era com efeito D. Dulce que vinha à festa impelida por uma irresistível tentação.

Desde o instante em que vira seu marido sob o hábito negro de Jesus, a infeliz senhora tinha, como confessara ao doutor, momentos terríveis em que sua alma queria revoltar-se contra a religião que lhe arrebatara o objeto de seu amor, a outra metade viva dessa metade morta. Às vezes até blasfemava no delírio de sua paixão desgraçada; e exprobrava ao Senhor ter-lhe tomado o esposo que lhe dera, e quebrado a união que santificara. Depois essa febre passava; a coragem lhe desfalecia; mas ficava no coração um ódio profundo e entranhado contra tudo que pertencia à Ordem de Jesus. Se então ela recebia o padre reitor, era por uma espécie de gozo da vingança, para zombar da argúcia

do religioso, e açular nele a cupidez do ouro, que contava frustrar afinal. Deleitava-se em tentalizar o frade.

Outras vezes porém Dulce sentia passar em si uma coisa estranha, revulsão terrível do seu ser. O coração como que inchava, inchava a ponto de estalar; o amor que espadanava de todos os poros e enchia por tal forma que a raptava a si mesma e à sua razão. Ela via diante de si um vulto humano, trajando hábito negro, e precipitava-se para ele; o enlaçava em seus braços; esmagava-o de beijos e o afogava de delícias. Nesses momentos, como que um mar imenso de amor a inundava, tal era a potência com que sua alma se esparzia. Tudo que lembrava a última aparição do esposo, a igreja da ordem a que ele pertencia, a roupeta que trajava, o nome que trazia, tudo exercia sobre ela uma atração irresistível; a tudo ela amava.

Naquela manhã teve Dulce um desses momentos.

Espertara ela e repassava os amargores da sua vida, quando as vibrações graves do bronze repercutiram no seu coração como ecos de vivas recordações. Lembrou-se do dia que era; conheceu qual sino reboava assim, e levada de um assomo incompreensível toucou-se e adereçou mui ligeira, sem mesmo chamar a velha Brásia. Esta só apareceu quando já estava pronta, e foi pôr os olhos nela e exclamar levando as mãos à cabeça:

— Virgem Maria Santíssima, será verdade o que veem estes olhos!... A dona ataviada para sair!

— Que espanto é esse, Brásia? Iremos à missa do Colégio!...

— Santo Breve da Marca! Com a igreja atopetada de gente como há de estar! Se por estas bandas retiradas anda o povo em pelotões, que não será no terreiro!... E então a dona que não tem costume desses apertos!...

— Pois arranjai-vos logo para que mais cedo cheguemos!...

— Mas atenda a dona. Sempre é bom tomar conselho do reverendo padre reitor!... Não custa; vou lá e torno aqui, em menos de uma *ave*.

— Não careço de conselho para ir à casa do Senhor! Cuidai de preparar-vos para acompanhar-me.

O tom severo destas palavras desconcertou a velha. Ela começou a girar na recâmara toda atarantada, até que descobriu um imperceptível senão no toucado de Dulce; tratando de corrigir esse defeito, tais coisas fez, que a dama foi obrigada a tocar-se de novo. Mas quando chegou a ocasião de trajar-se ela para a festa, só uma paciência de santo a poderia sofrer. Agora faltava a saia preta que as almas lhe tinham carregado; depois o cabeção de sair que o Tinhoso por pirraça lhe sumira; logo eram uns flatos que lhe

atacavam a ilharga, ou umas cãibras mesmo na sola do pé, que não lhe deixavam pisar no chão!...

A princípio Dulce acreditou na realidade desses repentinos acidentes; mas o talento com que a velha Brásia os improvisava, foi justamente o que a perdeu, porque a coincidência de tantas contrariedades na mesma hora, despertou a desconfiança da dama; ela reparou na servente e pareceu-lhe que havia ali mais caretas e trejeitos que dores reais:

— Então, Brásia, vindes vós afinal?...

— Bem estou rogando aos meus santos que me valham!... Mas já por duas vezes que acometo de andar e não posso comigo a dar um passo!... Ui! ui! ui!... Cá estão elas, as cãibras, mofinas, que são molhos de alfinetes me crivando de umas dores finas!...

— Pois fica-te sossegada, que eu me irei acompanhada de Lucas!

E sem mais saiu a senhora da câmara e foi à cozinha para cumprir o seu dito: logo após, a velha Brásia ergueu-se, e pé ante pé a seguiu de longe; quando viu que não havia meio de impedir que a moça fosse ao colégio naquele dia, resignou-se, e tomando seu partido apresentou-se na porta embiocada na mantilha. Para de alguma forma disfarçar a

sua rápida e milagrosa cura, manquejava ainda do pé, e trazia do canto de cada olho pendurada uma lágrima.

— Oh! que milagre, dona! Foi agarrar-me com o angélico Santo Antônio, e as dores aplacando, aplacando!...

Fora esse o motivo por que Dulce chegara à igreja depois de começada a cerimônia; ao sentar-se ela no estrado de um dos altares laterais, reparou que Brásia não estava ali junto, e supôs fosse o aperto da gente que a tivesse perdido dela. Enganava-se porém; a velha, veterana de festas e procissões, furou como um mergulhão as ondas do povo, e ganhando a nave, enfiou pela escada do convento acima. Foi-se ao primeiro leigo que encontrou e disse-lhe em grande alvoroço:

— Senhor meu devoto, levai-me já nesta hora ao Rev. P. Molina!...

— Não pode ouvir-vos agora, mulher; pois já está recolhido na câmara do púlpito para o sermão que vai entrar!

— Se foi ele próprio quem mandou-me o buscase neste agorinha! É mesmo pelo sermão!...

O Irmão Bernardo olhou desconfiado para a velha; mas esta levando a mão ao peito, fez um sinal cabalístico, que dispôs favoravelmente o leigo.

— Vinde, irmã.

O porteiro guiou a velha até defronte de uma portinha de tribuna; às pancadas miúdas e contínuas da Brásia perguntaram de dentro quem batia.

— Uma devota da Rua de Santa Luzia!...

A porta abriu-se logo; dentro do cubículo estavam duas pessoas: o visitador e um frade moço que acompanhava lendo em um rolo de manuscrito a declamação do pregador. Fora o P. Molina quem abrira o postigo, e reconhecendo a velha, saiu fora para ouvi-la. Brásia derrubou-se impetuosamente de joelhos aos pés do jesuíta, batendo nos peitos, lamentando-se, clamando misericórdia, e engrolando com estas lamúrias a narrativa do que era passado.

— Então ela está aqui?... disse o P. Molina com uma voz surda.

— Não houve forças, padre meu, que a despersuadissem de vir.

O visitador refletiu um instante.

— De que lado está ela?... Quero vê-la.

— Deste lado da Epístola, mesmo aos pés do altar do Santíssimo!

O frade serenou.

— Bem; tornai à igreja; e se a virdes muito aflita, fareis que a levem a casa sem tardança.

A velha beijou a manga do sacerdote; e desceu ao corpo da igreja à busca de Dulce. Descarregada a consciência do peso que trazia, Brásia restituída ao seu beatismo, palpitava com a lembrança do próximo sermão.

O P. Molina logo no seguinte dia ao da sua chegada, encontrando-se por tarde com o reitor, comunicou-lhe que tomava ao seu cuidado o negócio da misteriosa dama, de que se tratara na véspera em capítulo.

Assim se explicam as entradas da Brásia com o visitador, que ordenara-lhe empregasse traças para desviar a moça de ir ao colégio naquele dia, especialmente por causa da pregação; como essa devia ser forte em demasia, podia abalar muito a alma da senhora e movê-la ao pranto e lamentação de suas passadas desditas. Ora, a velha servente, condenada a perder o famoso sermão, não cabia em si com o contentamento de o ouvir e comentar com alguma comadre que por ali achasse a jeito.

Varando entre a pinha de devotas, chegava ao lado de Dulce e encolhia-se para acomodar-se no cantinho que lhe fizeram as outras conchegando-se, quando foi ouvido um burburinho que fazia o povo empurrando-se com murmurações descontentes, mas contidas pelo respeito do lugar.

— Já se viu isto?... exclamava toda arrebitada a tia Eufrásia. Vir à igreja como uma emparedada, a tomar largas aos mais!...

— Ela que se esconde, não é boa coisa!... respondia o Anselmo.

— É mesmo!... Já lhe os pecados sem dúvida arreventaram em lepra pelo corpo.

Adiante, mestre Brás, acochado pelo mulherio, resmungava:

— Quem vem por derradeiro, que fique à porta!... E não incomode os mais!...

Passava a Joanhinha, que voltou o rosto zombeteiro:

— Usais isso na vossa bodega, Senhor Brás? Cuido eu que não, pois os que mais tarde chegam, são que mais lá dentro vão!...

— Cuidai mais de vós, rapariga, e menos do próximo, para que deixeis em paz as más línguas!

— Em paz estão elas, sô taberneiro de meia cara, dêis que as pondês de molho na vossa espelunca de judeu!

O Brás ia responder quando um soco bem aplicado nas costelas o derreou:

— Cala esta boca de excomungado, mercador de zurrapa!

Esta exclamação e o soco que a precedeu foram obras de misericórdia de Gil; quando o taberneiro voltou a si da dor já o travesso pajem estava longe ao lado de Joanhinha, que o encobria com a vasquinha.

Enfim até o mestre Bartolomeu, apesar da atenção que dava ao coro, foi distraído pelo rumor e agitação do povo, e notando a causa, não pôde deixar de dizer para o licenciado:

— Pois tem jeito isto?... Pôr em alvoroço a gente toda por causa de um, e no meio do coro!...

— Alguma dama doente, sem dúvida!

— Na catedral, senhor licenciado, não se veem dessas coisas.

Ora, a causa de todo esse rebuliço era um palanquim fechado completamente, a não serem as frestas da rótula dourada que formava duas sanefas por banda. Ao chegar à portaria, logo desceu um frade, que depois de algumas palavras em voz submissa trocadas através da persiana, guiou os portadores pela igreja dentro, pedindo aos devotos que se afastassem para deixar passar a dona que chegava, senhora de muito valimento e maior humildade, que assim vinha à festa por virtude de um voto. O palanquim avançava lentamente, e por onde passava ia levantando as

protestações que se viram; pior foi quando chegou aonde devia ficar, justamente junto ao altar do Santíssimo.

As devotas que ali estavam tiveram de erguer-se e ceder o lugar. Umas aí mesmo se acomodaram a trouxe-mouxe, e em posição menos decorosa para damas sisudas. Dulce preferiu sair, e ia-se retirando para a porta, quando Vaz Caminha apercebendo-se, acudiu-lhe a ponto. O advogado recorreu aos bons ofícios e aos formidáveis quadris do seu amigo Bartolomeu.

— Não poderíeis, mestre Bartolomeu, acomodar nalgum canto aquela dama, a quem tiraram de seu lugar?

— Por dar-vos gosto, senhor licenciado, o que não farei eu!... Vênia, senhores meus, para uma dama!...

O mestre de capela acompanhou o aviso de um tal sacoteado de ancas, que abriu logo brecha na turbamulta. Achegando-se a Dulce, o advogado ergueu-se na ponta dos pés para murmurar-lhe perto do ouvido.

— Este amigo vai levar-vos a bom posto para gozardes o resto da festa. Segui-o, senhora.

— Deus vos recompensará tanta bondade, doutor! Melhor porém é ir-me a casa, pois sou demais aqui.

— De modo algum, D. Dulce; por minha parte não consentirei nessa descortesia de faltar-se com o devido às

damas, e sobretudo em lugar onde elas são recebidas a título de anjos!

A moça meio rendida à fineza do advogado seguiu a trilha que deixava o mestre Bartolomeu, e chegou assim até o último retábulo do lado do Evangelho: aí havia entre as beatas um tocheiro que o Pires tirou para dar lugar à dama, e foi de mão em mão parar junto de Gil. O pajem trepando no pedestal abraçou-se com ele e pôde assim gozar da festa por cima da cabeça de Joanhina, que não tinha onde sentar-se.

— Olha, Gil, quem está ali! dizia a mulatinha.

— Onde, Joanhina?...

— Deste mesmo lado, perto da cadeirinha!

— Ah! Tiburcino?

— Não!... Aqui pelo beque da tia Eufrásia, antes de chegar ao condestável do Santo Alberto!...

— Vejo, vejo, rapariga! O Senhor Estácio?

— Não te parece bem mais contente que estes dias passados?

— Destes contentamentos livre-te Deus, Joanhina!... Riso por fora, e por dentro facadas!

— Ai! amores, amores! Rebentam em flores, o fruto são dores!... disse a mulatinha sorrindo e suspirando ao mesmo tempo.

Nisso o pajem descobriu perto o Brás:

— Olé! Queres ver, Joaninha, um riso gostoso?...

— Aquieta-te de uma vez, Gil!

— Espera um tantinho!... Ele vai chiar como carrapeta.

O menino lesto desceu do tocheiro, e chegando à parede, conseguiu, pondo o pé no plinto da coluna de mármore, suspender-se até a altura da arandela. Aí, com o disfarce de ver melhor, foi torcendo um brandão de modo a pô-lo sobre a cabeça do Brás; feito o que voltou ao seu lugar e esperou o resultado da travessura. Momentos depois os pingos de cera fervendo caíam sobre a mão do taberneiro, que repinicou de dor.

— Arre! casmurro!... Vês, Joaninha, como ele chora pitanga?... Ao menos esta semana, quando aperreares o pobre do Martim, hás de lembrar-te de mim!...

— Arrengo do taberneiro!...

Também outra pessoa já tinha descoberto Estácio; era D. Dulce.

Estácio já não tinha realmente no semblante a tristeza profunda em que o sepultara a nova do casamento de Inesita, e a ideia de perdê-la para sempre; na sua fisionomia, como na sua atitude, o que logo se notava, era a expressão firme e enérgica do homem que tomou uma resolução decisiva, e espera a hora de realizá-la, indiferente a tudo o mais que passa em torno. E a sua alma e vida que dependiam todas daquele acontecimento futuro, derramavam-se às vezes no brilho de seus olhos, no fogo de sua tez, em assomos de esperanças risonhas, que enfloravam então um sorriso nos seus lábios. Outras porém refluíam ao coração, e repassando-se aí de uma melancolia doce e altiva, resignação dos caracteres fortes, vazavam no olhar que dirigia à divina majestade, e no qual punha a seus pés, como em holocausto, a sua vida.

O moço chegara ao terreiro, quando passava-lhe por diante a cadeirinha misteriosa; e como seu caminho era o mesmo, a foi seguindo até a igreja. Embora não lhe desse mais atenção do que qualquer outra pessoa, metendo-se ela naturalmente pelos olhos, viu sair pelas rótulas dois dedos mimosos, como jasmims, que se moveram com extrema vivacidade, a modo de que chamassem alguém. Volveu o moço a vista para conhecer a quem era feito o aceno, e tornando à cadeirinha, os dedinhos que se tinham deixado ficar bem quietos, recomeçaram com a mesma ligeireza; de repente desapareceram arrebatadamente em risco de se magoarem.

Este brusco desaparecimento não escapou a Estácio, que logo o combinou com outras circunstâncias por ele observadas; a de se terem os lindos dedos mostrado da parte ocupada pelo assento de diante, e quase rente com o estrado.

— São duas pessoas, pensou o moço; naturalmente mãe e filha. Foi esta quem passou os dedos às escondidas por entre as dobras da vasquinha, e os recolheu de chofre com medo que a velha se apercebesse!...

Os espíritos do cavalheiro alvoroçaram-se. Viera ele tão descansado da ideia de ver Inesita nessa festa, e tão convencido da impossibilidade de tal acontecimento! Mas eis que um simples gesto gerou em sua alma uma esperança louca. Pareceulhe imediatamente provável, o que pouco antes considerava impossível. O mistério do palanquim cerrado, e ainda mais as palavras alusivas à dama enferma que proferira o jesuíta na porta, lhe davam rebates no coração. Resolvido pois a decifrar aquele enigma, acompanhou a cadeira, e colocou-se perto dela no corpo da igreja.

Após ele enfiou Tiburcino, que o seguia de longe, e postou-se de modo a não perdê-lo de vista. O magarefe tinha descoberto a Joaninha, mais longe, no extremo do arco que descrevia naturalmente o seu olhar, o qual começou imediatamente a oscilar da direita para a esquerda, de Estácio à rapariga, com a regularidade de um pêndulo.

Assim notou ele quando esta, mostrando a Gil o cavalheiro, lhe reparara atentamente no semblante; os ciúmes acenderam mais violentos n'alma do pobre carnicheiro, e afuzilavam nos olhos com um fogo sinistro.

Joaninha voltando então o rosto para ver o seu infeliz enamorado, notou aquele estranho lampejo que saía da pupila do magarefe e parecia mesmo de longe chamuscar a tez delicada do cavalheiro. Acudiu-lhe à mente a noite de ano-bom, e a palavra rouca que o magarefe soltara na praça do palácio; a esta lembrança sentiu correr-lhe um calafrio pelo corpo.

Fez-se nesse momento um grande silêncio no vasto âmbito do templo.

A atenção do povo derramada por tantos assuntos vários recolheu, e pairou na expectativa de um acontecimento importante. Os olhares todos voltaram-se para um só ponto da igreja, enquanto os lábios mudos entreabriam-se, não para a palavra que os desertara, mas para a ansiada respiração.

No quadro do púlpito acabava de aparecer a figura solene e inspirada do pregador. Sobre o busto negro, aquela máscara pálida e ascética ressumbrava severa majestade. Os olhos fugidos pelas órbitas, pareciam submergir-se nas profundezas daquele vasto espírito, para arrancar dali, como das entranhas de um vulcão, a lava incandescente do olhar.

Pela abóbada da frente vasta e proeminente as oscilações dos círios próximos jogavam ondulando, como um reflexo do que passava dentro, onde as ideias deviam pulular assim.

A mão branca, longa e descarnada, surgindo da larga manga do hábito, vibrou o gesto como o raio que se desenvolve da caligem densa de uma nuvem. A voz possante e arrebatada troou pelas abóbadas do templo augusto, onde meio século depois devia ecoar a palavra eloquente de Vieira. Quem sabe? Talvez a essa hora ali estivesse ele, infante ainda no colo materno, escutando seu predecessor e êmulo.

O púlpito era naquela época a única tribuna do povo; e o sermão tinha no lábio de um orador eminente grande importância política: era a voz do povo fundindo-se na voz de Deus.

A liberdade não perece nunca, porque a liberdade é a essência da alma imortal; a todo o tempo e em qualquer região, oprima embora o despotismo a grei humana, depravando a criatura racional e clausurando as nobres aspirações da inteligência; procurai a liberdade nessa treva espessa, que a achareis em alguma parte; se não for na superfície da terra, será foragida nas catacumbas de Roma, ou voando ao céu, a abrigar-se na eternidade, como o espírito dos primeiros cristãos atirados barbaramente em pasto às feras, e a alma dos mártires de 1817 imolados aos últimos paroxismos do despotismo português.

Enquanto ela acha um ponto onde se encarne, não abandona a terra; às vezes é na lança do bárbaro godo ou na ponta da valente espada do cavalleiro da Idade Média; outras no pelouro das comunas, nas dobras da beca do juiz, ou ainda na toga do advogado; algumas já appareceu nas trovas populares, nos motes e chacotas de ruas, nas obras de arte. Ao tempo desta história abrigara-se nos claustros, e trajava a sotaina e o burel. Era a época em que Bossuet admoestava do alto da cadeira sagrada a poderosa majestade de Luís XIV, e Vieira censurava os reis e satirizava os ministros.

O P. Molina, conformando sua prédica com o assunto do dia, tomara um tema vasto, sobre o qual a sua inteligência ousada e brilhante podia discorrer livremente. Foi com uma entonação lenta e grave, que de seus lábios caíram a uma e uma, sobre a multidão submissa, as palavras bíblicas, acompanhadas de um olhar tão estático e fixo no sólio do governador, como se estivessem ali encarnadas na pessoa de D. Diogo todas as realzas do mundo:

— “*Audite ergo, reges, et intelligite, discite, judices finium terrae.* “Ouvide pois, reis, e comprehendereis; aprendei, juizes dos confins da terra!” É do Livro da Sabedoria, cap. 6.º, v. 2.º.”

Houve uma breve pausa; recolheu o olhar e a severa expressão do semblante nos recessos d'alma: toda sua pessoa parecia convolver-se ao íntimo. Instante depois a potente organização assim refrangida e socalcada fez

explosão: erigiu-se alto o talhe e arfou o peito amplo com o dilatar daquele espírito vigoroso. Os arroubos celestes o transfiguraram de repente em sublime apóstolo; com os olhos em êxtase no retábulo da adoração dos magos que lhe ficava fronteiro, começou:

*“Espetáculo majestoso, tão majestoso em aspecto, como em lição profunda, é este que contempla em o dia de hoje a alma do cristão!... Ei-lo, ali, no humilde estábulo, o divino infante recém-nascido. Vileza de condição, pobreza da família e fragilidade do ser. Deus Padre as dispôs, de modo que a maior alteza e poder da terra acurvasse mais baixo ainda e tanto que rojasse no esterco imundo!...*

*“Vede!... aquelas três frentes altivas derrubadas ante o vil retábulo da manjedoura, mãos no peito, joelhos no chão! Na vária figura significam os três peregrinos as raças de homens disseminados pela face do globo; na coroa que os cinge, a majestade humana prostrada no pó e aniquilada ante a majestade onipotente daquele que somente é, porque nele e em sua infinita bondade está quanto existe e foi criado.*

*“Vinde aqui, vós, a quem o Senhor fez reis dos povos, e compreendei!... Vinde também vós, a quem os reis constituíram grandes e primeiros dos seus súditos, para os guiar, e aprendei neste exemplo!...*

*“Vinde todos vós, nobres, ricos e senhores, que viveis intumescidos das grandezas, mas fofos do espírito da virtude, e humilhai-vos!*

*“O Senhor vos discrimina; seu olhar vos conta as cabeças erguidas, e sua ira terrível, concitada pela justiça, não tarda vibrar o raio tremendo que há de fulminar-vos em vossa soberba!... Curvai essa fronte ímpia, que desafia a cólera celeste!...”*

Estrida súbito pela abóbada um grito vibrante, que atravessa os ecos da voz sonora e cheia do pregador. Uma dama que se erguera convulsa e hirta, caiu fulminada no pavimento, como se lhe estalasses as entranhas naquele grito angustiado, deixando escapar a vida. Era D. Dulce; desde o começo do sermão, Vaz Caminha a vira erguer impetuosamente a cabeça e devorar com os olhos a figura do frade; uma corrente magnética se estabelecera entre ambos, que a atraía irresistivelmente para aquele vulto solene, primeiro a alma, depois o corpo também. Com efeito, sem o sentir, fora se erguendo por uma espécie de orgasmo, e sem o querer achou-se de pé com o corpo inteiriçado e as mãos crispadas.

No momento em que o P. Molina acentuando a sua imprecação, inclinou o rosto para ela, esmagando-a com o peso do gesto e do olhar, sua alma estalara naquele grito estridente que fora ouvido. O advogado seguido do mestre

de capela correu em socorro da dama, que acharam desfalecida no colo da velha Brásia e cercada por outras beatas.

O acontecimento desviara um instante a atenção geral do púlpito, e por isso despercebido ficou o sorriso fulvo que perpassou no rosto lívido do sacerdote, rápido como lampejo de borrasca. Ele recobrou-se logo, e dando à sua fisionomia uma expressão tremenda e augusta, com uma só frase da voz solene, avocou a si todos os espíritos e todos os olhares!

— Grande é o poder de Deus!...

Abaixando para o corpo desfalecido da dama um olhar compungido, continuou com fala dolente:

*“Sucumbistes, mísera criatura, minada pela culpa, ao peso do remorso!... Caístes fulminada ao sopro vingador da ira celeste!...*

*“Deus grande, Deus onipotente, vós que armastes o braço frágil de vosso ministro, e infundistes na sua imprecação uma centelha da vossa ira tremenda, para que tivesse a força de abalar este povo embrutecido no pecado e penetrar o seixo áspero do seu coração: Deus infinito de bondade, deixai cair sobre a mísera pecadora uma lágrima de vossa misericórdia. Graça, Senhor, graça para esta*

*alma, que renascerá pelo arrependimento, depois de dura expiação.*

*“Graça para ela, mas punição para os que persistem na culpa, punição tremenda. Assim como esta, caiam fulminados pelo raio todos os réprobos! A sua hora está marcada; eu daqui as vejo, essas cabeças onde o anjo vingador já selou em caracteres invisíveis a sentença do extermínio. Tremei, vermes da terra, tremei. Não ouvistes?... Ai, não! O tiritar dos membros e ranger dos dentes não vos deixam escutar... Mas eu ouço já o medonho sussurro que se levanta lá nas portas do céu. É o bulcão que vos há de varrer, miserável argila. Face em terra! Rebolçai-vos no pó. A maldição do Senhor desce sobre vós, como desceram sobre o povo de Israel as chamas do Monte Sinai!”*

Levantou-se por todo o âmbito da igreja uma grande lamentação, entrecortada de soluços e prantos; a maior parte das mulheres e muitos homens caíam com a face em terra, rojando pelo chão as fronteiras, ou batendo fortemente nos peitos com grandes clamores, entre os quais destacavam esses gritos:

— Senhor, misericórdia!...

— Confesso a minha culpa, absolvi-me, padre!

Depois de gozar um instante desse triunfo, o sacerdote aplacou a tempestade que ele próprio concitara.

*“Sus!... Erguei as fronte humilhadas e preservai no arrependimento, que a graça do Senhor descerá às vossas almas na bênção de seu indigno servo.”*

Lançando com um gesto augusto a bênção ao povo reverente, o pregador arrojou-se de novo, soltando os voos à sua eloquência impetuosa. O P. Molina era sobretudo orador de improviso; os cometimentos ousados, as inspirações audaciosas, os rasgos sublimes, debalde os buscara ele no silêncio da cela e na meditação e estudo: onde os achava era no púlpito, quando o arrebatava o entusiasmo apostólico. Aí a ideia lhe caía do céu na mente inspirada, já envolta na palavra eloquente, que às vezes fluía, outras espadanava do lábio arrogante.

O sermão escrito não era pois para o P. Molina mais que um apontamento, ou melhor um ensaio da pregação. Dele só aproveitava de ordinário o introito; e muitas vezes nem isso. Se a inspiração lhe chegava logo, como já havia sucedido, seguia após ela. Nesse dia fora a presença de Dulce que desviara seu discurso do rumo traçado. Logo que aparecera no púlpito, o jesuíta percorrendo a igreja do olhar vasto e eminente com que os grandes oradores tomam posse de seu auditório, viu defronte de si a filha de Ramon e a

reconhecera imediatamente apesar dos anos, pela impressão que causou nela seu aspecto.

Ele sabia a lucidez maravilhosa do olhar do coração, do olhar amante, e vira a prova na cena da igreja em Palos; sabia que sua voz tinha vibrações profundíssimas naquela alma assolada pela desgraça. Não o surpreenderam pois os sinais de pungente emoção que logo começaram de manifestar-se na feição e modos da dama. Sua feliz imaginação lhe apresentou o meio de tirar partido desses próprios sintomas que o podiam comprometer, conhecida a causa. Previendo com uma justeza e alcance admiráveis o que ia acontecer, prevenindo o grito que ele já via soluçar na garganta opressa, formulou de repente aquela imprecação, que o seu gesto lançou justamente sobre a cabeça de Dulce no momento em que ela sucumbia, acabando de reconhecê-lo.

Todos supuseram que o grito e desmaio da dama fora efeito da ameaça, quando ao contrário esta era lançada por ter Dulce reconhecido a seu marido. Depois aproveitou ainda habilmente aquele acidente para um triunfo oratório, que se por um lado lisonjeava seu orgulho, por outro distraía completamente a atenção do acontecimento.

As beatas, chamadas a seus próprios pecados, abandonaram a pobre dama, que entregue unicamente ao advogado, e à velha Brásia, foi em braços para fora da igreja, donde a

conduziram a casa em uma cadeirinha que se achava a ponto, como se a tivessem disposto de antemão para tal fim.

O frade, que apontava o rascunho do sermão, não conhecendo o costume do P. Molina, embasbacou quando o percebeu afastar-se da letra; cuidando que o não ouvisse o pregador por falar baixo, foi alteando a fala a ponto que ultimamente mais parecia berro, e começava a obscurecer a voz sonora do orador. Aí o P. Molina que descrevia em traços largos e brilhantes o quadro do nascimento de Jesus Cristo e a adoração dos magos, e não podia conter a sua impetuosa eloquência para mandar uma advertência ao apontador, socorreu-se de um meio engenhoso. Fez aparecer no estábulo os animais que a crença popular pretende que anunciaram o nascimento de Cristo; e mostrando como o zurro do jumento desconcertava da geral harmonia, clamou de repente, voltando-se:

— Silêncio, bruto!

O frade, que recebeu esta apóstrofe à queima-roupa, calouse; e o pregador continuou sem estorvo. Do assunto religioso passou por uma transição hábil para o assunto político: lembrou que esses reis da terra em adoração ao rei do céu, significavam quanto o trono dependia do altar, e recordava os deveres sagrados que o Senhor havia posto aos seus unguídos. Discorrendo então sobre a missão da realeza na terra, passou a tratar especialmente das coisas do Brasil e sua governança. Censurou o menospreço em que estava a

religião nessas partes por culpa dos que dirigiam o povo; aludiu com elogio ao governador atual, D. Diogo de Menezes, a quem louvou a nobreza de caráter, o seu saber e prudência de homem de guerra e de estado, lamentando apenas que tão ilustre capitão arrefecesse no zelo do espiritual. Rematou a oração batendo rijo nos senhores de engenho, vampiros que sugavam o melhor do sangue de tão grande reino, e viviam chafurdados no ouro com grande escândalo da religião, roubando ao grêmio da igreja um povo para o cativar.

No meio de uma peroração eloquente, desapareceu o P. Molina do púlpito como tinha aparecido, de improviso. A multidão de carolas e beatas precipitou para o consistório e ganhou as escadarias para esperar no seu caminho o pregador. Quando ele passou, toda aquela gente acotovelavase na ânsia de primeiro beijar a borda do hábito do santo homem, ou tocar de perto o seu corpo milagroso. Naquele dia e nos seguintes não se conversou entre a gente miúda outra coisa além do sermão de Reis, e do miraculoso caso da mulher castigada pela praga do santo homem.

Desde então o P. Molina ficou em grande cheiro de santidade; e, como o senador romano nas dobras de sua toga, trazia o frade nas pregas da roupeta a paz ou guerra, para a cidade do Salvador. Quisesse ele, que do alto do púlpito concitaria às armas em favor de uma causa qualquer a arraia-miúda; mas o visitador era muito prudente para

tentá-lo; bastava-lhe que essa convicção entrasse no espírito de seus adversários.

Na confusão que operou o refluxo dos devotos correndo à sacristia para ver de perto o pregador, rareou a multidão em roda do misterioso palanquim, e ficou-lhe mesmo ao lado um espaço de laje descoberta.

Estácio, que não obstante os acidentes da festa, nunca desviara a atenção da cadeirinha, viu o dedozinho mimoso enfiar outra vez pela rótula, mas dessa vez bem longe de agitar-se, ficou imóvel, como apontando-lhe o lugar vago. Ele obedeceu, e foi ajoelhar onde lhe ordenavam. Supôs achar-se então bem perto da pessoa que o chamara; e de feito através dos interstícios passava um hálito tépido e perfumado que bafejava-lhe a face esquerda.

Entretanto nada mais adiantava o cavalheiro, e já ia erguer-se, quando começou a ouvir um ligeiro e doce sussurro de rezas proferidas por uma voz maviosa, ainda tão baixo que não se percebiam palavras. Mas logo a fala subiu de tom, e disse claramente estas palavras:

— Esperança nossa... a vós bradamos... a vós suspiramos, gemendo e chorando, neste vale de lágrimas...

Estácio conheceu que a voz misteriosa rezava a Salve-Rainha, e tão compungida que às vezes excedia-se deixando perceber umas frases soltas e destacadas. Aplicando o ouvido para embeber-se daquela voz suave, qual não foi o

seu pasmo ouvindo com um termo ainda mais claro e expressivo um trecho da oração assim invertido:

— Eia, pois, *advogado nosso!*...

A terminação das últimas palavras foi tão distinta, que Estácio não podia duvidar. Dela resultou sem dúvida o travar-se dentro da cadeirinha um diálogo, de que o moço só ouviu o murmúrio; depois voltou o silêncio; a doce voz que rezava emudecera.

Cogitando desse caso estranho, e confrontando-o com as circunstâncias anteriores do sinal por duas vezes repetido, e da última de modo tão positivo, o cavalheiro tirou de seus pensamentos esta convicção, que ali naquele misterioso palanquim estava uma moça oprimida de desgostos, a quem guardavam do mundo para mais reduzi-la de um amor condenado. Impedida pela vigilância da mãe de divulgar sua presença àquele a cujos olhos a roubavam, pensando roubá-la ao seu amor, usara do engenhoso expediente de emprestar da oração algumas palavras alusivas à sua posição.

Essa moça, quem podia ser, senão Inesita? pensava Estácio palpitante; e acreditava que a Virgem Imaculada, a divina Mãe de Deus, cheia de graça, lá dos céus, de onde a contemplava sorrindo de bondade, perdoara à donzela aquele inocente pecado de seu puro amor, que perseguido na terra se abrigava à sombra de suas asas.

Era então meio-dia.

Terminara a cerimônia religiosa; ficava para a tarde a procissão, que devia rematar a festa da igreja, entrando à noite com as luminárias e vários artifícios de fogo, as danças e músicas de terreiro.

Dois pretos robustos, vestidos ao comum da peonagem, sem libré, suspenderam o palanquim aos ombros e saíram fora, caminho da Sé. Estácio, cada vez mais preso àquele enigma, o foi seguindo à distância, e com disfarce resolvido a ver onde entrava; na portaria, como parasse um instante para ver o lado que tomava, os dedos mimosos, já tão seus conhecidos e amigos, lhe acenaram um chamado, que ele bem compreendeu.

Logo que Estácio se dirigiu ao terreiro, Tiburcino, que não lhe tirava um instante a vista de cima, seguiu após, não diretamente, mas rodeando por longe, ora a uma, ora à outra banda. Esse jogo por mais bem concertado que fosse, não escapou à esperta da Joanhinha, a quem não saíra da memória o olhar torvo e mau com que o carniceiro no começo da missa chocava a sua raiva no semblante do gentil cavalheiro. Ora, a mulatinha tinha suas razões para querer a Estácio, e não gostara disso; entretanto ainda supunha que o cenho do magarefe não passasse de vãs abafas, quando o nenhum caso que dela fez na saída, deixando-a para ir na pista do cavalheiro, lhe deu seriamente que pensar.

Voltou-se para Gil que a ladeava, e lhe segredou ao ouvido com açoitamento:

— Apanha o cavalheiro quanto antes e avisa-o de que o seguem.

— O seguem a ele?... Mas quem?...

— Tanto basta que saiba, a fim de se ter em guarda.

— Renego eu de cachas!... Desembucha de uma vez, rapariga.

— Vai-te, que o não percas!... acudiu a alfeloeira vendo Estácio dobrar a esquina.

— Não haja cuidado, que em dois saltos o tenho filado!... Mas diz-me tu, Joaninha, quando hás de cumprir o prometido?...

— Qual prometido?

— Pois já te não lembra, da sexta-feira? Prometeste dizer uma coisa...

— Ah! sei já!... Mas para que, Gil, se tu, por meu mal, não a entendes!... É coisa que não se quer ensinada, mas que vem do coração sem a gente o querer, e brota como flor de rosa, que em a cortando mais copa e se enflora! Adivinha lá, se és capaz!...

E a mulatinha sumiu-se numa pirueta.

— Ai, a tonta da rapariga! gritou o pajem rindo às gargalhadas; e correndo na direção seguida por Estácio, passou por Tiburcino que ia adiante; nessa ocasião ouviu que chamavam:

— Psiu!... Psiu!... Tiburcino!... Ó cá!...

Era Joaninha que assim chamava o carnicheiro; este reconhecendo-a estremeceu desde as entranhas até a ponta dos cabelos. Lançou ao cavalheiro um último olhar aferrado como arpéu, para a ele pregar-se; mas poder maior o acabava de soldar ao chão, que não havia forças a arredá-lo dali. Em pé, ofegante, olhos em Estácio, ouvido na mulatinha, ali ficou aperreado como um touro ao mourão. Sentia aproximar-se a alfeloeira, e seus músculos de aço afrouxavam como cordas bambas de um mastro roto, açoitando ao vento o madeiro.

Joaninha achegou-se, e com o seu modo mais gentil e a sua voz mais cariciosa falou-lhe:

— Onde ides assim, tão alheio, que não dais com a gente, Tiburcino? É muito mal feito, sabeis?...

— Se não vos tinha visto, Joaninha! respondeu o magarefe achatando-se no gosto de ouvir aquelas palavras. Pois há nada que me alheie em vos vendo!...

— Escusas não são respostas!... Pergunto-vos eu onde ides desse passo?...

— Sem rumo, se não é que algum me dais agora.

— Oh! que sim!... Vinde cá em meu seguimento! disse a mulatinha acenando-lhe com a mão travessa.

O magarefe deitou ainda uma vez os olhos para o fim da rua onde pouco havia que Estácio desaparecera, e arrancando um suspiro roufenho da peitada robusta, com ele se arrancou a si daquele lugar por um esforço grande, a modo que despedaçasse o rijo laço que o cingia ao poste. É que nesse instante lhe surdira na imaginação aquela imagem augusta e tremenda do P. Molina, que ele vira horas antes do alto do púlpito vibrar a cólera celeste. Fervilhou-lhe n'alma um calafrio; mas fechou os olhos e seguiu a mulatinha.

Entretanto Gil tinha alcançado o cavalheiro, e dera-lhe o aviso mandado; mas esse não vendo pessoa no caminho, tornou ao pajem com presteza:

— Quero-me só neste instante!... Ganha o diante àquele palanquim, e vê por onde toma!...

Não se fez repetir a ordem o brejeiro do pajem, que logo atinou com a tenção do amo. Esse continuou a seguir o palanquim; em par do postigo iam agora dois homens por banda, que se lhe juntaram ao passar o Largo da Sé. Tinham

eles carapuça de rebuço, que lhes cobria quase o rosto inteiro, e reguingote comprido, por baixo do qual se descobria o jeito das armas, de que vinham forrados.

Quando a comitiva tomou para o lado da porta de São Bento, se alguma sombra de dúvida ainda anuviava a esperança de Estácio, dissipou-se, porque era aquele o caminho da casa de Inesita em Nazaré. Então no céu límpido da sua esperança lhe aparecia já de longe a deliciosa imagem da menina; como isso se fazia, ignorava-o ele, mas tinha fé em Deus e no seu amor. Nessa ocasião porém notou o cavalheiro que os acostados do palanquim se voltavam a miúdo para observá-lo, de certo por terem percebido que ele os seguia com tenção suspeita e não por acaso. Um deles encostara à grade a boca e logo após o ouvido, naturalmente para dizer alguma coisa e receber a resposta da pessoa que ia dentro no assento de honra.

Desse momento em diante parece que tomaram eles seu partido, pois não se voltavam já tão a miúdo como dantes, mas a espaços e com disfarce. Houve porém uma manobra que não passou despercebida a Estácio; foi destacar-se um homem de cada banda, e ir-se deixando ficar atrás, coisa de duas braças dos outros. Ao mesmo tempo os dedos mimosos passaram pelas grades, e acenaram vivamente que se fosse. O cavalheiro sorriu e continuou sem dar mostra de ocupar-se com quem ia adiante.

Já avistavam a porta de São Bento, quando saiu-lhe da esquina de Santa Luzia o Doutor Vaz Caminha. O advogado vinha da casa de Dulce, mergulhado em profunda meditação; decerto passaria sem dar fé do cavalleiro, se não fosse o risco que corra de ser esbarrado pelo palanquim. Erguendo então a vista, viu a comitiva e mais longe descobriu mal, pela cansada vista, uma figura que lhe pareceu de Estácio. Foi direito e presto a ele.

— Ia mesmo por vós, Estácio? Careço de falar-vos!...

— Depois, mestre!... Agora não o poderei!... Esperai um instante aqui, enquanto torno.

O cavalleiro apressou o passo para desferrar o tempo perdido; o advogado, pressuroso de falar-lhe o mais breve, e conhecendo o que levava o afilhado assim de afogadilho, foi andando após na mesma direção, pensando que mais cedo se encontrariam quando voltasse ele de suas cavalarias amorosas.

O palanquim passara a porta oriental da cidade; ia agora pelo caminho do arrabalde bordado de arvoredo, e quase deserto a essa hora de meio-dia. Os dois acostados que se haviam distanciado pararam, e abrindo os reguingotes levaram mão do punho das espadas, em ordem de quem se prepara para a briga. Bem os compreendeu Estácio que se foi chegando, descuidado de seu, como se a coisa não fosse absolutamente com ele.

— Inda que mal pergunte; morais destas bandas? disse um dos tais.

Não se dando por ouvido, ia o moço avante, quando o taful sacando rápido da espada acrescentou:

— Já que não respondeis àquela língua, é de ver se também esta não na entendeis!

— Querem ver que o homem como perdeu a fala, também lhe afrouxou a munheca? acudiu o outro espetando no chão a ponta da espada.

Estácio com efeito não se dava muita pressa de desembainhar. Tendo compreendido perfeitamente a manobra dos dois sequazes, que era, ou fazê-lo arripiar caminho, ou entretê-lo enquanto o palanquim se afastava, avaliou da força do obstáculo que se opunha ao seu intento; na ânsia de ver finar-se a esperança que o levava, lançou os olhos cheios d'alma ao misterioso postigo, como um adeus em despedida extrema. Mas que viram eles que assim vivos cintilaram?

Através da grade apareceu um objeto diminutíssimo, cujo não pôde divisar pela distância mais que um ponto alvo e um brilho de ouro; depois de curta demora caiu no chão, sem que o percebessem os homens do palanquim. Curiosos de observarem a briga dos outros, levavam a cabeça constantemente voltada, e passaram além, deixando após o

objeto. Alguém mais afora Estácio bispou o acontecido; foi Gil, que a esse tempo ia por dentro do mata-pasto fronteiro ao postigo; e apenas o palanquim afastou-se caiu de salto sobre o objeto e escondeu-o no bolso do calção.

O ato da misteriosa dama do palanquim e o feito de Gil foram tão rápidos, que a ambos bastou o só olhar relanceado por Estácio enquanto ele recuava dois passos, para desembainhar a espada. Houve uma revolução no espírito do mancebo, pois o ferro já quase todo nu, deixou-o de novo cair na bainha, e disse voltando as costas aos mariolas surpresos:

— Ide-vos em paz, pobre gente; ganhastes bem o salário!...

Os tafuis embasbacados não tiveram que retorquir, pelo respeito que naturalmente punha neles aquele tom nobre e superior; viram imóveis o mancebo afastar-se em direção à cidade, e voltaram a reunir-se aos companheiros, não sem reparar se acaso tornava o moço a sua insistência de segui-los. Não viram eles porém que Estácio na primeira curva do caminho ganhara o arvoredor, e virando de rumo, fazia um rodeio para cortar o caminho à comitiva e encontrar-se com Gil, que de longe cantarolava um vilancete de sua invenção para dar-lhe sinal.

De feito a poucos passos apressados, dentre o mata-pasto surdiu o pajem com o riso nos lábios e o misterioso objeto na mão.

— Aí o tendes!... Vou-lhes no encalço!... Depois vos direi.

O cavalheiro, sem parar da batida em que ia, examinou o objeto. Era esse uma figurinha de ouro lavrado, como naquele tempo usavam trazer as damas, muitas e de vária feição, em molhos pendentos do bracelete, quais representavam emblemas de religião, armas e galanterias; quais, vultos de homens ou de animais de todas as castas. Aquele que Estácio examinava era imitação do cálix da Paixão e em torno dele estava atado um pedaço de finíssima holanda.

Que significava tudo isso?...

Era sem dúvida um enigma, que desafiava a perspicácia do inteligente cavalheiro. Desatando e abrindo a estreita tira de holanda, conheceu ele que a tinham rasgado da ponta de um lenço de fina lençaria, e descobriu ali bordadas duas letras de marca — *E. P.* Que lhe enviava porém Inesita nestas duas iniciais de palavras ocultas, e nesse emblema arrancado ao seu bracelete? Eis o que não podia ele adivinhar, apesar dos esforços de imaginação gastos em fantasiar mil versões, cada uma mais absurda.

Então percebeu pelo estrupido dos pés, que a comitiva se afastava do caminho de Nazaré, tomando para o lado do Brejo. Foi um raio de luz, que fuzilou no espírito. Era Elvira de Paiva quem ali estava encerrada naquele palanquim; suas, as iniciais do lenço; naquele emblema do

cálix, ela mostrava a sua aflição por conhecer a sorte de Cristóvão, de quem não sabia se vivo era ou morto. Estácio recordou-se das palavras da Salve-Rainha na igreja; só então compreendeu o seu verdadeiro alcance, e a delicada alusão que lhes dera a moça referindo-se à sua amizade por Cristóvão.

— Como serenar aquele mísero e triste coração?... interrogou o moço ao seu espírito.

E avançou mais rápido ainda. Chegou a tempo em que a comitiva parada à beira do fosso, esperava que abaixassem a ponte. Gil, adiante, no prolongamento do caminho, derrubava um ninho às pedradas.

Beirando o valo, entre o limo e as plantas rasteiras que cobriam a ribanceira, pareceu ao cavalheiro que resvalava ali imperceptivelmente uma forma de serpe, mas de grossura descomunal. Pouco reparo fez porém dessa circunstância: tinha então coisa que mais o preocupava.

Tocava o palanquim o terreiro da casa quando chegou ao cabo da ponte o cavalheiro. Os acostados de D. Luísa, que o viram com espanto aproximar-se, suspenderam a ponte ligeiros, cuidando que o moço queria atravessá-la. Mas outra era a sua tenção; elevando a voz de modo a ser ouvido distintamente, atirou aos mariolas estas palavras:

— Ficais marcados, tredos! Aquele que escapastes de assassinar está salvo e quase são, dos golpes que lhe destes à traição. Breve recebereis a vossa esportula, miseráveis!

Aqui deu o cavalheiro mais forte entoação à voz:

— Portanto, estai alerta!...

O dedo de Elvira anunciou a Estácio que ela o compreendera. A cadeirinha entrou em casa; após Batista e os companheiros, a porta foi logo fechada; e aquela morada voltou ao encerro e tristeza, que lhe davam aspecto de claustro, ou melhor, de alguma dessas habitações legendárias que a crença popular tinha por mal-assombradas.

O cavalheiro voltou sobre os passos acompanhado pelo pajem:

— Vede, Senhor Estácio, a tamanha coruja!... Safa!... Cada olho que arregala!...

O rapazito apontava para a ramada embastida de uma grande árvore alto-copada. De feito entre a folharada percebia-se um vulto cujas formas não se podiam bem distinguir, já pela sombra que aí reinava, já pelo encolhido e abolido dos vários membros. Sim, viam-se perfeitamente dois redondos olhos negros, esbugalhados como carbúnculos, que luziam a instantes e logo cerravam-se

preguiçosamente com a sonolência diurna própria das aves de rapina.

Da primeira inspeção aquela coruja figurou-se ao cavalheiro irmã da cobra que pouco antes vira deslizar à beira do fosso; e uma, como outra, lhe pareceu suspeita. Mas ele tinha outra coisa em que pensar, e nada havia naquele acidente que lhe excitasse a atenção. Prosseguiu à busca de Vaz Caminha, que devia estar farto de esperar. Encontrou-o logo adiante, ainda no arrabalde, sentado à borda do caminho, num cômodo de relva.

O advogado, com as perninhas cruzadas sobre a cana e o queixo apoiado no polegar, tirava afinal as provas à larga meditação, e ruminava um plano, que o ocupava desde Ano-Bom.

— Aqui me tendes, mestre!... Escusai se vos fiz esperar.

— Nada fez ao caso senão bem, pois destes-me tempo de amadurecer melhor o fruto da cogitação. Fazia de conta ir a vossa casa; mas já que vos encontrei, aproveite-se a ocasião, mesmo porque qualquer demora seria nociva.

— Quereis que fiquemos aqui?

— Busquemos lugar mais descampado e nu de arvoredo, onde se não possam esconder ouças curiosas.

Desviando à direita, acharam sítio conveniente numa crista do outeiro coberta apenas de raro capim; sentaram-se ambos, voltando o rosto ao mar, e discorrendo com os olhos a baía que se desdobrava embaixo como um tapete de veludo azul recamado de estrelas de ouro e flores de prata.

— Antes que tudo, domingo é o dia em que partireis para São Sebastião.

— Domingo?... Por que navio?...

— Agora o sabereis. Essa dificuldade foi a primeira que se me antolhou. Nem podíeis esperar que houvesse embarcação para aquele porto; nem por terra era a viagem para tentar sem grande comitiva e maior demora. Então acudiu-me uma boa ideia, e sobre ela concertei o plano da vossa ida. Falastes-me de um canoeiro por nome Esteves; se me não engano?... É rapaz seguro, em quem se confie?

— Estou que ele fará por meu respeito quanto puder!

— Outro ponto. Tendes à mão um homem decidido, que vos acompanhe nesta empresa?...

— Quanto a isso, ninguém! O único amigo meu, além de não ser para coisa desse jaez, não o poderia agora, pois a enfermidade o tem de cama.

— Para o que é não se carece amigo; basta que seja homem de prol e resoluto. Essa parte deixei ao vosso cuidado, como

mais entendido em coisas de esforço e contenda, do que um velho podão que saiu dos cueiros para o enfronharem na garnacha. Buscai o vosso homem; tendes para isso dois dias; o soldo que for convencionado fica à minha conta.

— É o que faltava, privar-vos do vosso em proveito alheio. Não bastam já os cuidados que vos dou?

— Eis o que, se já não é, frisa com a ingratidão, filho. Pois vós, Estácio, me sois alheio, vós que eu trouxe nestes braços nunca abertos a outra alguma criança!... Que terá então o pobre velho de seu e próprio, se o que mais dentro d'alma tem, assim o renega e se põe fora dele?...

— Basta, basta, mestre, não há fugir à vossa bondade, bem vejo, sem magoar-vos no íntimo. De resto toda a razão está de vossa parte; disponde de mim como de coisa muito vossa!

— Ora bem! Na véspera há de ficar dentro da canoa a porção de mantimentos que eu tenho em casa já ordenada, e foi comprada aos poucos para não dar rebate. Ao domingo, quando forem três da tarde, o Esteves tomando o outro que assoldardes, irá em ares de pescaria postar-se fronteiro à barra.

— Enquanto isso, que farei eu, mestre? Por que me deixais em terra, se é força que parta?...

— Não vos deixo tal, pois muito antes, por manhã, dita a missa da Sé, iremos ambos com mestre Bartolomeu Pires à sua Ilha da Maré, para onde nos convidou com uma peixada, a cujo efeito terá na Ribeira disposto um barco, dos muitos que possuí. Uma vez lá, escolhereis entre esses o que melhor vos parecer para a empresa. Quando formos na volta da tarde, que o sol comece a descambar, aventarei a ideia de um passeio sobre a água. Irei eu de companhia com o Bartolomeu em um barco, e vós no tal que escolherdes com vosso pajem. A monção agora é boa, tomareis o leme e...

— O resto compreendo. Faço-me de vela, e vou mar em fora, rumo de São Sebastião. Ao passar por Esteves, tomo-o a ele e ao outro a meu bordo com o mantimento. Se os remeiros resistirem, há à cinta um meio de dobrar as vontades rebeldes. Só um ponto não o entendo eu.

— O como tomareis o mantimento sem logo excitar suspeitas?... O Esteves, bem industriado, vos bradará socorro, por lhe ter aparecido um rombo na canoa.

— É coisa de maior alcance. O barco não nos pertence. É honesto que nos apossemos dele assim?

— Seu dono terá o preço dele logo que fordes partido; e longe de perder, ganhará um barco novo pelo seu usado. Devíeis conhecer-me, Estácio, para saber que não sou

homem que vos mande à restauração da honra de vosso pai, fazendo tapete da vossa!

— Pois agora, sou eu que vos digo, mestre, que não tendes autoridade para culpar os melindres da probidade e honra daquele em quem tão cedo as semeastes n'alma! Se não fosse isto e conhecer eu a rigidez com que versais no dever, deixaria que prosseguísseis embora e sem reparo meu.

— Que isso não vos amofine com vosso velho amigo, Estácio. São águas passadas! Assim pois navegareis em barco não alheio, mas vosso, porque do momento em que nele puserdes pé, já terá mestre Bartolomeu na gaveta o seu preço, por ele mesmo estipulado.

— E podeis vós com tão avultados gastos?

— Não vos dê isso cuidado: tenho juntas algumas economias, e veio-me ultimamente um subsídio grosso. Contar-vos-ei tudo na volta. Quando estiverdes em posses de pagar-me estes avanços, então vos farei as contas.

Estácio travou das mãos do velho e beijou-as com efusão uma e muitas vezes. O advogado sem fazer reparo se recolhera de novo:

— Agora, mais do que nunca, Estácio, é necessária a maior discricção e prudência nesta empresa. Não vos poderei relatar quanto hei cogitado estes dias passados, e quantos

pensamentos baralhei na mente; basta que vos dê a suma para vosso governo.

Insensivelmente o advogado baixou a voz como se chegasse ao ponto mais grave.

— Suspeito que vosso segredo já foi sabido em Europa. Perdido o fio ao roteiro das minas de prata, talvez fosse ele de novo achado ao cabo de tantos anos, e acordasse a feroz cobiça que já anteriormente havia acendido.

— Donde sabeis isso? perguntou Estácio em sobressalto.

— Não o sei, não. Suspeito, filho.

— Mas em que fundais vossas suspeitas, mestre?

— Eis o difícil. Perguntai ao galgo que fareja a lebre, por que lhe segue à pista sem a ver e sem a ouvir. Pois o espírito também tem seu faro; vede se o meu é de bom caçador.

— Isso sei-o eu já de outras vezes.

— Atendei. D. Francisco de Sousa, o mesmo que veio com vosso pai trazendo prometido o título de marquês, vem agora provido no governo do Sul, para esse efeito separado, quando há anos o uniam para dá-lo ao mesmo. São já conhecidos os extraordinários poderes que traz, nunca até aqui transmitidos a nenhum outro. Essa notícia, que vos há de lembrar, chegou pouco depois que me mostrastes a carta

de D. Diogo; foi o primeiro vento que me veio. No mesmo navio sabeis que chegou um padre das Espanhas.

— O P. Gusmão de Molina, que hoje pregou no Colégio?

— Vistes que homem de engenho é, e podeis avaliar do que não será capaz! Mas uma coisa ignorais, porque ainda sois moço e apenas entrado no mundo. Não há neste século em canto algum da terra empresa grande que a Companhia não cometa ousadamente; nem segredo oculto que ela não fareje. É terrível poder, Estácio, que se insinua por toda a parte, pelos palácios e choupanas, como pelas consciências. Se El-Rei soube da existência do roteiro e mandou para esse fim D. Francisco de Sousa, quase posso assegurar que os jesuítas o souberam.

— Sem dúvida, pois são seus confessores.

— Ora, basta olhar esse P. Molina, para conhecer logo que é ele homem de esfera superior; e quem sabe como na Companhia são certos em aferir o quilate aos homens, juraria que ocupa ele cargo eminente. Foi esse o efeito que produziu em mim, ainda mais pela aparente humildade com que procura disfarçar o real merecimento.

— Também a mim, quando me despedi dos padres, me pareceu de elevada categoria pelo seu aspecto, tanto como pelo respeito que lhe mostravam todos.

— Folgo de vosso juízo combinar com o meu. Que veio fazer ao Brasil este religioso na presente quadra? Para coisa de vulto veio ele, não há duvidar; qual ela seja, suspeito. Além da coincidência de sua partida quase pelo tempo de D. Francisco de Sousa, acrescem duas circunstâncias, que ides ponderar. Sabeis que foi ele a vossa casa na sexta-feira seguinte a Ano-Bom?

— Não, mestre; a que iria ele?

— Vossa tia nada vos disse?

— Nada absolutamente.

— Pois lá foi, que de lá o vi sair eu; e entrando depois, também vossa tia nada me disse, e nem eu lhe perguntei. No outro dia, quando fui ao Colégio pedir vênua ao provincial para vos retirar das aulas, sob o pretexto de vos propordes à milícia, lá estava o P. Molina e não lhe sofreu que não tomasse a mão ao prelado, e esgotou a sua lógica para que vos deixasse cursar as aulas até os vinte anos pelo menos. Era informado, dizia ele, da boa disposição que mostráveis para as letras; e doía-lhe no fundo d'alma ver cortar a flor de tão belo talento. Enfim tais e tantas razões produziu, que me fizeram quase esquecer o vosso segredo.

— Sem dúvida isso mostra que há da parte dele alguma coisa relativa a mim. Esse fato de ir à casa logo no dia

seguinte, a prática secreta com minha tia e a insistência para me conservar como estudante da Companhia!...

— Enfim, hoje, Estácio, soube de uma circunstância, que não tendo nenhuma referência ao vosso negócio, foi como uma luz que iluminou meu pensamento. É segredo alheio, não vos posso confiar: também pouco vos importa ele. Guardai somente isto que vos digo: o P. Molina fareja o roteiro das minas.

— Credes então que ele ainda não lhe achou a pista?...

— Sim, porque do contrário iria direito ao Rio de Janeiro, como D. Francisco de Sousa. Salvo se confiado no avanço que traz ao governador, quisesse tocar à Bahia para assegurar-se a vosso respeito. Seja como for, estai de sobreaviso. Escuso prevenir-vos que não vos deis por achado com a sonsa da D. Mência.

O advogado ergueu-se, pondo-se a caminho para a cidade:

— Como vão os cuidados? perguntou ele sorrindo.

— Nada mais, além do que sabeis!... disse o moço enrubescendo. Depois da certeza que tive de ser o meu amor aceito e respondido, apesar de infeliz, não me foi possível mais nada obter.

— E aquela cadeirinha misteriosa! Nada lobrigastes pela rótula?...

— Não era quem pensava.

— Bom; voltareis de São Sebastião com a chave mágica para abrir o palácio encantado de vossa princesa!...

— Se antes outro mais feliz não a tiver aberto com chave de ouro.

— Isso vos asseguro que não! Tendes fé em vosso velho amigo?

— Tenho fé que, eu vivo, D. Fernando de Ataíde não casará com ela!

E o moço desapareceu brusco.

Vem rompendo a manhã.

As alvoradas de corneta na guarda de palácio derramam longe pelo silêncio de ermo os clangores estridentes; além responde por todos os pontos da cidade o grito vibrante do galo, saudando os primeiros albores do dia.

A essa hora matutina, rompiam as sombras pardacentas do crepúsculo, com passo ágil, Estácio e seu pajem. Iam eles já no alto de São Bento, quando o primeiro raio da manhã toucou a grimpada dos montes. O céu estava do mais puro azul, o sol, de ouro fino; o mar desdobrava-se aos pés da cidade como a túnica azul da sultana, que a despiu ao deitar-se sobre o divã de suas verdes montanhas.

Uma brisa fresca, saturada de suaves aromas, crepitava pelas palmas dos coqueiros, e coava sussurrante entre a espessa folhagem das jaqueiras em flor. De momento a momento troavam como salvas de canhão em distância, as ondas alterosas que arrebentavam nas areias ao longo da Praia da Vitória. As aves atitavam; e um pescador de Itaparica que madrugara, mandava uns ecos remotos de seu descante matutino.

Súbito atravessou esse concerto o grito vibrante da saracura que repercutiu ao longe. O mancebo não deu nenhuma atenção a esse incidente, muito natural naquelas paragens; se ele estivesse menos preocupado, havia de reparar por

certo que o grito era mais forte e sustido do que a ave costuma.

Menos ainda reparou ele que o seguia um vulto cauteloso, no qual o nosso esperto Gil cuidou reconhecer a forte corporatura do magarefe Tiburcino; ainda que reparasse porém, não havia nisso motivo para desconfiança, pois o curral e açougue do conselho ficavam para aquelas bandas.

Ao confrontar com o mosteiro, avistaram adiante no caminho o burel de um beneditino, que percebendo-os, aligeirou o passo miúdo. Era decerto algum zeloso frade que ia à cura das almas para aquelas bandas, e bem pressuroso de aproveitar a sua madrugada, pois em breve desapareceu por entre as árvores, deixando livre o caminho.

À direita erguia-se o Forte de São Tiago e mais longe a Igreja da Vitória, a primeira matriz da antiga cidade que assentara Pereira Coutinho na falda sul da montanha. O povo chamava então esse lugar indistintamente ou Vila Velha, ou Povoação do Pereira, em memória do primeiro donatário.

Breve assomou por diante a graciosa Ermida de N. S. da Graça, fundada por Catarina Álvares, e por ela doada aos Beneditinos, que ali tinham seu hospício; à parte, um tanto arredadas, viam-se umas casas da morada de Diogo Álvares, o Caramuru, que aí habitara até o ano de 1557, em

que falecera, deixando nobre e numerosa descendência, tronco de muitas das principais famílias da Bahia.

Estácio, revendo aqueles lugares, onde seus olhos penetravam-se das recordações estampadas na face daqueles edifícios, e seu pé revolvendo no pó da terra a cinza de um passado morto, sentia que o entrava uma tristeza grande. Também ele, pobre, decaído, proscrito da sua casa, provinha da estirpe ilustre dos primeiros senhores da Bahia; seus pais tinham o sangue de Diogo Álvares, e haviam herdado dos seus muitos haveres uma parte, que sua diligência própria aumentara. Mas tudo, a fatalidade dissipara com um sopro devastador, deixando a Estácio por única herança a vergonha e miséria.

A numerosa descendência do Caramuru povoava a Bahia e o Recôncavo, onde tinham nobres casarias com muitas alfaias e trem de criados e cavalos, e engenhos famosos com grandes fábricas ou granjearias arrendados em mil arrobas de açúcar por ano. Alguns netos seus ocupavam cargos importantes na governança do Estado; e viviam todos à lei da grandeza. Entretanto no meio de tantos de seu sangue, Estácio não tinha parentes, era só e sem mais família do que a tia materna, em companhia de quem morava. Os seus nem o conheciam; uma condenação póstuma quebrara os laços que o prendiam a eles, e o tornara estranho na terra de seus pais.

Lembrou-se o mancebo de Vaz Caminha e Cristóvão.

— Oh! não! murmurou dentro a voz do coração: não devo ser ingrato a Deus! Em troca deu-me ele um pai e um irmão!...

A poética Ermida de Nossa Senhora da Graça já estava aberta; o sacristão varria o pavimento. Pelas altas ogivas mal penetravam algumas tênues réstias da suave claridade da manhã, que batendo contra a parede branca, espargia-se em borrifos de luz pelo âmbito da capela. Estácio viu um frade bento sair de uma vereda lateral e entrar na igreja. Pelo trote miúdo e o rochonchudo do corpo pareceu-lhe o mesmo que encontrara na altura do mosteiro.

— Quando avistares um cavalheiro vindo para estas bandas, avisar-me-ás, Gil.

— O mesmo a quem levei antes de ontem o cartel?

— O mesmo!

Estácio entrou na ermida e foi ajoelhar ao pé do altar. Depois da oração parou em face de uma catacumba principal construída no centro da capela. Aí recostado na espada, com a fronte acurvada ao peso das ideias que turbilhonavam no cérebro, e os olhos fixos na rubrica negra da lousa, ficou imóvel e alheio de si.

O epitáfio, que ainda hoje se lê naquela ermida, rezava assim:

*Sepultura de D. Catarina Álvares, senhora desta Capitania da Bahia, a qual ela e seu marido Diogo Álvares Correia, natural de Viana, deram aos Senhores Reis de Portugal.*

*Fez e deu esta capela ao Patriarca São Bento.*

*Ano de 1582.*

Lendo o epitáfio gravado na lousa, Estácio proferiu estas palavras:

— Vós, nobre e intrépida senhora, que combatíeis com brios de cavalheiro e esforço de homem ao lado do esposo, não renegais vosso sangue, como o renegam os que dele gerastes na terra. Se na mansão dos justos, que habitais, doem à vossa alma bem-aventurada o infortúnio e injustiça que tudo me roubou, fazenda e estado, família e casa, em reparação de quanto perdi, aqui vos peço, virtuosa senhora, uma só mercê: “Intercedei com a vossa divina protetora, Nossa Senhora da Graça, para que da graça sua infinita, derrame uma lágrima sobre este amor ardente que acendeu em mim o mais puro dos seus anjos na terra!...”

O mancebo tirou a espada da bainha e a colocou nua sobre a campa dos progenitores de sua família:

— Sejam pois vossas cinzas que saquem este ferro, e o abençoem do céu vossos olhos, senhora; ele é virgem de sangue, e eu vos juro que sempre o será de sangue inocente! Nunca o empunharei senão em prol de uma causa justa!

Depois de uma pausa:

— A espada de meu pai, bem sabeis, a despedaçou a mão do algoz sobre as suas cinzas ainda quentes; nem essa herança me deixaram; até um canto deste chão, onde repousasse vosso descendente, lhe recusaram!

O pensamento do cavaleiro depois dessa invocação enleou-se nas ideias que suscitava o próximo combate. A cena que ia representar-se desenhava-se como presente a seus olhos: via D. Fernando em face dele, as espadas cintilando no ar e esgrimindo com fúria; depois o adversário prostrado a seus pés. Então punha-lhe o ferro à gorja, e arrancava-lhe a preço da vida o juramento de renunciar para sempre à mão de Inesita.

Mas se D. Fernando recusasse e preferisse a morte ao juramento, que faria ele? Cravaria o ferro no peito do rival, e estancaria dali com o sangue, o veneno do seu funesto amor pela filha de Aguilar? Deixá-lo-ia, com vida, esperando de sua gratidão o que os brios do cavaleiro recusassem à ameaça?

Estácio sabia já quanto vale a gratidão; mas também essa ideia de matar um homem, embora em combate leal, assim encarada friamente, lhe repugnava:

— Tenho eu o direito de matá-lo, a ele, instrumento apenas daqueles que não se importam de cortar-me em flor a vida?... Se morto, não se realizarem

## **no match**

as esperanças minhas, e D. Francisco repelir-me por indigno de sua aliança, esta morte não pesará na minha consciência como um remorso?

O espírito do moço afundou-se na meditação dessa ideia; afinal ergueu a fronte com energia:

— Não!... não o matarei!... As vestes cândidas do santo amor nosso, Inesita, não as borrifarei de sangue, seja ele de um inimigo!... Imaculadas, como vossa alma, servirão de mortalha aos nossos corações, se Deus não permitir que nos sirvam de véus nupciais!

Depois, ofuscada a fronte como nuvem sombria, onde afuzila um raio, murmurou:

— Só o mataria, se... Mas é impossível: Inesita jurou! Dela só lhe pertencerá o despojo terrestre!...

Nesse instante o cavalheiro voltou-se, ouvindo Gil que o chamava da porta; e saiu logo. Ao mesmo tempo a cabeça do frade bento que o estava espreitando do vão de uma porta, sumiu-se dali e foi aparecer à janela da sacristia, donde podia ver o que passava no pátio da igreja. O reverendo estremeceu reconhecendo ao longe, no caminho, D. Fernando de Ataíde que apressado se encaminhava para ali, seguido por um pajem.

Também Estácio saindo fora, reconhecera seu adversário; e deixando-o que chegasse ao terreiro, foi dirigindo-se para as bandas do mar, com passos lentos e medidos de modo que visse o outro a direção que tomava e o seguisse. Conhecendo que fora compreendido, internou-se pelo arvoredado.

Havia ali um grupo de aroeiras seculares, que sobrepujavam de muito na altura o outro mato próximo, e por isso facilmente se distinguiam. À sombra das árvores frondosas, o chão era limpo e plano como o de uma sala d'armas; os troncos em conveniente distância não estorvavam os movimentos dos campeões. O cavalheiro circulou com o olhar o recinto fechado em torno pela vegetação, e tirando a espada, experimentou outra vez a flexibilidade da folha:

— Não o viste seguir-me, Gil?

— Oh! se vi! Mas ele que não aparece...

— Talvez se desviasse... Vai encaminhá-lo.

— Ei-lo!

As folhas secas rugiram; mas em vez de D. Fernando de Ataíde, foram cinco soldados da guarda do governador, tendo à sua frente o Capitão Manuel de Melo, que apareceram de repente, saindo do mato. O oficial avançou para o cavalheiro, procurando deitar-lhe a mão:

— De ordem do sr. governador vos prendo e intimo como réu de desafio!

Estácio recuou de um salto, e pondo-se em guarda exclamou:

— Quem me tocar, é homem morto!

— Toda resistência é escusada. Olhai em volta! Rendei-vos antes que ser rendido!

Volvendo o olhar, viu o moço que o capitão dizia a verdade. Atrás surgira outra linha de cinco soldados, que estendendo-se como a primeira em semicírculo, fazia completo o cerco. A resistência de feito era loucura.

— Embora! Morrerei, e comigo alguns dos que aí estão. Antes, porém, em presença de todos vós que me ouvís, soldados valentes, declaro alto e bom som, e vos rogo de

repetir por cem bocas, que D. Fernando de Ataíde é três vezes infame!...

O moço encostou-se ao tronco da árvore:

— Agora, senhores, ao vosso dispor.

D. Fernando de Ataíde surgiu nesse instante, pálido de cólera; e após ele a figura encapuzada do frade bento, que procurava retê-lo pelo manto.

— Esperai um instante, senhores! Este homem acaba de insultar-me em vossa presença; ele me pertence antes que a vós!

— Este homem está preso à ordem do senhor governador e sob minha guarda. Ninguém lhe deitará a mão! acudiu o capitão.

— Eu dou-me em refém e penhor de sua pessoa. Uma hora somente, capitão!

— Impossível, Sr. D. Fernando.

— Não prezais a vossa honra, Sr. Manuel de Melo!

— Provar-vos-ei em outra ocasião; agora defendo a minha honra de soldado; cumpro as ordens.

— Neste caso, senhores, tereis de haver-vos também comigo!

D. Fernando saltando no meio do círculo, postou-se ao lado de Estácio:

— Venho ajudar-vos a salvar a vossa liberdade, para poder dizer-vos então em face que mentistes!

A um sinal do capitão, os soldados iam precipitar-se sobre os dois campeões, quando mais um personagem entrou em cena. Era o nosso estimável amigo João Fogaça, mui digno capitão de mato:

— Alto lá, gente!... disse ele para os soldados, avançando em duas pernas. Isso não vai assim, como cuidais. Sr. capitão, vosso servo: que estejais muito bom, é o que se quer. Que buscais aqui, homens? Arredai-vos, que não estou agora de veia para aturar-vos. Um pouco de paciência: não vos espinheis! Aqui estão dois cavalheiros decidindo um negócio de honra. Vós pretendeis que o senhor governador reclama por um; aqui entre nós, capitão, não vos parece que a justiça de Deus deve passar antes da justiça de El-Rei!... Andai; abri campo aos adversários, é o que de melhor tendes a fazer!

— Soldados, gritou o capitão, enxotai-me este malandrim!...

João Fogaça soltou então uma gargalhada estrepitosa, que reboou ao longe pelas praias, uma perfeita gargalhada homérica; e mostrou em volta ao capitão a crítica situação em que de repente se achavam os seus soldados. Por trás de cada um, ao som da risada do capitão de mato, surgira um índio que se precipitara sobre, e como uma cadeia de aço arrochara seu homem pelos peitos, tolhendo-lhe o movimento dos braços e do corpo. Pareciam estafermos atados ao poste.

— Enchei agora a boca de vossos soldados, capitão!...

— Sua Senhoria será sabedor!

— Por certo; porque eu mesmo lhe direi, quando levar-lhe presa a palácio a sua guarda, convosco em frente!

— Tomo-vos por testemunhas que cedo à força!

— E eu, ministro da religião e da paz, em nome do meu santo ministério, advirto que esta terra que pertence à N. S. da Graça, quem a ensopar de sangue...

— Calai-vos daí, reverendo! Ide à vossa missa; e vós, capitão, chegai-vos a mim para dar lugar aos campeões. Eia, senhores, em guarda!

Os dois mancebos afastaram-se tomando campo, e cruzaram o ferro; mas ainda um obstáculo surdiu, com uma nova personagem, que interrompeu a cena. O advogado Vaz

Caminha, deitando alma pela boca, chegou a toda a pressa, e erguendo a bengala interpôs-se entre os dois combatentes:

— Que dinguinha é este agora? perguntou o capitão de mato rindo e adiantando-se para safar o advogado.

Mas ante o velho, Estácio abaixara a espada, curvando a frente com pejo.

— Filho, disse o advogado, em nome de vossa mãe, que dorme aqui perto, e a quem respondo pela vossa felicidade; em nome do amor que vos tenho, e do bem que vos desejo; filho, eu vos ordeno. Entregai-me esta espada!... Rendei-a!...

— Aqui a tendes, mestre; mas eu insultei este homem; ele tem o direito de matar-me.

O velho voltou-se para D. Fernando:

— Eu vos respondo, senhor, pela sua pessoa quando o exigirdes para desafronta vossa.

Fernando ia replicar; eis que de repente surge de entre o mato o vulto do magarefe; arremete ao fidalgo, e fechando-o nos braços robustos, o arrebatou da cena, como um abutre à presa.

O primeiro sentimento causado pelo incidente foi o da surpresa; mas logo voltaram à anterior preocupação.

Vaz Caminha voltou-se para Estácio:

— A espada que me rendeste, filho, rendo-a eu àquele de quem a houveste para defesa da religião e da pátria. A El-Rei por quem a reclama a gente de seu serviço.

Vaz Caminha vendo afastar-se o mancebo de um modo tão abrupto, suspeitou que ele escondia-lhe algum segredo, e esquivara-se com receio de denunciar-se.

Qual era o segredo, não podia atinar de repente; porém esperava mais tarde deslindá-lo.

Para saber o projeto que Estácio formara às ocultas de Vaz Caminha, cuja oposição receava, é mister remontarmos ao dia dois de janeiro, que seguiu-se às festas do Ano-Bom.

É de lembrar o que Joanhina fizera na casa de D. Francisco e como de lá voltara sexta-feira. Logo que se pôde desvencilhar do alferes, a faceira mulatinha correu direito à Fonte do Gravatá, para onde emprazara o pajem. Meio-dia era já passado, muito havia; e ela receava que Gil, aborrecido de esperar, se fosse a casa. Mas de longe ainda avistou-o escanchado num galho de cajueiro, a balançar-se.

Ao descobrir a mulatinha tocou a terra num pulo, e achou-se logo junto dela.

— Então, Joanhina!

— Ai, Gil!... Deixai que tome fôlego!... Não vistes em que batida vim eu!

— É que também não me tenho em mim de saber!

— Vinha com medo de já não te encontrar.

— Que dizes, rapariga?... Daqui não arredava pé sem que chegasses, inda que entrasse a noite!... Mas fala afinal!... Já deves estar descansada.

— Jesus!... Que pressa!... Queres esperar, trapalhão?

— Queres falar, dengosa?... Acaba de uma vez, senão faço-te cócegas.

— És capaz!... disse Joaquina dando para ele um passo provocador.

Gil botou-se a ela, e daí a pouco não se ouviam senão risadinhas e gritos de alegria; afinal cessou o folguedo, e o pajem ameaçou de ir-se zangado se não lhe desse Joaquina as novas para as levar a Estácio. A mulatinha respondeu que as novas eram boas, mas deviam ser levadas por ela própria ao cavalheiro.

— Pois então, um passo adiante, dobrado marcha!... gritou o pajem mandando a manobra e atirando ao ar com entusiasmo o barrete! Viva a doninha! Viva!...

— Alto lá, mestre Gil. E o prometido?

— Ai, começa com histórias! Que prometido?

— De beijares... És assim esquecido?

— Mas é que sim! Pois anda lá, acaba com isto! Onde queres que beije eu?... Se é zombaria, não arrisques!

— É sério!

— Pois dize, que já me está isso aborrecendo!

Joaninha estremeceu; o seu colo flexível chegou a inclinar docemente como a haste de uma flor para debruçar o róseo seio; uma chama sutil subiu do seu peito e envolveu o gracioso semblante. Mas como as flores, que cerram com a chuva, a florescência do seu rosto dissipou-se de repente. O tédio que se pintava no rosto petulante do pajem produzira esse efeito mágico.

— Não, Gil, depois eu te direi!... Ou talvez nunca!... murmurou a mulatinha tragando um suspiro, e caminhando rápida para a cidade.

O pajem, prevendo que seu amo estaria em casa de Mariquinhas, levou-a daquele lado. Estácio ressuscitou para o seu amor, recebendo o que lhe trouxe Joaninha. Era o listão de cetim onde a mão de Inesita tinha alinhavado em ponto de marca as letras desta única palavra: — Vivei.

Beijou nessa prenda não só o objeto que tinha tocado as mãos mimosas da menina, como o símbolo de sua salvação.

— O resto, sr. cavalheiro, é triste; mas não vos devo ocultar, acudiu Joaninha.

— Não; é preciso que eu saiba tudo!

— Ela foi prometida por seu pai a D. Fernando.

— Já o sabia desde ontem.

— E vos manda dizer que a vontade do pai se cumprirá, assim como seu fado dela, que já a prometeu à terra fria!...

— Dizeis que é triste?... Maior consolo e alegria não podia mandar aquele anjo do céu às tristezas de minha alma. Deus vos pague, Joaninha, e vos dê em dobro o bem que me fizestes!...

Estácio, ficando só, entrou em si e perscrutou o íntimo de seu coração. Havia ali, desde a conversa que tivera com Vaz Caminha naquela manhã, um pensamento que minava surdamente, cevando-se nas dores e angústias de que estava ele cheio. Agora com a certeza de que Inesita o amava, quando a luz penetrara de novo nas trevas do seu espírito, aquele pensamento soturno nutrido na dor, longe de se dissipar, tornava-se mais vigoroso e obstinado, a ponto de concentrar em si toda a atenção do cavalheiro.

O moço meditou-o muito esse e os dias seguintes: afinal chegou à resolução sobre que imediatamente conversou com Cristóvão.

— Inesita me ama: bem sei que muitos obstáculos nos separam, mas conto vencê-los com tempo e ânimo. Só um me afronta agora, que é D. Fernando. É preciso afastá-lo ou destruí-lo.

— Eu não hesitaria! disse Cristóvão.

— Essa ideia acudiu-me há dias conversando com meu padrinho e mestre; a certeza de que Inesita me amava a corroborou, contudo não quis levá-lo a efeito sem a ponderar muito. Agora que tenho o vosso aviso, é tempo de obrar.

— Ainda não. Esse casamento não urge; e seria para mim grande pesar não assistir-vos nessa ocasião. Esperai que me possa erguer desta cama malfadada!

— Também a mim, deveis pensar, de quanto conforto e segurança não seria sentir-vos a meu lado em tal circunstância. Mas o negócio urge mais do que supondes; qualquer dia posso ser obrigado a sair da Bahia por motivo que a seu tempo vos direi. Se não quiser que me surpreenda a necessidade!...

— É ela tão forte, essa necessidade de sairdes da Bahia, que a não possais adiar por dois dias?

— Tão imperiosa, que não declinaria dela nem uma hora; menos um dia.

— Já não vos oponho nada; mas fica-me um grande pesar.

— Não menos a mim; crede-me, Cristóvão.

Escreveu então Estácio o cartel de desafio, que nesse mesmo dia recebeu Fernando, sem saber de onde lhe vinha. Gil, incumbido da entrega, o introduzira sorrateiramente na cinta do fidalgo, quando esse montava a cavalo para ir a Nazaré ver Inesita.

O moço esperou tranquilo e resignado a manhã do desafio. Sabia que D. Fernando era homem de brios, e havia de responder dignamente ao repto que lhe era feito. Quanto ao resultado do combate, aguardava-o de ânimo sereno. Se morresse, cumprido estava o seu destino na terra; deixaria o mundo, santificado pelo amor de Inesita, e iria esperar a esposa no céu. Mas ele tinha plena confiança em sua espada e fé robusta no juízo de Deus, para o qual apelara da iniquidade dos homens. Contava infalível a vitória.

Nenhuma ideia fúnebre veio pois associar-se aos seus pensamentos nas horas que precederam o momento decisivo. Ao contrário, com a certeza de que esse primeiro e cruel transe do seu amor ia ter breve uma solução, seus espíritos serenaram, e uma doce esperança perfumou a

melancólica expressão de seu semblante. Como sucede às almas de rija têmpera, Estácio sabia esperar.

No dia de Reis, ao deixar Vaz Caminha, o mancebo dirigiu-se para as bandas da Sé. Na Rua dos Mercadores, quase à esquina, havia uma loja de armeiro, mister de primeira necessidade em qualquer povoado ou vila, quanto mais na cidade capital do Estado do Brasil.

Um homem de forte musculatura, com avental de couro e manopla de camurça, estava ocupado em limpar e polir uma couraça.

— Mantenha-vos Deus, mestre Aleixo Garro!

— Para vos servir, senhor estudante.

— Trouxeram-vos ontem por tarde uma porção d'armas?

— Vinha de vossa parte?... Quatro partasanas, duas couras, um arnês completo, e mais umas pontas de lança...

— Creio que sim.

— Quereis então que vos corrija e guarneça tudo?

— Não, mestre, falta-me moeda para vos pagar! Se mandei-vos essa ferragem velha que lá andava por casa rolando do tempo de meu falecido avô, foi para vos propor um escambo!

— Que haveis de querer em troca?

— A vossa melhor espada, em primeiro lugar.

— Vede, se vos praz, ali daquela banda, na última fileira... Achareis coisa de vosso gosto!

Estácio examinou a linha de armas suspensas à parede, e depois de breve hesitação fixou como entendido a sua escolha.

— Esta me serviria! disse vergando a lâmina bem temperada de uma excelente espada.

— Andai lá! Não sois peço!... Vosso parente, o alcaide-mor, ficou enamorado dela.

— E por que não a feizou ele?

— Ai, Deus! Se D. Álvaro fosse a arrecadar todas as raparigas de que se enamorou em moço e todas as espadas de que se enamora em velho, não tinha nem câmara, nem sala d'armas, que lhe bastasse.

— Nem bolsa, que é o principal! acudiu o estudante sorrindo.

— Então vai a espada. Que mais há de ser?

— Queria... Nem eu mesmo sei!

— Um estoque à francesa!...

— Não!... Uma cinta ou coisa igual para ter unido ao corpo certo objeto que por nada se queria perder!

— Entendo!... Prenda de alguma dama! Bem se vê parente de quem sois.

Estácio corou.

— Acertastes!... É uma prenda querida.

— De qual volume?

— Volume... de minha mão!

O armeiro fincou o queixo no punho e passou lentamente os olhos pela sua loja.

— Já sei!... Tenho ali coisa que não está longe do vosso desejo.

Tirou duma prateleira uma camisa de malha finíssima, forrada de tafetá.

— Vede cá!... Entre o trançado e a seda, fica-vos uma larga bolsa, onde podeis trazer mesmo unidinho ao peito, a vossa prenda; e com mais uma vantagem que a trareis defendida de ferro e tudo!... Essa malha trançada não há punhal buído, nem água, que a acesse!...

Estácio examinou a camisa que de primeira vista logo lhe agradou:

— Serve mui bem para o fim que é.

— Nada mais?

— Nada!

— Bem; pela espada e a camisa de malha, vos recebo a ferragem, voltando-me vós meia dobra!...

— Já não vos feiro coisa alguma. Se comecei por dizer-vos que não tenho moeda!

— Ora! Está para ver que o senhor alcaide-mor, nem mesmo vosso padrinho, o advogado, vos neguem essa migalha!

— Não negam, não, que lhes não peço eu!

— Pois levai o mercado; pagareis depois!

— Isso não!

— Temeis o ditado — fiado, raivado?

— Só compram assim, os que não pagam, e os que...

— Pois não se dirá que no primeiro negócio fiquéis descontente de mim.

Estácio vestiu a camisa de malha e sob ela colocou a carta de D. Diogo de Mariz, depois cingindo a espada, saudou o armeiro, e encaminhou-se à casa de Álvaro de Carvalho. O valente soldado o recebeu com ruidosa efusão.

— Vinde! Vinde!... que vos estale esses ossos, rapaz! gritou ele apertando a mão ao mancebo. Isso já é destra de cavalheiro!... Pena é que a queiram fazer gadanho de frade!

— Juro-vos que tal não será, Senhor Álvaro!

— Assim espero em Deus!... Mas tenho meus medos que vos não enfeitice o ardiloso do vosso padrinho, o velho garnacha!

— Deixai-o em paz por quem sois!

— É o vosso alfenim!... Não lhe toquem! Admira que vos deixasse ele vir aqui!...

— Não vos apraz já ver-me!...

— Valha-me o diabo com seiscentas bombas, rapaz! Queixo-me eu, mas é de não virdes sempre!

— Virei agora mais vezes, se dais licença!

— Vinde quando vos aprouver; contanto que não vos ouça eu falar em alfarrábios nem sotainas. Aqui em casa de

soldado, só se pratica de armas e combates, de justas e torneios.

— Lembrais-me, Senhor Álvaro, que justamente esta manhã merquei uma espada, e queria prová-la com quem é mestre do ofício.

— Pronto, rapaz! Isso é falar!... Dai cá a tal espada, que lhe tome o jeito.

O velho soldado empunhou a espada, brandindo-a com a facilidade e primor de mestre em esgrima.

— Conheço! Boa lâmina! exclamou ele. Vem das forjas de Aleixo Garro!

— E é ferro desta terra!

Fincando no chão a ponta da espada vergou-a por diversas vezes experimentando a elasticidade da folha:

— Tendes espada, rapaz. Seguro-vos eu! Vamos ver como a maneja!

O alcaide saltou no meio da sala com sua impetuosidade costumada, e desembainhando arremeteu sobre o estudante. Estácio sustentou o assalto com a perícia e o sangue-frio que seu mestre já lhe conhecia; a espada correspondeu ao conceito de ambos; ela tinha a flexibilidade da cobra, e

umas vibrações magnéticas que imprimiam ao punho do cavaleiro a electricidade de sua tẽpera.

Depois de rijo esgrimir, o alcaide parou alagado em suores; Estácio estava calmo e sereno como se tivesse manejado em vez de espada uma faceira chibata de galã.

— Bom ferro e melhor punho!...

— Julgais que possa fiar de ambos a minha sorte?

— Bofé! Que melhor guarda?

— Mas uma dũvida tenho eu desde que me cingistes uma espada, e agora a sinto crescer!... A espada na mãõ do cavaleiro ẽ sua guarda e defesa legítima, sem dũvida; mas pode servir para conquistar o que os homens ou a sorte lhe negam?

— Para tudo o que ẽ justo! Bem sabeis: a justiça tem na destra um gládio!

— Falo-vos nisso porque outro dia ouvi discursarem acerca vãrios cavaleiros... Sustentava um que o cavaleiro bem querido de uma dama podia disputã-la a qualquer que ousasse pretendẽ-la!

— Por certo!... E o cavaleiro que o nãõ fizesse seria um cobarde!

— Ainda mesmo que fosse necessário matar o seu rival?

— Morra embora, se é preciso.

Estácio sentiu-se aliviado como de um peso; pouco depois, alegre e ligeiro, despediu-se do alcaide, e foi ter com Ávila a quem levava um grande contentamento. Realmente o moço, ainda inquieto sobre Elvira, apesar dos repetidos e sempre baldados esforços de João Fogaça durante cinco dias, recebeu como uma bênção do céu as novas que lhe trazia o amigo e mais a joia da moça.

Toda a tarde gastaram em devaneios amorosos, até à noite, quando apareceu o capitão de mato:

— Tive hoje novas de vossa pessoa, foi dizendo para Estácio.

— O mesmo prazer não tive eu!...

— Vistes na igreja uma cadeirinha fechada, e a seguistes até a casa!

— Já ele me contou! acudiu Cristóvão.

— Como o soubestes?...

— Vi com os *meus olhos!* respondeu o capitão de mato.

— É possível!

— E não foi só isto, quando falastes aos acostados no cabo da ponte, a moça que ia dentro soltou um gritozinho de beija-flor!

— Isto não me tínheis dito, Estácio?

— Se o não escutei, nem podia...

— Pois ouvi com os *meus ouvidos*; e mais a voz zangada da velha beata que ralhava com a filha!...

— Onde estáveis então que vos não percebi!

— Adivinhei!...

— Ah! lembro-me agora, exclamou Estácio; vi *vossos olhos* pestanejando entre a copa de uma jaqueira, se não me engano; e *vosso ouvido* debaixo dos aguapés na beira do fosso!...

— Acertastes! Mas bom foi saber, para esfregá-los com uma coça que os ensine a esconderem-se melhor.

— De quem falais, João, que vos não entendo? interrompeu Cristóvão.

— De meus caboclos!

— Sois injusto com eles, Senhor João Fogaça; pois dou-vos minha palavra, que sem a nossa conversa, nunca tomaria

por corpo de homem o vulto de serpente que resvalava pelo lodo, e o vulto de coruja que dormia no alto da árvore!

— Por vosso respeito, passo-lhes esta!... Mas de vossa parte, que descobristes tão agradável que assim pôs ledos e prazenteiros o semblante de Cristóvão?...

O amante de Elvira referiu o que lhe havia contado Estácio e acabou mostrando-lhe a joia.

Era tarde da noite quando os dois amigos apartaram-se. Cristóvão cingiu Estácio ao coração, e o teve ali por muito tempo; depois vencendo a emoção, murmurou-lhe ao ouvido:

— Deus seja convosco, irmão; como será este coração que bate a compasso do vosso.

— Contava com ambos, e sei que me não hão de desamparar no momento.

Ao retirar-se Estácio, o amigo disse a João Fogaça:

— Estácio tem um desafio amanhã, entre o romper da aurora e o meio-dia, na Graça. Quero que lá estejais, já que não o posso eu, para o acompanhar. Não vos mostreis, pois ele deseja o maior segredo, mas vigiai como por mim o faríeis. Não sei o que receio; sinto uma tristeza imensa de lá não estar.

— Estareis, Cristóvão, na minha pessoa. Dormi descansado até amanhã sol fora. Careceis de repouso.

Eis o que passara até o alvorecer do dia 7 de janeiro, em que Estácio cingindo a virgem espada que comprara na véspera, e acompanhado de seu pajem, partira para o lugar do desafio.

Os sucessos que tiveram lugar junto à Ermida de Nossa Senhora da Graça carecem de explicação.

O matreiro do Fr. Carlos da Luz saindo no dia de Reis da casa de D. Francisco de Aguiar com o cartel de desafio anônimo, fora direito a palácio e solicitara do governador uma audiência para depois da festa, pois tinha a comunicar objeto de importância para o Estado.

D. Diogo de Menezes o recebeu ao sair da igreja. Fr. Carlos apresentou-lhe o cartel de desafio, e abundou depois em largas considerações para demonstrar a inconveniência e perigo que havia em deixar-se à mercê de qualquer espadachim a reputação, sossego e felicidade de uma família principal. Acrescentou que dali podia originar-se um conflito funesto para o Estado, porque os ódios uma vez excitados não teriam mais paradeiro, e a vingança dos parentes roubaria à pátria muitos filhos prestimosos.

— D. Francisco de Aguiar, rematou o frade, é rico e poderoso senhor, de natureza muito ativa e caráter pouco sofredor. Uma vez ofendido em sua pessoa, ou de quem lhe toque de perto, é capaz de tudo.

O frade era homem de paz; além disso o interesse que tinha de ver realizado o casamento de D. Fernando com Inesita, lhe inspirara essa ideia feliz de recorrer ao governador.

Afastar o amante da moça, quem quer que ele fosse, até consumir-se a união, era a única medida prudente; e essa com a intervenção da autoridade, que tinha por dever proibir e castigar os duelos, tornava-se de fácil execução. Para mover completamente o ânimo de D. Diogo, que ele sabia ser brioso e portanto mui inclinado aos costumes cavalheirescos, esgotara a sua eloquência demonstrando as consequências funestas, que podiam sair daquele duelo.

D. Diogo, cavalheiro sim, mas rígido observador da lei, não hesitou um momento à vista do cartel de desafio, o qual logo de primeira leitura adivinhou donde vinha, pelo que observara nos jogos do terreiro. Contudo não pôde deixar de dizer ao frade com um sorriso enjoado:

— Vosso amigo, reverendo, é prudente e assisado!...

— Acreditai, senhor governador, que D. Fernando não tem a mínima parte no passo que dei; e para prova vou referir-vos tudo quanto é passado.

Contou de fato o modo por que se achava senhor do cartel; carregando porém mais as cores do painel, quando tratou da ira de D. Francisco e exasperação de D. José. Saído o frade, o governador releu o cartel, e tocando a campainha, mandou que chamassem o capitão de sua guarda.

— Esta madrugada antes que seja dia estareis com os homens precisos no sítio de Nossa Senhora da Graça;

prende da minha parte a um homem que para aí emprazou um desafio, e suponho ser o chamado Estácio Correia! Conheceis-lo?

— Muito, senhor governador!

— Preveni-vos com homens bastantes que possais espalhar por diversos pontos para que vos ele não escape. Ponho o maior empenho nesta diligência.

— Confiai no meu zelo.

Foi assim que se achou Manuel de Melo e seus homens tão a ponto para prender Estácio e impedir o combate.

Fr. Carlos da Luz saíra do mosteiro muito cedo para espiar e ver com seus próprios olhos o efeito da denúncia. Encontrando Estácio na capela, logo suspeitou pelos seus modos que era ele o homem da contenda. Mas surpreendido ficou, reconhecendo D. Fernando de Ataíde a dirigir-se para ali, quando o supunha mui quieto em casa. O frade apesar de esperto não contava com o amor e o ciúme, o que era desculpável, pois nunca os sentira; se fosse negócio de gula, ele leria de cadeira.

Quando Ataíde, descobrindo Estácio, seguiu-lhe as pisadas, o reverendo atravessou-se-lhe adiante, e usou das figuras de retórica mais empregadas nos seus sermões para convencê-lo de que não devia aceitar o desafio de um desconhecido. O moço, que já havia reconhecido Estácio, e à sua vista

sentira acender-se um ódio entranhado, não o atendeu. Tudo quanto obteve o reverendo foi demorar seu protegido; mas tanto lhe bastava, pois deu tempo a aparecer Manuel de Melo e prender Estácio. Ouvindo o brado indignado do seu inimigo que o declarava três vezes infame, o fidalgo arrancou e chegou a tempo de responder-lhe dignamente.

Quanto a João Fogaça, cumprindo à risca a recomendação de Cristóvão, partira pela madrugada para a Graça. Ia só, mas bem armado. Ao chegar ao alto de São Bento viu ele passar os homens da guarda do governador embuçados nos reguingotes, e esgueirando-se às ocultas pelas sombras do arvoredo. O capitão de mato desconfiou da coisa, e soltou então o grito da saracura que foi respondido pelos seus índios emboscados nas vizinhanças da casa de D. Luísa de Paiva; estes repetiram o aviso, continuado mais longe e mais até o rancho da sua companhia. O prudente sertanista tinha disposto desde a casa de Mariquinhas até Nazaré um cordão de índios empoleirados nas árvores, e que lhe serviam de telégrafo. Em caso de necessidade, o sinal por ele mandado, passando de árvore em árvore, iria em menos de cinco minutos ao rancho.

Assim sucedeu aquela manhã. Antão Pereira, seu cabo, ouvindo o sinal e conhecendo que ele tinha necessidade de dez homens, despachou-os logo. Estes dirigidos pelo sinal foram direitos aonde os esperava o capitão de mato, que rondando os soldados de longe, os colocou à mão para

qualquer emergência. A esse tempo já ele se tinha convencido que a guarda não saíra de balde tão cedo.

Ocupado em espreitar os movimentos dos soldados, não viu João Fogaça a chegada de Estácio à ermida; mas pouco abalo lhe dava já agora o moço, que aliás ele contava encontrar no lugar do desafio. A lembrança de preveni-lo que se passava, e aconselhar-lhe que fugisse nem bruxuleou na mente do capitão de mato. Era ele dos homens que caminham na vida sempre direito e avante, e só recuam ou desviam quando o rochedo que lhes intercepta o caminho é tal que não pode ser destruído ou acometido. Um desafio fora emprazado; e ele havia de ter lugar, já que o tinham metido naquela dança.

Agora Vaz Caminha.

Na véspera, quando Estácio o deixou bruscamente, o licenciado ficou incomodado com aquela última palavra, que não cessou de virar em todos os sentidos para bem compreendê-la; e acabou convencido de que seu afilhado resolvera bater-se com D. Fernando.

Essa preocupação só o deixou à portaria do Colégio para onde se encaminhou no propósito de gabar aos padres, como merecia, a sua festa de Reis, e dar ao P. Molina seus louvores pelo admirável sermão. É natural que o advogado levasse a intenção oculta de sondar melhor o frade castelhano; mas achou-o impenetrável. De volta a casa,

quando embocava na Rua dos Mercadores, viu o doutor na outra ponta seu afilhado, que saía de uma loja. Apressou o passo, para ver se o apanhava; mas debalde; o moço havia desaparecido.

Confronte com a porta donde ele saía, conheceu sobressaltado o velho que era loja de armeiro; e logo acudiram-lhe as suspeitas e com força nova e maior. Desejoso de tirar a limpo este negócio, entrou na loja sob pretexto de comprar cutelos de mesa, e com a tática e finura que lhe sobravam, veio ao conhecimento de que Estácio mercara poucos instantes havia uma espada em troca de ferragem velha, couras, escudos e adagas.

Apertaram os sustos do velho. Mal engoliu o último bocado do apressado jantar, botou-se para a casa de Estácio. Esperou-o debalde até noite fechada.

— É escusado, Senhor Vaz! O menino depois das festas, não sei que ares o tomaram, que só ao cantar do galo se recolhe; e nem o dia sonha de nascer, já ele anda no mundo grande.

— Rapaziadas, D. Mência. Também nós fomos moços, ainda que já não nos lembra o quando e o como isso foi!...

— E as aulas, Senhor Vaz?... Que contas dará ele de si no caminho em que vai?...

— Deixai isso ao meu cuidado; quando o vejais hoje antes de recolher, dizei-lhe que eu tenho precisão urgente de vê-lo. Em todo o caso virei por ele amanhã ao romper do dia.

De feito no dia seguinte à mesma hora em que Estácio passava a porta de Santa Catarina, o advogado chegava à casa do moço na Ribeira. Soube de D. Mência, por entre a rótula, que o afilhado recolhera muito tarde; mas não obstante ela, que o sentira, se tinha erguido para dar-lhe o recado. Apesar disso, muito antes de haver sinal de dia, já ele estava a caminho acompanhado do pajem.

— Escusai-me de não abrir-vos; mas ainda estou descomposta, Senhor Vaz. Ai, não vos chegueis tanto!...

O advogado, sobressaltado com as circunstâncias que não só confirmavam as suas suspeitas, mas anunciavam a iminência do acontecimento que ele desejava evitar a todo o transe, não atendeu às denguiças da velha D. Mência; já ia longe, quando ela acabando de falar e deitando fora da rótula o nariz, como sinal de sua graça, percebeu a evasão do ingrato:

— Sempre é homem de beca! murmurou com desprezo; e bateu o trinco da rótula.

Quanto a Vaz Caminha, ia sem destino, à toa, como homem que deseja dividir-se em muitos para estar ao mesmo tempo em diversas partes. Sabia ele ao menos de que lado tinha

Estácio tomado? Quis voltar para indagar da velha; porém logo pareceu-lhe que era arriscar-se a perder tempo sem proveito. Foi andando para onde o levavam as pernas.

Quis o acaso que no Largo da Sé passassem por ele dois vultos, cavalheiro e pajem. No primeiro reconheceu D. Fernando, e sentiu grande alívio. A atitude do fidalgo e seu fâmullo, a fisionomia de ambos e seus passos, tinham um tal aspecto misterioso e ao mesmo tempo decidido, que anunciava empresa oculta e arriscada. O advogado resolveu seguir a pista daquele que sabia ser o adversário de Estácio, e que sem dúvida marchava para o terreno do combate. Após ele passou a porta sul da cidade, e galgou o caminho de São Bento. Aí na bifurcação da vereda que seguia para N. S. da Graça, o advogado já em extremo fatigado, perdeu de vista o cavalheiro; mas foi seguindo a direção por ele tomada. Essa demora deu tempo aos incidentes que passaram.

Falta-nos Tiburcino.

Quanto a este, desde a véspera que o pobre labrego andava arvoado. Arrastado pelo olhar da feiticeira mulatinha, como um touro sob o aguilhão, a fora ele seguindo estupidamente até o meio da Praça do Palácio onde estava então assentado o pelourinho, que mais tarde removeu-se para o Largo do Rosário.

Joaninha voltou-se bruscamente para o carnicheiro, e falou-lhe com um tom decidido:

— Tiburcino, veja você em que se mete. Só lhe digo uma coisa. Se algum mal suceder ao Sr. Estácio, sei de onde vem, e o saberá logo o Sr. Ouvidor Brás de Almeida. Portanto, quando ali estiver pendurado, se não for mais alto, não se queixe da risada gostosa que hei de eu dar às caretas que você fizer!...

— Rapariga do demônio!... urrou o magarefe enfurecido, sacando da cinta o manchil. Tomai, e acabai-me aqui a casta de uma vez com este cutelo, antes que estar assim cada dia a picar-me aos pedacinhos!

Joaninha comoveu-se na presença daquela dor de que era a inocente causa. Repelindo com o gesto o ferro, e com o sorriso deitando bálsamo na ferida magoada, tornou compassiva:

— Quem lhe meteu a você na cabeça que ando eu namorada deste ou daquele?

— Não no vi eu a outra noite, e inda agorinha na igreja, com estes olhos que a terra há de comer?...

A mulatinha bateu o pé zangada.

— Mando-lhe eu, sô carnicheiro, que não suporto que me andem espreitando! Ouviu? E saiba mais, que em chegando

o meu dia de querer a alguém, não será você nem todos os magarefes juntos do mundo inteiro, que me privem do que for muito de meu gosto e vontade!...

Proferindo estas palavras, as narinas rosadas da mulatinha insuflaram-se, e ao sopro ardente o magarefe dessorava estremeçando, como um tronco de jatobá ao sol que o abrasa.

— E não se ponha você com partes; pois bem pode ser que lhe saiam as coisas ao avesso sucedendo isso mais depressa do que devera!...

— Para que estais aí com coisas, Joanhinha? rosnou o carniceiro. Se já lhe rendestes o coração.

— Pois o quereis, assim o tendes. Quero-lhe, ao Sr. Estácio!... Estais ouvindo?... E agora tomara eu ver que tenhais o atrevimento de pensar em lhe fazer mal.

Joanhinha deixou o magarefe fulminado sob o peso de sua ameaça, mais tremenda para ele do que a excomunhão do P. Molina. Quando saiu do atonismo, lançou-se à carreira pelos campos, como o touro furioso. À tarde, dando acordo de si, voltou à tarefa; ele sabia já onde encontrar Estácio, a quem perdera de vista desde pela manhã. Foi esperá-lo à casa de Mariquinhas.

Na madrugada seguinte acompanhou o moço até N. S. da Graça. Chegava às aroeiras no momento em que os dois

adversários se preparavam para o combate.

Tiburcino lembrou-se da recomendação do P. Molina e estremeceu; mas as palavras de Joanhina também lhe soavam ao ouvido, e ele deixou-se ficar tranquilo. Não sabia o que queria; tremia ao mesmo tempo e palpitava com a ideia de que Estácio pudesse morrer no desafio; Joanhina não lhe poderia imputar a sua morte. Mas com a demora produzida pela chegada de Vaz Caminha sofreu o espírito do carniceiro tal inversão que ele correu sobre D. Fernando e o arrebatou com uma rapidez incrível.

Eis os motivos por que se achavam tão imprevistos no vale de N. S. da Graça os diversos personagens desta história.

São já nove horas passadas.

D. Diogo de Menezes, recolhido em seu gabinete, conversa em particular com o sargento-mor do Brasil, D. Diogo de Campos sobre coisas do Estado e governo das capitanias. Findo o conselho, foi Estácio introduzido à sua presença pelo Capitão Manuel de Melo, que nessa ocasião lhe deu parte do ocorrido; chegando ao ponto relativo à intervenção indébita do capitão de mato, o governador o interrompeu severamente:

— Basta, capitão! João Fogaça disse com acerto que os soldados da minha guarda ao vosso mando hão mister que lhes ensine ele a cumprir minhas ordens. Pena tenho eu de

que vos não trouxesse atados pelo meio da cidade, como o prometeu, mas dir-lhe-ei de minha parte, que venha a palácio para lhe agradecer a lição que vos deu!...

O oficial retirou-se. O governador e o moço ficaram sós:

— Estácio Correia, quem escreveu este papel?... interrogou D. Diogo desdobrando o cartel.

— Escrevi-o eu, sr. governador, de meu próprio punho, respondeu o moço erguendo a fronte com altiva serenidade; e ocultei meu nome unicamente pelo receio de comprometer a pessoa de quem aí se trata.

— Sabeis que o desafio é um crime?

— Crimes desses prefiro-os eu à infâmia daquele que para fugir deles os denuncia!... replicou o moço ardendo-lhe as faces de indignação.

— Vosso adversário D. Fernando de Ataíde não procedeu como pensais; deveis fazer-lhe essa justiça.

D. Diogo referiu quanto bastava para afastar do noivo de Inesita a pecha de cobarde; depois adoçando a expressão de rigidez e severidade que asselava sua nobre fisionomia, falou de novo a Estácio:

— O esforço e bravura de que destes em minha presença fazem oito dias, tão brilhantes provas, mancebo, não são

para se espedaçarem em coisas pequenas, como desafios e duelos, quando as empresas grandes, em prol da pátria e para serviço d'El-Rei estão com instância esperando pelos corações de vossa têmpera. Não carecem punição esses primeiros assomos da mocidade vigorosa; basta que sejam encaminhados. Quero pois abrir-vos campo às nobres e generosas aspirações.

Estácio inclinou-se respeitoso e corando aos louvores de pessoa tão venerável.

— Há cerca de oito meses mandei Martim Soares Moreno a fundar um presídio na costa do Rio Ceará, muito infestada de franceses e mais desamparada dos nossos. Foi ele acompanhado de poucos homens e baldo de recursos, mas com promessa que lhe fiz de pronto subsídio. Quando chegastes, tratava com o sargento-mor do Estado sobre este assunto, e buscávamos homem, para a difícil empresa. Quereis ser esse homem, vós que estais na altura dela?...

— Sou cativo da bondade que usa Vossa Senhoria para comigo; e aceitaria reconhecido o cargo, se não fora sobejo demais para as minhas forças.

— Desse ponto não sois o melhor juiz; fio mais do meu aviso. Podeis retirar-vos em liberdade, deixando-me em penhor vossa palavra de como não vos batereis em desafio com D. Fernando ou qualquer outra pessoa; e ordenai vossa

partida para daqui a oito dias, enquanto se arranja a expedição que deveis comandar.

Estácio empalideceu de leve ouvindo o governador, mas logo recobrou-se:

— Não poderei dar a Vossa Senhoria uma palavra que não saberia cumprir! Quanto à expedição, um negócio muito particular, do qual depende a minha vida, reclama agora a minha presença nesta cidade. A pátria, a quem pertencerá o resto dessa vida, bem pode dispensar-me tão minguada porção de tempo, quando lhe sobram tantos e mais experimentados servidores. Creio mesmo que se me deve essa compensação, pelo muito que perdi.

D. Diogo longe de irritar-se com a firmeza e o tom da resposta, tornou benévolo:

— Sei ao que aludis, Estácio Correia. Tendes um amor desventurado. Quem não os teve na vossa idade?... São como as primeiras flores das árvores que nunca geram fruto, e murcham de si mesmas. Entrastes agora na juventude; essa primeira decepção longe de vos desanimar, deve alentar novos e maiores arrojós. Subi-vos pelos nobres cometimentos à altura a que deveis chegar e não receeis que daí vos recusem a mão daquela que elegerdes para vossa companheira e sócia de vossa existência!...

— Chegaria tarde. Quando voltasse já não encontraria a quem oferecer o prêmio desses serviços.

— Por que não há de o vosso coração sentir e inspirar outra afeição, mais forte e vigorosa, por isso mesmo que se aproximará da virilidade e robustez do homem?

— Falou Sua Senhoria há um instante das primeiras flores das árvores que não vingam em fruto, mas também tenho eu visto às vezes, percorrendo estes campos nossos, algum arvoredado que não dá mais que uma flor; e depois dessa camada seca e mirra para sempre!

O jovem falou com uma voz que saía do coração. D. Diogo conheceu quanto era violenta e indomável a paixão que assolava aquela vigorosa organização.

— Cerremos aqui esta prática. Ela vos deve convencer do grande interesse que tomo por vossa pessoa, mancebo; pois esqueci-me a ponto de discorrer amores convosco. Não enxergai portanto na medida que vou tomar a vosso respeito, excesso de rigor e dureza, senão zelo temperado por alguma severidade precisa. Confessastes há um instante, que não poderíeis conter os ímpetos da paixão que vos arrastou ao desafio com D. Fernando, e vos arrastaria mais tarde a novas loucuras. Sou obrigado pois, bem a meu pesar, não só para cumprimento da lei, como para vosso próprio benefício, a reter-vos preso e encerrado.

— Como a Vossa Senhoria aprouver, respondeu Estácio sentindo gelar-lhe a medula, mas revoltarem-se os brios.

— A menos, disse o governador com intenção, que não estejais resolvido a partir para o Ceará, e me deis a palavra exigida, pois levo a confiança em vossa honra a ponto de não duvidar do seu cumprimento, uma vez dada.

— É impossível, senhor!... Mandai-me encarcerar.

O governador tocou a campainha, e acudindo o reposteiro, mandou que chamasse o Capitão Manuel de Melo.

— Conduzireis o preso ao Castelo de Santo Alberto, com a ordem que vos será entregue por meu secretário, neste mesmo instante.

Na antessala encontraram o Doutor Vaz Caminha que esperava pela decisão, pensativo e triste, mas resignado. Ao abrir da porta, ergueu-se rápido, e aproximou do mancebo. Estácio, ainda sob a primeira impressão dolorosa do golpe que o atordoava, lembrou-se pondo os olhos em Vaz Caminha, que sem a brusca intervenção do velho doutor, que obstará o duelo, estaria ele àquela hora desassombrado do seu maior cuidado, que era o seu rival, e também livre e solto pelo auxílio de João Fogaça.

— Eis o que fizestes, mestre!... Preso, e sabe Deus por quanto tempo!... disse o moço com doce exprobração.

— Não é agora ocasião para as recriminações, filho; mas se não me houvésseis ocultado vosso intento, não acontecera isto.

— Eu sabia que não daríeis o vosso consentimento.

— Razão de sobra para discutirmos ambos o assunto, pois dois conselhos aproveitam mais que um.

— Andei errado, confesso; mas já que não tinha remédio, melhor era decidir logo de uma vez... Ou matava-me ele a mim ou arrancava-lhe eu a ferro o juramento de não casar com Inesita. Viesse embora a prisão, que não vinha, vos seguro eu.

— Esse juramento de D. Fernando ainda podereis obtê-lo, Estácio.

— Agora, tolhido da minha liberdade, e sepultado nalguma masmorra?... Nada mais espero, mestre, senão morrer breve nesta terra onde ela vive, misturando os soluços da agonia aos murmúrios das ondas que gemiam quando da primeira vez a vi, exalando meu último suspiro no seio da brisa para que me ela respire em sua alma, de envolta com o ar. Essa morte, prefiro-a eu à vida e liberdade que me ofereciam pouco há, mas longe daqui, longe dela, nos sertões dalém.

O moço ia contar o que passara entre ele e o governador quando apresentou-se o capitão da guarda com a ordem de

prisão na cinta. Vaz Caminha teve tempo de lançar ao ouvido de Estácio estas breves palavras:

— Não desesperéis!... Até amanhã talvez!...

No começo apenas da luta que ia travar com seu destino adverso, quando ainda não tinha nem as forças provadas, nem o hábito do sucesso que gera a confiança e o arrojo invencível, Estácio ficou nos primeiros momentos acabrunhado sob o peso da fatalidade que pesava sobre ele. Repassando os acontecimentos do dia, refletia nas vicissitudes que sofrera seu plano tão bem concertado até ser afinal e completamente aniquilado.

Parecia-lhe isso uma zombaria cruel da sorte, que podendo acabar com ele de uma vez, o fazia seu joguete e escárnio.

Mas era da melhor e mais fina a têmpera dessa alma; e se agora dava de si e embrandecia com o primeiro fogo, não tardava que saísse mais rija e adamantina dessa primeira prova.

O Forte de Santo Alberto, sito sobre um lajedado ilhado e fronteiro ao ancoradouro das naus, era pela sua posição também conhecido por Castelo do Mar. Ainda hoje ali existe no mesmo lugar, com o mesmo nome, mas na construção inteiramente outro do que era então. Tinha, ao que parece, naquele tempo cárceres fortes e seguros, pois aí eram guardados os cativos de guerra e presos de estado.

Já Estácio e a guarda que o escoltara haviam embarcado em um batel nas tercenas da Ribeira, e estavam em metade da travessia, quando o moço deu por Gil que o acompanhara desde palácio, e agora de pé sobre a lajem da praia, alongava os olhos no seguimento do batel, para despedir-se de seu amo querido, e ao mesmo tempo saber onde o levavam. O menino enxugava com os dedos as lágrimas que os olhos debulhavam; e tinha desde a manhã um soluço a rouquejar-lhe ao peito.

Avistando-o, o cavalheiro ergueu o braço e apontou para o Castelo do Mar, dizendo ao capitão para disfarçar esse movimento:

— É ali que me levais, capitão?...

— Breve o sabereis! respondeu o oficial que estava de mau humor.

Pouco se deu o moço com a sequidão da resposta. Gil tinha compreendido o seu movimento, pois de repente saltara da lajem e disparara a correr pela ribeira, veloz como um cervo. Onde e a que ia ele desse passo, era o que não podia adivinhar o preso; mas não duvidou um instante que o brusco desaparecimento do pajem anunciasse uma resolução pronta e favorável.

O batel encostou à barbacã do castelo; e enquanto esperava o capitão pelo condestável da homenagem do Santo Alberto

para lhe fazer entrega do preso, Estácio encostou-se ao parapeito das baterias. Nessa ocasião ouvia-se do lado das tercenas do Colégio a celeuma de um navio que levantava âncora, e, desfraldando as velas ao fresco terral, singrava barra fora. A atenção do moço foi distraída de seus cuidados por esta cena agradável da vida marítima. Era realmente um belo e soberbo navio, o galeão *Santo Inácio*, pertencente à Companhia, e construído nos seus estaleiros da Bahia, das melhores madeiras do Brasil, sob a direção dos mesmos padres.

Fazendo-se no bordo do mar, o alteroso galeão passou à fala do forte e tão próximo que se via todo o convés. Ali, próximo à habitácula, com a vista derramada pelos horizontes, estava um frade que voltou-se para examinar o Castelo de Santo Alberto no momento em que passava debaixo de suas baterias. Estácio conheceu o P. Gusmão de Molina; e recordou-se das revelações feitas na véspera pelo Doutor Vaz Caminha. Aí estava diante de seus olhos a confirmação de todas as suspeitas do sagaz advogado: o frade, naturalmente depois de haver sondado na cidade do Salvador a existência dele Estácio, partia para o Rio de Janeiro à busca do roteiro.

Era mais uma esperança que se apagava! De seu lado também o visitador reconheceu Estácio no parapeito do castelo; e sorriu. Soubera ele da prisão uma hora depois por Tiburcino, que deixando D. Fernando na sacristia da ermida e fechando-lhe a porta sobre, voltara ao lugar do desafio e

de longe acompanhara a guarda até palácio. Mais tranquilo ainda com este acidente, partia pois o astuto jesuíta, qual novo Jasão, à conquista do velocino de prata.

Estácio acompanhava com os olhos a singradura rápida do soberbo galeão, quando apareceu no terrado o condestável. Era um bravo veterano, que pelejara os mouros na Índia e os franceses no Rio de Janeiro; ríspido de maneiras, mas no fundo bom coração:

— Mancebo, Sua Senhoria me ordena que vos tenha em boa guarda! Dai-me a vossa palavra, e tereis todo o castelo de menagem.

— A minha palavra, senhor condestável, me prenderia mais do que os muros da vossa fortaleza.

— Pretendeis então evadir-vos, mancebo?... Cautela comigo!...

Estácio sorriu:

— O que pretendo fazer, e o que será, Deus o sabe!... Tomai vossas cautelas, e dai-vos por avisado!...

— Irra!... Com seiscentas mil bombas e bombardas!... Quereis zombar comigo!... Pois vereis de que espécie são os cárceres de Santo Alberto. Tenho justamente um devoluto e à vossa disposição, pois morreu-lhe hoje o morador!... Irra!...

O condestável bufando e puxando os bigodes deu três gritos que fizeram saltar diante dele o chaveiro. Estácio foi lançado no prometido cárcere. Era uma cava úmida e infeta, construída abaixo do nível do mar, e esclarecida por duas estreitas seteiras abertas no alto da cortina exterior do forte. No momento em que ele aí entrava removiam o corpo de seu finado antecessor. O moço sentiu apertar-se-lhe o coração, pensando que talvez ele também não saísse vivo daquela sepultura, onde o lançavam.

Mas logo que a pesada porta bateu, e que ele sentiu-se amortalhado na umidade que lentejava das paredes, a vida exuberante que se expandia em todo o viço de sua jovem e robusta organização, reagiu fortemente contra o regelo e torpor do cárcere. Pensou que lhe cresceriam as forças como a Sansão, para abater os muros que lhe tolhiam a liberdade, e a abóbada de pedra que lhe esmagava as expansões da mocidade.

Seriam dez horas da noite. A cidade, muito havia que repousava; não se ouvia nas ruas desertas senão o passo vagaroso e duro dos quadrilheiros que voltavam da ronda noturna depois do toque de recolher, e o piso lesto de algum jogador ou namorado que ao abrigo das trevas buscava a espelunca da tavolagem ou a rótula da amante.

À porta de uma casa da Rua da Palma, que já nos é conhecida, parou um vulto embuçado, que bateu sutilmente, mas com um modo simbólico; o postigo da porta logo abriu, e tornou a fechar mal desapareceu o noturno visitante. Daí a instante outro vulto e outro até contarem-se dez com o primeiro, foram entrando a intervalos e pela mesma forma. Então ouviu-se o baque dos ferrolhos corridos e da tranca apertada contra a porta, sinal de que nenhum mais era esperado.

A casa do mercador Samuel era construída de encontro à encosta oriental da montanha, que serve de assento à cidade; na frente era sobrado e nos fundos casa térrea, ao que parecia ao menos. Havia porém por baixo uma sala subterrânea onde tinha o judeu escondido o seu cofre, e para a qual se entrava por um alçapão. Foi nesse aposento que os dez vultos, sabedores dos escaninhos da casa, se reuniram a um e um.

Na ponta de uma banca longa e rasa, onde se viam o livro sagrado do Antigo Testamento e outros símbolos da religião judaica, estava sentado o velho Samuel pensativo e cabisbaixo; em face dele uma lâmpada mortiça lhe esclarecia o rosto adunco e hirsuto. Os outros, à medida que entravam, diziam pausadamente a saudação habitual:

— O Deus de Abraão e Jacó vos dê força, venerável rabino.

Depois sentavam-se ao longo da mesa de uma e outra banda mais ou menos afastados conforme o grau de cada um. Quando o número ficou completo, Samuel erguendo a fronte deu o sinal da prece.

As cenas que seguem pelo seu encadeamento com a história não poderiam ser bem compreendidas sem a recordação de certos acontecimentos do tempo.

Continuava entre a Espanha e a Holanda a guerra que havia começado em 1579; porém nesse último país dividia-se a opinião a respeito da conveniência de sua continuação.

O partido da paz ganhava cada dia novas forças, apesar dos grandes esforços de Usselinx. Esse chefe ilustre do partido da guerra, diz Netscher, fixou a atenção sobre o Brasil, donde já exportava a Holanda anualmente o valor de 4.800.000 florins em açúcar, afora madeira de tinturaria, algodão e outras mercadorias. Não obstante a magnífica perspectiva dessa conquista, que se antolhava de fácil

execução pelo desamparo em que deixava a Espanha suas colônias de origem portuguesa, preponderou o voto da paz nos Estados-Gerais, e concluiu-se um armistício de doze anos, que não foi respeitado pelos contrabandistas nas colônias.

Ao tempo em que vai correndo esta crônica, nos princípios do ano de 1609, não era ainda chegada ao Brasil a notícia da trégua; e portanto não haviam cessado as hostilidades, como não cessaram mesmo depois, ainda que de um modo mais encoberto. Ora os judeus da cidade do Salvador, como os de todo o Brasil, ameaçados da revogação da lei de 30 de junho de 1601, que lhes permitiu a passagem à colônia, apesar de a haverem comprado por 200.000 cruzados, faziam votos pela continuação da guerra e alimentavam a secreta esperança de ver o Estado do Brasil passar ao domínio da Holanda, a quem na falta da língua e da origem, os ligava o santo e poderoso vínculo da religião.

A esse fim tinham mandado a Haia mestre Brás com a carta dirigida a Usselincx; e era com esse elemento que o ilustre chefe da guerra acenava àquela nação de mercadores e marinheiros para as riquezas fabulosas da terra de Santa Cruz. A mensagem dos judeus tivera o efeito de ativar mais o curso nas costas do Brasil e estender o contrabando; porém a esperada conquista da cidade do Salvador era ainda um projeto, que só mais tarde, em 1624 veio a realizar-se.

Entretanto não perdiam os judeus da Bahia a esperança de sua redenção, e consolavam-se mercando por contrabando com os navios holandeses, que visitavam nossos mares, as novidades da terra, como açúcar, pau-brasil e algodão, em troca dos produtos europeus, adquirindo nesse tráfico avultados capitais, que traziam bem aferrolhados. Servia-lhes de agente nessa empresa arriscada o ardiloso mestre Brás, que além da boa espórtula, também lucrava encartar a sua bisca na carga do navio.

O pescador, que na véspera de Reis entrara na taberna, não era senão o capataz da companhia que ele tinha de espreita ao longe da praia para anunciar-lhe a chegada do barco contrabandista: por meio de um jogo de lanternas de cor azulada, anunciavam os holandeses para a terra a sua chegada. O espia a comunicava ao Brás, que avisava Samuel, e partia a entender-se com o comandante.

Terminada a prece, Samuel tirou do seio da oparlanda um papel dobrado em forma de carta, e dirigiu-se aos outros rabinos.

— Reuni-vos, veneráveis irmãos, para comunicar-vos que é chegado o navio que esperamos. Nosso irmão Brás me deu aviso ontem tarde da noite, e logo partiu a entender-se com o comandante e saber o que nos trazia da Europa. Eis por que só hoje nos achamos aqui juntos para tratar dos nossos interesses. O navio tem pouca demora, e portanto apressai vossas mercadorias.

O rabino calou-se um instante, enquanto os outros pestanejando de alegria, calculavam já os lucros prováveis das futuras operações.

— Outro negócio porém de máxima importância deve hoje prender vossa atenção, veneráveis irmãos. Usselincx nos escreveu; na data de sua carta falava-se muito na paz, e havia receios de que o partido dela venha afinal a triunfar; contudo, fiel às promessas que nos fez, combatia com todas as suas forças tal voto, proclamando a grande vantagem da conquista destas terras; mas temem-se lá das dificuldades da empresa e do receio de ser mal sucedida; pelo que se pudéssemos enviar novo emissário, importante pelo seu estado e autoridade de sua palavra, me parece que isso lhe dera muita força e decidia talvez do resultado.

— Também eu assim penso, murmurou um rabino velho.

— Aqui tendes a carta para que dela tomeis pleno conhecimento. Vereis que no final insta ele pela liberdade dos três oficiais prisioneiros.

Os judeus foram lendo e passando de mão em mão a carta que lhes mandara Usselincx escrever por seu secretário; terminada a leitura esperaram que o velho Samuel saísse de sua meditação.

— Bem avaliais, sem que necessite de vos demonstrar, de quanto mal seria para nós a paz na presente conjuntura. A

lei que tão caro resgatamos do primeiro dos Filipes já nos ameaçaram de tirá-la e breve no-la roubarão, para ver se lhe pomos maior preço ainda; pois quando as coisas de governo se mercam, ficam em almoeda a quem mais dá. Portanto devemos abandonar a ideia de novas avenças, que não serão mais do que ocasiões para maiores fintas, com que afinal nos tirarão até a última gota de sangue. E não se conta o desprezo e ódio em que nos tem a raça cristã, cobrindo-nos de baldões e injúrias e tratando-nos de seus cativos.

Um grunhido de dor percorreu a fileira dos rabinos.

— A conquista da terra pelos nossos irmãos flamengos é a nossa única esperança de redenção!

— Falais como o profeta, venerável Samuel; mas se, como nos diz a carta, concluiu-se a paz, ainda não terá fim o nosso cativoiro.

— Tenho pensado; creio que se pudéssemos enviar agora a Haia esses três oficiais flamengos, prisioneiros nesta cidade, pelos quais tanto têm de lá instado conosco; e ainda mais se esses oficiais, gratos ao benefício, levassem com uma nova mensagem as informações precisas para a fácil tomada desta primeira praça aos portugueses, o voto dos Estados havia de ser pela guerra e conquista destas ricas possessões que os cristãos não sabem aproveitar.

— Como podemos nós chegar ao cabo de tamanha empresa, se todos os esforços não são baldados? Propuseram o resgate que secretamente nos oferecemos a pagar por eles e foi recusado; tentamos a evasão, que a princípio parecia bem estreada, e esbarrou pela dificuldade que sabeis, da senha.

— É verdade quanto dizeis, respeitável Simeão; porém maiores dificuldades venceram nossos primeiros pais quando deixaram a terra do Egito em busca do país de Canaã. O Deus que guiou Moisés no deserto, iluminou meu espírito. Se aprovais a empresa e julgais que seja coroada de bom resultado, confiai de mim o sacrifício da execução.

— Obrai, venerável Samuel; pomos em vós a nossa salvação.

— Não é justo porém que o sacrifício pese unicamente sobre um; manda o Senhor que o reparta por todos na proporção de suas forças. Vou arriscar por vós minha existência; e portanto haveis de indenizar dela a minha Raquel na soma de vinte mil cruzados, com que contribuireis repartidamente.

— Por tal preço não poderemos!...

— Sem dúvida; antes perca-se tudo.

— Realizai então isso a que me proponho, e vos contarei eu os vinte mil cruzados!

Todos calaram-se curvando a cabeça. Dissolveu-se a sinagoga silenciosa e tranquilamente como se reunira.

No dia seguinte, quando Raquel foi como costumava saudar seu velho pai, o mercador depois que a abraçou, mandou que se sentasse ao seu lado; e dando-lhe o Velho Testamento, disse-lhe com doçura e carinho:

— Filha, abri a Santa Escritura e lede-me o Livro de Ester.

Raquel obedeceu; e sua voz maviosa começou a recitar como um canto os versetes da Bíblia.

— Basta, filha. Lede agora o Livro de Judite.

A moça correndo as folhas, buscou a passagem pedida:

*“3 — E ela lavou seu corpo e se perfumou de mirra e ornou o seu cabelo e pôs uma auréola na cabeça, e se adereçou com as vestes de sua alegria e calçou os pés nas sandálias e tomou armilas, lírios, arrecadas, anéis, e cobriu-se de ornatos.”*

*“4 — O Senhor fez brilhar sua beleza, porque todo esse enfeite não era inspirado por mau desejo, mas por sua virtude; pelo que o Senhor aumentou sua beleza para que ela aparecesse a todas as vistas de um brilho incomparável.”*

O velho estendeu a mão sobre o livro e tomou-o: depois ficou em êxtase contemplando a filha que lhe sorria:

— Como és formosa, Raquel! tu podias te chamar Noemi, a bela! És mais formosa que a rosa de Jericó ou o lírio de Geslaad.

O velho estacou triste e sombrio:

— Por que vosso semblante se anuvia, pai, como o cimo do Oreb?

— Raquel, a raça de teu pai vai ser expulsa desta terra onde nasceste, talvez para outra de mais duro cativoiro.

— Que proferis, pai?...

— A salvação nossa, a redenção de teus irmãos, o Senhor pôs em tuas mãos, filha!

— É possível!... Dizei o que devo eu fazer!

— Três oficiais flamengos estão presos há cerca de cinco anos no Forte de Santo Alberto. É preciso que eles vão o mais breve possível à sua pátria buscar as coortes que irão libertar-nos, como as falanges de Ciro libertaram nossos pais do cativoiro em Babilônia. Um homem pode tirá-los dos cárceres onde jazem; e esse homem, tu sabes.

Raquel palpitou:

— Quem é ele, pai?

— D. José de Aguiar, o maior amigo do Tenente Bezerra, ajudante do condestável do castelo. Basta que o alferes saiba dele o santo de guarda. Isso é a primeira coisa; outra resta e igualmente fácil: é a cópia de um relatório que fez D. Diogo de Campos, sargento-mor do Estado, ao governador, sobre a fortificação e milícia desta cidade.

O velho pôs então na filha olhos vivos e penetrantes que lhe entraram até o coração.

— Se tu quiseses, Raquel, D. José fará isso sem hesitação.

O rubor vivace que acendeu as faces da donzela apagou-se logo, desbotado por um irônico sorriso.

— Que significam tuas palavras, pai? perguntou a moça.

— Na quarta-feira à noite quando o fidalgo aqui esteve, escreveu-te este bilhete que me caiu nas mãos. Respondei-lhe que venha hoje à meia-noite, e tu lhe falarás aqui nesta sala, enquanto eu estiver embaixo encerrado.

— Mas, pai, sabeis o que exigis de mim? Só com ele, à noite...

— Ester foi só à presença de Assuerus por conselho de seu tio, e Judite à tenda de Holofernes por inspiração divina! Ambas sacrificaram-se pelo seu povo. Terás tu degenerado desse sangue, Raquel?

— Nem Ester, nem Judite, pai, amavam o homem a quem se foram entregar friamente!... respondeu a moça com uma voz estrangulada.

Os olhos do judeu cintilaram:

— Teu sacrifício, filha, será então mais doce do que foi o delas, respondeu o judeu com um sorriso melífluo através do qual sentia-se a ponta de um estilete.

Raquel ergueu-se com um sublime assomo:

— Seja feita a vossa vontade, pai! Mas vos previno que é uma tentativa inútil!... Ele não aceitará!...

— Não te conheces, Raquel!

— Se me conheço!... Digo-vos eu, e juro que o homem digno do meu amor recusará com asco semelhante infâmia!

— Escreve sempre, Raquel.

A moça sentou-se ao bufete e escreveu simplesmente as seguintes palavras:

*Esta meia-noite há na Rua da Palma uma pessoa que ansiosamente vos espera.*

Sobrescritou a D. José de Aguilar, e entregando ao velho Samuel a carta, retirou-se precipitadamente à sua recâmara. O amor casto e delicado que enchia o seu coração como um lago sereno, acabava de ser toldado por um lodo infeto e negro.

O alferes recebeu o recado escrito de Raquel nessa mesma manhã, poucas horas depois da cena passada em casa do judeu. Imagine-se qual não foi sua alegria, e a vaidade de que encheu-se, por tão famosa conquista. Nesse dia recolheu cedo a casa para ataviar-se com primor; e mal foi tangido o sino de recolher, já ele media de uma à outra ponta a calçada da Palma, como uma sentinela de posto de guarda.

À meia-noite em ponto ouviu afinal abrir-se a rótula do sobrado, e a voz maviosa chamar por ele e perguntar se aí estava. A outro mais observador do que o alferes não passara despercebido o tom resolutivo e o modo desembaraçado com que a menina, tão tímida há dois dias, lhe falava agora, e o convidava a subir por uma escada de cordões de seda presa ao peitoril da janela. Não se fez rogar o namorado cavalheiro, e com a impavidez que lhe era

própria, assaltou a escada e em dois arrancos achou-se na sala.

Raquel o esperava, e sem resistência deixou que ajoelhasse a seus pés e lhe beijasse as mãos. Convidando-o a sentar-se perto do coxim de damasco, dirigiu-lhe a palavra fria e melancólica:

— É verdade que me tendes amor, cavalheiro?...

— Duvidais ainda, formosa Raquel?

— Tanto não duvido, que aqui estais agora para mo provar.

— Se for precisa a minha vida para isso, ainda a acho pouca, senhora.

— Será preciso menos ou mais do que ela, conforme vosso pensar. Também eu vos amo, cavalheiro, e vos amei com fogo santo até este instante pelo menos!

— E por que não me amareis sempre, senhora?

— Depende de vós e da maneira por que ides responder à esperança que em vós depositei.

— Falai pois, senhora, e apressai.

Raquel reproduziu então o que lhe havia dito seu pai tanto a respeito do santo para evasão dos prisioneiros, como sobre

a memória da fortificação e milícia da cidade do Salvador. O fidalgo ouviu-a todo o tempo em sobressalto, e por várias vezes quis interrompê-la; porém não o deixou a linda judia, que terminou afinal com um sorriso estranho.

— Mas, é uma traição que exigis de mim, senhora! É mais do que a vida, dissestes bem; é a honra.

Os olhos de Raquel cintilaram com um esplêndido fulgor, que lhe ornou a fronte como de uma auréola.

— Sim, disse ela com voz profunda; é a vossa honra, cavalheiro.

Depois, como se uma nuvem cobrisse de repente a luz de seu semblante, continuou com a voz surda e repassada em onda de sarcasmo:

— Mas Samuel pedindo isto a sua filha, lhe disse: “Ao homem que te fizer este sacrifício, nada recusarás, Raquel, como nada te recusarei eu se dele obtiveres o que te peço”.

— Nada?... exclamou o alferes, pondo nesta breve palavra um abismo de sensualidade e depravação.

O lábio da judia encrespou com a chama ofegante que lhe exalava do seio, envolta na respiração. Sua pupila grande, negra e aveludada, desviando do semblante do moço, escondeu-se sob as pálpebras a meio cerradas, porque lhe repugnava chafurdar no lodo daquela alma. Mas vencendo

esse ímpeto de nojo, a moça procurou no cinto orlado de perlas que lhe ajustava o corpilha, uma pequena chave de ouro, que mais parecia de algum cofre de sândalo ou marfim; era a da sua recâmera virginal, cofre de beleza, inocência e castidade.

— Eis o preço do serviço! Aquele que em dois dias me trazer a palavra e o papel pedido, será senhor desta chave e de quem ela guarda. Compreendeis agora?

O sangue do alferes ferveu-lhe nas veias.

— E Samuel consente nisso?... disse ele pasmo.

— Samuel tem a alma de Abraão, e sacrifica o amor de sua filha à religião de seus pais!...

— E também à ganância que espera!... Mas outro que o ajude a pilhá-la, não eu!... disse o fidalgo voltando as costas e encaminhando-se à porta.

A bela figura da judia resplandeceu inundada no júbilo imenso que lhe vertia d'alma. Seu peito, de repente acometido por aquela forte emoção, estalou num grito que era de prazer, mas ainda imerso na dor.

— Recusais?...

O alferes tinha feito uma falsa retirada, tática sempre bem sucedida nos seus assaltos amorosos. No meio da surpresa

que lhe causara a estranha proposição da moça, viera-lhe uma suspeita sobre a sinceridade de Raquel, e a parte que o judeu tinha em tudo isso. Ouvindo a exclamação da judia, que ele tomou por um grito de aflição, se voltou sorrindo.

— Ora, formosa Raquel, quem me diz que o espertalhão do vosso pai não faltará ao prometido, no que é useiro e vezeiro!...

— Não me acreditais! disse a moça com soberano desprezo.

Com a mão afilada e mimosa bateu numa espécie de tímpano que havia encravado na parede. O velho Samuel que assistira a toda a cena precedente por detrás de uma porta oculta na tapeçaria, meteu debaixo da oparlanda o longo punhal, e dando volta foi aparecer na porta da sala.

— Pai, disse Raquel vendo-o entrar, repeti-lhe o que prometeste.

O velho erguendo ao céu os olhos extáticos e dando à sua fisionomia veneranda um ar inspirado, proferiu lentamente:

— Pela palavra do profeta juro que se fizerdes o que vos peço, vos entregarei Raquel, como entregou Labão sua filha a Jacó.

— No mesmo instante?...

— No instante mesmo em que me trouxerdes a palavra do santo e a cópia do papel.

O cavalheiro soltou uma gargalhada.

— Aceito, e concludo! Apertai!...

Os dois trocaram um aperto de mão, sinal de ratificação do pacto.

— Então, cavalheiro, disse Raquel, até domingo a esta mesma hora e neste mesmo lugar!

— Aqui estarei a vossos pés, tirana desta alma.

Beijando com galanteria a mão da judia, o alferes acompanhou o judeu até a loja no pavimento térreo. O digno Samuel desejava entrar em maiores explicações a respeito da empresa que iam tentar, pois não contando com a esperteza do alferes, só o empregava como simples instrumento, indispensável para a execução do seu plano:

— De que traça usareis, Senhor D. José, para obter o santo do Tenente Bezerra, sem que ele suspeite de vós?... Isso é essencial.

A pergunta embaraçou o fidalgo; foi como uma rocha que desabasse sobre os castelos de sua imaginação. D. José, soldado e cavalheiro, prezava em alto grau uma coisa que ele chamava sua *honra*: palavra de tão vários sentidos entre

os homens e os povos de todos os tempos. O que lhe pedia Raquel era no seu modo de pensar uma infame traição à pátria e à religião. Se fosse um homem quem ousasse, não já propor, mas somente falar disso como de uma coisa possível, ele o atravessaria incontinenti com sua espada. Mas era uma dama; e a galanteria tolerava esse brinco.

Entretanto ouvindo de Raquel qual seria a recompensa do serviço por ela reclamado, o alferes, refinado namorador, teve uma feliz lembrança. Ele podia inventar uma palavra de santo; arranjar uma falsa cópia da memória do sargento-mor; e assim sem traição, por uma simples esperteza, lograr a tão cobiçada ventura. Parece que a honra como a entendia o alferes, se acomodava com essa vilania, pois apontando-lhe no espírito um leve escrúpulo, ele o dissipou com essa judiciosa reflexão.

— No código de amor não passa de um estratagema de guerra!... E deve ganhar indulgência plenária quem enganar um judeu, tão refinado velhaco!

Deste ortodoxo pensamento foi eco e aplauso a gargalhada de há pouco.

Quando pois lhe fez o judeu a pergunta, ele que não tinha outro plano senão o da sua grosseira invenção, ficou atarantado sem saber que resposta dar; afinal saiu do seu embaraço com esta coarctada:

— Lá isso te toca, digno Samuel, refinado velhaco. Estou pronto a servir-vos; mas não tenho tempo, nem jeito para martelar a cabeça.

— Se permitis, submeterei à vossa aprovação, um meio que me ocorreu, e que parece o melhor pela sua simplicidade.

— Vamos a isso sem detença!...

— A cópia do papel, essa nada custa; podeis fazê-la amanhã durante o dia. Quanto ao santo, se fôsseis por volta da tarde ao Castelo de Santo Alberto convidar vosso amigo para uma ceia divertida em casa do Brás...

— Quem pagará o pato, Samuel?

— Não vos dê isso cuidado; fica por minha conta. Mas se fôsseis, como dizia, por tarde, ao sair, fazendo ele confiança em vós, não duvidaria dar o santo em vossa presença, ou se o não desse, por qualquer outro modo viríeis ao seu conhecimento. Não vos parece?...

— É bem combinado, sem dúvida. Que mais?

— Então chegando à casa do Brás, faríeis modo de meter-lhe dentro algumas canadas de vinho, o que deve estar feito até meia-noite.

— É tempo de sobra. O resto?...

— O resto?... disse o judeu com um suspiro. Já sabeis: enquanto ele lá ficar esborrachado embaixo da mesa, correreis aonde vos esperam.

— Tudo está muito direito, Samuel; mas de uma coisa já vos previno. Não tereis a senha e o papel senão na hora justa... Entendeis?... Mão para lá, mão para cá.

— Sem dúvida; nessa ideia estava eu!...

— Pois mandai preparar a ceia, sem mesquinharia, ouvistes?...

— Oh! uma ceia de príncipe, digna de Vossa Mercê.

D. José ergueu-se para sair; mas parou lembrando-se de alguma coisa.

O judeu que parecia esperar essa volta sorriu:

— Meu senhor, não carece de alguma moeda?

— Já que estou aqui, venerável usurário, aproveito a ocasião. Dai cá um cartucho de vinte moedas, que vou passar-vos o bilhete.

Samuel dobrou uma folha de papel, escreveu bem no alto da dobra um vale, não de vinte, mas de cinquenta moedas, que apresentou ao fidalgo. Este riu e assinou.

O judeu contou o ouro, o alferes o meteu na bolsa, muito ancho de si e convencido de ser um fidalgo incapaz de ação feia, que saía dessa casa levando a honra salva; entretanto emprestava dinheiro do usurário a quem no dia seguinte pretendia enganar vilmente.

— Até amanhã, honrado filho de Judá!...

— Uma palavra ainda, Senhor D. José de Aguilár. Pode bem ser que vos tenha vindo à ideia, a vós, nobre senhor, de zombar de uma pobre moça que vos ama, e de um mísero velho, que nada já espera deste mundo.

O alferes fitou os olhos admirados no judeu, espavorido de ver como ele lia-lhe no coração.

— Como vos veio semelhante ideia, Samuel?

— Ambos aceitamos de nossa livre vontade o pacto. A parte de cada um é igual; honra por honra; ventura por ventura; a vossa na terra, a minha no céu. Eu vos jurei na palavra do profeta; jurai vós pelo nome de vosso Deus.

O alferes apanhado de surpresa empalideceu; e sentindo o peso do olhar cintilante do judeu, balbuciou um túbio juramento.

— A maldição do Senhor caia sobre a cabeça do desleal e perjuro!...

Atordado pela solenidade dessa imprecação o moço fidalgo ganhou a porta e desapareceu. Daí a meia hora esquecia ele as suas aventuras amorosas na tavolagem de mestre Brás, onde o esperava uma grande surpresa. A primeira pessoa que viu ao entrar foi D. Fernando, que jogava um jogo de Belzebu, fazendo dançar diante dele as mancheias de moedas de ouro, que vinham umas após outras amontoar-se em pilhas junto à sua bolsa.

— Com a breca, até quando vos quer durar essa veia infernal! exclamava Manuel de Melo.

— Não tem que ver!... Jogador novato é sempre assim.

— O azar protege a inocência!

— Embora! acudiu João d'Afonseca. Vou mais pelo ditado, que ventura em amores traz desventura no jogo!

— Pois aqui vedes o avesso!...

— E isso mesmo é o que me admira!...

D. Fernando teve um sorriso amargo:

— Pois sou eu o modelo de todas as venturas juntas.

Nesse instante sentava-se D. José, que só retirou-se pela madrugada deixando aí o cartucho das cinquenta moedas. Não obstante, o cavalheiro dormiu um sono tranquilo até o

outro dia, sol alto; ao erguer recordou-se do que passara na véspera. O juramento que lhe arrancara Samuel estava lhe incomodando um cantinho da consciência, como uma dobra no calcanhar da meia. Nisso ouviu a voz de Fr. Carlos da Luz que fazia a sua visita habitual; serenou-lhe súbito o arrepio da consciência; lembrara-se que o frade o absolveria do pecado.

Na manhã do dia antecedente, em que se contavam nove de janeiro, o Doutor Vaz Caminha saiu de casa com destino à morada nobre de D. Fernando de Ataíde.

O gesto e o passo do advogado mostravam muita tristeza e gravidade maior da costumada. Quem o vira assim avançando lentamente havia de conjeturar que ia a alguma visita de pêsames, tal era o ar pesaroso e compungido que tinha sob a garnacha rapada.

No dia da prisão de Estácio e depois que o levaram ao Castelo do Mar, o advogado ficara ainda em palácio, esperando modestamente que chegasse a sua vez de ser admitido à presença do governador para requerer-lhe em prol da soltura de seu afilhado. Nisso entrou impetuosamente pelos paços D. Francisco de Aguilár, acompanhado do filho e do futuro genro. Os fidalgos foram logo introduzidos, como pessoas das mais qualificadas da terra.

O advogado suspeitou do motivo que os trouxera, mas não acertou com o fim a que vinham. Pensava ele que sabedores da prisão do moço, vinham para lhes fazer ainda maior carga, e piorar a sua condição; a verdade era outra. Revoltados os seus brios com o procedimento do frade bento, D. Francisco, apenas lhe referiu Fernando o

acontecido, correu a palácio para arredar de si e dos seus a mínima solidariedade naquele ato; e ao mesmo tempo pedir ao governador com instância a soltura do moço. O orgulhoso castelhano não queria dissessem que se temera de um miserável rapazola, a ponto de valer-se para sua segurança da autoridade régia.

— O braço de El-Rei, dizia ele a D. Diogo, nada tem que ver nestas questões de honra.

— É escusado a insistência, Senhor D. Francisco! respondeu o governador enchendo a voz e dando-lhe um tom de inabalável firmeza. O mancebo permanecerá na prisão para onde o acabo de enviar, e pelo tempo que eu julgar conveniente.

O letrado, de junto do reposteiro onde se abancara, ouviu essas palavras e estremeceu. Compreendendo o motivo por que os fidalgos podiam desejar a soltura de Estácio, quase estimou a sua prisão; lembrando-se porém quanto carecia ele da liberdade, e que amargores estava àquela hora curtindo no cárcere, desanimou com a resolução do governador e a energia de que a revestira ele.

— Uma das minhas esperanças que se desvanece! murmurou. Que será das outras?

Retirados os fidalgos, e depois de boa espera, chegou enfim a vez do advogado. Vaz Caminha ia recheado de textos e

armado de sua formidável dialética; falou primeiro em nome da lei, depois em nome de seus sentimentos. O governador o ouviu com a deferência devida aos seus créditos e saber: mas a resposta foi cortês e delicada apenas, não favorável.

— Sossegai, Doutor Vaz Caminha. Estimo pelo que valem a energia do caráter e a grande fortaleza de ânimo que descubro em vosso afilhado. Mas é necessário dobrar-lhe o orgulho, que pode eivar tão nobres qualidades. Em um ano vo-lo restituirei melhor do que é.

— Ao menos, me permitirá Sua Senhoria ir vê-lo à prisão?...

— Pesa-me negar-vos; mas há ordem positiva de conservá-lo no maior segredo. Talvez vos pareça nímia severidade; não pensareis assim quando souberdes que ele recusou a menagem do castelo, dizendo que sua palavra o acorrentaria mais que todas as masmorras de El-Rei!

— Oh! eu o reconheço nesse dito!

— Concordais então que procedo com justiça. Crede, doutor, que o voto de pessoa tão avantajada em saber como vós, satisfaz-me em extremo.

D. Diogo prezava as letras; a fineza era sincera. Quanto ao seu rigor para com Estácio, ele explicava-se não só pela altivez do mancebo e sobranceira com que se portara na

prisão, como por uma razão oculta. O governador se agradara do jovem cavalheiro; e desejava abrir-lhe uma carreira brilhante; as ponderações de Fr. Carlos sobre as consequências funestas a que podia dar lugar o desafio com D. Fernando, não passaram desapercibidas; veio confirmá-las o açoitamento com que o Senhor de Paripe insistia pela soltura do preso. O governador lobrigou em tudo isso a ameaça de uma vingança, que o amor de Inesita e o arrojo de seu amante lhe mostravam infalível; pelo que resolveu proteger a vítima fraca contra os poderosos inimigos. O único meio de que dispunha era a prisão, a qual tornou-se assim castigo ao mesmo tempo que proteção.

Vaz Caminha saiu desanimado de palácio. Começava a recear que tivesse comprometido a sorte de seu afilhado, impedindo pela manhã o duelo e a resistência já operada com a intervenção de João Fogaça. Foi desse passo ter com Álvaro de Carvalho, a quem referiu a prisão do moço.

O velho alcaide esbravejou de ira, e arrancou à força de puxá-los, um molho de pelos ríspidos do grisalho bigode.

— Eis aí em que deram as vossas bugiarias de frades e conventos, Vaz Caminha. Se me deixásseis o rapaz cá a meu modo, não havia de suceder isso. Estaria agora com um olho vazado, ou algum braço decepado, mas preso!... Com a breca juro-vos que não!... Preso!...

Caminha deixou passar a trovoada. Havia entre esses dois homens, de gênios tão diversos e profissões tão encontradas, uma solidariedade de sentimento em relação a Estácio. Tinham-lhe sido ambos pais desde a mais tenra infância: um fora pai do espírito e do coração, outro pai do corpo e dos dotes físicos. Cada um porém sentia não possuir mais que metade dessa criatura, e aspirava ao domínio absoluto; daí cenas tumultuosas que se originavam, intermináveis disputas, em que o velho soldado atirava contra a lógica inflexível do advogado, os pelouros e bombardas de suas juras e imprecensões.

O advogado triunfara afinal, e devia, porque a sua força estava no coração; ele amava aquele menino como o filho de sua alma, enquanto que o velho alcaide tinha apenas por ele a afeição da afinidade realçada pela vaidade de se reviver no discípulo. Estácio para ele era a encarnação de sua mocidade; mas para o advogado era a concentração de uma existência inteira de sentimento, a transfusão de sua alma.

— Acabastes afinal, sr. alcaide? perguntou com serenidade o advogado.

— Se acabei!... Um dia inteiro não bastará para tudo quanto vos teria que dizer sobre este assunto. Conseguistes vosso intento; arredastes de mim o rapaz, primeiro para clausurá-lo num ninho de frades, depois para trancafiá-lo na cadeia! Tirai-o agora de lá!

— A esse respeito vim eu falar-vos!

— Ah! já careceis de mim?... Já o soldado velho presta para alguma coisa?... Aviai-vos como puderdes!... Eu não me meto nisso!...

— Mas escutai!...

— Não! não! não!... Trinta mil vezes não!... vociferou o velho com uma voz de bombarda.

— Quem vos diz o contrário? acudiu o advogado com o tom macio. Por dizer que vos vinha falar, não penseis que é para soltar o menino! De modo algum! Se eu estou com o senhor governador que ele precisa de uma lição boa!...

— Heim?... Que estais aí rosnando?... Lição por quê?

— É pouco andar por aí desafiando-se com gente poderosa, por não sei que amores...

— Então parece-vos isso?... disse o velho tremendo a cabeça branca como um camaleão.

— Pois decerto.

— Pois... pois... pois, calai-vos daí que não entendeis dessas coisas! Ide aos vossos alfarrábios. Fez muito bem! E eu vou dar-lhe um abraço.

— Heis de dá-lo!... retorquiu Vaz Caminha escarnecendo.

— E quem me há de impedir?...

O velho soldado precipitou-se pela porta afora, como uma torrente, e com poucos instantes irrompeu pelas escadas do palácio. Lá estava porém o rochedo frio, onde se devia pulverizar a onda dessa cólera impetuosa. O governador habituado àquele caráter indomável, o fez voltar manso como um cordeiro. Do mesmo modo que a riqueza e poderio de D. Francisco, ou a lógica e saber de Vaz Caminha, o arrebatamento de Álvaro de Carvalho nada conseguiu.

O advogado recolheu muito pesaroso e tão alheio de si, que apesar do recendente cheiro de alho que trescalava, deixou esfriar a sopa, com tanto desvelo preparada pela velha Euquéria. Todo esse resto do dia levou o bom velho em incessante cogitação; parecia que dentro dele se travara uma luta entre dois sentimentos, e o triunfo ora pendia para um, ora para outro. Afinal decidiu-se a vitória; o advogado ergueu-se com a energia de sua resolução, e disse:

— Perdoe-me Deus se faço mal!

Abriu a arca dos papéis; procurou em um dos escaninhos de segredo um velho pergaminho lacrado como um testamento, e depois de olhá-lo por muito tempo, sentou-se ao telônio, e cobrindo-o com outra capa, escreveu no rosto:

*Declaro, eu Vaz Caminha, doutor pela Universidade de Coimbra e advogado nesta cidade do Salvador, que receando qualquer desgraça que me possa acontecer, deposito este papel no cartório do tabelião Belmude, para ser aberto depois de minha morte.*

Na manhã pois desse dia se encaminhava o bom velho para a casa de Fernando de Ataíde. O fidalgo o recebeu de mau humor, com um modo descortês.

— Que quereis de mim, senhor? perguntou-lhe com rispidez. Não vindes por certo cumprir a promessa que fizestes de restituir-me o adversário na hora em que o exigisse eu!...

— Cesse a força maior que lhe impede a liberdade, e vo-lo restituirei ao menor aceno!...

— Bem vistes, pois estáveis em palácio, que nos empenhamos com todas as forças pela sua soltura; haveis de reconhecer quanto a desejava?...

— Oh! sei!... Mas nada conseguistes?...

— Nada, infelizmente.

— Pois, Senhor D. Fernando, disse o advogado usando do remoque em represália, já que tanto vos interessais por esse mancebo, animo-me a confessar o motivo de minha vinda. O que me trouxe foi a intenção de fazer-vos uma súplica em seu favor.

— Quereis divertir-vos à minha custa, senhor doutor? disse o fidalgo arrebatado.

— Não fostes vós quem primeiro lançou o remoque, e sobre uma afeição legítima e sincera?... Avaliai do que havia doer-me pelo vosso desgosto.

— Escusai-me; e se nada tendes mais que dizer-me... atalhou o moço erguendo-se.

— Tenho muito, ao contrário. Disse que venho fazer-vos uma súplica; repito, e crede que vos falo seriamente. Venho suplicar-vos uma graça!...

— Perdeis vosso tempo. Entre mim e esse homem só pode haver de comum, bem sabeis, o ódio e a vingança!...

— Estácio Correia nada quer de vós, e nada pede, Senhor D. Fernando. Não vos falo no seu, mas no meu nome... Ele não sabe, nem saberá nunca do passo que dei!

— Mas enfim, o que pretendeis de mim? Declarai-o de uma feita, senhor.

— Já vos satisfaço, disse o velho calmo e acenando ao fidalgo para sentar-se.

D. Fernando resignou-se a ouvir calado, como expediente para concluir mais depressa a prática.

— Os cavalheiros e homens de guerra, como vós, Senhor D. Fernando, costumam decidir seus pleitos e ganhar empresas com as armas na mão, em combate leal. Este que tendes em vossa presença, pobre velho acabado dos anos, é homem de paz, e escolhe para suas contendidas armas mais tranquilas. O coração do adversário, que procurais trespassar com a ponta da espada, se esforça ele por tocar somente com a palavra. Não leveis a mal pois que venha eu, por tantas e tão fortes razões estranho aos vossos favores, falar-vos de objeto mais que muito delicado para ambos.

— Os prólogos são por demais longos!... atalhou o impaciente fidalgo.

— Em chegando ao epílogo talvez não penseis assim, retrucou o advogado.

Vaz Caminha revestiu-se de um ar de nobre franqueza. Uma expressão de sensibilidade derramou-se em sua fisionomia, como se sua alma terna se desdobrasse pelas rugas pálidas do semblante.

— Tenho setenta anos, senhor, e dessa longa existência mais de dois terços foram consumidos no rude labor da

profissão. Arrancado cedo à família pelo estudo, sequestrado depois pelo trabalho, não tive tempo nem de amar, nem de ser amado. Deus me reservava essa ventura para consolo da velhice, dando-me um filho espiritual, e encarregando-o órfão aos meus desvelos. Não sabeis, nem avaliaeis, senhor, do que seja esse amor; é a procriação do espírito; tem ao mesmo tempo de pai e mãe; parece que esse tenro espírito desenvolvido e bafejado por nós saiu das entranhas de nossa alma; parece que o nosso pensamento lhe gera as graças infantis, depois as prendas da juventude, afinal as virtudes da idade viril. É a felicidade desse filho querido, única família minha, que vos peço de joelhos, senhor!... São estas cãs humilhadas a vossos pés, estas rugas surcadas pelas lágrimas, as minhas armas! Rendei-me o nobre coração, D. Fernando!...

As lágrimas corriam ao longo das faces do velho ajoelhado; e o moço sorria de desdém, sem fazer o mínimo gesto para erguê-lo.

— Sois moço, fidalgo, rico de bens e nobres prendas. O caminho da vida se abre para vós semeado de flores; basta-vos estender a mão para colher a mais formosa e mais ativa. Ele, moço como vós, mas deserdado dos bens da fortuna, descido do que foram seus pais outrora, órfão e infeliz, de tanto que vos sobra, nada lhe coube em partilha. Um amor grande, que ele não buscou, mas lhe foi do céu enviado, é toda sua riqueza e ventura. Deixai-lhe esse óbolo

ao menos, e Deus abençoará vossa caridade tornando-vos em abundância essa esmola feita ao pobre velho e pai!...

D. Fernando que ouvira até então pasmo da estranheza do pedido, disparou em um riso sardônico.

— Oh!... Vosso pupilo, afilhado, ou o quer que seja, não está todo soberbo de ser amado e querido?... Que lhe posso eu dar, eu desprezado e escarnecido?...

— Não zombeis dos amores contrariados, que talvez breve os pranteeis e bem amargamente! disse o velho com o tom profético.

— Tendes usado e abusado da minha paciência, meu velho. Não vos parece que já é tempo de terminar a farsa?...

— Deveis-me uma resposta, senhor: a cortesia pede que a deis, boa ou má, porém comedida e urbana.

— Quereis uma resposta?... Eu vou dar-vo-la, e tal que há de satisfazer-vos.

O fidalgo aproximou-se do velho rangendo os dentes:

— Entre mim e este homem, já vos disse, só há, só pode haver ódio. Não vos coloqueis entre nós, velho; a espada que há de traspasar-lhe o coração bem pode de um revés aparar-vos as orelhas, que não cabem no barrete.

A fisionomia austera do advogado cobriu-se de luto e dó; ergueu os olhos ao céu, invocando talvez a assistência divina, e logo após abaixou-os sobre o fidalgo, duros e severos como olhos de juiz supremo que condena.

— Eu vos agradeço, senhor, por me haverdes falado a linguagem do rancor e da maldade. Destes-me a força, que eu não teria talvez, se vos achasse a alma boa e bem intencionada. Destes-me a força de punir-vos a soberba!

— Estais louco, velho?... gritou Fernando.

— Sentai-vos e ouvi-me. Eu vo-lo ordeno em nome daquele de quem trazeis o nome.

— De meu pai?... acudiu o moço escarnecendo.

— E com a autoridade que me dá o seu testamento!

Essa última palavra foi de efeito mágico; o fidalgo demudou-se inteiramente; da mofa e escárnio passou à ansiedade.

— Naturalmente vos disseram, quando chegastes à maioridade, que vosso pai declarara na hora da morte ter feito seu testamento; mas que esse não foi encontrado.

— Como se acha ele em vossas mãos? E por que até agora o não apresentastes?...

— Breve o sabereis; e então julgareis melhor da falsidade de certo boato que naquele tempo correu!

— Qual boato? murmurou Fernando trêmulo.

— De vos haver vosso pai deserdado!...

— Restituí-me esse papel! Onde está ele?...

— Paciência, nobre senhor. Antes de desempenhar o encargo que me foi cometido, devo referir-vos uma história que foi passada há bem anos. Ouvi-me sem interromper, por mais estranhos que vos pareçam tais sucessos à vossa pessoa: a explicação virá depois.

O velho arrastou a cadeira para se chegar do fidalgo e começou de narrar com a voz surda, como se temesse acordar os ecos adormecidos nos recantos daquela habitação.

*— Vivia nesta cidade no ano de 1586 uma donzela de nobre linhagem, ainda que pouco favorecida da fortuna; mas tão avessa lhe fora a sorte em bens, como pródiga se mostrou a natureza em prendas e graças. De todos os mancebos de então era a qual mais lhe admirasse a formosura e lhe gabasse a gentileza, mas só um teve a dita de cativar-lhe o coração, e bem o merecia. A gente o chamava o Donzel pela nobreza de seu parecer e gentileza de suas ações; ninguém o conhecia que o não prezasse.*

*“Mas era pobre, como a donzela; o que não impedia que se quisessem ternamente e se jurassem em segredo eterna fé e amor. Ricos das esperanças e afetos que lhes enchiam os corações, com esse tesouro desafiavam o futuro e volviam os dias sorrindo e cada vez mais embebendo-se um em outro, de modo que já não eram duas, mas uma só alma repartida por dois corpos.*

*“Não sabiam os pais desses afetos e nem por sombra os suspeitavam. Como seu maior desejo era a felicidade da filha, e cuidavam que essa era a da riqueza e estado, mal chegou aos dezessete anos trataram de achar-lhe marido nessas condições. Facilmente o tiveram; para tão formosa dama e tão prendada não era preciso buscar, senão escolher, pois se apresentavam a cada instante dos melhores. Escolheram um fidalgo de avultadas riquezas e nome ilustre, mas a quem já os anos haviam crestado a flor da idade. Não souberam a que açon iam entregar a tímida e inocente rola.*

*“Quis morrer a donzela quando lhe anunciaram os pais as próximas bodas; lágrimas, soluços, súplicas e rogos, tudo foi baldado: a palavra estava empenhada; a honra exigia. O Donzel não disse palavra; não sorriu mais; encontravam-no às vezes pelos ermos cruzando a passos lentos, e murmurando palavras surdas e entrecortadas. Chegou o dia do noivado; a festa foi suntuosa; levaram a donzela quase de rastos ao altar, lívida e exânime como uma virgem finada.*

*“O Donzel assistiu a toda cerimônia, embuçado, metido num canto escuro da igreja; e dizem que seus dentes rangiam mordendo as carnes do braço, enquanto os ossos da mão estalavam apertando o cabo da adaga.*

*“De volta da igreja estiveram os desposados no sarau até tarde da noite, em que recolheram às casas preparadas para os receber. Vinha a noiva de palanquim, pelo respeito de sua extrema fraqueza; o noivo montava um fogoso ginete de batalha, que ele manejava com destreza. Mas no dobrar a rua o animal empinou de repente, e arremessando longe o cavaleiro de encontro à parede, disparou pela rua afora como um raio. Houve grande confusão; baralhou-se o cortejo; apagaram-se as tochas, e durante algum tempo ninguém se entendeu com a balborda. Falavam todos à uma do acidente; no dizer de alguns fora um vulto embuçado, que surgira por davante, a causa da disparada do ginete; outros atribuíam aos fachos o espanto do animal.*

*“Enquanto isto passava, o corpo fraturado e sangrento do noivo era levado à casa em andas de braços; e trás ele, seguiu o palanquim e o cortejo, que mais parecia agora saimento fúnebre, do que companhia de bodas. Os pajens contavam no dia seguinte, benzendo-se, que na estrada tinham visto cruzar a porta e sumir-se pelos corredores o mesmo vulto embuçado de negro, à vista do qual se espantara o ginete; e inventaram a tal respeito não sei que conto de almas do outro mundo.*

*“Aplicavam os físicos o primeiro aparelho ao enfermo esposo, prostrado em leito de dor, quando do outro lado do edifício, em vasta recâmara, a linda esposa conchegava-se nas vestes nupciais trêmula ainda e palpitante, como a avezinha escapa às garras do gavião se encolhe no ninho ofegante e arrufada de susto. Coitada dela! Hesitava se devia agradecer a Deus a desgraça que retardara a sua desventura; e ao menor rumor de fora estremecia cuidando ver assomar-lhe por diante a figura sangrenta e lívida de seu marido que viesse tomar possessão dela.*

*“Nisto ouviu passos cautelosos; o coração congelou-se; as pálpebras caíram desfalecidas.*

*“A porta se abriu silenciosamente; e à frouxa luz da lâmpada velada surgiu um vulto negro e sinistro. Mas caindo o manto no instante em que os olhos da senhora descerravam, reconheceu ela seu namorado. Grito de alegria travado de pavor, escapou-lhe do seio; sufocou-o nos lábios a mão rápida e prudente do cavalheiro:*

*“— Juraste ser minha, Violante.*

*“— E fui e sou tua! Mas roubaram-me a ti para dar a outrem!...*

*“— Tu me pertences na vida e na morte! respondeu o cavalheiro.*

*“O silêncio da noite sepultou no mesmo antro os gemidos da dor e os suspiros da ventura. No dia seguinte havia mais uma pecadora que não pudera, na frase do Cristo, atirar a pedra à mulher adúltera. Ela enterrara nessa noite fatal três coisas: sua virgindade de donzela, sua honra de esposa, e sua legitimidade de mãe.*

*“Três meses levou o esposo enganado a restabelecer-se; três meses durou a felicidade dos dois amantes. Eles não tinham outro confidente mais que a treva da noite; a desoras uma escada de corda descia do balcão; um vulto subia ligeiro como sombra fugace; a janela cerrava-se e o anjo dos puros amores batia as asas e voava ao céu gemendo.*

*“Uma noite o cavalheiro não viu descer a escada, e ficou até a madrugada imóvel, olhando o balcão solitário. Outra noite, e outra, e outra, e muitas mais seguiram pelo mesmo teor. Era já passado cerca de um mês, quando ausentando-se o marido, ele tornou a penetrar ainda uma vez na câmara nupcial profanada. Vinha taciturno e sombrio; esteve muito tempo de pé sem proferir palavra, nem levantar os olhos. Afinal arrancou do seio a voz angustiada e ao mesmo tempo o punhal da bainha:*

*“— Mulher, tu vais morrer. Cumpra-se o juramento, que traíste. Serás minha na morte, já que o não podes mais ser em vida! Este punhal nos reunirá no céu!...*

*“A amante pôs nele os olhos serenos e doces:*

*“— E nosso filho?...*

*“Tudo compreendeu ele! O juramento que lhe dera de nunca pertencer ao marido, e morrer se fosse preciso para escapar-lhe, não tivera ela ânimo de cumpri-lo sentindo nas entranhas o filho do amor adúltero.*

*“O cavalheiro enterneceu-se e chorou; seu lábio procurou o lábio dela; não achou mais do que um soluço e esta palavra acre:*

*“— Não me toques, que já não sou digna de ti!*

*“Ele ergueu-se; abençoou-lhe o ventre e partiu sem mais palavra. Ninguém soube nunca onde foi, pois não houve mais na cidade novas dele.*

*“Meses passados, o marido da dama empreendeu uma exploração. Durante essa ausência nasceu o filho, de modo que a mãe pôde encobrir a época exata do nascimento. O fidalgo não concebeu a mínima suspeita; e na volta foi para ele um júbilo apertar aos braços o gentil infante.*

*“Decorreram anos; o menino cresceu em tamanho e prendas. O marido da dama sentia por ele mais que amor, adoração. Por esse filho dera quanto tinha e o mundo inteiro, se o tivera; agradecia a Deus não lhe conceder mais prole, para não ser obrigado a repartir com ela seu*

*imenso amor de pai. A maior dor que já sentira fora a de separar-se dele, quando fazia a viagem do sertão, que costumava no meado de cada ano.*

*“Sucedeu que uma vez, tornando dessa viagem, chegasse à casa sem ser apercebido. Deixara atrás a comitiva; escoteiro apressava o passo ao cavalo para surpreender a esposa que o não esperava tão breve, e mais cedo abraçar o filho. Apeou no pátio; subiu aos saltos a escadaria, e foi direito aos aposentos da dama. Lá estava ela sentada numa camilha forrada de damasco, com o braço apoiado no reclinatório, e a mão espalmada na face mimosa. Seu filho brincava no chão com as figuras do tapete.*

*“Esteve o fidalgo da porta a rever-se um instante nesse quadro formoso de sua felicidade conjugal; ia já lançar-se para envolver esposa e filho num só abraço, quando um projétil impelido com força da parte de fora, veio cair no meio da sala. O menino soltou um grito, a dama ergueu a fronte espavorida e precipitou para o escrito; mas descobrindo com esse movimento a figura lívida e estática do marido, recaiu exânime sobre a camilha.*

*“O fidalgo fez-se medonho: o semblante fulo da atrabílis que a ira derramava; os olhos fundos e enterrados pela tumescência grande das faces; o riso mau da hiena; tal era o aspecto temeroso do esposo traído. Ele avançou e o passo era tão hirto, que lhe estalavam as juntas; chegando em face da dama apresentou-lhe o escrito aberto ante os olhos*

*pasmos. Não o leu ela que a vista se lhe escurecia; deixou-se cair aos joelhos do marido, murmurando.*

*“— É chegada a minha hora, senhor. Ouviu a confissão desta infeliz.*

*“Enquanto o menino continuava a folgar a um canto, balbuciava a esposa trêmula ao ouvido do fidalgo a narrativa de tudo quanto passara. O esposo a ouvia com a cabeça vergada e a barba fincada no peito, imóvel, e embotada a consciência ao sentimento da tremenda verdade.*

*“— A escada de corda?... Onde está?... perguntou o marido.*

*“Passaram à recâmera. A dama abriu um cofre de charão, onde ficara intato desde a noite da separação, aquele instrumento de sua vergonha. Já então caíra a noite sombria; o fidalgo fechou as portas, foi ao balcão e deixando pender a escada, recolheu à sala. Com pouco assomou à janela um vulto embuçado, que saltou no aposento. Era o Donzel.*

*“Violante assistira a toda a cena, com uma serenidade de mártir; foi com um sorriso já celeste e imortal que saudou seu amante.*

*“Este mostrara surpresa encontrando ali um homem e reconhecendo nele o marido que desonrava. Ambos*

*meteram mão da espada a um tempo: do terceiro bote a justiça de Deus punira o amor adúltero; entretanto poucos eram os cavalheiros capazes de resistir ao primeiro ímpeto do Donzel no combate. Quando o coração desfalece, afrouxa o mais valente punho.*

*“A dama atirou-se com uma velocidade espantosa sobre o cadáver do amante, e colheu-lhe nos lábios o último suspiro. Depois, com a boca tinta no sangue querido, voltou-se para dizer ao esposo:*

*“— Agora a mim!...*

*“Rangeram de sanha os dentes ao fidalgo; um instante ele tripudiou no frenesi da raiva; travando dos longos e finos cabelos da formosa senhora, que fazia girar em torno, com o punhal suspenso na outra mão sobre o níveo colo, ele ansiava ferir e hesitava lembrando que a frágil criatura não tinha mais que uma vida, e lhe eram precisas mil para o rancor tamanho que sentia dentro de si.*

*“De repente passou-lhe de relance no pensamento uma ideia horrível que o fez rir, um riso de carrasco.*

*“— Tu hás de viver!...*

*“Atirou a um canto o corpo da esposa, e fechando por fora as portas, despediu os lacaios a vários lugares para os afastar durante a noite, proibindo aos criados subir ao sobrado. Feito o que embuçou-se e saiu apressado,*

*caminho da ribeira; chegou às tercenas onde desembarcam os negros das costas da Mina e Guiné; apesar da hora obteve que lhe mercassem um que pagou a peso de ouro. Escolheu o mais boçal; disforme arremedo de gente, imundo, comido de lepra e infeccionado da cruel enfermidade do escorbuto, que trazem de África.*

*“Segredou o fidalgo com o língua algumas palavras que o fizeram arregalar os olhos de espanto:*

*“— É uma aposta que fizemos, alguns cavalheiros e eu!... Queremos rir à vontade!*

*“O língua parece que compreendeu, pois nada mais observou; e voltando para o escravo começou de falar-lhe no dialeto africano. O negro arregaçou os lábios mostrando os dentes, num sorriso que parecia grunhir. Seguiu com o trote miúdo do cão o fidalgo que estugava o passo; breve chegaram ambos à porta da casa, que entraram silenciosos e desapercibidos. Já eram dez horas; a cidade dormia.*

*“Chegados à porta da recâmera, o fidalgo empurrou o monstro e fechou a porta. O que se passou dentro daquela recâmera onde jazia a dama inanimada, ninguém o soube; deve de ter sido uma coisa horrível. O marido correra como louco até a porta da rua; e de lá voltara ainda mais rápido e delirante. Quis entrar; caíra-lhe a chave no corredor escuro. Então bateu como um furioso com o*

*crânio e o peito de encontro à porta, até que a despedaçou. A dama estava inanimada sobre o tapete; o cadáver estendido do outro lado; e o negro acocorado a um canto como um cão de guarda.*

*“A um gesto do fidalgo, ele tomou o espojo do cavalheiro e desceram ambos ao horto. Cavaram toda a noite; a cova recebeu dois cadáveres, o do cavalheiro morto e o do africano vivo. No dia seguinte, da cena lúgubre, que se representara nessa casa, não apareciam vestígios.*

*“A dama perdera a razão; meses depois a recuperou com a consciência de uma dor maior, se é possível, de que sofrera. Sentiu que um ente vivia em suas entranhas; e recordando a noite fatal e o sonho horrível que a precipitara na demência, só o heroísmo da maternidade pôde jungi-la à vida ignominiosa que lhe fizera a brutal e espantosa vingança do marido. Viveu para esse novo filho do ódio, como dantes vivera para o filho do amor. E, como são impenetráveis os arcanos do coração!... Essa criatura, fruto de uma quase bestialidade feroz, ela a adorou com extremos de ternura, ainda antes de nascer! Quando o instante do livramento aproximou-se, suspeitando que o marido quisesse ainda estender sua insaciável vingança à mísera criatura, com o auxílio de uma escrava dedicada a enjeitou.*

*“O fidalgo rugiu de cólera com o desaparecimento; porque essa criança contava ele que fosse o instrumento de sua*

atroz vingança, recordando vivamente à mãe a cada instante a infâmia a que ela fora arrastada. Foi então que assolado pelas paixões odientas, consumido pela contínua tortura e sentindo aproximar-se sua última hora, concebeu esse homem rancoroso a ideia de prolongar à vítima o suplício, e estender além-túmulo a tremenda punição que infligira à esposa adúltera, castigando-a até na geração espúria.

“Escreveu no seu testamento a história que ora vos refiro sem nada omitir; e concluiu deserdando aquele que passava por filho seu de todos os títulos e haveres, transmitindo-os para esse enjeitado, fruto da união brutal; porque dizia ele: “Esse, meu filho é, filho da minha vingança. Gerou-o o ódio meu”. Mas o requinte da crueldade se revela mais ainda nas circunstâncias que acompanharam essa disposição de última vontade. Quis ele que seu testamento só fosse aberto quando o deserdado chegasse à maioridade; nessa ocasião se convocariam os parentes e pessoas principais, e em presença de todos se faria a leitura solene. Pensava ele que assim já moço e afeito ao fausto e esplendor da vida fidalga, sentiria mais o deserdado o golpe, do que se o recebera na infância.

“Ao mesmo tempo anunciou à mísera mulher a feitura desse testamento horrível, não esquecendo advertir-lhe que o deixava como o espectro de sua vingança, que a seguiria na vida, podendo aparecer a cada instante, e torturando-a sob essa constante ameaça. Para esse efeito ficaria

*depositada em mão segura, ignorada por todos. Essa foi a do seu letrado, de quem fiou tão horrível depósito.*

*“Quando estava a decidir, pediu que lhe chamassem o letrado; então lhe prescreveu que guardasse em seu poder o testamento até que fosse chegado o momento de proceder à sua abertura; e caso executasse fielmente a incumbência, seria recompensado com uma avultada quantia, legada em codicilo. Suspeitou o advogado desse mistério, e exigiu para encarregar-se do mandato as razões do estranho proceder.*

*“— Vou confiar-vos este terrível segredo, respondeu o fidalgo; tanto mais quanto é necessário que vos compenetreis de minha vontade para bem representá-la na terra, quando nela já não estiver. Este testamento é minha alma que vou abrir aos vossos olhos.*

*“Mostrou então uma cópia do horrível testamento, que o letrado leu horrorizado.*

*“— Rasgai, senhor, rasgai este abominável parto de vossa estulta vingança. Julgais estar falando a um algoz, ou a um homem da lei e advogado da justiça?...*

*“— Por isso mesmo que sois advogado da justiça, não permitireis, que logre o filho adúltero o nome e a fazenda do esposo traído!...*

*“— Este direito tendes de deserdá-lo; mas invocai a lei, não a infâmia.*

*“— Invoco a verdade que devo a Deus e aos homens. Se fiz mal, vou ser punido. Quanto a vós, sois depositário do meu testamento, e eu virei do outro mundo tomar-vos conta do modo por que o heis de cumprir.*

*“Debalde o letrado esgotou razões e conselhos; tudo foi baldado; correu a casa em busca do papel; já o enfermo tinha expirado sem quitá-lo do tremendo depósito. Mas se o guardou inviolável, condenou-o logo a eterno silêncio. Talvez teve a viúva alguma suspeita, porque várias vezes procurou-o para falar-lhe do assunto; mas sem trair o segredo de que era depositário, conseguiu dar-lhe consolo e ânimo para educar seu filho, e deixá-lo feliz e estimado.”*

Acabou assim o doutor a história. Diante dele, esmagado pela tremenda revelação, D. Fernando estava inerte e estúpido. A princípio, quando o advogado começara a narração, a sua ansiedade crescera até que a luz se fizera em seu espírito; e veio a prostração e o aniquilamento.

— Sabeis quais foram as figuras dessa lúgubre tragédia? perguntou o velho.

O cavalheiro mordida nos lábios o soluço rebelde: a sua pungente atitude respondia por ele.

— A cena foi nesta mesma casa. Aquela porta é a da câmara nupcial; desta janela vê-se o horto...

— Calai-vos, demônio!... gritou o moço com os cabelos eriçados.

O aposento onde se achavam os dois personagens era uma vasta sala, sombria e triste, pelo desenho fantástico dos lambéis que forravam o alto das paredes, e as almofadas de jacarandá negro que cingiam a volta das cadeiras. Carregava esse tom severo a pouca luz que entrava pelas persianas dos balcões, a essa hora próxima da noite.

D. Fernando ergueu-se ameaçador, e caminhou para Vaz Caminha:

— Qual é vossa tenção, senhor? perguntou com a voz trêmula.

— Já que Deus pôs em minha mão esta arma terrível, usarei dela para castigar o vosso coração mau, e assegurar a felicidade de um mancebo virtuoso e bom.

— Então o que outrora vos pareceu indigno da vossa profissão, por ser mister de algoz, não vos repugna praticar agora?...

— Outrora vossa mãe vivia e éreis vós uma inocente criança; hoje a mísera senhora faleceu, e vos tornastes um mau homem, soberbo e vão. Também eu mudei; como advogado e homem de lei, recusei o mandato; como instrumento, inda que humilde, de que serviu-se a Providência para recompensar a virtude e punir o vício, não

me posso eximir a um dever sagrado. Corrigirei a obra de ódio e vingança tornando-a em lição de justiça e verdade, tirando-lhe a solenidade do escândalo. Se não renunciardes para sempre à mão de D. Inês, seu pai saberá a história do vosso nascimento. Eis, senhor, a minha tenção!...

— Pois deveras pensaste, velho estulto, que eu deixaria o meu destino à tua discricção, quando te posso esmagar aqui como um verme abjeto que és?... Restituí-me já o testamento de meu pai, ou acabarás à ponta deste punhal!

— O testamento que tenho em depósito é de D. João de Ataíde, não de vosso pai!... respondeu o velho sem alterar-se.

— Não escarnecei da minha cólera, velho!

— Como posso, se dela hei dó e compaixão!

— O testamento?...

— Em vindo aqui, deixei-o lacrado dentro do meu e confiado a pessoa segura, para ser aberto quando conste o meu passamento. Portanto se quereis vê-lo, matai-me depressa!...

O moço patinhou de raiva; afinal caiu sucumbido sobre a cadeira; o punhal escapou-lhe dos frouxos dedos e rolou no tapete. Depois de uma pausa, o advogado ergueu-se:

— Agora me dirá o muito alto e poderoso Senhor D. Fernando de Ataíde, se ainda pretende oferecer a D. Inês de Aguilar, com a mão assassina que não duvidará ferir um velho inerme, o nome que traz do matador de seu pai?

— Que queres tu de mim, Satanás? Ordena, já que me tens em tuas garras!

O velho teve dó desse desespero:

— Perdoai-me, senhor, a grande dor que vos fiz passar. Deus me é testemunha, que se não fosse a vossa cruel zombaria, nunca teria a coragem de apelar para o terrível segredo, devesse eu tragar as lágrimas que a vossa recusa me arrancaria. Mas sepultemos isso no passado donde não devia surgir nunca; esquecei este mau sonho. Nada pois vos ordeno, nem tenho esse direito; sim renovo a minha súplica: renunciái ao casamento...

— Dou-vos minha palavra!...

— Deus vos recompensará deste sacrifício. Mas aquele a quem vossa palavra deve restituir a esperança perdida, não a pode ouvir de vossa boca nem da minha... Sabeis que há coisas tão melindrosas que não se transmitem sem alterar-lhes a essência. Fazei a graça completa dando-me vossa palavra escrita!

— Para que ele suspeite do mistério horrível que me fez vosso escravo?... murmurou o fidalgo amargamente.

— Se eu quisesse que Estácio Correia concebesse a mais leve suspeita a esse respeito, não carecia de pedir a vossa palavra, bastava que lhe assegurasse sob minha fé, que pelos motivos de mim conhecidos e que em tempo revelaria, vossa aliança com a casa de Aguilar era impossível. Não me conheceis, Senhor D. Fernando; este homem que vistes há pouco implacável para arrancar-vos a felicidade de seu filho, leva daqui uma dor acerba, a de ter perturbado a calma de vosso espírito; ele não quererá agravar o mal sem necessidade.

D. Fernando serenado por essa palavra insinuante e suasiva, que o penetrava como bálsamo espargido nas chagas vivas, sentou-se à banca e escreveu:

*“Por minha honra neste mundo...”*

— Posso eu escrever ainda esta palavra? perguntou ao advogado com um sorriso acerbo.

— Escrevei-a sem hesitar; sois apenas desgraçado. Perante Deus só há uma qualidade de honra, é a virtude.

*“Por minha honra neste mundo e minha salvação no outro, juro que em caso algum me desposarei com a Senhora D.*

*Inês de Aguiar, filha de D. Francisco de Aguiar; e se por desgraça e vileza*

minha o fizesse, o que espero em Deus que não, dou à pessoa, em cujo poder esta minha declaração se ache, o direito de com ela açoitar-me as faces, e proclamar-me o infame dos infames.”

Depois de escrito, entregou ao advogado o papel.

— Acho-o por demais severo!...

— Punge-me a consciência do passado, doutor. Essa lepra nada há já que a possa arrancar d'alma em que vai lastrando!...

— Mísero senhor!... exclamou Vaz Caminha enxugando duas lágrimas.

D. Fernando carecia da solidão.

— Que mais desejais de mim? perguntou o moço.

— Ainda tenho dois pedidos que fazer-vos. É o primeiro, que não comuniquéis a vossa resolução a D. Francisco, senão quando vos eu advertir!...

— Oh! não! Deixai romper de uma vez esses laços!...

— É impossível, Senhor D. Fernando. Sem essa cláusula a vossa desistência fora inútil.

— Compreendo agora, suspirou o mancebo com azedume; é preciso que eu fique guardando o lugar até que chegue a vez do mais ditoso!...

— E pesa-vos concorrer para a felicidade de dois entes dignos dela?... Estou que não; deveis essa reparação à memória de vossa boa mãe!...

— Qual é o outro pedido vosso?...

— Esse quase o dispensava, pois creio que o objeto dele já está em vosso pensamento. Heis de proteger a pobre criatura enjeitada...

— Sabeis onde ela existe e qual seja? perguntou o fidalgo estremecendo.

— Nada sei de positivo; mas o Senhor D. João de Ataíde tinha suspeitas, que não chegou a tirar a limpo. Conheceis uma rapariga que vive de ser alfeloeira?...

— Mora para as bandas de São Francisco?

— Justo! gente da rua a chama a Enjeitada da Parteira!...

— A Joanhinha?...

— Se as conjeturas de D. João de Ataíde não erraram, deve de ser ela.

O moço escondeu o rosto nas mãos, para ocultar à luz do dia o rubor da vergonha e humilhação.

E agora sabe-se a razão por que no dia seguinte jogava D. Fernando na taberna do Brás um jogo do inferno.

Vaz Caminha deixou-o afinal e foi-se em direção da casa de Estácio.

O velho caminhava ligeiro como quem ia leve de cuidados; mas eram ao contrário os impetuosos pensamentos a encapelarem no cérebro, que o impeliam com tamanha força para o alvo. Dando trégua à tristeza que lhe deixara a cena passada em casa de Ataíde para entregar-se exclusivamente à tarefa que tomara a si de assegurar a felicidade do seu filho adotivo, o doutor ruminava ainda uma vez o plano concertado em sua mente.

Desde que perdeu a esperança da soltura do moço, o advogado resolvera partir para São Sebastião e na qualidade de mandatário do filho de Robério Dias, receber de D. Diogo de Mariz o roteiro das minas de prata. Essa resolução ainda mais se firmara em seu ânimo, quando soubera da súbita partida do P. Gusmão de Molina, a qual viera como asselar as suspeitas, comunicadas na véspera a Estácio. Não podia o advogado porém cometer a empresa da viagem sem

levar procuração do afilhado, e deixar-lhe a esperança que o fortificasse para resistir à prisão. Na incerteza do casamento de Inesita, temia o velho pela vida do mancebo.

O mais difícil para a execução desse plano era pôr-se em comunicação com Estácio. Sabia Vaz Caminha que ele estava no Castelo de Santo Alberto e incomunicável, pois lho dissera o governador; mas o meio de chegar ao cavalheiro através dos grossos muros de cantaria batidos pelas ondas e das espessas abóbadas guardadas dia e noite pelos mosqueteiros, era o que não sabia o velho.

— Deus ajudará!... dizia ele consigo. Tenho por onde começar, já não é pouco!...

O astuto velho assentara que o primeiro passo a dar era saber ao certo o cárcere onde tinham metido o moço, e sua posição no castelo. Ele partia desse axioma de geometria que não se pode tirar uma linha sem conhecer os dois pontos extremos. Era pois à solução desse problema da situação de Estácio que descia o advogado aos saltinhos a ladeira na direção da Ribeira, em busca da casa de D. Mência.

Os solavancos que lhe fazia dar o íngreme e ab-rupto da ladeira resistindo ao seu passo leve demais, o levavam tão desconcertado pela montanha abaixo, que ia-lhe sucedendo um desastre. Foi de peitos contra a testa de uma pessoinha que vinha subindo à corrida cega. Felizmente quitou-se do

perigo pelo susto; caiu sentado, com o causador do acidente embrulhado ao colo. Abaixando os olhos para ver aquele improvisado nenê, deu o advogado com o rosto brejeiro e petulante de Gil.

— Oh! oh!... maganão!... disse o advogado rindo e beliscando a orelha ao pajem. Andas à tuna!...

O menino já estava de pé, sacudindo a terra da garnacha do advogado.

— Sua mercê me escuse!... A pressa com que vinha!... murmurou o pajem sofrendo o riso.

— Vieste muito a propósito: pois que ia mesmo à tua procura para me lewares aonde mora um tal Esteves, pescador.

— Ui!... Que quer dele o senhor licenciado?...

— Naturalmente encomendar-lhe peixe. Para que serve um pescador?... Vamos; segue adiante.

Gil não gostou dessa incumbência, e sem o respeito que tinha ao mestre e padrinho de seu querido amo, ali plantaria o velho a olhar para o tempo, e sumir-se-ia num pestanejar. Foi pois resmungando lá consigo e de muito mau modo que obedeceu à ordem, e desceu a ladeira.

O Esteves morava num casebre fora de portas à beira da praia que se estendia para a barra, mas a pequena distância dos antigos muros da cidade. Para lá ir atravessou Gil a colina onde está hoje situado o passeio público. Ao chegar à aba da colina, avistaram o pescador que arrastava em seco a canoa cheia de peixe.

— Lá o tendes, senhor licenciado. Não vedes que puxa a canoa?...

— Sim; vejo, aquele rapagão forte!...

— Boa estopa de gente, como dizem os companheiros dele!...

— Pois vai-te, que já não careço de ti. A esta hora estarão chamando por teu nome.

— Quem me chamaria, lá não está!... disse o pajem suspirando.

— Embora, vai sempre!... disse o advogado dando-lhe um piparote no nariz.

Gil não se moveu; mas vendo que o advogado se voltara para olhá-lo, tomou seu partido, e disparou à carreira para a cidade. Vaz Caminha então endireitou para o canoeiro, que lhe ficava ainda a tiro de berço.

— Sois vós o Esteves, pescador?

— Para vos servir, senhor meu!...

— Não me conheceis?... Eu sou o padrinho de Estácio!...

— Ai, senhor! Que novas me dais do pobre moço?... Pois é certo que o prenderam?...

— Certíssimo! Mas isso que vos aflige tanto, é porque o estimais?...

— A igual de pai ou irmão, ou de um com outro!...

— Por bem dele, sérieis capaz de arriscar a vossa vida?

— Mas sem dúvida! Não fazia senão o que ele já fez por mim!...

— Quando isso?...

— Uma tarde que andávamos no mar, veio uma chalupa que nos pôs a canoa em frangalhos e atirou-nos de catrâmbias pelos ares. A terra nos ficava três tantos como daqui à Vitória. Pois o moço não empurrou para mim o uru que ele tinha agarrado, e começou a nadar valente atrás da chalupa?...

— Ah! ocultou-me essa circunstância!... murmurou o advogado enternecido.

Voltando-se para o mar onde se erguia o castelo, mandou seu pensamento beijar a fronte do mancebo por aquele ato de abnegação, como pela modéstia e nobreza com que o calara, narrando a história de seus amores.

— Felizmente também salvou-se por um milagre!... acrescentou o pescador.

— Pois, Esteves, careço de saber hoje mesmo com segurança em qual dos cárceres do castelo puseram Estácio, e se é possível fazer chegar-lhe às mãos um papel! Lembrei-me de vós para isso, por saber quanto lhe sois dedicado!...

— Fazei de mim, senhor meu, como for de vosso contento e agrado, desde que é para bem dele!

— Despejai a vossa canoa, enquanto vos eu explico!...

Uma vozinha flautada soou pela nuca do advogado.

— Se é para saber onde está o cavalheiro, não é preciso!...

— Olé! o Gil?... Onde estavas, rapaz?

— Ah! brejeiro, que me lograste!... disse o advogado reconhecendo o pajem. Mas que dizes tu?... Sabes onde está ele?...

— Não soubera! acudiu Gil vaidoso. Se eu não descansei enquanto não consegui. Em antes de ontem quando o

prenderam, vim seguindo para ver onde o levavam. Do mar ele me mostrou o castelo; e então corri de um fôlego só de lá aqui; saltei na canoa de Esteves, que andava apregoando seu peixe por essas ruas, e toca a remar. Ele está ali dentro, disse eu fazendo as minhas contas, e há de me ouvir e dar algum sinal. Pus-me a cantar umas trovas que ele me ensinou, rodeando por bem perto do castelo, como quem não queria a coisa, mas com o olho vivo e o sentido alerta!... Vai senão quando eu bispo uma coisa, assim a modo de farinha, caindo na canoa; olho para cima: eram uns torrões de caliça que atiravam de dentro por uma fresta estreitinha que não é capaz de caber esta mão fechada!... Então eu vi que era ali que ele estava!...

— Só por isso?... perguntou o advogado abanando a cabeça.

— Não vê que eu havia de deixar as coisas em dúvida; para me certificar bem, calei a boca, não cantei mais; as bolinhas também pararam. Torno eu a cantar por baixo da fresta, e não só a caliça a cair, mas um assobio que não me engana, ainda que quase se não ouvia pelo marulho forte!...

— Agora sim! Mas, pirralho, se tu soubeste isto há dois dias, por que não me foste logo dizer?...

O pajem fitou no velho um olhar petulante:

— Pois se Sua Mercê foi causa de o meterem lá dentro!... Fui dizer a quem o quis livrar da guarda lá na Graça, e o há

de livrar da prisão.

— Quem é esse?...

— O maior amigo dele, o Sr. Cristóvão, que foi quem mandou o Capitão de Mato João Fogaça, homem cá do meu peito, esse tal!... Capaz de ir no inferno buscar o Tinhoso pelas orelhas!...

— Pois agora trabalharemos todos juntos esse impossível a ver se o conseguimos.

— Agora mesmo quando topei com o sr. licenciado ia eu para lá, porque o Sr. Cristóvão me disse que estivesse de espreita e logo que aparecesse alguma coisa de novo lhe fosse levar. Ora inda agorinha mesmo vi eu lá na fresta uma tira de pano branco assim pestanejando como bandeirola!... Quem sabe o que é?...

— É ele que te chama sem dúvida para dizer alguma coisa. Vai sem detença ver.

Acabava Esteves de esvaziar a canoa e pô-la a nado; Gil saltou dentro, e a remo teso vogaram pela baía afora em direção ao castelo. Aproximando-se do rochedo submarinho, fronteiro à seteira designada pelo pajem, parou o barquinho, e os dois, um na popa, outro na proa, começaram a pescar a anzol. Gil soltou o seu descante.

A bandeirola branca de que falara apareceu outra vez na seteira; solta ao vento, adejou pelos ares, e foi cair longe sobre as ondas. A canoa singrou rápida como um peixe naquela direção; com espanto de ambos o pano boiava sobre a água, e só lentamente e depois de algum tempo foi-se afundando; mas Esteves atirou-se ao mar, e mergulhando foi agarrá-lo quando ele ia já sumindo-se da zona esclarecida das vagas.

De posse do objeto tornaram os dois à praia, onde os esperava o advogado, que de longe acompanhara com a vista toda a manobra. O curioso Gil tratou logo de examinar a bandeirola para saber o que desejava Estácio; porém por mais que virou e revirou a tira de pano branco, nada viu que pudesse orientá-lo. Afinal cansado de procurar, dobrou-a e meteu na algibeira:

— O que manda ele? perguntou Esteves.

— Sei cá!... respondeu Gil despeitado. Isso é lá gíria dele! Só o velho a pode entender!...

Vaz Caminha recebendo o misterioso objeto das mãos de Gil, esticou-o entre os dedos, e esteve observando-o por algum tempo com séria atenção. Ele sabia que um homem inteligente como Estácio, na posição difícil em que se achava, era capaz de transformar o mais insignificante objeto em um instrumento de sua vontade; e pois procurava ler naquele fragmento de lençaria como em uma esfinge.

Afinal seus olhinhos cintilaram:

— Já sei!... já sei!... murmurou. À noite lhe levareis o que ele pede, Esteves!... Aqui estarei ao escurecer!...

— Mas o que pede ele, senhor licenciado?...

— Depois vos direi. Vinde!...

Vaz Caminha e o pajem voltaram à cidade; em meio do caminho interrompeu o velho a sua meditação para perguntar ao menino:

— Gil, tu viste de perto e por duas vezes a seteira do cárcere; podes tu dar-me com certeza a largura dela?...

— Esperai, senhor licenciado!...

— Caberá esta cana?

— Até o castão, duvido, tão estreita é!... respondeu o pajem apalpando a bengala.

— Mas a ponta?

— Essa com certeza!...

— Está bem; podes ir-te a casa. Não é preciso que refiras o que é passado a mais ninguém; quando for necessário, eu mesmo recorrerei ao Senhor Cristóvão de Garcia!...

Entendeste, pequeno? Olha, não faças mal a teu amo, querendo fazer-lhe o bem!...

— Ai, não; eu vos prometo nada dizer; mas ao menos dai-me alguma esperança que me sossegue!...

— Breve beijarás a mão a teu cavalheiro, e o verás satisfeito e feliz!... Estás contente?

— Deus vos ajude, senhor licenciado!... Que contentamento terei!

Vaz Caminha entrou na primeira loja aberta que encontrou para descansar da longa caminhada, e mercar alguns objetos de que tinha necessidade.

Eram duas horas da tarde.

A esse tempo Estácio sentado no úmido chão do cárcere, seguia com o olhar ansiado a réstia de luz que penetrava pela seteira e ia a pouco e pouco desmaiando. O ouvido alerta procurava discriminar no surdo rumor que penetrava naquele antro, algum som amigo.

Desde o momento em que o lançaram na masmorra, o espírito do cavaleiro trabalhava incessante; a inércia física parecia centuplicar a velocidade do pensamento. Com a sua vontade isolada rompia aqueles muros de rocha, ou zombaria da vigilância contínua de seus guardas?... Era o problema insolúvel que provocava a sua poderosa imaginação.

Ouvindo poucas horas depois de achar-se no cárcere a voz de Gil a cantar, o cavaleiro ergueu-se de sobressalto. Percebendo pelo som que o canto vinha de perto, e ia circulando o castelo, imediatamente compreendera o movimento do pajem quando deitara a correr pela praia; conjecturou que o menino fora buscar a canoa para se aproximar dele e talvez pôr-se em comunicação, caso fosse possível. Seu primeiro impulso pois foi lançar-se para a seteira; entre essa e o chão estavam dispostas na muralha como degraus um buraco e um prego, que o cavaleiro

suspeitou ser indústria de seu antecessor; graças a esse auxílio pôde galgar a seteira; mas teve uma decepção; porque não conseguiu ver senão uma nesga do céu: a fresta era talhada em diagonal de fora para dentro.

Contudo pôde Estácio ouvir melhor; e conhecendo que a voz de Gil se aproximava do cárcere, atirou-lhe com os torrões de calça que a sua mão no subir arrancara da alvenaria; depois arriscou o assobio, que não escapou ao esperto pajem. Este incidente fortificou a coragem do cavalleiro; porque lhe mostrou a possibilidade de uma comunicação com seus amigos.

Quebrado de fadiga pelas emoções desse dia, e acalmada a excitação do espírito pelo bafejo da esperança, o moço recostou-se de encontro à parede do cárcere, e entregou-se ao sono que o ganhava. Dormiu algumas horas; quando despertou era noite fechada; o cárcere estava sepultado em profunda escuridão. Evocando as suas recordações para saber onde se achava, foi distraído por um sussurro estranho que parecia vir de dentro do muro. Aplicando o ouvido, reconheceu o som de vozes humanas, e distinguiu mesmo as articulações das palavras apesar de abafadas pela espessura da parede; mas não pôde compreender coisa alguma porque falavam em língua estranha.

— São meus vizinhos encarcerados, pensou ele.

A mão maquinalmente estendida topou com um objeto frio e liso ao tato, e às apalpadelas descobriu outro áspero e leve. Era um canjirão d'água com uma broa por tampo. Naturalmente o carcereiro viera enquanto ele dormia e lhe deixara a ração diária. Estácio não tomara alimento algum naquele dia; devorou pois com avidez a broa e bebeu meio canjirão d'água. Feito o que recostou-se de novo na muralha para reatar o sono interrompido.

O murmúrio de vozes que já escutara chegou-lhe de novo ao ouvido. Dessa vez Estácio, já livre do torpor do sono, notou que o som vinha de baixo, e não do lado, como lhe parecera em princípio.

— Talvez haja outro cárcere por baixo deste!

Mas não acabara essa reflexão, quando a razão lhe mostrava a inverossimilhança dela. De feito; além de não ser provável que existissem cárceres abaixo do nível do mar em uma fortaleza construída sobre rocha viva, acrescia que a espessura da abóbada não permitiria ouvir a voz de quem falasse nessa masmorra subterrânea. Ocupou-se por algum tempo o mancebo a cogitar sobre a singularidade acústica do cárcere; porém logo deu trégua a esse assunto para ocupar-se do outro mais importante da sua evasão.

Ele estava mais do que nunca decidido a readquirir a sua liberdade para disputar Inesita a D. Fernando, e o roteiro ao P. Gusmão de Molina. Acudiu-lhe então o velho meio tão

usado desde que se inventaram as prisões: atirar-se ao carcereiro quando viesse à sua visita habitual, e subjugá-lo amordaçando-o; trocadas com ele as vestes, passar assim disfarçado entre as sentinelas, ganhar as ameias e fugir a nado.

Esse projeto arriscado tinha contra uma circunstância que o moço ignorava: nas extremidades do corredor circular que cingia os cárceres, havia duas sentinelas constantemente dia e noite; e tal era o rigor da disciplina e cautela, que o próprio carcereiro não podia passar por elas uma só vez sem trocar o santo. Aí portanto, de encontro à alabarda das sentinelas, devia esbarrar-se o insensato arrojo do mancebo; mas ele, ignaro e descuidoso do risco de sua empresa para só embalar-se na esperança do sucesso, continuava a cogitar nos meios de levá-la ao cabo.

— O carcereiro, segundo presumo, visita os cárceres duas vezes por dia; a primeira por manhã, a segunda pouco antes de escurecer... Quando o sono me tomou, já era sol baixo; e não é natural que venha noite fechada!... É justamente a hora que convém; já não se vê; e não é ainda noite alta, em que de ordinário se dobra a vigilância! Mas sem uma arma nada posso fazer!...

O mancebo fez uma pausa na sua meditação, e repassou de novo o projeto:

— Como poderei eu ter um punhal?...

Na solução desse problema, trabalhou a noite inteira o espírito do mancebo; até que afinal a fadiga o venceu de novo e sopitou. Foi acordado pelo carcereiro, que passava a sua primeira inspeção. Estácio abriu os olhos e esteve-o medindo com eles. Era homem forte e robusto, que acusava um vigor formidável. O moço depois de estudá-lo com atenção e calma suspirou dizendo consigo:

— Não tenho remédio senão matá-lo! Um homem destes não é para minhas forças subjugá-lo.

Tendo assim na mente condenado à morte o pobre carcereiro, voltou-se para não vê-lo mais; nem respondeu palavra às consolações triviais que lhe dirigiu ele. A essa alma jovem, ainda não poluída pelas paixões e vícios, parecia uma deslealdade e perfídia o menor trato com o indivíduo, que ele decidira imolar como holocausto, necessário à sua liberdade. O carcereiro tomando o silêncio obstinado do preso pelo amuo e desespero mudo dos primeiros dias, não insistiu, nem se zangou: renovou a ração d'água e de comida, juntando dessa vez à broa um caldo de ervas.

— Aí fica a vossa ração. Às trindades quando voltar, espero achar-vos mais resignado com a sorte. No fim de contas o diabo não é tão feio como se pinta!...

Estácio, embora voltado, não perdeu um dos movimentos do carcereiro; observou sobretudo qual das chaves da

correia era a do cárcere, a fim de não excitar desconfiança experimentando outras. Apenas a porta foi de novo fechada, correu a ela e aplicando o ouvido à fresta da soleira ouviu as passadas do carcereiro que se afastavam para a direita; e logo depois o ranger da chave na fechadura de um cárcere vizinho. Alguns instantes decorridos, voltaram os passos pesados, repassaram junto à porta, e afastando para a esquerda, foram subindo até de todo se apagarem.

— Pela esquerda!... É o que eu pensava!...

Então o moço concentrando as ideias que refletira durante a noite, sacou do corpo o gibão, para arrancar fora a manga da camisa da qual rasgou uma tira estreita, que deitou na seteira; lá a deixou com o auxílio do prego à guisa de bandeirola. Gil sabia que ele ali estava, e naturalmente seu primeiro cuidado seria olhar naquela direção; vendo a bandeirola, compreenderia que seu amo o chamava.

Estácio fiava demais da perspicácia do menino; mas felizmente Vaz Caminha chegara a propósito para compreender por ele.

Dado o sinal ao pajem, faltava ainda o essencial: o recado para seus amigos. Mas também a esse ponto já tinha a imaginação arguta provido, como ao outro, por um meio engenhoso e simbólico. Cortando da manga da camisa uma segunda tira larga, Estácio conseguiu servindo-se ora dos dentes, ora das unhas ou do prego, cortar no pano o esboço

tosco e imperfeito da figura de um punhal. Terminada a sua obra e estendendo-a na laje para melhor a examinar, murmurou sorrindo:

— Parece mais cruz do que adaga!... Mas eles bem podem ver logo de qual tenho eu necessidade nesta masmorra!...

Então com a ponta do prego enferrujado procurou aperfeiçoar o traço das formas que não pudera o corte bem delinear. Nisso ocorreu-lhe que o pano embebendo rapidamente a água do mar, corria risco de afundar antes que Gil o pudesse apanhar onde o vento o levasse; não sucederia assim estando o pano impregnado de matéria oleosa, essa associação de ideias lembrou-lhe o caldo, que tendo já esfriado, coalhara na tona o gordo unto. Como foi o hieróglifo de pano atirado à mercê das ondas e chegara às mãos de Vaz Caminha, já é sabido.

Entretanto ficara o moço em cruel impaciência, esperando o resultado de seu engenhoso expediente. Teria Cristóvão ou Vaz Caminha compreendido o que ele pedia? Conseguiriam passar-lhe pela seteira, ou enviar-lhe por outro qualquer modo, a arma de que ele necessitava para empreender a obra de sua liberdade?

A princípio tudo lhe parecera fácil; mas à medida que decorria o tempo, seu pensamento aprofundava as dificuldades, que em começo se lhe antolhavam mínimas, e agora apareciam como insuperáveis; a esperança fugia,

fugia, a perder-se no horizonte imenso de suas elucubrações; mas daí tornava e vinha de novo adejar-lhe n'alma. Às vezes deitava-se a conjecturar os meios que seus amigos empregariam para satisfazer o desejo; e nenhum lhe ocorria.

— Eles proverão!... disse afinal. Têm mais calma de espírito e meios de ação do que eu sepultado vivo nesta tumba.

Correram as horas; o sol transmontou e foi descambando; pouco restava do dia, e esse torvo e anuviado. A tarde estava calmosa; as baforadas de ar pesado e tépido que entravam pela seteira anunciavam borrasca. De feito ao anoitecer os relâmpagos amiudaram; e o mar começou a mugir açoitando as abas do castelo. Estácio perdera a esperança de receber resposta de seus amigos antes da noite; escutando porém o bramido da tempestade que rugia sobre a cidade, ele disse consigo:

— Excelente ocasião! A perderão eles?...

Fechou-se a noite; de repente ouviram-se gritos de angústia, que atravessavam o frêmito das ondas, depois brado de socorro. Era um sinistro no mar. Uma canoa de pescador que barlaventeava a tiro de berço do Forte de Santo Alberto, tomada de través pelo vento antes que pudesse o barqueiro cassar a escota, soçobrara. O mísero náufrago deitou-se a nado para o castelo, onde a salvação lhe aparecia mais

próxima; as ondas encapeladas umas sobre outras o assoberbavam, esmagando sob as montanhas d'água; mas o intrépido nadador, um instante submergido, surdia avante.

Afinal chegou à laje onde estava assentado o forte e tentou debalde agarrar-se às anfractuosidades da rocha. Exausto de forças, vendo-se perdido, levantou novo brado de socorro:

— Uma corda!... Lançai-me uma corda, por Deus, Nosso Senhor!...

A esse tempo já os mosqueteiros e mais gente da guarnição do forte, debruçados sobre as ameias, seguiam com ansiedade as ânsias do náufrago debatendo-se contra as vagas; mas como de ordinário sucede à multidão no primeiro instante de um acontecimento inesperado, faltava a cada um a iniciativa que todos esperavam para obrar. Essa, deu-lhes o grito pungente que soltara o náufrago; imediatamente a adriça da bandeira foi retirada do mastro, e lançada. O pescador prontamente travou dela, e sentindo-a segura, sem esperar que o içassem, foi subindo. No meio do trajeto ou porque o pescador escorregasse ou porque se sentisse fatigado, parou agarrando da mão a borda de uma seteira aberta no muro; mas foi coisa de instantes; continuou a subir sem tropeço e galgou lesto o colo de um falcão.

No grito que bradara pela corda reconhecera Estácio a voz de Esteves, partindo mesmo debaixo da aba exterior do seu

cárcere; estremecendo de susto pela sorte do pobre rapaz, o mancebo sentia como uma esperança a palpitar sob esses tremores do coração. Quem sabe se o pescador não vinha da parte de seus amigos, e acoberto por aquela noite tormentosa?...

Nisso passou-lhe pelo rosto, como um sopro, uma palavra antes resfolegada, que proferida; e ao mesmo tempo um objeto qualquer deslizando pela fenda, veio bater-lhe no peito:

— À meia-noite!...

Estácio travou do objeto que lhe enviavam pela mão amiga do pescador; e prostrando-se de joelho sobre a laje, rendeu graças à Providência. Tanto quanto podia julgar pelo tato, era uma lâmina longa e fina, envolta em papel, e toda enleada a fio. O papel servira para encobrir o ferro; o barbante para abafar o tinido metálico do estilete e evitar que não se embotasse o gume batendo na pedra.

Encontrando um nó sob os dedos, o desfez o preso, e foi desfiando cuidadosamente o cordel, com receio de ferir-se; pareceu-lhe então que a lâmina nem tinha rizeza de ferro, nem a coesão de uma folha inteira; ao contrário apresentava duas soluções de continuidade. Retirado o envoltório de papel lacrado, diversos objetos soltos caíram nas mãos, e um mais pesado escorregando tiniu e fiscoou na laje.

Era um fuzil, fácil de se conhecer, não só pela forma, como pela pedra e isca unidas a ele; guiado por essa descoberta buscou entre os outros objetos o complemento necessário para obter luz; e não custou a achar. Viera também cerca de um palmo dessa vela de cera conhecida com o nome de rolo, cujo uso era muito comum naquela época, e hoje ainda se vê nos acendedores de tochas das igrejas. Tendo fixado o toco no chão, Estácio bateu o fuzil, e tirou luz. Então começou o inventário das coisas que lhe trouxera de um modo tão singular o canoeiro Esteves.

Três vários papéis enrolados estreitamente um dentro do outro para ocupar o menor espaço, e uma pena de ganso aparada, tendo o gomo cheio de tinta e arrolhado hermeticamente com cera da terra, formavam com os preparos de tirar fogo, todo o conteúdo do pacote.

O moço admirado em extremo e não compreendendo ainda o enigma, desenrolou as folhas de papel e correu a primeira de um relance. O que produziu nele grande choque e aumentou ainda o seu pasmo, era o juramento escrito de Ataíde. Passou a segunda folha à cata da explicação por que ansiava, e achou apenas uma carta sem assinatura dirigida a D. Diogo de Mariz para o fim de autorizá-lo a entregar a seu padrinho e mestre Vaz Caminha o papel pertencente a Robério Dias. Finalmente na terceira folha estava a palavra do enigma no recado que escrevera a seu afilhado o infatigável e dedicado velho:

*Compreendo vosso pedido, filho amado, e a razão dele. Tolhido em vossa liberdade no momento justo, em que mais dela careceis, vosso ânimo válido e resolutivo que a força adversa longe de abater, tempera ao contrário, revoltou-se contra a tirania e decidiu postergá-la. Apenas entrado no cárcere, concebestes com o engenho pronto e rápido que vos coube em dom, um plano de evasão;*

e concertadas todas as eventualidades e acidentes, sentistes a necessidade de uma arma para levar ao cabo a empresa; de uma arma ligeira para melhor ocultar-se; muda para ferir silenciosamente. Empunhada por vossa mão destra, ela tornar-se-ia formidável, e podia num instante de surpresa varar o coração do incauto carcereiro ou da sentinela fatigada de rudo labor. Então trocadas as vestes com o cadáver, à mercê das trevas, a evasão fora fácil a um lutador destemido e intrépido nadador; poucos instantes depois eu teria o sumo gosto de abraçar-vos contra o peito que por vós anseia.

*Mas, filho, antes de executar esse plano tão ousado, quanto injusto e desonesto, ouvi a palavra sempre amiga e sempre leal deste velho pai espiritual, que vos deixou Deus em lugar de outro natural, tão cedo roubado a vosso amor e minha amizade.*

*Duas razões falam alto contra a ação que intentais: vossa*

*virtude e honra primeiro; vosso bem e interesse em segundo. Com que direito sacrificareis a vosso livramento de uma prisão mesmo bárbara e iníqua a vida de inocentes a quem só podereis imputar a fidelidade no desempenho*

*do dever? E sois vós o competente para julgar se a prisão que sofreis é ou não justa, quando é ela decretada em virtude da lei pelo juiz posto por El-Rei?*

*Eu vos conheço, Estácio, e estou vendo-vos repelir com horror a liberdade comprada a título de assassino e rebelde. Antes mil vezes o cárcere e torturas da iniquidade, que esse dom nefasto. Nem ele vos aproveitaria assim conseguido; pois se no pleno gozo de vossa pessoa careceis de uma atividade imensa para levar ao cabo a magna empresa que sabeis, certo nada conseguiria quem, fugitivo, tivesse além disso a prover nos meios de segurança e modos de escapar às pesquisas das justiças.*

*Não arrisqueis por um passo imprudente vossa bem parada posição. Em um dos papéis que vos envio achareis a coragem necessária para sofrer a dureza da prisão, e a esperança que já tínheis por perdida. Não cansai o espírito em perscrutar o modo por que isso consegui; Deus fez o coração humano bom; os homens foram que o transtornaram; baste-vos essa explicação. No segundo papel achareis o texto de uma carta que deveis assinar; ela me dará pleno poder para*

apresentar-me em vosso nome e receber o objeto que sabeis.

*À meia-noite lançareis a resposta pela seteira, presa ao fio; o resto fica por conta do intrépido nadador.*

*Esperai, filho, esperai tranquilo, que vossos amigos velam. Assim vos tenha o Senhor em sua santa guarda.*

V.C.

Estácio, terminando a leitura, amarrotou com desespero a carta; depois, passado o assomo, abriu-a de novo, e beijou as iniciais de seu velho padrinho e amigo.

Esse dia de domingo fora o determinado pela filha de Samuel para o cumprimento da promessa de D. José de Aguilar.

Desde o amanhecer a cozinha do Brás andava em alvoroço com os arranjos da lauta ceia encomendada pelo venerável rabino para regalo do alferes e seus convidados. O taberneiro dando suas ordens à cozinheira, lhe dissera com um riso pachorrento esperramado nas bochechas:

— Olha lá, rapariga, não te esqueça o robalo à framenga!

— Com a capela de salsa e a cebola cravejada...

— Justo!... E molho de manteiga, vinho branco e uma mancheia de farinha corada. Sobretudo que fique bem reduzido!... É o sainete do prato!

E o taberneiro riu com alarve.

Da cozinha passou ele à sala onde devia ser posta a mesa da ceia, a ver se a estavam lavando e basculhando conforme determinara. De caminho passou pela varanda a fim de espreitar o caboclinho; e como o achasse a cochilar sobre o balcão, ferrou-lhe de passagem um carolo.

— Hã, sô traste!... Assim é que tu guardas a porta, cachorro!

No meio dessa inspeção dos aprestos caseiros veio achá-lo o velho judeu da Rua da Palma.

— É vindo o moço? perguntou Samuel à puridade.

— O Beltrão?... Não tarda aí!

— Estais bem certo que ele venha?

— Se não viria, o birbante!... Pois foi avisado! Não visse ele o cunho ao vosso dinheiro, quanto mais que já o apalpou bem apalpado, o sorna!

— Heis de avaliar do meu cuidado, que não vindo ele, estava tudo perdido.

— Sempre havia de se dar volta... Mas sossegai, que a esta hora já está ele de caminho para cá!

O rabino acomodou-se a um canto da taberna meditabundo e grave. O judengo tornou à tarefa.

Com pouco entrou de carreira na taberna um labrego sujo e mal enroupado, verdadeiro tipo do bicho de cozinha. Ao vê-lo ergueu-se com vivacidade o velho Samuel e deu um passo para ele; o próprio mestre Brás, apesar de sua habitual filosofia, soltou uma exclamação de alegria:

— Olé, és tu, rapaz!... Estavas tardando!

— Pois tardava!... Inda por cima de vir de arrancada dêa a praia té qui!... Uff!... Que me estão saindo os bofes!...

— Há de ser de segura; aí tens com que molhá-los, homem!

Mestre Brás encheu um pichel de vinho que o sujeito enxugou como uma esponja, estendendo novamente a taça com um gesto significativo, enquanto os olhos meio cerrados em doce beatitude e os lábios entreabertos esperavam a nova dose do generoso licor, que devia continuar tão suave êxtase.

— Depois, Beltrão, depois! Não vai a matar! Descansai por agora as goelas, que tendes que fazer com as ouças. Ali está o respeitável Samuel impaciente por te conversar a respeito de certo negócio que bem sabes!... Hem!... Já te espetam as orelhas com o tinir das brancas, calaceiro!

A impaciência do velho rabino e a importância atribuída por ele ao miserável bicho de cozinha, se explica por certas circunstâncias que é tempo de conhecer.

Cinco anos havia que estavam presos no Castelo do Mar três flamengos, resto da maruja e guarnição de um navio capturado na Ilha de Tinharé por Diogo de Campos. Um deles, Staed, homem audaz, concebera o projeto de evadir-se, cavando por baixo do cárcere uma mina, que fosse ter ao mar; depois de muitos meses de incessante labor,

consequira arrancar uma laje do pavês, e abrir um fosso subterrâneo bastante largo para passar o seu corpo, e profundo assaz para não abater com o peso da construção.

Seus dois companheiros, Hugo Antônio e Dick, eram vizinhos de cárcere; as masmorras de ambos formavam com a de Staed três partes de um quadrado; a mina partindo do canto desta, cortava em diagonal o chão daquelas, e devia portanto atravessar o alicerce da muralha de divisão. Quando trabalhava o marujo para aluir esse alicerce, os seus compatriotas ouviram o surdo rumor da escavação, e acompanhando o eco do trabalho subterrâneo, pressentiram o que era passado.

Cobraram esperança. Cada um de seu lado resolveu ir ao encontro do companheiro, e meteu logo mãos à obra. Ao cabo de muitos e longos dias, as três minas se tocavam no ponto de interseção, como três raios.

Foi uma véspera de liberdade o dia em que se abraçaram os três infelizes; e contudo o do livramento ainda estava bem longe. Depois das primeiras expansões, cada um comunicou à associação seu pecúlio de força e ideia; a obra prosseguia com vigor e celeridade.

Chegaram afinal à muralha exterior, e aluída essa, quando já viam brilhar a luz do céu aos seus olhos cansados da estreiteza de uma masmorra escura, reconheceram com dor que a base do castelo pela parte exterior era revestida de

rocha viva, impossível de cortar para quem não dispunha de mais instrumentos que um prego, uma colher de ferro, um prato de estanho e uma casca de ostra.

Tiveram conselho os três presos; e reconheceram que a evasão por aquele lado demandava muitos anos de trabalho, e cinco havia já que estavam ali sepultados.

Abandonado pois esse projeto, cogitaram novo: foi esse, dirigir a mina para a galeria, ou corredor de comunicação, e uma vez aí, por força ou por ardil ganhariam os altos e fugiriam a nado. Recobriram com essa esperança o perdido alento, e outra vez meteram ombros à empresa.

A galeria que passava em frente às masmorras era lóbrega bastante apesar das seteiras praticadas à distância no muro exterior; uma extremidade porém, onde estava o cárcere de Hugo, era completamente escura: nenhuma luz ali penetrava. Para aí justamente dirigiram os presos a mina; e quando a tinham concluído, esperaram a noite alta para levantar a laje.

Logo que se acharam com a comunicação aberta para a galeria, Dick foi de voto que tentassem a evasão imediatamente, ainda mesmo com risco de vida. Opôs-se Staed com a autoridade que lhe davam os anos, o posto, e a primazia na empresa; o prudente oficial não queria perder em uma hora de precipitação o fruto de tantos anos de trabalho. Hugo encostou-se à sua opinião, que prevaleceu.

Era mister conhecer a localidade e outras circunstâncias antes de concertar a evasão. Todas as noites pois suspendia-se a laje, e um dos três saía fora e rondava a galeria, aproximando-se o mais possível da sentinela. Apareceu logo um embaraço: apenas escurecia, um labrego espojava-se ali no mais escuro do corredor, cosido com a parede, a roncar como um porco; e tinha o desazado, no meio da sua modorra, tão leve o sono, que ao menor rumor estava só a resmungar e bater com as chancas:

— Sape, gato!...

No fim de uma semana, Staed, que era decididamente a cabeça da associação, ideou modo de tirar partido do próprio obstáculo, transformando-o em instrumento de sua próxima evasão.

Tocava-lhe a vez de rondar a galeria; recomendou aos companheiros que tivessem a laje suspensa, e sumindo-se nas trevas achegou-se ao labrego adormecido. Agarrou-lhe de chofre a cabeça que abafou contra o peito, para o impedir de gritar, e arrastou-o para o cárcere.

Chegou o pobre-diabo mais morto que vivo, não tanto dos apertos e empurrões, como do terror; supunha ele que era Satanás quem o arrastava para as profundas do inferno, e juraria ter sentido um cheiro forte de enxofre. Enquanto jazia por terra, com a boca tapada e o corpo a tiritar, praticavam os três em flamengo. Staed comunicava aos

outros seu plano, e encarregava a Hugo Antônio de servir-lhe de intérprete.

Era esse Hugo Antônio judeu de origem alemã, porém nascido em Portugal. Filho de um mercador principal de Lisboa, fora obrigado a fugir com sua família à perseguição do Santo Ofício, abandonando seu avultado patrimônio. Refugiados na Holanda, o rapaz sequioso de vingança sentara praça na guerra, e foi um dos mais cruéis inimigos dos portugueses.

— Não resistas, nem grites, se não queres morrer!

O labrego, passado o primeiro susto, não pôde deixar de fazer lá com seu bestunto esta reflexão filológica:

— Ui! o diabo fala língua de gente!...

— Como te chamas?

— Beltrão, Senhor Satanás, servo de Vossa Senhoria.

— Que fazes tu aqui?

— Sei-lo eu?... Se Vossa Senhoria foi quem me trouxe, e sem dizer para quê!

— Pergunto-te em que te ocupas no castelo?

— Ai!... No castelo... sim... eu era, como quem diz, ajudante de cozinha.

— Vais tu alguma vez à cidade?

— Todos os dias com o mestre da cozinha para as compras!

Houve entre os três um sussurro de satisfação.

— Conheces tu um mercador judeu de nome Samuel, que mora na Rua da Palma?

— Senhor, não. Nunca lo vi!...

— Pois irás por ele amanhã quando chegares à terra.

— Irei! Oh! se irei!...

— E lhe dirás... Ouve bem e guarda... Lhe dirás à parte que os três flamengos presos no Castelo de Santo Alberto pedem sua assistência e a de seus irmãos israelitas.

O labrego começava a compreender que o negócio não era com Satanás; e isso lhe restituía a coragem. Já ele estava pensando no modo por que se havia de safar dessa entaladela.

— Cumprido o que te é ordenado, terás as mãos cheias de brancas e louras; senão, coitado de ti.

— Juro, senhor, por todos os santos, que farei!

— Melhor para nós e para ti. Se o não fizeres e fores dar com a língua nos dentes, todos nós, que somos três, havemos de declarar ao condestável que nos vieste propor um meio de fugirmos; e para prova aqui ficamos com a tua carapuça, a qual será o sinal de teres estado conosco.

Beltrão foi outra vez arrastado pelo buraco até a galeria, onde o deixaram mais morto que vivo, estendido sobre as lajes. No dia seguinte, chegando à feira, achou um pretexto para separar-se do mestre cozinheiro, e correr à Rua da Palma, onde com facilidade encontrou a casa de Samuel.

Desde então puseram-se os presos em comunicação com os rabinos da Bahia, por intermédio de Beltrão. Samuel em nome de seus confrades prometera aos flamengos todo o auxílio possível; e essa promessa era tanto mais sincera, quanto os judeus da cidade do Salvador não eram nessa empresa estimulados unicamente pela fraternidade religiosa, mas por graves interesses próprios.

Só esperava pois a conspiração a oportunidade favorável, quando Staed enfermou perigosamente de um mal que o levou havia três dias; assim não pôde ele ver o resultado de seus esforços, e gozar das auras da liberdade por que tanto ansiava. Este triste successo afervorou o zelo de Samuel; pensou que a morte podia arrebatá-lhe os outros dois flamengos em quem depositava as maiores esperanças.

Foi pois concebido o plano que já estava em execução; mas era necessário que os presos fossem advertidos em tempo, e esse era o motivo da impaciência de Samuel enquanto não chegava o bicho de cozinha. Brás tinha-se encarregado de mandá-lo avisar de véspera para que no domingo cedo estivesse na taberna.

Beltrão às palavras do taberneiro voltou-se, e viu sentado à mesa o respeitável ancião, que lhe fez sinal de aproximar-se. Obedeceu o moço, saltando na pontinha dos pés; e por muito tempo agachado aos pés do rabino escutou o que lhe ele dizia com a atitude de um vaso que se coloca embaixo da bica a fim de aparar os pingos do azeite. Afinal ergueram-se ambos; o bicho partiu a correr para as bandas da ribeira, e o rabino seguiu em direção a casa.

O taberneiro por seu lado também se pôs ao andar da rua, a desempenhar certa incumbência relativa à ceia: era essa de convidar a parte feminina do bródio, no que era ele mais que ninguém esperto e ladino, apesar da disposição mui terminante da ord. do liv. 5.º, letra morta como tantas outras leis passadas, presentes e futuras que se intrometam a moralizar costumes por meio de castigos.

Depois de correr a coxia, por becos e ruelas, chegou afinal o judengo a uma baiuca lá para as bandas da vila velha, conhecida do vulgacho por Casa da Bruxa. Entrando, achou dormitando a um canto escuro, de companhia com um gato

preto e uma galinha, a decrepita feiticeira, que mal se podia arrastar sobre a enxerga.

— Onde está Zana? perguntou o Brás.

A velha abriu uma nesga das pálpebras, e recaiu na modorra; mas o gato miou, a galinha cacarejou, e a este sinal apareceu a mulher que já vimos no dia de Ano-Bom, a mesma a quem buscava o taberneiro.

— A ceia é para esta noite! disse ele.

— Já sabia antes que viesses.

— Sim, pois que és bruxa!... O teu homem é o ajudante, o Bezerra, não esqueças. Conheces-lo tu?

— Nada me é oculto, querendo eu, bem o sabes!...

— Guarda lá para ti as tuas artes de berliques e berloques que ninguém agora carece delas; do que se carece é da tua casquilharia, rapariga, que nisso de embeijar um homem e pô-lo mesmo a babar, és mestra aprovada. Isso sei-o eu!...

As palavras do taberneiro pareciam uma zombaria amarga a quem contemplasse a figura hedionda e o rosto repulsivo da feiticeira; ela própria ouvindo o elogio de sua torpeza cobriu-se de um sorriso lutuoso:

— Fizeram-me assim!

— Então logo ao escurecer lá te espero.

— Lá serei!

— O que tens a fazer pouco é. Carece-se cá para certa brincadeira das roupas do ajudante, e que o homem não se lembre delas antes de meia-noite. Entre mulher e botelha isto é nada! Que dizes?

— Tudo será à medida dos teus desejos.

Entretanto o herói da festa para quem a grande ceia se aprestava, D. José de Aguilar, passara o dia na tão natural impaciência de quem esperava o bocado régio no banquete do amor, para ele preparado pelo velho Samuel. Da perfídia de que pretendia servir-se, nem mais cuidou; sua consciência, já não a toldava a falsa jura que dera, que o arrependimento prévio lavava-lhe a mácula de tão leve pecado; tinha a mente cheia unicamente das lucubrações eróticas e das delícias voluptuosas de que fruía a antegosto.

Seriam cerca de quatro horas, no pino da sesta, quando o oficial descendo à ribeira, afretou ali um barco para o conduzir ao Castelo de Santo Alberto. O Tenente Bezerra que o não esperava, foi alegremente surpreendido, e mais ainda quando soube o fim da visita. Não deixou ele de fazer o mesmo reparo que todos os outros convidados sobre o imprevisto e descostumado da ceia. O alferes era pouco dado a essa casta de prodigalidade; seu dinheiro todo era

pouco para o imenso sorvedouro do jogo. Mas afinal de contas um dia não são dias; e nada mais natural do que um fidalgo rico divertir-se em companhia de seus amigos.

— Pois lá me tereis em sendo noite, D. José! respondeu o ajudante ao convite.

— Iremos juntos, visto que o batel em que vim já o despachei, retorquiui sorrindo o alferes, e estou não me quereis pôr a nado para a terra.

— Bofé que não; sobretudo hoje que tanto careceis de forças e calor!

— Descansai, maganão, que muito vos deixarei ainda para fazer!...

— Em que vamos nós passar este resto de tarde? perguntou o ajudante. Praz-vos uma partida de tábulas?

— O jogo sempre me praz, ou de tábulas, ou de cartas, ou de dados; é a minha paixão! Não conheço outra!

— Andai lá! E a vossa judia da Rua da Palma?

— Passatempo, e nada mais!

Os dois amigos recolheram ao camarim do ajudante e começaram a partida de damas. Já a tarde ia-se anuviando, e os primeiros relâmpagos lambiam longe a face tímida e

bronzeadas das nuvens acasteladas no horizonte. O sol rubro e incandescente afogueava o céu e os mares das bandas do poente. Com pouco o vento levantou, e foi alastrando pelo azul do firmamento o manto da tempestade; toldaram-se os ares; o trovão rugiu no bojo da borrasca, e o eco respondeu na profundidade dos mares.

— Excelente noite que vamos ter!... exclamou Bezerra tirando os olhos do tabuleiro para levá-los ao horizonte.

— É verdade!... Nem feita de encomenda a teríamos melhor! respondeu o alferes.

— Poucas coisas me prazem tanto neste mundo como uma festa no meio de uma tormenta. É quando o homem se mostra verdadeiro homem. Se eu fora rei ou príncipe, nunca dera outras.

No jogo assim adubado pela amistosa palestra foi decorrendo o tempo até escurecer; a corneta da guarnição tocou Ave-Marias; rendeu-se o quarto das sentinelas, e terminada a lida diurna entrou a faina da noite. O sargento de dia apresentou-se à porta do camarim, como costumava, para receber o santo que devia servir durante a noite.

— Vindes pelo santo, sargento?

— Às ordens, sr. ajudante.

— Vá em honra de vossa visita, D. José! disse o tenente. Achegai-vos sargento.

O inferior avançou dois passos medidos e cadenciados, e introduziu a cabeça entre os rostos dos dois jogadores para receber no ouvido a senha esperada. O tenente soprou-lha ao ouvido, mas de modo que o amigo pudesse ouvir distintamente a frase:

— São José nos guarde!...

Meia hora passada, o escaler do castelo largava para a ribeira tirado a seis remos de voga e levando a seu bordo os dois amigos; a tempestade corria já sobre a cidade, e a travessia foi difícil e trabalhosa; mas afinal venceram os vagalhões e abicaram à praia. D. José e seu convidado encaminharam-se dali à taberna do Brás, onde acharam reunidos e esperando os mais companheiros do bródio. Enquanto não chegava a hora da ceia marcada para o toque de recolher, deviam encher o tempo no jogo.

Ao entrarem todos para a casa da tavolagem, chamou mestre Brás ao alferes de parte, e apresentou-lhe uma bolsa ricamente bordada a fio de ouro, cravejada de pérolas, e além de tudo tão recheada de dobrões e pistolas, que as malhas de repuxadas quase deixavam escapar as moedas.

— Tive incumbência de entregar-vos em mão da parte que sabeis, e bem assim de enchê-la todas as vezes que se

esvaziar esta noite!...

D. José ficou atalhado, já da generosidade do judeu usurário, já de ver o Brás até certo ponto na confiança do pacto secreto feito por intermédio de Raquel; mas como ele tinha a alma bastante elástica para conter mais esse pecadilho de jogar à custa do usurário, a quem ia enganar, levou as coisas de risota e chalaça.

— Já vejo que é a bolsa encantada que me enviam!...

— Acertastes; pois foram dedos de fada que a bordaram!

— E o gadanho de Satanás que a encheu!... concluiu o alferes rindo à vontade, e seguindo a reunir-se aos amigos.

D. José jogava como príncipe, e perdia como o Grão-Turco. Três vezes a bolsa encantada foi virada ao avesso cuspiendo a última moeda, e outras tantas apareceu, como por milagre e de relance, novamente recheada de ouro. O alferes nadava em prazer; um desgosto porém teve ele, e foi de não poder ir até a décima ou vigésima bolsa, pois apenas estava a quarta em meio, parou o jogo e deu-se princípio à ceia.

Só nesse momento notou o irmão de Inesita a falta de D. Fernando de Ataíde entre os convivas; a alguém que lhe pediu novas dele e o motivo por que ali não estava, respondeu galhardamente:

— Penitência de noivo!... Deixá-lo!...

Invadiram os convivas a sala da ceia, onde acharam ordenado pelo gênio inventivo de mestre Brás um coro de lindas dançarinas, que depois de graciosos volteios vieram cada uma cingir com a cadeia dos braços torneados o colo do escolhido cavalheiro, e levá-lo assim, como Vênus levou Anquises, ao lugar do festim que lhe estava destinado.

Tangiam na Sé o sino de recolher.

O taberneiro, que tinha recebido de Samuel os competentes avisos, apressou por tal forma o bródio, e fez jorrar com tanta profusão o vinho do Reino e das Canárias, bem como os licores finos de Jamaica e Madagáscar, que não eram ainda as dez, e já todos os convivas de ambos os sexos flutuavam nos intermundos vaporosos dos sonhos báquicos, sazoados pelos êxtases amorosos. O próprio D. José não obstante a tenção em que viera, se deixara arrastar pelo exemplo sempre contagioso; e se o abandonassem ao seu moto próprio, é quase certo que ali se deixara ficar engolfado nas delícias presentes libadas no copo que empunhava e nos lábios que lhe sorriam. Se a lembrança de Raquel despontasse alguma vez na sua memória, o torpor que o invadia, sem dúvida apagaria a mimosa recordação.

Mas mestre Brás velava; e mais do que ele o velho Samuel, embuçado em amplo e negro manto, e oculto desde muito no vão de uma porta fronteira à taberna. A um aceno seu o taberneiro que pela rótula da janela não o perdia de vista, curvou-se e atirou uma palavra ao ouvido do alferes:

— São horas!...

— Hemm!... bocejou o fidalgo. Quais horas?...

— Raquel!...

— Ah!... sim!... Raquel!...

O taberneiro, sabido e perito na arte da bebedice compreendeu que o fidalgo chegara ao estado do copo d'água que uma só gota faz trasbordar; mais uma taça e caía em completa embriaguez. Era preciso fazê-lo erguer imediatamente da mesa, senão ficaria todo o trabalho perdido. Juntando a ação à palavra, o judengo agarrou o fidalgo pelo braço, como se o ajudasse a levantar, mas realmente forçando-o a isso.

— Aí estão à vossa procura para coisa urgente!... Se não me engano, gente de vossa casa!

Tomado de surpresa pela brusca ação, o alferes só deu acordo de si quando o vento frio do temporal refrescou-lhe a fronte, apagando os vapores alcoólicos. Recordou então o ajuste feito; reconheceu no vulto embuçado o velho Samuel, e apresentou-se logo ao espírito a imagem de Raquel; então todo o lêvedo sensual que o vinho e os beijos da cortesã haviam levantado no cérebro e derramado nas veias, voltou-se para a esplêndida beleza da judia. D. José seguiu silenciosamente a par de Samuel para a Rua da Palma; as lufadas da borrasca e o exercício restituíram a lucidez ao

espírito do oficial, sem arrefecer contudo o fogo intenso do álcool, apenas concentrado, que lastrava surdamente.

O alferes repassou na mente o seu plano simples; trazia na memória duas senhas; a verdadeira que ouvira do ajudante, e a falsa por ele inventada na travessia do castelo para a ribeira; nos bolsos trazia igualmente dois papéis, no do calção o original da nota do sargento-mor, e no do gibão uma paráfrase por ele adrede escrita e decorada com o título de cópia.

Por que motivo tinha o alferes no peito do gibão o importante documento de que o velho Samuel desejava uma cópia para seus fins secretos? Não era uma imprudência arriscá-lo consigo em ocasião tão melindrosa, quando ia em própria pessoa entregar-se nas mãos de inimigos?

O alferes não primava pela prudência e tino. Valente e fanfarrão, como era, tinha para si que não havia mais segura guarda de um tesouro do que fosse o seu peito defendido pela terrível espada; de resto professava pela raça judaica tão profundo desprezo, que nem por sonho admitira a possibilidade de erguer um desses réprobos a mão ousada sobre um fidalgo do seu sangue, e um oficial de El-Rei. De feito um caso desses importaria a expulsão dos judeus não só das colônias, mas talvez dos reinos unidos de Espanha e Portugal.

Ora, pela manhã quando lia o memorial de Diogo de Campos para ajeitar a falsa cópia acudiu-lhe uma ideia. Samuel que tanto insistia por esse documento tinha vistas largas; com a tenacidade e persistência peculiar à sua raça era natural que empregasse para obter o papel, todos os meios ao seu alcance, recorrendo talvez a mais de uma pessoa. Decerto seria esse o meio que tinha para verificar a fidelidade no cumprimento dessa parte da promessa.

— Nada, por segurança ponho-lhe o sequestro! disse consigo D. José.

E escondeu no peito do gibão o memorial, que ainda ali estava; desse modo acautelava duas coisas: a traição de outrem menos honrado que ele, e a prova que porventura pudesse ter o judeu de seu embuste com alguma cópia verdadeira do documento. Dessa forma, o venerável Samuel não tinha remédio senão acreditar na sua palavra, e deixar-se embaçar como um palerma para felicidade de sua filha Raquel e prazer de um honesto fidalgo.

Chegaram à casa da Rua da Palma, e subiram ao sobrado. Samuel, tomando o moço pelo braço, guiou-o pelos largos e escuros corredores; ouviam-se ressoar docemente uns ternos arpejos de gusla, que afinavam para a doce melodia. Parando em face de uma porta, oculta por espesso e custoso reposte, mostrou o judeu aos olhos deslumbrados do mancebo e através dos labores da madeira, um painel arrebatador.

A gentil e formosa judia descansava à moda das orientais sobre o coxim de damasco. O gracioso movimento do braço arqueando para dedilhar a gusla, acusava o rijo e palpitante contorno do seio esquerdo, prestes a escapar do decote, como um pombo da mão que o tem cativo. A ponta do pé, calçada em sandália de cetim, batia o compasso na banquinha de nácar ali posta, com a alâmpada de prata e a clepsidra dourada. Todo o mimoso talhe ondulava voluptuosamente com o fluxo e o refluxo do inquieto sentimento. Conhecia-se no sorriso vivace de seu lábio e no fogo surdo da pupila negra, que ela esperava com veemência um prazer já muito ansiado, um prazer soberano, digno de deusas.

A voz do judeu murmurou:

— Ela vos aguarda!...

D. José sentira a vista escurecer-se com os deslumbramentos daquele quadro. O sangue ardente e impetuoso que o vento arrefecera, precipitou-o para aquele aposento resguardado pela porta de arabescos. Samuel o conteve, travando-lhe do braço:

— Um instante, senhor meu. Permitti a vosso servo lembrar-vos que ainda não cumpristes vosso juramento!...

— Cumpri-lo-ei já neste instante!

— Aqui não; em lugar mais seguro. O prazer esperado, dizem que é como vinho guardado, replicou o judeu com um riso de Judas.

— Não faço cabedal de anexins, respeitável Samuel. São dez horas; mão para lá, mão para cá, vós o dissestes.

Proferindo estas palavras, D. José tirou da cinta a chave de ouro que lhe dera Raquel, e tateou para acertar com a fechadura.

— Ainda não são dez, retorquiu o judeu apontando para a clepsidra; e por isso ainda a fechadura não recebe a chave que vos deram.

De feito o relógio d'água, atrasado pelo judeu, marcava de menos um quarto; e a fechadura estava coberta por uma mola interiormente movida.

— Segui então, e aviemos, enquanto não me arrependo.

Samuel levou o moço a seu gabinete; e entrou para dentro da grade que à semelhança de uma gaiola de arame fechava o balcão. Inclinando-se diante do fidalgo, cruzou os braços ao peito, enquanto com o pé ia sorrateiramente cerrando o postigo da grade:

— Meu senhor pode agora, que estamos em lugar seguro, falar a seu servo; pois ele renova aqui seu juramento de entregar-lhe essa mesma noite sua filha Raquel, única

alegria de sua velhice, em troca do que lhe prometeu meu senhor.

— É depressa feito! disse o alferes resolutamente. O papel aqui o tendes; o santo ei-lo: *São Brás te valha!*

O alferes, isto dizendo, sacou a mentira escrita do bolso do gibão, como lançara da boca a mentira falada; depois encaminhou-se para a porta. Samuel que tivera tempo de lançar os olhos ao papel, atalhou-lhe a saída:

— Perdoe meu senhor a ousadia de seu servo; mas nem este papel é a cópia do memorial, nem foi o santo dado esta tarde o mesmo referido.

D. José ficou estúpido, e titubeou um instante; mas logo recuperando a sua arrogância, exclamou:

— Atreves-te, miserável judeu, a duvidar da minha palavra?...

— Somos nós tão vil ralé aos olhos dos cristãos, que não podem eles ter escrúpulo de embair-nos e faltar ao prometido. Pode acaso um cão se queixar porque lhe chama o senhor com afagos para de perto e melhor castigá-lo?... Não estranhe pois meu senhor, se seu servo se precaveu contra o engano.

D. José estava sobre brasas, desesperado de se ver escarnecido pelo judeu. Teve gana de desancar o mísero

velho a panos de bainha de espada, e tomar Raquel de assalto, já que a não pudera tomar por manha.

— Meu senhor está irado contra seu servo, e sem razão, pois foi ele quem faltou à jura e pecou contra seu Deus; e para que meu senhor não ceda à tentação de maior pecado ofendendo o inocente, vou pôr entre nós ambos uma barreira forte.

De um movimento Samuel bateu o postigo da grade de ferro, que o separava do alferes. Este tomou depressa sua resolução; era partida completamente perdida; nada mais restava senão baralhar as cartas e recomeçar nova:

— Pois nesse caso, venerável rabino, já que sois tão precatado e não depositais fé no que diz um cavalheiro, ficai-vos na vossa espelunca e vou-me na santa paz.

— Não pode ser assim, meu senhor; já é tarde demais para arrepender-vos do pacto que jurastes.

— Tarde, por quê?...

— Porque não só seu servo, mas outros irmãos seus e o taberneiro mestre Brás sabem o que meu senhor prometeu fazer em nosso favor.

— Por que lhes dissestes, infame Judas?

— Sem dúvida: vosso servo sabe que são precisos pelo menos os juramentos contestes de cinco infiéis para criar uma suspeita mínima contra um fidalgo!

— Enganastes-vos, miserável; a minha palavra só basta para aniquilar quantos mil juramentos fizesse a tua raça inteira, presente, passada e futura!...

— Diz bem, meu senhor, e seu servo o não contraria. Mas se além do juramento do judeu aparecesse a assinatura do fidalgo?

— A minha assinatura?

— Leia, meu senhor.

O judeu tomou a bugia, e alumiou de perto uma estante de cavalete onde estava estendida uma folha de papel; o alferes leu espavorido estas palavras escritas sobre a sua assinatura:

*Havendo eu, D. José de Aguilár, alferes de a cavalos do regimento desta Capitania da Bahia, feito um ajuste com Samuel Levi, mercador judeu, de lhe entregar domingo que se contarão 18 de janeiro, uma cópia fiel do memorial apresentado ao senhor governador pelo Sargento-Mor Diogo de Campos, sobre as fortificações da cidade do Salvador, e bem assim de revelar ao mesmo mercador o santo que for dado para a noite daquele mencionado dia,*

*no Castelo do Mar, para cujo efeito o dito mercador ordenará em a taberna de mestre Brás uma ceia à qual convidarei o Tenente Bezerra, ajudante do condestável do forte; e tudo isto mediante a cessão que me faz o referido Samuel Levi de sua filha Raquel, para dela usar e dispor como coisa a mim pertencente; por assim termos acordado, passamos este que assinamos ambos sem testemunhas por o caso não comportar, mas firmamos com o nosso juramento; e quando por qualquer acidente não cumpra eu com aquilo a que me obrigo;*

*Eu, D. José de Aguilar, declaro que contarei à vista deste a Samuel Levi, mercador judeu, a soma de cinquenta*

*moedas, de que me confesso seu devedor. Na Bahia, aos 17 de janeiro de 1609.*

*D. José de Aguilar.  
Samuel Levi.*

— Este escrito é falso! bradou o fidalgo abalando a grade. Por ele te levarei à forca.

— Não reconhece meu senhor sua firma, que ele mesmo pôs nesse papel em a noite de sábado?...

— Neste não, digo-te eu; o que assinei foi um vale.

— Ninguém tem culpa de que meu senhor não desdobrasse o escrito para lê-lo de princípio! disse o judeu dobrando o papel ao meio e apresentando-o tal como na noite da assinatura.

— Ah! cão!... vociferou o oficial. Tu me pagarás...

Continuou o moço a vociferar, cuspidando injúrias ao judeu; esse impassível esperava que passasse a tormenta. Realmente foi ela amainando pouco a pouco, e de todo esvaneceu-se com os ecos de uma voz maviosa que descantava ao som da gusla. O alferes esqueceu a sua situação para escutar enlevado.

— É sua voz que chama, meu senhor!... São dez horas!...

Uma alucinação passou pelo cérebro do alferes; ele tornou a ver o painel que desvendara o reposteiro aos seus olhos pasmos; o sangue bramiu: pareceu-lhe ouvir o gargalhar de uma voz satânica que lhe vazava n'alma esta palavra:

— Leve a breca a honra!...

Atirou ao judeu através da grade o memorial e o santo; o velho precipitou-se sobre o papel, que desta vez era mais do que ousara esperar, pois era o próprio original de Diogo de Campos. Da verdade do papel inferiu a verdade da senha; pois seria uma necedade do fidalgo deixar incompleta a sua traição, especialmente quando existia uma assinatura sua que o podia perder.

— Cumpri o meu juramento; cumpre o teu, miserável judeu!...

— Meu senhor tem a chave de ouro que guarda o cofre da mais fina joia; sua escrava só espera o aceno de seu senhor.

O fidalgo ganhou a porta do corredor; mal ele desaparecia, o rabino correu à câmara vizinha, abriu o postigo do balcão onde estava acororado um vulto, e repetiu baixo a senha. O desconhecido saltou na rua com o auxílio de uma corda e deitou a correr para as bandas da ribeira, onde chegou esbaforido. Um bote ali o esperava de leva remos; mal pôs-lhe o pé na borda já singrava o barco as ondas da baía à voga arrancada.

Fechado o postigo, Samuel bateu o gongo que reboando pela casa repercutiu no camarim de Raquel. Era o sinal convencionado para anunciar à filha que D. José havia desempenhado sua palavra. A judia sobressaltou-se como uma gazela nos desertos de areia sentindo o sopro abrasador do simum, e de um salto se arrojou à porta e correu a mola interior. O fidalgo introduziu a chave de ouro na fechadura; logo após entrou no suntuoso camarim. Raquel já tinha voltado à sua primeira posição.

O rabino depois de tocar o gongo, escorregou pelo escuro corredor como uma sombra; pelo arrendado da porta assistiu mudo e estático à profanação do aposento virginal de sua filha. Ganhou então o próximo gabinete, e colocando o ouvido a um canto da tapeçaria, onde existia uma porta falsa, empunhou com gesto de ferocidade um longo cutelo que trazia oculto no seio da oparlanda.

— Jurei que lhe entregaria Raquel, e meu juramento está cumprido, Deus de Abraão e de Jacó! Mas também, Senhor, eu jurei em vosso nome muito antes, que traspassaria o coração do primeiro homem cujo lábio impuro maculasse a flor de meu cândido lírio!...

A essa hora estavam ocorrendo no Forte de Santo Alberto acontecimentos que têm íntima ligação com este drama.

O bicho da cozinha, Beltrão, na forma do costume, se estirou no canto escuro da galeria, onde todas as noites refocilava o cansado corpo; desta vez porém estava ele bem esperto, e repetia no bestunto as palavras que pela manhã ouvira da boca do venerável Samuel. Pouco havia que ali estava estirado, quando se ouviu o tris de uma pedra roçando na outra: era ele que levantava a laje da mina.

Soou o murmúrio de uma prática surda e subterrânea, porque o Beltrão de um lado e Hugo do outro falavam com meio corpo mergulhado no fosso.

— Alvíssaras!...

— Por quê?

— Boa-nova vos trago.

— Qual?

— É para hoje... para esta noite... Não tarda mais nem um instante.

— Mas o que, labrego dos seiscentos demônios? Desembrulha esta língua duma feita!

— O quê... O que havia de ser mais senão o por que piançais! Pois ainda não vos bateu a titela? Ora, se bateu! Aí estais já vos espojando e lambendo como boi solto!

— Vistes hoje Samuel?

— Se vi!... Pois ele foi que mandou-me a dizer-vos que estejais pronto ao primeiro sinal... como quem diz, ao frigrir dos ovos.

— Prontos já cansamos de o estar.

— Ora descansareis.

— Que sinal é esse de que falas tu, casmurro?

— Sim!... Esta noite, em pendendo lá para as dez, há de vir por aqui um certo sujeitinho, que o velho lá sabe. Entonces o dito cujo fará arte de embetesgar por este corredor, e passando rente cá com a pessoinha do Beltrão, lhe resmungará o santo!... Entendeis agora?...

— E depois?... Acaba, sandeu!

— Depois?... Pernas para que te quero?... Sape!... Um depois do outro até o camarim do ajudante!

— Do ajudante?...

— É o que disse o velho! Lá encontrareis com o dito cujo, e do mais não sei eu. Estais correntes com a história?

— Esperai!... Às dez horas o santo... daí a pouco tu adiante, e nós em seguida até o camarim do ajudante... lá, o sujeito.

— Pa, pa, Santa Justa!...

— Que horas cuidas tu que sejam?

— As ditas não tardam.

Cessou o murmúrio.

Instantes depois ouviu-se o som dos remos cortando as águas; um batel se aproximava, que em três arrancos tocou as abas do Forte São Marcelo.

— Quem vem lá? gritou a vigia do alto da guarita.

— Do castelo! responderam.

Já toda a guarnição do forte estava recolhida. As sentinelas supuseram com razão que era o ajudante que se recolhia, e com ele trocaram o santo sem a menor suspeita; entretanto

o Tenente Bezerra estava a essa hora ébrio de vinho e amor na taberna do Brás. O misterioso personagem que o representava tinha seu porte, e trazia vestidas suas roupas. Subindo a escada de pedra, dirigiu-se ao camarim, e com a chave que tirou do bolso abriu a porta. Em vez de entrar porém contentou-se com empurrá-la, e prosseguindo a marcha fez volta ao castelo, descendo afinal ao pavimento inferior.

Zeloso no cumprimento de seus deveres, embora fraldeiro, o ajudante não recolhia noite alguma sem passar ele próprio a ronda para assegurar-se de estar cada um em seu posto e alerta. O passo do desconhecido não causou pois o mínimo reparo, como coisa usual que era. A cada alabarda calada aos peitos, murmurava o santo com autoridade, e a arma abaixava respeitosa para deixá-lo passar. No corredor que dividia os cárceres, a espada do oficial arrastou no chão, e ao som produzido escorregou uma sombra da parede.

— És tu, casmurro?

— Sou eu, senhor, sim.

— Ouve bem. *São José nos guarde!* respondeu o oficial em voz submissa.

Adiante encontrou o pseudoajudante uma sentinela:

— Quando aqui passarem três mosqueteiros, dizei-lhes que apressem.

— Entendido, sr. ajudante.

De volta ao camarim o desconhecido esperou alguns instantes até que se apresentaram dois soldados guiados por Beltrão. Despedido o bicho de cozinha, entraram os três e fecharam por dentro a porta, tendo o cuidado de tirar-lhe a chave.

— Dois somente?

— Somente.

— E o terceiro?

— Não sabeis?... É finado há três dias!

— Ah! não me disseram. Como vos chamais vós?

— Dick.

— E vós?

— Hugo Antônio.

— Pois, camaradas, eu venho da parte de Samuel; já fiz o que prometi; o resto depende de vós e da sorte. Há muito tempo vos não banhais decerto?... Pois à água!

O Anselmo foi tratando de despír as roupas do ajudante em que se enfronhara; os dois presos fizeram o mesmo às

fardas de mosqueteiros com que se disfarçavam.

De tudo arranjam uma trouxa e pela janela do camarim a atiraram aos marujos do batel, que esticaram os remos, afastando-o lentamente do forte. A vigia viu da guarita o barco vogar para terra e não lhe deu atenção, nem reparou que a algumas braças do castelo estacara sobre as águas, apesar de continuar o jogo dos remos.

Os três haviam ficado completamente nus; então o salteador desenrolando a longa corda que trazia à cinta, atou uma das pontas ao gonzo da janela, deixando a outra escorregar pela muralha abaixo. Passar ao pescoço a correia da chave do camarim, galgar a ombreira e escorregar pela corda foi para ele negócio de um minuto:

— Este é o caminho, gente!...

Os companheiros, um após outro, foram-lhe na esteira. Ouviu-se o marulho das ondas quando tragam alguma presa, e logo a esfrol da espuma que argenteava ao longe em três pontos sucessivos, como se algum peixe folgasse à tona d'água. O barco recuara silenciosamente para mais depressa receber os fugitivos que o buscavam a nado; conseguido o que rompeu a voga arrancada para terra.

Na ocasião em que passava a cena anterior, um vulto ligeiro e cauteloso aproximou-se da porta do camarim, e conhecendo pelo toque que ela estava fechada

interiormente, dobrou o ângulo do aposento, e achegou-se à linha das ameias. Debruçando para ver o que passava exteriormente, sua mão apalpou um corpo, que pelo calor lhe pareceu animado e pelo estofado das roupas de criatura humana. O vulto recuou de espanto; mas vendo imóvel o indivíduo suspeito, serenou, acreditando-o adormecido. Realmente a posição em que se achava era indicadora do sono profundo de quem estivesse morto de fadiga.

Entanto abicava o batel à Ribeira. Durante a travessia os dois fugitivos tinham vestido de novo as fardas de mosqueteiros; e o Anselmo o seu traje costumeiro, deixando sempre em trouxa as roupas do ajudante. Ao saltar em terra o salteador dissera ao patrão da chalupa:

— Ao toque d'alvorada cá estaremos, Pedro!

— Não tendes mais que dar o sinal! Heis de nos ver daqui amarrados à boia.

— Manda comigo um dos remeiros para trazer-te com que passar o tempo até lá.

— Bem lembrado, Anselmo. Leva o Inácio!

O filho da Eufrásia pôs-se a caminho para a cidade ladeado pelos dois falsos mosqueteiros e seguido pelo remeiro; quando galgavam a Ladeira dos Padres, pareceu-lhes ouvir o som de passos atrás, e voltando-se para conhecer se eram seguidos, lobrigaram na sombra um vulto que desapareceu

rapidamente, deixando-os em dúvida sobre sua natureza. Na posição em que se achavam tudo era para temer; e apesar de bem armados prosseguiram suspeitosos, investigando a cada instante com olhares inquietos as trevas que os envolviam.

Mais adiante tiveram ainda novo motivo de susto. Uma sombra passara ligeiramente pelo lado oposto da rua e tão rente da parede que só a perceberam quando ia já adiante; os movimentos eram de gato, mas o tamanho do corpo fazia acreditar antes que fosse algum cão. Um dos escapos ainda bateu com o pé na calçada soltando uma exclamação para afugentar o animal, que desapareceu subitamente.

Chegados perto à taverna do Brás, o Anselmo deixou à esquina os dois flamengos e o remeiro; e só, adiantou-se para a espelunca. Arranhou com a unha a folha da janela que logo a abriram, aparecendo a cabeça de fuinha do mestre Brás:

— Então, Anselmo, como vos correu a embrechada?...

— À maravilha!... Cá estão na esquina; não os vedes daqui?...

— Bravo!... És um tunante, Anselmo!... Depois me contareis tudo pelo miúdo; agora não há tempo a perder.

— É mesmo!... Aqui tendes as roupas do ajudante e mais a chave.

— Ainda lá está roncando que nem porco... A Zana é uma matreira!... Como o arranjou... Hem!...

— Cá me vou ao velho barbaça!... Ai! vem aí um remeiro para levar algum petisco e a competente pinga à gente!

— Pois ainda mais do que já receberam, Anselmo?

— Quem trabalha precisa, Brás. Cuidas que remar uma noite inteira é cochilar ao balcão surrupiando os cobres aos fregueses?...

— Para te engordar a ti, ruim besta!

O Anselmo não ouviu bem a fineza; pois no passo em que ia já estava com os companheiros parados na esquina à sua espera.

— Inácio, vai ao Brás que te chama; e olho vivo!

Dali seguiram os três para a Rua da Palma.

Na casa do mercador judeu dava-se então a peripécia da cena que deixamos em jogo.

D. José de Aguilár, penetrando no camarim de Raquel, correu a ela, e sentando-se ao lado no divã de seda, quis cingir-lhe a cintura com o braço. A moça furtou sutilmente o corpo a essa carícia grosseira, voltando para o oficial um rosto onde o sorriso orvalhava a mais soberba indignação.

Logo porém velando essa expressão de sua alma, disse com um tom de voz doce e trêmulo:

— Escute meu senhor, o que sua serva lhe pede.

— Senhora minha e não serva, sois vós, formosa Raquel! Ordenai pois a este cativo vosso.

— Jurei que vos havia de pertencer...

— Esta noite e não mais tarde!

— Neste mesmo instante!... Mas esperava eu e ainda espero que meu senhor fizesse à sua serva menos duro o sacrifício, de modo a não parecer a prova que lhe ela dá de seu amor, pura mercê e salário de feio tráfico!

— Que quereis dizer, formosa Raquel? Explicai-vos melhor.

— Lembre-se meu senhor, que até este instante ainda não lhe ouvi as falas de amor, que tão doces dizem ser!

— Não é minha a culpa, decerto, pois nunca me destes a ocasião.

— Agora que a tendes, dai-me este gosto. Esta que deve em pouco pertencer-vos de corpo e alma, antes quer-se conquistada e rendida ao encanto de vossa palavra, do que

vencida à força de seu juramento. Tereis ânimo de negar-lhe tão pequena graça?

— Seja como quereis!

O alferes começou então a desfiar o longo rosário de protestos e juramentos inventados para uso dos namorados; apesar de pouco prático em aventuras galantes, não lhe esqueceram as comparações mitológicas, muito em voga ainda naquela época do amor clássico. Raquel o ouvia com as pálpebras meio cerradas, e um sorriso inexprimível a borboletear nos lábios soabertos. Samuel, testemunha oculta da cena, apertava entre os dedos hirtos o cabo do cutelo, enquanto a outra mão calcava a mola da porta falsa.

A um lado do aposento tinham posto um bufete carregado de doces, frutas e vinhos. A formosa judia, como enlevada pelas falas do amante, travou-lhe da mão e o levou até a mesa; sentaram-se ambos. Ela ergueu um frasco de vinho da Madeira e encheu a taça do alferes; partindo depois entre os dedos um figo passado, cujas migalhas babujava com os lábios purpurinos, continuou a ouvir as futilidades que o fidalgo enfiava umas sobre outras.

Muitas vezes D. José parava, julgando ter dito bastante, e dava mostras de passar à realidade de suas esperanças; mas a judia repelindo a mão afoita com gesto decidido, suplicava-lhe ao mesmo tempo com o olhar e a palavra que continuasse:

— Mais!... Ainda mais!... Acabai de render-me! Fazei-me vossa d'alma, antes que o seja do corpo.

E o fidalgo, apesar de sua impaciência, sentia prurir-lhe a vaidade do namorado, e continuava nos seus ridículos protestos de amor.

Afinal a clepsidra colocada sobre a mesa deu sinal que uma hora era passada desde a entrada do alferes. Vendo a última gota do róseo líquido, que escoava da ampulheta superior, Raquel ergueu a fronte com uma expressão singular. Havia nessa vibração da cabeça alguma coisa do colear da serpe quando se enrasta para lançar o bote.

— Basta, disse ela, já vos ouvi de sobra... Ouvi-me vós agora!

— Com o maior prazer, formosa Raquel!

— Sabei, cavalheiro, que eu vos quis desde o primeiro instante em que vossos olhos se puseram em mim. Não sei ainda hoje como isto foi; somente sei, que vendo-vos pareceu-me reconhecer-vos por aquele que meu coração esperava desde menino, e com quem se habituara a sonhar e folgar.

— Outro tanto me aconteceu!

— Mísera judia, saída embora de gente mesquinha e desprezada, eu pagava em admiração o desprezo em que

vossos irmãos têm os meus. Nobreza, honra, valor, generosidade, todas essas virtudes que eu julgava terem nascido com a raça cristã, todas amei-as em vossa pessoa. Fostes para mim o tipo dos heróis da cavalaria, que desde a infância me acostumei a adorar, enlevada na história de suas façanhas e brios.

— Igual vos amo eu, formosa Raquel! Para mim sois a imagem da beleza...

— Deixai que prossiga: é agora a minha vez. Sim, adorei em vós a flor de meus sonhos, o lírio de minha alma! Imaginai qual deva ter sido meu martírio reconhecendo no amado de meu coração um indigno de sê-lo!

— Indigno, dizes?...

— Julgai-o!... Amava em vós a honra, e falistes dela, traindo a pátria vossa e os votos a ela jurados.

— Donzela, calai-vos!... disse o alferes rangendo os dentes.

— O valor de que me orgulhava não o conheceis, pois tremestes e descorastes ante a ameaça de um velho. Nobreza e generosidade, não as tem decerto, quem se rebaixa a torpeza tal, que envergonharia o mais vil.

— Não vos está bem a vós, Raquel, por quem tudo esqueci, lembrar-me e tão duramente quanto me custa o amor que vos tenho!

— E quem melhor, senão aquela que deve medir pela grandeza do sacrifício a grandeza do afeto, a fim de o recompensar dignamente?

— Nesse ponto tendes razão... E assaz de palavras: é mais que tempo de cumprirdes o vosso juramento, o meu há muito já o foi!

Raquel erigiu a bela estatura, arqueando levemente o busto como o colo do cisne quando rompe a onda límpida; cravados então os olhos no alferes, seu lábio frisado pela cólera trinou uma risada de escárnio, que salpicou o semblante de D. José como um borrifo de fel.

— Meu juramento?...

— Rides?

— Se o caso é de rir!... Quem somos nós para que entre ambos se fale de juramentos e empenhos de honra?... Vós um traidor infame, eu uma vil barregã... ao menos por tal me julgais!...

— Não inventeis à minha conta pretextos para vossa aleivosia!

— Mentistes então quando dissestes que me tínheis amor?... De qualquer outra mulher poderíeis supor que vos sacrificasse a virtude para benefício de seus irmãos... Da mulher amada, nunca; tal sacrifício fora impossível a mim

fazê-lo e a vós aceitá-lo!... Como pois crer e esperar que cumprisse semelhante promessa outra mulher que não uma como há pouco deixastes, abandonada de todo o pudor e vergonha!...

— Que nome tem esse embuste que empregastes para enganar-me?... Dizei-o, vós que pareceis tão entendida em pontos de honra.

— Fostes vós mesmo, não eu, que vos enganastes!... Devíeis ter visto nos meus olhos, sentido em minha voz e em toda a minha pessoa, o desprezo que me inspirastes! Se apesar disto acreditastes nas palavras que ouvistes, a culpa é vossa, ou do vosso destino que vos engana. Que fé traz um juramento que importa o sacrifício da honra?

— Em todo o caso vos aproveitastes da minha credulidade para obterdes o que desejáveis, vós e o velho casmurro de vosso pai?

— Tive, é verdade, este escrúpulo; mas desvaneceu-se lembrando-me que aos homens de vossa estofa paga-se em dinheiro. Dizei-me quanto ainda vos restamos?

— Ah!... rugiu o oficial sacando o punhal. Não esperes burlar-me, judia. A tua vida e de teu pai me respondem pelo cumprimento da promessa.

— Também vos posso pagar nesta moeda, de tão vil preço para mim como a outra. Aqui tendes esta vida que antes de

vosso buído punhal já trespassou vossa infâmia!

Isto dizendo, a donzela ofereceu ao golpe a branca e formosa gorja, que ondulou como um colo de garça.

— Não me entendes! rugiu o alferes. O punhal é para teu pai se opuser-se a meu intento. Para ti bastam-me as mãos... Tu me pertences; comprei-te com a minha traição; já que não te queres entregar de vontade, te constrangerei a isto!... É o meu direito.

— Desafio-vos a que dêis um passo para mim!...

D. José de Aguilar fincando as mãos no bufete, ergueu-se a custo, e com o passo trôpego dirigiu-se para onde estava a donzela. Por detrás dele a porta falsa abriu-se de repente, e apareceu no escuro a figura sinistra do velho Samuel, brandindo o cutelo com um gesto feroz.

Raquel sorriu.

— Não é preciso ferro, pai!... O Senhor e sua força são comigo!

Com efeito o fidalgo apenas promovera dois passos pelo aposento, sentiu faltar-lhe as pernas, e caiu por terra; ainda esforçou para erguer-se, mas um torpor geral invadiu-lhe o corpo e o estendeu num pesado letargo. O mancebo havia nessa noite bebido demais, é certo; porém o desfalecimento de forças que o prostrara não tinha visos de embriaguez

unicamente; parecia mais natural que a ação do álcool fosse ajudada por alguma droga.

Era justamente na ocasião em que dava-se esse desfecho, que chegaram à Rua da Palma o Anselmo e os dois flamengos. Ao ressoar das pancadas convencionadas, o rabino arrancou-se às emoções que ainda o dominavam, e cerrando a porta do camarim, correu a abrir. Os vindiços entraram, e a porta foi de novo fechada.

— Esperai aqui! dissera o rabino a Anselmo no topo da escada.

Guiou então os fugitivos ao aposento próximo do camarim da filha, e ofereceu-lhes vinho, que ambos aceitaram:

— O tempo nos é contado, senhores; só podemos dispor de duas horas, pois é necessário que antes de alvorada estejais com vossos irmãos, que vos esperam para dar a vela. Para que vossa atenção chegue a tudo que a reclama, força é que se divida; enquanto um de vós aqui estiver para ouvir o que nossos irmãos desta Bahia vos incumbem de levar a Amsterdam, o outro conduzido por guia esperto, o mesmo que vos trouxe, correrá à cidade a fim de tomar dela uma notícia exata que complete o plano e memória de que sereis portador, cujo vos confiaremos o próprio original que obtivemos.

— Irei eu, que menos entendo vossa língua, e mais prática tenho de assédios que este amigo Hugo Antônio.

— Parti então quanto antes.

Pouco depois abria-se a porta, e Dick guiado por Anselmo perdia-se nas trevas da noite, seguindo na direção de São Bento. Aí, fora de portas, num tejupar, acharam cavalgadas preparadas adrede pelo judeu. Samuel entanto guiava Hugo Antônio ao recôndito aposento, onde estava reunido o sinédrio dos rabinos; deixando-o aí por um instante em companhia dos veneráveis irmãos, tornou ao camarim da filha.

Raquel, depois do desfecho da cena anterior, ficara reclinada sobre o coxim, imersa em tristes cogitações. Afinal, porém, espancando o torpor que lhe incutia o pesar, ergueu-se resoluta, e recolhendo nas gavetas do trumó suas joias, fechou-as em um pequeno cofre de filigrana de prata, obra da Índia. Nesta ocupação a veio encontrar o pai.

— Filha, que faremos do cadáver deste perro cristão?

— Vivo é, pai; está apenas adormecido!

— Ah! exclamou o judeu.

— Para que matar tão infame criatura? Seu maior castigo é a vida miserável e ignóbil que vai viver!

— Para nosso mal!

Raquel ergueu os ombros com indiferença.

— Tomai este corpo, pai, e alijai-o lá na lama da rua. Amanhã a gente que passar, e o vir assim espojado, cuidará que ao recolher do bródio ali caiu ébrio!

O velho judeu envergou aos ombros o corpo adormecido do fidalgo, e saiu com ele para cumprir a recomendação da filha. D. José de Aguiar foi atirado ao chão no fim da Rua da Palma. Raquel da janela acompanhou com os olhos o rabino, até que ele tornou ao camarim:

— A empresa foi bem sucedida, pai?

— À medida dos nossos desejos e esperanças.

— Então os flamengos estão livres?

— Da prisão já; mas não do perigo. Enquanto permanecerem na cidade tremo pela sua segurança.

— Quando partirão eles?

— À uma da madrugada.

— Iremos em sua companhia.

— Para onde, filha?

— Para Holanda!... Depois do que é passado, nem Samuel, nem sua filha, podem mais viver nesta terra!

— Mas é a terra de tua criação, Raquel!

— E amanhã seria a do nosso suplício e túmulo! Não! basta já que nela fique sepultado meu coração!

— Pensais que o traidor cristão ouse denunciar de nós?

— A vingança do vil e o punhal do assassino ousam tudo, pai! Neste cofre estão as minhas joias; forra-te de ouro, tanto quanto te for possível levar, e à uma hora, partiremos. Vai; fico te esperando.

O rabino voltou ao sinédrio.

Raquel embuçando-se em ampla e rica peliça, abriu as adufas da persiana, e recostando a face no umbral da janela, engolfou os olhos no azul recamado de estrelas. As lágrimas em fio deslizavam mansamente e rolavam como pérolas pela face polida da seda.

Essas lágrimas eram o degelo de uma alma que o desengano invadira súbito; eram pesadas como os caramelos que os primeiros calores do sol despregam dos galhos das árvores. Quando a última lágrima tombou, o coração estava estanco de amor; apenas lá ficou a corrosão de um sentimento que se derranca e azeda, como o vinho em vinagre.

À hora em que a tempestade amainava da sua primeira fúria, Mariquinhas dos Cachos levantava-se do canto da janela onde estivera a rezar, e punha a ceia na mesa. A seu chamado acudiram João Fogaça e Cristóvão, que estavam praticando na varanda. O capitão de mato dava ao amigo um abraço em que este já quase restabelecido se apoiava apenas por prazer.

Sentaram-se à mesa. João Fogaça comeu com o apetite valente dos homens cuja vida é o movimento constante; a moça com o desembaraço e a singeleza da gente do povo; Cristóvão devorou uma juriti que a sua hóspeda cuidadosa mandara assar de espeto para desenfatiar o doente. Sobre essa refeição consentiu o capitão de mato que bebesse dois dedos de vinho generoso.

Terminada a ceia, a viúva guardou os arranjos, e puxando a candeia para a outra extremidade da mesa, começou a fiar, enquanto na cabeceira os dois amigos continuavam numa dúbia claridade a prática interrompida.

— A verdade é, João, que fazem hoje quinze dias; e ainda não descobristes modos de passar a Elvira um recado meu!...

O sertanejo pôs-se a assobiar entre dentes, o que era nele indício de mau humor.

— Se não fora Estácio, a esta hora nem saberia se ela me tinha em lembrança, ou já de todo me esquecera!... acrescentou Cristóvão com um suspiro.

— Bem vos propus um meio! Não aceitastes!...

— Qual foi esse?

— Cercar a casa uma noite, arrombar as portas, e trazer-vos aqui a dama dos vossos pensamentos!

— Isso é coisa que se faça, João? no outro dia, em que conceito haviam de ter na cidade uma donzela raptada a sua mãe?... Sem falar do perigo que haveria em uma tal empresa, para vós sobretudo!...

— Pois recusais os meios que me lembram, não lhe vejo mais jeito. É como para o livramento do amigo Estácio: chamo-o meu também, pois é vosso. Se deixásseis as coisas à minha vontade, assaltava uma noite o castelo com os meus cinquenta caboclos, e havia de o desenterrar de lá, ou não seria mais gente!

— Entendeis que tudo se leva à força neste mundo.

— Tudo, não; ainda que afinal tudo vem dar aí. Mas se vos confesso minha pouquidade, Cristovinho! Cá essa vossa gíria de cidade, não me entendo com ela. Falai-me de seguir o rasto a alguém no escuro da mata, alta noite ou fazer espera e descobrir as manhas de qualquer animal de dois e

quatro pés: aqui tendes homem para tanto. Mas embaçar os outros de palavreado e inventar artimanhas, não nasci para isso!

Cristóvão escutava distraído; parecia aplicado a uma ideia que lhe trabalhava o espírito. Em vez de responder ergueu-se resoluto e ágil:

— Pois quero eu ver se sou mais feliz!

— Que é isto?... Aonde vos botais?

— Vamos à casa de Elvira. Talvez o amor me inspire melhor do que a amizade a vós, João.

— Está para ver que eu consinta nesta imprudência; mal vos ergueis da cama e já vos quereis meter em cavalarias altas!...

— Desejo somente ver de longe a casa onde ela respira. Essa vista me curará mais depressa do que as vossas mezinhas.

— Não contesto a virtude dela; mas a experimentareis quando vos puderdes ter sobre as pernas!

— Ora, sinto-me forte, sobretudo depois que ceei!

— Nada! nada!... Basta já o susto que rapei por vossa causa.

— Repito: não há o menor risco! Sinto-me restabelecido de todo!... — Ainda eu não vos dei alta; portanto sois meu enfermo, e como tal me haveis de obedecer.

Cristóvão riu-se, e passou a mão ao chapéu do capitão de mato:

— Pois estais despedido de meu médico!... Entendei; se me não quiserdes acompanhar, irei sozinho.

Fazendo da espada bengala, o fidalgo se encaminhou à porta. Fogaça acompanhou-o resmungando.

— Eis o que procurastes, disse Fogaça amuado.

— Não é nada; um esmorecimento que já passou. O exercício me fará bem; há tantos dias que não ando...

O capitão de mato trançou-lhe o braço e quis voltar a casa. Cristóvão resistiu e com tal resolução, que o amigo não ousou contrariá-lo mais. Continuaram na direção em que iam, até trinta passos da casa de D. Luísa; procurando uma aberta entre as árvores, por onde se pudesse ver perfeitamente o edifício, Fogaça obrigou o mancebo a sentar-se ali para repousar, enquanto praticavam no assunto que os trouxera.

A habitação e os arredores, sepultados no silêncio e obscuridade, dormiam; mas uma luz baça velava no fundo de uma recâmera da habitação, e palejava a fresta oval da

última janela. Cristóvão embebendo os olhos naquele mortiço clarão, como se fora o reflexo melancólico e lívido da alma de sua amante, suspirou:

— É a janela de Elvira!

— Vede a grade que a garante; a outra da frente pelo mesmo teor. As portas constantemente fechadas e dobradas de trancas de ferro; o menor rumor que ouvem dentro, logo o tal que vos quis despedir põe a cabeça fora do postigo para espreitar. A casa está cheia de escravos negros e gente armada!... E quereis que se entre lá sem torcer uma orelha!...

Cristóvão já não o escutava; via a imagem de sua Elvira na ideia e trocava com ela as queixas mútuas de tantos dias passados em cruel aflição.

O capitão de mato ergueu-se de um salto:

— Alguém nos espia!...

Com efeito ouviram-se as folhas estalarem sob um passo sutil e ligeiro; o vulto esbelto de um homem surgiu na penumbra, e assomando em face dos dois amigos, abraçou Ávila.

— Estácio!... exclamou Cristóvão não podendo crer no que viam seus olhos.

— O governador consentiu afinal soltar-vos? perguntou João Fogaça.

— Não: mas soltei-me eu!

— Bravo!...

— Contai-nos isso!...

— Depois, Senhor Fogaça; agora urge negócio de maior importância, para o qual não me sobra tempo.

— Podemos nós ao menos ajudar-vos nele? perguntou Cristóvão. — Decerto; para isso corri até aqui em busca vossa. O acaso fez-me senhor de um segredo de Estado, Cristóvão, deparando-me a ocasião de prestar o maior serviço a El-Rei e a esta capitania. Se o consigo, irei ao governador, e remirei por tal preço e com honra a minha liberdade. Esta posição de fugitivo e escape de uma prisão me rebaixa a meus olhos!...

— É desagradável, sem dúvida. Mas que contaís então fazer?

— Preciso de armas, e de alguns homens resolutos que me acompanhem esta noite, dentro de uma hora, decididos a morrer ou levar ao cabo a façanha em que me empenhei. Esses homens, onde os iria eu buscar, de repente tão tarde da noite, fugitivo e sem recursos?... Lembrei-me que vós mos podíeis obter do Senhor João Fogaça...

— São vossos quantos quiserdes, dos cem da minha companhia, seu capitão inclusive.

— Obrigado! respondeu Estácio apertando a mão calosa do forasteiro. Bastam-me dez.

— Em meia hora os tereis.

— Se alguns já foram embarcações, prefiro esses, porque o negócio é no mar. — Bom; tenho justamente um contramestre para a lancha! É o meu capataz. Esperai-me um instante, enquanto me arredo para chamá-los; aqui estamos muito perto da casa.

João Fogaça afastou-se pelo matagal afora; e os dois amigos ficaram sós. Nesse instante a frouxa luz que esclarecia a janela oscilou como se a mudassem de lugar. Cristóvão estremeceu como a chama, pensando que ela se extinguia deixando em trevas sua alma e o aposento que iluminava. Esse movimento lembrou a Estácio o lugar onde estava e a situação de Cristóvão.

— Ainda não conseguistes vê-la? perguntou com terno interesse.

— Vê-la, a minha Elvira?... Não pedi tanto a Deus, Estácio, nem tanto ousei esperar!... Por feliz me dera se lhe pudesse mandar uma palavra minha!...

Cristóvão tirou do peito do gibão a página que escrevera na véspera.

— Que sejam tão impenetráveis aqueles muros, que apesar da dedicação de amigos e vigilância dos espias, não possa ali penetrar de mim nem esta delgada folha!...

O mancebo arrancou estas palavras do coração com um suspiro pungente. Estácio sentiu-se comovido desta mágoa, que o tédio da recente enfermidade exacerbava; e correu o olhar do papel que o amigo tinha na mão, à janela esclarecida. Da confrontação desses dois objetos ressaltou-lhe no espírito a ideia de aproximá-los realmente, e abrir a um passagem pelo outro.

— Dai-me este recado, Cristóvão.

Nesse instante ouvia-se o grito da saracura vibrar nos ares, e logo após o canto da ave. Era o sinal do capitão de mato chamando o capataz e dez homens.

Estácio apalpava o papel e experimentava nos dedos a ver se enrolava-o com facilidade: achou-o rijo por causa do dobrado.

— Não podeis abri-lo?

— Que pretendeis fazer, Estácio?

— João Fogaça não tarda. Em chegando ele vereis.

— Ei-lo aqui à vossa disposição! disse o forasteiro avançando.

— Ainda estão por aqui perto os olhos de coruja e o lombo de cobra que eu vi há quatro dias?...

— Por força. Cada um no seu posto! — Então temos o que é necessário. Onde há um índio, há um arco.

— Precisaís de um arco?

— Justamente!

Fogaça assobiou. As folhas rumorejaram, e o capim estaliu. Instantes passados uma bola despenhou-se do cimo de uma das árvores; um vulto saltou do lado; e uma sombra surgiu da terra. Eram os três sentidos do capitão de mato, o qual arrancando da mão de um deles o arco, deu-o a Estácio.

— Uma faca!... disse este.

— Serve esta?...

— Perfeitamente.

O mancebo diminuiu o tamanho da flecha por metade, e abriu junto à farpa uma racha bastante para aí passar o papel, que enrolou na seta. Cristóvão acompanhava em silêncio os movimentos do amigo; tendo já compreendido a sua intenção, esperava em ânsias o resultado da ideia, que

aliás parecia-lhe impraticável. Também o capitão de mato inclinava-se a este parecer.

— Agora é preciso que nos aproximemos!... disse Estácio experimentando a corda do arco.

João Fogaça o deteve:

— Esperai!... Aqui é pouca toda a cautela. Que estão eles fazendo agora na casa? perguntou aos índios.

— Ainda estão acordados, disse Olho, porque há luz embaixo da porta.

— Estão batendo pratos! disse Ouvido.

— Estão comendo! acrescentou Faro. Comendo peixe...

— Em qual parte da casa?...

— Na varanda de baixo; as vozes dizem.

— Não há ninguém no terreiro que nos veja?

— Ninguém.

— Então acheguemo-nos!...

— Conseguirás tu, Estácio? perguntou Cristóvão sentindo o coração palpitar-lhe.

— Esperemos em Deus, Cristóvão!

Aproximaram-se cautelosamente, com receio de espertar a atenção no interior da casa, até a borda do valado que duas semanas antes impedira o passo ao capitão de mato acorrido para salvar seu colação. A janela de Elvira ficava na distância de três braças, e a fresta esclarecida na altura de vinte pés.

Estácio examinou de novo a perspectiva da casa, e voltou-se para João Fogaça:

— Onde estão os vossos *olhos*? O capitão de mato segurou a cabeça do índio, como quem apanha um coco, e apresentou-a ao estudante.

— Vês tu, lá na fresta da janela, umas sombras delgadas?

— Olho não vê sombra; mas os ferros da grade que está por detrás do pau.

— Quantos ferros são?

— Dois, um que vai da cabeça ao pé, outro do ombro ao ombro.

— Em forma de cruz!... É, justamente o que me parecia. Agora sobe a esta árvore, e olha para dentro por todos os lados.

O índio grimpou pelo tronco acima como um macaco, e subiu até as ramas da árvore; daí viu ele uma nesga do soalho coberto com tapete, e o canto de um bufete onde havia uma bilha d'água, e uma pada intata sobre escudela de pau. Logo desceu para comunicar a Estácio essa observação, que arrancou um gemido a Cristóvão.

— Isto já sabia eu, mas vos não queria dizer para não afligir-vos!... murmurou João Fogaça.

O índio passara aos ramos opostos da árvore, donde podia enxergar de través um dos cantos do aposento. Ali viu refletida no espelho do trumó a imagem graciosa de Elvira, ajoelhada ao genuflexório na cabeceira do leito. A formosa donzela, desfeita do lindo parecer, com a melancolia esmaltada no rosto mimoso, rezava; mas de repente turbava-se o recolhimento e compunção de sua atitude devota; e uma ideia veemente arrancava-lhe um gesto de enérgico desespero. Sua mão arrebatava do seio, onde o tinha oculto, um papel, e esmagando-o entre os dedos convulsos, o erguia para o crucifixo com as mãos ambas estendidas, implorando a misericórdia divina.

Quando o índio deu conta pelo miúdo do que vira, Cristóvão apertou o braço do amigo:

— Esse papel é para mim, Estácio!

— Sem dúvida!

— E ela não tem um meio de mo enviar.

— Nós lho daremos!...

— Como, meu Deus?

Estácio tirou do bolso onde o guardara, o fio que lhe mandara Vaz Caminha, e começou a medir-lhe as braças; tinha dez, cerca do dobro da distância em que estavam da janela:

— Para onde está olhando a virgem branca?

— Para lá! respondeu o índio.

— Não tires os olhos dela. Feita essa recomendação o mancebo galgou a árvore por sua vez, até pôr-se ao nível do óculo esclarecido da janela. Aí amarrou uma das pontas do fio no meio da flecha e segurando a outra nos dentes, esticou a corda do arco. Ouviu-se um sibilo nos ares; e no mesmo instante a luz mortiça do aposento escureceu. Cristóvão sufocava com as mãos ambas os palpites violentos do coração; João Fogaça admirava com a franqueza e sinceridade dos homens fortes e superiores.

— Lá está!... murmurou Estácio sentindo a resistência no fio.

Ouvido ergueu-se de um salto, e colando a boca à orelha de João Fogaça soprou-lhe:

— Levantaram-se da mesa! Há gente na janela da frente!...

No mesmo instante saltava Faro à outra orelha do capitão de mato:

— Negro está no terreiro espiando. Vem para cá.

João Fogaça deu aviso aos companheiros, e estendeu-se no chão, com Cristóvão e os dois índios. Estácio e Olho ficaram imóveis sobre os ramos da árvore. Todos retinham a respiração, que os poderia trair, se o espia se aproximasse da borda do fosso. O negro veio rondando o terreiro, examinou a janela de Elvira e todo o espaço que o separava do valo; afinal desapareceu, dobrando o canto para dar volta à casa.

Então Olho pendurando-se pelos pés aos ramos superiores, de cabeça para baixo, como um caju suspenso pelo talo, encostou os beiços ao ouvido de Estácio. Este julgou que o índio ia-lhe dizer que nada vira porque a luz se apagara; mas ignorava a força pasmosa dessa pupila.

— A virgem branca assustou-se e saltou em pé no meio da casa olhando a frecha.

— A luz não se apagou?

— Não; escureceu, porque ela pôs-se diante! Agora descobriu!

Com efeito a fresta clareara de novo. O índio recobrando a anterior posição, examinava outra vez.

Elvira, no primeiro assomo da surpresa se erguera de chofre e ficara estática e aterrada, ouvindo o sibilo da frecha e vendo o projétil cravar-se na parede do aposento; mais calma agora divisara o fio e o papel enrolado no colo da seta. Precipitou para o lugar; subindo ao bufete despregou a arma com violência e desdobrou ansiada o papel. Caiu de joelhos lendo o nome de Cristóvão, e foi nessa posição que continuou a leitura da carta de seu amante. A carta era longa, e os olhos da donzela foram a cada instante nublados pelas lágrimas; essas, enxugadas pelos beijos, iam apagando as letras, e tornando-as invisíveis à luz baça da lâmpada.

Estácio, corrente do que se passava, receando de um lado qualquer rebate, e do outro pressuroso pela sua empresa, advertiu Elvira. A donzela vendo a frecha levemente arrastada pelo tapete, não fez reparo nisso, embebida, como estava nas palavras do amante; supôs talvez que fosse o seu próprio vestido que produzisse aquele movimento. Mas afinal, como a frecha fugisse subindo pela janela, recordou-se da linha a que estava presa; substituiu-a pelo papel que tinha no seio, e imprimiu ao fio condutor uma vibração para indicar que podiam retirá-lo.

O mancebo compreendeu, e recolhendo rápido a linha, teve o prazer de sentir em pouco o perfume do bilhete de Elvira.

Cristóvão correu a recebê-lo das mãos do amigo, que lho estendia do alto da árvore.

No momento em que o extremoso amante devorava de beijos o papel, em pé na borda do fosso, os dois índios pularam outra vez do chão aos ouvidos do capitão de mato.

— Está cheirando a pólvora!... rosnou um.

— Barulho de espingarda!... soprou o outro.

Mal acabavam, Olho despenhou-se do alto da árvore, e embrulhando-se como uma serpente pelo corpo de Cristóvão, arremessou-se com ele na moita vizinha. Era tempo; uma centelha fuzilara no terreiro da casa, e a bala do arcabuz passara zunindo na direção ocupada um segundo antes pelo amante de Elvira.

João Fogaça ergueu-se com a sua costumada pachorra, sacudindo o pó das bragas.

— Desta vez me pagam o novo e o velho! disse ele sondando as trevas com o olhar.

— Por Deus, João, acomodai-vos. Não pioreis o caso com as vossas estraladas! exclamou Cristóvão travando-lhe do braço.

— Decerto! acudiu Estácio. Já que fomos bem sucedidos, não convém excitar ainda mais as suspeitas. Tenho para

mim que nada perceberam!

— Então vamo-nos, enquanto não me aperta a tentação! disse o forasteiro afastando-se. Cristóvão deu um passo; mas recuou tomado de uma ideia terrível:

— E Elvira que talvez me supõe morto!...

— É isso que vos inquieta! respondeu Fogaça. Pronto é o remédio.

E o capitão de mato soltou uma de suas estrepitosas gargalhadas, que reboou ao longe enchendo o silêncio do ermo.

— É o danado do capitão de mato!... resmungou uma voz da outra banda.

— Ele mesmo, biltre!... Vai juntando no teu canhenho! Eu te farei as contas um dia.

Ditas estas palavras, seguiu os outros, que já iam adiante. Cristóvão ardia de impaciência por devorar as letras de Elvira. Estácio ansiava por ver-se a caminho de sua empresa.

— Que horas serão?

— Passa de meia-noite, respondeu o capitão de mato olhando as estrelas. A gente aí está.

Ouvido tinha dado sinal. Por algum tempo nada se percebeu; depois começou um ligeiro estalido, até que os vultos dos dez índios com o capataz Antão Gonçalo à frente, surgiram do mato. João Fogaça arengou assim os caboclos:

— Ides acompanhar este cavalheiro, o Sr. Estácio, onde ele vos quiser levar, e para o que ele ordenar, ainda que seja para vos atirar ao fogo e esfolar-vos vivos. Estais entendidos?... Ora bem; pé leve, olho vivo e ouvido alerta! Marcha!...

Voltando-se para o capataz:

— Heis de gostar da dança, Antão Gonçalo! É negócio de embarcar.

Estácio abraçou Cristóvão, apertou a mão a Fogaça e desapareceu nas sombras.

Cristóvão tornou apressado da impaciência de ler a carta de sua amada; e correria se não fora retê-lo o prudente capitão de mato, que o levava pelo braço.

Elvira escrevera estas palavras:

<poem> *Bem meu.*

*Desde o instante cruel em que vos arrebataram a meus braços, tenho desvivido em contínuo martírio. A princípio foi com a nova terrível de vosso passamento que tentaram envenenar-me aos poucos; ainda que eu vos sentia vivo no fundo de minha alma, não sabia se era, porque já transida deste mundo, me fora reunir convosco em outro melhor. Usaram depois rogos e ameaças no vão intento de me alhearem de vós. Bem viram logo que, mais longe vos afastassem de meus olhos, mais dentro vos metiam de meu coração.</poem>*

Houvera no traçar da carta uma interrupção, como indicava o final.

*Que ouvi agora, Santo Deus! Tremo de horror lembrando!  
Nem ousou escrevê-lo.*

*Cristóvão, esperança única desta minha alma aflita, vinde amparar-me, se não quereis que me fine amaldiçoando a vida.*

*Pensava eu que não houvesse mal para me abalar enquanto me fortalecesse a fé de nosso amor. Que podiam fazer? Matar-me uma vez em minha pessoa? Iria esperar-vos no céu. Matar-me duas vezes, roubando-vos a existência? Seríamos logo reunidos na eternidade.*

*Mas por desgraça nossa enganei-me, esposo meu. Querem separar-nos para sempre na terra e no céu! Vinde; é forçoso que vos veja e fale. Vinde salvar-me da eterna perdição!*

A alma de Cristóvão acudindo a esse reclamo ansiosa, arrojou-se; mas o corpo debilitado pela enfermidade, apenas erguido, recaiu inerte e frouxo.

FIM DA SEGUNDA

PARTE

Na véspera ficava Estácio no seu cárcere, coacto sob a impressão poderosa da carta de seu mestre e amigo. A liberdade era sem dúvida coisa de muito preço para que a desejasse ele ardentemente; mas o seu coração liso e a sua razão direita não podiam ficar surdos à voz austera do velho advogado, falando em nome da honra e virtude.

— Sossegai, mestre!... murmurou como se Vaz Caminha o ouvisse. Não sairei daqui assassino.

Escondeu entre o corpo e a camisa os objetos que lhe enviara o velho, e apagando o rolo, estendeu-se sobre a pedra, como na véspera, não para dormir, mas para meditar durante as duas ou três horas que faltavam para meia-noite.

Vaz Caminha lhe pedia a procuração para ir ao Rio de Janeiro receber o roteiro e pô-lo a bom recato. Recordando a partida do P. Molina, Estácio compreendia de quanta urgência era prevenir, se ainda fosse tempo, as maquinações do frade. Mas ao mesmo tempo temia, já pelo advogado a quem semelhante viagem seria por demais penosa e arriscada, já pelo tesouro guardado apenas por um velho débil e desprotegido de própria ou alheia força.

Os assomos de uma impetuosa impaciência borbotavam-lhe no coração e subiam-lhe à cabeça abrasada: sentia-se sufocar naquele cárcere, pequeno demais para conter os ausos de sua coragem.

A declaração jurada de D. Fernando, que o advogado pensou devesse amainar o seu desespero e impaciência, ao contrário mais os insuflaram. Reanimado outra vez nas doces esperanças de seu amor, que o impossível como que esmagara, o mancebo ansiava agora por conquistar nome, posição e riqueza para oferecer a Inesita.

Enleado nestas cogitações revolvia-se ele sobre o frio lajedo, quando o mesmo sussurro de vozes que na véspera o surpreendera, veio outra vez distraí-lo. Ou súbita inspiração, ou necessidade que sente o espírito fortemente ocupado, de uma diversão, o mancebo ergueu-se e obedeceu ao impulso de curiosidade que espertara nele. Bateu o fuzil, acendeu o rolo, e examinou atentamente o lugar por onde as vozes pareciam sair do chão. Retirando o toro de pau, descobriu então à claridade da candeia o que a dúbia luz da seteira não lhe deixara ver durante o dia. O cimento da laje onde repousava a cabeça, fora todo aluído; com o auxílio do prego introduzido nas fendas pôde levantar um canto da pedra.

Nisso lembrou-se que a luz o podia denunciar; ficando no escuro, ergueu de todo a laje que era grossa e bastante pesada: imediatamente refrescou-lhe o rosto uma baforada de ar encanado. Estácio era um espírito observador; e pois essa circunstância lhe indicou logo que o buraco tinha outra boca, e que não estava fechada naquela ocasião. De repente ocorreu-lhe que o seu antecessor de cárcere ali falecera depois de muitos anos de prisão; e era bem provável fosse

ele quem preparasse aquela mina para uma evasão que não conseguira efetuar.

— Sem dúvida ele se comunicava com os vizinhos.

As vozes tinham emudecido. Estácio sondou a mina com o braço, e nada encontrando de suspeito, arriscou a cabeça, depois os ombros, e afinal todo o corpo. Formava a solapa um arco de círculo que se estendia através do alicerce por baixo do pavimento do vizinho cárcere. A suposição do mancebo não era, como sabemos, destituída de fundamento; ele estava na mina aberta por Staed.

No momento em que Estácio chegava ao ponto de intercessão onde se reuniam os três ramos comunicando com a galeria e os cárceres vizinhos, Beltrão erguia a laje e chamava por Hugo. Entre ambos teve então lugar a prática sabida, de que Estácio não perdeu uma só palavra. Imediatamente concebeu ele não só a ideia de sua evasão, como o plano de fazer abortar a fuga dos dois prisioneiros.

Quando pois a palavra do santo foi transmitida por Beltrão aos prisioneiros, o mancebo que a ouvira, ganhou a galeria logo após os flamengos, passou incólume entre as sentinelas, e chegou às ameias onde encontrou o indivíduo que parecia adormecido. Esse era Esteves, bem acordado, e esperando a hora de meia-noite para acabar com a incumbência que lhe dera Vaz Caminha. Reconheceu o pescador a Estácio quando este o apalpava, e felizmente foi

tamanha a surpresa nele de o ver ali, que embargou-lhe o menor gesto ou palavra. Era o tempo em que o estudante também o reconhecia:

— Silêncio!...

E pendurou-se à ameia para escorregar ao longo do muro. Esteves que de manhoso se embrulhara na adriça, passou a ponta dela ao mancebo, e instantes depois estavam ambos no mar, nadando de mergulho, para que os não descobrissem do barco.

Vogavam o Anselmo e sua gente pouco avante, seguindo na direção das tercenas. Os nadadores cortaram em linha reta; ao pisarem terra, surgiu-lhes Gil que esperava a volta de Esteves, e cuidou morrer de alegria reconhecendo seu querido amo e cavalheiro.

Seguindo a praia deitaram-se a correr para esperar os fugitivos no lugar do desembarque. Estácio deixou Esteves de espreita ali e seguiu com Gil até a Rua da Palma a pista dos fugitivos. Entrados que foram estes, o estudante passando revista à casa, deparou com a corda suspensa à janela por onde havia descido o Anselmo, quando partira a toda pressa para o Castelo de Santo Alberto.

Em qualquer outro caso, Estácio teria escrúpulo de penetrar furtivamente na casa alheia; mas tratava-se de graves interesses da república, e pois não hesitou. Foi bem

compensado de sua fadiga; as palavras trocadas entre o rabino e os flamengos lhe revelaram uma e a mais terrível parte da trama dos judeus, por ele ainda ignorada: o plano da rendição da Bahia aos holandeses.

Estácio sentiu ferver-lhe o sangue de indignação. Deixando Gil de alcateia em frente à casa do judeu, deitou a correr para a morada de Mariquinhas dos Cachos. Sabia pelo que ouvira que tinha diante de si três horas; mas a impaciência dava-lhe asas. Não encontrando Cristóvão, foi ter com ele perto da casa de D. Luísa de Paiva onde se achava com João Fogaça.

Que serviço ali prestou ao amigo e como dele se despediu, é já sabido.

Entrando na cidade, Estácio e sua gente subiram a Ladeira da Palma. O vulto de Gil desentrouxou-se do vão de uma porta onde estivera agachado.

— Ainda não voltou?

— Ainda não! respondeu o pajem.

— Houve coisa de novo?

— Um defunto que atiraram lá, no meio da rua! balbuciou o menino trêmulo e benzendo-se.

— Onde?

— Seguindo deste mesmo lado, quase à esquina.

— Espera que volte o outro!... Eu estarei na praia.

Estácio deixou um índio com Gil, e seguiu rua acima. No lugar indicado viu o corpo de que lhe falara o pajem, e pelas roupas, mais que pela fisionomia, julgou reconhecer o alferes; ele não tinha porém tempo para espediçar em investigações que reservou para mais tarde. Chegou acompanhado de sua gente à ribeira, perto dos trapiches. A sombra de Esteves destacou-se de uma pedra com a qual formava uma massa compacta.

— Dormem? perguntou Estácio.

— Sono velho!... Se esvaziaram o odre!

— Onde estão as cordas?

O pescador mostrou um rolo de cordoalhas de barco.

— Bem; esperarás aqui por Gil.

Estácio voltou a seus homens e transmitiu-lhes em termos breves as suas determinações, mostrando-lhes a tiro de berço da praia a chalupa de Pedro que as ondas balouçavam docemente. Logo foram todos despindo lentamente as roupas e armas pesadas, que deitavam dentro da canoa de Esteves ali arrastada como por acaso.

Nus, com a adaga nos dentes e uma corda amarrada à cintura, escorregaram pela praia e nadaram para a chalupa. Saltar pela borda, cair de chofre sobre os nove remeiros adormecidos, amarrá-los e tirar-lhes as roupas como quem descamisa espigas de milho, foi para Estácio e sua gente negócio de minutos. Os surpreendidos estremunharam seu tanto, soltaram arres e juras, mas a adaga que lhes reluzia ante os olhos, ou a palavra que lhes soou ao ouvido, aquietou-os por encanto.

— Se mexes ou falas, morto és! disse cada um ao seu vencido.

Efetuada a captura da tripulação do barco, foi esta, com exceção de Pedro, transportada para a praia, a uma distância considerável, e enfileirada como toros de madeira sobre a areia. Aí os deixou Estácio guardados por um dos índios e por Gil:

— Se alguém der o menor sinal de querer bulir ou falar, apertem-lhe o gasnete, e mergulhem-no dentro d'água.

Ouvindo a recomendação e o gesto com que a recebeu o índio, os oito malandros atados de pé e mão morderam a língua para tirar-lhes a vontade de fugir, se tal tentação o diabo lhes metesse.

Daí despediu Estácio o pajem, apesar das súplicas que ele fez para acompanhar seu cavaleiro naquela empresa:

— Não, Gil: tua presença nos trairia.

— Posso me encolher num cantinho!...

— Demais, é preciso que fiques para contar ao doutor o que é passado. Diz-lhe que amanhã nos veremos!

Força foi ao menino ceder.

De volta ao barco Estácio ordenou a Antão, Esteves e aos índios que vestissem as roupas dos pescadores e guarnecessem a cinta com as armas que tinham trazido e as que acharam no barco.

Pedro, amarrado como os companheiros de pés e mãos, tendo na boca uma mordação de pano que lhe introduzira o Antão, jazia estendido no fundo da catraia e por baixo dos bancos. A um sinal de Estácio, os índios o puseram em pé, diante do mancebo.

— Pedro!

O pescador fez um gesto de surpresa.

— Admira-te que saiba teu nome?... Coisas piores sei eu a teu respeito, que contadas ao senhor governador agora, te fariam amanhecer pendurado na forca do Rosário!

Pedro levantou as mãos engalfinhadas e súplicas.

— De combinação com outros, destes escapula a dois flamengos, presos de Estado, que estais aqui esperando para conduzir a Itapoã, onde se acham os navios de sua nação com quem passais contrabando!

O mísero fungou pelas ventas um soluço, único sinal que ele pôde dar de sua aflição.

Estácio armou um laço na ponta de uma corda, e passou-o ao pescoço de Pedro.

— Ora bem; abri os ouvidos e escutai. Tendes a escolher entre duas coisas; este baraço amanhã na forca e mesmo aqui esta noite, conforme a vossa impaciência; ou a escapula, e por cima a bolsa de um dos flamengos, que há de vir fornida de boa chelpa pelo velho judeu. Qual preferis? A corda?...

Pedro abanou fortemente com a cabeça.

— Ah! sois homem de juízo; agrada-vos mais a segunda! Pois está em vossas mãos. Ides responder com verdade às minhas perguntas, na certeza que a mais pequena mentira custar-vos-á a vida.

O mancebo voltou-se para Antão:

— Tirai-lhe a mordação; mas caso ele levante a voz meio tom além do que é necessário, apertai o baraço sem dó.

— Estais ouvindo, malandro?... Tento com a língua!

Logo que o pescador teve a boca desentupida, começou o interrogatório:

— Qual o sinal para os navios flamengos?

— Em chegando a tiro de falcão, um grito.

— Dai o tom desse grito; mas cuidado! Sem levantar a voz.

O pescador obedeceu.

— Isso é o grito da gaiivota!

— O mesmo.

— E por que não o dissestes logo? Estou vendo que serei obrigado bem contra meu coração a mandar-vos enforcar.

— Mas eu não menti!... murmurou o rapaz trêmulo.

— Se não mentiste de palavra, mentiste de pensamento, subtraindo parte da verdade. E depois, ao aproximar dos navios?

— Três salvas de remos na distância de um cabo.

— E para atracar?

— Nada! Eles me conhecem.

— Estais mentindo. Não se entra a bordo de navio armado em guerra, sem trocar uma senha. É o mesmo que em um forte. A senha?...

— Nenhuma, já disse!...

— Apertai o baraço, Antão! disse o mancebo.

Quando a corda já o sufocava, o pescador levantou a mão, com gesto desesperado e borbotou esta palavra:

— Moisés!...

— É esta a senha?

— Senhor, sim.

— Quantos são os navios flamengos?

— Dois.

— De que lote?

— Um bergantim e uma escuna.

— Qual é a tripulação de cada um?

— Não posso saber ao justo!

— Orçai pelo que viste.

— O bergantim há de ser sessenta e a escuna trinta!

— Onde estão os navios?

— Além de Itapoã.

— A âncora ou a vela?

— A unha d'âncora; prontos a partir.

Estácio refletiu:

— Como se chama o homem que acompanha os flamengos?

— Anselmo.

— Ele fica na praia, ou embarca com os outros?

— Embarca.

— Conhece-te ele?

— Muito!

Estácio refletiu um instante, ao cabo do qual ordenou a Antão que de novo amordaçasse o pescador e o deitasse no fundo da catraia.

— O prometido?... balbuciou o pescador.

— Quando chegarmos ao ajuste de contas.

— Hã!... Cuidavas tu, marreco, que te havias de pôr ao fresco tão depressa!... exclamou rindo-se o Antão.

O mancebo pôs Esteves ao leme; segurou no croque, e ganhou a proa, onde esperou de pé, encostado ao fuste, e com os olhos pregados na Ladeira dos Padres que ficava de esguelha:

— Armai os remos e pronto ao primeiro sinal! dissera ele ao Antão.

Os oito remos, quatro por banda, encaixados nos toletes, ficaram com as pás erguidas, como as asas abertas de uma gaivota prestes a cortar as ondas.

Não tinha decorrido um quarto de hora, quando desembocou na ribeira pela rampa um grupo de cinco pessoas. Eram uma dama e quatro homens; destes Estácio reconheceu os dois holandeses e o Anselmo que lhes servia de guia; o último dava mostras de judeu pela roupa talar. Estácio fez o sinal a Antão, e os oito remos fendendo cadentes as águas, impeliram com velocidade a catraia para a praia. Receando que a falta de Pedro pudesse dar suspeitas ao Anselmo e fazer gorar todo o plano o mancebo resolvera afastar esse obstáculo. Abicar à praia, quando lá chegassem os flamengos, incutir-lhes o terror de um imaginário perigo, disfarçando com uma bebedeira o pretendido sono de Pedro, e finalmente embarcar de supetão os dois fugitivos, largando a catraia a tempo de deixar em terra o filho da

Eufrásia, era o expediente ousado de que se pretendia servir o estudante. Caso falhasse, a força supriria o ardil.

Já tocavam terra, quando do lado da Vitória apareceu o vulto de um homem, que parecia nu, a correr ao longo da praia na direção da barca, e gritando a toda força dos pulmões:

— Traição!...

Fora o caso que um dos remeiros tripulantes da catraia, amarrados e entregues à guarda do índio, achando-se deitado de bruços sobre uma casca de ostra que ali jazia entre a areia, conseguira calcando sobre ela, cortar os laços que lhe prendiam as mãos. Depois manhosamente desfizera o nó das cordas que peavam, e apenas achou ensejo favorável, de um pulo pôs-se fora do alcance do índio e deitou a correr para o lado, onde avistara os flamengos, esforçando por dar-lhes rebate.

Estácio adivinhou o que passara; mas não desanimou:

— Sem perda de tempo!... Embarcai!... Espiam-nos!... disse antes mesmo de atracar.

— O Pedro?... Onde está o Pedro? perguntou Anselmo surpreso.

— Não o vedes ali espojado com a carraspana que tomou?... Aviai ou não respondo pelo que acontecer.

Nesse instante o remeiro esbaforido gritou como desesperado:

— Traição!... Traição!...

Ia talvez dizer mais; porém caiu redondamente por terra; a seta do índio o havia traspassado.

— Estais ouvindo?... perguntou Estácio. É um dos nossos que eu pus de vigia.

— Vinde, pai! disse a voz maviosa de Raquel.

E saltou a primeira na chalupa; os holandeses ajudaram o velho judeu a embarcar e saltaram logo após. Imediatamente ao forte impulso do croque manejado por Estácio, a chalupa afastou-se de súbito e vigorosamente. O Anselmo, que já tinha o pé na borda, estrebuchou no raso da maré.

— Com mil diabos!... exclamou ele erguendo-se e correndo para o barco. Não podias esperar, bruto!...

— Quem embarcou, embarcasse, amigo!... Estica! Força! disse para os remeiros.

Os índios deitaram-se sobre os remos e a catraia fendeu garbosamente as águas, fugindo de terra.

O Anselmo acompanhou-a da praia com um rosário de imprecações ao maldito catraieiro; mas lembrando-se do grito que haviam soltado e do aviso relativo à gente suspeita, foi tratando de pôr-se em segurança.

Entretanto prosseguia a catraia a sua rápida singradura, mar em fora. Os dois flamengos sentados à popa praticavam à meia-voz em sua língua; Raquel olhava as estrelas; o velho rabino meditava, calculando quantos mil cruzados lhe custava o heroico sacrifício feito à religião. Estácio, sentado ao leme, não perdia um só de seus gestos, apesar da escuridão da noite. Os índios esticavam os remos, e o Antão, colocado no primeiro banco, remexia-se de impaciência.

Deixaram à esquerda a Ponta do Patrão, e seguiram fronteiros com a costa que se prolonga até o Rio Vermelho. Ventava fresco de nordeste; mudado o rumo podiam agora navegar entre bolina e seis quartas, bordejando ao largo.

— Pano fora!... disse Estácio.

Ergueu-se o Antão de um salto, e ajudado por dois índios tirou do fundo o mastro da vela grande para armá-lo, enquanto outros desenrolavam a bujarrona à proa.

— Olha a escota!... gritou o antigo contramestre atirando a ponta da corda a Esteves.

Começaram então a desfraldar a vela, mas com tal desazo e confusão que os dois flamengos, atentos à manobra, trocaram um sorriso de muda e íntima satisfação. Foi o orgulho nacional dos sucessores e rivais dos intrépidos navegantes portugueses, que se expandiu no coração dos dois prisioneiros. Mas outro sentimento os agitara, se eles pudessem adivinhar qual o motivo oculto daquela confusão. Não era decerto o que pensavam. Antão era um antigo marinheiro tostado aos sóis da Índia, digno êmulo de Caminha; e melhor marinheiro do que o selvagem americano não existiu ainda.

De repente a grande vela soltando-se do mastro, caiu sobre os passageiros e os envolveu; ao mesmo tempo Estácio e Esteves de um lado, Antão e os índios do outro, saltaram e subjugaram os três homens que antes de voltarem a si da surpresa estavam atados de pés e mãos, amordaçados e estendidos no fundo do barco.

— Metei-lhes bastante estopa na boca e nos ouvidos.

A judia ficara imóvel de espanto e de indignação; insensivelmente levou a mão ao punhal de madrepérola que trazia à cinta, mas rejeitou-o desdenhosamente.

Estácio visitou as algibeiras dos presos; além das bolsas bem fornidas, achou em poder de Hugo Antônio, escondida no peito entre a carne e a camisa, um grosso e largo cartapácio, que ele contava encontrar, depois da conversa

que ouvira. Era realmente a missiva dos rabinos da Bahia, em nome de seus irmãos do Brasil.

O mancebo guardou consigo, no mesmo lugar que o flamengo, aquele precioso documento, dirigindo ao pescador e ao contramestre uma recomendação:

— Se eu sucumbir, tirai-o daqui, e levai-o em meu nome ao governador. Em caso algum, que ele caia nas mãos do inimigo!...

A vela foi desfraldada ao vento; impelida agora pela rajada fresca e pelos oito remos vigorosos, a catraia voava sobre as ondas como um espadarte.

Estácio voltou-se então para a linda judia que assistira com a mesma ativa impassibilidade a toda esta cena, e dirigiu-lhe a palavra com polidez:

— Não contava, senhora, com a vossa presença neste barco, a semelhante hora da noite; e não vos ocultarei que muito agradável em outra ocasião, neste momento me embaraça mui seriamente.

— Tendes um meio de livrar-vos dela; matai-me.

— Não sou um assassino, nem El-Rei a quem sirvo carece de vossa vida, mas unicamente do vosso absoluto silêncio. Não ousando eu pôr mãos em uma dama, para reduzi-la à

posição destes homens, sou forçado a empregar o único meio que me resta.

— Qual, senhor?

— Vou deixar-vos em terra por algumas horas, durante que executo a empresa a que me destino. Ficareis aí até que eu volte para receber-vos.

— Juntamente com meu pai?

— Um desses homens é vosso pai? Sem dúvida o judeu Samuel Levi?... Não, esse por segurança devo conservá-lo em meu poder.

— Então onde ele estiver, estará sua filha. Quanto ao meu silêncio, podeis contar com ele; vou dar-vos um juramento.

— Menos que um juramento; vossa palavra, senhora, me bastaria, se fosse eu o empenhado neste objeto; preferira perder-me a duvidar da vossa sinceridade. Mas em negócio do Estado não posso fiar o êxito de uma empresa da boa-fé de ninguém. Portanto permitireis que vos conduza à terra.

— Pois bem, senhor, dai-me os instrumentos precisos, e eu mesmo me condenarei ao silêncio e à imobilidade para garantia vossa. Prefiro esta humilhação a que me separem de meu pai.

— Mas atendei que ides correr conosco perigos imensos.

— Eu os arrostarei de bom grado; não há maior para mim do que a separação a que me quereis forçar.

— Faça-se segundo a vossa vontade.

O estudante sentado à popa, pusera de lado uma das bolsas, que reservava para Pedro, e esvaziando a outra sobre o banco, contou as moedas. Esse mancebo tinha o talento de César: *maximus in minimis*; ele sabia curar das pequenas coisas no meio das maiores empresas, o que foi uma das bases da glória daquele grande capitão e político.

A bolsa continha cem moedas de meias doblas, o que orçava em cerca de seiscentos e quarenta mil réis.

— Sois dez! disse ele. Cabem oito moedas a cada um, e vinte ao capataz.

— E vós, Sr. Estácio? disse Antão.

O mancebo sorriu; ele recordou-se do seu Plutarco, na vida dos homens ilustres, e de uma passagem que lera aí sobre Alexandre; respondeu parodiando a resposta do filho de Filipe aos seus generais:

— Eu, reservo-me a esperança!...

Por ordem do estudante os dois flamengos foram separados, um à popa, outro à ré da chalupa.

— Tirai a mordança a este; mas tapai os ouvidos ao de lá.

Estácio queria interrogá-los:

— Que nome tens?

— Hugo Antônio!

— Sabes a sorte que te espera. Queres a vida salva?

— Com que condição?

— Em chegando à fala dos navios, dirás a senha para que nos recebam como amigos.

— Uma traição! Contra os meus compatriotas?

— Em paga daquela que vos tirou de onde estáveis. Vamos, resolvi!

— Por tal preço me assegurais vida e liberdade?

— Liberdade, não; a vida unicamente. Voltareis ao vosso antigo cárcere ou a outro mais seguro!

— Recuso; antes a morte do que o novo cativo.

— É vosso gosto? Se soubésseis que gênero de morte vos espera, talvez não fôsseis tão fácil na escolha. Dizei-lhe, Antônio, como pretendeis tratá-lo.

— Com o maior mimo!... Assá-lo, não em grelhas, como os hereges da sua casta dele fizeram ao bom São Lourenço, mas numa sertã, com alho e toicinho!...

— Aí vo-lo entrego!...

Estácio proferiu essas palavras em tom decidido, e afastou-se.

— Esperai!... balbuciou o mísero flamengo.

— É tarde, amigo! disse o mancebo sorrindo à sorrelfa.

— Outra vez; se ressuscitardes, sereis mais prudente!... acrescentou filosoficamente Antão.

Estácio fez igual interrogatório a Dick; mas o altivo flamengo, de ânimo inabalável, não se dignou de responder; apenas quando o mancebo lhe ofereceu a vida em troca da traição, ele sorriu com desprezo.

— Não me conheces, português!

O mancebo cravou os olhos no semblante enérgico do inimigo e pronunciou com firmeza e pausa esta ameaça:

— Ouve bem, flamengo. Logo que estejamos à fala dos navios, tu hás de dar-lhes a senha para que nos recebam como amigos. Eu não entendo tua língua; porém ao menor sinal suspeito, minha adaga te cortará a palavra na gorja.

Dick foi de novo amordaçado, enquanto Estácio satisfeito da resulta de seu plano, murmurava entres si:

— Calculei bem!... A humanidade não está ainda tão degenerada, pois entre dois homens, um prefere a honra à vida!

Um vulto negro como o dorso de um cetáceo adormecido à tona d'água foi, ainda longe, assomando pela proa.

— Vedes? perguntou Estácio.

— A Ilha de Itapoã?... disse o Antão.

— Ali está o inimigo; ali vamos nós.

— Bem me parecia!...

— São dois navios, um bergantim e uma escuna.

— Dois! exclamou Gonçalo.

— Parece-vos demais? perguntou o mancebo, pensando que o velho tinha medo.

— Sem dúvida! retrucou o marítimo: falta-nos gente para tripular a ambos.

Estácio riu-se:

— Para a viagem que têm a fazer, não carecem. Escutai; é o momento de comunicar-vos a todos o plano; daqui a um instante será tempo de obras, não de palavras.

Ao aceno de Antão os índios estenderam o pescoço sobre os remos para escutar, e por alguns momentos ouviu-se o murmúrio da voz do mancebo de envolta com a surdina das vagas, que babujavam nos flancos da catraia.

Um gafeio de admiração escapou dos lábios dessa gente afeita às lutas desde o berço, e para quem uma nova espécie de perigo era distração e sainete.

— O risco é igual para os que vão como para os que ficam. Escolham!...

— Fico eu e este caboclo! disse o Antão apontando para um índio robusto que remava na frente.

— Esteves, solta o grito da gaiivota! disse Estácio.

O pescador apertou as bochechas entre o polegar e o indicador, e o estrídulo conhecido da ave aquática vibrou pelas solidões do mar. Nesse instante dobrava a catraia a ponta norte da ilha, e a um tiro de berço apareceram os dois navios holandeses, fundeados a meio do canal.

Na ocasião achavam-se alongados a pique de âncora, com a proa para o norte de onde vinha a catraia; o fluxo da maré mais vivo sobre a caravela do que sobre o bergantim por ela

abrigado, fizera garrar a popa da primeira a cerca de duas braças do outro.

Quase ao mesmo tempo soou o apito a bordo do bergantim, e uma lanterna foi içada no castelo de proa.

Os remos afrouxaram a um sinal de Estácio, e a catraia aproximou-se vagarosamente dos navios; no entanto foi a gente despindo alguma roupa mais pesada e tirando da cinta os pistoletes que deitaram sobre a mesa do mastro. Chegando à fala do bergantim, os remos deram as três salvas indicadas por Pedro, a que de bordo responderam com sinais de lanternas.

Então o mancebo erguendo Dick pelos ombros, e obrigando-o a ter-se de pé um instante, mandou-lhe tirar a estopa da boca e ouvidos.

— Flamengo! É chegado o momento de salvar a tua vida: ali está o navio; cumpre com o que te ordenei ou prepara-te para morrer.

O holandês sorriu e mudo fitou os olhos no bergantim, como se fora um torrão de sua pátria.

— Por que esperas? perguntou Estácio que adivinhou a intenção do estrangeiro.

— Ainda estamos longe; a minha voz não se ouviria.

Desta vez foi Estácio quem sorriu. A catraia avançava prudente e vagarosa; já se divisavam distintamente vultos debruçados às amuras, e ouvia-se o sussurro zombeteiro da maruja, a galrar da aventura noturna e da feliz escapula de seus compatriotas.

Dick ergueu então a voz calma e vibrante que traspassou como uma veia sonora o silêncio da noite, e soltou na linguagem pátria algumas palavras lentas e pausadas:

— Compatriotas!... estai alerta!... Há neste barco inimigos traidores que maquinam vossa perda!

Estácio não entendia o flamengo; mas ele tinha os olhos no navio, e o sobressalto que ali produziram as palavras de Dick lhe deu a significação delas. Imediatamente o mancebo calcando a mão na boca do prisioneiro, ergueu também a voz sonora e disse:

— Morre, herege!...

Arrancando um pistolete da cinta desfechou o tiro, cuja explosão fuzilou nas trevas, retumbando ao longe. O flamengo caiu, mas não ferido, que o tiro fora apontado ao ar; caiu prostrado pelos índios que o sujigaram de novo no fundo do barco.

Estácio, o pescador e sete índios resvalaram pela borda e sumiram-se nas ondas, que abriram-se docemente para

recebê-los no úmido seio; já com o corpo mergulhado o mancebo voltou o rosto para ainda murmurar a Antão:

— Não esquecei!... Eu virei do outro mundo pedir-vos conta do que de vosso valor confio!

— Ide tranquilo!... É como se fossem a pele de meus ossos. Em último caso ao mar!...

Os mergulhadores desapareceram sob o espelho liso e mudo do oceano, cuja face impassível, como a dos grandes ânimos, não traiu o segredo do seu íntimo.

Antão deu um safanão à cana do leme, e a catraia virando o bordo, partiu veloz com a proa feita ao mar para dobrar de novo a Ponta de Itapoã.

A esse tempo os holandeses tanto do bergantim como da caravela, postos em alvoroço pelo aviso de Dick, saltavam quais sobre as armas e os remos, quais sobre os ovéns e estingas. As chalupas foram deitadas ao mar; e quase toda a maruja se precipitou para embarcar e correr à salvação de seus compatriotas ou à sua vingança.

As palavras graves de Dick, a exclamação vibrante de Estácio, o tiro que seguiu-se, e logo após a fuga da catraia; todas essas circunstâncias foram como uma súbita revelação para os holandeses em massa. Eles acreditaram que a evasão de seus compatriotas fora descoberta pelos guardas, que fingindo favorecê-los pretendiam à sombra deles

penetrar a bordo como aliados, e apanhando a tripulação de surpresa, capturarem os navios. Dick porém suspeitara a trama, e sacrificara heroicamente a vida para salvar seus compatriotas.

Ora, vendo a catraia, que se punha em fuga precipitada, duas ideias lampejaram de repente no espírito desses homens. A primeira, que não estavam os inimigos em número para afrontá-los a peito descoberto, ainda que bastantes fossem para a emboscada; a segunda, que seus compatriotas ali estavam a algumas braças esperando de seu denodo serem salvos ou vingados.

Se por um lado a indignação contra a perfídia do inimigo, e o espírito nacional, sublevaram toda a guarnição como um só homem; por outro a certeza da vitória e o medo dos inimigos que fugiam, adormeceram nos oficiais aquela vigilância sempre necessária. No meio do tumulto embarcaram quase todos a trouxe-mouxe; e as quatro chalupas partiram de ambos os navios, levando cerca de setenta homens; ficaram pois apenas vinte homens a bordo, sem contar com os moços de cozinha, lambazes e grumetes, e outra casta de serviçais.

Todos esses, trepados pelas enxárcias e gurupés, acompanhavam com ansiedade imensa os batéis que lutavam de velocidade à caça da catraia. Essa aproveitara bem o avanço devido, já à distância em que estava dos navios, já à demora no apresto das chalupas. Agora ia ela

dobrando outra vez a ponta da ilha, por onde pouco antes passara.

Entretanto que a atenção de bordo estava assim toda empregada além, pela popa deserta do bergantim grimpavam ligeiramente uns vultos que surgiam do seio das ondas; subiu o primeiro, depois outro e outro até oito, e agacharam-se todos junto à bitácula. O principal deles murmurou:

— Esperai um momento aqui!... Se me ouvirdes um grito, atacai!...

O mancebo desceu pela escotilha de popa até à câmara; entrou na sala d'armas, onde ficava ao fundo a porta do paiol. Como conjecturara, ali estava postada uma sentinela de arcabuz ao ombro. A luz mortiça de uma lâmpada embutida no tabique pelo lado exterior, esclarecia o lugar.

Estácio dirigiu-se intrepidamente à sentinela, trocou o santo, imitando a pronúncia de Hugo, e fingiu querer introduzir a chave na porta. O flamengo tomando-o por um marujo, que vinha à busca de munições por mandado do capitão, disse-lhe:

— Então há refega lá por cima?

O mancebo conservou-se impassível, e continuou a fazer tinir de encontro ao ferro uma moeda que tinha entre os dedos. O soldado voltou-lhe as costas despeitado. O

estudante que esperava o ensejo favorável, atirou-se a ele como um tigre, cerrando-lhe a garganta com as mãos ambas. Essa gargalheira animada foi estreitando a sufocar o mísero, que lutava vigorosamente. Durante todo o tempo da estrangulação os braços crispados pelo desespero manejavam o arcabuz como uma catapulta, atirando para as costas botes furiosos, que moíam as espáduas ao mancebo. Mas ele insensível à dor estingia sempre, até que a massa frouxa amolgou-se a seus pés, e inteiriçou.

Estácio, apesar do tempo que urgia, demorou um olhar sobre o cadáver; era a primeira vida que ele sacrificava.

— Foi pela pátria!... murmurou.

Rápido dirigiu-se à porta da sala d'armas arrastando o corpo por prudência; podia o soldado não estar morto, mas apenas desmaiado, voltar a si dentro em pouco, e com um tiro no paiol fazer saltar o navio, o que ele buscara prevenir com risco de sua vida. Mais breve era cravar-lhe um punhal no peito; mas repugnava-lhe semelhante atrocidade num corpo exânime ou quase.

Empurrando a porta, esta não cedeu: de fora a tinham fechado. Naturalmente alguém do navio o pressentira, e encerrando-o correrá a dar rebate.

— Embora! Ainda a vitória me pertence.

Assim exclamou o valente mancebo erguendo os olhos para o teto da câmara, como para afrontar o furor dos holandeses. Travando de um dos cem pistoletes que pendiam à parede do cabide d'armas, pôs-lhe a mira no óculo do paiol, e esperou com o ouvido alerta, e a mão prestes a desferir o raio.

A chave rangeu na porta.

— Até o céu, Inês minha! suspirou o coração de Estácio.

A gente do bergantim se apinhara na proa para acompanhar as chalupas, que lançadas a remo e vela decididamente ganharam avanço sobre a catraia.

Um grumete se aproveitara dessa circunstância e da completa solidão em que estava a câmara, para correr à despensa e lambiscar alguma passa e queijo desgarrado. Estava o ratinho de bordo bem ocupado a roer com as unhas o miolo de um parmesão já estreado, quando sentiu passos sutis na escotilha.

Cuidou que fosse o despenseiro, e esgueirando-se como uma sombra ao rés do tabique, ganhou o passo da sala d'armas, e agachou-se junto à porta; ora do outro lado estava justamente um monte de lambazes, que fez simetria perfeita com a trouxa do rapazito. Estácio entrando investigou com os olhos e apalpou depois com o pé o primeiro dos vultos; conjeturando do outro por esse, passou sem a mínima suspeita. Levava a atenção na sentinela, e por isso não percebeu o suspiro do grumete.

Este já livre do susto, ia-se desenrolando para ganhar o convés, quando ouviu estranho rumor na sala de armas; deitou o nariz à fresta da porta, e viu em morte-cor o quadro terrível: a sentinela com os olhos esbugalhados, as bochechas intumescidas, e a língua bolçando da garganta.

Viu, e desmaiou de susto: mas por um movimento instintivo de defesa, antes de perder o sentido, a mão frouxa conseguira dar volta à chave, levantando assim barreira entre ele e o perigo. A vertigem foi curta; recobrados alguns espíritos, o rapaz recordando a imagem que vira, fugiu espavorido; a voz na garganta, queria gritar e não podia.

A essa circunstância fortuita devia Estácio a crítica e desesperada posição em que se achava. O menino galgava aos dois e três os degraus da escada, e ia cego à proa avisar a tripulação e abrigar-se à sombra dos marujos. Estes correriam às armas, e assim prevenidos esmagariam os sete índios.

Mas a sagacidade do selvagem brasileiro estava nesse momento a bordo.

Os índios obedecendo à recomendação de Estácio, esperavam imóveis e mudos: mas o ouvido sempre à espreita, o olho sempre vivo, a mão sempre lesta. Os saltos do grumete na escada não lhes escaparam; um dos selvagens resvalou pelo convés aproximando-se da escotilha; mal viu ele assomar um vulto que não era do estudante, e virar de corrida para o lado de proa, imaginou por longe o que havia passado na câmara.

O menino estava fora do alcance do braço, e a proa pouco distava; o menor grito ou ruído suspeito despertava a gente. Felizmente os cabos que suspendiam as chalupas estavam

ainda enrolados ao longo do tombadilho; o selvagem espreitou o momento, imprimiu-lhe um movimento, e o grumete escorregando estendeu-se; já o índio caía sobre ele, cobrindo-o com o corpo, como cobrimos um objeto com a palma da mão.

Seu primeiro cuidado foi apertar a boca do menino de encontro ao peito para lhe abafar o grito; depois enrolando-o em trouxa desceu com ele à escotilha:

— Onde está o branco?

O menino forcejou para falar.

— Aponta!...

Guiado pelo dedo do grumete, foi até à porta da sala d'armas. O selvagem levou a mão à chave; Estácio ouvira o rangido; a explosão pairou sobre o navio. Mas o selvagem lembrou-se súbito que o mancebo ali fechado pelo inimigo devia estar pronto, como no seu caso ele estaria, a cair sobre no primeiro instante; retirou pois a mão, e pelo buraco da fechadura fez sinal.

— Abre!... disse Estácio adivinhando a presença de um dos selvagens.

A porta abriu-se então. Sem perda de tempo amordaçaram o grumete, e em falta de corda o prenderam debaixo de uma couraça de ferro; fechada a sala d'armas, subiram ao

tombadilho, e trancaram a escotilha, para evitar que o inimigo se abrigasse na câmara.

Então divididos em dois pelotões caíram de improviso e por ambos os bordos sobre os despercebidos holandeses. O choque foi terrível; dos que não sucumbiram, uns deitaram-se ao mar, outros grimparam pelas cordas e enxárcias; o resto escoou entre o ferro inimigo ganhando a outra extremidade do navio. Avaliando melhor do número dos assaltantes, fizeram rosto ao perigo. O combate renhiu-se com furor, e foi pelejado cerca de meia hora.

Afinal Estácio e sua gente, melhor armados, fortalecidos pela calma, levaram a melhor. O grupo dos bravos flamengos, repelidos até a amura do navio, sucumbiu a um e um; do lugar onde estavam, à medida que o ferro inimigo os abatia, sepultavam-se nas ondas, como vinte anos depois o seu Almirante Adrião Pater. Também para eles, simples, mas valentes marujos, o oceano era o único túmulo digno, e quiçá o mais grato aos seus manes.

Três badaladas soaram no sino de bordo: era o sinal convencional para anunciar a Antão que a vitória era ganha, e podia recolher ao navio.

Senhor do bergantim, o pensamento do mancebo voou como um pelouro ao outro navio. Ele e sua gente tinham recebido algumas feridas, porém ligeiras; precedidos pelo terror da primeira vitória, a segunda os esperava.

— Ao outro!... exclamou.

Saltaram às enxárcias para passar a bordo da caravela pelos estais e adriças da gávea; mas o inimigo burlou o seu arrojo.

O terror, como sempre costuma, exagera o perigo a proporções enormes; a gente da caravela em alvoroço supunha que era a guarnição inteira de alguma nau inimiga que tomara o bergantim de abordagem; e os fugitivos, escapos dali a nado, longe de reduzir o vulto ao medo, ao contrário o agigantavam. Temendo pois igual sorte, a gente da caravela só pensara na fuga; em um instante picaram a amarra, deram pano ao vento e surdiram avante, singrando para o norte.

Estácio os olhou, iroso e despeitado de que lhe escapassem.

— Agora toca a enxugar o corpo; vamos brincar com fogo, rapazes!...

A roupa molhada do mar foi substituída por trapos e panos que encontraram no navio; da sala d'armas trouxeram cabides de arcabuzes e mosquetes, bem como munições e mechas.

Escorvado de novo o rodízio de popa, o mancebo encostou-se a ele e esperou.

Raiava a manhã.

Nesse momento, pela ponta sul de Itapoã surgia a catraia, e logo em seguida escaladas a pequena distância as quatro chalupas holandesas. O Antão fizera proezas. A princípio valeu-se da estratégia de guinar amiúdo o bordo, fingindo mudar de direção; parecia ora que buscava ganhar a terra firme, ora que seguia rumo direito, ora que ia abicar à ilha. A cada uma dessas evoluções as chalupas igualmente variavam o rumo; e daí resultava sempre para a catraia uma vantagem, não só por ser pronta a iniciativa, e a imitação ter de demorar-se o tempo preciso para ver, mas sobretudo pela rapidez com que se efetuava sua manobra. Da popa dava ele aviso ao selvagem que estava na proa, e este saltava no mar; então um empuxão à cana do leme a bombordo, uma peitada a estibordo, e o batelão virava como um molinete sobre si mesmo.

Mas apesar da estratégia e do avanço que tivera, a catraia perdia terreno: uma manobra habilmente executada ao voltar a outra ponta da ilha deu algum fôlego ao Antão. Os holandeses pensavam que o inimigo trataria de escapar-se para um lado ou para outro, e não podiam imaginar que cometesse a loucura de aproximar-se dos navios de que fugira. O capataz aproveitou-se desse engano, e de repente contornando a ilha, se distanciara dos seus perseguidores.

Afinal uma das chalupas chegando a tiro de arcabuz, disparou contra a catraia a primeira carga de fuzilaria, quase toda perdida; porém segunda e terceira iam seguir-se, e afinal viria a abordagem.

Estácio então avaliou de longe a situação da catraia.

— Qual tem melhor olho? perguntou.

— Em falta de Guaraçu, eu! disse um.

— Na popa, que apanhe o mastro.

O índio ajoelhou e fez a pontaria; o mancebo retificando-a, achou-a perfeita.

— Fogo!...

O grito de Antão respondeu ao longe.

— Bravo!...

Dissipado o turbilhão de fumo conheceu-se o estrago produzido na chalupa; aproveitando-se do espanto causado entre os holandeses, a catraia continuou a salvo e atracou ao navio; os três prisioneiros foram içados como fardos, e a judia recebida pelo mancebo com a possível cortesia. O Antão Gonçalo pisou com sentimento indizível de júbilo esse soalho que fora seu chão tantos anos.

— Olá! mestre!... gritou-lhe Estácio; cuidado com a catraia!

E continuou a fulminar os escaleres holandeses, dos quais só escapou o último, arripiando carreira. Os tripulantes ou morreram no combate, ou foram acabar depois às mãos dos

selvagens nalgum ponto da costa, pois deles não houve mais notícia.

— A caravela? perguntou o Antão.

Estácio apontou para o horizonte, onde o navio aparecia como uma sombra.

— E então? Que fazemos aqui parados? gritou o velho marujo.

— Sois capaz de navegar o bergantim? Com que maruja?

— Os meus índios!... Que mais quereis?... São antas; tanto correm em terra como nadam n'água. Vereis!...

— Pois arranjai-vos com a manobra; eu me ponho ao leme.

— Ah! entendeis do riscado?...

— Não; mas Deus proverá.

A intenção de Estácio era queimar os dois navios e voltar à Bahia com seus prisioneiros; mas tendo-lhe escapado a caravela, o plano do Antão lhe sorria.

Mandou que lhe trouxessem Pedro:

— Toma, rapaz, a bolsa do holandês, que te foi prometida. Põe-te a nado, e safate!...

— Já agora prefiro ficar convosco!...

— Acho que não fazes bem.

— Por que razão, senhor?

— Não tenho confiança em ti; por conseguinte porei ao teu lado um destes camaradas para torcer-te o gasnete à primeira suspeita. Pensa bem; ê um perigo.

— Senhor, eu não sou velhaco! replicou o rapaz com lágrimas nos olhos. Se me passei para vós, abandonando os que me assoldaram, foi porque me vencestes à força; resisti quanto pude, do mais não tenho eu culpa. A bolsa, aceitei-a porque veio do meu ganho; e pois que me privastes de tão boa freguesia, justo era que me desforrásseis. Mas agora que me ganhastes, não posso ser senão vosso.

— Está bem; ficai!

Com pouco o bergantim desfraldando ao vento as velas todas até os últimos papa-figos, singrava airosamente rumo do norte, com a proa sobre a caravela.

Eram oito horas do dia; o sol entornava cascatas de luz sobre as solidões do mar. O bergantim deitando cinco a seis nós por hora, prosseguiu com ardor a caça começada; ganhava sobre a caravela meio nó, de modo que só lá por volta da tarde a não escassear o vento podia chegar ao alcance do canhão.

Antão descansado a respeito da manobra passara uma revista pela despensa, e havia arranjado sobre a meia laranja um succulento almoço; paios, bolacha, queijo e vinho; ele e o estudante fizeram-lhe as honras com excelente apetite.

Quando estavam no fim da refeição, achegou-se deles Esteves:

— A judia vos busca, Senhor Estácio.

— Dizei-lhe que já sou com ela.

Como preparava-se para descer à câmara, viu que lhe vinha ao encontro a formosa israelita. O mancebo não se pôde esquivar à admiração, contemplando a bela criatura. Os grandes olhos negros, de intenso brilho, nadavam em um fluido límpido, como se ainda os orvalhasse o soro das lágrimas; não havia sorrisos no seu lábio, mas que sorrisos valiam a bonina deles?

— Senhora, escusai, disse o estudante catando a cortesia devida às damas, se não vos agasalho como era meu dever e mais ainda meu desejo. O caso imprevisto que me fez hóspede vosso, quis que ainda neste ponto incorresse em vosso desagrado.

— Outra coisa para mim de maior monta me traz à vossa presença, senhor cavalheiro.

— Melhor faríeis ordenando que fosse eu à vossa.

— Vai quem espera mercê; e muito alcança, às vezes, se obtém audiência para o que tem a pedir.

— Desterrai esse temor, senhora; com muito empenho vos escuto.

Raquel afastou-se fazendo ao mancebo um aceno para que a seguisse. Tirando então de sob a peliça que a envolvia o cofre de filigrana com suas joias, abriu-o de modo que só Estácio o visse:

— As joias que estão neste cofre valem, segundo ouvi, muitos centos de mil cruzados; além delas meu pai traz a oparlanda cosida de ouro; tudo isto vos pertence se concederes a vida ao velho Samuel e à sua filha.

Estácio sorriu com benevolência:

— Guardai, donzela, vossas lindas joias para adereçar-vos, que a nenhuma iriam elas melhor que à sua formosa senhora. Quanto ao ouro de Samuel, todo ele fundido não pesa um só fio do cabelo de sua cabeça. Vosso pai é mercador, e vós filha; pensa ele que tudo se compra, vós, que tudo se pode esperar em benefício do autor de vossos dias. Por isso a ambos vos perdoo.

Raquel, apesar do tom brando dessas palavras, sentiu a têmpera d'alma varonil, como sob o macio estofado de um divã acetinado sente-se a vibração elástica do aço. Arrependeu-se quase do passo que tinha dado, e receou

tivesse agravado a sorte do pai, ofendendo o brio do mancebo. Sob essa pressão vergou a fronte lânguida.

— Outra moeda, senhora, tendes para mim de maior preço, com a qual muito, senão tudo podeis obter.

Raquel corou, erguendo os olhos magoados:

— Essa linguagem, cavalheiro...

— Apresso-me em declarar-vos; a moeda de que vos falei, não é outra, senão a verdade. Essa sim, é ouro fino e de lei!

— Não seria capaz de faltar a ela!

— Creio bem, mas podeis encerrar-vos no silêncio.

— Que exigis de mim?

— A confissão inteira do que é passado a respeito da fuga dos dois flamengos.

— Uma impiedade! Que as palavras da filha sirvam para condenar o pai!...

— Para a condenação de vosso pai, com mágoa vos digo, não hei mister de mais do que já sei da melhor fonte. Samuel, grão-mestre dos judeus do Salvador, foi quem promoveu a fuga dos flamengos. Em sua casa se ocultaram até partirem da cidade; dele receberam dinheiro e a missiva

que para em meu poder, convidando o inimigo a vir atacar a Bahia.

Raquel estremeceu a cada palavra do mancebo:

— Pois se tudo sabeis, que mais quereis de mim?

— Há um ponto que eu ignoro; não compromete mais vosso pai, antes pode favorecê-lo.

— Qual ele é?

— Quem foi o traidor, que descobriu o santo, e entregou a planta da cidade levantada pelo sargento-mor?

Raquel empalideceu; a palavra borbotou-lhe do seio como uma lava:

— Foi o mais vil dos homens!...

— Fidalgo?

— Para vergonha de seu nobre sangue!...

— O nome?...

— Poupai-me a dor de o proferir!

Estácio refletiu:

— Esse homem, senhora, seria o mesmo, cujo corpo depois que o assassinaram, foi lançado à rua, pouco distante de vossa casa, cerca de onze horas?

— Não estava morto; sim ébrio!

— Era ele então?... Um oficial de a cavalos, se não me engano!...

— Pois que tanto sabeis, vede o resto!

Raquel tirou do seio o vale de D. José, que na noite antecedente tomara das mãos do pai, e entregou-o ao mancebo.

Estácio leu corando de vergonha; terminando, a donzela referiu-lhe em poucas e acres palavras a cena passada na véspera entre ela e o alferes.

— A vida e a liberdade de vosso pai, senhora, por este papel e o segredo profundo do que ele encerra!

— Guardai-o e Deus vos recompense.

— A promessa que vos faço não se pode realizar já; depende ela do governador, em nome de quem procedo; mas empenho-vos minha palavra.

— Ela me basta! disse a judia com nobreza.

Estácio ficou pensativo, relendo lentamente o papel que tinha diante dos olhos:

— Muito amigo sois desse homem, cavalheiro?

— Ele? exclamou Estácio. Vota-me ódio profundo.

— Bem me parecia que entre vós e ele só ódio pode existir. Mas então por que exigis que se cale sua infâmia?

— É irmão da mulher que eu amo!

— D. Inês?...

— Compreendeis-me?... Todo o segredo!...

— Eu vo-lo juro.

Nesse instante um índio soltou um pequeno grito gutural com que costumava chamar a atenção, e que se pode talvez exprimir assim:

— Huhu!...

À esquerda, na extrema do horizonte, descobria-se a mastreação e velame de uma embarcação de alto bordo, que seguia o mesmo rumo, porém muito amarrada; devia estar a três léguas de distância: Estácio assestou o óculo, que passou ao contramestre.

— É uma fragata... e portuguesa. Vai para São Sebastião!

— Vira de rumo?...

— E vem de Pernambuco.

— Bem pode ser o novo governador, D. Francisco de Sousa!

— Estava a chegar?

— Já tardava!

— Então não é outro.

Ambas as suposições eram exatas.

A fragata era realmente portuguesa e trazia a seu bordo D. Francisco de Sousa, governador nomeado para o Estado do Sul; tendo-se demorado na travessia da Europa por causa da caça a dois navios holandeses que a desviaram de sua rota, refrescara alguns dias em Pernambuco, e demandava agora o porto do Rio de Janeiro.

D. Francisco de Sousa é um vulto importante na história dos tempos coloniais, pela energia do caráter, agudeza de engenho e grandes letras; embora apenas um momento perpassasse pela cena deste drama, teve uma grande influência na crônica das minas de prata. Em 1591 viera ele à cata daquelas minas com a promessa de uma recompensa,

negada ao seu descobridor; agora, dezoito anos depois, voltava com renovação da promessa à busca daquele imenso tesouro, cujo segredo a terra guardava.

Vaz Caminha não se enganara pois; era o roteiro de Robério Dias que trazia outra vez à América o orgulhoso fidalgo português.

Quando mestre Brás ao desembarcar em Lisboa foi ao palácio dos Sosas visitar o antigo governador, não o levou mera reverência ou acatamento. O judengo que embaçara o frade e os companheiros, fingindo-se enjoado e ébrio durante a palestra da ceia, ouvira tudo; e, como o P. Molina, farejara a existência do roteiro no poder de D. Diogo de Mariz. Revelou portanto ao fidalgo o que sabia e conjecturava. D. Francisco correu a Madrid; teve larga conferência com o ministro; e por fim, depois de mil protelações, obteve a divisão do Estado e o provimento para o Sul.

Seria a sua segunda vinda ao Brasil tão funesta ao filho, como fora a primeira ao pai?

Já a Providência os aproximava. De milhares de léguas que separavam esses dois homens, o soberbo fidalgo e o órfão desvalido, só restavam três; e em pouco talvez se tenham eles de encarar frente a frente como dois inimigos hereditários; entre ambos erguia-se a memória da vítima!...

Também de bordo da nau tinham avistado o bergantim à popa e a caravela à proa como os dois extremos da base de um triângulo, de que ela ocupasse o vértice. O comandante depois de examiná-los atentamente com o óculo de longa mira, ficou pensativo:

— Não vos parecem os nossos dois holandeses da Ilha de Fernando de Noronha?

— Eu jurara que são!... respondeu o imediato.

— Se não fosse o senhor governador estar tão impaciente de chegar!...

— Pois vão no mesmo rumo, que mau é tentar!...

— Avisais bem!

Embocando a buzina mandou a manobra:

— Larga escotas a bombordo! Cassa a estibordo! Orça à terra!...

Uma hora depois, mestre Gonçalo exclamava a bordo do bergantim:

— Oh! oh!... Os amigos vão-se chegando. Quem sabe se já não farejam a caça.

— Quem? Os da nau? perguntou Estácio vivamente.

— Os ditos cujos. Não vedes como atravessam manhosamente? Por tarde temo-los conosco.

— E não há meio de evitá-los?...

— É o que não custa; mas deixaremos escapar a caravela?

— Isso não!...

— Depois quem sabe?... Talvez os flamengos com medo da nau se cosam com a terra, e vão se esconder nos baixos dos Abrolhos! Nesse caso embaçamos cá os camaradas, e podemos pilhar a caravela como tatu no buraco.

— Conheceis estas paragens?...

— Se não conhecera!... Muito herege inglês e francês caçamos por aqui no tempo do Senhor D. Jerônimo de Albuquerque. Bom capitão de mar, aquele! Como ele não vem cá segundo.

O contramestre voltou-se:

— Olá de proa!...

Foi Pedro quem acudiu:

— Vai lá por baixo, e vê se me desencavas a bandeira real de Espanha. É impossível que estes cães de flamengos não a trouxessem a bordo, para nos pregar das suas.

Por volta da tarde o horizonte apareceu acolchoado de grossas nuvens bronzeadas. O vento ponteiro que se levantou de sudoeste anunciou a repetição da tempestade da véspera.

O bergantim, singrando galhardamente, ganhara tanta vantagem, que estava quase a tiro de canhão da caravela; como previra o contramestre, os flamengos, que a princípio buscavam a salvação no alto mar, com o aparecimento de outra vela se encostaram à terra. Não obstante, a nau tomando o vento em cheio pela popa aproximava rapidamente do bergantim que apenas o tomava a seis quartas.

Estácio estava inquieto, receando algum obstáculo.

— Que alcance dais a este rodízio, mestre Antão?

— Cinquenta quintais... Pode alcançar cerca de trezentas braças.

— E a caravela está?...

— Pouco mais do que isso!

— Então experimentemos!...

Carregada a peça com uma carga formidável, o moço fez a pontaria.

— Na mastreação!... disse o contramestre. Cortar-lhe as asas!...

A bala partiu, e foi cair perto da caravela, mas já fria e sem força; contudo o mancebo não desanimou, e os tiros sucederam-se uns aos outros. À medida que o alteroso bordo da nau se aproximava, o sangue fervia-lhe no coração de impaciência; e nova descarga partia. Afinal foram seus esforços coroados de sucesso: uma bala cortou a meio o mastro da mezena, diminuindo consideravelmente o pano à caravela, cuja marcha atrasou.

A tempestade rugia; sobre o manto dela desdobrava-se a noite tormentosa. Quando o primeiro trovão soou a sota-vento, do lado oposto ouviu-se o tiro do canhão a bordo da nau; as quinas portuguesas desdobraram-se majestosamente na popa, enquanto o pavilhão de capitão-general borboleteando pela adriça, foi tremular no tope do mastro grande.

O bergantim respondeu à salva, içando igualmente a bandeira real de Espanha e Portugal. Os dois navios alongando-se em rumos paralelos, foram assim um instante a par e par, e tão próximos que se podia falar sem buzina de um a outro bordo.

— Que navio é esse? perguntaram.

— Uma presa flamenga.

— Venha o comandante a bordo.

— Não tenho tempo!... respondeu Estácio.

— Obedecei, senão vos meterei ao fundo!...

O mancebo calou um instante:

— Ponde vós o escaler ao mar; a mim não sobra gente para isso.

Em um instante arreou-se o escaler da nau com dois marinheiros e um oficial; os navios ficaram ao pairo durante a travessia, continuando depois a sua marcha. Estácio, havendo feito suas recomendações a Antão e Esteves, passara-se para bordo da nau, onde apenas chegado foi conduzido à popa. Ali estava o Governador D. Francisco de Sousa com sua comitiva, e ao lado o capitão-mor do vaso e officialidade.

A presença do mancebo produziu no grupo de fidalgos e officiais vária impressão. A beleza viril de sua fisionomia, que realçava nesse momento um assomo de intrepidez, inspirava interesse e simpatia; mas as roupas enxovalhadas no mar e no combate, as mãos negras de pólvora, deviam excitar uma prevenção a respeito da qualidade e posição do mancebo.

— Sois então o comandante da presa? interrogou o governador.

— Quem me interroga, e com que autoridade?

— Aquele pavilhão já vo-lo anunciou, mancebo! replicou o fidalgo com severidade.

— Como a bandeira real içada a meu bordo anunciou ao sr. capitão-general, que eu navego ao serviço d'El-Rei!

— Prudência, mancebo. Falais a D. Francisco de Sousa, governador, e capitão-general do Estado do Sul.

Estácio empalideceu:

— Acatarei em Vossa Senhoria a autoridade de El-Rei, nosso senhor...

O mancebo carregou nas últimas palavras para tornar bem frisante o seu pensamento, que era separar o cargo da pessoa, nivelando ao mesmo tempo a ambos, o poderoso fidalgo e o fraco mancebo, na qualidade de súditos do mesmo soberano.

— Como vos chamais?

— Melhor é que o ignoreis, senhor; porque esse nome deve ser uma recordação pungente para Vossa Senhoria.

— Que significa isto?... Explicai-vos melhor! exclamou o governador dardejando um olhar de cólera.

— Sou filho de Robério Dias, senhor governador!

— Ah!... Sim, ele deixou um filho!...

— Na miséria, em que tem vivido até hoje.

— Não se trata disto agora. Onde e como fizeste esta presa?

— Capturei-a ontem à noite na Ilha de Itapoã, onde estava fundeada.

— Com que autoridade?... Admira-vos a pergunta? Igual me fizestes pouco há!

— Com a autoridade que tem todo o súdito de El-Rei de servi-lo e defender os seus estados; autoridade justa e legítima como nenhuma outra, pois nasce de um dever sagrado. Onze homens apenas metem-se numa catraia, e à custa de grande esforço e ardil obtêm capturar um bergantim tripulado por sessenta marujos, matando a maior parte da tripulação; e quando, servindo-se das armas do inimigo, o perseguem, tudo isto sem custar um ceitil ao real erário, vós, sr. governador, lhe saís ao encontro, para lhe perguntar com que autoridade fizemos isto?

Essa linguagem firme abalou todos que a ouviram; mas restava uma suspeita no espírito de D. Francisco.

— Sem dúvida, mancebo, que praticastes uma ação valorosa, e eu vos louvo por vosso arrojo; mas não sabendo

se a fizestes em nome de El-Rei como dissestes, ou por conta própria, viajareis de conserva comigo até São Sebastião, onde averiguaremos o caso, e se for como dizeis, darei conta a El-Rei que vos premiará.

— Suspeitais que eu seja um pirata, senhor?... replicou o mancebo com azedume. Assim devia julgar o filho, quem há dezoito anos condenou o pai como traidor!

— Deixai em paz as cinzas paternas, mancebo, não as revolvei que podem tisonar-vos ainda!... Basta; já resolvi o que tenho por melhor.

— Com vossa permissão, o que resolvestes não é possível.

— Por quê?

— A minha obra não está acabada!

— Nós a acabaremos juntos.

— Que diríeis, senhor governador, de quem vos quisesse usurpar os poderes de que vos El-Rei investiu?...

— Qual paridade há nisso?

— A captura daquele navio é meu direito, como é vosso a patente dada por El-Rei.

— Quero eu tomá-lo!...

— Não é a mim que o toma V. S.a, mas ao Senhor D. Diogo de Menezes e Siqueira, governador e capitão-general do Estado do Brasil, a quem só reconheço como tal, pois a nenhum outro ainda prestaram homenagem as Câmaras das cidades e vilas!...

— Onde está a patente que dele trazeis?

— Não careci dela para arriscar a minha vida, menos agora que a empresa está feita.

— Tenho resolvido!

— Atenda o senhor governador que será causa de escaparmos o inimigo; já ele ganhou sobre nós e com a noite nos fugirá.

Era real o que dizia o mancebo, nem essa circunstância escapara aos oficiais.

— Bem; consinto que tomeis a dianteira; mas meter-vos-ei a bordo uma guarda, para segurança.

— O primeiro soldado que pisar nas tábuas do bergantim sem permissão, será também o último, porque o navio arrebentará com a explosão do paiol. É minha ordem!... E agora podeis fazer de mim o que vos aprouver!...

O mancebo cruzou os braços, e pôs-se a olhar a caravela, que envolta pelas sombras da noite tormentosa, confundia-

se já com o vulto da terra assomando a sota-vento.

As organizações superiores têm um poderoso magnetismo, ao qual não escapam outras de igual têmpera. O heroísmo da empresa audaciosa, executada pelo brioso mancebo em tão verdes anos, a firmeza do seu ânimo junto à agudeza de engenho, conquistaram a admiração do fidalgo. Por outro lado D. Francisco sentia, que ele não tinha justo motivo para reter o navio; a suspeita de pirataria era inverossímil; quando muito se podia supor um curso feito sem carta e por conta própria. Mas na colônia do Brasil, tão desamparada da Metrópole quanto acometida por aventureiros de todas as nações, e onde a defesa do Estado estava quase sempre confiada aos esforços particulares, podia-se com razão imputar como delito a Estácio o seu ato de bravura, e impedi-lo de coroar a sua obra com a destruição do outro navio?

Essas razões ponderadas em conselho modificaram a primeira decisão do governador; o mancebo foi restituído ao seu navio. Quando ele sentiu de novo sob os pés as tábuas do bergantim, respirou como Anteu depois de tocar a terra.

— Reparemos o tempo perdido!...

A tempestade desabava. O bergantim, como um corcel por algum tempo sofreado, disparou corcoveando sobre as ondas. Impelido pela refega do temporal, arrostando

temerariamente a fúria dos elementos, parecia um dos brancos alcíons que ao cair da tormenta, atravessam calmos e serenos por cima das ondas.

D. Francisco sorriu murmurando consigo esta paródia sinistra:

— *Sit tibi aqua profunda.*

Terça-feira da Purificação, em que se contavam dois de fevereiro do ano da graça de 1609, O provedor-mor da alfândega de São Sebastião do Rio de Janeiro estava ocupado em rever papéis velhos, quando sua mulher lhe mandou avisar pela caseira, que um padre da Companhia o procurava.

O fidalgo ordenou que o fizessem entrar, e interrompendo as suas notas, esperou a visita anunciada.

D. Diogo de Mariz teria cerca de trinta anos; mas os últimos cinco decorridos depois da catástrofe que lhe roubara de um só golpe toda a família, haviam assolado aquela mocidade robusta e viçosa. A sua fronte alta e inteligente, como a de seu pai, começava a despovoar-se, e a tez morena, menos crestada do sol do que outrora, parecia curtida pela dor e saudade.

Mas o que perdera em brilho e frescor da idade, ganhara em gravidade de aspecto e nobreza de gesto. Começava a adquirir a beleza varonil, que adornava o busto venerável de D. Antônio de Mariz, ainda nos últimos dias da sua existência.

A sala em que se achava o fidalgo era como a página desdobrada do íntimo de sua alma: ali estavam em torno, a cingi-lo, as recordações mais palpitantes de sua vida. Os

retratos de seus pais, de Cecília e Isabel, pendiam das paredes; e em frente à papelreira onde escrevia, um pintor do tempo imaginara sob as indicações do fidalgo uma cópia muito semelhante da casa do Paquequer assentada sobre o rochedo à margem do rio. A um lado via-se uma palhoça, e encaminhando-se a ela um índio que figurava Peri; no terreiro D. Antônio passeando com um mancebo fidalgo que representava Álvaro de Sá. Mais longe, perto do casarão dos aventureiros, a desengonçada figura de Aires Gomes. D. Lauriana e as moças apareciam sentadas nos degraus da escada, trabalhando em obras de agulha e debuxo.

Bastava ao fidalgo erguer os olhos e circular esse aposento para se imaginar ainda no Paquequer, vivendo a alegre e descuidosa vida de mancebo que fruía naqueles ermos, cercado de sua família. Então embalava-se algumas horas nessa doce ilusão, até que afinal lhe subia à memória uma ideia pungente que amargurava todas as reminiscências; recordava-se com desespero que fora ele, insciente é verdade, a causa primeira da calamidade que o isolara no mundo.

Nesse instante, ao recolher no canto da arca as notas que escrevia, assaltou-o essa ideia suscitada pela vista de um objeto ali guardado. A visita que entrou depois, veio encontrá-lo submerso no doloroso recorde dos tempos idos.

O P. Gusmão de Molina, pois era ele quem procurava a essa hora o provedor, penetrou no aposento com a orgulhosa humildade que acompanhava o jesuíta ao palácio, como à choupana; e era o traço característico, dessa, mais que de nenhuma outra ordem religiosa. Cada membro dela sentia-se pequeno como individualidade, mas como parte da poderosa associação conhecia que nele estava a força da Companhia. A humildade trajando as vestes profanas da soberba, o corpo do apóstolo sob a túnica do patriciado: eis o jesuíta.

Da porta ao fidalgo que se erguera para recebê-lo, o P. Gusmão fez as três reverências, conforme o ritual da Companhia, cruzando as mãos no peito à moda oriental. Mas não foi unicamente à cortesia que se aplicou a atenção do frade durante esse curto instante: aproveitando o movimento da cabeça, seus olhos circularam duas vezes o aposento, uma de alto a baixo, outra da esquerda à direita.

— É o Senhor D. Diogo de Mariz, em presença de quem estou?

— Sim, Reverendo. Queira ter a bondade de acomodar-se.

O jesuíta sentou-se.

— Minha pessoa é desconhecida a Vossa Mercê, senhor provedor; mas não assim o meu nome. Eu sou o P. Gusmão de Molina!...

— Gusmão de Molina!... Não me recordo!... disse lentamente o fidalgo sondando sua memória.

— Não admira, pois faz mais de ano que viu esse nome e uma vez tão somente.

— Dir-me-á V. Paternidade onde o vi?

— Na carta que em setembro do ano atrasado escrevi a Vossa Mercê, de Lisboa onde então me achava.

— Sobre que objeto? perguntou o fidalgo, como quem se lembrava, mas queria verificar a lembrança.

— A propósito do roteiro que pertenceu a Robério Dias e se acha em poder de Vossa Mercê.

— Ah! exclamou D. Diogo.

— Nessa carta avisava eu ao senhor provedor haver-se perdido a que Sua Mercê escrevera anteriormente à mulher de Robério Dias...

O frade com os olhos cravados no semblante do fidalgo proferiu as últimas palavras e continuou repetindo:

— Escrevera à mulher de Robério Dias; pelo que, sendo possível apresentar-se com ela alguma pessoa inculcando-se procurador daquela dama, para receber o roteiro, prevenia em tempo que só a mim, em nome da Companhia, cabia

reclamá-lo, pois o filho de Robério Dias e seu único herdeiro, é nosso irmão noviço.

— Recordo-me agora perfeitamente; tenho-a ali.

D. Diogo ergueu-se, e abrindo a arca tirou de um escaninho um papel, que estava atado a um embrulho cerrado e lacrado com pingos verdes. Desdobrando o autógrafo já amarelado do P. Molina e percorrendo-o com os olhos para certificar-se de sua identidade, o apresentou ao jesuíta. Este agradeceu; por comprazer recebeu o papel e leu o que ele sabia de cor.

Enquanto isto, o fidalgo de novo acabrunhado por essa evocação do passado, que ainda há pouco o pungira, reclinara a nobre frente carregada de mágoas. Ao erguer a vista do papel deu o P. Molina com essa fisionomia quebrada por triste desânimo, e torvou-se; os cantos de sua boca plicaram-se como duas garras, que ele teve logo o cuidado de cobrir com um sorriso angélico:

— Vejo porém que foi em pura perda o aviso, pois me apresento tarde para reclamar o nosso direito!... insinuou a voz dolente do frade.

O fidalgo solevou a fronte surpreso:

— Onde vê tal, V. Paternidade?

— Do modo pesaroso com que me recebe o senhor provedor, o qual por seguro não anuncia boa-nova.

D. Diogo sorriu com melancolia:

— Não quero mal a V. Paternidade pela severa lição de cortesia que me deu agora, pois a mereci. Não é com rosto magoado e ânimo pesaroso que se agasalha o hóspede que nos Deus envia; e nem D. Diogo de Mariz costuma semelhante hospitalidade. Mas se V. Paternidade soubesse que passado doloroso acorda em mim a menor circunstância relativa à catástrofe que me enlutou o resto da existência!...

— A morte do Senhor D. Antônio de Mariz, pai de V. Mercê?...

— Teve V. Paternidade notícia dela?

— Achava-me nesta cidade quando aconteceu.

— Talvez não a referiram com todas as particularidades.

— Ouvi falar apenas de longe; e pesou-me não saber mais miudamente do acontecido.

— Se o P. Molina a deseja ouvir, creio que acharia consolo em confiar-lhe as minhas penas, e especialmente um escrúpulo de consciência, que nada ainda pôde apagar.

— Para mim será gosto e dever escutar a sua mercê. Essas dores ocultas e recônditas, são as que buscamos nas profundezas d'alma com mais afã que o mineiro as veias de ouro nas entranhas da terra.

O P. Molina ouviu em grave silêncio, sem perder um gesto da fisionomia do fidalgo. Seu olhar agudo e penetrante apalpava o seio daquela alma que se desnudava; e sondando o ponto em que ela parecia fender-se, conhecia não ser mais do que o lisim da pedra.

— As almas de mais forte têmpera, pensava ele, são sujeitas a essas falhas; como são justamente as pedras rijas, que racham mais profundamente.

D. Diogo começou a narração dos fatos que precederam a catástrofe do Paquequer desde o momento da morte por ele dada involuntariamente até o dia da sua partida para a cidade de São Sebastião em busca de socorro.

— Quando voltei àqueles lugares onde havia deixado quanto amava neste mundo, só encontrei a terra devastada pelo fogo. As ruínas que juncavam o chão em que fora a casa, anunciaram-me logo a terrível catástrofe. Na seguinte manhã minha gente cativou três índias velhas, únicos restos da tribo aimoré, que vagavam na mata próxima; delas soube os pormenores do acontecimento funesto. Meu pai alcançara morte digna de um cavalheiro português; pusera sepultando consigo os seus inimigos.

À recordação do heroísmo paterno um ligeiro sorriso trespassou a máscara triste do fidalgo; porém breve apagou-se, deixando a fisionomia mais opaca e torva que dantes. Abriram-se dos olhos aos cantos da boca duas rugas profundas, onde jaziam sepultas, mas não desfeitas, as dores cruas daquela catástrofe.

— Avalie V. Paternidade de minha miséria e angústia nesse transe. Pois sobre essa chaga viva imagine que punham um ferro em brasa, e terá uma ideia longe do que sofri, lembrando que eu era o causador da desgraça dos meus!...

A nobre fronte do fidalgo vergou como o cimo do cedro robusto, quando a carcoma ataca-lhe o cerne.

O P. Molina, que o ouvira em grave silêncio, falou então; e com a eloquência persuasiva que possuía no mais alto grau, espargiu nas úlceras dessa alma chagada o bálsamo de sua palavra unvida e elevada. Aproveitou habilmente esse espiráculo que se abria naquela alma para insinuar-se dentro dela.

A Providência é que desenvolve das várias causas os efeitos diversos; tal poder não foi dado ao homem, simples utensílio na grande fábrica do universo. Quantas vezes no pecado não se gera grande virtude ou obra meritória? E quantas do cumprimento do dever as desgraças?

— Praticastes uma ação inocente, porque não tivestes a intenção do mal.

— Quem o sabe?... exclamou o fidalgo.

— Sei-o eu que perscruto os refolhos de vossa alma. Não a tivestes, não. E pois ofendeis o Senhor, deixando-vos abater por semelhante pensamento, e gastando na dor uma coragem de que tanto hão mister a Santa Religião Católica e o serviço de El-Rei. O sofisma de vossa consciência é o mesmo de Jó amaldiçoando o dia em que nasceu!...

À medida que o frade falava sentia D. Diogo abrandar a angústia de sua alma. Mais calmo pôde reatar o fio à narração.

— Consinta V. Paternidade que finalize esta penosa narrativa. O que resta, mais de perto lhe interessa, pois explica como se acha em meu poder o manuscrito de Robério Dias.

— Escuto a Vossa Mercê, como devo.

— Apesar da cruel certeza que viam meus olhos e da afirmativa das velhas selvagens, a esperança ainda não me abandonou de todo. Tratei de percorrer os arredores a ver se descobria algum vestígio animador. Demos então com um claro na mata, onde sem dúvida uma partida de gente de D. Antônio de Mariz travara combate mortal com os Aimorés. De uma banda estavam alinhadas as ossadas dos

aventureiros já descarnadas pelos abutres, mas cobertas ainda de alguns trapos das roupas. Contamos nove. Da outra banda havia seguramente vinte e tantos esqueletos de selvagens, sinal de que os nossos haviam vendido a vida bem caro.

— Esse combate deve ter precedido de perto a catástrofe em que a tribo dos Aimorés foi destruída.

— De que induz isso V. Paternidade?

— Os selvagens têm por dever de religião enterrar os seus mortos depois do combate, e se o não fizeram é porque sobreveio a catástrofe em que pereceram!

— É bem possível. Um dos homens que eu havia assoldado para acompanhar-me, remexendo com a ponta de um chuçõ naquele monturo de ossos e trapos, espetou uma bolsa de malha; e abrindo-a na esperança de topar com alguma moeda, achou um rolo de papel. Quis o acaso que observando-o à distância, me achegasse a tempo de ler-lhe por cima do ombro a palavra *roteiro*. Apoderei-me logo do manuscrito, que pelo rótulo conheci pertencer ao famoso Robério Dias, do Salvador, filho de outro de igual nome, por alcunha Moribeca, descobridor das minas de prata.

— E o manuscrito?... disse com paciência evangélica o P. Molina.

— Deixe V. Paternidade que conclua de uma vez; depois conversaremos do mais. O homem, que achara a cinta, não sabia ler felizmente; mas da primeira palavra ROTEIRO que me escapara, concebera ele suspeitas, ainda que erradas, do valor do papel. Era em 1604, e então já envelhecida a história das minas de prata que tanto rumor fizera, começava a ganhar muita voga a fábula da cidade encantada ou reino do *el-dorado*. Para aí torceu a fantasia do mariola, que se imaginava já senhor de palácios e tesouros. Desenganei-o de sua pretensão; e aceitando o depósito sagrado que Deus me incumbira em nome dos ausentes e desvalidos, apenas chegado ao Rio de Janeiro escrevi à esposa de Robério que soube viver ainda na Bahia. Mais de ano decorreu sem resposta alguma, e já eu ia de novo insistir, quando me vieram às mãos as respeitáveis letras de V. Paternidade.

— Neste caso, resta unicamente que eu apresente os meus poderes para receber o manuscrito!... murmurou o P. Molina.

— Tais poderes, acredito que V. Paternidade os tem, pois sabedor como é, e tão respeitável de sua pessoa e ministério sagrado, não seria admissível que os ignorasse, ou sem eles se apresentasse; de resto em tempo e lugar próprio averiguaremos esse ponto.

— Não sei qual tempo e lugar sejam mais próprios do que este em que estamos! retorquiu o P. Molina sempre afável e

cortês.

D. Diogo erigiu o busto com a altivez que herdara do pai:

— Lembro haver dito a V. Paternidade que aceitara de Deus o depósito que ele me incumbira em favor dos ausentes e desvalidos. Pois bem, esse depósito sagrado, para que dele me exonere é necessário que sua restituição se faça perante oficial de justiça, e fique em público e raso no livro de notas. É hoje dia santificado, e pois amanhã pode V. Paternidade receber o que de mim requer, comparecendo ao cartório do tabelião Ferreira, antes da alfândega.

— *Ecce homo!* murmurou consigo o frade.

O semblante do P. Molina ficou impassível; sua atitude não sofreu a menor alteração; mas o ligeiro empanado dos olhos, efeito de uma conversão da luz para o íntimo, denotava que uma ideia grave surgira no seu espírito, que reclamava máxima atenção. O visitador vira com as últimas palavras do fidalgo surgir um obstáculo formidável aos seus planos tão bem combinados; e tomando o peso a esse fardo, dispunha-se a carregá-lo sobre os ombros, e alijá-lo à banda para desimpedir o caminho.

— Ouvi a V. Mercê, sem logo ir-lhe à mão, esperando pelas razões em que fundou a resolução tomada; mas ou me engano eu, ou não foram elas deduzidas.

— Para que fim, padre-mestre? A minha honra me ordena de proceder nesta conformidade, e pois dispenso argumentos. Pode V. Paternidade produzir outros mais engenhosos; nenhum lhe afirmo de maior força que aquele.

— Permita sempre o senhor provedor observar-lhe que o escrito público e suas solenidades só é uso exige-lo, quando existe uma obrigação anterior revestida de igual sacramento. Ora, é V. Mercê quem confessa ter recebido esse depósito de Deus, sem ter passado título algum; parece que da mesma forma o deve restituir?

— O padre-mestre esquece que há uma testemunha?...

— Bem sei; o mariola que achou a bolsa. Mas é realmente uma testemunha?... Penso que não; uma testemunha quer-se idônea, sabedora do fato, e nesse caso não está um mariola, que ignora a natureza do objeto. De resto que valha como testemunha, em troca dela dou a V. Mercê duas mais conceituadas, o dono do roteiro e seu procurador.

— Bem adverti eu que V. Paternidade havia de acabar por ter razão contra meus argumentos, pois que não sou versado nestas coisas; mas da minha convicção é que duvido que me demova.

— As mesmas rochas se movem e espedaçam; e para isso basta um sopro do Senhor. Dele espero que alcançarei persuadir a V. Mercê.

— É tentá-lo, padre-mestre.

— Senhor D. Diogo de Mariz! proferiu o visitador assumindo uma atitude grave e um tom solene; a honra que V. Mercê invoca em prol de sua resolução é o mesmo título sagrado pelo qual eu neste instante em nome de meu constituinte e da Companhia que represento, em nome especialmente dos brasões de sua cota d'armas, reclamo e protesto contra a insólita exigência que me acaba de ser feita.

— Cautela, padre!... Medi bem as vossas palavras antes de enunciá-las; e dissei logo que direitos vos dão meus brasões e minha honra!...

— Todos, nobre fidalgo, como vou provar. Ouça-me o senhor provedor sem receio de que ofenda os seus brios. Há cerca de quatro anos que foi pela esposa de Robério Dias recebida a carta que anunciava a achada do manuscrito pertencente a seu marido; e sabendo em que mãos estava ele depositado, julgou-o aí mais seguro do que nas suas próprias. Finou-se deixando ao filho o cuidado de receber o manuscrito; esse moço, apesar do imenso valor de semelhante papel, continuou a confiança materna, até que renunciou seus direitos na Companhia, a qual perseverou por mais de ano no nobre exemplo de seus antecessores. Nenhum dos sucessivos proprietários do tesouro de que o Senhor D. Diogo de Mariz tem a guarda, duvidou um instante da inviolabilidade desse depósito.

— Nem o devia!... Há mais de quatro anos que esse papel existe em meu poder; desde o primeiro dia em que li o rótulo nunca mais estes olhos o buscaram para ler uma palavra; na mesma hora em que a esta cidade cheguei, o cerrei sob meu selo, e o depus no mesmo lugar da prateleira onde jaz ainda intato desta mãos.

— Eu o sabia antes que o dissesse V. Mercê, e como eu, sabiam aqueles que dormiam na maior tranquilidade e segurança, acreditando que seu tesouro estava sob a guarda de Deus, pois estava sob a guarda de tão honrado fidalgo. Essa confiança nobre não merece reciprocidade? Não pede que dispenseis igual com que a teve convosco?

— Tinham a minha carta.

— E depois de perdida?... Por outro lado não ignora V. Mercê a história desse roteiro e da descoberta de que ele reza; por lho terem roubado, o que então ninguém acreditou, finou-se Robério desgraçado, e ainda assim feliz, por não ver cumprir-se o confisco que se executou sobre seu espólio, reduzindo à miséria mulher e filho.

— Tenho notícia desses fatos, ainda que era eu menino quando se deram.

— Pois considere V. Mercê nos efeitos da sua exigência. O ato público divulgará a existência do roteiro que se supõe perdido ou incógnito. Logo se açularão de um lado as

perseguições dos governadores, do outro a cobiça dos aventureiros para disputarem a presa; prosseguirá a série interrompida dos crimes a que já deu lugar esse fatal segredo; eu perecerei vítima dele, mas isso é o menos. A Companhia não poderá fazer o uso nobre que pretende, qual é o de restituí-lo a El-Rei em nome do filho de Robério Dias, pedindo em recompensa unicamente a reabilitação da sua memória, e o dízimo do quinto da mineração para edificação de novos colégios.

D. Diogo calou-se; o P. Molina depois que o contemplou um instante, concluiu:

— Consulte V. Mercê sua consciência e diga. Seria conforme à honra que tanto preza, sacrificar a meros escrúpulos a honra alheia? E houvera fiel cumprimento do depósito, se o segredo, essência dele fosse violado? Suponho que não. Enfim o senhor provedor, tão suscetível em matéria de culpa, que imputou a si a desgraça de sua família só porque ela derivou de um fato por ele praticado, embora sem intenção; o senhor provedor, repito, deve com maior razão temer as consequências fatais que hão de resultar necessariamente da divulgação do segredo. Com a diferença que neste último caso não só há propósito, mas está V. Mercê advertido do mal.

A argúcia do visitador abalou fortemente o fidalgo; o apelo à sua honra ao mesmo tempo que a alusão à catástrofe do Paquequer, tocaram o fidalgo nas duas fibras mestras de sua

alma. Ele esteve um momento recolhido, e respondeu ao frade:

— Careço de meditar sobre o que me disse V. Paternidade. Quando uma vez se tomou uma resolução, que foi criando raízes no ânimo, não é de um instante para outro que a arranca a gente e a joga fora.

Outro, que não o P. Molina, decerto insistira a ver se obtinha naquela mesma hora o ambicionado tesouro. Mas o visitador tinha, como ninguém, o dom admirável de perscrutar os arcanos do pensamento e de avaliar rapidamente das situações. Ele conheceu que seu argumento imprimira naquele coração uma doce flexão, que no isolamento podia ir a pouco e pouco aumentando até que de todo o vergasse. Se ao contrário procurasse forçar aquela rijeza de aço, bem podia ela reagir contra a mão imprudente, e feri-lo com as ásperas vibrações. Tocar-lhe depois fora, senão impossível, perigoso.

O visitador portanto ergueu-se, e despediu-se do fidalgo, ficando de voltar no dia seguinte à hora da sesta para saber da resolução final.

Ganhando a rua, o jesuíta atravessou para o lado oposto, e fingindo a atitude de um homem irresoluto no caminho que deve tomar, esteve parado algum tempo a examinar a casa de onde saíra.

Não há muitos anos, que foi de todo reconstruído um antigo sobrado de caixões na Rua de São José entre o Cotovelo e Ajuda. Era a morada de D. Diogo de Mariz, em frente à qual se achava o P. Molina. À esquerda do edifício ficava uma casa térrea de porta e janela, com água-furtada sobre o telhado. Era este de tal modo agudo e afunilado, que a cumeeira entrava no outão do sobrado quase pela altura das biqueiras do telhado.

Na rótula da casa estava cosendo uma mulher que, mal avistou o hábito do frade, debruçou-se ao parapeito para lhe pedir a sua bênção se passasse rente, e acompanhá-lo com os olhos se tomasse oposta direção. A curiosidade feminina de que era objeto não escapou ao jesuíta, que examinando o sobrado, examinou também a casa térrea, e a moradora como acessório dela.

— A água-furtada toca justamente com a recâmera pela parede a que está encostada a arca dos papéis, pensava o P. Molina sorrindo. *Jus est potior* – direito é força.

O frade tornou a atravessar a rua, e entrou na casa térrea pela porta de rótula, que foi abrindo-se diante dele, como por encanto; era o encanto do olhar imperativo que atravessara as grades e estremecera a devota. Um quarto de hora bastou ao hábil operário para amolecer aquela cera e fazer dela uma figura a seu jeito.

— Mulher, não me viste dali defronte olhando esta casa?...  
Passando meu caminho, ordenou o Senhor que erguesse os olhos, e mostrou-me por sua infinita misericórdia, e para salvação tua, os sinais do mau espírito. Esta casa está mal-assombrada, mulher!

— Jesus, Maria, valei-me! gritou a mulher caindo de joelhos.

— Não te assustes, pecadora, pois o Senhor enviou-me para salvar-te.

— Sim, meu bento padre, salvai-me! Cobri-me com vosso manto! murmurava a devota enrolando-se no hábito do frade.

— Recomendo-te todo o silêncio!... Não boquejes disso a pessoa alguma.

— A ninguém!...

— Eu voltarei dentro de uma hora com o livro para começar o exorcismo. É especialmente na água-furtada que Satanás assentou as suas diabruras.

— Senhor Deus, quando pensei eu que estivesse tão perto das garras do Tinhoso!...

O P. Molina depois de algumas recomendações mais, saiu apressado, e subindo a Ladeira do Cotovelo, recolheu ao

Colégio no alto do Castelo. Quando ele entrava a portaria, tocava a refeitório; reuniu-se à comunidade no poio, e comendo às pressas o necessário, ergueu-se, obtida a vênua do reitor.

O P. Molina se apresentara na casa de São Sebastião na qualidade de delegado do provincial da Bahia para incumbência de suma importância; a carta de Fernão Cardim recomendava que se lhe desse toda a ajuda e subsídio de que porventura necessitasse. Chegado na véspera por tarde, mal tivera tempo de descansar, e já andava em diligência.

Levantando-se do refeitório, foi direito às oficinas, onde costumavam muitos irmãos exercitar-se nas artes mecânicas, de que saíam afinal peritos oficiais e mestres. O visitador percorreu-as, examinando com atenção os vários utensílios espalhados pelos bancos de trabalho, ou guardados nos respectivos baús. De entre eles escolhia alguns que ia metendo na sacola oculta por baixo do hábito. Concluído este trabalho, sobraçou o livro dos exorcismos, e voltou à casa da devota que o esperava em ânsias.

Momentos depois estava o frade instalado na água-furtada, ninho de ratos e andorinhas, que media quando muito uma braça em quadro. Encostado nas traves, com a cabeça a roçar nos caibros, o frade tinha os olhos pregados na parede oposta que tocava com o sobrado de D. Diogo de Mariz. Seu olhar firme e claro media, como um compasso sobre o

papel, as dimensões daquele muro, e traçava as linhas com a justeza de uma régua. Era um matemático de primeira plaina, dos que nascem como Pascal com os dois instintos especiais do algarismo e do metro, e não carecem para as suas operações de outros instrumentos senão do olhar e da memória.

Contudo o jesuíta não se julgou habilitado à solução definitiva do problema; acusando na parede com a ponta de uma pinça o resultado do cálculo que acabava de fazer, remeteu para depois a verificação.

No dia seguinte à hora aprazada Molina entrava na habitação de D. Diogo de Mariz; desde que pisou a soleira da porta, pode-se quase dizer que não era um homem quem penetrava na casa, mas um instrumento geométrico. De feito o frade se movia e regulava, como se o seu corpo fora uma esquadria ou um compasso.

Contou os passos que deu até o gabinete, os degraus que subiu, calculou as diferenças produzidas pela inclinação da escada e desvio da linha reta; e concluiu de todas essas equações a distância exata em que se achava o gabinete do alinhamento da rua, e confrontou-a com a distância já por ele conhecida da água-furtada. Quando pois entrou no aposento, seu olhar, como se a parede do outão fosse transparente, viu desenhar-se a figura pontuda do teto vizinho; metade do armário ficava dentro dessa figura, e

essa metade era justamente aquela onde estava guardado o roteiro.

O visitador aproveitou o instante de espera no gabinete para retificar os seus cálculos. Quando o fidalgo entrou, achou-o já em repouso.

— Padre-mestre, as razões de V. Paternidade pesaram em meu espírito. Refleti no que me ponderou, e reconheço que devo ao dono do depósito o segredo, sem o qual corre iminente risco a segurança da pessoa a quem o entregue, e pode falhar a reabilitação do nome de Robério Dias. Prezo muito a minha honra para baratear a reputação alheia.

— Esperava achar hoje o senhor provedor deste acordo! disse o P. Molina.

— Portanto desisto da entrega perante oficial público e me satisfaço simplesmente com um escrito do punho de V. Paternidade.

Molina estremeceu interiormente; a exigência do fidalgo, reduzida agora aos verdadeiros limites, era formidável porque se tornara justa e razoável. Mas as circunstâncias especiais em que se achava o jesuíta não lhe permitiam aceder à vontade do fidalgo. Estácio podia, apesar da prisão e da distância, chegar um dia ao Rio de Janeiro e apresentar-se a D. Diogo. Se na mão deste ficasse um documento assinado por ele P. Molina, estaria destruída

toda a sua obra. O filho de Robério Dias naturalmente havia de recorrer à autoridade de El-Rei; e daí resultaria em vez de importante serviço, grande dano à Companhia.

Era necessário pois ao plano do jesuíta que ele se apoderasse do roteiro sem deixar vestígio de sua passagem; e para isso empregou todos os recursos de sua inteligência, mas debalde. A quanto argumento aduzia o pronto e fértil espírito, respondia o fidalgo com uma única razão, na qual se havia acastelado heroicamente:

— Para que o roteiro saia de meu poder é indispensável que fique no seu lugar o documento da sua entrega. A honra é como a mulher de César que nem deve ser suspeitada.

O jesuíta retirou-se, pedindo vênias para voltar; não era ele homem que se desse por batido assim de primeira vez.

— Não há homem previdente neste mundo!... suspirava o visitador. Eu me tinha nessa conta, e não passo de um calouro. Se tivesse escrito a carta com suposto nome, não me esbarraria agora neste obstáculo!

Breve porém só cuidou de reparar o erro passado. Seu projeto estava formulado e pronto. Se pudesse apoderar-se pelo artil do roteiro, preferia esse meio; do contrário subscreveria à condição do fidalgo, e quanto ao futuro, Deus e a sua inteligência proveriam.

O frade entrou na casa da devota, ganhou a água-furtada, e ratificando o seu cálculo, traçou na parede um quadrado de palmo de face; descascando o ligeiro emboço com um escopro de que se munira, viu com alegria que acertara nas juntas do tijolo, de modo que o trabalho facilitava-se.

Os cinco dias que seguiram foram repartidos por Molina entre duas ocupações; ir à casa de D. Diogo persuadi-lo a entregar-lhe o roteiro independente de quitação, e trabalhar no rombo da parede, escondido na água-furtada da casa vizinha. Já ele tinha chegado à outra face, e descoberto a madeira da arca ali encostada. Servindo-se então de uma serrilha estreita e fina de serralheiro, que introduziu pelo buraco da verruma, começou a cortar um tampo circular no armário. Essa era a parte mais delicada do trabalho, que só podia ter lugar quando o fidalgo estava ausente e que por isso havia de avançar lentamente.

Mais um dia, e o P. Molina era senhor do roteiro.

Aos oito de fevereiro, a nau *Santiago* entrava a Baía de Niterói, e fundeava junto ao Forte de Villegaignon. Recebido com a costumada formalidade pelo Senado da Câmara e acompanhado do povo, foi o governador alojar-se nas casas para esse fim destinadas, na Rua Direita, próximo à Alfândega. Depois da audiência de cumprimento, à qual compareceu a gente principal da terra, encerrou-se o governador com o provedor-mor da alfândega D. Diogo de Mariz.

Acreditaram os da comitiva, que traria o governador alguma recomendação especial sobre o tráfego do porto e serviço da aduana; e bem longe estavam de suspeitar do verdadeiro assunto daquela prática.

— Sem dúvida que tendes notícia das famosas minas de prata de Jacobina, senhor provedor?

D. Diogo teve um leve sobressalto; mas logo restabeleceu a calma do seu nobre aspecto.

— Por certo, senhor governador. Tanto se tem falado sobre elas, que ninguém há nesta América que as ignore.

— Sabeis também o que houve com seu descobridor, Robério Dias, no ano de 1591, em que S. Majestade El-Rei me mandou por governador a este Estado?

— Ouvi-o de várias pessoas.

— Corre que o roteiro não é perdido, e menos falso, como então muitos supuseram?

O sagaz e astuto governador espiava o efeito de suas palavras na fisionomia de D. Diogo. Este calou-se um instante visivelmente perplexo; mas tomando logo uma resolução enérgica, e revestindo ares de severa dignidade, fixou no seu interlocutor um olhar límpido e calmo, reflexo de uma alma leal.

— É D. Francisco de Sousa quem me interroga, ou o governador deste Estado?

— Suponde que sejam ambos! acudiu logo o fidalgo com um sorriso.

— Nesse caso: ao primeiro eu não responderia, mas cortesmente lhe pedira que mudássemos de assunto.

— E ao segundo?

— Diria com todo o respeito: — Não me interrogueis sobre este objeto, porque me colocaríeis na dura necessidade de desobedecer à vossa autoridade, para guardar a minha honra.

O governador rugou o sobrolho. Abandonando de repente a sua primeira tática, investiu direito ao alvo.

— É inútil a reserva, D. Diogo de Mariz. O roteiro de Robério Dias está em vosso poder.

O provedor ficou impassível.

— Negais?

— Já respondi a V. Senhoria, não respondendo.

— Não o podereis negar. Não só tenho plena certeza; mas estou informado da circunstância que vos fez depositário deste segredo.

O governador referiu o quanto o Brás tinha ouvido do Anselmo a bordo do galeão *Rosário*.

D. Diogo não se abalou; ouviu silencioso sem o mínimo sinal de confirmação ou negativa.

— Vosso mesmo silêncio, concluiu o governador, é a prova mais robusta do fato. Em vossos lábios mudos há uma confissão mais clara do que se falassem.

D. Diogo sentiu o peso dessa observação:

— Não sou e nunca fui de argúcias e ambages, senhor governador; na minha família, sempre houve timbre de franqueza e verdade. É exato que o roteiro das minas de prata foi confiado à minha guarda pela Providência; e que eu aceitei a responsabilidade desse perigoso depósito,

resolvido a cumpri-lo. Eis o que me cabe comunicar a V. Senhoria.

— E como contaís cumpri-lo, senhor provedor?

— Restituindo-o a seu legítimo senhor.

— Não me enganaram os que tão bons prólogos me fizeram no reino e aqui da vossa nobreza, D. Diogo de Mariz; sois credor da estima de todos os homens de bem pela vossa probidade austera e constante lealdade.

— Folgo de ver meu procedimento confirmado por pessoa de tanta autoridade!

— Sem dúvida que vos aprovo e louvo. Deveis restituir o roteiro a seu legítimo senhor. E quem pensais que seja esse?

— O herdeiro de Robério Dias!

— É incontestável.

— Então está o senhor governador de acordo comigo? perguntou o provedor serenando.

— De perfeito acordo, respondeu D. Francisco sorrindo.

D. Diogo ergueu-se para retirar.

— Portanto só me resta receber o depósito e dar-vos quitação.

— Vós, Senhor D. Francisco de Sousa?

— Mas decerto!

— Em que qualidade?

— Na de procurador bastante do herdeiro de Robério Dias.

— Qual herdeiro? Pois o filho...

— O único legítimo herdeiro, Sua Majestade El-Rei, nosso senhor.

— Não compreendo.

— A sentença de condenação de Robério Dias, ordenando o confisco de seus bens, constituiu o real erário seu único herdeiro. Creio que não me contestareis este ponto; mas acresce ainda que El-Rei já era sucessor desse roteiro por cessão que dele lhe fizera o próprio Robério, e embora se argumente com ter sido condicional.

D. Diogo teve tempo de refletir; e interrompeu o governador:

— Me levais para outro terreno, Senhor D. Francisco de Sousa, em que sou ainda mais peço que na diplomacia, o da

rabulice. Os letrados vos darão mil razões; concedo mesmo que seja exato quanto expendestes. Mas o roteiro que tenho em meu poder, recebi-o como de Robério Dias; e para com ele me obriguei perante Deus, em cujo tribunal não há confiscos. Só a ele pois ou a seu filho que o representa, restituirei o que me foi confiado. Se El-Rei, ou quem quer que seja, tem direitos a este objeto, discuta-os nos seus tribunais, entre ele e seu adversário. Comigo não, que só me obriguei no juízo de Deus.

— Nesse caso recusais entregar-me?

— Sou a isso forçado.

— E a El-Rei também recusareis?

— A El-Rei como a qualquer.

— Lede.

O governador apresentou um alvará em que Filipe III ordenava a D. Francisco de Sousa, que apreendesse, em mão de quem quer que o tivesse, o roteiro das minas de prata descobertas por Robério Dias, empregando a esse fim, se fosse necessário, a coação, derogados para tal efeito todos os privilégios e isenções de nobreza.

D. Diogo leu o alvará, e tornando-o ao governador, disse-lhe friamente:

— Execute V. Senhoria o alvará!...

— Desobedeceis a El-Rei, Senhor D. Diogo de Mariz?

— Desobedece quem recebe uma ordem e não a cumpre. El-Rei não pode ordenar-me uma coisa contrária à minha honra e dignidade.

D. Francisco bateu o pé arrebatado, e passeou agitado pela sala.

— Estais sob a influência de uma nímia suscetibilidade, Senhor D. Diogo de Mariz; também eu sei prezar a honra e dignidade de meu nome, e não seria capaz de exigir de vós coisa que não fosse digna de um fidalgo. Quero dar-vos tempo para refletir, antes de uma decisão que vos pode ser fatal. Recolhei à vossa habitação: amanhã ao meio-dia, me direis a vossa última palavra, e espero em Deus que será propícia. Jurai que desde este instante até então o depósito que tendes em vosso poder não mudará de lugar!...

— Jurarei se o quereis, senhor governador. Mas amanhã, como hoje, a minha resposta será a mesma.

— Jurai!

D. Diogo satisfez o desejo de D. Francisco e retirou-se.

A reputação de astuto e sagaz que adquirira D. Francisco de Sousa era merecida. Ele contava que o pranto da família e a

influência da noite operassem fortemente no ânimo do fidalgo e o rendessem à sua vontade. Desse modo evitava um ato de força, que empregado logo no princípio do seu governo e contra um fidalgo de alta linhagem e oficial superior de fazenda, seria perigoso. D. Diogo era pela sua inteireza e severidade de costumes geralmente estimado da gente boa; a sua desobediência, longe de parecer crime, daria talvez maior realce àquelas virtudes. No estado em que então se achava a colônia um tumulto popular não era impossível; e El-Rei não duvidaria dar razão à gente da terra contra seu governador, como muitas vezes aconteceu.

Demais, que arriscava o governador com esse adiamento de vinte e quatro horas? Estácio estava a estas horas ou sepultado nas ondas ou em luta com elas; quanto à dificuldade que podia criar o provedor escondendo melhor o roteiro, o juramento dado era uma garantia.

Seriam duas horas da tarde, quando do colégio dos jesuítas no Morro do Castelo se avistou a nau *Santiago*, dobrando o Pão de Açúcar para entrar a barra.

Os padres levantando-se do refeitório, caminharam às janelas para acompanharem com os olhos a majestosa singradura da alterosa nau, que fendia as ondas, como uma princesa do oceano, soltas ao vento as brancas roupagens.

Antes deles porém o P. Molina sempre alerta a tudo que passava em torno, com um óculo de longa mira e do interior

da cela examinava o navio.

A escolha de D. Francisco de Sousa em idade avançada para governador do Estado do Sul, acordara no espírito de Molina a mesma ideia que suscitara na lembrança de Vaz Caminha; porque para ambos a nova desse fato coincidira com a notícia da existência do roteiro de Robério Dias. Como porém a partida de D. Francisco de Sousa estava marcada para o começo de outro ano, o visitador deixando a Espanha em outubro de 1608, trazia cerca de três meses de avanço; e por conseguinte podia concluir a sua missão antes mesmo que o governador se fizesse à vela.

Deste lado estava pois o jesuíta de ânimo tranquilo, quando o surpreendeu a chegada inesperada do governador. Ao primeiro sinal de nau portuguesa à barra, teve ele um pressentimento, que logo tornou-se em certeza, quando pôde distinguir o pavilhão de capitão-general içado no tope do mastro e saudado pelos fortes e navios da armada.

Que razão tivera o governador para assim precipitar a partida?

O espírito do jesuíta cingindo-se à investigação desse problema, acabou por concluir que o motivo da alteração fora relativo às minas de prata, e nenhum outro senão uma suspeita sobre os projetos da Companhia. É certo que o segredo ficara entre o Geral Cláudio Aquaviva e ele P. Molina, entre um abismo e um túmulo. Mas o visitador

sabia por experiência própria que o espírito humano é dotado de uma espécie de faro moral, capaz de perceber ao longe fatos de que não há notícia. É por esse dom singular que a gente de uma cidade anuncia às vezes uma vitória ou um naufrágio, ao mesmo dia e hora em que ele tem lugar a centenas de léguas distante; o que fez dizer ao provérbio: voz do povo, voz de Deus, quando divulga o bem, ou do diabo, quando anuncia o mal.

Ora, pensava o P. Molina, era bem possível que embora do abismo profundo onde estava sepultado o segredo, não escapasse eco dele, contudo se levantasse algum ligeiro odor, que prurisse o fino olfato da diplomacia castelhana, discípula aproveitada da inquisição e do jesuitismo.

Cogitando destas coisas, dirigiu-se a toda a pressa para a Rua de São José.

O visitador não se enganava. Fora justamente essa a razão, que precipitara a partida do governador. Mestre Brás, quando visitara D. Francisco em Lisboa, lhe falara do P. Gusmão, e comunicara algumas leves suspeitas que tivera. O astuto diplomata não desdenhara estas informações; todavia chegando a Madrid e sondando ali como em Lisboa a casa provincial, não percebeu coisa suspeita. Logo porém que veio-lhe ao conhecimento a partida do P. Gusmão de Molina para o Brasil, ele ficou inquieto. Sabendo do que pôde colher do prelado, ser essa partida ordenada de Roma pelo Geral, que desligara o professo da sua obediência à

casa de Espanha, o governador não duvidou mais, e instando com o ministro, fez-se à vela ao cabo de quinze dias, que tanto se despendeu com o apresto da nau.

Se não fosse a demora da caça aos holandeses, talvez que D. Francisco de Sousa aportasse a São Sebastião antes do P. Molina.

Enquanto repicavam os sinos e ardiam no ar fogos de artifício para festejar a boa-vinda do novo governador, o P. Gusmão indiferente às demonstrações festivas, chegava à casa de D. Diogo, resolvido a satisfazer a exigência da quitação e receber o roteiro. Deixaria nas mãos do fidalgo um documento de sua falsidade; mas engendraria modos de reparar esse mal.

— Tenha eu o papel em meu poder, é o essencial. Ao mais Deus proverá.

O frade pensava que a perfuração da parede serviria para subtrair o recibo, desde que o roteiro estivesse em suas mãos.

D. Diogo não estava em casa; já tinha saído para ir ao acompanhamento do governador, donde só recolheu à noite, depois da prática que se referiu. O frade desgostoso desse contratempo, mas não desanimado, recorreu ao meio extremo; subiu à água-furtada, e pôs mãos à obra, deixando a beata de vigia à rótula para o avisar da volta do fidalgo,

logo que o avistasse no princípio da rua. Entretanto trabalhava com ardor extraordinário; faltava-lhe ainda muito para concluir o rombo; a tábua além de grossa devia ser delicadamente serrada a fim de não cair do lado oposto e chamar a atenção.

Nesse ponto do trabalho foi o visitador distraído pela beata que o chamava do patamar da escada. O provedor recolhia taciturno e sob o peso de graves pensamentos; quando o jesuíta saiu à porta, ainda vinha a vinte passos de distância, pelo lado oposto da rua. Deixando que se aproximasse foi-lhe direito o P. Gusmão:

— Vosso servo, senhor provedor!... ia ele dizendo.

Mas uma estrambótica figura, que não tinha percebido, meteu-se de repente entre ele e o provedor, de modo que este, distraído como vinha, passou adiante sem dar fé de quem lhe falara.

— Reverendo, uma palavra!... disse o recém-chegado.

— Segui vosso caminho, irmão, e deixai-me ir o meu, que tenho muita pressa!... replicou o frade.

— Mais tenho eu, reverendo!...

— Pouco me embaraça!

— Embaraça-me a mim!

O jesuíta procurava passar, e o desconhecido esbarrava-lhe o passo postando-se em frente.

— Que quereis de mim, então?

— Que o reverendo venha ouvir de confissão uma pobre mulher...

— Não posso agora!...

— *Sangre de Cristo!*... Um padre que recusa confissão a enfermo mortal!... É pior bicho que a besta-fera, pois esta come só a carne!...

O P. Molina, que apesar da escuridão da noite, estava entreconhecendo o desastrado sujeito, ao ouvir a tão familiar jura de outrora, recordou-se imediatamente do Capitão Fuerte Espada. Este reconhecimento levou-o logo e naturalmente a uma conjectura. O aventureiro, que ele deixara em Lisboa nas garras da Inquisição, para escapar-lhe devera ter sido amparado por pessoa de grande valimento: e essa não era outra senão o Governador D. Francisco de Sousa que o tomara a seu serviço.

Tudo isto foi rápido e pensado enquanto o aventureiro terminava seu dizer, ao qual o jesuíta retrucou:

— Assim era, irmão, se não estivesse eu suspenso de ordens!...

— Caramba! O reverendo está suspenso! Que tal!... Por bom não há de ser!...

— Deixo-vos com Deus, senhor!...

O Capitão Fuerte Espada, que não primava pelos dotes do espírito, ficara estatelado com o expediente do frade; e enquanto ruminava ele o modo de retorquir ao argumento e convencer o jesuíta para que o acompanhasse, este seguira o seu caminho desimpedido, e já pisava o limiar da porta de D. Diogo, quando o aventureiro em dois saltos o alcançou e tomou-lhe a dianteira.

— Nada, reverendo, haveis de acompanhar-me. Ocorreu-me que assim como qualquer sem ser padre batiza em artigo de morte, podeis vós, mesmo de ordens suspensas, confessar!...

— Então também vós, sem ser padre; e portanto não careceis de mim, disse o frade a rir.

— *Sangre de Cristo!* O reverendo está chasqueando do próximo!... Pois saiba que lhe fala o Capitão D. Aníbal Aquiles Cipião de la Fuerte Espada, com quem ninguém ainda brincou, nem mesmo sua mãe quando ele era fedelho! Disse eu que o reverendo me havia de seguir a confessar a mulher, e é como se já estivesse lá.

No forte desta altercação fechou-se a porta do provedor; o sino de recolher começava de ser tangido. O frade pensou

que o melhor modo de se desvencilhar do aventureiro, era condescender com ele; e pois resolveu-se a segui-lo.

— Mostrai o caminho, irmão.

— Em frente! Sempre em frente! É a minha divisa!...

Seguiram os dois rua acima. Com um galrador da força de D. Aníbal, não era difícil ao P. Molina verificar o que já suspeitara a respeito da sua vinda ao Brasil. D. Francisco de Sousa, guiado pelas revelações de mestre Brás, compreendera que lhe seria útil o concurso do aventureiro, e tirou-o dos cárceres do Santo Ofício, para logo dar-lhe um lugar em sua comitiva. O aventureiro, que já se considerava queimado, recebeu aquele favor do céu sem saber a que circunstância o devia:

— O tal mestre Brás!... concluiu o soldado bufando. Um dia havemos de ajustar contas!...

O frade que revolvía nesse instante tristes pensamentos, sorriu de ver atribuir ao taberneiro a denúncia por ele deitada na caixa secreta; mas logo uma ideia amarga derramou-se no seu espírito, confrontando as circunstâncias agora referidas com outras por ele antes sabidas.

“A inteligência humana é uma burla do Criador!... Eu, Gusmão de Molina, com vinte anos de um estudo incessante, eu, discípulo melhor dos grandes mestres, deixar-me iludir por um taberneiro!... Quando podia pensar

que aquele bruto seria capaz de contraminar um plano meu!”

Chegavam os dois à Rua da Ajuda.

— Ao menos reparemos o erro!...

Murmurando consigo, o frade recuou de repente, fingindo sobressalto:

— Que temos?... perguntou o aventureiro.

— Não vê, D. Aníbal, ali no mato uns vultos!... Falam tanto de malfeitores agora!

— Quem vai lá? gritou o destemido capitão.

Não respondendo ninguém, desembainhou a espada e arremeteu a cutiladas pelo mato. As sombras eram duas estacas ali fincadas para coradouro, o que ele só conheceu chegando perto.

— Oh! oh! oh!... exclamou rindo! Vinde ver os vossos malfeitores, reverendo.

Mas o P. Molina se tinha sumido.

— E não logrou-me o demônio do frade!... Melhor; poupou-me o trabalho de me descartar dele.

D. Aníbal voltou à Rua de São José, mas qual não foi o seu pasmo descobrindo de longe o vulto do jesuíta em pé defronte da porta de D. Diogo de Mariz, esperando que acudissem ao seu bater. Deitou a correr para ele, quando lhe saiu do vão junto da parede um sujeito.

— Então asno, assim é que cumpres as minhas ordens?

— Mas, capitão, o frade disse que vinha por ordem do senhor governador, e que vós não havíeis tardar! Como saístes ambos juntos!...

— E que tinha isso, grandíssima besta!...

D. Aníbal chegou a tempo; ouviam-se já as passadas da caseira de D. Diogo na escada:

— Sem dúvida, reverendo, vos enganastes de porta: a do vosso convento fica no Castelo, onde este camarada vai levar-vos direitinho como um fuso. Vamos! um, dois, três; em frente, marcha.

O visitador conheceu que a resistência, além de improfícua, podia ser funesta. Era claro que o governador guardava a porta de D. Diogo, e por conseguinte ele não poderia naquela noite penetrar na casa. Entretanto, se por um lado aquela medida o assustava, por outro lhe dava esperanças, pois era indício de que o provedor, fiel aos severos princípios de honra, recusara ao governador a entrega do depósito.

Recolheu pois o visitador ao Colégio, ao passo que D. Aníbal se atravessava na soleira da porta resolvido a ali passar a noite, e despachava a caseira acudida ao chamado do frade:

— Não é nada, rapariga, senão fui eu que me enganei de porta.

Entretanto D. Diogo de Mariz ignorava o que passava à porta de sua casa. A nuvem que um instante toldara o seu pensamento se dissipara; recobrou a calma e serenidade da consciência pura. Depois da ceia frugal, escreveu uma carta que encomendou aos cuidados da caseira, e dormiu ao lado da virtuosa esposa o sono do justo.

A caseira do fidalgo era a mulher dos esquecimentos; tinha memória de galinha pedrês, de quem diz o vulgo que não se lembra onde pôs o primeiro ovo. Quantas incumbências lhe davam, umas não fazia, outras amanhava de través. Nessa noite à vista das instantes recomendações do amo, teve ela uma feliz ideia: meteu a carta no cocó. Era o meio de não esquecê-la em casa no outro dia ao sair para as compras.

Assim aconteceu de fato. Às cinco horas da manhã, a velha, de samburá no braço, ganhou a rua, e com ela foi escondida no cabelo a carta da qual nem mais se lembrava. D. Aníbal viu-a sair, e deixando a porta guardada foi-lhe no encalço. A poucos passos fê-la parar:

— Alto, minha velha. O senhor governador teve denúncia de que trazíeis convosco certas bruxarias...

— Eu!... Bento Jesus!... Que falso testemunho!...

— É o que vamos averiguar! Vou passar-vos uma revista completa!...

— Podeis passar, na certeza que se alguma encontrardes, são artes do Tinhoso!...

Sem respeito ao pudor, D. Aníbal revistou ou apalpou a velha; não lhe encontrando coisa suspeita, deixou-a seguir. Como poderia pensar o capitão que os cabelos dessa sujeita seriam para ele como os cabelos das matronas romanas para o seu homônimo!

A essa mesma hora o P. Molina saía do Colégio em direção à Rua de São José. Levara a noite inteira a meditar; e ia resolvido a instalar-se em casa da beata, e daí operar como o caso pedisse. Tinha dois meios a empregar; um era o furo da parede; o outro o quintal, por onde supunha poder penetrar na casa do fidalgo.

Sucedeu que ao chegar o visitador embaixo da ladeira, passou-lhe pela frente a caseira, que ele imediatamente reconheceu. A velha ia bem descansada de seu; nem lembrança da carta; mas ao ver o frade caiu em si, e tirou do cocó o papel engordurado de banha.

O P. Molina quebrou o selo e leu rápido:

*Padre-mestre. — Rogo-vos encarecidamente a graça de achar-vos nesta vossa casa de São José amanhã, segunda-feira, que se contam nove de fevereiro, antes da hora de meio-dia.*

*De V. Paternidade  
um irmão reverente*

*D. Diogo de Mariz.*

— Para que me quer ele?... E por que ao meio-dia antes do que a qualquer outra hora?...

O frade tornou a ler a carta, e interrogou a velha, da qual só colheu o que já sabia; que o provedor recolhera tarde voltando de palácio.

— O governador exigiu a entrega do roteiro; D. Diogo pediu tempo para refletir; o governador lhe concedeu, mas fê-lo guardar por cautela. O prazo expira ao meio-dia; ele me convida pois para prevenir-me da entrega que vai fazer do roteiro ao governador. Não é outra coisa.

Caminhando sempre, prosseguiu:

— Também é possível que ele pedisse prazo para poder livrar-se do depósito entregando-o a mim. Mas não! se assim fosse, não me diria — antes do meio-dia, e sim — venha o mais cedo possível!...

O frade encaminhou-se apressado para a casa da Mariana, onde pretendia entrar sorrateiramente, para daí sondar o terreno. Mas nesse tempo pouca gente transitava pelas ruas de modo que apenas o frade apontou longe, o capitão o lobrigou, e foi-se logo preparando para fazer-lhe frente. D. Aníbal tinha mais medo da língua de um jesuíta, do que da ponta de uma adaga afiada.

Com admiração sua, o frade em vez de se dirigir à porta de D. Diogo, bateu devagarinho na rótula: por infelicidade a beata estava para os fundos, e tardou uns dez minutos a abrir. Foi o tempo necessário para o aventureiro formular um pequeno raciocínio, em virtude do qual lhe pareceu suspeita a entrada na casa vizinha pelo mesmo indivíduo que tamanha insistência fizera na véspera para entrar em casa de D. Diogo.

D. Aníbal avançou pois:

— Bom-dia, reverendo. Já tão cedo na rua! Quer me parecer que o padre tem rasca por estas bandas.

O jesuíta revestiu-se da sua dignidade, e não respondeu; este ar pesou sobre o aventureiro, que retorquiu em tom cortês e

polido.

— Não se pode saber o que vem o reverendo fazer a esta casa?

— Venho exercer o meu sagrado ministério!

— Queira o reverendo traduzir-me isso em vulgar.

— Fui chamado a uma confissão aqui!...

— Mas o reverendo não está suspenso de ordens?

— Minha suspensão terminou no dia de ontem.

O Capitão Fuerte Espada ficou estatalado; mas sem o sentir arrancou da cachola uma réplica chistosa:

— Neste caso, reverendo, a minha enferma de ontem está em primeiro lugar.

E receando a lógica temível do jesuíta, pôs-se o aventureiro a cantarolar, acenando a um dos seus homens para guardar a rótula da Mariana. O P. Molina, homem da palavra e soldado na milícia da inteligência, teve de ceder ante o poder da força bruta. Retirou-se, é verdade, mas como a vaga que se retrai para de novo arremessar-se com maior ímpeto.

Eis-nos outra vez na cidade do Salvador.

Muito há que é noite.

Elvira sentada no escabelo dourado, crava os olhos com uma fixidez espantosa no óculo aberto ao alto da janela; a inflexão da cabeça sobre a espádua indica a atenção que presta seu ouvido aos rumores sutis que vêm de fora. Em sua fisionomia se debuxa com viva cor a ânsia de uma alma angustiada entre uma dor intensa que a oprime e uma esperança que vacila.

O que sofreu a mísera donzela desde a noite fatal do que para outros fora Ano-Bom, e para ela tão mau, já exprimiram suas queixas na carta escrita a Garcia de Ávila. O reverendo P. Figueira, acudindo a toda pressa ao chamado urgente da viúva, ouvira com a maior atenção a história dos acontecimentos da noite; e logo reconhecera que um obstáculo sério opunha-se ao projeto tão afagado por seu espírito, e cuja realização lhe parecia infalível.

O jesuíta teve uma longa conferência com D. Luísa de Paiva, que reassumiu a calma habitual, e na despedida acompanhou seu confessor até a porta com um sorriso angélico. Nesse mesmo dia foi chamado um serralheiro que fechou com grades de ferro as janelas e a porta do aposento de Elvira, agora seu cárcere, de câmara que fora. A

alimentação reduziu-se a pão e água durante os dias magros da semana; nos outros apenas havia de mais algum legume.

O isolamento e jejum tinham sido os meios aconselhados pelo jesuíta; serviam não só de penitência pela culpa cometida, como de remédio contra o pecado original do amor de Elvira. O P. Figueira sabia que influência exerce o físico sobre o moral da criatura; e esperava amainar a chama do coração debilitando e empobrecendo o sangue que o fazia pulsar.

Para apressar a cura d'alma empregaram-se outros meios; tentaram fazer acreditar a Elvira que seu amante havia sucumbido às feridas que recebera; e a ameaçaram com o castigo divino se continuasse na desobediência à sua mãe; ao mesmo tempo recorriam às promessas e rogos para demoverem a moça de sua paixão. Mas foi tudo baldado; o coração de Elvira se acrisolava no sofrimento.

No dia de Reis, D. Luísa por inspiração do confessor, resolveu levar a filha à igreja; depositavam ambos muita esperança no sermão do P. Molina; não porque devesse o exímio pregador tentar especialmente o assunto, mas pelo efeito que a palavra sagrada, manejada por tão insigne mestre, havia de produzir geralmente na multidão dos devotos. Contava o frade tirar daí nova força e autoridade para seus conselhos.

O resultado foi contrário à expectativa. Bem longe de impressionar-se com a majestade da festa religiosa, a donzela no fundo do palanquim onde a haviam encerrado, só teve olhos para Estácio, que lhe apareceu naquele instante como a sombra de Cristóvão. Recolhendo a casa, trouxe a certeza de que o amante vivia, e a esperança de que breve o havia de ver.

No dia seguinte lembrou-se de escrever ao amigo; era um modo de aproximar-se dele mais cedo. Começou a carta sem ainda saber por que meio a enviaria a seu destino, e confiando tudo do acaso. Quando estava nessa doce ocupação, foi de repente surpreendida pelos passos de sua mãe, que se aproximava acompanhada do P. Figueira. Elvira apenas teve tempo de ocultar o papel no seio e afastar-se rapidamente da mesa onde escrevia.

A viúva entrou, correndo pelo aposento um olhar suspeito; enquanto o jesuíta com sorriso melífluo dirigia-se à donzela:

— Deus esteja convosco, filha!...

— O Senhor é misericordioso e espero não me há de desamparar nesta minha tributação! respondeu Elvira com altivez.

— Não desampara, não; e a prova é que me envia a vós para falar-vos em seu santo nome!

A donzela voltou o rosto com visível desgosto; ela acreditou que a palavra sagrada não podia manar daquele lábio fino e delgado como uma lâmina.

— Fostes vítima, filha, da sedução de um mau homem, que felizmente não conseguiu seu feio intento, pela solitudine e zelo materno de vossa respeitável mãe. Errar não é vergonha; sobretudo quando o arrependimento lava a culpa. Foi o que vimos no vosso caso; a falta que cometestes, ouvindo os requebros de um casquilho, estimulou-vos a virtude. Desde então vos encerrastes nesta câmara solitária e propícia ao recolhimento do espírito; ao mesmo tempo que por penitência condenastes a carne a jejum rigoroso de pão e água! Tão grande fervor e humildade têm excitado a admiração dos estranhos e chamado sobre vossa cabeça as bênçãos celestes.

Elvira fitou no frade um olhar pasmo; o seu espanto ouvindo o jesuíta atribuir-lhe como penitência espontânea, o que lhe haviam infligido como severo castigo, era extremo; mas redobrou notando a impassibilidade austera que conservava a fisionomia de sua mãe diante daquela falsidade.

— O amor da respeitável matrona que o Senhor vos concedeu por mãe, se um instante retirou-se da filha culpada, voltou já o com maiores estremecimentos à filha arrependida. Não é verdade quanto digo, Senhora D. Luísa, minha respeitável devota?...

— Só a verdade fala pela boca de V. Reverendíssima.

— Mas, se já fizestes muito, virtuosa donzela, não fizestes tudo para a redenção de vossa alma. É preciso coroar dignamente a obra de tão santa abnegação, ofertando enfim as premissas de vossa alma cândida que o bafo impuro do tentador escapou de manchar, a quem somente as merece!... Para recebê-las e satisfazer esse voto íntimo de vossa alma, enviou-me Deus à vossa presença!

Elvira não prestava atenção ao jesuíta; ansiosa de ficar só para concluir a carta, e receando que a sua réplica suscitasse a cólera materna e as longas contestações que se lhe seguiam, resolvera calar-se para abreviar a prática. Arredara o espírito das pessoas que ali estavam, e o dirigira para o seu alvo favorito, Cristóvão. Só voltou a si quando o P. Figueira impondo-lhe as mão ambas sobre o missal, e com a destra benzendo-as três vezes, proferiu estas palavras graves e solenes:

— Em nome do Senhor recebo e santifico o voto solene, que fazeis vós, D. Elvira de Paiva, de consagrar-vos corpo e alma à religião em uma ordem regular, como esposa de Cristo!...

A donzela, que a princípio não tinha compreendido e emudecera ante a majestade do ato, espavorida arrancou as mãos soltando um grito de horror:

— Misericórdia, Senhor Deus! Vós bem sabeis que não fiz outro voto senão de amar eternamente o escolhido de meu coração!

A donzela caiu de joelhos.

— Calai-vos, filha.

— Compaixão, mãe, desta infeliz!

— Deste instante em diante, filha, já não podeis sentir outro amor, que não seja o evangélico: o amor puro e imaculado!

— Eu enlouqueço!...

— Serenai vosso ânimo. Nós vamos, vossa mãe e eu, tratar dos modos de realizar depressa os impulsos de vossa alma.

O confessor saiu seguido pela viúva. Elvira pasma e estática, ficou de pé no meio do aposento, inclinada para a porta por onde acabavam de sair, como se houvessem levado após si o estame de sua alma. Mas afinal o instinto da salvação dominou o atordoamento. Ouvindo entrarem no vizinho gabinete, a donzela precipitou para uma porta oculta na tapeçaria, que servia de comunicação entre os dois aposentos, e escutou.

Sentou D. Luísa justamente numa poltrona que havia contra essa porta, e o padre ao seu lado:

— Não nos ouvirá? perguntou o jesuíta em tom de segredo, mas com a voz bem clara.

— Nem suspeita que estejamos aqui! Pode falar, P. Figueira.

Elvira pensou que a Providência a favorecia, fazendo-a ouvir o que a respeito de seu destino decidia o confessor e conselheiro de sua mãe; e bem longe estava de suspeitar a verdade. De propósito o P. Figueira combinara com D. Luísa toda aquela cena, a fim de exercer no espírito de Elvira uma pressão favorável aos seus intentos. Conhecia que suas palavras eram recebidas pela donzela com uma desconfiança que ela não procurava disfarçar; outro tanto não sucederia com o que surpreendesse daquela conversa secreta.

— Estão todas as dificuldades vencidas, continuou o padre. Vou escrever para Lisboa ao provincial que se entenda com a Superiora de Santa Clara sobre a admissão ao noviciado da menina Elvira. Justamente está a partir por estes dias um galeão.

— Neste ponto confio tudo de vosso zelo, Senhor P. Figueira. De onde ainda receio é daqui.

— Não vos entendo.

— Da resistência de Elvira.

— Essa é impossível, a menos que não julgueis vossa filha uma renegada!

— Deus me defenda de tal.

— Lembrai-vos que ela já fez voto de ser freira; e portanto é como se já estivesse clausurada.

— Supondes então que o voto que ela fez a obriga eternamente?

— Sem dúvida! Como se fosse feito em profissão solene; as fórmulas são nada: o ato é tudo!

As vozes abaixaram, e não se ouviu mais que o murmúrio de palavras.

Elvira aterrada, ficara imóvel e hirta. A trama do jesuíta, que em pessoa mais conhecedora do mundo talvez não suscitasse senão desprezo n'alma ingênua da donzela, impregnada das crenças profundas do tempo, produziu o efeito calculado pelo astuto frade. Acreditou a inocente que de feito estava para sempre ligada por um voto que ela não fizera espontaneamente, mas por surpresa lhe haviam arrancado; julgou-se já freira, noiva do Cristo, e separada para sempre, nesta e na outra vida, daquele a quem amava.

Prostrou-se de joelhos ante o crucifixo:

— Meu Deus, eu não sou digna de vós! Deixai-me ao amor daquele a quem me destes, muito antes de me quererem para vós.

Mais que nunca sentiu a necessidade de ter Cristóvão a seu lado para a proteger e salvar sua alma, que ela sentia delirar dentro de um corpo convulso. Voltou à mesa e de um ímpeto terminou a carta começada pela manhã e tão bruscamente interrompida.

Mas como enviá-la? Muito tempo girou insôfrega pelo aposento, como uma mariposa que busca na treva uma réstia de luz. Veio a noite e encheu os muros que a enclausuravam, de silêncio e escuridão. De novo implorou a misericórdia divina, de quem só esperava socorro.

Deus a ouviu.

Foi justamente nesse momento que a seta despedida por Estácio, atravessando o aposento e cravando a parede, lhe trouxera as letras queridas de seu amante e o fio condutor que devia levar a resposta. Nos primeiros momentos que sucederam a essa feliz surpresa, Elvira não teve alma e vida senão para a carta de seu amante. Cristóvão nada lhe dizia que ela não soubesse; eram juras e protestos, mil vezes repetidos de um amor ardente; eram suspiros de saudade e gemidos de desventura, como ela também exalava. Mas isso escrito pela mão amada, valia como carícias vivas,

encerradas no papel, que ao abrir se atiravam às faces e ao seio da donzela para afagá-la.

Quando o tiro soara, ela acordou do seu doce enlevo. Sua aflição durou até a gargalhada do capitão de mato e as palavras por ele proferidas que a tranquilizavam acerca da vida de Cristóvão naquela noite. Mas podia não ser ele outra vez tão feliz, e já ela se acusava de o haver exposto à morte, chamando-o a si.

Nestas inquietações passou até a noite seguinte, em que novo acidente a veio distrair. Uma segunda flecha penetrou como a primeira no aposento, trazendo-lhe um recado de Cristóvão:

*Antes que me chamásseis, senhora minha, já minha alma tinha voado para vós e estaria a vossos pés neste instante, se o corpo enfermo não me encadeasse a um leito de martírio.*

*Breve nos veremos, espero em Deus, apesar dos obstáculos que se erguem entre nós; mas sobre todas as coisas eu vos suplico, Elvira minha, não acrediteis um instante que haja poder para nos separar jamais!*

— Se ele soubesse!...

Na terceira noite, às mesmas horas mortas, a mensageira fiel, que ela já esperava como se fora uma amiga, entrou sibilando pela fresta da janela. Desta vez trazia a seta, como da primeira, além da carta um fio condutor:

*Já me aproximo de vós, doce Elvira minha. Ajudai-me. Conservareis em vossa mão o fio que esta seta conduz; uma segunda vai partir que leva outro fio; ligai ambas as pontas; e esperai-me. Não vos assuste qualquer estranho rumor que porventura vos chegue ao ouvido: é vosso amigo que se avizinha. Até amanhã talvez, ajudando Deus.*

Mal acabava de ler, ouviu o sibilo da flecha anunciada; ela executou à risca as instruções, e observou que o segundo fio fazendo moutão de um dos ferros da grade, puxava o primeiro, o qual foi substituído por uma corda de ticum a ele presa. Também por sua vez a corda foi rolando pelo balaústre até que depois de algum tempo tornou-se firme. Elvira julgou ouvir as suas vibrações produzidas por uma forte distensão, e logo depois rumor no telhado.

E não se enganava. João Fogaça, autor deste plano, calculado sobre a inspiração de Estácio depois de firmada a corda no ramo da árvore, enviava sobre essa maroma Olho, na qualidade de explorador. O índio, agachado como um gato, depois de sondar a treva que não lhe ofereceu nada de

suspeito, resvalou rápido até à janela; afinal galgou o telhado, e arrancando algumas telhas, insinuou-se no forro.

Cristóvão com a saúde e a ânsia de ver a amante, readquirira a audácia; embora não desejasse dar escândalos, já o não retinham pequenos escrúpulos, que durante a sua moléstia se lhe antolhavam como fatos gravíssimos. João Fogaça desembaraçado de seus movimentos, também de seu lado recobrava a costumada fecundidade. O plano que ele tratava de pôr em execução era bem concebido: resolvera penetrar na casa pelos ares; era o único meio de burlar a vigilância exercida pelo Batista e sua gente. Sobre as cabeças dos vigias postados embaixo das janelas de Elvira, o índio suspenso à corda e oculto pela ramagem do arvoredor, passou despercebido. É escusado advertir que tudo isto se fazia em profundo silêncio, e que uma linha de atiradores deitada ao longo do fosso, esperava o primeiro sinal suspeito de algum dos vigias para traspassá-lo com as setas.

Cristóvão, ao escrever a Elvira, lembrara-se de pedir-lhe algumas indicações sobre o interior da casa, que facilitasse a exploração incumbida a Olho; mas João Fogaça opôs-se com todas as forças.

— Nada, Cristovinho!... Isso de mulheres, é sempre fogo de palha; muita chama de repente, e logo abaixa. Pode a menina assustar-se com o que se vai fazer, e transtornar

tudo. Deixai cá o negócio ao meu cuidado; chegareis quando ela menos o pensar, e por onde nem cuida!

O capitão de mato andou bem avisado, pois Elvira sentindo os ligeiros rumores que percorriam o teto da casa, começou a tremer de susto, e arrependida de haver chamado Cristóvão, se afigurava já como a causa de sua morte.

— Em vez de chamá-lo eu devia ter procurado arredá-lo o mais possível de mim!... soluçava ela.

Nisto pareceu-lhe que abriam e tornavam a fechar sutilmente a porta da câmara; cuidou que fosse D. Luísa que tendo ouvido algum rumor, viesse escutar se ela dormia. Essa circunstância ainda mais aumentou seu grande terror.

Depois os rumores cessaram no teto, e a corda começou de novo a rolar, sendo substituída pelo fio, e desaparecendo completamente. Ela compreendeu que por aquela noite estava tudo terminado.

Entretanto Olho voltara ao lugar, onde havia deixado Cristóvão e João Fogaça, a dar conta da sua exploração:

— Olho entrou no forro da casa, e logo viu lá no fim um canto menos escuro.

— Já sei; era um buraco no forro.

— Sim; Olho amarrou a corda no caibro, e desceu.

— Em que lugar?

— No corredor. Junto do quarto da senhora está outro quarto, que tem janela, por onde senhor pode entrar.

— Qual é das janelas?

— Uma, duas, três... Aquela! respondeu o índio apontando.

— E a porta da câmara?...

— Aberta com este ferro.

O capitão de mato tomou o molho de gazuas que dera antes ao índio, e dele separou aquela que servia na porta de Elvira.

— Guarda, Cristovinho! Amanhã a esta hora lá estarás!

— E por que não hoje, agora mesmo?

— Por trinta e uma razões; sendo a primeira que não se pode.

No dia seguinte, logo que fechou a noite, os dois amigos estavam no mesmo sítio; ainda então era necessário que o capitão de mato contivesse a impaciência de seu colaço. Força foi a Cristóvão esperar até noite alta.

Enquanto isto, o terreiro da casa de D. Luísa era investigado pelos sentidos do capitão de mato; como na véspera, dois homens de vigia velavam daquele lado da casa, um embaixo mesmo da janela de Elvira, o outro no canto do edifício. Desde a noite da fuga de Estácio a vigilância redobrou, por causa da ameaça de João Fogaça ao Batista.

— Agora! disse o capitão de mato.

Cristóvão avançou rápido:

— Escutai primeiro!... Eu com meia dúzia dos caboclos vou para o lado de lá da casa, e faço como quem quer atravessar o valado. Eles me pressentem, e naturalmente acodem todos para aquela banda. Enquanto isto, tendes o caminho livre; com a gente que vos fica, amarraí os dois vigias; não vos embarquem os gritos, ninguém os ouvirá! Já Olho deve ter segura a escada de corda à janela; subi, entrai, e boa-noite!...

O capitão de mato teve um sorriso brejeiro.

— João, não me faleis assim nesse tom a respeito de meu amor; tal gracejo, mesmo na vossa boca, é uma injúria, que eu não tolero. Acreditai, amigo, que Elvira só, naquela câmara solitária, entregue a mim pelo afeto ao mesmo tempo que pelo receio dos seus, me é mais sagrada do que o fora ante o altar, em face de Deus e presença de toda gente! Amareis um dia, João, para compreender a santidade do

verdadeiro amor, e qual céu é para a mulher amada o coração que a ama.

— Ta, ta, ta!... Não vos amofineis agora por um gracejo! Não vos conheço eu desde as faixas, para saber o quanto valeis? E a não ser assim, julgais que vos prestasse as mãos para levar a desonra ao seio de uma família?... Quero-vos muito Cristóvão, para preferir vosso brio ao vosso prazer!...

— Obrigado; estou tranquilo. Podeis ir.

— Recomendo-vos toda a prudência.

— Descansai; eu me pouparei para ela que de mim carece.

João Fogaça afastou-se com um grupo de índios.

É neste momento que encontramos Elvira sentada na sua câmara, com a atenção suspensa ao menor ruído.

De repente um sibilo atravessou os ares; a pequena flecha, sua conhecida, vibrou na parede, portadora do papel e do fio. Repetiu-se a cena da véspera; a corda foi esticada no ferro da grade; os ligeiros rumores propagaram-se pelo teto da casa, depois pelo corredor; pareceu-lhe que a janela próxima era aberta. Nesse instante porém um ruído forte soou do lado oposto; ouviram-se imprecações e juras embaixo das janelas.

Elvira apesar de prevenida não podia reprimir o terror que a congelava, quando a porta da câmara abriu-se, e Cristóvão deitando-se a ela, a cingiu nos braços, afogando contra o peito a exclamação que exalaram os lábios da donzela.

Sentados no estrado, onde quinze dias antes os tinha surpreendido a viúva, já nem se lembravam dos maus dias passados; dir-se-ia ao vê-los tão prazenteiros, que dissipado o cruel pesadelo, eles continuavam aquele interrompido colóquio, antes transfusão recíproca de duas almas. Tinham tanto a dizer, e tão pouco a contar! A noite embebeu no vasto âmbito tantas meiguices ternas e suaves queixas, que os dois corações influíam e refluíam um no outro, como a veia serena de um lago ondula de uma a outra margem.

E o tempo fugace voava; as horas da noite desfiadas uma após outra caíram; o primeiro vislumbre da alvorada palejou as sombras escuras do horizonte.

— É tempo de ir-me, Elvira minha!

— Já, Cristóvão! disse a donzela estremecendo.

O mancebo abrindo a porta, a conduziu à janela por onde penetrara na casa, e à qual estava suspensa a escada de corda.

— Vede! É a primeira luz da alvorada que bruxuleia no horizonte!

— Como é possível, bem meu, se há tão pouco tempo anoiteceu; aquele clarão é da lua!...

— Não sentis esta brisa fresca e perfumada que brinca com os vossos cabelos?... É o primeiro hálito da manhã, fragrante como o de vossos lábios, senhora desta alma!

— Enganai-vos, amor meu; esta frescura é da viração do mar que sopra à meia-noite, quando as palmeiras abrem suas flores!... Ela nos diz que o dia ainda está longe.

Shakespeare foi realmente um grande fisiologista do coração humano. Dois amantes, em uma noite da América, representavam a mesma cena de amor, que o grande poeta desenhou na entrevista noturna de Romeu e Julieta, sob o céu da Itália.

De repente o primeiro rubor da manhã tingiu alguns capuchos de nuvem desfiados pelo azul do céu: a alvorada rompia.

— Duvidais ainda?...

— Não! exclamou a donzela estremeando. Tendes razão; é o dia!

— Adeus, pois, doce Elvira minha!

— Quereis me deixar outra vez?

Cristóvão surpreso não respondeu.

— Cristóvão, senhor de minha alma, levai-me convosco. Não me abandoneis na solidão desta casa, imenso deserto, onde minha razão se perde! Tenho medo do enlouquecer! Levai-me convosco!... Por Deus e pelo nosso amor, por tudo quanto há para vós de mais sagrado, não me desampareis um só momento, não vos arredeis do meu lado, porque temo perder-vos para toda a eternidade. Eu sou vossa esposa; ninguém já me pode roubar a vós, que sois meu senhor e dono: devo acompanhar-vos.

Surgira no espírito da donzela a lembrança horrível do que ouvira ao P. Figueira, e que o embevecimento da presença de Cristóvão desvanecera até o instante da partida. Cristóvão também, escutando aquelas impetuosas palavras, recordou-se do que lhe dissera Elvira na sua carta.

— Sossegai, Elvira minha; não nos hão de separar. Mas dissei-me o que ouvistes que tanto vos horrorizou, para que melhor possa desfazer a trama.

A donzela abriu os lábios para referir tudo; mas assaltou-a uma lembrança cruel, que já anteriormente se apresentara a seu espírito. Se Cristóvão acreditasse que ela estava ligada à religião, como dissera o frade, e matasse em sua alma um amor sacrílego... Oh! era horrível só de pensar! Ela escondeu o rosto nas mãos, como para arredar a perspectiva que se desenhava a seus olhos alucinados.

— Agora não! Depois sabereis!... Mas eu vos suplico, levai-me desta casa.

— É isso impossível, doce amiga. Não podeis desamparar o teto materno, senão para entrar na igreja onde nos devemos esposar.

— Pois sim. O dia vem raiando; daqui em pouco as portas das igrejas vão abrir-se; e em qualquer delas Deus nos há de enviar um ministro seu para abençoar a nossa união.

— Quero que seja como dizeis. De que modo heis de sair daqui? Pelo mesmo caminho por que vim?... Nem pensar em semelhante coisa!

— Então se não é possível que eu vá, ficai vós junto a mim!

— Que proferis, Elvira! Aqui na vossa câmara de donzela?

— Na minha câmara nupcial!... não sou eu esposa vossa?

— Anjo! disse Cristóvão afagando-a. Vossa inocência e candura não conhecem o mal. Julgais que alguém, vossa própria mãe, achando-me aqui encerrado convosco, acreditasse que a minha honra e a vossa virtude vos tinham guardado virgem imaculada?... Tal é a sordidez do mundo!...

Elvira teve uma vibração íntima. Seus olhos cintilaram. Um sorriso estranho, bruxuleando uma ideia sinistra que

despontara em sua mente esvairada, desabrochou nos lábios.

— Vinde! exclamou travando arrebatadamente das mãos de seu amante e levando-o ao seu aposento.

Fechou então a porta; e caminhou para Cristóvão, envolvendo-o com um olhar de Safo. Parou; seu lábio mudo não sabia a linguagem daquele delírio; ela esperava que o mancebo bebesse em seus olhos o segredo de sua alma. Mas este surpreso daquela atitude estranha, entristecia pensando que os pesares houvessem alterado a saúde de sua linda virgem.

Súbito outra revulsão operou-se no espírito de Elvira. As lágrimas espadanaram de seus olhos; e o seio ofegou soluçante. Caiu de joelhos e arrastou-se aos pés de Cristóvão, soluçando:

— Ainda há um meio de salvar o nosso amor, Cristóvão!... Matai-me neste instante!

— Que proferis, Elvira!

— O desejo de meu coração... Matai-me; nos reuniremos no céu! Nenhum poder já nos poderá separar.

— Tão pouca fé tendes em nosso amor, Elvira, que já perdestes toda a esperança?...

— Oh! vós não sabeis!...

Segunda vez a lembrança terrível do voto pruriu seus lábios, e segunda vez recalçada, abalou profundamente aquele coração.

— Não me quereis matar, Cristóvão? exclamou a donzela com veemência.

— Que turbacão é a vossa, Elvira minha?

Elvira revestiu-se de uma energia estranha; e sua voz, embora surda e velada, vibrou ao ouvido do amante com uma entonação solene:

— Então é preciso que eu seja esta mesma noite vossa esposa!...

Quando a primeira onda da claridade matutina insinuou-se pela fresta da janela, os dois amantes, longe um do outro, se isolavam em suas almas, tentando debalde fugir a si mesmos para libertar-se da ideia horrível que os esmagava. A luz, penetrando de repente na escuridade do aposento como na treva de sua alma, os fez estremecer. Foi como se desnudassem suas consciências. Entreolharam-se rápida e furtivamente. Cristóvão contemplando no abatido semblante da donzela a cópia descorada da virgem que ainda na véspera amava com tão santo fervor, suspirou:

— Oh! minha para sempre perdida felicidade!

Elvira, que viu abrir-se no sorriso pungente do mancebo o abismo onde ia sepultar-se o casto e puro afeto que inspirara, também gemeu no fundo d'alma:

— Que fiz, Deus meu!...

Os rumores do dia encheram a casa, e chegando até à câmara, lembraram a Cristóvão onde estava. Ergueu-se então, e despedindo-se friamente da donzela, encaminhou-se à porta. Sair assim em pleno dia, sem a mínima precaução, era uma loucura, que traria em resultado a morte de Cristóvão e a desonra de Elvira. Entretanto ele não hesitou um instante; ela não pensou em retê-lo.

— Talvez me acabem! disse consigo o mancebo.

— Já agora, quanto mais perdida para o mundo, mais dele serei!...

Cristóvão pálido e sinistro atravessou com passo firme os vários repartimentos da casa. Ia tão recolhido na sua dor, que passava alheio a quanto o cercava. Os fâmulos da viúva, encontrando-o no caminho, paravam surpresos e tomados de susto; e só depois que ele afastava-se, corriam a dar parte à dama do estranho caso. Assim chegou são e salvo ao caminho, onde João Fogaça inquieto o esperara a noite inteira.

Ainda não é dia claro, e já D. Mência, sempre asseada e bem pregadinha, sai do quarto.

A dama, inquieta pela ausência de Estácio, de quem não sabe desde o dia do desafio, ia já para uma semana, resolvera durante a noite tirar a limpo o mistério de que a cercavam. Em princípio o Dr. Vaz Caminha a viera ver, e a sossegara a respeito do sobrinho, pretextando um passeio. Gil também de seu lado respondia o mesmo às suas reiteradas perguntas. Mas os dias correram; Estácio não voltou; e sua tia reparou na tristeza do pajem, a quem na véspera surpreendera lágrimas nos olhos. Essa desacostumada sensibilidade do petulante menino deu-lhe que pensar; de novo inquiriu dele a respeito do ausente, mas Gil disfarçou.

Apenas clareia a manhã, ergue-se do leito onde levara a rolar o corpo e juntamente essas inquietações; depressa se compõe e lá vai direita ao cubículo onde dormia o pajem:

— Gil! oh! Gil!... Espertai, pequeno!...

O menino já ali não está; erguido muito antes dela, e trepado no mais alto dos coqueiros do quintal, devora com os olhos o horizonte e os batelões que velejam barra dentro com a viração da manhã. Por ali se fora Estácio; por ali espera o menino que ele volte nas asas do vento. Três dias

eram passados depois da partida do mancebo, e aquele era o segundo de sua aflição por essa tardança.

À voz da dama, que o chama, desce o pajem:

— Filho, ide já deste passo ao Senhor Vaz Caminha, e dissei-lhe que careço de falar-lhe esta manhã mesmo. Não posso mais com isto. Quero saber de uma vez o que é feito de meu sobrinho. Se morto é, não me ocultem, declarem logo para que o chore à minha vontade e reze a Deus por sua alma.

O pajem dispara em pranto.

— Jesus!... Tu que choras, Gil, é que está morto mesmo! exclamou a velha chorando.

— Não, dona! Eu não sei nada! Ninguém sabe! replicou o menino soluçando. Ele foi-se e não voltou!...

— Leva o recado!... Hoje mesmo isto há de ficar deslindado.

O pajem parte ligeiro. Antes mesmo que a velha o incumbisse do recado, já ele tinha na tenção ir ao doutor, a quem desde a partida do amo via constantemente.

Vaz Caminha também está aflito com a demora do afilhado. Desde a madrugada em que Gil lhe viera bater à porta, para

trazer-lhe o recado de Estácio, o velho advogado ficara em uma inquietação constante.

Por que meios se evadira Estácio do castelo? Desprezara ele, sempre tão dócil ao seu conselho, a advertência da carta, e comprara a liberdade com assassinato? Que homens eram esses a quem ele seguia, e quais índios os que o acompanhavam naquela expedição? Onde e a que fora, barra fora, embarcado na chalupa arrebatada aos pescadores, que deixara amarrados na praia?

Todas estas questões eram de natureza a perturbarem a serenidade do ânimo de Vaz Caminha; e infelizmente Gil não sabia do plano de Estácio bastante para esclarecer todos aqueles pontos obscuros. Com a celeridade da execução e a ideia de voltar no dia seguinte, não cuidara o mancebo de revelar ao pajem para que levasse a seu velho mestre particularidades que o instruissem de seu intento.

Entretanto, cheio de cuidados, esperou ele debalde por todo o seguinte dia; o temporal sobreveio nessa noite para ainda mais assustá-lo. Rompendo a alvorada, se dispunha a sair para colher novas, quando lhe apareceu o pajem.

Ouvindo novamente de Gil as circunstâncias que ele já referira, fixou o advogado a dos índios que acompanhavam o estudante, e associando essa à outra recordação do duelo, acudiu-lhe ao espírito o nome de João Fogaça. Sem dúvida era o capitão de mato quem fornecera a Estácio a escolta.

— Onde é encontradiço o João Fogaça, amigo de Estácio?

— Ou em casa do Senhor Cristóvão, ou da viúva do tendeiro.

O advogado encaminhou-se a toda pressa para a casa de Cristóvão. Já restabelecido, o cavalheiro desde a véspera se passara da casa de Mariquinhas dos Cachos para a sua no Terreiro do Colégio, onde o amigo e colação se alojara temporariamente para lhe fazer companhia.

Vaz Caminha achou-os ambos praticando sobre o assunto que o levara; e em poucas palavras expôs-lhes o fim da visita. Infelizmente Cristóvão sabia menos do que Gil sobre a empresa do amigo; apenas adiantou uma circunstância:

— O de que bem me recordo, é de haver-me ele falado de um segredo de Estado. Qual fosse, a pressa não deixou que nos confiasse.

— Talvez se possa saber alguma coisa mais! disse João Fogaça. Um dos dez caboclos, que dei ao Senhor Estácio para acompanhá-lo, ficou em terra!...

— É verdade! acudiu Vaz Caminha. O que esteve de guarda aos marujos amarrados.

— Justamente. Vou mandá-lo vir; é natural que adiante alguma coisa.

O índio foi chamado a toda a pressa. Segundo as ordens que recebera de Estácio, logo que vinha rompendo o dia, como não visse apontar a chalupa, fora à guarda próxima, chamara um soldado e lhe entregara os marujos como presos à ordem do governador! Quando o soldado voltou-se para interrogá-lo sobre a estranha prisão, já não o viu. Os presos não obstante foram recolhidos à guarda; e logo deu-se aviso do caso para palácio.

Chegado de Nazaré, foi o índio interrogado pelo capitão de mato a respeito da empresa de Estácio:

— Foi tomar navio em Itapoã!

— Assim me quis parecer! disse Cristóvão.

— Perguntai-lhe, Senhor João Fogaça, como ele sabe o que diz? Se ouviu a Estácio, ou a qualquer outra pessoa? acudiu o advogado.

— Estais ouvindo?... Responde!

O índio nada vira; farejara.

— Japi sabe, porque tempo depois que ele foi-se, ouviu no meio do ronco do mar tiro de peça, um primeiro, depois outro, e outro, e outro, muitos. Pelo som, tiro era longe, em Itapoã; lá não tem fortaleza: devia ser navio.

João Fogaça afagou a face do índio, satisfeito da sua perspicácia; este beijou-lhe a mão com uma meiguice de rafeiro.

— Sabemos pois que houve combate, disse Vaz Caminha pensativo; e isso ainda mais deve aumentar as nossas apreensões. Sucumbiria Estácio?

— Qual! desterrai semelhante receio, Senhor Vaz Caminha! exclamou Cristóvão com a confiança que tinha no valor e inteligência do amigo.

— Vosso afilhado sabe o que faz!... É um homem como se encontram poucos, disse Fogaça.

— Eu o conheço! acrescentou o advogado com orgulho. Mas é jovem ainda; talvez não medisse suas forças ou a sorte o desamparasse.

— Se ele tivesse sucumbido, ao menos algum de meus caboclos se salvaria para nos trazer a notícia do desastre.

— Não entendo destas coisas de guerra; mas se não me engano, a empresa de Estácio contra os navios com tão pouca gente não podia ser outra senão tomá-los de abordagem. Não vos parece?

— Sem dúvida!

— Que significam então os tiros de peça ouvidos por esse índio? Que a abordagem não teve lugar, e os assaltantes pressentidos pela gente de bordo foram metralhados sem piedade.

Esta observação de uma lógica rigorosa traspassou como uma punhalada o coração dos dois amigos. Cristóvão vergou a frente.

— Nada de desanimar fora de tempo. Tu dizes que o negócio foi em Itapoã, Japi? Pois seguirás neste instante para lá por mar, enquanto eu com outros iremos por terra explorar aquelas paragens.

O capitão de mato despediu-se.

— Cá estarei de volta esta noite; e apenas chegado vos buscarei, senhor licenciado.

— Deus vos pague tamanho serviço, senhor.

— Já estou pago com a amizade de vosso afilhado; se me quereis dar também a vossa, é usura de judeu!

— Os amigos de meu filho são para mim seus irmãos; ele tinha um: terá dois agora.

Gil esperava o advogado na porta.

— Então, Senhor Vaz?...

— Esta noite teremos novas, e hão de ser boas, Gil.

Compreendendo com seu instinto infantil o que valia aquela palavra de consolação no lábio do advogado, o pajem separou-se com o coração oprimido. Adiante encontrou o caboclinho da taberna. Martim apenas o avistara, deitara-se a correr para ele; e sem reparar no semblante pesaroso que trazia, começou conforme o costume sua lamúria pelos maus tratos do taberneiro.

As queixas do caboclinho recordaram-lhe a parte que o Brás tivera na aventura noturna em que Estácio se empenhara:

— Foram os amigos dele que lhe fizeram mal! pensou.

Em geral o homem tem duas espécies de afeição; as afeições ativas, com que dominamos os entes por quem as sentimos; e as afeições passivas, que nos submetem àqueles que no-las inspiram. Gil sentia a segunda por Estácio, que ele adorava como seu herói, a primeira por Martim, de quem ele gostava como de um cão favorito.

Ora, sucedia que ambas essas afeições eram a um tempo ofendidas pelo mesmo homem, por Brás. Um ódio violento brotou de repente naquele coração de criança, onde o amor não tinha germinado ainda. Mísera criança!... O fado lhe entornava nos lábios a taça de fel, antes de lhe ter adoçado as bordas com algumas tênues gotas de mel; os espinhos lhe

vinham n'alma antes do desbotoar da flor!... Era a vida sem primavera, começada pelo estio da paixão.

— Paciência, Martim! Vai sofrendo!... Um dia, breve, eu te vingarei!...

Tinham chegado em frente à taberna. O caboclinho abraçou o pajem, e sumiu-se pela porta entreaberta.

Gil teve a curiosidade de ir olhar pela fresta. O taberneiro, sentado no púlpito, fazia suas contas sobre a lousa. Também ele estava triste e sucumbido. De alguns dias a essa parte as coisas não lhe corriam de boa feição. Começara pela brusca e inesperada partida de Samuel, seu melhor freguês, e homem com quem sempre se entendera perfeitamente acerca do contrabando. Depois a decepção que sofrera o alferes, lhe valera uma hora de amargura; se não fosse a sua habilidade cômica e a necessidade que dele tinha D. José de Aguiar para vingar-se do velho judeu, certamente o teria desancado; contudo ainda o Brás não se julgava seguro.

Finalmente tinham vindo juntar-se graves inquietações a respeito do feliz sucesso da fuga dos flamengos: primeiro o referido por Anselmo sobre o alvoroço do embarque; depois o boato espalhado sobre os homens amarrados, que foram achados na ribeira; por último o cadáver traspassado, que ficara na praia, e no qual ele quis reconhecer um dos contrabandistas; todos esses incidentes eram de natureza a assustar o prudente taberneiro.

Ele somava pois certas verbas de suas economias e avenças, na previsão de ser obrigado de um momento para outro a eclipsar-se como o velho rabino, cuja filha, aqui para nós, não deixava de fazer umas cócegas em seu coração de judengo, apesar dos cinquenta anos, ou mesmo por causa deles. Nem haja motivo para admiração, que nutrindo esta ideia secreta, prestasse o Brás de tão boa vontade as mãos ao negócio do alferes; longe de lamentar, ele regozijou-se com essa circunstância que abaixando a gentil noiva a seu nível, ao mesmo tempo lhe devia elevar o dote; pois o rabino não deixaria de encher com ouro de bom quilate o vácuo deixado pela virtude; nem o alferes de proteger o pai de seu filho e o marido de sua namorada.

Gil esteve a fitar por algum tempo com mau olhar o rosto do taberneiro. Armandando-se com um caco de telha, que apanhou no chão da rua, disparou o projétil pela fresta da porta, e deitou a correr. Ouviu-se dentro um quincalhar de botelhas partidas, e o vulpino focinho do Brás assomou à janela pálido e espantadiço. Já não podia ver o pajem, que dobrara a esquina.

Avistou porém o Anselmo, que vinha a todo o estirão das pernas pelo lado oposto. O carpinteiro fora enviado pelo Brás a Itapoã para colher notícias sobre os flamengos evadidos; se tinham felizmente chegado aos navios, e dado este à vela para a pátria.

— Então?

— O negócio não está nada bom. Não há novas de Pedro e sua gente. Os navios desapareceram na mesma noite, depois de terem dado combate a umas chalupas.

— Que chalupas eram essas?

— Ninguém sabe, senão que morreram muitos, e alguns também dos flamengos, pois os corpos vieram à praia.

— Diabo os leve, se os entendo, exclamou o taberneiro dando um soco no ar; sua vontade era dá-lo no Anselmo, mas não se atreveu.

Entretanto chegava Gil à Fonte do Gravatá, onde esperava que Joanhina não tardasse a passar. De feito com pouco ouviu o cantarolar da mulatinha e logo após bruxuleou entre o arvoredado o carmesim de sua vasquinha de lã com vivos pretos. Ao tão conhecido *psiu* do pajem voltou ela o rosto brejeiro e aproximou-se aos pulinhos.

Sentaram ambos sobre a relva.

— Tardei muito? Já estavas cansado de esperar, fala verdade!

— Se também agora mesmo cheguei!

— Pois não te conto, Gil!... És tu capaz de adivinhar quem esteve agora em casa?...

— Sei cá!... Vai dizendo logo de uma vez!...

— O tal D. Fernando!... O noivo!...

— Deveras! E que foi ele lá buscar, Joantina? Dar-se-á acaso que fosse pedir-te para levar algum recado?...

— Cruzes, Gil!... Sempre tens ideias!... Cuidas tu então que qualquer, seja fidalgo embora, tem lá topete para me pedir coisas destas?... Isso é só para certo capetinha de meus pecados!... E eu em vez de castigá-lo pelo atrevimento, ainda fui tão tola que lhe perdoei a paga.

E a mulatinha assim falando, amimava as faces rosadas de Gil.

— Mas então qual outra coisa o levou à tua casa, rapariga?

— Sabes tu?... Assim eu!... Lá esteve, perguntou por uma ruma de coisas, andou, virou, e eu que tinha mais que fazer... Passe por lá muito bem, meu senhor; uma sua criada, sem mais aquela. E eis-me aqui rente conforme o prometido. Que me queres?

Estas palavras despertaram a dor no coração do pajem:

— Nada mais, Joantina!... respondeu lagrimejando.

— Deus!... Que há tu, Gil? Que te aconteceu?...

— Meu pobre amo, Joanhina, o Senhor Estácio, que a esta hora talvez esteja no céu!

Gil ao proferir estas palavras disparou em pranto, escondendo a cabeça no seio da alfeloeira; esta quase estimou semelhante pesar que conchegava ao seu coração aquele por quem tanto e em vão palpitava. Dedicou-se toda a consolar o aflito pajem, já escutando o que lhe ele referia sobre a partida de Estácio, já buscando fortalecer-lhe a esperança não de todo apagada.

— Se te quis falar hoje foi para que levasses à doninha novas dele, pois decerto não sabe ainda as results do desafio... Mas agora de que serve isto?...

— Pois não serve, Gil?... Ela há de ficar bem satisfeita com saber!... E quando o Senhor Estácio voltar, que contentamento não há de ser o seu!

— Deus te ouça, Joanhina!... respondeu seguindo-a.

— Queres tu apostar?... Este coração não me engana; e eu tenho aqui um pressentimento de que eles hão de ser felizes... Assim fosse eu!...

— E por que não serás, rapariga?

— Porque não queres, Gil!

— Eu não quero?... Mas o que devo eu fazer para isso?...

— Minto!... Não sabes querer, o que é pior ainda.

Joaninha estremeceu. Vira o Anselmo que apressava o passo para vir ter com ela; desde a noite de Ano-Bom era a primeira vez que o encontrava. Quis evitá-lo; mas já não era tempo.

— Gil acode-me!

— Que tens, Joaninha?

— Ele!...

— Ai! o carapina?

Nisto chegava o mariola; a tumescência das feições e os lampejos dos olhos anunciavam o esto da paixão nessa alma rude.

— Desta vez não terás quem te dispute a mim, disse ele com uma voz curta e ofegante.

Joaninha teve medo e horror; medo por ela, horror por Gil, que ela via pronto a acudir-lhe e sacrificar-se.

— Vai esperar-me adiante, murmurou ela ao pajem.

Este riu e obedeceu. Voltando-se então para o Anselmo, com o rosto banhado de indignação e cólera, atirou-lhe este desafio:

— Podes agarrar-me; mas primeiro morrerás tu, que te larguem estes dentes!

Afrontando a ameaça, ia abraçá-la o Anselmo, quando de repente ouviu-se uma gargalhada de mau agouro, e logo depois apareceu Zana, a feiticeira:

— Não te bastou a primeira, carrasco? Queres segunda?

Perturbou-se o mariola de tal forma com a aparição, que Joanhinha pôde escapar-se. Logo adiante achou Gil que a esperava.

Chegados a Nazaré, ficou Gil esperando fora a alfeloeira, que penetrou com ligeireza no interior da casa.

Inesita estava no mesmo lugar onde a encontrara a mulatinha da primeira vez, sentada junto à mãe e ocupada em bordar. Vinte dias apenas eram passados desde a tarde de Ano-Bom, em que a sua lindeza se expandira tão mimosa e faceira entre as galas da festa; e entretanto uma revolução se operara em toda a gentil pessoa. A luta do coração lhe imprimira na beleza um gesto pensativo, aroma precoce de flor que os sóis estivos desabrocharam fora da estação.

Quando a alfeloeira entrou, a donzela ergueu-se e retirou para outro aposento, lançando à rapariga um olhar melancólico. Joanhinha não atinou com a causa desse estranho acontecimento. Teria Inesita receio de ser

comprometida por ela, ou era esquivança ao amor de Estácio, a quem desejasse esquecer?

Resolvida a averiguar o que passava, e aproveitando-se da nímia bondade da velha D. Ismênia, a alfeloeira, pretextando umas encomendas que a filha lhe havia feito sobre pontos de bordados, penetrou até onde estava a donzela. Esta, vendo-a, sobressaltou-se, e nem deixou que se aproximasse; voltou-se para uma escrava que ali estava a acompanhá-la:

— Dize à alfeloeira que meu pai me proibiu que lhe falasse e ouvisse palavra dela; pelo que peço-lhe eu que se retire, para me não obrigar a despedi-la de minha presença.

Inesita anunciou estas palavras com dignidade e nobreza, mas repassadas ao mesmo tempo da doçura que emanava sempre de seus lábios, ou na voz ou no sorriso. Contudo Joaninha, extraordinariamente surpresa, quer do que ouvira, quer do gesto da donzela, saiu arrebatadamente da casa de D. Francisco. Na porta encontrou-se com o alferes, o qual, aceso em ira, ameaçou-a de fazê-la amarrar ao pelourinho, se tornasse a passar a soleira da casa.

— Sabes que mais, Gil?... Eu não meto outra vez as minhas mãos neste negócio!...

— Por que então?... Ofendeu-te o alferes?

— Isso é o menos! Zombo dele e do mal que me pode fazer. O que desespera a gente é ver que está perdendo seu tempo!... O Sr. Estácio que empregue melhor seus cuidados!

— Melhor, Joantina?... Como melhor?...

— Em quem o saiba querer!

Entanto que era assim julgada, Inesita ensopava o lenço nas lágrimas abundantes que borbulhavam de seus lindos olhos. Como filha nobre e leal que era, obedeceu ao pai, a quem havia prometido não trocar uma palavra com a alfeloeira; mas seu coração de donzela, livre da submissão paterna e estremecido de puro afeto, pranteava o infortúnio dos castos amores, cortados em bonina. Esta virgem cristã era digna do mancebo espartano que a amava.

Na tarde deste mesmo dia, Vaz Caminha, depois do jantar, se dirigiu à casa misteriosa da Rua de Santa Luzia.

Desde que pela primeira vez ali fora introduzido, na noite de Ano-Bom, tomara o advogado o costume de lá ir todos os dias, algumas vezes por tarde, outras já noite, para não excitar suspeitas com tão repetidas visitas.

O que lá ia fazer o bom velho é fácil de saber, se quisermos tomar o trabalho de acompanhá-lo. Ei-lo que é já fronteiro à espessa touça de bananeiras, e entra a cancela lateral como pessoa familiar da habitação. A Brásia abre-lhe a porta da

varanda, onde está sentada ao fundo, sempre triste e pensativa, a formosa D. Dulce. Ao vê-lo, um sorriso dorido deslaça os lábios da dama, que lhe estende a mão saudando-o. O advogado senta-se a par, e começam à meia voz uma conversa que dura até à noite:

— Acho-vos triste hoje, sr. doutor, ou será engano meu?...

— Não vos enganais, D. Dulce; estou com efeito mais triste do que já há muito me fizeram os anos e fastios deste mundo.

— E não posso eu, que vos fiz depositária de minhas mágoas, saber de que provêm as vossas?

— É esse filho, de quem tanto vos tenho falado, a causa única!...

— Ah!... exclamou Dulce comovida. Que lhe sucedeu então?...

— Ignoro-o, e é isto o que me traz aflito; não saber o que seja feito dele a estas horas.

— Não me dissestes há dias que o tinham prendido?

— Logrou evadir-se contra meu voto; mal livre da prisão, embarcou-se logo em não sei que arriscada empresa, da qual não é tornado, nem dele há novas.

— Deus o há de proteger, doutor. Usai de uma pequena porção dessa esperança, de que sois tão pródigo para comigo.

— E se não fosse ela, quem me animaria ainda neste instante?

— Penso que fazeis o caso mais feio do que ele é realmente. Vosso afilhado voltará aos vossos braços, e cumprireis o que prometestes de trazê-lo a esta vossa casa, para que o conheça de perto.

Não foi sem algum esforço que a dama conseguiu pronunciar estas últimas palavras; o advogado, muito preocupado com seus pensamentos, não fez nisso reparo. Seguiu-se uma pequena pausa, em que um e outro se isolaram dentro de suas recordações. Vaz Caminha foi o primeiro que reatou o fio à interrompida prática:

— Não roubem porém meus cuidados os momentos consagrados ao alívio dos vossos, D. Dulce. Como vos encontro hoje? Mais sossegada da aflição dos dias passados?...

O semblante de Dulce anuviou-se:

— Bem sabeis, doutor, que desde o momento em que pela segunda vez reconheci meu marido sob o hábito do jesuíta, e o senti perto de mim, não é possível que eu tenha sossego! Não!... Descansa algumas vezes a dor; mas para recozer!...

Se ao menos eu tivesse o consolo de lhe falar e prostrar-me a seus joelhos para suplicar que me atendesse!... Mas a fatalidade, que me persegue, assim como o apresenta de súbito a meus olhos, tão depressa se evapora!... Se vos não tivésseis oposto, certo que o teria seguido.

— Fora baldado intento; talvez antes de chegar ao Rio de Janeiro tivesse ele de lá partido.

— Saberá para onde, e o seguirá!...

— Se ele volta, para que este trabalho? Não é melhor esperá-lo aqui?

— Afiançais então que ele volta?

— Tenho esta convicção. É possível que se não verifique; mas tudo neste mundo é falível e mais que tudo seria a vossa viagem!

Anoiteceu, e Brásia com uma vela na mão precedeu até à sala da frente a dama e seu hóspede, que ali ficaram sós. Então fechando a porta sobre si, Dulce tirou do baú de sua roupa vários instrumentos que o advogado havia a pouco e pouco nas suas visitas trazido ocultos nas vestes. Vaz Caminha, afastando o tapete do oratório, descobriu o ladrilho; um dos tijolos quadrados estava solto, e por baixo dele via-se um buraco profundo, dentro do qual surgia já a meio descoberto o tampo de uma caixa de jacarandá embutida de cobre amarelo.

Sentados de um e outro lado do buraco, a dama e o advogado puseram-se à obra, ele cavava, ela recolhia a terra sobre uma manta de lã, donde era depois espalhada pelo jardim. A cabo de uma boa hora de trabalho incessante ouviu-se um ligeiro rumor subterrâneo.

— Eles que chegam! murmurou Dulce.

O advogado restabeleceu as coisas como estavam. Logo soou a pancada surda de um instrumento cavando subterraneamente o chão da casa; fácil era de perceber pelo foco do ruído o lugar até onde já tinha chegado a mina; mas outro indício ainda mais certo era a natureza do som, que indicava ser retinido do ferro sobre a pedra.

— Temos tempo de sobra, disse o advogado. Agora é que estão no alicerce desta parede, que os há de demorar seguramente oito dias!...

— E nós, sr. doutor, quando terminaremos?...

— Talvez em três, talvez em quatro.

— Em verdade, às vezes pergunto a mim mesma para que busco eu defender com tanto afã esta riqueza, se ela não pode fazer a minha felicidade?

— Se não fizer a vossa, fará a de outros, de quem sereis a benfeitora. Há tantos pobres espalhados na terra! Demais podeis dispor dela como vos aprouver, e mesmo em

benefício daqueles que tanto a cobiçam. Mas nesse caso fizeti-lhes doação dela, antes do que acoroçoar um crime!...

— Razão tendes, sr. doutor! Quando não servir à minha ventura, há muito emprego nobre que possa dar-lhe.

Vaz Caminha ao recolher encontrou João Fogaça.

As novas não eram boas; versavam pouco mais ou menos pelo mesmo que ao Brás referira o Anselmo. Confirmava-se o fato do combate entre os navios e as chalupas; muitos corpos, já dilacerados e meio devorados dos peixes ou abutres, tinham vindo à praia; alguns menos despedaçados pareciam de flamengos. A gente do Rio Vermelho nada mais sabia do acontecido, senão que alguns pescadores do lugar haviam desaparecido.

O capitão de mato referindo estas informações, que acabrunharam o advogado, despediu-se dele com estas palavras:

— Tudo anuncia uma desgraça; mas eu ainda espero, para acabar de crer, por uma coisa.

— Pelo que, Sr. João Fogaça?

— Por um dos meus caboclos, que venha, ainda mesmo do outro mundo, dar-me conta do acontecido.

Tornemos a São Sebastião.

Seriam já sete horas. A presença de homens armados na Rua de São José começava a atrair a atenção pública. Os passantes, que iam à obrigação diária, retardavam o passo e voltavam o rosto para ver; os curiosos paravam a distância e praticavam do caso. Diziam os bem informados que se tratava de uma prisão importante de pessoa moradora naquela rua; mas quem ela fosse, por ora estava em segredo. Os soldados do governador para derrotar a curiosidade tinham feito correr este boato; e como eles estavam espalhados por quase toda a rua, ninguém podia com certeza saber que porta guardavam.

Por este tempo um homem do povo coseu-se à rótula da Mariana, a qual já apercebida do que ia pela rua, estava a espreitar pelas frestas. D. Aníbal não deu atenção alguma a este incidente. Não tinha ordem de guardar aquela porta; nem o indivíduo lhe inspirava suspeitas como o frade.

— Venho do P. Molina! disse o sujeito baixo.

A beata abriu logo a rótula e recebeu o recado que o visitador lhe mandava. Devia ela fingir um ataque, dando altos gemidos, e despachar incontinenti o mesmo emissário a chamar o jesuíta para confessá-la, pois o serviço da Igreja assim o exigia. Isso foi tão depressa dito, como feito.

Mariana estendeu-se sobre o catre a estrebuchar e gemer; o homem abriu arrebatadamente a rótula, e deitou a correr para o fim da rua onde o esperava Molina; acudiu o frade a toda a pressa, caminhando atrás do guia, que, no açodamento em que ia, encontrava os passantes:

— Entre, padre-mestre! Depressa, que está a decidir.

Mas D. Aníbal tinha bispado o hábito preto de sua quijila, e logo após reconhecido o frade apesar do bioco com que buscava se disfarçar.

— Alto lá, rapaz. Entre você, mas cá o reverendo é meu amigo velho; temos que trocar duas palavras.

Chegando então ao ouvido do frade:

— O reverendo é teimoso; eu também sou; e o senhor governador, que aqui me mandou, ainda mais. Portanto melhor é que se desengane, antes que alguma lhe suceda.

O P. Molina fez um gesto de desprezo; depois erguendo a voz de modo a ser ouvido por dois sujeitos que passavam, interpelou o soldado:

— Mas, senhor soldado, veja bem o que faz. Não se deixa morrer assim impenitente uma mísera pecadora, que pede confissão!

Os passantes pararam para escutar. D. Aníbal procurou em seu espírito embotado alguma coisa para responder, e não achou mais que uma jura mal cabida na ocasião. O jesuíta continuou:

— Aos mesmos condenados nunca El-Rei negou confissão, por mais feio e horrendo que fosse o seu crime; e sobem à força acompanhados de um sacerdote que os exorta na fé do Senhor!... A uma enferma, sem culpa, há de negar-se o consolo da religião, e por autoridade de quem? De um soldado!...

— Soldado!... Soldado!... murmurou D. Aníbal em talas.

Aos dois passantes se haviam reunido outros, que a um e um já formavam grupo, e inquiriam-se mutuamente da causa da altercação, escutando ao mesmo tempo o jesuíta. O homem do recado tivera o cuidado de soprar ao ouvido de cada um o caso do ataque, de modo que os murmúrios descontentes e os gestos de ameaça começaram a despontar no ajuntamento. De seu lado Molina, sentindo que tinha um fragmento de povo ao alcance de sua mão, dispôs-se a empunhá-lo como uma alavanca. A palavra vibrante fluiu de seu lábio, crespo pela indignação, e esparziu sobre aquelas cabeças as centelhas que deviam produzir a combustão. O tumulto popular rugia já no peito do apóstolo, como a tormenta, antes que desabe, ruge ao longe no seio da nuvem, ou como o leão ainda em repouso ruge no seio da selva.

— Fora o herege!...

— Se o cão é mouro!... Não lhe veem o focinho!

— Qual mouro! Judeu arrenegado, que é a pior besta.

— À fogueira com ele!...

D. Aníbal empalideceu; metade com medo do povo que o podia espatifar; metade com medo do governador, que talvez o castigasse por ter excedido suas ordens, promovendo o tumulto. Foi pois como homem prudente encolhendo-se, depois de alinhar algumas desculpas. O P. Molina penetrou sem obstáculo em casa da Mariana; e foi direito ao quintal para assegurar-se da possibilidade da passagem para a casa do fidalgo. Um instante depois apareceu na rótula para serenar o povo e dispersar o ajuntamento.

— Podeis ir tranquilos, irmãos. A enferma vai melhor depois da confissão; do que precisa é do maior sossego. Curada a alma, pode sarar o corpo.

Fechada a rótula, subiu à água-furtada; e prosseguiu com ardor na tarefa começada. Descoberto o buraco, apareceu o fundo do armário de cedro. Aplicou o jesuíta o ouvido, e pareceu-lhe que ninguém havia no gabinete; era então a hora do almoço, e o fidalgo naturalmente estava à mesa. Sem perda de tempo insinuou pela broca da madeira a serra fina e estreita, e continuou a cortar o tampo começado.

Apesar da cautela de untar constantemente o instrumento de óleo com o fim de amortecer o rangido, tinha ele o ouvido atento ao menor sinal.

Dois terços do círculo estavam cortados, quando sentiu ele abrir a porta do gabinete. Ficou imóvel. Era D. Diogo, que terminada a refeição matinal, voltava aos seus papéis, nos quais trabalhava desde a madrugada. Preparado para sofrer as consequências de sua lealdade e rigidez de caráter, escrevia o fidalgo suas últimas disposições, e consolava a esposa em uma carta que lhe dirigia. Já na sua casa se haviam apercebido da presença de gente armada na rua; mas só o fidalgo compreendeu a verdadeira razão.

— Não me conhece! murmurava dentro de sua alma nobre.

Agora sentando-se outra vez à poltrona, afastou docemente a mulher que o acompanhara até o gabinete:

— Ide à vossa lida, e ficai tranquila. Quando vier o padre, o que tem vindo estes dias passados, mandai à caseira que o guie aqui.

— Se vier! acrescentou mentalmente.

O fidalgo lembrara-se que estando sua porta guardada, não poderia o jesuíta acudir ao seu chamado.

— Ao meio-dia também hão de vir a mandado do governador. Que me avisem logo.

Molina, ouvindo da água-furtada as últimas palavras de D. Diogo, conheceu que tinha calculado bem a respeito da exigência do governador.

— São oito horas apenas! pensou ele. Tenho tempo de ir saber o que pretende e voltar.

Desceu pois a íngreme escada; quando chegou abaixo, ouviu do lado da rótula uma altercação. Era D. Aníbal que, desconfiado com a demora do frade, insistia para entrar e ver a enferma; o acólito do jesuíta opunha-se ao seu intento com razões de boca e de ombros. O visitador acudiu e chegou a tempo, porque já os soldados estavam senhores da entrada.

Postando-se diante, opondo às armas o peito inerme e só couraçado com a lila preta, Molina conteve o primeiro ímpeto; depois atirando à rua uma daquelas apóstrofes valentes que ele manejava, formou em pouco um ajuntamento e o concitou em nome de Deus a defender a religião, que ameaçavam profanar tais ímpios, perturbando a última confissão de uma moribunda.

O povo agitou-se e tomou o partido do padre; a porta foi novamente fechada e um muro de gente ergueu-se diante dela! Os soldados, segunda vez batidos recuaram.

Molina dirigiu-se ao quintal, e pela cerca passou à casa de D. Diogo, onde a caseira o viu aparecer com grande pasmo.

— Foi vosso amo que assim ordenou. Levai-me já à sua presença.

A velha obedeceu.

D. Diogo recebeu o frade com sua calma e habitual gravidade.

— Já não contava ver hoje V. Paternidade. Como chegou até aqui?

— Sua Mercê não ignora que para este hábito não há portas fechadas! respondeu o frade iludindo a pergunta.

— É certo. Na suposição porém de que não lhe pudesse falar, tinha longamente escrito. Queira o P. Mestre ler, enquanto de minha parte termino certos negócios da maior importância para mim.

O fidalgo passou ao frade a carta selada. Era a exposição do que ocorrera na véspera em palácio entre o governador e ele. Molina teve tempo de a ler duas vezes e meditar sobre a intenção do provedor, enquanto este escrevia rapidamente.

Afinal D. Diogo acabou o trabalho, e voltou-se para o jesuíta:

— Estou às ordens de V. Paternidade.

— À vista do que me refere Sua Mercê nesta carta, só me resta saber qual é sua intenção.

— Minha intenção?

— Eu me explico! Pretende o sr. Provedor ceder à autoridade do governador?...

D. Diogo o esmagou com o olhar.

— V. Paternidade devia já conhecer-me bastante para ter a certeza de que não há poder que me desvie do cumprimento de um dever de honra.

— Então está ainda disposto a entregar-me o roteiro?

— No momento em que me for exigido por quem de direito.

— Mas sempre mediante quitação?

— Agora, menos que nunca, posso dela prescindir.

Molina hesitou. Que lhe convinha mais, receber já o roteiro, deixando contra si uma prova da sua falsidade, ou apossar-se daquele papel pelo meio violento do roubo?... Se o primeiro meio era perigoso, o segundo era incerto; ele preferiu o risco à dúvida.

— Vou passar a Sua Mercê a quitação!

— Bem! disse o fidalgo cedendo-lhe o lugar na banca. Seus papéis?

— Aqui estão! Esta é a certidão de casamento de Robério Dias com D. Clara Dias Correia; segue-se a de batismo do filho único desse legítimo matrimônio, Estácio Dias Correia, menor de 20 anos; depois duas do óbito dos dois cônjuges; em quarto lugar o auto do noviciado do moço escolar no Colégio da Bahia, o que o constitui em tutela legal da Companhia; quinto finalmente o pleno poder do provincial conferido a mim Gusmão de Molina para este fim.

O fidalgo leu e examinou minuciosamente os papéis, enquanto o jesuíta rastreava nas suas feições o menor gesto de suspeita:

— Está tudo em regra.

O P. Molina correu a pena sobre o papel, e o fidalgo, caminhando para o fundo do aposento, ia abrir o armário.

Ouviram-se no corredor passos rápidos de cavaleiro, a julgar pela rijeza do som, que indicava o salto da bota, e pelo trilhar das esporas.

O jesuíta ergueu a cabeça de sobressalto.

— O governador?... murmurou.

O fidalgo respondeu com um gesto.

Não foi porém o governador que assomou à porta e sim o vulto nobre e gentil de Estácio, corado pela salsugem do oceano e pelos raios do sol.

Donde chegava ele tão imprevisivelmente?

No momento em que a tempestade o arrebatava nas asas, sobre o abismo das ondas revoltas, o mancebo vendo a nau que ia sumindo-se no horizonte, pensou:

— Mais um que corre após a herança de meu pai!

Ele teve ímpetos de seguir em direitura ao Rio de Janeiro para defender seus bens; mas era um espartano esse jovem: primeiro a pátria, depois o interesse.

— Se a justiça é por mim, Deus me há de amparar.

Com efeito a Providência parecia guiá-lo pela mão. Nessa mesma noite, no meio da horrível tempestade, o bergantim arrojou-se sobre a escuna, como uma águia sobre a presa, e meteu-a a pique. Olhando o casco em chamas, que fugia arrebatado pelo vento, disse o Antão:

— É pena que não haja mais!... Será para outra vez. Agora à Bahia.

— Ao Rio de Janeiro! disse Estácio que o escutava.

Naquele mesmo dia ao romper d'alva tinham fundeado fora da barra para não causar suspeita. Deixando o bergantim guardado por Esteves e Pedro, embarcara com Antão na chalupa tripulada pelos oito índios. O contramestre conhecia a cidade de São Sebastião, e sabia a casa de D. Diogo de Mariz, pois fora o portador da carta do fidalgo à mãe de Estácio; ele guiou pois a chalupa para a praia deserta onde século depois assentou D. Luís de Vasconcelos o Passeio Público.

Ali saltaram em terra os dois, e se encaminharam à Rua de São José; chegaram justamente na ocasião em que o P. Molina vinha à rótula para impedir a entrada dos soldados.

Estácio perdido na multidão vira e reconheceu o frade. A presença desse homem na vizinhança da casa de D. Diogo, o aspecto tumultuoso das ruas, a esquadra de soldados, a proibição que sofreu querendo entrar a porta do fidalgo; todas estas circunstâncias deram-lhe uma intuição rápida do que sucedia.

— Antão, creio que teremos necessidade de gente.

— Assim estava me parecendo! respondeu o contramestre que examinava D. Aníbal como o entreconhecendo.

— Se, quando voltardes, já eu não estiver aqui, esperai com o ouvido alerta, porque devo estar lá dentro.

— Na casa do provedor?

— Sim. Outra coisa; vistes aquele frade que há pouco arengava ali na rótula?

— Vi; e eu conheço aquele frade!...

— Pois se acaso o virdes sair de uma das duas casas sem mim, segui-o, e apoderai-vos dele antes que fale com qualquer pessoa.

— Um sacerdote!... disse Antão com escrúpulos.

— Um sacerdote que pretende apossar-se do bem alheio! Julgais que mereça respeito?...

— Basta; vou buscar a gente.

Antão deitou a correr para a Praia do Boqueirão. Estácio foi direito à rótula e bateu de leve; apareceu pela fresta o rosto desconfiado do servente.

— Abri depressa!

— Para quê?

— Este papel que o reverendo mandou buscar, respondeu Estácio tirando do bolso a carta de D. Diogo a sua mãe.

— Dai-mo que lho entregarei!...

— Por forma alguma. A ordem que me deu é que lho trouxesse eu mesmo.

— Mas quando vos falou ele? perguntou o sujeito cada vez mais suspeito.

— Há pouco em casa de D. Diogo, onde se acha. Qualquer demora pode deitar a perder o negócio que sabeis; e sereis vós a causa.

Estácio assim dizendo ia empurrando a porta, que o homem indeciso só frouxamente já sustinha; apenas dentro, ganhara ele o quintal, penetrara em casa do fidalgo; e foi guiado ao seu gabinete pela velha caseira, que subia de espanto em espanto.

O mancebo circulou o aposento com um olhar rápido, que afinal foi cravar-se na fisionomia do jesuíta; este já havia dominado o seu primeiro pasmo, e impassível abaixava a vista para o papel onde continuava a escrever.

O fidalgo esperava um tanto surpreso da inesperada visita.

— O Senhor D. Diogo de Mariz?

— Aqui o tendes, senhor.

— Sou o filho de Robério Dias; venho receber o papel que nesta carta Sua Mercê anunciava anos há à minha falecida mãe achar-se em seu poder.

O mancebo passou ao fidalgo a carta aludida.

— Ouvistes, padre-mestre?

— Perfeitamente! Eu vos tinha prevenido na minha carta.

— Então supondes?

— Tenho plena certeza!

O fidalgo adiantou um passo:

— Vedes-me, senhor, em uma posição difícil. Não desejo por forma alguma ofender vosso melindre; mas não vos conheço; é a primeira vez que nos achamos em presença; e portanto me permitireis uma observação.

— Falai, senhor provedor.

— Dizeis que sois filho de Robério Dias, mas essa pessoa, se não me engano, deixou um filho único.

— E esse sou eu, Estácio Dias Correia, que tem a honra de falar-vos.

— Entretanto aqui está o Rev. P. Molina, que se me apresentou como procurador de Estácio Dias Correia, noviço da Companhia de Jesus no Colégio da Bahia. Eis os documentos que justificam essa qualidade.

Estácio leu:

— A pessoa de quem tratam estes papéis sou eu próprio; apenas há um pequeno engano, e é que não sou, e nunca fui noviço da Companhia; porém apenas estudante nas aulas públicas que os padres da Bahia, em falta de escolas, franqueiam a todos.

Voltando-se para o P. Molina, o mancebo o interrogou:

— É isso ou não verdade, Senhor P. Molina?

— O único filho de Robério Dias, que eu conheço, é o de que rezam estes documentos; não sei de outro.

— Basta! Vejo, Senhor D. Diogo de Mariz, que nada me resta a fazer aqui. Vim à vossa presença, como um homem leal e sincero se devia dirigir a um fidalgo do vosso nome e caráter, com verdade e fé; pareceu-me que vossa carta era suficiente documento, e a minha palavra de cavalheiro prova maior de toda a exceção. Encontro porém aqui o embuste e a mentira trajando as vestes respeitáveis da religião; não estou munido de armas para combatê-las, nem mesmo sei, como as fuinhas de cartório, pesquisá-las. Eu me retiro, senhor; e embora o papel, cuja restituição me negais, seja a reparação da memória de meu pai e toda minha esperança de futuro, dou-vos plena quitação desta dívida de honra.

O mancebo dobrou a carta do fidalgo e rasgando-a em cruz, jogou de si os fragmentos.

O fidalgo empalideceu:

— Esta ação é um insulto, senhor.

— Igual ao que me irrogastes duvidando de minha palavra. Se pois o quereis, apelemos para o juízo de Deus, e decida ele o pleito de honra e o pleito judiciário!...

— Seja!

— Mas eu protesto contra qualquer resolução vossa, senhor provedor, que ofenda o meu direito! Se por virtude de um desafio entregardes um depósito sagrado a outrem que não a seu dono, não ficareis desobrigado nem perante as leis da justiça, nem perante as leis da cavalaria.

O fidalgo tornou-se perplexo. O olhar de Estácio brilhou de repente:

— Deus protege o direito, senhor!... Observai! Este homem se vos apresenta munido de provas para disputar-vos o que é meu; eu venho só acompanhado com a verdade e a justiça, sem outro documento além de vossas letras. Pois bem, naquelas mesmas provas, produzidas contra mim, está o meu reconhecimento!

— Explicai-vos melhor.

— Aí está, dissestes, um auto com a minha assinatura, com a assinatura de Estácio Dias Correia. Ainda não o vi. Mas a assinatura é esta!...

O mancebo tomou a pena e escreveu o seu nome.

— É verdade! exclamou o fidalgo.

— Que prova isto?... acudiu o frade. Quem munido de uma carta alheia se apresenta simulando aquela pessoa, naturalmente se prepara para de alguma forma provar sua falsa identidade. De mais eu tenho ainda um documento, que destrói toda a dúvida e que não apresentei por não supor necessário. Se o senhor provedor me promete esperar!...

— Ide; mas voltai breve.

O frade desapareceu.

Ficando sós, o fidalgo interrogou Estácio acerca de sua família; o mancebo contou-lhe da sua história o que dizia respeito aos seus estudos no Colégio da Bahia, e ao roteiro das minas de prata, inclusive sua temerária empresa contra os holandeses e a viagem ao Rio de Janeiro.

Quando Estácio terminou, o fidalgo estendeu-lhe a mão com fervor.

— Desejo a vossa amizade, mancebo! Sois um digno e valente coração! Me recordais um amigo, que perdi há cinco anos.

O fidalgo lembrou-se de Álvaro:

— Já não me resta a menor dúvida; nem quero outra prova além da vossa palavra. É passado o quarto de hora; vou restituir-vos o que vos pertence.

D. Diogo abriu o armário e buscou o embrulho lacrado; já ali não estava; o tampo de madeira, cerrado em círculo e outra vez colocado no seu lugar, explicou logo o desaparecimento do papel.

O fidalgo rugiu de indignação.

— Eu compreendo!... exclamou Estácio.

— Foi o maldito padre!

— Não há tempo a perder. Nós nos veremos, D. Diogo, no céu ou na terra.

O mancebo ganhou a porta, e achou-se face a face com D. Francisco de Sousa; o governador tremeu, ao encará-lo, de ira e espanto.

— Apoderai-vos deste mancebo! exclamou voltando-se para um oficial que o acompanhava.

— Senhor Governador, segunda vez peço vênia para passar, disse Estácio inclinando-se.

Ergueu depois a fronte com audácia:

— Senhor D. Francisco de Sousa, lembrai-vos de quem sou filho, e sabei que há vinte dias brinco com a morte a cada instante.

Proferindo estas palavras, desembainhou a espada; o governador e o oficial recuaram para fazer outro tanto. Aproveitando-se dessa aberta, o ágil mancebo de um salto ganhou o corredor, fechou sobre ele a porta para não ser perseguido, e em um instante achou-se na casa da Mariana. Correndo o edifício de relance e certificando-se que já ali não era o frade, ganhou a rua.

Já os soldados advertidos pelo governador estavam em alvoroço; mas não conhecendo o homem que perseguiam, deitaram-se a correr rua abaixo, quando ainda Estácio estava na casa da Mariana; iam longe quando o moço, metendo-se entre o povo, ganhou sem obstáculo a Praia do Boqueirão.

— Só me resta uma esperança! Que Antão haja executado o que ordenei.

Ao chegar à praia viu o mancebo a chalupa, a algumas braças da terra, com os remos a pique. Molina estava

sentado à popa. O mancebo não esperou que lhe viessem ao encontro; meteu-se pela água.

— Chegais a tempo, Senhor Estácio! disse Gonçalo destapando os ouvidos. Este homem não é gente, é uma tentação de meus pecados! Apre! que se a coisa dura mais um credo, não respondia por mim.

E o contramestre bufava como se acabasse de safar ele só a âncora de uma nau.

Estácio saltando a bordo estendeu a mão ao jesuíta sem dizer palavra. Molina, compreendendo o gesto e a situação, tirou do peito do hábito o embrulho, que não tivera tempo de abrir, e entregou-o resolutamente ao mancebo com estas palavra:

— Fugi sem demora, que o governador vos persegue.

Posto o frade em terra, a chalupa resvalou sobre as ondas.

O bergantim, a pique sobre a amarra, se balança docemente ao fraco ondular das ondas alisadas pela bonança.

Pouco tempo decorreu depois que Estácio partira na chalupa para a cidade de São Sebastião. Reina a bordo o maior silêncio. Os quatro homens, que ficaram de guarda ao navio, estão cada um em seu posto. Esteves na escotilha de popa, velando sobre os prisioneiros; Pedro de vigia no cesto de gávea para explorar os arredores; dois índios, um junto ao leme, outro à proa, com a machadinha ao alcance para cortar a amarra se fosse preciso.

Raquel ainda está no mesmo lugar, em que a deixara Estácio e de onde ela acompanhara com a vista a chalupa até encobrir-se nas saliências do costão de Santa Cruz. A linda judia parece melancólica e pensativa; entretanto nem sempre são tristes os pensamentos que revolve a mente, pois deles escapa alguma vez uma centelha de júbilo, que ilumina o formoso semblante e acende o sorriso nos lábios feiticeiros. Esse raio de alegria, que atravessa as sombras de sua alma, tem o quer que seja de celeste e imaterial; não o desfere o bem-estar comum, que chamamos felicidade.

Quem já sofreu um desses martírios do coração, a que o condena alguma paixão infeliz, conhece a situação estranha da alegria no seio da dor. Quando o objeto de nossa afeição

nos repele e nega toda esperança, não podemos deixar de acompanhá-lo com os nossos votos, ainda mesmo que já começássemos a odiá-lo. Se o egoísmo vil se apodera de toda nossa personalidade, lá fica um cantinho isento, onde se abriga a essência pura do sentimento nobre, do amor. É aí o foco de onde rutila a luz divina que sorri através das lágrimas.

Raquel amava Estácio. Já não podia duvidar dessa verdade que enchia toda sua pessoa. Parecia que a alma, recentemente amalrotada por uma primeira afeição, dorida ainda e tão suscetível da cruel decepção que sofrera, não devia tão cedo abrir-se para um novo amor. Mas foi justamente esse estado de exacerbação que rendeu o coração da donzela tão poderosamente, que ela nem tempo teve de se aperceber da revolução.

Vítima de uma ilusão fatal, da qual pôde arrancar-se completamente, sem recordações que a fizessem corar, Raquel sentia a tristeza, que deixa o vácuo de uma afeição, e ao mesmo tempo o despeito de ter-se enganado. Encontrando em seu caminho, poucos instantes depois da crise, o ideal verdadeiro, que pensara achar no indigno alferes, continuou nele o mesmo amor, sem aperceber-se desse acontecimento, senão por uma espécie de bem-estar que se foi derramando por sua alma.

Os sonhos doces e os celestes enlevos do amor iludido, ainda estavam incandescentes, e pois naturalmente e sem

esforço soldaram-se às esperanças do novo sentimento. Quando ela sentiu que amava Estácio, pareceu-lhe também que nunca amara senão a ele. O outro fora apenas um desconhecido, que se apresentara um instante disfarçado, como em uma mascarada, e conseguira iludi-la, procurando imitar seu verdadeiro amante; mas conhecido o engano o despedira. Não era pois a este, mas ao seu ideal, a quem ela dera o afeto. Se viesse a conhecer Estácio mais tarde, quando a dor tivesse esfriado no coração, talvez passasse ele sem deixar impressão na crosta gelada de sua alma.

Conhecendo seu estado, não se preocupou Raquel um só instante com o futuro desse amor. Ama; esse presente é bastante para desvanecer todo o passado, e encher todo o futuro, até onde pode o desejo alcançar. Mais tarde sem dúvida viria o desejo natural de ser retribuída em seu afeto; porém a declaração imprevista que fez Estácio de seu amor por Inesita, crestou aquela paixão nascente. Ela conheceu que o mancebo talvez viesse a sentir por ela algum movimento de simpatia ou compaixão quando soubesse do sentimento que lhe havia inspirado; mas nunca a poderia amar, como ela quer e merece ser amada.

Entretanto podia Estácio não ser feliz no seu primeiro amor, e buscar também no segundo a realização do ideal? Sim; ele podia ser desgraçado e traído; mas sua alma tinha-se já saturado completamente daquele amor para que conseguisse arrancar-se isenta e livre, como ela extirpara a sua das cinzas de um passado morto. Seu segundo amor era a

floração virgem, que o primeiro ameaçara crestar em botão; o segundo amor de Estácio, se ele o tivesse, seria o murchar da rosa esmaiada de cores e aromas.

Assim a altiva donzela não queria ser amada, e preferia condenar seu coração ardente à eterna viuvez.

Desfolhava ela estas cismas, e como os olhos, o pensamento às vezes submergia-se no oceano para sondar a profundidade de suas mágoas, outras engolfava-se no azul diáfano do firmamento, talvez entrevendo ali os gozos angélicos de um amor infeliz na terra.

Nisto, Esteves passando a cabeça pela escotilha, disse e repetiu em voz alta:

— Dona, seu pai a está chamando!

Raquel, depois de um instante tomado para despedir-se de seus caros pensamentos e entrar na realidade, percorreu com os olhos a vasta superfície dos mares a ver se a chalupa já aparecia, e com passo lento desceu a escada.

Samuel e os dois holandeses estavam encerrados no camarim de estado próximo à sala d'armas. O velho rabino esperava a filha encostado à grade:

— Estamos fundeados, Raquel?

— Sim, pai.

— Em que paragem? A terra fica próxima?

— A terra nos está a pequena distância pela direita, e é da Baía de São Sebastião, à entrada da qual nos achamos.

O velho voltou-se para os flamengos com um sorriso, ao qual Hugo respondeu:

— Bem vos dizia eu!...

Samuel tomou entre as suas uma das mãos da judia, e acenou-lhe para que se encostasse mais à grade:

— Raquel, filha minha, o Deus de Israel pôs em tuas mãos, como outrora nas mãos de Ester, a salvação de teu povo. Tu podes restituir a vida a teu pai e evitar a ruína de todos os teus irmãos da Bahia, bem como a morte destes dois infelizes que se sacrificaram para nosso bem comum.

— Que é preciso que faça tua filha, Samuel, para o conseguir?

— Basta que tu nos passes um ferro de que necessitamos.

— Que pretendes fazer com ele?

— Quebrar o cadeado das algemas de Hugo e Dick; eles livres, arrombaremos a porta da sala d'armas, cairemos sobre a gente descuidada e ficaremos senhores do navio.

— Vós unicamente?... Três pessoas!...

— Três pessoas resolvidas a morrer ou resgatar sua vida... Não sabes o que valem. Demais, tu nos auxiliarás, distraíndo alguns deles, enquanto de surpresa e silenciosamente iremos acabando os outros.

— Supondo mesmo que sejais bem sucedidos e vos apodereis do navio, que tereis ganho com isto? Falta batel para vos transportar à terra, onde aliás só achareis inimigos; a chalupa chegará, e podereis resistir a doze homens destemidos e valentes como leões?

— Far-nos-emos de vela, de modo que a chalupa já nos não encontrará! acudiu Hugo.

— Para onde? Para a Europa? Com uma tripulação de dois homens, um velho e uma donzela? disse Raquel escarnecendo.

— Vede se tinha eu razão! disse Dick. Meu plano é melhor! Arrombamos a sala d'armas e tomamos conta do paiol sem que nos percebam. Acendemos a mecha e esperamos que volte a chalupa; quando estiverem todos a bordo, um fica de sentinela com a mecha, e os outros sobem ao convés para intimar ao inimigo que se renda, ou se disponha a saltar pelos ares. Não há quem resista a isto! Entregam-se à discricção; enforcaremos os chefes para exemplo, e nos serviremos da maruja para navegar rumo da Holanda, tendo

o cuidado de um de nós conservar sempre a mecha acesa e pronta para o que der e vier.

Raquel abriu o lábio crespo de cólera e desprezo:

— Pensais que o mancebo, que comanda este navio e o tomou à mão armada, se renderá com essa ameaça? Pois então sabei, que duas vezes já estivestes para voar, uma por sua própria mão, e outra por ordem dele! Perdei a esperança, Sr. Dick; vosso plano é pior que o de vosso amigo, pois com ele caminhais a uma morte certa e horrível.

— Raquel avisa bem. O melhor parecer estou que é o primeiro. Falta-nos, é certo, batel para ganhar a terra, mas estes irmãos sabem nadar, e por esse modo se poderão salvar e a vós também, filha. Quanto a mim, sacrifico-me de bom grado; como Moisés, não entrarei na terra santa; porém meu espírito acompanhará o povo de Israel.

— Em caso algum, pai, eu te abandonarei. Nossa sorte há de ser comum na adversidade, como foi na ventura.

— Também nenhum de nós consentiria em deixar-vos no poder do inimigo. Podemos salvar-vos a ambos juntamente.

— E que fareis em terra de inimigos?

— Esqueces que temos irmãos em São Sebastião, Raquel, e que deles devemos esperar todo o auxílio. Podemos aí

aguardar ocultos a oportunidade de passar à Europa!

A judia não replicou; com os olhos baixos e a fronte pensativa conservou-se junto à grade.

— Não há tempo a perder! disse Hugo.

— Certo! Vai, Raquel, e traz-nos o ferro necessário.

— Como o posso eu trazer que o não percebam?

— Envolto nas roupas; ninguém suspeita de ti. Enquanto voltas, nós acabaremos de concertar o melhor modo de salvar nossa vida e liberdade.

Raquel ergueu a cabeça e fitou no pai um olhar brilhante.

— Não, pai; tua filha Raquel não pode ajudar-te nesse intento.

— Por que motivo, Raquel? perguntou o judeu surpreso.

— Porque trairia aquele a quem agradece a tua vida, pois a tendo em suas mãos, bem como a desses homens ingratos, generosamente a poupou.

— E queres tu, filha desnaturada, trair aquele que te deu o ser, sacrificar teus irmãos e renegar da religião de teus pais?

— A religião de meus pais, que de ti aprendi, me ordena que respeite como coisa sagrada a fé do juramento. Jurei a Estácio que não praticaria ato algum que lhe pudesse ser nocivo; e cumprirei meu juramento.

— Não hás de cumpri-lo, porque um juramento dado a um cristão é falso e nulo, de nada vale!...

— Quando o dei não me lembrei qual era a sua religião, e somente que o dava a um nobre e leal cavaleiro, em troca da extrema delicadeza com que por ele fui tratada. Se ele depositou bastante confiança em mim para acreditar-me sob a fé e respeito de uma religião que não comunga, não serei eu que lhe dê o exemplo de desprezo ao Deus de Abraão, quebrando a palavra selada com sua invocação. E quando não tivesse jurado... Que ideia farias tu, pai, de uma donzela prisioneira que se aproveitasse da liberdade consentida por quem respeitou seu recato e fragilidade, para promover a morte e ruína do benfeitor?

O velho rabino estava absorto em seu espanto e indignação.

— Sinto não ter aqui um ferro para te imolar.

— Terás tempo para o sacrifício.

— Retira-te de minha presença!

— Eu obedecerei, pai; mas quero levar a promessa de que abandonarás teu intento.

— Mais do que nunca insistirei nele, para vingar em ti a religião de meus pais que traístes, e em teu amante a minha honra que profanaste.

— Insultas tua filha? Eu te perdoo, porque a cólera te cega; senão havias de te lembrar que não podes tu, pai, me pedir contas de tua honra!

O velho vergou a fronte encanecida. Tal é o poder da virtude que aquela fronte respeitável, ornada de uma tríplice coroa, de paternidade, sacerdócio e velhice, se humilhava subjugada ao olhar límpido de uma virgem.

— Espero tua promessa, pai!

— Deixa-me!

— Se ma recusas, serei obrigada a avisar de teus intentos aquele contra quem tramas!

— Completa a tua obra! Denuncia teu pai, fruto perverso de meu sangue!...

— Te denunciarei, sim, pois que é esta a palavra; te denunciarei para ter o direito de aceitar a vida e liberdade tua que me foi por ele concedida.

Acentuando estas palavras enérgicas, a donzela retirou-se com dignidade, pondo termo à cena desagradável.

Chegada que foi à tolda avistou uma vela dobrando a ponta do costão; à medida que se aproximava, as conjeturas de que fosse a chalupa se tornavam mais fortes, até que afinal não houve mais dúvida. Estácio à popa, com o pé regia o leme, e tinha na mão as escotas das velas; os índios se deitavam sobre os remos com furor, excitados por Antão que também remava. O batel, carregado com o pano que o vento enfunava, trazia uma borda a raso da onda e a outra levantada até a quilha.

Apenas chegou à fala do bergantim, ouviu-se o grito do mancebo:

— Suspendei o ferro!...

Esteves e os outros atiraram-se ao cabrestante; como já a amarra estivesse a pique, em pouco a âncora soltou-se da vasa e pendeu aos flancos do navio. Atracou a chalupa, que foi num momento içada aos cachorros. Os índios espalharam-se pelas enxárcias; as velas desfraldadas ao vento, como brancas asas, imprimiram ao navio o suave deslize de um cisne.

Estácio explorou de novo o horizonte a ver se era perseguido, e nada descobrindo de suspeito, retirou a um canto para guardar na cinta de malhas o papel lacrado, que lhe entregara o frade. Bem desejos tinha ele de devorar o manuscrito, única fatal herança, que tantas fadigas, perigos e dissabores lhe tinha já custado, e quem sabe quantas

desgraças ainda lhe reservava. Mas antes de tudo a situação crítica e melindrosa em que se achava exigia toda sua atenção; ele contava com certeza que havia de ser perseguido, e admirava-se muito de não ter já à vista os que lhe deviam dar caça.

Singrava o bergantim ligeiramente à bolina, quando Raquel, que assistira de parte a toda a cena anterior, sem tirar os olhos do mancebo, achegou-se dele, pensando que já sua presença não lhe causaria estorvo:

— Careço falar-vos, disse ela.

— Estou sempre pronto a escutar-vos, senhora.

— Devo avisar-vos de que tramam contra vós.

— Quem?... A minha gente?...

— Não: os flamengos.

— Ah!

— Seu plano é quebrar o cadeado das algemas, arrombarem a sala d'armas, e vos ameaçarem com a explosão do navio!

— Mas como podem levar essa empresa ao cabo sem auxílio de alguém! Para quebrar o cadeado das algemas era preciso que vosso pai os ajudasse! Entrava ele na conspiração?...

— Não sei; aprecatai-vos!...

— Bem! Menos vos agradeço, senhora, que me lisonjeio de ter formado tão justa ideia de vosso nobre caráter e ânimo grande. Não me quisestes ficar em dívida de generosidade; em paga da liberdade que vos dei, me salvais a vida e os graves interesses que me estão confiados!...

— Julgais que somente esta razão fosse bastante para dar-me a força de desobedecer a meu pai? perguntou Raquel com ardente vivacidade. Não; essa força, só vós me inspirastes!

Conhecendo pelo olhar interrogador de Estácio que se havia excedido, continuou mais calma:

— A gratidão pelos vossos benefícios me cativou. Vos devo a salvação de meu pai, e uma coisa que uma donzela não esquece nunca, o respeito à sua virtude e recato.

— Isso não o fiz a vós, senão a mim e aos meus próprios sentimentos.

— Embora!

Estácio distraiu um instante a atenção para examinar um ponto branco que alvejava ao longe pela popa do navio sobre a linha azulada dos mares. O receio logo se desvanece; é a vela isolada de algum pescador, que segue

rumo oposto. A judia acompanhara com ansiedade os movimentos do mancebo, enquanto ele examinava a canoa.

— A mesma causa que me impôs o dever imperioso de prevenir-vos contra os meus, a gratidão, creio eu que dá também o direito de me interessar pela fortuna vossa. Não atribuí pois a receio a pergunta que desejo fazer-vos.

— Tantas provas já destes de coragem, que não poderia nunca supor esse motivo.

— Dizei-me: correis ainda algum perigo?

— E grande!... Vou ser perseguido por forças superiores, se já não o sou!

— Mas não são eles vossos irmãos? Não tendes o mesmo Deus e o mesmo rei? Como se tornaram vossos inimigos?...

— Não vos posso contar a minha história. Asseguro-vos porém que sigo o caminho direito, e defendo uma causa justa. Aos outros, o Senhor os julgará.

As previsões de Estácio eram exatas. Àquela hora já ele era perseguido por forças muito superiores.

É de lembrar que o P. Molina ficara em pé na Praia do Boqueirão, quando a chalupa se afastara. Longe de sucumbir, a queda era para o jesuíta, como para Anteu, o recobro do vigor. Naquele instante mesmo, em que seu

plano, combinado de há tantos anos, acabava de ser aniquilado, ele formulara rapidamente outro tão audaz e engenhoso como o primeiro.

Quando Estácio surgira de repente na casa de D. Diogo de Mariz, o visitador que o deixara, além de pobre e baldo de recursos, preso no Castelo do Mar, ficou atordoado com a súbita aparição. Como pudera ele tão depressa livrar-se da prisão e fazer a viagem de São Sebastião, naquela época, longa e penosa? Habitado a não deixar que fato algum passasse, sem lhe investigar a causa, estivera desde aquele instante a cogitar sobre o acidente. Aquela vinda repentina, coincidindo com a chegada do governador, só tinha uma explicação: D. Francisco de Sousa passara pela Bahia e trouxera consigo o herdeiro de Robério Dias para facilitar a empresa.

A fuga de Estácio na chalupa, com direção à barra, acabava de derrocar a sua primeira suposição. O mancebo não era instrumento do governador, mas servia aos seus próprios interesses; fora da barra estava naturalmente fundeado algum navio, que o esperava para fazer-se à vela, rumo da Bahia.

Sem demorar-se desta vez em buscar a explicação dos estranhos acontecimentos, compreendeu o P. Molina que o essencial era salvar Estácio, e por conseguinte o roteiro, das garras de D. Francisco de Sousa; depois trataria de conquistá-lo do inimigo mais fraco. O visitador dirigiu-se

pois apressado à Rua de São José, onde o povo estava ainda em comoção por causa do arrojo de Estácio. A gente da rua falava da evasão; os guardas, a quem já o governador transmitira os sinais do mancebo, interrogavam os vários grupos.

Molina volteou por entre estes como uma vespa; em pouco não se ouvia senão este ruge-ruge: “Foi para as bandas do Campo dos Ciganos. Viram-no montar a cavalo nos ranchos de Mataporcos! Levava uma bandeira de vinte homens bem armados”.

O frade buscava assim derrotar a vigilância do governador, fazendo-o perder o rastro à caça. Com efeito o rumor foi crescendo; com pouco já ninguém duvidava que o fugitivo houvesse tomado o caminho de São Vicente; e neste sentido foram dirigidas todas as pesquisas.

Então o visitador recolheu ao Colégio, e deu suas ordens para que o galeão *Santo Inácio*, da Companhia, se fizesse à vela imediatamente. Quando suspendiam o ferro, o sol marcava no quadrante do Castelo meio-dia em ponto. Molina, devorando com os olhos os horizontes acanhados para a impaciência de seu audaz pensamento, exclamava:

— Ele tem quatro horas de avanço sobre mim nesta viagem; mas eu tenho sobre ele vinte anos de experiência na viagem da vida.

Passando o Forte do Leme, descobriram de bordo do galeão quatro embarcações que viravam de amuras na altura da Rasa e se faziam no bordo do norte. Seria essa conserva mandada à caça de Estácio pelo governador? Foi a primeira suspeita do frade; e bem fundada. Molina ignorava a circunstância do encontro no mar de D. Francisco de Sousa com Estácio, a qual fez abortar seu plano. Perdida a esperança de prender o mancebo na cidade, o governador se lembrara do bergantim, e pensou que devia estar fundeado em algum lugar fora da baía, à espera de seu arrojado comandante. Enquanto pois a guarda perseguia o fugitivo por terra, ordens prontas eram dadas para a partida da esquadra que já sulcava os mares sob as ordens do próprio D. Francisco.

Compunha-se ela de um só vaso de alto bordo para o caso de combate; os mais eram três galés de vinte e quatro ou dezoito bancos. O governador, previdente, escolhera de preferência os navios de remo, como mais próprios para a caça do veleiro bergantim. Quando a armada achou-se completamente alagada, só descobriu na extrema do horizonte o velame de um navio que sumia-se como um branco alcíone, adejando para os confins do mundo.

À tarde, porém, com as sombras, aquele ponto branco desvaneceu-se. Os navios, por ordem do governador, se distanciaram uns dos outros, seguindo rumos paralelos; era uma precaução para o caso de que o bergantim por estratégia mudasse a rota durante a noite, ou amaran-do-se

ou demandando a terra. Ao romper d'alva a vigia do cesto de gávea assinalou ainda a mesma vela sempre à proa direita; mas nenhum avanço tinha a esquadra ganho sobre a caça.

Três dias passaram sem maior alteração; a caça prosseguia com igual afinco; mas o bergantim conservava sempre a mesma distância; a rapidez da singradura zombava dos esforços dos remos. Estácio já se considerava salvo, quando uma circunstância lhe fez perder toda a esperança. Gonçalo desde pela manhã que tinha o nariz ao faro e a mão sobre os olhos, explorando a extrema dos horizontes e as nuvens que se erguiam do oceano; até que afinal murchou e encolheu qual rã em tempo seco.

— O vento vai rondar!... disse ele a Estácio com uma voz triste.

O mancebo compreendeu o alcance da observação; mas desejou saber ao justo o que pensava o Antão.

— Que tem isto?

— Tem que daqui a uma hora estaremos bordejando, enquanto as malditas galés, que pouco se importam com o vento, virão sobre nós direitas como uma bala.

— E quando pensais que nos alcançarão?

— Hum!... Pela noite adiante, ou no mais tardar pela madrugada.

Eram sete horas da manhã. Nesse instante Raquel subia à tolda, e aproximou-se do mancebo para saudá-lo; ela conheceu logo em sua fronte carregada e na atitude do contramestre, que a situação piorava, e inquiriu com empenho do que era passado.

— Não vos assusteis, senhora! É um pequeno acidente que já tinha previsto, respondeu Estácio com um sorriso.

Voltando-se então para mestre Gonçalo, falou-lhe com serena firmeza:

— A minha resolução está tomada, Antão. O combate com forças tão superiores fora uma loucura. Além do mais, toda esta perseguição nada tem convosco e só comigo; eu cometeria um crime sacrificando tantas vidas a meu interesse individual. Portanto desde este momento vos entrego o comando do navio com as seguintes determinações, que haveis de jurar-me cumprir à risca. Esta dama e seu pai são livres, e os confio de vossa honra. Os prisioneiros, entregareis a D. Diogo de Menezes, se vos deixarem ir em liberdade, senão ao próprio D. Francisco de Sousa com esta declaração, que trate de guardar o Brasil contra os flamengos...

— Mas vós?... exclamou Raquel em ânsia.

— Sim, vós, Sr. Estácio, que contais fazer? perguntou Antão.

Fazendo-lhe um gesto de espera, o mancebo respondeu primeiro à interrogação da moça:

— Ficai tranquila. Levo comigo o único documento que podia comprometer vosso pai.

— É a segunda vez que me supondes movida por um receio!... Que me importa tudo isso? exclamou a judia arrebatada pela paixão. É de vós, do que pretendeis fazer, que me aflijo e inquieto. Ouvides, senhor?

Estácio fitou a donzela surpreso; pela primeira vez uma suspeita atravessou-lhe o espírito.

— Também eu, acudiu o contramestre; preciso saber para meu governo quais são vossas intenções.

— Não vos inquieteis ambos comigo. Meu destino vai cumprir-se.

Depois espriando os olhos pela vastidão dos mares, disse à meia voz:

— O oceano é bastante vasto e profundo para esconderme à cólera dos homens e dos reis, a quem eles servem!

Raquel pendeu ao seio a fronte abatida, como o cálice de uma flor que verga para verter o orvalho da noite; duas lágrimas brilharam nas pupilas negras, e perlaram as rosas desbotadas de suas faces.

Quanto a Antão, tinha ele empinado a cabeça como um lagarto quando se aqueça ao sol e percebe rumor suspeito:

— Visto isto pretendeis lançar-vos ao mar?

— No momento em que vierem sobre nós. Não tenho outro recurso.

— Heis de estar lembrado do que nos disse João Fogaça, quando nos mandou que vos seguíssemos? Pois então ficai sabendo que daí não nos afastamos eu e minha gente. Hemos de seguir-vos até o inferno.

— Tal não fareis, Antão. Antes disso mandou ele que me obedecêsseis, e o contrário vos ordeno eu.

— Dês que me entregastes o comando deste navio, ninguém mais, senão eu, dá ordens aqui. Sois meu prisioneiro sob palavra, e é escusado vos atirdes pela borda fora, porque atrás irá quem vos traga.

Estácio levantou os ombros. O contramestre, bufando como um boto, ganhou a proa para dar as ordens; imediatamente um índio ganhou uma ponta da mezena, e outro aproximou-se do castelo de popa, prontos a se lançarem à água atrás do

mancebo. As velas começaram a arfar batendo os mastros; logo após o vento escasseou, e rondou para lés-nordeste; o receio do mestre se realizava.

Estácio ficara recostado à amurada, olhando entre admirado e triste a linda judia que tinha ainda a fronte pendida e magoada.

— Por que separais agora o vosso de nosso destino?... Mais arriscada empresa cometestes do que a de tentar a sorte do combate com os que vos perseguem.

— Engano vosso! Suas embarcações são de remo; manobram com mais rapidez que não o podemos fazer.

— Em todo o caso, esse meio extremo de que por duas vezes lançastes mão para defender-vos... Por que o não empregais agora?

— De fazer voar o navio?... Mas naquela ocasião eu servia a El-Rei e a pátria; agora serviria apenas meu interesse; e fora um crime infame sacrificar tantas vidas!

— A minha, não; porque eu a dera de bom grado para vosso bem!...

— Obrigado, senhora; conservai-a para a ventura que vos espera.

— Ventura!... a mim?... murmurou a donzela.

— Demais, toda a esperança não é perdida! disse o mancebo com um sorriso falaz.

— Julgais poder escapar ao perigo?...

— Deus ainda não me abandonou!

— Oh! salvai-vos... Em nome dela... de Inês, eu vos suplico!

— Obrigado!... disse o mancebo. Não imaginais que bem me fizestes!... Neste momento supremo de minha vida representastes aos meus olhos a imagem dela. Parece-se convosco na beleza e na bondade.

Estácio travara da mão de Raquel, e ficaram ambos presos daquele mútuo anelo; ele afagando a doce ilusão que despertara em seu espírito; ela contente de ser amada um rápido instante ainda mesmo sob a invocação de sua rival feliz.

Por esse tempo debuxava-se na linha azul do oceano um relevo escuro. Logo um murmúrio confuso percorreu os bordos do bergantim.

— Terra!... Terra!... disseram vozes esparsas.

— Onde? perguntou Estácio voltando-se.

— Pela proa!

— O Antão Gonçalo?

— Ei-lo rente! acudiu o mestre.

— Sabeis qual terra seja aquela?

— São os Abrolhos!

Os olhos de Estácio brilharam, e volveram rápidos para as velas da frota do governador, que avançava com velocidade.

A voz murmurou-lhe nos lábios:

— Se...

Ia em meio a noite.

Estava sereno o céu, plácido o mar. A treva, densa bastante, transudava a espaços umas tênues fosforescências, que mais cegavam. Pareciam as ondulações da escuridade.

Navegava o galeão *Santo Inácio* na altura dos Abrolhos, mas um tanto amarrado.

A Companhia de Jesus sabia o valor do tempo. Antes que os ingleses inventassem o conhecido anexim industrial, tinham os padres descoberto e aplicado a equação desse precioso capital, que uma vez consumido, não mais se reproduz.

Mas era isso pelo século XVII; então ainda estava recôndita no futuro a famosa doutrina tão apregoada agora sobre a indolência da raça latina. Não andavam esquecidas já as gloriosas conquistas do povo, em número pequeno, que pelo esforço se fizera grande bastante para assim encher o maior império da terra. Ainda o reino português se dilatava tão vasto pela superfície da terra, que não havia noite completa para ele; o sol iluminava sempre alguma de suas extremas.

Esta admirável epopeia do esforço humano, cantada por Camões, foi trabalhada pela raça latina, como devia ser

mais tarde a epopeia francesa da liberdade. Estava porém reservada ao século dezenove a triste missão de renegar sua estirpe. Não se lembra este século ingrato que ele veio, como toda a civilização moderna, do latinismo?

A Companhia de Jesus foi no século XVII o foco das forças vivas dessa raça ilustre; era natural que as dirigisse a despir o pensamento das duas grandes materialidades que o oprimem: o tempo e o espaço.

Tinham os jesuítas navios de superior construção e grande velocidade, como não os havia nas armadas reais. Dispunha El-Rei da autoridade, do erário, das recompensas, de grandes estaleiros e matas seculares; os frades possuíam parte, e mais que tudo isso, possuíam o gênio da ciência.

O galeão *Santo Inácio* era um primor de construção naval; partido muitas horas depois da frota do governador, ao cair da tarde estava fronteiro com ela. Ao lado do capitão e junto à bitácula, observava o P. Molina a posição das caravelas de El-Rei.

— Mais ao largo! recomendou ele.

A tenção do jesuíta era burlar a caça de D. Francisco de Sousa atraindo-o ao galeão.

Enquanto isto, o bergantim de Estácio se poria fora do alcance do governador.

Já ficou explicada essa ideia, que longe de ser insensatez do jesuíta, era filha de sua longa experiência. Com El-Rei e o governador a luta, sobre renhida, era de sucesso dúbio, senão contrário. Com Estácio o triunfo não inspirava receio. Graças à velocidade do galeão, talvez, depois de burlada a frota, pudesse o P. Molina alcançar o bergantim; no pior caso chegaria sobre ele à cidade do Salvador, e nesse pleno domínio da Companhia, Estácio não lhe escaparia.

Para realizar seu plano carecia o P. Molina da sombra; e a sombra aí vinha trazida pela noite. Às últimas réstias do crepúsculo, viu o visitador do mar largo a frota do governador já fronteira, o bergantim algumas milhas por davante, e os Abrolhos que destacavam no horizonte.

— Agora, disse para o capitão, podemos fazer-nos na volta da terra.

Enquanto se efetuou a manobra, subiu o jesuíta ao castelo de proa, e ali com os olhos dilatados pelos mares acompanhou a frota e o bergantim até que a escuridão se interpôs. Não podendo mais ver, o espírito impetuoso calculava; inquiria das estrelas o curso da noite, da singradura a velocidade da carreira; e sobre estas bases orçava o caminho feito e o que faltava para vencer a distância.

Meada era a noite.

O P. Molina outra vez perscrutava a treva na esperança de ver assomar o vulto escuro do bergantim a pequena distância. Se não lhe iludira o cálculo mental, devia lhe estar a meia milha apenas, deixando pela popa a pouco menos a frota do governador.

Neste momento ribombou o canhão. Era a armada que intimava o inimigo para render-se. O galeão levava os fogos acesos e fora pressentido de longe. Estava conseguido o intento do P. Molina.

— Ao mar! Ao mar!... ordenou ele.

Imediatamente o canhão retroou avante.

— Imbecil!... murmurou o frade. Foge e se denuncia!

Súbito abriu-se vasto e imenso clarão. O mar nadou em luz. No seio da esplêndida irradiação desenhou-se o bergantim com as brancas velas enfunadas pela viração. Mas foi no ápice de um instante. Apenas impelida essa grande espadana de chama, logo entrou no seio profundo da noite com horrível estampido.

Pela madrugada estavam galeão e flotilha junto ao teatro da catástrofe nos Abrolhos. Os sobejos da chama atestavam que o navio incendiado fora de feito o bergantim.

D. Francisco de Sousa tornou a São Sebastião. O P. Molina seguiu a rota da Bahia.

A morte de Estácio e o extermínio da tripulação eram coisa fora de toda a dúvida. Mas o jesuíta, que fazia da audácia e inteligência do mancebo alto conceito, não admitiu a ideia de seu passamento senão depois de madura reflexão.

Inquiriu se apesar da catástrofe não seria possível que ele escapasse. Para admitir esse ponto era preciso supor que a explosão fosse voluntária e não acidental. Nesse caso, como acreditar que tantas pessoas se sacrificassem pela salvação de um papel?

A conclusão de toda a sua lucubração foi a seguinte:

— Sem dúvida, morto é; mas partamos sempre da suposição de que ainda viva.

Abriu então o visitador seu breviário, e começou a ler a última folha, ocupação a que se dava constantemente desde a partida de São Sebastião. Nessa folha, cumpre não esquecer, tinha ele copiado um trecho da memória do insigne cronista da Companhia, o P. Manuel Soares.

É esta a ocasião de referir a pouca notícia que nos chegou a respeito de tão importante escrito, infelizmente perdido com dano do real erário, das letras pátrias, e da fama de seu autor, que ficou obscuro, podendo tornar-se ilustre com o lume de sua obra.

Do que disse o reverendo cronista na noite do capítulo, era sua memória dividida em duas partes; em uma se tratava de

saber qual destino tivera o roteiro de Robério Dias; na outra se procurava determinar aproximativamente o lugar das minas de prata.

Sobre a primeira parte, o P. Molina estava muito mais adiantado do que o P. Manuel Soares, pois a versão deste não chegava senão até Fernão Aires; daí em diante perdia completamente o rastro do roteiro. Mas por isso se ocupara o laborioso investigador em suprir essa lacuna, buscando traçar o itinerário que havia seguido o Moribeca em sua jornada de descoberta.

O visitador, prevendo o caso possível de falhar o seu plano, e ver-se privado do roteiro, tinha, quando voltara furtivamente ao cartório, arrancado do ventre do alfarrábio a folha onde o Padre Manuel Soares resumira com muita clareza e concisão a linha de derrota que sem dúvida seguira o descobridor das minas de prata, e o meio conjecturado pelo qual se efetuara a descoberta.

Tinha de feito esse frade, encerrado em sua célula, muitos anos depois do acontecimento, reconstruído a verdade, dissipada pela sombra dos tempos? Ou seria quanto escrevera ele um tecido de fábulas para bordar essa misteriosa invenção das minas de prata, com que a par de outras, se embalava a imaginação popular?

A obra do P. Soares tinha o cunho da maior exatidão; ele a bebera na fonte da história, onda sonora que desliza

mansamente através das idades; na voz dos séculos, que vulgarmente chamam tradição oral, não impura e toldada, como muitas vezes aparece à tona da publicidade, mas límpida e pura, filtrada pela consciência religiosa no confessionário.

O confessionário foi, como o púlpito, outro grande pedestal da influência dos jesuítas; de um moviam eles as massas do povo sob a invocação de Deus; do outro perscrutavam a consciência, o sacrário da família, e dirigiam as forças vivas da sociedade: o povo, a robustez física, o braço possante; a educação, o poder intelectual, a cabeça diretora; que mais lhes faltava para a teocracia, senão a consagração do nome?...

Foi no confessionário que o P. Soares, durante anos de inquérito, apanhou os fragmentos esparsos com que chegou laboriosamente a construir o seu edifício. Quase toda a gente contemporânea de Moribeca veio por sua vez dizer quanto sabia; e assim de elo em elo, por essa cadeia de indivíduos, atingira ele ao ponto a que visava: descobrira um dos acostados que haviam acompanhado Robério Dias na jornada de descoberta.

Era a declaração desse homem o trecho exarado na folha extraída do alfarrábio pelo P. Molina, e por ele reduzida a cinzas, depois de a haver copiado em cifra na capa do seu breviário. Aí a podemos nós ler agora, acompanhando o

indicador do jesuíta, que vai designando as palavras à medida que as soletra e medita:

*“Gonçalo Inhuma, homem pardo, forro, morador em Petinga, onde vivia de caieiro, de idade sessenta anos. Ouvi-o de confissão aos 20 de outubro do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1603. Sobre o assunto proposto, disse ser verdade ter acompanhado Robério Dias, vulgo Moribeca, até além do Rio de Contas em uma serra bastante extensa, que tem em cima uma grande chapada, duas jornadas das cabeceiras do rio, direito para o nascente. Aí pousaram dias, a tiro de arcabuz de uma gruta profundíssima,*

bem conhecida dos bandeiristas por *cova do feiticeiro*, que o gentio chama *cova do pajé*. Conta que viu Moribeca entrar uma tarde na cova, e pouco depois sair com um índio de grande idade, pois ia arcado a um bordão; e ambos sumiram-se no mato, onde ficaram até a outra noite em que foram de volta. E logo levantaram pouso, e tornaram a esta cidade do Salvador, onde tendo ouvido que o Moribeca descobrira muitas e ricas minas de prata, bateu-lhe a titela que fosse ensinada a paragem dela pelo dito índio, a qual pelos seus cálculos deve ficar ali perto, rumo do poente, em terreno alagado, porque o dito voltou molhado, não tendo chovido.”

À margem da folha, que essa declaração continha, lia-se em tinta vermelha uma nota: — *Faleceu em fim de 1605.*

Oito dias depois da explosão do bergantim dava fundo na Bahia de Salvador o galeão *Santo Inácio*; e antes de uma hora o visitador achava-se restituído à sua cela na Casa Provincial do Brasil, acompanhado do P. Domingos Rodrigues, a quem ao entrar fizera sinal para o seguir. Fechando a porta, mandou que chamassem ao Colégio, da parte do provincial, mestre Joaquim Brás, taberneiro na Travessa do Palácio.

O judengo vivia há um mês, desde a fatal noite da evasão dos flamengos, em contínuos sobressaltos; a cada instante julgava ele que lhe surgia pela frente alguma escolta incumbida de prendê-lo; e todas as manhãs admirava-se ingenuamente de achar-se deitado em seu catre, e não suspenso à corda entre três paus. Ao receber do recado que lhe trouxe o leigo do Colégio, sentiu o taberneiro um bate-bate de coração, que não pressagiava bem daquele chamado.

Entretanto praticavam juntos o visitador e o P. Rodrigues:

— Padre, cingi vossos rins, e ponde-vos a caminho para os Ilhéus, dissera o visitador.

— Neste mesmo instante, se Vossa Reverência o ordena.

— Tomai o tempo necessário para os aprestos indispensáveis. Em lá chegando levantai a tribo dos Aimorés, e vinde acampá-la nas imediações da cidade, de onde apenas chegado me enviareis aviso.

O P. Rodrigues curvou a fronte descontente.

— Acha V. Paternidade alguma dificuldade neste assunto?

— Nenhuma, senão que meus esforços de tantos anos vão ser aniquilados. Levantar de seu aldeamento aquele gentio feroz é atirá-lo de novo às brenhas!

— É um mal sem dúvida; mas é necessário, P. Rodrigues. Cumpra com o que lhe ordeno, e nos favoreça o Senhor que lhe darei mil tribos como a dos Aimorés a catequizar, sem receio de que ambiciosos colonos vão cativar os pobres neófitos, como agora sucede. Não vale esse grande benefício, e o maior poder da Companhia nesta e outras províncias, algum sacrifício?

— Sem dúvida, padre visitador; nem eu hesitei um instante na obediência. Só não pude fechar-me à tristeza que me penetrou, pensando que minha obra ia ser destruída; fraqueza minha, que V. Reverência escusará.

— Sentimento louvável, que testemunha do vosso zelo no serviço da religião e da ternura de vosso coração. Qual o pai que se não entristeça com a má sorte dos filhos, e não são

vossos filhos espirituais essas míseras almas arrancadas à barbaria?

Arranharam à porta. O P. Rodrigues despediu-se do visitador; e saído ele, entrou o leigo a dar conta do recado que levava a mestre Brás. Ficava o taberneiro com o pé na soleira para obedecer às ordens do Reverendo P. Provincial.

Aproveitou o jesuíta esse instante vago para folhear na letra B o livro negro da irmandade da Companhia, onde encontrou, conforme esperava, o assento concebido nestes termos:

*“Brás Joaquim, ilhéu, quarenta e oito anos, jurado aos 10 de setembro de 1593. Mau homem e perigoso; grandíssima astúcia, nenhuma fé. Dizem ter parte com os mercadores judeus, a quem ajuda no contrabando. Pôs agora taberna na Travessa de Palácio, e dá tavolagem nos fundos da casa.”*

Chegou afinal o cujo; e entrou desfazendo-se em medidas e rapapés.

— Folgo muito de tornar a ver-vos, mestre Brás. Quando nos separamos em Espanha, nenhum de nós pensava encontrar-se mais neste vale de lágrimas; porém tais voltas dá o mundo!

— Estou como conhecendo V. Paternidade; mas esta minha memória!... Os anos já não são poucos e a carga por demais pesada...

— Então já vos não lembrais de mim? replicou o jesuíta sorrindo.

— Tenho uma ideia longe... Mas em verdade!...

— Ora vou avivar-vos a memória. Quanto se muda em três anos!... Pois tínheis excelente reminiscência.

O taberneiro ouviu o rir zombeteiro do frade, e pareceu-lhe este som com o de uma serrilha que lhe passasse pelas longas orelhas.

— Já vos esqueceu o galeão *Rosário*?

— Sim; estou agora me lembrando!

— Ainda bem! E da ceata que fizestes a bordo com certo Capitão D. Aníbal e mais um rapaz por nome Anselmo, sem falar do mestre gajeiro?

— Disso não, e penso que V. Paternidade está enganado; mas bem me lembro de ter visto o padre-mestre a bordo e de havermos feito juntos um pedaço da jornada de Espanha!

— Justamente; e por sinal que antes da partida fostes aos paços de D. Francisco de Sousa!

— Eu, Brás Joaquim, padre-mestre? É falso testemunho de quem o disse.

— E uma vez lá, cometestes a imprudência de referir ao fidalgo tudo quanto tínheis ouvido a bordo; e o que é ainda mais grave, certas invenções a meu respeito!

— Pois eu era capaz de semelhante coisa, eu, um irmão da Companhia!

— Bom; eis vossa memória que se aviva! Lembrai-vos que sois irmão da Companhia! Mas é justamente isto que torna mais grave a culpa; pois ocultastes de um irmão tão importante segredo para ir vendê-lo a um fidalgo por ouro.

— Mas tal não há, P. Mestre. Eu vos juro pela cruz benta em como sou inocente.

— Jurai!... disse o frade.

Com gesto majestoso apresentou-lhe a cruz de prata que trazia suspensa ao rosário, e cravou nele os olhos fulminantes.

O taberneiro tremeu até as entranhas; os cabelos eriçaram-se sobre a fronte; ficou hirto e lívido, como galvanizado pelo terror.

— Não... Não posso!...

— Ah! pensaste que tua alma corrompida no vício havia de ficar impenetrável à luz do servo do Senhor?... Imbecil!... Vou confundir-te em tua aleivosia e maldade, repetindo palavra por palavra o que fizeste e disseste em casa do fidalgo.

O P. Molina referiu quanto ele havia tirado de suas lucubrações e dos fatos que haviam chegado ao seu conhecimento. A exatidão da narração era tal, que o taberneiro caiu de joelhos com as mãos nos peitos:

— D. Francisco me traiu!...

— D. Francisco a ninguém revelou o que passou convosco.

— E donde o sabeis vós então?...

O P. Molina ergueu o índice, como a haste da cruz:

— Do céu!...

E realmente era do céu que lhe vinha aquele raio capaz de devassar o arcano da alheia consciência, e a poderosa faculdade que de centelhas esparsas tirava a luz esplêndida da verdade.

O mísero ficou fulminado. O frade acabando de o esmagar com os olhos carregados de severidade, continuou:

— Eu vos tenho fechado em minha mão, e posso com um sopro desfazer-vos no ar, como esta poeira de que sois formado. Nenhum dos feios crimes de vossa vida me é desconhecido; traficais por contrabando, dais tavolagem à noite calada, e conspirais com os judeus contra El-Rei e seu governador.

— Compaixão, padre; misericórdia de um mísero pecador.

— Misericórdia, quero tê-la, em nome do Deus clemente, se arrependido romperdes com o passado ignominioso. Não mais contrabando, nem jogos, nem comércio com hereges; reduzireis vosso tráfego ao ganho lícito e honesto. Para remir as culpas antigas deitareis no tronco dos pobres uma esmola de quinhentos cruzados novos. Quanto à traição que praticastes com a Companhia acerca do segredo das minas de prata, a punição que vos dou é reparar o mal que fizestes.

O Brás soltou um gemido doloroso, e balbuciou compungido:

— Castigai-me, padre. Eu mereci por minha culpa e minha máxima culpa.

— Aquele a quem pretendestes roubar o roteiro entrou na posse dele.

— O filho de Robério Dias?

— O navio em que vinha de São Sebastião voou pelos ares com a pólvora na altura dos Abrolhos.

— Então perdeu-se?...

— O que está perdido pode ser achado. Talvez o corpo venha à costa e alguém encontre sobre ele o papel. Por que não sereis este alguém?

— Mas para isso é mister gente e dinheiro.

— Tendes uma e outra coisa; os contrabandistas, e o ouro judeu enterrado no canto de vossa adega em um ancorote!...

— Senhor Deus! Quem vo-lo disse, se eu a ninguém!...

O frade sorriu:

— Nada me é oculto, espírito incrédulo! Nada! Quando ao Todo-Poderoso apraz iluminar seu servo, ele vê através do tempo, como através da matéria!

Entretanto Molina não fizera mais do que uma suposição natural, que sucedeu coincidir com a verdade. Enterrar o dinheiro era costume daquele tempo; quanto à vasilha, um taberneiro devia escolher uma das com que frequentemente lidava.

O visitador ainda fez algumas recomendações ao Brás, e afinal o despediu com estas palavras:

— Ide na certeza de que à menor hesitação de vossa parte vos entregarei ao braço secular para castigar-vos a carne, porque a alma já não terá remédio neste, nem no outro mundo.

Apesar das contrariedades por que havia passado nos últimos dias, sendo-lhe arrebatado das mãos o roteiro de que já se julgava senhor, e destruída posteriormente com a explosão do bergantim a esperança de reavê-lo, o P. Molina estava essa manhã muito satisfeito. Além da confiança que ele nutria de chegar à descoberta das minas guiado pelas pesquisas do P. Manuel Soares, acrescia a satisfação de ter vingado seu amor-próprio humilhado pela hipocrisia do Brás; por fim o íntimo contentamento de haver podido fazer bem, castigando o vício e beneficiando os pobres.

Logo depois do segundo refeitório, o P. Figueira achegou-se ao visitador:

— Peço a V. Reverência a mercê de me ouvir sobre objeto de suma gravidade.

— Neste instante, P. Mestre!...

Iam os dois afastando-se, quando no corredor encontraram Vaz Caminha.

O bom velho estava acabado. A dor da perda de Estácio, que ele julgava certa, tinha assolado aquele corpo já gasto pelos anos, e mais ainda pelos estos da inteligência, cujo

sopro é ardente como o simum do deserto africano. Na fronte rugosa e no rosto encovado trazia ele o luto d'alma por seu filho único.

O P. Molina sentiu o coração confranger-se diante daquelas ruínas deixadas pelo fogo de uma grande paixão. Fazendo ao companheiro um gesto para que o esperasse, foi saudar com bondade compassiva ao advogado, e o levou à biblioteca, onde o agasalhou como a hóspede bem-vindo. Vaz Caminha, embora cortês sempre, não podia contudo eximir-se a um certo desgosto na presença desse homem, a quem um instinto secreto de sua alma culpava indiretamente pelo mal sucedido a Estácio. Se o P. Molina não surgisse na Bahia, dando indícios de vir à busca das minas de prata, o mancebo não se apressaria em partir; e talvez a desgraça, que o perdera, fosse evitada.

Entretanto o advogado não tinha vindo ao convento, senão para ver o P. Molina, cuja chegada logo soubera, e dele colher alguma coisa a respeito de Estácio; aproveitou pois o ensejo que se apresentava tão favorável.

— Pena-me ver-vos neste estado, doutor, tão sucumbido. É a saúde do corpo ou do espírito que sofre?

— Ambas, P. Mestre; mas a maior enfermidade é a do coração. Desde que perdeu a esperança de tornar a ver mais neste mundo seu filho, minha alma vai-se desprendendo para ir vê-lo no céu, e pouco se demorará o instante.

— Foi uma grande catástrofe e uma grande perda para vós!...

— Que diz, padre!... Mas então sabe... viu?...

— De longe apenas, o grande clarão!...

— Clarão!... murmurou o advogado surpreso. Mas de que fala V. Paternidade, que não o entendo?...

— Da explosão do navio que matou vosso afilhado!...

Violenta comoção abalou o corpo emagrecido do advogado, que ergueu-se hirto, para logo cair inerte sobre a poltrona; então aquela face devastada, que parecia seca e estéril para a ternura, como os areais ardentes para a vegetação, orvalhou-se de lágrimas abundantes. Vaz Caminha julgava Estácio morto; mas não tinha a evidência do fato; no fundo de seu coração dormia a centelha de esperança que só tarde se esvai. As palavras do visitador, apagando de repente a centelha, o sepultaram na treva dolorosa.

— Ignorava o doutor?

— Nenhuma notícia tive dele depois da noite em que se foi desta cidade, respondeu o advogado com um soluço.

O jesuíta compungido por aquela grande dor exauriu sua eloquência para a consolar; mas não se quis o velho

consolar, porque o filho já não existia: — *et noluit consolari  
quia non sit.*

O sacerdote, perito médico d'alma, fez sangrar o golpe, para adoçar as dores e cauterizar a ferida. Contou ao advogado que Estácio estivera em São Sebastião, na casa de D. Diogo, onde ele também era, e apesar de seus esforços conseguira obter do fidalgo o roteiro. Passou a narrar a perseguição do governador até à catástrofe, e rematou com louvores à intrepidez e alto engenho do infeliz mancebo, tão prematuramente roubado à pátria.

Houve nessa narrativa uma lacuna relativa ao rombo da parede e ao sequestro dele P. Molina pelo Antão; o narrador tinha suas razões para não tocar por enquanto nesses pontos.

A narração deixou Vaz Caminha mergulhado em lucubrações profundas; tão ocupado estava em revolver no íntimo as palavras do jesuíta, que não se recordava mais da presença deste, nem se apercebia dos olhos com que ele investigava na sua fisionomia as sombras das imagens interiores. De repente fez-se um lampejo naquele espírito, que luziu fora:

— Então!...

O jesuíta compreendeu a necessidade de soprar a chispa.

— Não vos resta esperança!

— Mas uma voz secreta me diz que ele vive!...

Molina abanou a cabeça:

— Na eternidade!

— Neste mundo, padre! exclamou o advogado inspirado. Pois não vedes que ele não usaria do meio supremo de imolar-se ao fogo com sua fortuna, enquanto lhe restasse um vislumbre de esperança?... Estácio é mancebo de grande força de ânimo, para não precipitar-se estouvadamente. Com uma noite escura, tendo ainda duas horas de avanço, não havia de tentar escapar-se ao abrigo das trevas, antes de chegar ao desespero?

O P. Molina palpitou; mas logo reprimindo essa íntima pulsação, cobriu com um sorriso incrédulo a leve turbacão do rosto:

— Grande é o vosso amor por esse jovem, doutor, a julgar pela vossa fé!... Onde quereis que ele tenha escapado, sobre a imensidade dos mares?

O advogado tornara a si do primeiro anelo, e logo conheceu a imprudência que cometera:

— É verdade! murmurou inclinando a frente.

Quando esses dois homens se olharam de novo, ambos sentiram que já não eram os mesmos, que há poucos

instantes comungavam a hóstia de caridade; um sofrendo, outro consolando; um aflito, outro ungido. O pai e o sacerdote haviam desaparecido, deixando em seu lugar dois engenhos superiores, de elevada esfera, dois gladiadores rivais nas lutas da inteligência, os máximos representantes da civilização do século dezoito — o frade e o advogado.

O P. Molina derrubou a fronte, sinal de que se armava com o escudo de Palas para entrar na liça:

— Foi um erro nosso, Doutor Vaz Caminha, não termos há quinze dias sido francos um com o outro; dois espíritos como os nossos não devem nem carecem de lutar à sombra e de emboscada, mas em pleno dia e campo aberto. De quem proveio a culpa? De vós ou de mim, não sei; talvez de ambos, se é que não foi minha só. Eu que vos vi primeiro na arena, antes que me enxergásseis, devia ter mandado soar trombetas, e reptar-vos cortesmente. Não o fiz, somos ambos punidos; o segredo, após o qual ambos corremos, jaz para sempre sepultado no fundo do mar.

— Devo dizer-vos, P. Molina, que vos enganais. Nem corri jamais após algum segredo, nem dele ouvi falar, além do que acabastes de me referir, senão as vozes do povo em outro tempo.

— Estácio não vos confiou a existência do roteiro de seu pai? perguntou o jesuíta.

— Dou-vos minha palavra que Estácio não me confiou semelhante coisa; e quando tal sucedesse, padre-mestre, este homem que vos fala não havia de enchafurdar setenta anos de uma pobreza honrada e laboriosa na lama de uma riqueza sórdida, senão criminosamente adquirida!

— Longe de mim tal pensar, doutor! Quando a vós me referi, foi como tutor e pai espiritual de Estácio.

— Tutor não o sou, mas Álvaro de Carvalho; pai, sim, porém espiritual, que bem sabeis não herda do filho. A respeito pois de bens da fortuna, nunca tomaria a mim o encargo de os gerir.

O P. Molina acreditou que Vaz Caminha se encerrara em uma negativa formal, a menos que realmente Estácio não tivesse calado dele o segredo. Tudo é possível ao egoísmo desconfiado da perversidade humana.

Ido o licenciado, foi a vez do P. Figueira, já cansado de esperar à parte. O negócio grave que o confessor de D. Luísa de Paiva tinha a comunicar, não era outro senão a situação melindrosa a que chegara o negócio daquela deixa pia, em princípio tão habilmente agenciada pelo padre.

As coisas tinham um aspecto desagradável.

Tornemos à fatal alvorada. Elvira, depois da brusca partida de Cristóvão, ficou pasma e gelada. Mas afinal o sangue inflamou-se e incendiou-lhe o cérebro; ela ergueu-se

esvairada. Sua mãe entrava nessa ocasião, prevenida pelos fâmulos; vinha decomposta ainda do traje e da fisionomia. Uma pavorosa ira demudara seu semblante em máscara de fúria. Ela precipitou-se no aposento com a ferocidade da loba que penetrasse no redil de uma ovelha.

Mas essa donzela frágil e submissa, que ela pensara ter escravizado à sua vontade, macerando-lhe a carne com o jejum e flagelando-lhe o espírito com o terror, ergueu-se em frente como já o fizera uma vez, na noite em que o punhal erguido ameaçava o peito de seu amante. Cruzando com o olhar feroce da mãe seu olhar ardente, soltou numa golfada de riso sardônico estas palavras pungentes:

— Agora!... Pertenço a ele eternamente neste mundo e no inferno!... Eis vossa obra, mãe!

Pensava a mísera donzela, em sua inocência, que só as virgens podiam ser esposas do Cristo; na sua veemente paixão se condenara de bom grado às penas eternas contanto que estas a encadeassem para todo o sempre àquele a quem amava! Não sabia que sublime é o Deus do cristianismo, o Deus do perdão, para quem o arrependimento afina a boa têmpera da virtude!

O golpe aturdiu a viúva; por algum tempo ela não viu mais que o lado temporal da desgraça que a acometia, a desonra de sua casa, à qual, não obstante seu beatismo, ela era sensível. Foi depois, que as consequências do mal se

desdobraram a seus olhos com aspecto assustador. Elvira caiu com uma febre abrasadora; essa enfermidade súbita, transtornando a viagem concertada, demorava a realização de seus projetos. De repente surgiu-lhe no espírito a ideia da maternidade. Se Elvira trouxesse no seio o fruto do louco amor, sua raça não se extinguiria; o sangue judeu que lhe corria nas veias continuaria a reproduzir-se apesar do voto feito de extingui-lo na sua geração, consagrando-o à religião.

O que passou então no espírito dessa fanática mulher, ninguém o sabe. A verdade é que nas crises em que a filha piorava, seu semblante tomava um aspecto de doce resignação, na qual, se não aparecia contentamento, havia consolo; quando ao contrário a enfermidade declinava, seu rosto se anuviava, e os olhos tinham sinistros lampejos.

O estado de Elvira ainda era melindroso; o jesuíta tremendo das consequências de um fanatismo que insuflara, julgou acertado descarregar desse peso a consciência, consultando voto mais autorizado, e colocando-se à sombra do superior.

— Padre Figueira, disse o visitador com severo aspecto, penso que seu zelo excedeu-se. O serviço, que trabalhava em prol da Companhia, era sem dúvida importante. Carecemos dos avultados bens temporais, porque também grande é a cópia de privações que temos a suprir neste mundo. Mas não devia baratear assim a virtude de uma donzela e talvez a salvação dessa alma transviada!

O jesuíta vergou a cabeça:

— Não foi minha a culpa, P. Visitador. Queria que V. Reverência visse meus esforços para conter a impaciência da mãe.

— Sim?... Então a viúva é a mais empenhada?

— Não sei até onde pode chegar um dia o fervor de sua devoção. Às vezes quando está sentada à cabeceira da filha enferma, e vejo os olhos que lhe tem cravados nas feições desbotadas, asseguro-vos, P. Visitador, que essa mulher me faz tremer!...

— Quero vê-la!... disse o P. Molina erguendo-se com autoridade.

Instantes depois os dois jesuítas seguiam caminho da casa da viúva, onde chegaram às seis horas da tarde.

D. Luísa veio abaixo recebê-los, muito honrada com a visita do Padre-Mestre Molina, o insigne pregador, que ela ouvira com tanta beatitude na festa da Epifania. A pedido do P. Figueira, levou-os ambos até à câmara, onde jazia prostrada a mísera Elvira, tão desfeita de seu belo e gentil parecer, que o mesmo Cristóvão talvez a não reconheceria.

O visitador chegou à borda do leito, e debruçando-se sobre a enferma, tomou-lhe a mão transparente de magreza.

— Como vos sentis hoje, minha filha?

O semblante de Elvira, que ao avistar o hábito preto dos jesuítas se velara de ódio e terror, esclareceu-se de repente com um raio de esperança. Aquela voz cheia de unção e doçura, e o sorriso paternal que a orvalhava, insinuaram-se no coração desolado da aflita donzela. Ela sentiu que naquele instante era realmente o ministro do Senhor que lhe falava, e aproximando dos lábios a mão venerável, beijou-a contrita.

D. Luísa que não compreendera, trocou um sorriso de contentamento com o P. Figueira.

— Esperai em Deus que não desampara a sua criatura, filha!

— Só dele espero, padre, o perdão ou o castigo de minha culpa!...

— O perdão!... murmurou o visitador.

Afastou-se então com a viúva e o companheiro para o outro canto da espaçosa câmara, onde tomaram assentos:

— Sei, irmã, pelo P. Figueira das vossas pias intenções e da escolha que fizestes de nossa humilde casa para realizá-las; o que me excitou o desejo de ver-vos.

— Realizadas já estariam elas se dependessem unicamente de mim; mas obstáculos sobrevieram, de que haveis de estar bem informado.

— Sem dúvida; e também é esse um dos motivos da minha vinda aqui. Vosso fervor pela religião é muito louvável, e vos será levado em conta; mas não vos parece que a força de vontade, rara em uma frágil donzela, e em vossa filha levada ao ponto de imolar a honra e talvez a vida, são avisos do céu e mostras de que Deus se opõe ao sacrifício que lhe ofereceis?

— Mostras são, padre, de que o cancro já criou duras e fundas raízes, e não poderá ser extirpado sem cruas dores. Mas sinto-me com ânimo bastante para o martírio!...

O visitador contemplou com severidade a exaltação fanática daquela mulher:

— Estou acreditando que não é o espírito de religião quem fala pelos vossos lábios, senão o mau espírito que para melhor tentar a criatura, se disfarça com ares de devoção. Cuidais vós, insensata mulher, que o Deus dos cristãos, o Deus de clemência e misericórdia, exija o sacrifício de vítimas humanas, como os ídolos pagãos?

— Exige o sacrifício do fogo, pois para isso mandou instituir a Inquisição.

Duas rugas profundas se abriram ao longo das faces pálidas do visitador, como os surcos de duas lágrimas ausentes; ali sumiu ele as amargas ideias que lhe borbotaram aos lábios:

— A Inquisição foi instituída em um tempo em que a palavra de Deus não germinava, ou porque a terra era sáfara, ou porque a semente estivesse eivada; e foi, para castigar os que abandonavam o grêmio da Igreja, não para punir na inocente geração a infelicidade dos pais. Se apesar das gotas de sangue judeu que vos corre nas veias, vos anima o verdadeiro amor de Cristo, a Igreja vos abre o seu regaço, como a qualquer descendente de mouros ou deste gentio da América.

Pôs a viúva os olhos surpresos no P. Figueira; este de cabeça baixa, desde o princípio, parecia querer sumir-se pelo hábito adentro. Não achando apoio no seu confessor, a fanática tirou da sua consciência a réplica:

— Ah! que mal conheceis este sangue judeu, padre! Nem o podeis, vós que não o sentis correr em vossas veias! Uma só gota dele é a faísca acesa, que ao menor sopro levanta a labareda, e requeima a vida. Tendes prova nesta carne rebelde, que apesar dos anos, da abstinência e do cilício, se revoltara, se a não tivesse eu constantemente refreada pela contemplação de Deus. Também a tendes no recente exemplo daquela mísera, que nem meus severos preceitos, nem o natural recato, impediram de se perder tão cedo!...

Quem sabe onde a levará ainda a impetuosidade desse sangue danado?

— Vossa filha foi e é uma virtuosa donzela, incapaz de semelhantes desregramentos!

— Não sabeis então? exclamou a viúva.

— V. Reverência a conhecia? perguntou o P. Figueira.

— Sei tudo! respondeu o visitador. Não conhecia esta donzela a quem vejo pela vez primeira; mas o que não for cego há de ver, que é preciso o heroísmo da virtude e a candura da inocência para fazer como ela, ao amante, o sacrifício de seu amor!

A viúva quis replicar; Molina a interrompeu:

— Vossa criminosa insistência já custou a inocência à vossa filha; vai custar-lhe ainda a vida. Que seria de vós, infeliz mulher, mãe desnaturada, se aquela vítima de vossa crueldade, confundindo vosso fanatismo com a verdadeira e santa religião, a renegasse cheia de horror na sua última hora, e expirasse descrente?... Quem responderia ao Senhor por essa alma perdida, senão vós?...

Esmagando a devota com a ameaça tremenda, o visitador deixou-a sob o peso de suas palavras, e outra vez aproximou-se do leito. Elvira, entreabrindo os olhos lânguidos, e pondo-os naquele semblante, como os poria no

céu, achou em sua alma, estanque de prazeres e alegrias, um sorriso para trazer aos lábios.

— Restabelecei-vos depressa, para a ventura, minha filha. Sereis esposa daquele a quem amais; e eu mesmo abençoarei vossa feliz união.

Quem dissera que era esse o mesmo frade que na igreja do Colégio durante o sermão fulminara com sua imprecação a infeliz mulher, que outro crime não tinha senão amá-lo?

É tarde da noite.

Vaz Caminha prolongou mais a costumada vigília; ainda ele rabisca no seu telônio, à luz mortiça da candeia. Sentia o bom velho que a vida se lhe escapava rapidamente, e esforçava terminar a correção de sua obra para deixá-la concluída por sua morte, legando-a a algum rico patrono, que a fizesse imprimir e a amparasse com seu valimento. Outrora destinava ele essa herança para seu afilhado; mas Deus o tinha chamado primeiro, dando-lhe assim aviso de que se apressasse em reunir-se aos seus que já eram todos idos.

No dia em que fora ao Colégio, três havia, o advogado ao ouvir a narração do P. Molina, tivera realmente um pressentimento de que Estácio ainda era vivo; e mais se fortalecera na esperança observando a tática do jesuíta para tirar dele pormenores acerca do roteiro das minas de prata. Mas aos setenta anos a alma tem perdido o calor, e já não vicejam nela as rosas, senão as pálidas e rápidas anêmonas, que ao menor sopro se desfolham. Assim a esperança murchou no coração do velho com as primeiras sombras da noite.

Continuava o laborioso escritor sua vigília, quando no princípio da escura rua soaram passos ligeiros,

acompanhados do tinir da espada ao longo do quadril. A pessoa, que era, tinha elevada estatura, e vinha embuçada em manto de amplas dobras e cores escuras. Dirigiu-se direito à porta do advogado; mas vendo as réstias de luz que filtravam pelos interstícios da janela, bateu de leve nas grades. Vaz Caminha interrompeu o trabalho um tanto surpreso, mas não muito; pois não era a primeira, nem segunda vez que lhe batiam na porta a tais desoras.

— Quem bate? perguntou de dentro da rótula.

— Uma pessoa que vem de parte de D. Fernando de Ataíde sobre negócio urgente! respondeu voz desconhecida, que vibrou uma corda íntima no coração do velho.

Ele correu a abrir. O desconhecido entrou rápido, fechou a porta sobre si, e enlaçou o advogado com os braços, apertando-o ao peito.

— Vitória, mestre!... murmurou ele.

— Estácio!... Filho!... exclamou o velho trêmulo de comoção.

E não pôde dizer mais. Abraçou o mancebo, e calcando a mão ao seio, parecia querer ampará-lo contra a súbita e tamanha alegria que ameaçava despedaçar as arcas do peito.

Ao tempo que isto acontecia no corredor da casa do advogado, a rótula quase fronteira se abria, e dois vultos

saíam; um partiu de corrida rua acima, o outro se agachou junto à porta do advogado e depois à janela para escutar.

É ocasião de remontar os acontecimentos até o instante em que ficou Estácio desamparado no meio do oceano, exposto às iras de D. Francisco de Sousa.

As ilhas dos Abrolhos haviam surgido, e uma centelha brilhara nos olhos de Estácio.

— Quando julgais que estaremos fronteiros às ilhas? perguntou o mancebo ao contramestre.

— Com este maldito vento que nos atrasa? Lá pelo quarto da prima!

— Em quanto tempo pensais que possa uma chalupa fazer a travessia das ilhas à terra firme?

— Conforme a maré.

— Com o preamar?

— É negócio para oito ou dez horas.

— Então esperemos ainda.

— Bravo! Destas falas gosto eu!

Raquel levou do rosto do mancebo ao céu os lindos olhos plenos de graça, e de lá os trouxe embebidos em eflúvios para ungir a quem amava em silêncio.

Estácio afastara-se com o Antão para lhe falar em segredo.

— É pena! disse o contramestre com um suspiro porque já queria bem a este diabo de navio!

Eram dez horas do dia. O tombadilho transformou-se em uma oficina de carpinteiro, onde toda a maruja trabalhava com ardor extraordinário. Entretanto as galés se aproximavam rapidamente impelidas pela força dos remos; a cada instante o vulto dos navios crescia sobre as águas como um fantasma. Ao cair da noite já se descobria a olho nu o casco e o movimento compassado dos remos.

Apenas foi escuro bastante, arreou-se pelo flanco esquerdo do bergantim uma grande balsa ou jangada, em que os marujos haviam trabalhado todo o dia. Imediatamente transportaram para ela viveres, armamento e munições, e todos quantos objetos de valor pôde ela conter. No centro estava colocada a gaiola de ferro de bordo, que reforçada convenientemente, serviu de prisão aos três judeus. Por prudência foram todos amordaçados.

— Quisera poupar a vosso pai, disse Estácio a Raquel, essa medida violenta; mas vós mesma me tirastes a confiança em sua palavra.

A donzela abaixou a cabeça, acabrunhada de tristeza.

— Fazei o mesmo a mim para que não me fique o remorso do que pratiquei!

— Remorso de quê? Se fostes vós que o salvastes! O seu perverso intento fora a sua perdição, e mais tarde há de ele bendizer a coragem com que arrostastes sua ira.

Às onze horas o bergantim estava fronteiro com os três rochedos dos Abrolhos. Foi ordenado o embarque da gente na balsa, que apartou-se do bergantim, presa porém com uma espia. A chalupa, ao portaló com o resto da maruja, esperava o comandante. Raquel durante todo esse dia não tinha saído de perto do mancebo; no momento do embarque lhe travou ela da mão:

— Eu vos suplico uma graça!... Vós ma deveis em paga da sombra de felicidade, que dissestes, vos dei pouco há.

— Que desejais de mim?

— Se eu tive a fortuna de representar ao vosso pensamento, no instante solene do perigo, a imagem daquela que adorais, reclamo nesta qualidade o direito que lhe coubera, se aqui estivesse, de acompanhar-vos em todos os transe desta noite aziaga.

Estácio achava tudo isto estranho; mas a instância do momento não lhe deixava pausa para demorar o espírito

neste incidente. A suavidade daquela voz maviosa, repassada por um hálito perfumado, e a tépida pressão da mão acetinada, influíram docemente em sua alma. Eram as primeiras carícias de amor que libava seu coração; e como para ele Inesita simbolizava o amor, fazia-se em seu espírito uma doce alucinação, pensando que vinham da formosa donzela esses bafejos de ventura.

— Seja como quereis! balbuciou o mancebo.

Ficaram eles dois sós a bordo do bergantim. Estácio desceu ao paiol. Raquel viu sem estremecer o mancebo entrar naquele vulcão de pólvora com uma mecha acesa. Supôs que ele mudara sua primeira resolução de atirar-se ao mar, e preferira a explosão do navio, que lhe assegurava a vingança. Nem um músculo de seu rosto contraiu-se; não fez um gesto para conter a mão que ia vibrar o raio; apenas se aproximou do mancebo para que a morte os unisse.

Mas Estácio não nutria esse projeto; colocou a mecha em cima de um barril de pólvora, como uma vela no tocheiro. Outra mecha de estopa fora aplicada ao ouvido do rodízio.

— Daqui a quatro horas!... disse ele.

Sorriu à judia, e tomando-a pela mão, levou-a para a chalupa, que afastou-se rapidamente do navio. Antão, a quem fora confiada a balsa, cortou a espia e mandou remar para os rochedos. Continuou o bergantim, cujo leme fora

amarrado para conservar-lhe o rumo, a singrar placidamente no bordo do mar, impelido pelas rajadas da brisa.

A chalupa e a balsa breve se esconderam por detrás dos rochedos. Quando teve lugar a explosão, já iam longe bastante para não serem alcançados pelo grande clarão, e descobertos.

No dia seguinte abicou à costa Estácio com sua gente. Resolveu o prudente mancebo prosseguir a jornada por terra durante alguns dias, dando tempo de afastar-se a frota do governador daquelas paragens. Antão com alguns índios ficaram para conduzir a chalupa e a balsa a fim de continuar a viagem costa a costa.

Na tarde daquele dia chegara Estácio ao Recôncavo da Bahia, no lugar da *Sapucaia*, assim chamado de uma grande árvore dessa família que ensombrava o terreiro de uma palhoça.

Tomou o bando posse da choupana onde morava uma pobre gente, que se achou bem paga do agasalho com alguns trastes do bergantim. As ordens de Estácio eram positivas e terminantes. Ninguém da companhia devia comunicar com a gente da terra, para se não divulgar quem eram e donde vinham os recém-chegados.

Se acaso, na ausência do mancebo, viesse contra o bando gente armada em força maior, de modo a tornar a

resistência impossível, nesse caso deviam meter-se pelo mato e evitar assim o reconhecimento e captura até que Estácio voltasse da cidade.

Em suma, o estudante não queria que os prisioneiros holandeses fossem entregues à gente de El-Rei antes de entender-se ele com D. Diogo de Menezes. Era o meio de obter o perdão de Samuel por ele prometido à linda judia.

Bem recomendado tudo ao zelo do Antão, partiu-se Estácio em canoa acompanhado unicamente de Esteves. Horas havia que chegara à ribeira.

— Esteves, adivinho quanto haveis de estar impaciente por abraçar vossa mãe; é preciso porém que esta noite não vos veja ninguém.

— Ninguém me verá, Estácio; se for preciso, passarei a noite embaixo d'água.

— Basta que vos deiteis no fundo da canoa, mas não aqui junto à praia. Amarrai àquela boia que ali vejo, e dormi tranquilo.

Com pouco chegara à casa de Vaz Caminha.

Entretanto o velho advogado passara com o estudante ao cartório e daí à câmara de dormir, aposento interior, servido apenas por uma porta.

— Aqui estaremos melhor para conversar! disse o advogado à puridade. Mas falai, como se nos vissem e escutassem, ao meu ouvido e sem gesto.

— O roteiro está enfim em meu poder!

— Ainda o trazeis sobre vós?

— Tenho-o à cinta.

— Grande imprudência, Estácio! É expordes, além do segredo, vossa existência.

— Trouxe-o mesmo para confiá-lo à vossa guarda.

— Segredos há, filho, que se não confiam, porque eles levam consigo um verme que ataca o coração, a desconfiança.

— Desconfiar eu de vós? É isso jamais possível.

— Ninguém sabe que vozes soarão amanhã em sua consciência. Acredito que nunca viésseis a suspeitar de vosso mestre e padrinho, quaisquer que fossem as coincidências fatais; mas se esse objeto de tanto valor vos fosse roubado estando em minha mão, todo vosso amor e abnegação não bastariam para reprimir este queixume que vossa alma havia de murmurar um dia: “Talvez não me sucedesse essa desgraça se eu mesmo velasse sobre meu tesouro”. Eu não quero que entre o vosso e meu coração se

interponha nem essa tênue sombra. Acrescentai que em minha mão mais exposto que em parte alguma estaria o roteiro. Neste momento sem dúvida já vossa chegada à cidade é sabida; amanhã talvez não haverá canto de minha casa que não tenha sido corrido.

— É impossível, mestre; acabo de desembarcar só com Esteves, e da ribeira até aqui não fui encontrado por viva alma.

— Deveis conhecer o tino e providência dos jesuítas, Estácio; pois lutastes já com um dos mais perigosos!

— O P. Molina!... Mas lembrais-me que é tempo de vos contar o muito que passei desde o recebimento de vossa carta até este instante!...

— Sacrifico com mágoa à vossa segurança o prazer imenso de ouvir-vos agora, e faltar-me de vossa conversação, da qual tanto há que estou privado. Antes de tudo, Estácio, cumpre pôr a bom recado o roteiro, de modo que possais zombar da astúcia de vossos perseguidores.

— Esqueci-me dizer-vos que o roteiro já o tenho de cor! Se o tirarem desta cinta, não o tirarão daqui, da memória. Quando o decorava, as ondas rugiam, e eu lembrei-me de Demóstenes ensaiando nas praias de Atenas a sua coragem de orador contra as tempestades populares. Eu preparava o meu espírito contra as emoções da vida!...

— Tivestes uma feliz lembrança, Estácio. O P. Molina acha em vós contendor digno dele!

— Oh! não, mestre. Não sou mais que noviço nos trabalhos da existência em que sois professo.

Vaz Caminha refletia:

— Decorando o roteiro, Estácio, adquiristes grande vantagem sobre vossos adversários; mas não estais de todo seguro contra suas maquinações. Suponde que vos roubam eles o manuscrito, e se desfazem de vós para legitimar a sua propriedade e evitar que os inquieteis?... De que vale o que trazeis na memória? Suponde ainda que apossando-se do roteiro, destroem sobre o terreno certas indicações que assinalam o rumo... Não ficará inutilizado quanto sabeis? É preciso defender vosso segredo, mais que nunca. E na maneira de o fazer não pedi conselho de ninguém...

— Nem de vós, mestre?

— De ninguém, senão de vosso engenho, que não vos há de faltar, porque Deus justo o inspira. Sois portador de um germe, que pode ser o da morte ou da grandeza. Mostrai-vos digno dessa situação em que a Providência vos colocou.

— Cuidais então, mestre, que meu primeiro cuidado seja pôr em segurança o roteiro?

— Quanto antes. Já devíeis ter partido.

— Oh! mestre, lembrai-vos que há apenas instantes que vos abracei depois de cerca de dois meses de ausência!...

— E não me lembro mais do que devera! Pois se ouvisse minha consciência, antes que meu coração, já não estaríeis aqui! Cada átomo daquela areia que vaza, é talvez um ano de vossa felicidade a escoar-se! Quem sabe!

— Parto já; mas antes queria falar-vos de uma coisa, que bem sabeis.

— De vosso amor?

— De meu amor, sim, mestre! Dessa esperança que alimentastes no princípio, e que no momento de apagar-se para sempre, ressurgistes do desespero onde se afundava! Dessa luz que me guiou todo esse tempo através dos mares revoltos e dos mil perigos que me cercavam! Pela declaração que me enviastes de D. Fernando, Inesita é livre!...

— Ainda não é; mas será no instante em que o exigirdes. Assim combinamos para evitar novos compromissos.

— Então rogo-vos seja vosso primeiro cuidado aplinar essa dificuldade, como será o meu, amanhã, decidir do meu destino.

— Parece-me que tendes de vos apresentar ao governador.

— Certamente; devo dar-lhe conta do que obrei em seu nome e no serviço d'El-Rei.

— Não vos parece que deva essa obrigação preceder ao que vos diz respeito individualmente?

— Assim devera ser; mas razões fortes me obrigam a adiar para depois a obrigação. Apesar das coisas importantes que trabalhei em bem do Estado, não sei como pretende dispor de mim D. Diogo de Menezes. Se tenho de ser novamente sepultado em uma masmorra, que ao menos leve o desengano que me há de matar de uma vez sem penar, ou a esperança viva que outra vez me ressuscite.

Estácio travou das mãos do velho, a impô-las sobre o coração:

— Sim, mestre; este coração estua com a sede de felicidade que o devora. Como a desgraça, o amor foi nele precoce; veio com a infância. Há tanto que ama longe das vistas dela, não tendo para alimento mais que um olhar de ano em ano! Viveu até agora da própria seiva, e sente-se exaurido de tanto afeto dado, e nenhum recebido em volta. Se novas esperanças o não encherem, há de estalar! Sim, pois me sinto como o viajante extenuado pela longa e árdua jornada: quando lhe arrancam dos lábios o licor generoso que lhe deve restituir as forças, desmaia e sucumbe!... Só ela pode dar têmpera a esta alma!

Estácio dizia a verdade; ele sentia essa ardente sede de amor, e o que ainda mais a excitara foram as palavras e os gestos da linda judia. A beleza amante e sedutora tinha despertado em sua alma o sabor das carícias, como o perfume da manga prure o paladar.

— Tendes o direito a essa felicidade por que almejais. Ide pois em busca dela, Estácio. Amanhã espero que D. Fernando de Ataíde tenha desligado de sua palavra a D. Francisco; logo que isso suceda, podeis apresentar-vos em casa do fidalgo.

— Abreviai o mais possível.

— Até lá ocultai-vos, que não saiba o governador de vossa chegada. Não torneis aqui.

— Onde vos verei?

— Procurai na Rua de Santa Luzia uma casa que ali há de terraço e cercada de um bananal. É a única. Entrai afoitamente e procurai D. Marina de Peña, de minha parte. Lá me esperareis!

— Até lá, mestre!

— Deus vos acompanhe!

Estácio encaminhou-se à porta; mas o advogado o reteve um instante enquanto com o olhar sondava a rua. Nada

aparecia de suspeito; o mancebo pois subiu a rua com passo seguro e ligeiro. Mal tinha ele andado uma toesa, descobriu um vulto que se movia diante na sombra; tirou a espada da bainha, sobraçou-a por cima da capa, e continuou tranquilo seu caminho. Ao sair no Largo da Sé, ouviu assobios e logo depois o som de muitas pisadas; desviou à direita, porém receosa de que escapasse, a quadrilha correu-lhe sus.

Voltou-se então denodadamente para seus agressores, e encostando-se à parede da igreja, pôs-se em guarda. Os assaltantes, em número de dez, foram-se aproximando; um indivíduo ficara de parte, simples espectador, e Estácio ouvira que fazia em voz baixa uma recomendação aos companheiros.

— Não o matem: firam só quanto baste para segurá-lo!

Esse cabo noturno não era outro senão mestre Brás, avisado em tempo por seus espias da chegada de um vulto suspeito à casa do advogado. Fiel às ordens do visitador, o taberneiro enviara o Anselmo com a gente em busca do corpo de Estácio. Depois de inúteis pesquisas pela costa, voltara a expedição à cidade. Não se fatigou a pertinácia do P. Molina; incumbiu ao Brás de vigiar dia e noite a casa do advogado.

Como diante da bizarra e audaz atitude do mancebo, os assaltantes sofrendo o ascendente que a verdadeira coragem exerce sobre o atrevimento de mercenários ignóbeis,

hesitassem no ataque, Estácio, disfarçando a voz, lhes enviou esta intimativa:

— Vamos a isso! Estou com pressa!...

— Avancem! Que vergonha!... soprou o Brás.

Os bandidos avançaram, e ouviu-se o rangir das espadas. Estácio sempre coberto com uma parada vigilante e impenetrável, só abria-se quanto tinha o golpe infalível. Então caía um corpo. Contudo o número dos assaltantes acabaria por fatigá-lo.

Por esse tempo desembocou no Largo da Sé um vulto, que logo reconhecia, quem uma vez o tivesse visto, pelo passo desgarrado e pelas guinadas do corpo. O tinir do ferro feriu-lhe imediatamente o ouvido; lançou os olhos para o lugar do ruído, e percebeu o grupo de pessoas que se movia desordenadamente na sombra.

— Han! han!... Briga-se por aqui!...

João Fogaça saía àquelas horas de casa de Cristóvão, onde estava agasalhado. Depois da ceia os dois amigos tinham estendido a prática pela noite adiante. Vários e interessantes foram os assuntos. Primeiramente conversaram de Estácio, sobre quem não cessavam de fazer conjeturas. Cristóvão já tinha como Vaz Caminha chorado perdido o irmão d'alma: o capitão de mato conservava a fé inabalável de seus

caboclos, e julgava-se obrigado a esperar até que aparecesse uma testemunha de vista.

Esgotado este tema, Fogaça puxou a palestra para Elvira, de quem notava que seu amante evitava de falar. A tristeza de Cristóvão, que a recordação de Estácio aumentara, chegou à maior intensidade; seu rosto carregou-se de sombras sinistras. Depois de ter respondido vagamente, mudou por sua vez o assunto, distraindo a atenção do forasteiro com a lembrança da Mariquinhas dos Cachos, cuja história exigiu lhe contasse. Já no tempo de sua convalescença, quando a viúva do tendeiro o velava à cabeceira com tanta solícitude, Cristóvão, interrogando-a, adivinhara a mútua afeição dessas duas almas, que sua própria timidez separava, e jurou que breve as havia de reunir.

João Fogaça contou balbuciando e enrubescendo, como um namorado de quinze anos, os seus afetos pela formosa Mariquinhas. E tinha razão de corar; porque neste corpo rompido aos trabalhos, neste organismo robusto e válido, quando todos os órgãos se tinham desenvolvido, o coração ficara enganado. Seu amor era núbil apenas.

Ao terminar, disse-lhe Cristóvão:

— Sois um cobarde, João!

O capitão de mato olhou-o pasmo.

— Não percebo!

— Pois vós morreis de amores por uma donzela que vos retribui com extremo igual; e quando ela corre a vós para que a arranqueis a uma união forçada, fugis abandonando-a ao marido, a quem a vendem?

— Que dizeis, Cristóvão?...

— A verdade. E ainda mais, a Providência vos envia de novo essa mesma mulher livre dos primeiros laços e sempre amante e boa, e vós, que ainda lhe quereis como outrora, a deixais consumir na tristeza e solidão os melhores anos da vida?

— Por que não me disse ela que tal era seu gosto?

— Se não tivestes a coragem de perguntar-lhe!

João Fogaça começou a assobiar entre dentes. Essa alma pachorrenta e preguiçosa tinha raras e surdas, mas terríveis tormentas; as paixões que acordavam nela eram tempestades impetuosas e medonhas como as que vêm no fim do inverno, depois do frio. As palavras de Cristóvão e o tom severo, com que as proferiu, foram condensando a procela. As chagas deixadas pelo casamento de Mariquinhas e agora magoadas; o remorso e a vergonha de ter causado a infelicidade da moça e a sua própria; o ridículo desse silêncio de quatro anos de um amor partilhado; tudo isto revolveu na vasa daquele coração. Cristóvão o percebeu.

— Muito há que estou para dizer-vos isto, João; chegou o momento. Bem vejo que vos aflijo; mas cedei à razão.

— Eu dera o resto de minha vida para que outro que não vós, Cristóvão, me tivesse dito o que proferistes.

O capitão de mato ergueu-se e ganhou a rua. Ele sentia a necessidade de brigar, ou pelo menos de andar dez léguas naquela noite; lamentava não achar-se no sertão em frente de alguma das mais ferozes tribos selvagens. Foi nestas disposições guerreiras que apareceu no Largo da Sé. Apenas percebeu o que passava do outro lado, caminhou direito ao grupo e foi espadeirando de alto a baixo ao som deste singular estribilho:

*Larari-tari-tatá*  
*Tororu-loru-*

totu.

O compasso era marcado pela espada na pele dos sicários. Mestre Brás, satisfeito com a pranchada que lhe administrara o longo braço do capitão de mato, disparou a corrida e evaporou-se; atrás dele seguiu a gente do Anselmo, que já conhecia o homem desde a noite de Ano-Bom.

— Corja de poltrões!... gritou João Fogaça vendo-os fugir.

Voltou-se então para Estácio que se embuçava cuidadosamente com receio de ser por ele reconhecido.

— Quereis vós brigar comigo, já que os poltrões nos deixaram a ambos com água na boca?

— Outra vez! Agora vou apressado! respondeu uma voz de entre as dobras do manto que lhe vendavam o rosto.

Bem desejos tinha Estácio de lançar-se aos braços do homem a quem devia em grande parte os sucessos de sua empresa e agora por cima o serviço de livrá-lo da matilha de salteadores; mas a prudência exigia que moderasse os ardentes impulsos de sua gratidão. Continuou pois seu caminho e desceu à praia.

Defronte uma canoa amarrada à boia embalava-se brandamente à arfagem da onda.

— Naturalmente Esteves dorme! pensou o estudante.

Tirou a roupa da qual fez uma trouxa que amarrou na nuca e deitou-se a nado para a canoa. O pescador estava de feito adormecido; saltou dentro o nadador tão sutilmente que não o despertou, e ali, sentado à proa, com os olhos derramados pela superfície do mar, afundou-se nas cogitações de seu espírito.

Onde ocultaria seu tesouro que o pusesse a abrigo da ambição dos jesuítas e da cobiça dos governadores?

— Se o oceano mo restituísse!...

Desatou a corda que prendia a canoa e deixou-a vogar mansamente à flor dos mares. Então seus olhos correndo a alva fita de areias que se desdobrava até o sítio do Bonfim, divisou o negro contorno de um bosque espesso, que demorava a alguma distância da praia, na direção do monte Calvário.

— A cruz da Expição! balbuciou dentro d'alma.

Deixando a canoa boiar à discrição da maré que a impelia docemente para a ribeira, Estácio nadou para a praia. Aí chegando, buscou um lugar onde havia pedras, para tomar terra e ganhar o gramado, sem que ficasse impresso na areia o vestígio de seus passos. Encaminhou-se direito ao arvoredado sombrio e nele penetrou sem hesitação.

Uma vereda cortava esse bosque ao longo, e servia aos que transitavam do Forte do Rosário para a cidade. Um claro havia a meio dele, onde se erguia sobre um tosco pedestal de alvenaria uma cruz preta de pau-santo, à qual dava o popular o expressivo nome de Cruz da Expição.

Rezava uma antiga tradição que poucos anos depois da fundação da cidade, ali aparecera certa manhã o corpo de um homem empalado na pele de uma mulher. Muitas

versões correram então a respeito desse horrível acontecimento, que indicava uma vingança bárbara; mas não se soube nunca nem o nome do autor nem os das vítimas. Os corpos foram enterrados no mesmo lugar, onde tempos depois apareceu levantada aquela cruz sobre o pedestal de alvenaria.

Como todos os lugares que foram teatro de um acontecimento terrível e misterioso, era aquele cercado do pavor e respeito popular. Durante a noite os mais corajosos evitavam por aí passar, preferindo fazer uma grande volta pela praia. Mesmo com o sol alto o que ali se arriscasse, transpunha o sítio com passo rápido, levando os olhos no chão e o Credo na boca.

Em sua infância muitas vezes Estácio levava até lá suas correrias. Já naquele tempo, impelido pelo seu caráter a afrontar o perigo, ele passava por aí frequentemente, tomado de certo respeito e tristeza pela recordação fúnebre, porém sem vislumbre de temor; ao contrário com alguma curiosidade de sondar o mistério dessas abusões populares.

O mancebo conhecia pois perfeitamente o sítio para onde caminhava.

O pedestal da cruz estava carcomido pelo tempo; as escaras do reboco deixavam a descoberto alguns tijolos já vacilantes pela queda do cimento; com a ponta do punhal Estácio conseguiu arrancar dois deles; cavando no fundo

um pequeno vão, introduziu o cossotele onde estavam guardados os papéis, e restituiu os tijolos à sua antiga posição. É escusado dizer para quem lhe conhece a prudência, que antes de efetuar esse trabalho, percorreu os arredores sondando a treva da noite; e durante ele tinha o ouvido alerta e o olho vigilante.

Terminado o trabalho retirou-se; mas o espaço arenoso que mediava da cruz à beira do bosque, atravessou-o retrocedendo de joelhos, e apagando com as mãos os traços que ali deixara na ida e agora na volta. Tornou pelo mesmo caminho à praia, que foi beirando por dentro d'água até frontear a canoa. Em poucos instantes a alcançou a nado; acordou Esteves e remaram para o lado da Vitória. Ali desembarcara ele para ir amanhecer em casa de D. Dulce, enquanto o pescador ganhava a ribeira.

Estácio ficou então perfeitamente tranquilo em relação a seu tesouro.

Vinha rompendo a madrugada. Ele aproveitou as últimas trevas para ganhar a casa de D. Dulce.

Prevenida pela criada, a dama se compôs para vir receber a matutina visita que lhe enviava seu advogado; dando com os olhos em Estácio, estremeceu de surpresa e contentamento; uma onda de púrpura derramou-se pelo seu belo semblante, roseando até à nascença do colo, enquanto os olhos afogavam em uma lânguida meiguice.

— O Doutor Vaz Caminha enviou-me à vossa casa, senhora, com recomendação de aqui esperá-lo.

— Eu tinha pedido ao meu velho amigo que vos trouxesse a esta vossa casa, logo que fôsseis de volta. Felizmente eis-vos são e salvo. Vossa ausência já nos causava bem cruéis receios!...

— Também a vós, senhora? Pensava não vos ser conhecido.

— A primeira vez que deparou-me o acaso ver-vos, as feições lembraram-me a pessoa a quem mais amei neste mundo... Um filho, que se fosse vivo, teria a vossa idade e vossa gentil presença. Depois soube pelo Dr. Vaz Caminha vosso nome e muitas particularidades da vossa vida; meu interesse aumentou, porque ao primeiro motivo juntou-se outro, o da gratidão.

— Como é isso possível, se agora vos vejo pela primeira vez!

— Vosso pai Robério Dias prestou ao meu relevantes serviços; e como sejam ambos falecidos, nós herdamos seus títulos, vós a minha gratidão, eu a vossa benevolência.

— Quais serviços foram esses, se vos praz, senhora? É justo que não ignore eu uma nobre ação de meu pai.

— Heis de sabê-lo mais tarde, vos prometo; agora dispensai-me desse dever.

Estácio inclinou-se.

— Sois órfão de pai e mãe; o Doutor Vaz Caminha, sei eu que pelo seu amor substituiu o primeiro; mas vossa tia é bastante idosa, e seu pensamento, já todo voltado para o céu, pouco tempo tem para dar-vos. Uma amizade verdadeira me liga hoje a vosso mestre; esse título, junto aos outros de que vos falei, não pensais que me autorizem a pedir-vos a graça de substituir a mãe que perdestes?

— Oh! senhora!...

— Não me julgais digna desse encargo?

— A mim é que faltam títulos para merecer a vossa solícitude!

— Então aceitais?... E eu entro já no exercício de minhas doces atribuições. Sei Estácio que amais uma donzela, de quem sois retribuído, mas de quem vos trazem afastado. Não posso eu fazer nada para vossa felicidade?

— Podeis fazer muito com os vossos votos, que Deus não deixará de exalçar!

— Esses vos acompanharão sempre. Se vosso amor vos der algum desgosto ou mágoa, prometei vir desabafar em meu seio. Dizem que o coração da mulher é insondável; mas no meu, que tanto já sofreu e vos está aberto, aprendereis a conhecer esse abismo. Prometeis-me isso?

— De bom grado, senhora; doces devem ser as mágoas tratadas por vossas mãos.

— Outra pergunta ainda tenho o direito de fazer-vos. Não vos escandalizeis com ela. A desgraça de vosso pai deixou-vos na miséria; haveis de carecer de meios para manter-vos como deveis à vossa pessoa?

Estácio empalideceu; sua resposta foi glacial.

— De muito careço, senhora; mas nada preciso.

— Atendei, antes de dar-vos por ofendido. Meu pai deixou-me rica, imensamente rica; mas houve tempo em que estivemos na miséria, e quem dela salvou-nos foi Robério. Por que não pagarei agora, que mudaram as sortes, esta dívida sagrada!

— Não herdei nenhum crédito ou escrito de tal dívida, senhora; e pois não me julgo com direito de cobrá-la.

— Mas o título, que me deixastes tomar, dá-me a autoridade...

— Supus que o tomava uma pessoa, como eu, privada de bens da fortuna, e só a respeito da afeição. A uma dama rica não o posso consentir!

— Pois serei pobre para vós, pobre como Jó, ouvistes? exclamou Dulce inquieta. Prometo nunca mais falar de

semelhante coisa.

— Eu vos renderei graças.

— Mas se não posso repartir convosco do meu, posso informar-me de vossas esperanças de futuro. Que contaís fazer?... O segredo de vosso pai ficou realmente perdido? Nunca tivestes notícia dele?

Estas perguntas despertaram a desconfiança no ânimo do mancebo e o tornaram reservado.

— Não sei a tal respeito mais do que diz o vulgo; e peço-vos, senhora, desviemos a conversa deste triste assunto, que me penaliza sempre pelas recordações amargas que desperta.

— Desculpai-me se magoei vossa alma, Estácio. É preciso que a mãe saiba onde se dói o filho para dar-lhe alívio.

Chegou Vaz Caminha. Acompanhava-o Gil carregando uma pequena maça com roupa de gala para Estácio; no quintal estava um cavalo ajaezado. O pajem atirou-se aos braços do seu cavalheiro chorando de alegria; e jurou que nunca mais se separaria dele.

O advogado pediu vênias à dama pela liberdade de que usava em sua casa. Enquanto em uma câmara próxima Estácio se trajava com apuro para a visita que tinha de fazer, o advogado ficara conversando com sua formosa

cliente, e lhe dizia o ato importante que o mancebo ia praticar naquela manhã. Dulce sentiu uma tênue sombra de melancolia toldar-lhe o espírito, e emudeceu pensativa.

O mancebo apareceu galhardo e gentil sob as vestes pretas que trazia no dia de Ano-Bom. Vaz Caminha saiu fora no quintal para fazer chegar o cavalo. Dulce, aproveitando esse momento, arredondou os formosos braços em torno da cabeça do mancebo, e pousou-lhe um beijo na fronte. Ao olhar surpreso e interrogador respondeu um sorriso meigo:

— Vossa mãe vos beijaria neste instante. Ide, e sede feliz, Estácio, como vos eu desejo!...

Ele beijou as mãos da gentil senhora, e partiu a galope para Nazaré. Levava por cima das roupas a capa escura e com ela reбуçava-se para não ser conhecido.

Minutos depois apeava à porta do fidalgo. Atravessando os corredores para chegar à sala onde o pajem o conduzia, passou diante de uma porta lateral entreaberta. Inesita, sentada no aposento, ao rumor dos passos ergueu os olhos, e encontrou os do mancebo fitos nela. A alma de ambos no primeiro movimento precipitou-se, uma para a outra, com tal força de atração magnética, e tão grande ímpeto que abandonou o invólucro, deixando os corpos imóveis como estátuas de mármore em atitude de surpresa. Foi depois que essas duas almas se abraçaram longa e estreitamente, que

tornando a animar o corpo ermo, lhe imprimiram a ação da vontade.

Os dois amantes deram o primeiro e tímido passo um para outro, retidos pelo pudor e por um vago receio; suas mãos estendidas iam reunir-se, quando a porta da sala abriu-se no fundo do corredor, e D. Fernando de Ataíde apareceu no limiar acompanhado pelo castelhano.

D. Fernando acabava de renunciar à mão de Inesita, apresentando, como justa e digna escusa, não ser amado pela donzela; e apesar de todas as razões produzidas pelo fidalgo, manteve-se firme e inabalável em sua resolução. O terrível segredo de sua família bradava-lhe na consciência.

Os dois rivais cruzaram um olhar diverso: o de Estácio foi doce e de gratidão, o de Fernando amargo e de rancor.

Inesita, ouvindo a voz de seu pai, deixara-se cair sobre a poltrona, e quentes lágrimas orvalharam o pungente sorriso com que ela se despedia do amante. Estácio, desprendendo-se do seu êxtase, caminhou à presença de D. Francisco, que ficara no limiar da porta, ouvindo o aviso do pajem:

— Que buscais nesta casa?

— Precisando falar-vos, senhor, pareceu-me que nela vos devia procurar.

— Para que, se não tenho negócios convosco?

— Tenho-os eu com o Senhor D. Francisco de Aguiar.

— Dir-me-eis quais sejam?

— Ides saber, Senhor D. Francisco. Uma fatalidade pesou sobre minha casa, que não só roubou a vida de seu chefe, como os haveres abastados e as honras adquiridas por seus ascendentes. Uma sentença de El-Rei manchou a memória de meu infeliz pai como traidor. Deus porém me inspirou a força de reparar a injustiça dos homens. A minha casa vai ser restaurada, e terá outro esplendor maior do que nunca teve. Suas riquezas serão incalculáveis; nenhuma fruirá no Brasil tão grandes honras como as que eu saberei conquistar. A memória de meu pai solenemente reabilitada vestirá novo lustre. Isto ainda não está feito, senhor, mas breve se fará, eu vos juro. Suponde pois que não é o mísero deserdado por uma injusta sentença quem agora vos fala; mas um cavalheiro rico de haveres e nobreza.

— Costumam embalar com esses contos de fada as crianças. Muito estranho, pois, que tenhais vindo para tal fim a uma casa respeitável.

— Não duvidareis do que vos digo, senhor, quando souberdes que o segredo das minas de prata, que tão fatal foi a meu pai, e que se julgava perdido, acha-se em meu poder!...

— Ah!

— Um miserável o tinha roubado, mas não conseguiu lográ-lo. Depois de mil vicissitudes foi-me restituído. Brevemente o depositarei nas mãos de El-Rei, e o prêmio desse serviço, junto a um nome honrado e a uma mão leal, peço-vos permissão, senhor, para depor aos pés de vossa filha, a mui nobre Senhora D. Inês de Aguilar.

O fidalgo sorriu de compaixão.

— Minha filha está prometida!

— Não acaba D. Fernando de Ataíde de vos desligar de vossa promessa?

D. Francisco rugou o sobrolho:

— Já o sabíeis?... Há porém engano de vossa parte. D. Fernando de Ataíde solicitou de mim que o desligasse da sua palavra e eu consenti, porque à minha filha não faltarão os melhores partidos. Há tempo que foi sua mão pedida por um fidalgo do mais ilustre sangue, o Comendador D. Lopo de Velasco; e como se previsse o que tinha de acontecer, obtive de mim uma promessa condicional, que acaba de se tornar positiva.

— Mas D. Inês não o ama, senhor!

— Minha filha não carece de um estranho para intermediário de seus sentimentos entre mim e ela.

Estácio conheceu que pelo coração o fidalgo era inabalável.

— É possível, senhor, que a segunda promessa fique sem efeito como a primeira! Poderei eu esperar...

— Evitei até agora de responder-vos diretamente. A vossa insistência força-me à franqueza. E melhor é para ambos que nos entendamos de uma vez; para vós, porque, desassombrado desta vertigem, podereis caminhar direito e seguro na vida; para mim, porque, apelando para a vossa lealdade, talvez consiga restabelecer a tranquilidade de minha casa.

O fidalgo pôs os olhos firmes no mancebo.

— Sr. Estácio Dias, digo-vos que em tempo e caso algum obtereis a mão de minha filha!

Estácio ficou um instante fulminado sob essa recusa formal e terminante; mas logo recobrando a calma:

— Poderei saber a causa de uma tão dura condenação?

— Melhor fora calar; mas por ela julgareis de minha sinceridade. D. Inês de Aguilár pertence à melhor nobreza das Espanhas para se aliar com a descendência bastarda de um simples cavalheiro português, em cujas veias corre uma mistura de sangue gentio. Quanto às honras que possam vir em troca das minas, serão, caso se realizem, nobreza de mercador, e não verdadeira fidalguia de linhagem.

A altivez de Estácio revoltou-se:

— Essa mistura de sangue gentio que corre em minhas veias, Sr. D. Francisco, é a dos senhores primeiros desta terra, onde viestes enriquecer. Quem tanto despreza a nobreza dos mercadores, também devera desprezar o seu ouro.

— E a prova de que o desprezo é que recuso vossa aliança apesar das imensas riquezas que vos esperam. Demais El-Rei pode restituir à vossa casa aquilo de que a privou; mas não pode a sua autoridade destruir o passado e a lembrança da vergonha que algum tempo pesou sobre ela.

— Pois, Sr. D. Francisco de Aguilar, disse Estácio lento e grave, se a infâmia de um crime de traição é tal, que ainda mesmo reconhecida a inocência do acusado, uma nódoa pesa sobre a sua memória e o nome de sua família, devo dizer-vos que sou Estácio Dias Correia, inquinado de bastardia e descendente de gentio, quem derrogo de minha nobreza oferecendo-vos aliança a vós, D. Francisco de Aguilar, neto de reis godos!

— Que loucas palavras são estas, mancebo?

— Lede este papel!

E apresentou ao fidalgo a obrigação passada por D. José de Aguilar ao judeu Samuel. O orgulhoso castelhano rugiu de cólera sabendo da infâmia do filho; suas mãos robustas

tremiam segurando o papel, que desaparecia ante a névoa de seus olhos inflamados.

— Apresentado ao governador este papel, a condenação de vosso filho não se fará esperar. Vós, altivo fidalgo, não sereis pai do mancebo órfão e honrado, mas sereis pai do traidor que vendeu a pátria e seu rei ao estrangeiro.

O fidalgo ficou imóvel na sua angústia. Estácio o contemplava sobranceiro.

— Julgais ainda, senhor, que a minha aliança vos seja desonrosa?

A resposta do fidalgo foi romana e digna de Fabrício:

— Não me deslumbrou há pouco a vossa riqueza; não me abala agora a vossa ameaça. Fazei desse papel o uso que vos aprouver; eu saberei evitar a desonra de uma condenação, punindo eu próprio meu sangue degenerado. As nossas posições permanecem as mesmas.

— As mesmas, tendes razão. Apesar de vosso ódio e desprezo sereis sempre para mim o pai da mulher a quem amo, e saberei respeitar vossa honra, como se minha fora.

O mancebo despedaçou o papel e lançou ao chão os fragmentos.

— Eis destruída a única prova do erro deplorável; asseguro-vos sobre ele silêncio eterno. Puni vosso filho, se o julgais necessário, mas poupai-lhe a vida.

A voz de Estácio tremeu.

— Poupai-lhe, sim, a vida; senão vítimas ambos de vosso inflexível rigor, nenhum restará para consolo e companhia de vossa velhice.

O fidalgo castelhano, comovido até ao coração, fez com a palavra e com o gesto pressuroso voltar da porta o mancebo que se retirava. Estácio aproximou-se palpitando de esperança, e precipitou-se com efusão sobre a mão que lhe era estendida. Mas essa mão, em vez de atraí-lo ao peito, parecia ao contrário, pela tensão firme do braço, mantê-lo em distância.

— Acreditai-me, senhor! disse o castelhano comovido. Neste momento sinto no fundo d'alma não poder aceitar vossa aliança. Ofereço-vos porém minha amizade.

— Eu a recuso, senhor. Não vos quero dever nada, já que me recusais tudo. O que fiz e o que farei ponho-o sob a santa invocação do meu amor; não o profanarei com estranho motivo.

Estácio retirou-se dessa casa, deixando a admiração no ânimo soberbo do inflexível fidalgo. Ao chegar à porta de São Bento, caiu em uma emboscada que lhe estava ali

armada. Uma esquadra de cavalaria, ao mando do Alferes D. José de Aguilar, o desarmou e conduziu preso.

Duas pessoas assistiram à prisão: Tiburcino e Gil.

Em mais lôbrega e medonha masmorra que a primeira jazia Estácio.

O alferes aí o encerrara por ordem do governador, e dele se despedira com palavras duras e ásperas:

— Aqui ficareis até a hora de serdes fuzilado como espião. Preparai-vos para morrer!

Estácio encarou-o com um sorriso de asco:

— Vireis assistir a este espetáculo, Sr. D. José de Aguilar?

— Sem dúvida.

— Estimo bem, replicou-lhe em voz surda, que só o ouvisse o alferes; porque na volta podereis dizer a D. Francisco de Aguilar que vos perdoe, pois foi em mim punido vosso crime infame.

D. José ficou lívido, e saiu do cárcere titubeando.

— É possível, exclamou o prisioneiro com as faces incendidas de rubor, que este miserável seja irmão de minha Inês!

Passado este assomo de indignação, veio a preocupação de sua posição:

— Antepus um instante o coração à pátria. Deus puniu-me. Se eu tivesse ido direito a D. Diogo de Menezes, estaria livre!

As palavras do alferes a princípio pareceram ao mancebo uma vã ameaça; mas refletindo agora que está só, reconhece que todas as aparências lhe são contrárias. De feito sua fuga da prisão ao mesmo tempo que a dos prisioneiros flamengos; a ignorância absoluta em que se achava o governador do que passara aquela noite e posteriormente; sua ausência durante tanto tempo; deviam gerar graves suspeitas a seu respeito. Felizmente ele tinha provas irrefragáveis não só de sua inocência, como dos importantes serviços prestados ao Estado; e pois aguardou com serenidade de espírito o momento de ser interrogado.

A posição do infeliz mancebo era porém mais crítica do que ele supunha.

Os contrabandistas, que tinham ficado na praia sob a guarda de Japi e foram pela manhã recolhidos ao Presídio de Santa Luzia, julgavam-se completamente perdidos; mas apenas levados à presença do governador, que os interrogou como quem ignorava completamente o acontecido e lhes pediu a explicação do estranho caso de serem achados estendidos sobre a areia, atados de pés e mãos, o instinto da

conservação inspirou-lhes a defesa. Deram-se como inocentes pescadores chegados à noite, que estavam a dormir em um barco a pequena distância da praia, esperando o dia para fazerem suas avenças, quando foram assaltados por uns vultos, que os puseram naquele estado e se apoderaram da chalupa. Entre estes tinham eles reconhecido gente flamenga.

O conto era verossímil, e coincidia perfeitamente com a parte que chegava do Castelo de Santo Alberto. D. Diogo de Menezes não duvidou pois que Estácio, de concerto com os holandeses, tivesse perpetrado aquele feio crime de traição. Mandou contudo reter prisioneiros os pescadores até colher maior informação e tirar completamente a limpo a verdade do fato. Enquanto se procedia a indagações, D. José, que temia-se de ver descoberta sua infâmia, foi arrastado à mentira para desviar de si qualquer suspeita. Não duvidou assegurar ao governador que o plano da evasão dos flamengos fora concertado pelo judeu Samuel, a rogo e instâncias da filha Raquel, para salvar Estácio a quem amava. O desaparecimento do rabino dava a essa versão, já autorizada pela pessoa de quem vinha, cunho de verdade. O depoimento do Brás, arrancado pelo alferes, encheu a prova, tornando-a plena.

Tanto bastava para naquele tempo condenar-se um homem; sendo o crime, como o imputado a Estácio, dos chamados crimes de guerra, e o mais infame deles, a espionagem complicada de traição, as fórmulas já sumárias do

juízo eram dispensadas, e o réu fuzilado sem forma de processo nem detença, não se lhe deixando mais que o tempo de confessar-se.

D. Diogo de Menezes, investido na qualidade de capitão-general da autoridade suprema dos cabos de guerra em campanha, se preparava a exercer o triste e penoso dever que lhe impunha a confiança de El-Rei e o bem do Estado. Ordenara que se deixasse ao condenado vinte e quatro horas para preparar sua alma a comparecer perante o Criador; e recusando ver o mísero mancebo a quem de coração lamentava, desviou o espírito desse pungente assunto para empregá-lo em outros tão árduos.

De nada serviriam pois as provas em que Estácio confiava, tanto mais quando ele não as podia produzir imediatamente.

A sua gente estava àquela hora arranchada no mato sob as ordens do Antão, com as recomendações sabidas. Era portanto impossível fazê-la vir à cidade testemunhar sua inocência.

Por outro lado, quando escondera o roteiro das minas, ocorrera a Estácio um receio; que sendo preso antes de obter do Governador D. Diogo de Menezes o perdão do judeu, lhe apreenderiam a carta dirigida a Usselincx, e nesse caso perdida seria a esperança de cumprir a palavra dada a Raquel de salvar seu pai.

Para evitar a surpresa possível, senão provável, resolveu o mancebo ocultar com o roteiro a missiva lacrada dos rabinos.

Por este encadeamento de circunstâncias, as duas provas únicas, mas irrefragáveis de seu nobre proceder, estavam não só longe, como complicadas, de modo que só ele em pessoa as podia deslindar e trazê-las à sua defesa. Revelar o lugar onde estava a missiva dos judeus, era entregar o roteiro das minas; enviar alguém ao acampamento do Antão, seria afastá-lo da Bahia pelo sertão adentro.

Entretanto o mancebo dormia tranquilo à sombra da morte que já o bafejava.

Eram cinco horas da manhã. A chave do cárcere rangeu surdamente na fechadura. O carcereiro entrou de ponta de pé, e espreitou de longe o vulto adormecido do prisioneiro; refreando a respiração, achegou-se do canto onde ele jazia deitado, e com a mão sutil, começou de apalpar as roupas, sondando as algibeiras, bem como o peito do gibão. Não achando o que procurava, insistia na busca, quando Estácio ergueu-se de chofre e o pilhou em flagrante com a mão na ratoeira.

— Mestre carcereiro, é a segunda vez que me apalpais as algibeiras, estando eu a dormir. Dizei o que buscais, pois talvez vos forre ao trabalho e vergonha do mister a que vos entregastes.

— Não é a culpa, senhor cavalheiro, de quem obedece, senão de quem manda. Cumpro minha obrigação de revistar os presos, para entregar ao comandante quanto trazem consigo.

— Pois deveis fazê-lo às claras, e não com ares de espião. Vamos, acabai com isso para que doutra feita não me perturbeis o sono!

O carcereiro arrancou um suspiro do peito cavernoso e esgravatou alguma coisa no canto do olho, que talvez fosse lágrima:

— Não tenhais esse cuidado, senhor cavalheiro, não vos perturbarei eu mais o sono, porque acabastes de dormir o último sobre a terra!

O mancebo sentiu um ligeiro calafrio, como se a temperatura houvesse baixado repentinamente, e à primavera da vida sucedesse o inverno glacial. Foi tudo que essa rápida transição da esperança ao luto produziu em sua alma, já embotada ao sopro mortífero.

— Quando começarei então a dormir embaixo da terra? perguntou Estácio a sorrir.

— A hora está próxima; é para as nove. O oficial, que vem intimar-vos a sentença, não tarda aí.

— Quem é ele?

— O mesmo que vos trouxe, creio eu.

— D. José de Aguilar?... Melhor!... Morrerei em família!

E o mancebo erguendo-se em pé, agitou o corpo para expelir os últimos torpores do sono:

— Que horas são, mestre chaveiro?

— Cinco já passadas.

— Bem, restam-me quatro!... Quatro horas são duzentos e quarenta minutos, nos quais podem ter lugar mais de mil acontecimentos!... Uma hora me bastou para sair do Castelo de Santo Alberto!... Em duas ao mais tardar, mestre cérbero, eu vos convido a beber na taberna do Brás uma botelha à minha liberdade e boa saúde.

O carcereiro pensou que a fatal notícia tivesse transtornado o juízo ao mancebo:

“Pobre rapaz!...” murmurou consigo.

— Ide-vos e deixai-me tranquilo. Vossa cara afugenta-me as ideias!

— Senhor cavalheiro, replicou o chaveiro ressabiado, não cuidais já em vos pôr bem com Deus? Olhai que pouco tempo vos resta!... O padre confessor só espera que o chameis...

— O confessor?... É justamente de que eu preciso. Trazei-o aqui.

O carcereiro foi à porta, que abriu, e logo entrou um religioso, coberto com o grande sombreiro carregado sobre a frente, de modo a deixar o rosto na penumbra.

— Nada, P. Mestre, segredou o carcereiro; não tem embrulho algum sobre o corpo; disto podeis estar certo.

— Bem: deixai-nos sós; e não esquecei o recomendado.

A porta do cárcere rolou pesadamente sobre os couces; o religioso avançou lentamente para o prisioneiro abatendo o sombreiro que rojou pelas lajes, e mostrou a frente alta e inteligente do P. Molina.

— Eis-me, filho!...

Estácio não pôde reter a exclamação de sua surpresa:

— Ah!...

Que vinha fazer ali naquele cárcere, revestido do caráter sagrado de confessor, o incansável jesuíta?

Esta interrogação, que logo articulou-se no espírito de Estácio, se reflete naturalmente no pensamento de quem acompanhou o mancebo através das vicissitudes de sua vida agitada até àquele momento supremo.

Molina soubera da chegada de Estácio à Bahia, na mesma noite, mas infelizmente meia hora depois do combate do Largo da Sé, pelo Brás, que dele escapara-se a estirão das curtas pernas. O taberneiro julgara inútil prevenir antes o jesuíta, preferindo comunicar-lhe logo o feliz sucesso, com o qual contava. Desesperado com essa contrariedade, o visitador despachou em todas as direções esculcas que aventassem o rumo do mancebo; mas não foi possível achá-lo; o traço estava perdido, e só mais tarde devia ser achado.

— Ele há de reaparecer algures! pensou o frade.

Ao Brás assinou a casa do licenciado; ao Anselmo a de D. Mência; e a Tiburcino enviou em busca de Estácio. Ele próprio saiu depois a sondar os ânimos; foi à casa de Vaz Caminha, porém não o encontrou; D. Mência nada sabia; Cristóvão igualmente. Na sua visita ao amante de Elvira, não esqueceu o P. Molina a promessa que fizera à mísera enferma, e que lhe serviu de pretexto para apresentar-se em casa de Cristóvão. O mancebo fechou-se às primeiras palavras do frade; mas sabendo da gravidade da moléstia que assaltara a mísera donzela, saiu arrebatadamente e correu à casa de D. Luísa.

Recolhido ao Colégio, o visitador foi à cela do reitor:

— Padre-mestre, em que pé está o negócio que lhe deixei incumbido, quando há um mês me fui a São Sebastião?

— O negócio da filha de D. Francisco de Aguiar?... não vai mal encaminhado não, P. Visitador.

— O que há de feito e de esperar?...

— Logo depois que V. Reverência partiu, consegui eu pôr-me em comunicação com D. Ismênia, o que não deixava de ser difícil, pela enfermidade que a retém em casa, como pelas pessoas que a cercam.

— Como chegastes a esse resultado?...

— Pela escrava do quarto, que me mandava os recados por um pajem. A dama trabalha com todo o afinco para desmanchar o casamento, ao qual é extremamente avessa a filha. O pai e o filho sustentam D. Fernando um pouco por si e muito pelo beneditino confessor da casa, um tal Fr. Carlos da Luz; porém a fidalga tem esperança de vencer afinal a causa em favor do nosso protegido D. Lopo de Velasco.

— Bem; persevere na sua obra.

Nisto arranharam à porta. Era o leigo que acompanhava um pajem; este trazia ao padre reitor da parte de D. Ismênia a notícia que acabava de desfazer-se o casamento de Inesita com D. Fernando de Ataíde.

— Corra à quinta de D. Lopo, e obrigue-o sem detença a partir para a casa de D. Francisco a exigir a confirmação da

promessa que lhe fez.

Acabava o visitador de fazer essa recomendação, quando soou no corredor o passo pesado de Tiburcino, que o buscava; o carnicheiro farejara Joaninha; esta como mariposa esvoaçava em torno de Gil, que naquela mesma manhã levara à Rua de Santa Luzia o cavalo para Estácio. Seguindo de longe a mulatinha que vira Gil muito contente, e estava curiosa de saber o motivo da súbita alegria, o magarefe chegou a tempo de ver passar a galope o cavaleiro em direção a fora de portas.

Seguiu o rasto; chegou a Nazaré, onde pouco depois assistiu à prisão.

— Foi preso em Nazaré!... disse alegre.

— Preso! exclamou o frade. Outra vez preso! À ordem de quem? Não sabeis?...

— Do senhor governador.

— Para onde o conduziram?

— Para o Presídio de Santa Luzia.

O visitador não descansou enquanto não soube o motivo da prisão, e a sorte que aguardava a Estácio. O capelão da fortaleza era um padre secular, irmão dos jesuítas; por seu intermédio, e com seu disfarce introduziu-se o padre na

fortaleza onde teve uma longa prática com o carcereiro. Foi em virtude dela, que o digno cérbero passou a apalpar os bolsos de Estácio, à busca do roteiro das minas de prata, e que levou ao comandante o suposto recado do prisioneiro, que pedia para seu confessor o P. Molina.

Na mesma manhã Vaz Caminha, chamado à pressa para negócio de sua profissão, foi levado a um lugar deserto e aí revistado por vultos desconhecidos e mascarados; ao mesmo tempo sua casa sofria igual devassa; todas as gavetas foram abertas com chaves falsas, explorados os escaninhos, sondado o quintal e as paredes, enfim interrogada a velha Euquéria.

— Sem dúvida sumiu ele o papel, quando saiu da casa do advogado e por conselho dele!... O tempo que o perdi de vista, ele o empregou bem. Ah! imbecil taberneiro!... Só teve engenho uma vez por milagre e essa contra mim. Deita a fugir e nem se lembra, como o cão, de seguir o faro da presa que lhe escapa!

O visitador proferiu estas palavras medindo a passos largos o soalho de sua cela:

— Mas a campanha não está perdida, não. A vida, a liberdade e o amor pugnam por mim naquele coração de mancebo!

Mandara o jesuíta chamar João Fogaça, carta maior que guardara para a última vasa. O capitão de mato, alguma coisa surpreso desse chamado, acudiu não obstante. Molina o recebeu com a cortesia devida a uma pessoa de tantos predicados:

— Tomei a liberdade de incomodar-vos, Senhor João Fogaça, para saber de vós se estais disposto a prestar um esforço em prol da Companhia, de que sois irmão?

— Irmão... eu?... Estou que vos enganais, P. Mestre!...

— Como é possível, se aqui tenho à mão o assento que vos diz respeito!... Jurado em 5 de abril de 1607.

— Ah! já sei!... Um dia no sertão encontrei um bom padre, que costumava viajar por aqueles desertos só com seu corpo, e um bordão por companheiro e uma sacola por comitiva; assim atravessava pelas tribos do gentio que não lhe fazia mal algum, antes o festejava com muitas alegrias. Quando o encontrei, o santo homem levava nos braços uma criancinha tapuia que achara abandonada, e tratava dela melhor que muitas mães o sabem.

— Como se chamava?

— P. Inácio do Lourical. Então disse eu ao santo homem: padre, heis de fazer-me duas graças. A primeira é vossa bênção, que me há de trazer felicidade; a segunda é dizer-me em que convento ou lugar vos posso eu encontrar para

quando precise da palavra de Deus. Ensinou-me ele esta casa onde o procurei algumas vezes; e de uma delas não o achando, um de vossos companheiros engrolou não sei que ladainha, e fez-me jurar sobre um livro.

— Foi a cerimônia de vossa profissão; por ela ficastes nosso irmão.

— Mas em suma que quereis de mim?

— Nada que não seja em serviço da religião; estais de ânimo a cumprir o vosso juramento?

— Sou bom cristão, padre-mestre; isto basta para que vos não recuse meu esforço.

O P. Molina expôs então em segredo o objeto, e João Fogaça retirou-se, tendo prometido toda a sua coadjuvação.

Estes incidentes acontecidos entre a prisão de Estácio e a entrada do P. Molina no cárcere, explicarão talvez o que ali ia buscar o jesuíta.

— Sois vós o confessor que me enviam? perguntou Estácio.

— Desagrada-vos a presença do mais humilde dos servos de Deus?

— Oh! não; a escolha não podia ser melhor. Vindes então preparar-me para morrer?...

O frade fitou nele olhos penetrantes:

— Venho arrancar-vos ao suplício, e trazer-vos a vida, a liberdade e a ventura, mancebo.

Ao brilho daquele olhar, e à entonação firme da voz magnética do jesuíta, Estácio estremeceu; um raio de esperança filtrara e aquecera seu coração.

— Que dizeis?...

Mas logo após a dúvida, que se derramou no seu espírito à lembrança do homem à quem falava, afogou a esperança:

— Não acredito em vossas palavras, padre! disse com asco.

— Me reputais capaz de vir escarnecer das últimas horas que vos restam de vida, desventurado mancebo?

— Profanastes o hábito sagrado que me habituei a respeitar desde a infância, cobrindo com ele um coração devorado pela cobiça infame; a mão que partiu a hóstia no altar, não vos pejastes de a estender para arrebatar o alheio com fraude e violência. Posso eu acreditar-vos?

— Isto significa, filho, que roubei o bem que vos pertencia, apoderando-me do roteiro das minas de prata! Não é assim?

— Evitei de dar o nome à vossa feia ação, pelo respeito ao caráter de que ainda estais revestido; mas vossa palavra o

fez, vossa consciência que responda.

O jesuíta desdobrou sobre o mancebo um olhar sereno e majestoso, que vinha do fundo d'alma.

— Imaginais vós, filho, que este humilde sacerdote que não custa ao mundo mais que uma pouca de sombra, alguns côvados de lila e o magro jejum, precise de outra propriedade a não ser a de alguns palmos de terra, quantos bastem para reduzir a pó a argila de que é feito? Oh! como vos enganais!... Toda a minha cobiça cabe neste hábito. É em nome de Deus e para seus pobres que nós vamos mendigando e colhendo pela terra as sobras dos ricos e as esmolas dos desinteressados que servem ao esplendor da religião e às obras de caridade!

— Deu-vos a Igreja, padre, autoridade para extorquir à força as esmolas que não vos querem fazer de vontade?

— Ponhamos claramente a questão. Tinha eu autoridade e direito para me apoderar do roteiro que existia em poder de D. Diogo de Mariz, sem vosso consentimento? Vou responder-vos perante a lei e perante a religião. Sim, filho, eu tinha essa autoridade.

— É o que vos faltava, padre; a apologia do crime.

— Ouvi antes de condenar, Estácio Correia; sois noviço da Companhia de Jesus; quando entrastes para as aulas do Colégio, pôs vosso mestre e padrinho a condição de serdes

admitido como simples estudante, sem compromisso religioso; simularam aceitar essa condição, e tanto vosso tutor como vós assinaram depois um assento, julgando-o sem importância; era o do vosso noviciado. Ora, desde esse instante ficastes sob a tutela da Companhia, que tinha direito de obrar em vosso nome. Esse ponto é incontestável; o Doutor Vaz Caminha, se aqui estivera, me daria razão.

— Mas desde que me despedi do Colégio, que ligação tinha eu mais com a Companhia?

— Oh! os laços que prendem uma vez alguém ao Instituto são difíceis de romper. Deixamos que saísseis por uma condescendência; mas podemos reclamar-vos no instante em que nos aprover.

— Desafio-vos a que o tenteis!... Mais fácil é aluir-se aquela casa sobre vós, do que entrar eu nela.

— Tal não é nossa intenção; restituímos vossa liberdade, não vos privaremos dela. Mas tomei a peito provar-vos não só a justiça, como a generosidade com que procedi a respeito do roteiro, pois desejo acima de tudo a volta da vossa estima e confiança.

O frade recolheu-se.

— Sois moço, Estácio, e não conheceis mais que um canto do mundo e uma nesga de tempo. Embalai-vos em esperanças falazes. O segredo das minas de prata, que

trazeis convosco, não é a fonte de venturas que imaginais, mas um veneno mortal, um raio, que de um instante para outro vos há de fulminar. Antes de chegardes a El-Rei, encontrareis, como vosso pai, o roubo, talvez o homicídio; nos pés do trono achareis, em vez de prêmio, decepções. Apenas no começo de vossa empresa, podeis já avaliar do que vos espera, quando fermentarem as paixões que ides semeando em vosso caminho. Apossando pois a Companhia desse precioso segredo, eu vos garantia os benefícios sem trabalho, ao passo que prestava à religião importante serviço. A Companhia tomava sobre si a pesada tarefa da exploração das minas, mas vos assegurava um futuro grande, enchendo-vos de riquezas imensas, de honras principais; e completando a vossa ventura com a aliança que sonhais!

— Vós o sabeis, padre?...

— Sei tudo: que amais D. Inês de Aguiar, que ela vos retribui com igual extremo; mas que entre vós ambos se levanta um obstáculo insuperável. D. Francisco de Aguiar jamais consentirá em vosso casamento!

Estácio abaixou a cabeça:

— Salvo, continuou o jesuíta, se eu o quiser.

— O que é necessário para o quererdes?

— Que me entregueis o roteiro, e me deixeis trabalhar em vossa felicidade.

O P. Molina, soltando as asas à sua eloquência, desenhou o quadro fascinador do futuro que esperava o mancebo; esboçou a traços largos e magistras a carreira brilhante que ele tinha a percorrer; apreciou na devida altura os benefícios que prestava à religião, armando a Ordem de Jesus daquela arma poderosa, e habilitando-a engrandecer a pátria, de que seria benfeitor; ergueu o pedestal onde a posteridade reconhecida havia de colocar a sua estátua ilustre.

Depois de fascinar a ambição do mancebo com estes fogos que se propagam em toda a imaginação moça e ardente, como a chama no algodão, o visitador abriu aquele coração imensamente dilatado por um amor sedento, e vazou nele quanto néctar e quanta delícia podem transudar das ternas esperanças e das suaves reminiscências. A cena das justas e torneios foi de repente armada na memória de Estácio, qual ele a tinha visto na tarde de Ano-Bom, como uma brilhante decoração à beleza esplêndida de Inesita. Ele viu, como se a tivesse presente, irradiar aos seus olhos a imagem encantadora da donzela a sorrir-lhe.

Durante todo esse sonho o mancebo só tivera uma leve hesitação:

— E a honra de meu pai? perguntou ele. Se vos entrego o roteiro, continuarão a crer que ele traiu El-Rei.

— As grandezas, que vos esperam, apagarão esse triste passado.

— Sim! Cobrirei a chaga com a púrpura! exclamou o mancebo indignado. Serei ilustre, mas deixarei desonrado aquele de quem descendo!

— O que desonra é o crime, não a pena. Tendes a certeza de que vosso pai não cometeu traição; a sentença que o condenou será revogada. Que mais pode exigir a vossa nímia severidade?

Então o mancebo entregou-se sem reserva ao embevecimento daquela palavra sedutora. Seus lábios já descerrados pelo sorriso moviam-se para revelar o lugar onde se achava o roteiro, quando souou fora um grande rumor de armas, tambores e atabales.

Eram os pelotões, destinados à execução militar, que começavam de formar-se no grande pátio do forte. Este som de morte, caindo de repente sobre o enxame de sonhos dourados que esvoaçavam na mente do mancebo, confrangeu-lhe o coração que passava assim de repente do almo calor ao gelo.

A desconfiança adormecida espertou:

“O astuto frade, depois de arrancar-me o segredo, mais depressa me deixaria morrer! Não há de ser assim!... Não!...”

O frade percebeu o que passava no espírito do mancebo, embora parecesse completamente absorvido a escutar os rumores de fora.

— Sabeis que movimento é este? perguntou ao mancebo.

— Preparam-se a fazer as honras que me prometestes, padre!... disse Estácio com um sorriso de escárnio.

— Só vos restam horas. Resolvi, filho; aceitais a vida que vos trouxe, e com ela a liberdade e a ventura?

— Não! Não! Não!...

O mancebo escandiu estes três monossílabos com uma lentidão calculada, para indicar o peso de vontade que carregava cada uma de suas negativas.

— Retirai-vos, para que eu morra em paz.

Molina envolveu-se no hábito, carregou o sombrero, e chegando à porta, bateu para chamar o carcereiro.

Em pé, na porta do presídio, apoiado sobre a bengala, para não cair, estava o Doutor Vaz Caminha. Seu lívido e macerado semblante tinha já a descor baça da lápida sepulcral; e de feito a vida ali estava morta e sepultada no túmulo daquele corpo gasto, mas galvanizado por uma vontade poderosa. Com os olhos pregados no chão, ninguém sabia que abismos de dor sondava esta vista profunda e cadavérica.

Ao lado dele o pobre Gil, agarrado à sua mão, chorava silenciosamente, afogando os soluços e enxugando as lágrimas com a garnacha do velho advogado, a qual lhe encobria quase todo o rosto. O menino tinha os olhos upados de tanto chorar; e de vez em quando murmurava com um acento inexprimível:

— Senhor Vaz!... Senhor Vaz!...

Ao menor rumor que vinha da prisão esse grupo singelo de um grande martírio estremecia, e volvia pávidos esgares para o lôbrego edifício.

Eram seis horas.

A dúbia claridade do rápido crepúsculo matutino desenhava já no azul desbotado do céu o negro perfil da fortaleza. O pátio estava cheio de soldados dos pelotões que formavam;

e notava-se o bulício que anuncia um acontecimento extraordinário.

Nisso abriu-se o portão exterior, e um frade assomou no limiar. Vaz Caminha na esperança de obter alguma notícia achegou-se dele quando atravessava:

— P. Mestre!... foi o que teve tempo de dizer.

O jesuíta ao passar conchegara-se ainda mais no hábito, cuja aba levantou sobre o rosto, carregando o sombreiro; mas deixou cair no ouvido do licenciado rápidas e soturnas palavras:

— Silêncio, irmão! À Rua de Santa Luzia, se quereis salvá-lo!

Seguiu apressado rua abaixo, quebrou a esquina, saltou a cerca de um quintal e apresentou-se na varanda de D. Dulce aos olhos espantados da velha Brásia que varria a casa.

Coisas importantes tinham passado dentro da prisão.

O carcereiro acudira a abrir a porta ao sinal do frade. Do limiar o P. Molina volveu de novo o rosto para o prisioneiro:

— Ainda é tempo, filho!

— Não!...

— Morrei pois, vítima de uma pertinácia insensata; mas lembrai-vos na última hora que Deus pode punir-vos mais cruelmente ainda, arrancando-vos o amor e a estima daquela que amastes na terra!

Estácio avançou com um salto de tigre; ele havia compreendido todo o alcance daquela terrível ameaça. Ao mesmo tempo uma ideia luzira em seu espírito:

— Escutai, padre!...

Molina recomendou ao carcereiro que esperasse a alguma distância, e voltou ao prisioneiro.

— Que segurança me dais do cumprimento de vossa promessa? Se vos eu entregar o meu segredo, que meios tendes para livrar-me do suplício que me espera, e arrancar-me já desta masmorra?

O jesuíta sorriu:

— Era essa a causa de vossa recusa?... Me julgastes capaz de trair-vos, apossando-me do vosso bem para depois abandonar-vos à sorte fatal?... Vejo que ainda não reconquistei vossa estima!

— Respondei; o tempo urge.

— Tinha tudo preparado. Se aceitásseis o que propus, sois da minha estatura, e coberto com este sombreiro, envolto

neste hábito, à mercê do lusco-fusco da alvorada, passaríeis entre os guardas como o P. Molina.

— E ficaríeis em meu lugar, encarcerado nesta masmorra?...

— O tempo preciso para vos pordes em segurança.

— Acaso me julgais uma criança para acreditar ingenuamente quanto vos aprouver?... Só vós não havíeis de pensar no perigo a que vos expondes tramando a evasão de um réu de alta traição!...

— Oh! pensei em tudo!... Saindo daqui, me deixaríeis justificado. Vedes estes objetos?

O jesuíta sacara de baixo do hábito uma corda de linho e um punhal. Nos olhos de Estácio cintilou rápido um lampejo; mas ele o apagou sob a expressão da mofa que empanou seu belo semblante.

— Entendo! Vossa Paternidade me estenderia os braços que eu lhe ataria às costas para simular que tinha havido surpresa e violência.

— E então! Poderiam acusar-me porventura?

— Decerto que não; mas coisa pior poderia suceder.

— Qual, filho?

— Quando eu bem disfarçado no hábito de V. Paternidade, e depois de lhe ter dito ao ouvido o meu segredo, transpusesse o limiar daquela porta e ganhasse o corredor, V. Paternidade que tem uma voz de cantochão, excelente, entoaria o *Aqui d'El-Rei*, e eu seria apanhado como o coelho ao sair da toca.

— Também ocorre-me isto! disse o jesuíta sorrindo. Conheceis este pequeno instrumento?

— Nunca o vi. Para que serve? disse o mancebo fingindo habilmente ignorância.

— Pera de angústia, é o nome que lhe davam nos cárceres da inquisição. Serve para fazer muda a boca que se obstina a falar. Ora, se ao mesmo tempo que me ligásseis os braços, me introduzísseis este objeto entre a maxila e o palato, ficaria eu privado do movimento e da palavra.

Estácio abanou a cabeça:

— Não acreditais?...

— Vendo, pode ser.

O P. Molina com uma expressão de simplicidade, que devia tornar Estácio desconfiado, tomou delicadamente a pera e a introduziu na boca. Era o que o mancebo esperava; travando com força dos braços do frade, murmurou-lhe ao ouvido:

— Melhor é, padre, que não me obrigueis a usar de violência! Rendei-vos de boa vontade. Lembrai-vos que eu tenho a morte atrás de mim a perseguir-me, e a ventura avante a sorrir-me!

O frade acobardou-se, e submisso deixou que o mancebo ligasse-lhe os pulsos às costas e o despisse do hábito. O disfarce operou-se em um instante; Molina deitado sobre a enxerga seguia de través com um olhar manhoso os movimentos do mancebo.

— Quando eu estiver em liberdade, trataremos de nosso ajuste, P. Molina!

O carcereiro veio abrir a porta ao sinal convencionado; e o falso jesuíta ganhou facilmente e sem excitar a mínima suspeita o portão do pátio, onde encontrara o advogado e Gil; daí conseguiu penetrar em casa da formosa andaluza.

Advertida a dama, de que a procurava um padre da Companhia, correu agitada e comovida. Dando com aquele vulto negro, em pé no meio do aposento, ainda coberto com o sombreiro derrubado sobre a frente, a formosa senhora pensou estar em face de seu marido. Tinha o mesmo talhe e o mesmo porte. O contorno alvo e enérgico da parte inferior do rosto, que se desenhava sobre a gola preta, era do religioso de Palos.

Impelida pela explosão da veemente paixão tantos anos concentrada, ela precipitou para o vulto:

— Senhor!

Estácio que só esperara o momento de ficar só com ela, descobriu-se então. A formosa dama, no ímpeto de arrojarse aos pés daquele que supunha seu marido, caiu nos braços do mancebo.

Nesse instante chegaram o advogado e o pajem. Vaz Caminha apesar do estranho abalo que lhe causara a voz do frade e da importância do aviso, hesitara um instante; porém o menino, movido por um secreto pressentimento, o puxara pela mão e o obrigou a seguir para a casa de Dulce, onde ele teve a felicidade de abraçar o filho querido de sua alma.

Duas horas depois apresentava-se na portada do palácio do governador um cavaleiro armado em guerra com a viseira caída, o que em tempo de paz, naquele lugar e dia claro, pareceu estranho. Apeou o guerreiro presto e entrou no corpo da guarda onde reinava ainda a agitação produzida pelo acontecimento da manhã.

Quando entrava na prisão para conduzir o condenado, achou o oficial incumbido da execução o P. Molina com os pulsos e artelhos ligados, mordança na boca e estendido de bruço sobre a enxerga. Lavrado o auto da evasão, e tomados

os depoimentos do confessor e carcereiro, despachou imediatamente o comandante ao governador um oficial com a comunicação do acontecido.

D. Diogo ficou indignado; era a segunda vez que pela negligência ou desídia dos subordinados aquele mancebo zombava e escarnecia da sua autoridade. Enviou ordens umas sobre outras e para todas as partes; contestou a comunicação do comandante, declarando-lhe que ele responderia em três dias pelo preso evadido, se o não restituísse à justiça.

Entretanto o desconhecido dirigiu-se a um porteiro de maça que ali achava-se:

— Levai-me ao Sr. Governador.

— Que lhe quereis, e quem sois? perguntou o homem com a insolência da gente baixa que serve aos grandes.

— Dizei-lhe que o busca um desconhecido, o qual só a ele se descobrirá; que lhe traz aviso certo do lugar onde se acoitou o preso que esta manhã se evadiu da fortaleza.

— Segui-me!

O guerreiro subiu as escadas após seu guia, e atravessou os corredores cheios de gente curiosa. Ao chegar ao gabinete, o porteiro fez-lhe sinal que esperasse atrás do reposteiro, e

entrou para dar aviso ao governador. Ouviu-se a voz sonora de D. Diogo que dizia:

— Trazei-o já à minha presença.

Afastado o reposteiro, franqueou-se a entrada ao guerreiro. Este, penetrando no gabinete, despediu com um gesto o porteiro, e fechando a porta, correu-lhe os ferrolhos.

D. Diogo de Menezes, que o esperava no fim da sala sentado à mesa de trabalho, erguendo os olhos, dera com aquele vulto armado no instante em que ele praticava a singular ação de trancar a porta. Desenhou-se no seu varonil e majestoso semblante uma ligeira surpresa motivada pela estranheza do caso; abaixando rápido, e imperceptível olhar para as guardas da espada, que descansava ao lado sobre a cadeira, esperou com a placidez e serenidade de quem sente-se em uma esfera superior, onde não ousam penetrar as paixões más.

Entretanto o cavalheiro parava no meio do aposento, com mostras de respeito, na sua nobre atitude.

— Aproximai-vos, cavalheiro; e se é exato o aviso que me trazeis, a recompensa há de ser pronta e igual ao serviço.

— Fiz saber-vos, senhor governador, que indicaria a vossa senhoria o lugar certo onde se acha o preso evadido esta manhã. Vou além da minha promessa, pois vo-lo entregarei eu próprio em pessoa.

— Onde está ele então?

Com um gesto cheio de nobreza e graça, o cavalleiro ergueu a viseira do elmo e descobriu a bela e altiva fisionomia de Estácio.

Desta vez a surpresa foi tal que D. Diogo de Menezes duvidou de seus olhos e acreditou em uma alucinação dos sentidos.

— Ah! A Providência vos entrega de novo à justiça de El-Rei. Desta vez não escapareis, exclamou o governador dirigindo-se à porta.

Estácio se lhe antepôs em face:

— Haveis de ouvir-me primeiro, senhor governador; não se condena um homem indefeso!

— Sois um espião e traidor. Estais condenado a menor suplício que merecestes. Não há para vós compaixão. Eu vos lamento e abandono a vosso desgraçado destino.

Estácio sorriu:

— Há duas horas que estou livre. Nesse tempo, montado no excelente animal de que me apeei à vossa porta, tendo sob minha mão a três léguas daqui uma companhia de homens destemidos, podia estar longe e fora do alcance de vosso braço. Quando pois venho eu próprio à vossa presença,

correndo novo risco de vida para chegar a ela através de vossa guarda, e isto para dizer-vos que me haveis de ouvir... Pensais, senhor governador, que eu venha pedir-vos graças e compaixão?

— A que vindes então? perguntou o governador com sobrançeria.

— Venho exigir justiça e reparação do agravo que me fizestes, suspeitando de minha honra e maculando meu nome!

— Ousais ameaçar-me?... E agora vejo que estais armado! disse D. Diogo com desprezo.

O mancebo com um movimento rápido arrojou de si as armas:

— Estas eram armas para vossos guardas, se me impedissem chegar até aqui; para Vossa Senhoria trago-as de melhor têmpera. As provas cabais de minha inocência e do que acabo de prestar a El-Rei.

D. Diogo de Menezes sabia conhecer os homens; seu olhar profundo devassava os íntimos refolhos d'alma. Desde que Estácio lhe aparecera de um modo tão estranho, ele sentia um generoso impulso de seu coração a atraí-lo para aquela ativa e briosa juventude. Mas a robusta convicção que tinha da culpa do mancebo, o encerrava dentro da rígida

severidade do juiz. Abanou pois a cabeça, ao passo que seu olhar benévolo pousava nas feições gentis do mancebo.

— Infeliz mancebo! murmurou.

— De que sou eu acusado perante Vossa Senhoria?...

— De haverdes traído a vossa pátria em favor do inimigo.

— Tirando do Castelo de Santo Alberto três presos... Um aqui está em vossa mão, e estaria desde ontem, se não caísse em uma emboscada quando para aqui vinha.

— Os dois flamengos?

— Vão ser restituídos a Vossa Senhoria dentro de poucas horas.

— Onde estão eles?...

— No sítio da Sapucaia em boa guarda.

— Se dizeis a verdade, estais perdoado.

— Estas são as provas de minha inocência, sr. governador. Agora, a captura destes presos que se evadiam, a destruição dos dois navios de contrabando que os esperavam em Itapoã para levá-los à Holanda; a descoberta do plano que concertaram os judeus desta cidade para entregarem a Bahia aos holandeses; estas são as provas da vossa injustiça.

— Farei igual reparação, Estácio, dou-vos minha palavra. Referi como as coisas se passaram.

Estácio contou os vários acontecimentos de que fora protagonista desde a noite da escapula do castelo até aquele instante; omitindo unicamente aquela parte que se referia ao segredo das minas de prata, e sobre a qual pedia vênias ao governador para guardar reserva, declarando apenas que um motivo de honra o chamava ao Rio de Janeiro.

— Chegai perto, Estácio; que eu vos abrace. Sois um herói!... exclamou D. Diogo comovido.

— Se o que fiz merece alguma recompensa, peço a Vossa Senhoria, como a única que desejo, a graça de confirmar a promessa que dei a uma filha em favor de seu velho pai.

— Qual promessa?...

— Que lhe perdoareis a parte que tomou na trama urdida para a entrega da cidade.

— É grave; mas a mereceis, Estácio. Contanto que o velho Samuel deixe para sempre o Brasil.

— É justo. Esta noite vos entregarei a missiva do judeu.

— E por que não agora?

— Careço de tempo para buscá-la onde a ocultei. Quanto aos flamengos, partirei já para trazê-los à vossa presença; podeis fazer-me seguir por uma escolta.

— Sereis vós quem me seguireis, meu alferes de cavalos, disse D. Diogo erguendo-se.

— Não compreendo a Vossa Senhoria.

— É o começo da reparação, Estácio. D. Francisco de Aguilar, que teve não sei quais queixas do filho, veio solicitar-me ontem sua baixa, como um castigo que lhe queria infligir.

— Ah!...

— O posto vago achou em vós quem dignamente o servisse; partiremos ambos, sem guarda nem séquito, para Sapucaia.

— Às ordens de Vossa Senhoria!...

Estácio saiu do gabinete a esperar que D. Diogo se preparasse. Na antecâmara viu seu velho amigo e padrinho que esperava tranquilo o fim da prática. O advogado sabia agora o que o mancebo tinha obrado; e confiava na austera justiça do governador, tão inflexível no perdão, como generoso na recompensa.

O mancebo e o velho abraçaram-se estreitamente; um, nada perguntara, o outro, nada dissera; ambos tinham-se entendido pela expressão mútua do semblante. O de Estácio trazia o contentamento que logo refletiu no de Vaz Caminha.

— Livre, mestre, livre e premiado!

Instantes depois apareceu o governador e saudou afetosamente o advogado.

— Nós os velhos, Doutor Vaz Caminha, já de pouco prestamos. Ei-lo aqui, este imberbe mancebo de dezenove anos, que é melhor advogado do que vós, e melhor juiz do que eu! Vistes o instante em que ganhou seu feito, que vós tivestes por perdido, e eu por julgado afinal?...

— Não foi ele, sr. governador, mas a sua inocência sob a guarda da Providência.

Os dois cavaleiros partiram afinal do palácio. O governador adiante meio corpo do cavalo, como era uso quando andava com seus íntimos, em privança. O alferes lhe guardava a esquerda.

Os dois flamengos foram restituídos ao Castelo de Santo Alberto nessa mesma tarde; Samuel posto em liberdade, mas intimado da ordem do governador que lhe dava seis meses para liquidar seus haveres e deixar as terras do Brasil para não mais voltar. Enquanto o velho rabino ouvia a

palavra severa do governador, Raquel à parte se despedia de Estácio que de propósito a arredara daquela cena, para lhe poupar a humilhação do pai.

— Se algum dia, Estácio, disse-lhe a formosa judia, carecerdes do coração de uma irmã para repartir com ele as alegrias ou tristezas do vosso, sabeis já onde esse amigo vos espera!

— Eu vos prometo, Raquel! Praza a Deus que nesse momento eu o ache pleno das felicidades que vos desejo.

— Oh! no instante em que dele vos aproximardes, asseguro-vos que o achareis feliz.

Estácio cortou este diálogo, que o pungia; e chegou-se a Samuel para murmurar-lhe ao ouvido:

— Trabalhai melhor a ventura de vossa filha, Samuel. Lembrai-vos que lhe deveis a vida, e o ouro de que sois tão avaro.

O governador, compreendendo a necessidade que Estácio devia ter de repouso e expansão no seio da amizade, depois da vida agitada e tormentosa, que vivera durante cerca de dois meses, o despediu, recomendando-lhe que no dia seguinte fosse em busca da missiva dos judeus, e lha trouxesse o mais breve possível.

— Às sete horas da manhã aqui serei às ordens de Vossa Senhoria.

Estácio correu à porta do palácio onde o esperava Antão com a gente, que vinha de levar ao Castelo de Santo Alberto os dois flamengos. Juntos encaminharam-se à casa de Cristóvão. No meio da alegria dos dois amigos entrou João Fogaça que, do primeiro olhar reconhecendo quem ali estava, soltou esta estrondosa exclamação:

— Então!... Que vos dizia eu, Cristovinho?

O capitão de mato abriu um braço e apertou Estácio ao peito; estendendo ao Antão dois dedos que encheram a mão ao marujo, embora a tivesse bem espalmada. Depois disto escancarou a boca em uma formidável gargalhada, que o aliviou de algumas arrobas da alegria, que acabava de sentir.

O resto do dia foi consagrado a festejar a boa volta. Cristóvão deu suas ordens para que no pavimento térreo se banqueteassem com profusão todos os companheiros da famosa empresa; enquanto sua mesa de jantar, coberta já da fina copa de prataria, só esperava para encher-se das abundantes e saborosas iguarias, que chegasse o quinto conviva, o Dr. Vaz Caminha. Voltou o portador do recado trazendo a resposta do advogado:

*“Desculpai-me com vosso amigo, Estácio. Em vossa felicidade, depois da longa ausência e dos riscos passados, compreendo quanto carecem vossos jovens corações de expandir-se mutuamente. O contato de um velho coração gelaria, crede-me, a doce efervescência de vosso festim. Ride, folgai, enchei-vos de alegria e venturas; e quando vos sentirdes a transbordar, vinde então vazá-las no seio de vosso velho amigo e mestre.”*

Os convivas sentaram-se à mesa. Cristóvão nesse dia vencera a tristeza que de tempos o acabrunhava, e se entregou aos júbilos de uma amizade que lhe parecia agora ainda mais cara e íntima pelas provanças por que passara, e talvez que também pela revolução que se operara em sua alma. Os dois amigos consumiram o tempo em conversar; mas coisa singular, nenhum deles tocara ainda naquilo que mais os interessava. Nem Estácio falara de Inesita, nem Cristóvão de Elvira.

Entretanto João Fogaça comia, e Antão bebia; cada um deles tinha sua especialidade. O capitão de mato desafiava a indigestão com o mesmo denodo com que o seu ajudante desafiava a embriaguez.

Era tarde da noite quando Estácio recolheu-se. O incansável mancebo não foi porém direito à casa; só por volta da madrugada bateu ele à porta onde o esperava Gil, dormindo a sono solto. Então pôde repousar algumas horas; quando

despertou com a primeira claridade do dia, a velhinha D. Mência, advertida de sua chegada, correu a deitar-lhe a bênção.

À hora emprazada apresentou-se o novo alferes em palácio e entregou a D. Diogo de Menezes a missiva dos judeus. O governador apressou-se em tomar conhecimento desse papel cuja importância avaliava:

— Ide, Estácio, careceis de trajar-vos conforme vosso posto; e também deveis ter necessidade de algum repouso. Dou-vos três dias de folga.

O jovem alferes não tinha necessidade de repouso; possuía uma organização poderosa que descansava variando a sua imensa atividade. As emoções, as subjugava ele com sua vontade de ferro. Do que tinha necessidade e muita era de amor, que lhe matasse a sede abrasadora d'alma.

Logo depois da recusa formal que sofrera de D. Francisco de Aguilar, os acontecimentos o tinham arrebatado, de modo que não lhe deixaram tempo, nem mesmo para sentir, quanto mais para meditar a influência daquele fato sobre sua existência. No meio porém dessa voragem que ameaçara tragá-lo, quando recordava as palavras duras do fidalgo, havia em sua alma alguma coisa de áspero e rígido. Era uma fibra distendida, uma cristação interior, o quer que fosse enfim, que anunciava o assomo enérgico da vontade tenaz.

Agora esse movimento interior definia-se; tornava-se revolta contra a severidade de D. Francisco. A alma do mancebo, feita para a luta, eletrizada pelos obstáculos, se erguia para correr à conquista da mulher amada, e disputá-la ao mundo inteiro!

— Inês deve ser minha!... murmurava uma voz dentro de sua alma. Outra replicou:

— E será, querendo ela!

Cogitou um instante.

— É preciso que eu a veja hoje mesmo.

O mancebo voltou a almoçar com a tia; foi depois estar uma hora com seu velho mestre e padrinho; visitou Álvaro de Carvalho que já sabia das suas cavalarias altas, e deu-lhe tantos ralhos quantos abraços.

— Enfim estais um homem!... Já não precisais de mim, rapaz!... Deveis agradecer-me ter-vos tirado dos miolos as carolices de vosso padrinho e mestre, o doutor fuinhas!

Tendo cumprido com os deveres da amizade, Estácio tratou de realizar seu projeto.

Acompanhado de Gil, dirigiu-se para Nazaré.

Caía a hora da sesta.

A calçada do edifício estava cheia de pajens e lacaios, ricamente trajados, que tinham pelas rédeas os cavalos de uma lustrosa comitiva, a rir e galhofar, como costuma a gente dessa laia quando se encontra.

Em uma recâmara, do lado direito do edifício, D. José de Aguilár cruzava o aposento em todos os sentidos com um passo curto e impaciente, que semelhava o trote miúdo e rápido da fera em torno da jaula. Ali encerrado desde a véspera por seu pai, o moço estremecia de cólera; seu rosto pálido e contraído esboçava bem os sentimentos pungentes que lhe dilaceravam a alma.

A porta do aposento abriu-se; D. Francisco de Aguilár apareceu carrancudo e terrível; a um gesto seu entrara um pajem e depondo sobre a cadeira um pacote com vários objetos, retirou-se; o fidalgo fechou a porta e dirigiu-se ao filho:

— Já não pertenceis à milícia. O sr. governador vos expulsou esta manhã da sua guarda para que a não desonreis!

Os dentes do moço rangeram.

— Restituí-me pois esta espada, que eu a despedace como o vil instrumento da traição e da cobardia!

— Serei tudo quanto quiserdes, senhor, cobarde não!...

— Cobarde sois, porque vosso coração apodreceu.

O fidalgo desfez o pacote, e tirou dele uma tesoura:

— Tomai! Talvez manejeis melhor este ferro que o outro. Abatei esta barba, distintivo nobre do cavalheiro. Não sois digno já de trazê-la.

— Nunca!...

— Fazei-o com as vossas próprias mãos, se não quereis que o façam meus escravos!

O moço submeteu-se.

— Agora trocai por estas vestes de mesteiral as vossas de fidalgo, que manchais ao vosso contato.

— Esbofeteai-me as faces, senhor! É mais generoso, do que entornar-me assim aos poucos a vergonha e a humilhação!...

— Calai-vos e lembrai que generoso sou quando vos poupo o baração!...

— Também a vós o poupais!... disse D. José irônico.

— Esta noite mesmo embarcareis em um navio que vos espera a fim de levar-vos à África, para onde vos desterro.

Direito, inflexível como entrara, o fidalgo retirou-se, deixando o filho esmagado sob o peso da sentença; recolheu então ao seu gabinete, onde o esperava seu mordomo, com quem tinha de concertar nos aprestos necessários para a partida do navio, que havia de conduzir a Angola o filho desterrado.

Enquanto isto passava, na asa oposta do edifício a cena era mais calma e amena.

Estamos na peça onde habitualmente passava a família do fidalgo as quentes sextas do verão. Era uma varanda corrida ao longo da horta sobre a qual havia uma linha contínua de ogivas.

D. Ismênia sentada em sua alta poltrona, perto da arcada, gozava da vista campestre que se desdobrava a seus olhos, escutando a palavra animada de D. Lopo de Velasco. O comendador, inspirado por aquele quadro alpestre, contava à fidalga uma das suas memoráveis caçadas. Ele tinha vindo render a D. Inês suas homenagens, como noivo escolhido e aceito pela família; mas apenas chegado, esquecerera o motivo de sua visita, e deixava a imaginação correr por montes e vales.

A fila de escravas, sentada sobre o estrado e ocupada em várias obras de agulha e tear, arrancava amiúdo da sua tarefa olhares curiosos, que iam extasiar-se na galharda compostura de D. Lopo e nas luzidas galas de sua roupa de

primor. Lá para si pensava o terceiro estado do solar castelhano, que sua doninha devia ser muito feliz com tão guapo marido.

Entretanto Inesita, isolada no extremo da varanda, sentia naquele instante amarguras cruéis. O rompimento da projetada aliança com D. Fernando não lhe fora sequer uma pausa ao martírio de seu coração; ao mesmo tempo que D. Francisco lhe anunciara a feliz nova, dissipava o primeiro assomo de sua alegria participando-lhe a outra mais ilustre união, tratada com o comendador. O suplício persistia pois; apenas houvera mudança de algoz.

A donzela amava Estácio na pureza e sinceridade de seu virgem coração. Quando Lopo de Velasco se apresentou em sua casa, ela não procurou saber que homem lhe destinavam; desde que esse não era o seu escolhido, para ela tornava-se ninguém. Até aquele instante seus olhos não tinham nem sequer perpassado uma rápida vista pelo vulto do comendador. Magoada e opressa somente com sua presença, evocava do coração as doces recordações de Estácio, para abrigar-se no seio delas. Aí nesse ninho de seu amor, ela achava delícias e bem-aventuranças que a repousavam das tristezas reais.

Havia um quarto de hora, que D. Francisco saíra da varanda, pedindo vênia ao comendador para terminar um negócio de suma importância, e não tornara ainda pela razão que sabemos.

Ouviu-se rumor do lado da entrada, vozes altanadas, estrupido de pés, e o esgrimir de espadas. Logo após soaram passos firmes e rápidos no corredor; pararam um instante, tiniu o ferro, depois continuaram; dir-se-ia um homem que perseguiam, e de espaço a espaço se voltava para afugentar o inimigo. D. Ismênia sobressaltou-se, avisada pelo sussurro que percorreu o estrado. O comendador ergueu-se e ia encaminhar-se para a porta.

Mas acabava de arrojarse ali a estátua elegante de um cavalheiro, que da ponta da espada aterrava a ralé dos lacaios e escudeiros, e a paralisava a grande distância. Tendo feito um gesto de ameaça, o cavalheiro avançou até o meio do aposento; a criadagem armada de piques murou a porta.

— Venho de paz, já vos disse. Guardai-vos daí pois, se não quereis pagar caro a ousadia.

E dizendo estas palavras, o cavalheiro imprimia uma terrível vibração à lâmina da espada.

Inesita, que até ali se conservara indiferente e estranha a tudo, com a comoção interior, que os ecos daquela voz produziram em sua alma, estremeceu, volvendo para dentro olhos espantados, que se encheram pasmos da vista de Estácio.

O comendador fizera um gesto imperativo aos criados.

— Aquietai-vos lá, que saibamos o que pretende este cavalheiro.

Estácio, depois de saudar com a espada o comendador, agradecendo essa cortesia, embainhou-a. Avançou então para Inesita que estava imersa no êxtase de o ver, e em distância conveniente pôs o joelho em terra. Sua voz sonora, levemente trêmula, soou clara e distinta no meio do profundo silêncio que a estranheza da aparição impunha aos circunstantes:

— Senhora, que eu venero ainda mais que adoro! Forçoso era que vos falasse, antes de finir-se de todo a derradeira esperança! Não havia outro meio mais digno de vós, nem mais próprio de mim que este, embora ousado e estranho. Se meu arrojo vos desagrade e ofende, aqui me tendes já, senhora, a vossos pés para me punirdes. Ordenai a estes fâmulos vossos que me castiguem e expulsem da vossa presença; o que não pôde seu número e insolência, poderá uma só palavra vossa.

Com um gesto enérgico de negativa, respondeu Inesita. Estácio compreendendo-a, ergueu-se:

— Mas espero que em vossa bondade já me foi a culpa perdoada, como em meu respeito grande deve estar segura e confiada vossa modéstia e virtude. Diante de vossa mãe, e de tantas testemunhas que me ouvem, falar-vos-ei como se estivesse só em vossa presença; porque não tereis que

enrubescer deles, senão de vossa inocência e pudor. Mas se esse véu de vossa virtude pode mais que tudo em mim, bem vedes que não ousarei dizer-vos o que desejo, sem ordem vossa. Mandai, pois, se devo falar, se tornar-me como vim, pago embora de vossa vista, mas desamparado da derradeira esperança, que só me podeis dar.

Inesita escutava lívida; todo o sangue refluíra ao coração, que palpitava aos saltos. A vertigem apoderou-se dela; as pessoas e os objetos, que ali estavam em torno, desapareceram de seus olhos: dentro daquele fluido que a envolveu, só aparecia a figura nobre de Estácio.

— Falai, senhor cavalheiro; falai que vos escuto.

— D. Francisco de Aguilar, vosso pai, senhora, recusou-me há três dias vossa mão, declarando-me que jamais consentiria em nossa união. Vim a saber se confirmais esta sentença cruel; ou se achais em vós a força para resistir-lhe.

— Tendes a minha fé, e que nenhum outro a terá jamais, eu vo-lo juro, aqui, à face do céu. Mas, sem o aprazimento de quem me deu o ser, nunca, senhor, nunca serei vossa... esposa.

O rosto de Estácio cobriu-se de mortal lividez:

— Eu sabia, senhora, que outra não podia ser vossa palavra; mas queria que ela passasse pelos vossos lábios, para

acabar-me docemente. Adeus pois, senhora, até o céu, que o martírio de perder-vos me deve ganhar em recompensa.

O alúvio de lágrimas, que soçobrava à palavra do seio da donzela, brotou enfim dos olhos magoados. Inês abaixou a fronte como um nenúfar cheio de orvalho, e deixou que o pranto lhe rociasse as faces.

Estácio ouviu um murmúrio entre os soluços e aproximou-se mais; ela dizia:

— Sou mulher e filha; e pois sem forças, nem vontade. Mas com essas armas que Deus nos deu à nossa fragilidade, com minhas lágrimas e minhas preces lutarei até morrer; e no último instante ainda a esperança de ser vossa não me há de desamparar, como meu pensamento não há de arredar-se de vós, meu senhor. Vós que tudo podeis, me abandonais!

— Tendes razão, senhora. Cumprirei meu dever; disputarei ao mundo e a todos a minha ventura. Acompanhado pelo vosso pensamento, hei de vencer, eu vos juro. Adeus pois, senhora, até o altar!...

Inesita sorriu entre as lágrimas.

Estácio encaminhou-se à porta, quando o comendador embargou-lhe o passo:

— Senhor cavalheiro, conquistastes minha estima e admiração. Se algum dia eu for capaz de amar alguma

dama, hei de aproveitar vossa lição. Assim amam os cavalheiros; o mais é próprio dos bonifrates que só servem para fazer salas!

Nesse instante os criados afastaram-se, e a figura nobre do fidalgo castelhano destacou-se na porta. D. Francisco correu os olhos pela sala, e adivinhou por longe o que era passado.

— Que audácia é a vossa de penetrar assim à mão armada em minha casa?

— Preferíeis que entrasse com ciladas, ou corrompendo vossos fâmulos?

Não convinha ao fidalgo prolongar esta cena em presença do comendador.

— Retirai-vos, senhor, e não me obrigueis a esquecer o que vos devo, disse com olhar sinistro.

— Nada me deveis, Sr. D. Francisco; já vo-lo disse uma vez. O que fiz não foi a vós, nem por vós, mas somente a ela.

Estácio voltou um último olhar a Inês, saudou as damas e os cavalheiros para retirar-se.

— Antes de retirar-vos, cavalheiro, estendo-vos a mão. Chamo-me D. Lopo de Velasco.

— Ah!... Pois recolhei vossa mão. Quanto a meu nome, sabê-lo-eis em ocasião e lugar mais propício. Somos inimigos, D. Lopo.

— Excelente!... Os inimigos acabam por amigos. Fico às vossas ordens, cavalheiro.

Estácio foi-se afinal.

Trazia uma ideia fixa, que lhe ocorrera durante a fala de Inesita. Entregar o roteiro ao Padre Molina, exigindo em volta o cumprimento da promessa feita na prisão.

“Esta mesma noite!” repetia dentro em si.

O P. Gusmão de Molina, depois de ter em vão buscado o roteiro das minas em casa de Caminha, convencera-se de que o manuscrito ou estava sobre o corpo do próprio Estácio, ou em algum esconderijo impenetrável.

Desta base partiu ele para as novas investigações. Preso o mancebo, viu-se já, como o fez revistar pelo carcereiro. Não se verificara pois a primeira suposição: restava unicamente a última, que desde princípio lhe parecera a mais provável. Nela pois concentrou-se o espírito do jesuíta.

Formulou então seu plano, admirável pela sagacidade e profundidade.

Era este salvar o mancebo da morte iminente e restituí-lo à liberdade. Realizada essa obra, ou o mancebo reconhecido ao benefício cedia à Companhia o roteiro mediante os aumentos que lhe prometera e a felicidade de obter a mão de Inesita; ou incrédulo e soberbo recusava, e apenas escapo, trataria logo de arredar-se da Bahia e pôr-se fora do alcance do governador.

Ora o mancebo, deixando a terra sem esperança de tornar a ela breve, devia levar consigo o roteiro, e portanto retirá-lo do esconderijo onde o ocultara. Essa era a ocasião de apanhá-lo com a boca na botija, como diz o anexam popular.

Foi em virtude desta combinação que o P. Molina mandou chamar João Fogaça, com quem teve uma prática secreta:

— O serviço que de vós exige a Companhia é o seguinte. Trata-se de descobrir um segredo importante para ela, do qual está de posse uma pessoa, que pode fazer muito mal a si e à religião.

— Conte V. Paternidade comigo, pois se estou sempre disposto e é ofício meu destruir as ruindades dos maus contra seus semelhantes, muito mais contra Deus.

— Tendes sem dúvida em vossa tropa alguns índios mansos, bons caçadores do gentio, e capazes de seguirem uma pessoa dia e noite sem nunca lhe perderem a pista?

— Tenho justamente o de que V. Paternidade fala, mas tal como não imagina.

O capitão de mato ofereceu ao padre os seus três sentidos suplementares, de quem fez os maiores prólogos de louvor.

— Bem, disse Molina, servem-me perfeitamente; mas é preciso que não busqueis saber deles qual a incumbência que lhes vou dar, e nem mesmo lhes faleis durante que permanecerem às minhas ordens!...

João Fogaça rugou o sobrolho:

— V. Paternidade desconfia de mim?... E pede meu auxílio?

O P. Molina esperava pelo assomo:

— Desconfio tanto que tudo fio de vossa lealdade e palavra de homem de bem.

— Mas por que devo eu ignorar aquilo em prol de que trabalho com os meus índios?

— Porque se trata de negócio de honra, no qual sabeis que a divulgação do segredo traz infâmia.

— Bem; dou-vos minha palavra.

— Por que não vosso juramento?

— Vale o mesmo; jurarei, se quereis.

— Não; nem da vossa palavra careço já. Basta vossa lealdade.

Postos os três índios à disposição do P. Molina, ele os industriou convenientemente; disse-lhes que no dia seguinte, às 6 horas da manhã, um moço disfarçado em jesuíta sairia da Fortaleza de Santa Luzia; o qual havia de ir em busca de um papel escondido algures, e depois tratar de se evadir da terra. A esse homem deviam os índios seguir até que tivesse em si o papel, que lhe tomariam por força ou cilada para lho trazer logo a ele Molina.

— Como é o papel? disse Olho.

— Que cheiro tem? perguntou Faro.

— Que som dá? interrogou Ouvido.

O P. Molina começou a explicar a forma do roteiro a Olho; mas a cada palavra o índio abanava a cabeça respondendo:

— Eu não vejo!...

Afinal o visitador compreendeu que o único meio de penetrar naquela inteligência era fazer-lhe entender pelos olhos; arranjou um folheto idêntico ao do roteiro que já tivera em suas mãos, e mostrou-o ao índio. Este o tomou, examinando em todos os sentidos, de face, de lado, de quina, até que pareceu ter gravado aquela forma em sua memória. Então Ouvido tomou-o por sua vez e amarrotando-o, escutou o som produzido pelo caderno com uma atenção profunda; depois deixou o papel cair no chão para ouvir a pancada e mostrou-se satisfeito.

— Tem o mesmo cheiro? perguntou Faro.

O P. Molina hesitou na resposta:

— Deve ter cheiro de paroba, porque estava guardado em uma arca dessa madeira! disse ele inspirado por uma repentina recordação.

Os índios ao sair travaram do folheto em branco para o levar; inquiriu do motivo o frade. Podia acontecer que fosse

necessário para obter o roteiro fazer uma substituição rápida e sutil desse corpo por outro semelhante.

O jesuíta sorriu da astúcia dos selvagens, e tomando a pena escreveu no frontispício do caderno: *Hodie mihi, cras tibi*.

Na manhã seguinte, à hora aprazada, estavam os selvagens em seu posto, junto do presídio.

O moço disfarçado em frade era Estácio, cuja fuga fora, além de prevista, concertada pelo visitador. O estudante cuidara ter embaçado o jesuíta, ligando-lhe os pulsos no instante em que ele se amordaçara com sua própria mão; e bem longe estava de supor que todos esses incidentes entravam na trama urdida por Molina.

Quando pois ele transpôs o limiar do portão da fortaleza, os três índios postados em conveniente posição, separados em distância, puseram-se no seu encalço, e chegaram após ao quintal de Dulce, de onde examinaram o que passava dentro da casa, até que o mancebo partiu a cavalo e armado para palácio. Apesar do incógnito, nenhum deles duvidou da identidade da pessoa. Assim de ponto em ponto acompanharam Estácio até a casa de Cristóvão, em frente da qual e durante o jantar dos amigos, tiveram a primeira conferência. Resultou dela que o mancebo ainda não tinha consigo o papel. Olho não tinha visto o esgar cuidadoso e gesto disfarçado que denunciam o oculto portador de um objeto precioso. Ouvido não percebera ainda o ranger do

papel durante que o sujeito andava. Faro enfim não sentira o aroma da paroba, de que estava o roteiro impregnado.

Esperaram portanto.

Por volta de nove horas da noite saíra Estácio de casa de Cristóvão, e tomara em direção à ribeira pela descida dos Padres. Os três índios resvalaram após como a sombra tríplice do mesmo corpo, projetada por vários raios luminosos. Todos eles iam convencidos de que chegara o momento esperado. Olho descobrira na atitude do mancebo os indícios da sutil vigilância do caçador. Ouvido notou que o passo do homem produzia sobre o chão da rua som mais leve e rápido; Faro aspirou certas emanções que lhe anunciaram o abalo de uma emoção no organismo do indivíduo.

Não se enganaram.

de João Fogaça conheceram que a caça lhes escapara, entreolharam-se com uma cara de abóbora, chata de espanto. Ouvido estendeu-se logo na rua e colou o ouvido ao chão; assim permaneceu muito tempo, até que se ergueu de chofre e deitou a correr; os outros o acompanharam. Adiante repetiu a auscultação, mas sem resultado algum. Paravam de novo.

— Estou sentindo! disse Faro.

E com as ventas insufladas, aspirando o ar como um cão de caça, foi trotando até a ribeira junto à palhoça de Esteves.

— Entrou aí!...

— Não, disse Olho mostrando o rasto: parou.

Faro cheirou a porta e a parede da cabana até o teto.

— Parou para bulir aqui no teto.

— E tirou o remo! disse Ouvido estirado no chão. Estou ouvindo a canoa.

Olho circulou a baía com um olhar de águia.

— Lá! murmurou apontando o quer que era de invisível que só ele descobria.

Os três índios caíram n'água, e nadaram para a canoa; ao chegar viram que estava deserta boiando à discrição; mas Faro confirmou, pe

las emanções que aí achou, a recente estada do mancebo.

O que distinguia os três índios era unicamente o instinto físico; havia neles, como no animal, completa ausência de raciocínio. Chegados àquele ponto, onde acharam o último vestígio de quem procuravam, não se deitaram a conjeturar sobre a direção que tomara; isso era uma função da

inteligência, que não exercitavam. À semelhança do cão que perdeu o rastro à caça, começaram a nadar em roda da canoa descrevendo uma elipse e sondando os circuitos.

Essa evolução levou-os à praia que distava da canoa cerca de cinquenta braças. Aí percorrendo a orla de areia em busca de pegadas, viu Olho uma pedra solta junto do pequeno arrecife que entrava no mar; e examinando o álveo, conheceu que a sua jazida era muito recente, pois apenas alisara a flor da areia.

— Hem!... murmurou ele... Foi por aqui!...

— Foi! repetiu Faro que cheirava as pedras.

No fim das pedras pararam ainda.

— Adiante! disse Ouvido. Estou ouvindo as gotas d'água que ele deixou nas folhas.

Assim chegaram à Cruz da Expição, onde viram na areia os sinais deixados pelas mãos de Estácio quando apagara as suas pegadas. Ouvido, auscultando o chão, ouviu ainda o passo do mancebo que se afastava, não mais pelo lado do mar, mas pelo Monte Calvário.

— Lá! disse ele erguendo-se.

Olho disparou após ele; mas Faro não se mexeu.

Com o nariz ao vento, desde que entrara na clareira, corria ele em todos os sentidos aquele pequeno espaço procurando a fonte de uma leve exalação que lhe prurira o olfato. Afinal escasseando a brisa, pôde ele conhecer a direção da veia odorífera e remontá-la ainda que lenta e incertamente; os companheiros vendo aquilo estacaram: eles formavam um corpo de três cabeças.

— Está cheirando a paroba!...

— Huh!... fizeram os outros.

Já Faro metia o nariz entre os interstícios da pilastra; Olho chegando-se viu que o cimento estava despregado; Ouvido calçou o tijolo solto:

— O papel está falando dentro.

O cossolete de malhas d' aço foi tirado do esconderijo; dentro dele acharam os índios o roteiro e o substituíram pelo rolo que dera o P. Molina.

Estácio não podia adivinhar as particulari des do fato; mas repassando na memória as circunstâncias da noite anterior, ele atinou imediatamente com o ponto onde sua prudência e vigilância foram mal avisadas:

— Não devia ter entrado na canoa!

Nisto abicaram à praia; Estácio correu à casa de Vaz Caminha e narrou-lhe o acontecido. O velho advogado o escutou impassível: nessa alma encarquilhada pela desgraça já não havia espaço para mais uma ruga.

— Que contaís fazer agora? perguntou ele.

— Lembrai-vos que tenho de cor o roteiro. Acabo de o repetir em vindo aqui.

— O P. Molina a esta hora já fez o mesmo.

— Sem dúvida. Mas se eu puder ganhar-lhe a dianteira, ele não achará as indicações e balizas do roteiro, pois eu as terei destruído.

— E depois como voltareis ao lugar?

— Deus proverá e a minha memória fará o resto.

— Não é melhor, em apagando os rumos e sinais, substituí-los por outros só de vós conhecidos, de modo que perdido o roteiro de vosso pai, tenhais o vosso?

— Vosso alvitre é sempre o melhor, mestre; partirei nesta hora.

— De pouco vos servirá partir assim escoteiro. Careceis de gente e decidida, que deveis ir desse passo assoldadar. Para a paga contaí comigo.

— Então amanhã por cedo.

— Amanhã, sim; mas uma coisa já vos recomendo. O novo roteiro escrevei-o em cifra só de vós sabida; evitareis assim o erro de vosso pai, causa inocente de tantas tropelias.

— E o governador?... Bem sabeis que estou alferes!

— Não vos deu três dias de folga? alcançaremos maior prazo.

Estácio, deixando o advogado, correu à casa de Cristóvão.

Seriam oito horas da noite, se tanto.

Cristóvão, sentado em frente a uma janela, com os olhos engolfados no azul, cismava. Ali naquela posição, imóvel e abatido, passava agora o alegre e prazenteiro mancebo de outrora as noites silencioso e pensativo.

Elvira!

Este era o nome que lhe adejava constantemente nos lábios entreabertos, esta a imagem que desenhava sua imaginação febricitante; mas quanto mudada daquela que antes sorria nos seus devaneios de namorado.

Desde a manhã em que saíra estouvadamente da casa de D. Luísa, Cristóvão ficara alheio de si e surpreso da realidade, como um homem que de repente e no meio do sono fosse

transportado do seu a estranho país; ele podia comparar-se a um dos sete dormentes da lenda oriental. Se lembrava-se daquela noite cruel, lhe parecia ter sofrido um pesadelo, que deixara em seu espírito vaga, mas terrível impressão.

Sentia-se cheio ainda do amor mais puro e casto; porém esquecera já por qual mulher sentira na véspera ainda semelhante amor. Seria por Elvira?... Não! exclamava sua alma indignada e velando-se ao aspecto dessa imagem evocada. Sim! murmurava seu coração triste e pesaroso, desfazendo-se em lágrimas ao recordar-se da mísera desconsolada.

Assim decorreram muitos dias, durante os quais não fez Cristóvão maiores esforços para tornar a ver a infeliz donzela. De resto a sua imprudência de sair da casa estouvadamente, e a confissão desesperada de Elvira, tinham redobrado o furor da viúva, e por conseguinte aumentado ainda mais, se era possível, a guarda da casa. Por esse tempo notou João Fogaça a tristeza de seu colação, mas a atribuiu à impossibilidade de ver a amante.

Conseguiu Cristóvão saber, graças à perspicácia dos selvagens do capitão de mato, que Elvira estava enferma; e isso, avivando o amor no seu coração, o atraía de novo com veemência para a donzela.

Então aparecera em sua casa o P. Molina, que desejoso de sondá-lo a respeito de Estácio, aproveitou a ocasião para

cumprir a promessa feita a Elvira, aproximando-a de quem tanto a estremecia. O mancebo correu à casa de D. Luísa de Paiva, que o recebeu com um olhar repassado de ódio, e cheio de ameaças. Mas a recomendação do P. Molina era terminante; e a viúva, tomando uns ares de vítima resignada, tolerou que o cavalheiro visse a enferma.

Cristóvão ajoelhara à borda do leito, e tomando a mão emagrecida da donzela, que pendia inanimada, beijou-a longa e tristemente. Despertando da modorra, a donzela abriu os olhos, soltou um grito, e tornou a cerrar as pálpebras com as mãos, como se fora vítima de uma alucinação.

— Cristóvão!... murmuraram seus lábios em ténue sopro.

— Elvira minha! Olhai-me por quem sois!... Não me quereis olhar?... Causo-vos eu horror porventura?...

— Horror, meu Deus!... Alegria que me sufoca e me mata!... exclamou ela esforçando por erguer-se no leito onde caiu desmaiada.

Quando a donzela voltou a si, engolfando os olhos nos de Cristóvão, empalideceu horrivelmente, e perguntou-lhe com a voz trêmula:

— É verdade, Cristóvão, o que me prometeu ontem esse bom padre? Que ainda seremos felizes?...

— Muito felizes, Elvira! Vossa mãe deu seu consentimento à nossa união; que nos falta para a felicidade, se não for gozá-la?...

Elvira fez-se horrivelmente pálida e murmurou que ninguém a ouvisse:

— O perdão!

Desde então, afora os instantes que passava junto de sua amada, cuja convalescença era longa e vagarosa, Cristóvão buscava os lugares ermos e solitários, fugindo à companhia dos amigos e sócios de seus antigos prazeres. As noites, até desoras, passava-as ali, defronte daquela janela; o aposento permanecia na escuridão; a luz viva magoava as melancolias de sua alma; ele preferia o trêmulo rutilo das estrelas, que bruxuleavam a afogar-se no azul profundo da atmosfera. Havia também em sua alma lampejos fugazes e crebros que se imergiam em um céu de sombrias recordações.

Naquele momento acabava ele de chegar de casa de D. Luísa de Paiva.

Inesita, sabedora da enfermidade de sua amiga, fora nessa tarde visitá-la acompanhada de D. Francisco. Enquanto o fidalgo praticava na sala com a viúva, a donzela correu à câmara da enferma pensando encontrá-la só. Ao entrar não

teve olhos senão para ver sua querida Elvira, magra e abatida, mas sempre formosa.

Correu a abraçá-la; sentindo em sua face ardente os frescos e macios lábios da gentil menina, Elvira exclamou com um tom pungente:

— Inesita!

— Que foi? Magoei-te?

— Não me toques!

— Perdão!

— Foge de mim!

Esta palavra caíra n'alma de Cristóvão como uma gota corrosiva; e estava desde então a gastar-lhe a alma.

A cisma do mancebo fora perturbada pelo passo rápido e forte que soou à porta; o vulto, que ali apareceu, pronunciou seu nome, mas com a voz tão agitada que não pôde ele no primeiro instante reconhecê-la:

— Cristóvão? Estais aí, amigo?

— Quem me chama?

A pessoa, que era, avançou pronto. Cristóvão então a reconheceu perfeitamente.

— Ah! sois vós, Estácio?

— Careço de falar-vos sem detença, Cristóvão. Uma desgraça acabo de sofrer, que me rouba toda a esperança. Sim, amigo, a justa reparação à memória de meu pai e à felicidade de meu amor, as duas coisas que juntas à vossa amizade faziam a vida para mim, perdi-as. O objeto de que ambas dependiam foi-me roubado por gente infame!...

— Que objeto era esse, Estácio?...

— A ocasião de revelar-vos esse segredo de minha família não se tinha ainda apresentado, Cristóvão; o roteiro das minas de prata, que meu avô descobriu, não era uma fábula como se pensou.

— Que dizeis?

— Não, pois o tive até ontem em meu poder.

— E vo-lo roubaram, dizeis?... Mas, Estácio, sem dúvida que não ides ficar sucumbido com o golpe?... Deveis castigar o infame e reaver o vosso bem!

— A isso parto amanhã, Cristóvão!

— Muito bem; e me tereis ao lado.

— Não, amigo! Para mor empenho fostes reservado. Eu me vou longe em busca de um tesouro; mas é preciso que também aqui fiques como guarda do outro e mais precioso. Irei na minha pessoa ao sertão, ficarei na vossa junto de Inesita.

Estácio contou a Cristóvão o que era passado entre ele e D. Francisco, ocultando porém a infâmia de D. José; referiu a cena da véspera com as palavras da donzela; e acabou rogando ao amigo que até a sua volta empregasse todos os esforços para obstar o casamento de Inesita.

— Ide tranquilo, irmão. Eu vos juro neste meu coração, que vivo eu, Inesita não se desposará com outro, se não fordes vós o escolhido de sua alma.

— Não aceito esse vosso juramento, nem careço de algum outro. Tudo fio de vossa amizade. Quanto à vossa vida não tendes direito de dispor dela assim, pois que pertence a Elvira.

Cristóvão disfarçou um triste sorriso.

— Ela não o levaria a mal! disse com alguma frieza.

— Cristóvão, exclamou Estácio, tendes uma corda frouxa n'alma, que desafina daquela doce harmonia de vossas palavras de outrora?... Que sopro mau a relaxou? Dizei-me, amigo, enquanto me tendes ao lado.

— Nada é nada, Estácio. Coisas que passam, e não valem a pena de com elas nos ocuparmos. Falemos de vós, e de vossas doces e risonhas esperanças!... Queira Deus que algum verme se não insinue no seio das rosas que viçam em vossa alma.

Nisto o pavimento do sobrado estremeceu com a vibração que lhe imprimia um passo robusto e pesado. Logo ouviu-se a voz de João Fogaça que chamava pelo colaço.

O capitão de mato vinha a negócio seu mui particular e de suma importância.

Eis o caso.

Desde a noite em que o azoara Cristóvão, falando a respeito da Mariquinhas dos Cachos, que o forasteiro não estava em seus eixos. Três dias passara ruminando aquela dificuldade grande de sua vida; e em todo esse tempo fugira da casa da viúva. Quando lhe acontecia passar na vizinhança, tremiam-lhe as pernas.

Afinal tomara uma resolução atrevida, e foi de pôr-se nas mãos de Cristóvão, a fim de arranjar o negócio com a Mariquinhas, a quem não tinha mais ânimo de encarar. Firme nessa resolução, foi à casa do colaço a primeira vez, mas faltou-lhe o ânimo de falar; na segunda havia ânimo, mas não soube como começar; enfim na véspera era dia de

banquete e não lhe pareceu próprio. Naquela noite porém vinha decidido.

— Sois bem aparecido, João; pois careço de vossos serviços, disse Cristóvão.

— Melhor; gosto mais de ver-vos ocupado em maquinar alguma coisa, que estatalado diante de duas ou três estrelas delambidas, que passam a noite à rótula, como raparigas namoradeiras.

— Não se trata de mim; careço de vossos serviços para Estácio!

— É o mesmo! Vós e ele, ele e vós; no fim de contas sois um. Vamos ao caso.

— Estácio acaba de ser vítima de um roubo! Desapareceu-lhe um papel precioso que tinha oculto em lugar escuso; e há certeza de que isso fosse obra de um jesuíta!

— Um jesuíta?... Será um tal Molina?...

— O mesmo! acudiu Estácio.

— Pois então fui eu o culpado, sem o ser! Mas não lhe há de sair a coisa como espera! Vou atrás de vosso roteiro, Sr. Estácio; não descansarei enquanto não o restituir a seu dono.

O capitão de mato partiu-se em um daqueles raros, mas formidáveis arrancos, que ninguém fora capaz de conter.

Com pouco foi-se também Estácio assoldadar uns dez acostados para sua entrada no sertão. Naquele tempo era essa uma das profissões mais preferidas da classe necessitada; e pois fácil correu ao mancebo a tarefa.

Na seguinte manhã, depois de abraçar seu velho mestre, partiu Estácio para o sertão.

Poucos dias eram decorridos depois que Estácio partira para o sertão.

Dulce estava só e pensativa na sala. O Doutor Vaz Caminha a tinha deixado naquele instante, imersa em graves preocupações.

Não deve estar esquecido aquele tesouro enterrado pelo velho Ramon sob uma laje do oratório nem a empresa que o advogado cometera de salvá-lo das garras dos malfeitores, que a ele se atiravam com furor, minando o chão da casa. Pois naquela noite o velho levara a cabo a sua obra; prosseguindo na escavação, obtivera retirar uma pequena caixa de cedro com labores de prata embutida. Quer pelo volume, que não excederia de um palmo quadrado, quer pelo diminuto peso, julgou o licenciado que não podia estar ali encerrada a imensa riqueza de que lhe falara a dona.

— Não é esta a caixa: deve estar mais no fundo!

— É esta sim; nem outra há!...

— Então os haveres consideráveis que vos deixou vosso pai estão todos contidos aqui?

— É verdade, nesta pequena caixa, respondeu a dona sorrindo.

— Onde a ocultaremos agora?

— Onde melhor vos parecer, que mais segura esteja!...

— Embaixo da peanha da cruz!... Ficaré sob a guarda de Cristo!...

— Bem lembrado! Assim caiba ela!

O advogado ergueu o crucifixo, e ajustou a caixa no vão que deixava o oco pedestal de madeira.

— Bem; agora tratemos de repor as coisas no seu antigo estado, disse Vaz Caminha. Qu' é da nossa botija?

A dona procurou no canto um largo vaso de boca estreita, que de antemão mandara o licenciado conduzir para a sua casa, bem envolto, de modo que se não aventasse o que realmente era. Estava esse vaso cheio de carvão até a boca.

A ideia de Vaz Caminha era aproveitar-se de um prejuízo, muito enraizado na plebe, para desvanecer nos salteadores a convicção em que estavam dos ricos possuídos de Dulce. Ainda hoje há pelo interior quem acredite que o dinheiro enterrado por pessoa finada se transforma em carvão, à vontade de quem o possuiu, e sobretudo quando o acha outro, que não o escolhido herdeiro da alma penada.

Encontrando a botija, os salteadores sem dúvida acreditariam que o ouro de que estava cheia se trocara em

carvão; e deixariam em paz a casa de D. Dulce. Então quando se retirassem já aterrorizados com a superstição, esbarrariam nos quadrilheiros postados ali perto, e iriam chorar os seus pecados na cadeia até o dia do castigo.

O plano não podia ser mais bem concebido e realizado. Entretanto é mister confessar que Vaz Caminha naquele momento lamentava o trabalho que tomara; pois lhe parecia que o objeto não valia a pena de tanta fadiga e cuidado. Contudo sem fazer a este respeito a menor reflexão que pudesse magoar a dama, ele executou até o fim a empresa em que se empenhara, e não deu mostras do mínimo desgosto.

Logo que a laje ficou de novo assente e apagados os vestígios da recente obra, o advogado dispôs-se a partir.

— Antes de ir-vos, doutor, far-me-eis a graça de responder a uma pergunta.

— Ordenando vós, o farei pronto.

— A primeira noite que a esta vossa casa viestes, inquirindo eu de como chegastes ao conhecimento da trama urdida contra mim, recusastes satisfazer minha curiosidade. Entendi o motivo desse vosso proceder; receastes da fragilidade própria do meu sexo, que não me compromettesse ainda mais: eu própria vos dei razão contra mim.

— É exato quanto dizeis!

— Agora porém já está o cofre em segurança, e não há mais causa a receios; podeis afinal sem inconveniente satisfazer minha curiosidade.

— Era minha intenção; mesmo porque esta revelação vos servirá de aviso. A pessoa de quem ouvi a trama, a mesma que deu o primeiro fio para urdi-la, é de vossa casa e confiança.

— De minha casa!... Seria a velha Brásia?...

— Foi Lucas.

Vaz Caminha contou o acontecido no dia de Ano-Bom, e acrescentou:

— Preveni-vos contra ele e tratai de afastá-lo; mas não vos deis por achada!

A senhora ficou pasma; e já o doutor se havia retirado, que ainda a encontramos sob o domínio das preocupações despertadas por tão estranha revelação.

Fora mister conhecer o negro Lucas para bem avaliar da surpresa de Dulce.

Pouco tempo depois de chegado ao Brasil, na volta de sua primeira entrada ao sertão, encontrou Ramon, já perto da

cidade, oculto no mato, um negro ainda boçal. Estava espojado ao chão, e quase moribundo. Averiguado o caso, fugira ele apenas desembarcado, e se escondera no mato resolvido a morrer a fome. Quando lhe apresentaram alimentos, no primeiro movimento, levado pela fome, precipitou-se para devorá-los; mas logo sobrepujou à vontade o instinto, cerrou os dentes e recusou obstinadamente qualquer nutrição. Ramon fez abrir-lhe a boca à força, e obrigou-o a engolir alguns tragos de vinho que o reanimasse; feito o que, mandou carregá-lo até sua casa.

A tenacidade do negro excitara o amor-próprio do branco a domá-lo.

Indagando, soube a qual mercador pertencia o africano e o comprou. Três dias lutou debalde contra aquela obstinação de jumento; o escravo com os queixos cerrados sofria impassível o suplício da fome diante das saborosas iguarias que lhe eram postas diante, e lhe entravam pelos olhos ou pelo olfato. Se não fossem as colheres de caldo e vinho que lhe faziam engolir à força, sem dúvida já teria sucumbido de inanição. Sua magreza era extrema; de extenuado e débil já nem sentado se podia ter.

Dulce teve curiosidade de ver essa vítima ou esse algoz de si mesmo; talvez pressentiu ela nesse suicídio lento e atroz uma dor imensa; e admirou-se de haver no mundo dores mais terríveis do que as tão bárbaras, que lhe tinham

assolado o coração. Foi, inspirada desse misto de surpresa e compaixão, até a enxerga onde agonizava o moribundo.

Ao seu aspecto, desenhou-se no rosto da senhora a mais pungente aflição; as lágrimas borbotaram dos olhos e desfiaram ao longo das faces. O quadro era realmente de comover. Imagine-se a criatura expirando nas ânsias cruéis da morte pior, a morte esfaimada; e sobre isso a lembrança da condenação voluntária! A mitologia grega memora como um dos suplícios mais cruéis o de Tântalo. Se Tântalo, em vez de ser um condenado, fosse um suicida, o horror subiria de ponto!

Como um anjo da caridade, a formosa dona ajoelhou junto à enxerga, arrastada pelo sublime amor do próximo. Sua mão alva e mimosa suspendeu a cabeça imunda e encarapinhada do enfermo. Um instante só não hesitou. Ali, onde estavam, nos umbrais da eternidade, não havia senhora e escravo, mas unicamente o sofrimento e a consolação.

Quantas vezes depois não assistiram os lares brasileiros à reprodução daquela cena tocante e evangélica! E entretanto a um país como este, onde no seio de cada família se encontram as nobres filhas de Santa Isabel, insultam seus próprios cidadãos, indo mendigar a caridade estrangeira! Tristes tempos são estes em que precisa o nosso povo importar com as mercadorias as virtudes!

O escravo, ao movimento que fizera Dulce, entreabriu as pálpebras e estremeceu. Não compreendia o que viam os olhos; não sabia como surgira aquela aparição. Mas também os espíritos não trabalhavam; os sentidos sim, esses cediam a uma doce e inefável influência. O ódio entranhado que votara à raça cruel, por tê-lo arrancado às suas plagas africanas, reduzindo-o de príncipe que era lá, a escravo; esse rancor profundo se desvanecia como por encanto.

Quando pois a dona lhe apresentou uma taça cheia de cordial, pôs nas bordas os beiços, e vazou-a sem hesitar. A obstinação tenaz transformara-se agora em docilidade de cordeiro. Breve recobrou o escravo as forças com a saúde; e pôde entrar no serviço da casa, depois de batizado.

A dedicação que o escravo tinha pela senhora, estendeu-se a Ramon, de quem chegou a merecer a maior confiança, já pela amizade que mostrava, já pela invencível estupidez de que o supunha dotado. Algumas vezes pode ser essa no escravo uma qualidade preciosa, como é para os orientais a mudez. O espanhol assim acreditava; quando tratou de enterrar o cofre, não tomou contra a curiosidade do escravo as devidas precauções. Lucas não viu, mas suspeitou do que se fizera no oratório, quando o mandaram varrer as lajes. Essa suspeita porém não entrou em seu espírito; perpassou apenas.

Morto o senhor, e passando ao domínio de Dulce, achou-se Lucas em uma inércia contínua. Cessaram as viagens e o

tráfego a que se habituara; a dama, com a vida retirada e tranquila que levava, não tinha que lhe dar a fazer, e com exceção de uma ou outra incumbência fora de casa, passava o negro todo o seu tempo desocupado.

Se já possuístes algum cão amigo vosso, haveis de ter notado a persistência com que o animal senta-se a alguma distância, com os olhos fixos em vossa pessoa, esperando o menor aceno, que o chame a vossos pés, e o ponha em movimento. Afinal porém fatigado dessa imobilidade, aflito porque não vos ocupais dele, o animal inquieta-se, rosna, aproxima-se, a princípio indeciso, depois vos salta aos peitos, enrola-se aos joelhos; apesar da vossa resistência, vos enche de carícias. Castigai-o embora, esse mesmo castigo o contenta; é uma relação entre vós e ele, é um sinal, embora doloroso, de vossa superioridade e sua obediência; é a constância do laço que prende o homem e o animal.

A afeição que tinha Lucas a Dulce era a afeição humilde e sincera do cão. À semelhança do rafeiro, ele também quedava-se dias e dias à espera de uma ordem da senhora, de uma ocupação em que se empregasse para bem dela.

Uma ocasião chegou-se a Dulce para falar-lhe:

— Senhora, dai trabalho a Lucas.

— Que trabalho?

— Mandai Lucas para o sertão, como ia com o defunto, buscar ouro para a senhora!

Dulce sorriu:

— Para que preciso eu de mais riquezas, do que me trouxe meu pai?... Talvez sem elas fosse eu mais feliz!

Dois átomos de ideia ficaram no cérebro obtuso do negro, como duas sementes que caem da árvore sobre a lombada de uma rocha. O vento para ali carrega ligeira camada de pó, que insinua-se pelos interstícios; envoltas nelas as sementes germinam, mas lentamente; o grelo, que desponta, só muito tarde consegue romper a fenda estreita do granito, e expandir-se afinal à luz e ao ar. Assim desenvolveram-se vagarosamente no espírito embotado do escravo os átomos que ali deixaram as palavras de Dulce.

Ao cabo talvez de um ano chegou Lucas a estas reflexões: Dulce não precisava do seu trabalho, porque já era por demais rica; essa riqueza não fazia a senhora contente. Nova e longa ruminação foi precisa para tirar dessas reflexões alguma coisa; afinal porém conseguiu e tal qual se deveria esperar desse crânio de pedra. A lembrança do oratório lhe acudiu ao bestunção; e foi seu ponto de partida.

O negro conhecia o Brás de ir frequentemente à taberna mercar azeite, vinho e outros produtos do Reino e das Índias. O judengo, sempre incansável nos seus aumentos,

não deixava de fazer falar o escravo, dando-lhe um pichel de aguardente para molhar a palavra. Lucas chupava o trago, mas não dizia coisa que prestasse. Nem um enredo de casa, nem algum objeto surripiado à senhora; nada enfim que deixasse lucro, ou esperança dele ao menos obtinha do ruim negro. Lucas era de uma fidelidade a toda prova, que só podia ser excedida pela sua discrição.

Desde porém que o africano se convenceu da funesta influência que tinha sobre a senhora e ele o tesouro enterrado no oratório, à primeira apalpadela do Brás vazou o segredo. O taberneiro rosou de contente, como o rafeiro faminto que descobriu um bom osso a roer; o prazer entanto foi aguado pela recusa de Lucas em declarar o lugar certo onde estava o dinheiro escondido. De feito, o bruto humano receava que o Brás e sua gente penetrando na casa, ofendessem sua senhora; e recuara do seu propósito.

Por muito tempo batalhou o Brás com ele para lhe arrancar o resto do segredo; mas o negro era impenetrável. Ele ruminava o meio de levar ao cabo o seu intento, sem o menor susto para Dulce e sem a menor suspeita de cumplicidade, quando um inocente rato o inspirou. Estava Lucas banzando no terreiro, junto ao oitão de casa; acertou o rato de atravessar por diante dele, e ganhar o buraco aberto no alicerce da parede.

Lucas tinha achado a solução do seu problema. Foi isso no dia de Ano-Bom. Enviando-o Dulce com o recado à casa de

Vaz Caminha, o negro aproveitou o ensejo, para de passagem, advertir o taberneiro da descoberta. Estavam os dois na adega, concluindo a trama, quando felizmente aparecera o advogado, a quem o negro não conhecia, mas ouviu nomear pelo Brás. Assim foi que o seguiu a distância ao sair da taberna e entregou-lhe a missiva da senhora.

Do mais que seguiu já se deu notícia. Lucas aguardava o resultado com a calma de sua bruta consciência; desaparecido o ouro, esperava ele que a senhora, pobre, viria a ser feliz, e o faria a ele contente, empregando-o em seu serviço. Se alguma leve inquietação o assaltava por vezes, era somente a respeito da tranquilidade e sossego da dona durante a empresa; e por isso estava ele sempre alerta fiscalizando o trabalho subterrâneo dos malfeitores.

Tinha, pois, razão de sobra D. Dulce para se admirar da revelação de Vaz Caminha. Não sabia a senhora do que mais duvidar: se da possibilidade de penetrar uma trama tão bem urdida naquele cérebro rijo; se da contradição de tão perverso intento com a fidelidade provada e a extrema afeição que sempre reconhecera no escravo.

Mandara a senhora que Brásia chamasse o negro. Este, apresentando-se à porta, evocou o pensamento de Dulce a seu projeto de interrogá-lo. Não era talvez muito prudente que uma frágil senhora se expusesse assim à brutalidade do escravo, receoso de severo castigo; mas ela estava tão

habituada a subjugar, sob a sua palavra maviosa e gesto meigo, essa animalidade, que nem um instante hesitou:

— Lucas, tu és um mau escravo!

— Por que senhora diz isto?

— Fui sempre boa para ti; enquanto que tu, ingrato, te ajustaste com gente má, como tua raça, para roubar tua senhora.

— É mentira de quem disse!

— Negas? Não foste tu que convidaste os ladrões para minarem o chão de minha casa?... Que rumor é este? Talvez vieste agora mesmo de ajudá-los!...

O negro achatou-se fulminado.

— Senhora, Lucas disse onde estava o dinheiro para que eles tirassem tudo e levassem! Lucas não queria nada!...

— E por que razão me fizeste tu esse mal? Assim pagas os benefícios recebidos?...

Lucas arrancou do peito um arquejo e desapareceu da sala.

Pensou Dulce que ele fugia com receio do castigo, e estimou esse acontecimento que lhe poupava a dura necessidade de ser um instante severa; logo porém lhe

ocorreu que a sua imprudência podia ter comprometido o plano tão bem combinado pelo doutor. Mas o mal estava feito.

Lucas não fugira; outro era o seu pensamento. Ganhando o terreiro, aproximou-se do oitão onde estava a boca da mina; um vulto agachado se aproximava do lado oposto, que o negro logo conheceu. Era o Anselmo.

— Estão trabalhando? perguntou ele.

— Estão!

— Ainda falta muito?

— Vai ver!

A surda voz de Lucas, que se espedaçava de encontro aos dentes rangidos, devia arripiar as carnes ao filho da Eufrásia; mas o bandido estava tão seguro da cumplicidade do negro, que nem sombra de receio lhe toldou o ânimo. E como podia ele suspeitar o que era passado?

A boca da mina formava um buraco suficiente para o corpo de um homem; oculto pelo matagal, durante o dia o tapavam os ladrões com uma grande pedra, que ali próximo jazia. Mal o Anselmo afundou pela cava, o negro com um salto de pantera arremeteu sobre, e esmagou o bandido, que rolou pela mina abaixo; então quanto encontrou ao alcance da mão, pedras, ramos secos, terra às braçadas, foi atirando

pela boca da mina, de modo a sepultar nela como em uma cova os que aí se achavam. Houve dentro um grande rumor de gritos abafados; algumas cabeças surgiram à superfície que logo se abateram esmigalhadas com pedras. Ao cabo de uma hora ficou-se tudo; a mina estava completamente aterrada, e a laje selava, como lousa tumular, aquela sepultura onde jaziam o Anselmo e seus cúmplices.

Então o negro tornou a casa. Sua senhora se erguera espantada com o rumor subterrâneo que ouvira embaixo do leito.

— Senhora pode agora castigar Lucas!

— Que foste tu fazer?

— Entupir o buraco.

— E eles?... exclamou a senhora tomada de horrível suspeita.

— Eles não cavarão mais! respondeu o negro sereno.

— Foram-se?

— Para não tornar.

Mais tranquila à vista da resposta calma do escravo, a senhora interrogou-o de novo, e com seu tato de mulher arrancou-lhe a revelação do motivo por que tinha Lucas

praticado aquela ação. Ela compreendeu perfeitamente essa anomalia do coração humano; e culpou-se a si mesma por não ter melhor domesticado esse urso amigo.

Por uma singular coincidência, a essa mesma hora era cercada a taberna do Brás, e a casa vizinha ocupada pela tia Eufrásia. O taberneiro e a adela foram conduzidos à cadeia; e os jogadores pilhados na tavolagem levados a palácio, onde o governador os repreendeu e fintou. D. Diogo, ao fato das maquinações do taberneiro e da parte que ele tinha no contrabando reiterado da costa, resolvera dar um exemplo de severidade; e mandara naquela noite executar a diligência anteriormente planejada.

Chegara entretanto a casa o Doutor Vaz Caminha e se acomodara, quando por volta da madrugada foi despertado em sobressalto. Chamavam-no a toda a pressa à casa de D. Mência que se finara durante a noite. A boa velhinha não andava boa desde a partida de Estácio; a conta de seus longos dias estava a esgotar-se. Recolheu à câmara e adormeceu mesmo vestida; a aia depois de muito cochilo, admirada que não a chamasse para tirar-lhe as roupas, entrou na câmara. D. Mência adormecera para sempre.

O advogado deu as providências que o caso exigia; e tornou com o coração cortado. D. Mência era dessas criaturas modestas que tomam bem pouco lugar na vida, a ponto de quase não se sentir o vácuo que elas deixam. Mas para Vaz Caminha ela representava a única família de Estácio.

Parecia-lhe pois que seu afilhado ainda ia ficar mais só e mais órfão no mundo.

Em casa encontrou o advogado um vulto embuçado que o esperava na porta. Às primeiras palavras o reconheceu logo, e levou ao cartório. Era D. Fernando de Ataíde, que trocara as roupas de cavalheiro, pelo traje negro e severo dos eclesiásticos. O advogado estranhou essa mudança e ainda mais os surcos profundos que a dor cavava nas feições do mancebo.

Segunda vez lamentou Vaz Caminha a dura necessidade que o obrigara a assolar aquela existência.

— Vossa conjectura foi bem acertada, doutor. Minha... A menina de que fala o testamento do Sr. D. João de Ataíde é com efeito a alfeloeira... a Joaninha.

— Como o soubestes?

— Não foi sem custo. A princípio procurei tirar dela mesma o segredo ou ao menos alguma particularidade do seu nascimento; mas ela nada sabe, senão que a enjeitaram na rua, onde a parteira, sua madrinha, a achou. Voltei-me então para a velha, e embora se mostrasse ela sabedora de alguma coisa, ocultava por tal modo que era impossível nada colher.

— Creio bem; pois há tempos o tentei de balde.

— Afinal, vendo que nada obtinha, recorri ao meio extremo. Disse quem era, e acrescentei que buscava minha irmã para beneficiá-la, como me encomendara à sua hora derradeira minha mãe. Se, pois, me ela negasse, se oporia à felicidade da moça.

— Rendeu-se ela a estas razões?

— Tudo confessou. Chamada alta noite para assistir a uma dama, recebera aquela menina com uma soma, jurando à sua mãe que não revelaria jamais o que vira e ouvira. Então a velha espalhou a fábula, que corre entre o povo, de a ter achado na rua envolta em uma toalha.

— Sabia ela, porém, quem fosse a mãe da Joantina?

— Ignorava; mas a toalha que ainda guarda trazia a marca das duas letras — V. A.

— Violante de Ataíde!

— Mísera mãe.

E o mancebo enxugou os olhos rasos de pranto.

— Que intenções foram as vossas procedendo a essas pesquisas?

— Ides saber, doutor, pois esse é o motivo que me traz.

Ele tirou do peito do gibão um maço de papéis.

— Aqui estão os títulos de quanto me coube em herança, e bem assim a cessão que faço de tudo a quem de direito pertence. Assim cumprido fica o testamento do Sr. D. João de Ataíde!

— Mas, Sr. D. Fernando, considerai...

— D. Fernando já não existe; este que aqui vedes, se o foi algum dia, não o é mais; e breve receberá o nome que melhor lhe quadra. Chamar-se-á João da Dor.

— Acaso pretendeis?

— É uma resolução inabalável e já em execução; portanto qualquer insistência vossa é inútil. Saído da casa de Deus para cumprir este dever, volvo ao abrigo onde me escondi da desgraça do mundo.

Vaz Caminha ergueu-se comovido.

— Dizei-me... Quando vos afundais na vossa legítima dor, não achais um pensamento de aversão por aquele que foi causa involuntária dela?

— Seguro-vos que não!... Em princípio senti por vós ódio entranhado; parecia-me que todo o mal, e não só o conhecimento dele, me vinha de vós! Depois não; agradeçi o ter-me arrancado à falsa posição em que me achava, e na

qual podia a fatalidade surpreender-me ainda mais cruelmente.

— Então na sinceridade de vossa alma me perdoastes?

— Se a ele perdoei!...

— Sois um santo, senhor! Deus vós abençoará em vosso sacrifício.

Retirou-se D. Fernando embuçado como viera. Vaz Caminha mandou logo sem mais detença chamar à casa a alfeloeira. Era aquele um encargo que lhe pesava demasiado e carecia de desempenhá-lo imediatamente.

Joaninha chegou sempre esperta e feiticeira, apesar das saudades que curtia com a ausência de Gil. Ouvindo de Vaz Caminha que estava rica de repente e possuidora de avultada fazenda, ela ergueu os ombros com desdém:

— E de que me serve isto agora? perguntou ao advogado, surpreso de seu desinteresse.

No fundo d'alma murmurou:

— Se com esses haveres pudesse eu comprar mais três anos por cima da idade de Gil, para que soubesse ele o que é amor!...

— Rapariga, disse-lhe Vaz Caminha, a vossa pergunta é de ânimo desinteressado, mas ignorante. Quando Deus confia de nós uma porção de fazenda, não é para que a usemos só em nosso proveito, mas para a distribuirmos com os necessitados.

— Sou uma cabeça tonta! Muita razão tendes, sr. licenciado. Ora pois, do que me chega assim de repente, ponde uma parte para aquela que me serviu de mãe; outra para uma pessoa que eu cá sei; e terceira para distribuir em caldo na portaria dos conventos!

— Já achastes um préstimo, e louvável, à riqueza. Cuidareis disso com mais vagar; haveis de buscar uma pessoa segura que se encarregue de vossos negócios!

— Quem melhor do que vós?...

— Não o poderei, filha; sois menor e careceis um tutor. O que posso é requerer para que vos deem um capaz e inteiro. Conheceis mestre Bartolomeu Pires?

— O mestre de capela? Quem o não conhece!

— Vos serve ele?

— Qualquer, dêis que o indicardes.

Joaninha foi-se afinal muito satisfeita, pensando no prazer que sentia a gente em fazer bem, e lembrando-se da alegria

que Gil havia de ter, quando se visse dono de um bonito ginete, e alindado com finas roupas.

Ao lusco-fusco desse mesmo dia um féretro saía da modesta casa de Estácio, e levava ao seu último jazigo a finada D. Mência. Seguiam-no duas pessoas somente, Vaz Caminha e mestre Bartolomeu Pires.

Majestoso assoma o astro rei.

O deserto enche-se de luz e vida.

Desdobram-se a perder de vista as vastas planícies que formam o dorso da gigantesca serrania, e a cobrem, como pelos de hirsuta fera, as densas e sombrias florestas virgens.

O velho pajé lá está acorado na crista do rochedo. A seus pés corre aos saltos o caudaloso rio, que de repente tolhido no arrojo por uma mole de granito, empina e boleia-se como um indômito corcel, precipitado do alcantil, montanha abaixo.

Imóvel e estreitamente ligado ao negro rochedo como uma continuação dele, o selvagem ancião parece algum ídolo americano, que o rude labor dos aborígenes houvesse lavrado no píncaro da rocha, deixando-o assente em seu pedestal nativo. As longas e alvas cãs espargem-se pelas espáduas, como os frocos de espuma que desfiam na lomba do penedo.

Do rosto seu, lhe ficou a fronte nua e proeminente, onde os raios do sol nascente batem de chapa; o resto das feições somem as rugas profundas que os anos cavaram naquela tez negra e requeimada.

Não é mais fisionomia humana; as revoluções da vida a desfiguraram inteiramente, como os cataclismos transformam o risonho vale em um brejo cheio de tremedais e corcovas. As fosforescências, que à noite luzem dessas profundas charneças, são os fulgores dos olhos fugidos pelas órbitas.

Esses olhos, tão fortes ainda, que se afrontam com os esplendores do sol, o velho pajé ora os põe no chão, onde a terra forma como um álveo abandonado pelo rio, ora os estende pelo horizonte além, como se devassassem a incomensurável distância.

Que viam eles nesses pontos extremos?

Ali naquela areia, que outrora umedeciam as águas do caudaloso rio, cintilam frouxamente aos raios do sol nascente miríadas de pequenas pedras brancas da feição de pingos de cristal. Deus semeara o diamante em abundância aí, bem longe da ambição humana, que mais tarde devia ir arrancá-lo de seu leito ignorado. O velho, que nesse momento as contempla desdenhosamente de cima do rochedo, sabe acaso que tem a seus pés riquezas maiores que nunca possuíram reis da terra?

Longe, no horizonte sem limites, não há mais que o espaço infinito; mas os olhos do pajé veem um vulto de mancebo armado que avança pelo sertão em busca da serra; o caminho é árduo, o passo tardio. A alma do velho anseia

para atrair mais rápido o esperado guerreiro; porque sente que a vida se escoia lentamente do corpo decrépito.

Quem sabe se o pajé não viu nascer o seu último sol?

Eis o que os olhos do velho contemplavam, ali no sopé do rochedo, e além, nos confins do horizonte. Mas a misteriosa ligação entre os tesouros e o desconhecido guerreiro, só a poderá saber quem penetrar em sua alma.

A história é verdadeira, porém estranha.

Havia mais de meio século.

Abaré, o grande pajé dos Tupis, vendo seu povo expulso das formosas ribeiras de Paraguaçu e Maragogipe pelo feroz emboaba, suas tribos dispersas e foragidas, seus filhos cativos do estrangeiro, cobriu-se de luto. Mas Tupã lhe falara à noite, na hora dos sonhos, e ele fora de taba em taba, rugindo o maracá por todo o vale ou montanha, onde ressoava a doce língua da valente raça.

— Guerreiro de Tupã, dizia ele; não vistes as águas do grande rio em sua nascença? São pequenas correntes, que uma sede de tapir estanca; um formigueiro basta para lhes fazer voltar o rosto. Mas quando se reúnem, nada resiste à torrente impetuosa que vai escalando os rochedos, e traspassa o seio do mar como a seta vossa traspassa o peito do guerreiro inimigo. Eis o que Tupã mandou que vos dissesse!

— Pajé, ensina o sentido das palavras de Tupã! exclamavam os guerreiros.

— Uni-vos como as águas do grande rio, e então precipitai-vos sobre as tabas dos brancos, porque sereis invencíveis como a torrente veloz!

Assim caminhou Abaré de povo em povo, concitando a grande raça à guerra sagrada; mas suas palavras caíram no chão, como a semente na terra sáfara, e não deram fruto; apenas uma flor fanada, que logo mirrou.

As tribos continuaram a viver dispersas pelo sertão, e a formidável nação tupinambá, a que pertencia o pajé, emigrou através das florestas para o imenso vale do Amazonas, berço de sua raça. Abaré a acompanhou até aos píncaros da cordilheira que cingia a terra de seus pais; ali parou.

Viu seu povo descer as vertentes orientais da serra; mas do lado oposto se dilatavam os campos de sua infância, as florestas a cuja sombra descansavam as cinzas dos seus maiores, a pátria do velho, ao qual já não restam flores para semear em terra estranha. Sentiu que seus pés tinham raízes profundas naquele chão, e que seu corpo dormiria melhor à vista daqueles horizontes venerados.

Deixou pois que o último dos Tupinambás desaparecesse longe entre as árvores; e quando já não se ouvia o canto das

mulheres cadenciado com o passo dos guerreiros, ergueu-se ele em busca de um abrigo para a noite. Beirando o rio chegou a uma profunda garganta da montanha, onde o chão fugia de repente, deixando apenas para conter as águas em seu leito uma estreita muralha de rocha.

Os olhos de Abaré, como os do animal noturno, deleitavam-se com o aspecto desse abismo cheio de sombra e silêncio. Ele desceu pelas escarpas do rochedo até onde abria-se uma fenda coberta de limo e parasitas. O burburinho surdo, que exalava dali, como de um caramujo, fazia supor a entrada elíptica de alguma gruta profunda. O velho pajé penetrou sem hesitar.

Depois de estreita e sinuosa galeria, abria-se de repente aos olhos deslumbrados uma magnificência da natureza. O aspecto era de uma esplêndida cidade subterrânea, toda vazada em prata. Templos soberbos, palácios suntuosos, torres elegantes, ali se sucediam uns aos outros. Quanto tem de mais sublime e gracioso a arquitetura gótica, oriental ou grega, as ogivas rendadas, os arabescos delicados, as colunas elegantes, fora ali excedido pela mão da natureza. O divino artista criara todas essas maravilhas com a simples gota d'água que transudava dentre o interstício do rochedo.

O rio passava por cima da imensa gruta. As filtrações de suas águas tinham produzido aquelas formosas estalactites, de tão bizarros desenhos. O rumor da torrente ressoava harmoniosamente pelas vastas abóbadas. Entre as fendas do

rochedo via-se a límpida veia, e através coava a luz que cintilava aljofrando as brilhantes cristalizações.

Vampiros e animais carniceiros povoavam o domínio subterrâneo. O velho pajé assentou entre eles sua jazida; talvez careceu de recorrer alguma noite à força do braço possante para firmar o seu direito de ocupante; mas afinal conquistou a paz. Seus vizinhos aprenderam a respeitá-lo, e alguns pagavam o tributo à suserania do homem, que muitas vezes nutriu-se da caça que eles preavam.

Abaré era venerado de todas as nações de sua raça.

Quando alguma tribo, que a perseguição dos colonizadores embrenhava pelos sertões, afagava projetos de vingança e liberdade, antes de levar as armas aos povoados portugueses, não deixava de subir à montanha para consultar o grande pajé de seus ritos e saber dele se a sorte da guerra lhe seria propícia.

O velho do cimo de seu rochedo ab-rupto os avistava ao longe; e sua alma confrangia-se em uma dor grande. Quando chegavam, descia até a borda do rio; ali enchia a mão da areia alva e fina, que orlava a margem vestida de relvas. E falava aos guerreiros de sua raça com uma voz surda e triste:

— Estão aqui nesta mão mais grãos de areia do que nações restam da grande raça dos Tupis; e o hálito de Abaré os faz

voar a todos uns após outros.

Soprando na mão esparzia a areia nos ares; feito o que, apanhava outro punhado, mas da que estava embebida da água do rio, e amassando-a apresentava uma bola:

— A mesma areia assim unida, qual guerreiro forte é capaz de movê-la com seu hálito?

Então cravando o olhar feroz no povo admirado exclamava:

— Ide, filhos degenerados. Tupã vos abandona. Sereis dispersos, como a areia seca do rio, pelo sopro do trovão inimigo!

Lançada essa imprecação, o velho pajé sumia-se nas entranhas da terra, e penetrava em seu antro.

A tribo afastava-se triste e remordida por aquela ameaça; após ela vinha outra, e outras; mas a união da grande raça era impossível, para que ela sofresse a pena de culpa originária, segundo rezavam as antigas tradições.

Correram as luas.

Um dia viu Abaré aproximar-se do rochedo um guerreiro, coberto com as vestes e as armas da raça, a que votava ódio entranhado; sua alma sedenta expandiu-se, porque a dor, que nela vivia, ia ser aplacada com sangue inimigo. Correu-lhe pelos beiços um sorriso que afiou os colmilhos

rangendo-os. Seus olhos cravaram sobre o estrangeiro o olhar magnético da cascavel.

O guerreiro branco encaminhava-se para o velho pajé, calmo e decidido, apesar das ameaças que ele via se condensarem sobre aquela fronte escavada. Tinha a coragem do forte, e a audácia do ambicioso; a sede de riquezas que nesse tempo arrancava tantos aos seus lares para expô-los aos mil perigos do deserto, também o trazia a ele por esses sertões.

Enchia então o mundo a notícia das inesgotáveis minas do Potosi; e a imaginação humana, que jamais se deixa vencer da realidade, esparzira imediatamente sobre toda esta região americana, situada entre o Amazonas e o Paraná, serras de ouro e prata, cidades de esmeralda e pórvido, sítios encantados.

Aquele guerreiro era um valente roteador dos sertões; o gentio o chamava Moribeca — o caçador de gente. Embalado por tais contos de fadas e guiado por informações do gentio, o guerreiro se partira do seio da família, na esperança de descobrir outras minas de prata mais abundantes que as do Peru; e ao depois de cerca de um ano de longas excursões pelas cabeceiras do Rio de São Francisco chegara afinal à Serra do Sincorá.

Quando ele achou-se em face do velho pajé, todas as nuvens condensadas na frente deste se desfizeram como as

brumas da manhã aos raios do sol. Abaré vira sobre as faces brancas do guerreiro a cor de sua raça e nos olhos a centelha do sol americano.

— Foste tu gerado do sangue ou da carne de Tupi?

— Minha mãe era filha de Paraguaçu!

— Tu és de minha carne, e filho do meu flanco. Abaré e Paraguaçu saíram do mesmo ventre!

— Quantas luas contas? exclamou admirado o aventureiro.

— Tantas quantas eram precisas para ser pai do pai de teus pais!

O guerreiro interrogou o velho pajé sobre os tesouros que buscava; mas este apesar de sua boa vontade de ser útil ao neto de sua irmã, não deu notícia alguma importante. Nisto observou o aventureiro umas pedras miúdas e mui alvas, que o selvagem tinha engastadas nas faces; e chegando perto começou de examiná-las com olhos ávidos:

— Que pedras são essas que Abaré tem cravadas no rosto?

— São as lágrimas de Araci; brilham como ele, e não há força que as possa quebrar, porque toda a força vem do sol.

— Dá-me uma que a veja de mais perto!

Depois de a examinar:

— Pajé, onde achastes estas pedras? Há grande cópia delas?

— Por que perguntas isto?...

— Porque estas pedras são mais preciosas do que o ouro e a prata de que te falei há pouco.

— Para que servem entre os brancos estas coisas, que vens de tão longe e correndo tantos perigos à busca delas?

— Quem as tem em grande quantidade na taba dos brancos é o primeiro e o mais poderoso.

— Primeiro que o pajé, e mais poderoso que o chefe dos guerreiros?

— Sim; porque o pajé e o guerreiro o servirão.

Abaré derrubou a cabeça ao peito e caiu em profunda meditação. O aventureiro lhe falava, instando pela resposta, mas ele permaneceu inabalável e mudo como o rochedo. Afinal despertou:

— Então se tivesses disto mais que nenhum outro, serias poderoso dentre os teus irmãos brancos?

— Viria a ser decerto!

— Pois eu vou dar-te esse poder, se tu prometes fazer o que Tupã ordena.

— Dize, Abaré! replicou o aventureiro ansioso.

— Tu empregarás toda a força que eu te der em vingar a raça de teus pais! Promete que hás de fazê-lo!

O aventureiro hesitou; apesar da ambição que lhe intumescia os seios d'alma, e da nenhuma autoridade do selvagem sobre a fé de um homem civilizado, ele julgou menos nobre obter o benefício por um embuste. Mas acudiu-lhe ao espírito uma ideia. Civilizar a raça de sua mãe, restituir-lhe a proeminência que lhe competia como senhora daquela terra, não era vingá-la contra a sua opressora; vingá-la pela religião e pela inteligência?

— Prometo-te, que o poder que me deres, empregarei em vingar a raça de minha mãe contra a raça que a oprime e cativa.

— Vem, filho.

Abaré conduziu o neto de Paraguaçu à gruta. O efeito desse espetáculo deslumbrante sobre o aventureiro foi mágico; ficou por muito tempo sem palavra nem reflexão, paralisado pela poderosa impressão. O sonho brilhante das minas de prata, que por tanto tempo sorria à sua ardente imaginação, ali estava realizado com um esplendor fantástico.

Tal era a ideia que se apoderara do espírito do aventureiro, e o absorveu por muito tempo. A ilusão, para quem não fosse sabido em mineralogia, era infalível; realmente aquelas bizarras cristalizações, à cega luz que esclarecia as profundas crastas, tinham o brilho embaciado da prata sem polimento.

O velho pajé mostrou-lhe através das fendas do rochedo a veia límpida do rio.

— É daí que as pedras caem de tempo em tempo; mas Araci as semeou no fundo do rio tantas quantas são as flores do murici.

O aventureiro suspirou.

— O rio é bem profundo!

— Tupã o arrancará do seu caminho!

— Dá-me as pedras que tens, pajé, para que eu volte ao lado de minha esposa e de meu filho, de quem ando ausente há onze luas. Depois virei a ti, melhor preparado, para tirarmos o rio de seu caminho.

O pajé deu ao guerreiro seu maracá.

— O maracá do pajé está cheio das lágrimas de Araci, leva-o contigo, e parte. Abaré fica te esperando.

O aventureiro despediu-se do velho e saiu da gruta; por onde passava com sua faca de mato acutilava profundamente o tronco das árvores, mas de modo que o prolongamento do entalhe acompanhasse a direção da sua marcha. Depois de algumas horas de caminho encontrou a bandeira arranchada à sombra das aroeiras, onde pela manhã a deixara, para explorar os arredores; já seus homens estavam inquietos pela demora, mas sem prejuízo do apetite com que devoravam uma grande peça de caça preparada de moquém.

O chefe fez honra à ceia; e dormiu abraçado com o maracá, sonhando palácios encantados e tesouros fabulosos. Ao raiar da alvorada levantaram o rancho, e partiram em direitura à cidade do Salvador. Deixou-se porém ficar atrás o neto de Paraguaçu acompanhado de um índio manso, e plantou ali uma cruz mui alta, no cimo da qual via-se entalhada a letra M.

Durante a jornada, Moribeca afastava-se de espaço a espaço, para deixar ou no tronco das árvores, ou na aposição de grandes pedras, um marco da sua rota, que indicava do melhor modo em grosseiro mapa. Era este um pedaço de pano embebido na goma da icica, sobre o qual traçava com tinta de urucu a direção da cordilheira e dos rios principais em relação à Bahia.

Chegado enfim à cidade, foi seu primeiro cuidado procurar o velho judeu Samuel, que apesar de usurário, lhe comprou

as pedras do maracá por boa soma; eram todas diamantes de boa água e de vários quilates. O segredo foi prometido e guardado, pois estava no interesse de ambos; a um importava não despertar a menor suspeita sobre a descoberta; ao outro não assoalhar os seus teres, nem comprometer as futuras avenças.

O preço dos diamantes recebeu-o Moribeca em rica baixela de prata, e custosas alfaias de que adornou sua capela, construída em terras do engenho, para as bandas da Jacobina.

Depois de algum tempo passado no seio de sua família a consolar a longa ausência, dispôs-se a partir de novo para o Sincorá, mas desta vez munido dos instrumentos precisos e acompanhado de gente bastante para fazer uma vasta exploração, e tornar carregado de tanta riqueza, que fartasse a maior ambição.

No meio dos preparativos dessa jornada, a morte o surpreendeu. Quando viu próximo seu fim, chamou à beira do leito o filho, já homem feito, e por muito tempo lhe falou à pureza; transmitia-lhe as notícias precisas para que Robério descobrisse a rota anteriormente por ele marcada sobre o terreno e indicada na planta. Estas explicações prolongavam-se por demais e o enfermo se enfraquecia; não obstante falou ele ao filho da gruta do pajé, onde havia de encontrar tesouros fabulosos por ele descobertos.

Enquanto falava, via o enfermo despenharem-se aos seus olhos cascatas de diamantes, que irradiavam chispas e centelhas de todas as cores do prisma; em torno dele rutilava um céu recamado daquelas estrelas, que o pajé na sua linguagem poética chamava as lágrimas do sol; a cada instante relanceava em sua imaginação um esplendor semelhante à viva fosforescência dos mares tropicais. Entretanto uma só vez o nome dessa maravilha da natureza, que só nasce e só perece pela combustão, não veio aos seus lábios.

O assunto o enchia demais e subjugava seu espírito, já perturbado pelas vascas da morte.

Também seu filho não se lembrou de inquirir a natureza dos fabulosos tesouros que seu pai lhe anunciava.

A profusão de prata, que depois da entrada no sertão, havia em todo o serviço não só de casa e capela como de jaezes e armaduras, não escapara a Robério, que suspeitava seu pai de haver trazido de suas explorações boa cópia desse metal. Ouvindo-lhe pois na hora extrema as maravilhas da descoberta, acreditou desde a primeira palavra, que eram as minas de prata o famoso tesouro.

Precipitou Robério a partida para o Sincorá receando que o tempo apagasse alguns dos vestígios deixados pelo pai; muniu-se de instrumentos precisos para aventar os rumos e quase escoteiro fez-se na volta do sertão.

Entretanto esperava Abaré pela volta do guerreiro.

Desde o dia primeiro e último em que o vira, revolveia o pajé em sua mente feroz ideias de sangue e vingança. Aquelas pedras alvas e límpidas lhe pareciam agora gotas de um veneno mais violento que o uirari; cada uma delas levaria a morte ao seio de um inimigo de sua raça.

Remontando o curso do rio, chegou ele a uma paragem, onde a onda, espraiando-se em formosa bacia, escoava por angustiada garganta fendida na rocha viva. Sobranceiro levantava-se o penedo ab-rupto, ponta de um serrote pedregoso, que estendia-se como um espinhaço da cordilheira. Galgou o velho os alcantis e longamente quedou-se a olhar o penedo e o rio; depois sopesando nos ombros formidáveis uma enorme lasca de rocha, arrojou-a no estreito canal; a pedra sumiu-se na profundidade das águas, e o rio majestoso continuou sua marcha rápida para o oceano, como o brioso corcel que a mão do menino fustigou brincando.

Mas Abaré voltou no outro sol, e no outro, em todos que seguiram. As grandes massas graníticas semeadas na lomba do penhasco foram a uma e uma precipitadas das alturas do alcantil nas profundezas do abismo. O rio, que em princípio zombava delas, já erriçava o dorso e rugia de cólera.

Quando Robério chegou ao alto da serra, no lugar que seu pai assinalara com uma cruz, o pajé repousava da tarefa do

dia. Caíra a tarde; a lua nascendo iluminava de lívidos toques aquela sinistra figura pendida à borda do abismo; Abaré olhava o rio medindo o que lhe faltava para concluir o árduo labor; e de vez em quando brandia o grande maracá, escutando com prazer o rumor que dentro faziam as alvas pedras, cobiçadas pelos brancos.

— Se meu filho vier antes que Tupã tenha arrancado o rio de seu caminho, achará bastantes pedras colhidas por Abaré!

A essa mesma hora do crepúsculo, guiado pelos sinais, aproximou-se Robério do rio e penetrou na gruta; os raios da lua, coando pelas fendas do rochedo, iluminavam o maravilhoso espetáculo. Foi presa da mesma ilusão que o pai; desdobravase ante seus olhos uma cidade mourisca vazada em fina prata resplandente. Estava paralisado pela violenta comoção, quando ouviu sobre a cabeça o murmúrio das vozes de seus companheiros; estremecendo à ideia que eles pudessem acertar com a entrada da gruta, e devassarem o imenso tesouro que seus olhos devoravam, arrancou-se a esse êxtase da riqueza, e correu ao encontro dos aventureiros para afastá-los quanto antes do lugar, e fazê-los voltar à Bahia.

Certo agora da descoberta do pai, ia preparar-se para a exploração das minas. Tinha escrito a rota de sua jornada até o lugar da cruz. Daí à entrada da gruta estava ainda por escrever, mas a impressão, que nele produziu o

deslumbrante painel, acendeu por tal forma a cobiça da riqueza e com ela o ciúme e o terror de perdê-la, que engendrou modos de acautelar o seu precioso segredo contra um acidente possível, o da perda do manuscrito.

Entrando à noite fechada na gruta, percebeu o pajé que ali tinha penetrado alguém; seu olhar felino sondou as trevas debalde; no dia seguinte conheceu pelas pegadas impressas o pé de um guerreiro branco. Cuidando que fosse seu filho, esperou-o três dias imóvel na crista do rochedo, de onde primeiro o vira; no quarto, como não chegasse, desvaneceu-se a esperança e voltou ao trabalho.

Muitas luas decorreram, sem que nenhum filho da raça branca perturbasse a solidão do pajé. O velho selvagem começava a temer que o guerreiro da sua carne não dormisse já o último sono no seio da terra; mas o ardor da vingança não arrefecia nele, antes acendia-se com a idade; a sua fé era robusta e valente.

Um dia viu avançar através da floresta um guerreiro branco, já idoso, que se encaminhou direito a ele.

— Pajé, conduz-me à tua gruta.

— É o filho de Abaré quem te mandou ao pajé?

— Sim; ele manda-me a ti buscar as riquezas que lhe prometeste!

— Tupã ainda não mudou o rio do seu caminho, mas Abaré guardou para seu filho mais pedras que ele tem de cabelos na cabeça.

O pajé conduziu à gruta o guerreiro branco, e mostrou-lhe um grande vaso de barro cheio de diamantes brutos:

— Toma quantos quiseres!...

O desconhecido ficou lívido; súbito tremor percorreu-lhe o corpo.

— Por que tremes?

— Por quê?... Se meus companheiros vissem o que tenho diante dos olhos, nos matariam a ti e a mim, e derramariam até a última gota de sangue para disputar este tesouro.

O pajé vergou a cabeça e afundou-se na meditação.

O aventureiro vencendo a comoção que dele se apoderara, avançou a mão para o vaso; ao límpido tinir da pedraria agitada, sentiu uma descarga elétrica pela rede nervosa do seu organismo. Então apoderou-se dele um frenesi, quase um delírio; precipitou sobre o vaso, mergulhou os braços até os cotovelos; fez se despenharem do alto jorros de diamantes: embriagou-se enfim dessa vista deslumbrante.

— E derramariam até a última gota de seu sangue!... murmurou a voz cava do velho pajé.

Esse eco de seus primeiros terrores evocou o aventureiro de sua ebriedade. Ergueu-se estremecendo; com rápido movimento encheu de pedras preciosas seu chumbeiro, e arrancou-se à fascinação que o subjugava. Correu à entrada da gruta, e fugiu com as últimas réstias de luz da tarde que se morria. Ao volver uma última vez o rosto para o vaso cheio de diamantes, vira ele um lampejo fulvo, que desferiam as profundas pupilas do velho pajé, e brilhava mais que os fogos da pedraria.

Vendo fugir assim o guerreiro branco, como o espírito da vingança terrível de Tupã, Abaré sorria com delícias de tigre saciado.

E o aventureiro fugia sempre; aquelas riquezas fabulosas lhe incutiam mesmo de longe misterioso horror; a só lembrança delas gelava o sangue em suas veias.

Infeliz velho!... Não era ambicioso, não. Vivera a melhor parte de sua vida pobre, honrado e feliz; nunca pelo seu espírito calmo perpassara um sonho de cobiça. Mas a desgraça roçara seu casalinho com a asa negra. Ramon Sales perdera a esposa; e ficou na terra viúvo e mutilado do coração, para assistir ao martírio da única filha, com que Deus abençoara sua união.

Foi então que se lembrou do poder do ouro; se o tivesse em quantidade, talvez pudesse comprar ao mundo para sua filha uma porção da felicidade que o mundo lhe negava por ser

pobre. Esse pensamento o trouxe ao Brasil, e o embrenhou pelos sertões como tantos outros aventureiros à cata de riquezas. Deixando a filha na cidade do Salvador, unira-se a uma banda que haviam formado vários sócios, e com ela empreendera a entrada no sertão.

Tinha Ramon notícia das *minas de prata* descobertas por Moribeca; e encontrando por acaso em seu caminho um caboclo de nome Gonçalo Inhuma, que acompanhara Robério Dias em sua viagem, ouvira dele pouco mais ou menos o que declarara muito depois ao P. Manuel Soares e constava de sua memória. Guiado pelas indicações do selvagem chegara ao rochedo onde vira sentado o pajé; o qual o tomara por um enviado de Moribeca. De sua parte Ramon conjecturou que fosse o velho quem descobrisse a Robério as minas de prata, e aproveitando-se de sua ilusão, exigira as riquezas prometidas.

Ao romper d'alva tornou Abaré a seus trabalhos até o dia em que o rio, atalhado na sua carreira por uma muralha de granito, corcoveou espraçando-se pela encosta do rochedo. O primitivo leito do rio ficou a descoberto; o pajé viu com satisfação que a fina vasa era tapeçada de diamantes sem conta.

— Meu filho pode chegar.

Desde esse dia, sentado na crista do rochedo, esperava o guerreiro de sua carne, que lhe prometera voltar; mas cada

sol que se deitava por detrás da serrania levava-lhe mais uma esperança, e mais um calor da vida, que abandonava o seu corpo decrépito. Às vezes quando o desânimo o entrava, ele revolvía as profundezas de sua alma, e de lá arrancava aquele eco lúgubre:

— E derramariam até a última gota de seu sangue!...

Sabe-se agora por que o velho pajé, acorado na crista do rochedo, olhava o leito abandonado do rio e o horizonte ermo.

Nessa manhã sentiu que seu fim se aproximava; e ao sair da gruta carregou para o píncaro elevado o camuci que havia fabricado com suas próprias mãos, segundo os ritos de Tupã. Ali estava ao seu lado, esperando-o, a urna funerária que devia guardar seus ossos, e servir-lhe de leito derradeiro.

Entorpecido pelos vapores acres do tabaco, o pajé devaneava. Descobriu longe, longe, aquele vulto de guerreiro branco que avançava através do sertão. Não era o neto de Paraguaçu, mas procedera do sangue dele. O guerreiro esforça; o velho anseia; e nessa esperança tantas vezes renascida, quantas finada, vão-se os últimos e tênues espíritos da vida.

Mas eis que um som grato ao coração de Abaré o revoca à existência.

Ressoa perto a inúbia dos Tupinambás; a alma do velho pajé se dilata no prazer de abraçar com o extremo olhar a multidão de seus filhos. Volve o rosto para a floresta de onde rompe a tribo guerreira, de terrível aspecto.

Oh! dor! seus filhos, os valentes, os fortes, a quem ele transmitia outrora as palavras de Tupã, renegaram das crenças de seus pais, e são agora conduzidos, como um bando de capivaras, pelo homem negro, abaruna, que serve ao Deus dos brancos! Só faltava essa amargura à vida já tão atribulada do velho pajé.

Os selvagens pararam a um aceno do sacerdote cristão, que se dirigiu só e com tardo e vacilante passo para o rochedo.

O P. Inácio do Louriçal, da Companhia de Jesus, voltava de sua digressão pelas cabeceiras do São Francisco de onde trouxera aquela tribo para aldeá-la nas proximidades da Bahia. Avistando o pajé, o apóstolo de Cristo cingiu os rins, caminhou avante, onde ele via uma luta a sustentar com o inimigo da religião, e uma alma a remir.

Abaré, sepultado em sua dor, viu-o que se aproximava; e quanto lhe restava de vida refluuiu aos lábios em um assomo de cólera feroz:

— Venceste, abaruna! Tupã deixou que seus filhos degenerados se esquecessem dele e de seus pais para te

seguirem como cativos. Mas o dia da vingança chegará!... Tupã já arrancou o rio do seu caminho!...

O velho debruçou-se sobre o alcantil, e com um gesto feroz apontou o álveo do rio:

— Vês?... A gente branca correrá para aqui em busca das pedras que tanto cobiça; com a fome delas os guerreiros se devorarão, como os abutres pela carniça. Minha raça será vingada e esta terra de meus pais beberá até a última gota do sangue inimigo!

O selvagem sorriu:

— E de dentro de seu camuci a alma de Abaré voará aos campos alegres para regozijar-se com Tupã!

Proferidas essas palavras, o velho arrastou-se até o grande vaso de barro vidrado, que encravara antes numa fenda do rochedo, e nele entrou, sentando-se como os ídolos dos pagodes índios; depois deixando cair a tampa, cujos bordos cobrira de uma resina fortíssima, selou pela eternidade seu último jazigo.

O sacerdote cristão estremeceu diante de tão estranhas palavras. Desceu ao álveo do rio; e sentiu, calcando as riquezas imensas, arderem-lhe as plantas, como se caminhasse sobre brasas acesas. Sua alma angélica entristeceu pensando nas desgraças que estavam ali

semeadas para a pobre humanidade; o lábio apostólico murmurava as palavras do *Eclesiastes*:

— *Ubi multae sunt opes, multi et qui comedunt eas.*

O P. Inácio tornou aos Tupinambás, que já tinham armado as redes à sombra de grandes jatobás:

— O Senhor do céu, filhos, ordenou às águas, como a todas as coisas, seu lugar na terra; se o homem põe obstáculo à sua vontade, o castigo descera sobre ele. Este rio foi tirado de seu caminho, deve hoje mesmo a ele voltar.

Ao transmontar do sol a tribo dos Tupinambás, alinhada à margem, tinha os olhos fitos na garganta obstruída pelos esforços gigantescos de Abaré. Um grosso tronco seco fora pelos selvagens embutido com violência no lisim da rocha que servira como de pilastra à construção do pajé; embebendo a água, o madeiro excessivamente poroso inchava.

Afinal ouviu-se um ribombo medonho: as entranhas do rochedo se tinham dilacerado; aluído o esteio, desabou com estridor a muralha pelágica; e o rio, um instante surpreso, atirou-se no primitivo leito, e seguiu a marcha que a natureza lhe tinha marcado.

Sobre a penha culminante, onde pela manhã o selvagem profeta lançava sua imprecação de vingança, a noite achou

o sacerdote cristão que elevava ao Senhor de misericórdia a  
prece da caridade!

Reboa pela mata o canto dos Tupinambás.

Está o sol a pino; porém na floresta reina pálido crepúsculo.

Um jovem cavalheiro e seu pajem infante avançam silenciosos através da folhagem densa; parecem buscar alguma coisa, pois examinam com atenção extrema, ora os troncos das árvores, ora o capim lustroso que recama o chão. Afinal o mancebo solta uma viva exclamação que indica ter achado o objeto de suas laboriosas pesquisas:

— Ei-lo, Gil!...

— Onde, Sr. Estácio?

— Aqui, não vê?... Coberto todo de limo e cipós.

— É verdade! Quem o descobrira!...

— Já decorreram mais de vinte anos dêz que meu pai aqui esteve, e depois disso quantos acontecimentos passaram, quantos vivos se finaram! O tronco ao menos, embora decepado, aí está como ele o deixou!...

A árvore era um grosso jacarandá; o tronco fora cerrado na altura de doze pés; a meio dele, na face voltada para o oriente, descobriu Estácio encravada profundamente no

córtex a letra R, desenhada com linhas de pregos. Depois de um instante dado à emoção de rever um objeto que ainda guardava o traço das mãos paternas, o mancebo abateu a golpes de machado o velho tronco.

Quinze dias eram já passados depois que deixara Estácio a Bahia; o filho viera rastreando o caminho que fizera vinte e três anos antes o pai, e destruindo sua obra para que outros não lograssem o fruto de seu trabalho. Chegando perto do lugar onde conforme o roteiro devia estar aposto um marco, ele acampava sua gente, e afastava-se só com Gil. Tratava de descobrir o padrão que Robério deixara, ora nas árvores seculares, ora enterrado em alguma pedra ou botija; destruía os vestígios e removia o marco para bem longe. Assim vinha a pouco e pouco substituindo ao antigo um novo roteiro só dele sabido, e conforme o conselho de Vaz Caminha, escrito em caracteres indecifráveis.

Tomava Estácio suas notas, enquanto Gil tratava de destruir pelo fogo as raízes da árvore, quando lhes chegou aos ouvidos o canto dos Tupinambás. Seu primeiro movimento foi de prudência; mas sucedeu logo um sentimento de admiração, repassado de doçura; entre o alarido selvagem que estrugia nos ares, se elevava serena e plácida, como a garça remonta ao céu através da borrasca, uma voz sonora que entoava as antífonas do salmo cristão:

*Benedicam Dominum in omne tempore; semper laus ejus in ore meo.*

*In Domino laudatur anima mea!...*

Esse cântico sagrado, ali no seio do deserto, tinha o quer que fosse de celeste e augusto.

Estácio fez um gesto ao menino e meteu-se pela ramagem na direção das vozes. Em pouco chegaram perto de uma campina verde, que a floresta cingia, como um regaço. Aí tinha acampado uma tribo selvagem; viam-se já erguidos a circular estacadas e os esteios das cabanas; as mulheres ligavam as palmas que deviam cobri-las, ou preparavam mantimentos.

No centro estava atado a um poste, nu, com os pés e as mãos jungidas, o apóstolo cristão que entoava o hino sagrado. Em torno dele esvoaçava um enxame de abelhas bravas, que ferroavam-lhe o corpo seco e mirrado, aos berros das crianças ferozes. Os guerreiros selvagens desfilavam ao som cadente da música ruidosa, por diante dele, vociferando insultos e ameaças.

O mancebo reconheceu imediatamente, no venerável apóstolo do deserto, seu antigo mestre do Colégio da Bahia, o Padre Inácio do Lourçal. O santo homem, votado ao martírio, conservava a mesma placidez e mansa humildade, que ornavam seu modesto semblante, oficiando no altar, ou

lendo nas aulas. A alma posta em Deus, que ele via no arroubo de sua fé, não se apercebia do que passava na terra, nem sentia as torturas que o punham; seu espírito abreviara as tribulações da vida, e já despregava-se de uma carne seca e definhada para voar ao seio do Criador.

Estácio sem refletir na temeridade do arrojo, impellido por uma força invencível, saiu da floresta e avançou intrépido.

Avistando-o de repente, os selvagens o contemplaram um instante surpresos da aparição; mas logo um rugido imenso manifestou o prazer feroz dos canibais. O mártir, sentindo o furor do gentio desviar-se dele, abaixou dos olhos à terra, e conheceu a causa do acidente. Sua venerável fisionomia contraiu-se com expressão de angústia; porque nessa alma insensível à própria dor, as cordas da caridade tinham uma sensibilidade extrema. Também ele reconhecera seu antigo discípulo, e lamentando a sua desgraça, exclamara:

— Piedade, Senhor, para ele que entra agora na vida! Multiplicai-me embora ao infinito as dores da agonia, mas à conta delas salvai-o.

Não é coisa para admirar o que então sucedia ao Padre Inácio. Atado a um poste e destinado ao suplício por aquela mesma horda de bárbaros que dias antes ele conduzia após si do deserto onde a fora encontrar e governava com um gesto apenas! Que brusca e violenta transição! Mais que natural e conforme com a índole do povo selvagem, sempre

dominado por paixões súbitas, sem o corretivo da lei ou da razão culta!

O canto evangélico do sacerdote cristão impressionara profundamente os Tupinambás, apaixonados como todos os selvagens americanos pela música. A voz suave que lhes entrava no coração devia governar-lhes a vontade; o cristianismo falando-lhes pela linguagem harmoniosa, reprimiu os excessos da embriaguez e da sensualidade. Mas afinal os vícios de que já estava a sua natureza eivada, um instante reprimidos, tomaram o de cima. O maioral da tribo, contrariado em seu apetite libidinoso pelas admoestações do sacerdote, o acusou da morte do velho pajé; a acusação repercutiu em toda a tribo; as paixões más rebentaram de novo e com fúria maior pelo longo repouso em que estiveram.

O sacerdote percebeu o que passava, e continuou a orar a Deus. Os selvagens o ataram ao poste; para não ouvirem a harmonia melancólica do treno mavioso, se aturdiavam levantando medonho alarido. Ao mesmo tempo viravam cuias sobre cuias de cauim e outras bebidas fermentadas, de que tinham sido parcous a conselho do padre; e o insultavam jogando-lhe às faces a borra que ficava no fundo do vaso.

Conforme o seu rito era a vítima destinada ao bródio da vingança; mas como o corpo do velho sacerdote era magro, e a carne dura e coriácea, por lembrança de uma velha, perita nessa cerimônia, tinham resolvido matar o Padre

Inácio com mordeduras de uma abelha venenosa, a arapuá. A violenta inflamação tornaria tenra a carne rija e áspera da vítima. Partira pois o bando de colomis com uma grande cabaça, incumbido de trazê-la cheia do virulento inseto.

Estácio, à mercê da surpresa dos selvagens, achegara-se em um salto do poste, cortara os laços que atavam o sacerdote, e lançando sobre ele o manto, voltou-se para fazer frente aos guerreiros tupinambás que sobre ele se arrojavam em fúria.

— Filho, que imprudência é a vossa?... Eles vos trucidarão!...

— Buscai salvar-vos, padre meu. Minha gente está daqui próxima; ganhai a floresta e caminhai sempre contra o sol.

— Se a Deus aprouver conservar para maiores trabalhos o seu humilde servo, aqui mesmo lhe virá a ajuda, sem que haja mister fugir dele que está em toda parte; senão, seja feita a sua vontade.

Tomando de novo a frente ao sacerdote, Estácio batia-se já como um tigre contra os selvagens, mas era impossível resistir por muito tempo à torrente de inimigos que, um instante recalcada pela ponta de sua valente espada, borbotava afinal sobre ele, ameaçando submergi-lo. Duas vezes já a morte roçara por sua cabeça: da primeira o salvara o Padre Inácio abraçando-se com um guerreiro que

brandia o tacape pronto a espedaçar-lhe o crânio; da outra Gil. O menino, invadido pelo terror diante do terrível espetáculo que se desenhava a seus olhos, ficara estático no lugar onde o mancebo o deixara; mas vendo a alguns passos dele um índio que envergava o arco para ferir no coração a seu querido cavalheiro, tirou do amor coragem e correndo sus ao selvagem, cravou-lhe o punhal na ilharga. As mulheres o cercaram e fizeram sua presa.

Estácio considerava-se perdido; a onda de inimigos enovelou-se sobre ele.

Ressoa nesse momento pela mata o canto da saracura; um troço de homens rebenta da floresta e cai em cheio sobre os selvagens, como um bando de abutres sobre a carniça. Estácio, atordoado com o ímpeto dos inimigos, ficou mudo de espanto vendo a seu lado o curto mas destemido Antão Gonçalo que brandia uma catana maior que ele.

— Era mais que tempo, comandante; senão metiam a pique a capitânia!... Diabo! Dez contra oitenta flamengos, vá!... Mas um e meio contra cem, não é do ajuste!...

E o Gonçalo tanto falava, como talhava, porque os selvagens, mais enfurecidos com o novo ataque, se tinham arremessado contra ele e sua gente, a qual não passava de uns vinte combatentes. Mas a senha da banda, o grito da saracura, soltado por ele, tinha ecoado longe.

Pouco tardou que João Fogaça com o resto da companhia não aparecesse na beirada da mata.

Perfilando a descomunal estatura, para ver melhor o que sucedia, o capitão de mato soltou o seu habitual e pachorrento:

— Oh! oh!...

Os Tupinambás voltaram-se ao ouvir a exclamação, e reconheceram a figura gigantesca do terrível bandeirista cuja fama enchia os sertões:

— Morubixaba! murmuraram com respeito.

Imediatamente abaixaram as armas e retraíram sobre si, prontos sempre à defesa, mas desistindo do ataque.

João Fogaça passou tranquilamente em face deles; apertou a mão a Estácio e beijou-a ao Rev. Padre Inácio. Instruído do que acontecera, o capitão de mato deu logo suas providências para o curativo do pobre sacerdote, cujo corpo apresentava já com a inflamação um aspecto disforme; as fricções de fumo e aguardente aliviaram o enfermo que afinal consentiu repousar algumas horas, depois de obtida a promessa formal de perdão para os selvagens.

João Fogaça prometeu que não se derramaria sangue, nem infligiria castigo corporal; mas usando de um direito que ele se outorgara de sua própria autoridade sobre todas as tribos

selvagens, o direito de feudo, escolheu dentre os guerreiros tupinambás dez dos mais robustos e bem parecidos para incorporá-los como recrutas à sua companhia. Feita a escolha foram os novos saracuras entregues ao Antão para educá-los, e aos três *sentidos* para estudá-los. No dia seguinte podia qualquer deles escapar-se que os três índios lhes iriam no encalço.

Como se achava ali tão a ponto capitão de mato?

Saindo bruscamente da casa de Cristóvão duas semanas antes, João Fogaça interrogou os índios e confirmou sua primeira suspeita. Imediatamente se pusera na pista do Padre Molina que supunha achar-se ainda em sua cela.

No dia seguinte por volta da noite os seus três *sentidos*, que ele deixara nas vizinhanças do Colégio, vieram adverti-lo da partida do jesuíta. Segundo as explorações dos selvagens o homem negro devia ter embarcado na tercena dos Padres. A galeota, que o conduzira, acabava de chegar sem ele. Fácil foi a João Fogaça empalmar um dos escravos remeiros que se deixara ficar na praia; e dele arrancou à força a notícia do lugar onde ficara o jesuíta.

O capitão de mato mandou a Antão Gonçalo que estivesse pronto com a gente a partir naquela madrugada para Maragogipe; e de seu lado aproveitou a hora que lhe sobrava para arranjar de uma feita o malfadado embeleco que o trazia bambo, tanto havia. Seguiu ele rua abaixo com

jeitos de quem procurava alguma coisa; e de feito assim era. João Fogaça buscava uma batina, traje tão fácil de encontrar naquele tempo, como há anos uma casaca e hoje um rodaque.

A poucos passos achou-se o forasteiro com uma rapada, mas sisuda batina, que lhe caiu no gotto; pelo que foi logo sem mais partes travando da espádua que a envergava:

— Vamos, reverendo, depressa que o caso é apertado.

Ou fosse o padre de fácil acomodar, ou cuidasse que se tratava de alguma confissão, o caso é que lá foi seguindo as guinadas do capitão de mato; e ao cabo de uns minutos chegou esbaforido à casa da Mariquinhas dos Cachos.

— É ali que mora ela! disse João Fogaça parando em frente.

— Então está a decidir? perguntou o sacerdote. Levai-me junto dela, irmão. Não quereis vir?

— Largai-me, reverendo. Não é caso de confissão, nem de moléstia, mas doutra coisa.

— De que então? perguntou o padre desconfiado.

O capitão de mato arfou como uma montanha que vai desabar.

— De matrimônio, padre! Ide, procurai pela Mariquinhas, viúva do Zé Tendeiro; em vos ela aparecendo, dizei-lhe: — “Mulher, venho para vos casar com o João Fogaça que ali está no canto esperando”. Se ela quiser, chamar-me-eis; senão dai-me aviso de longe que me suma por este mato afora. Ide que vos darei pelo casamento ouro e não prata.

Uma hora depois, a Mariquinhas dos Cachos era esposa do seu amado João. Mas não obstante pela madrugada partia este para o sertão em seguimento do Padre Molina. Quinze dias já tinha de jornada, quando felizmente para Estácio e o Padre Inácio, surgiu tão a propósito.

Mal se desvencilharam dos Tupinambás, o capitão de mato chamou Estácio à puridade:

— Não há tempo a perder; em marcha, senão é difícil alcançá-lo.

— Quem?

— O jesuíta. Quem mais?

— Se o deixei a meio dia de viagem!... respondeu Estácio sorrindo.

— Ontem; mas hoje já vos ele ganhou a dianteira e vai a bate-bate. O espertalhão do frade está bem montado e traz comitiva de cavalos.

— Então a caminho.

Nesse instante o Padre Inácio aproximou-se dos dois.

— Padre meu! disse João Fogaça. Mal sabeis que sois a causa inocente de estar eu agora por este sertão bem arrenegado de minha vida!...

— Dizei-o como, filho!

— Não o direi, não, para vos não afligir o coração. Mas eis um caso em que se vê como Deus escreve direito por linhas tortas.

— Sábios são sempre os desígnios da Providência! murmurou Estácio.

— Amém, filho!

— Se não vos tivesse eu encontrado uma vez nestes sertões com uma criancinha nos braços, acalentando-a com um carinho de mãe, não me teriam feito irmão ou não sei o que da Companhia, e não me houveram obrigado em respeito à vossa virtude a prestar meus serviços para uma ação má!

O sacerdote pôs os olhos no céu.

— Mas também, se isso não fora, o cavalheiro que primeiro vos defendeu e eu que cheguei a tempo de ajudá-lo, não estaríamos aqui a ponto de salvar-vos. E eis o caso! Pior

que fosse me daria por bem pago com o resultado; não vos parece, Sr. Estácio?

— Sem dúvida!

— Perdoai, filho, a este pobre pecador o mal de que foi causa involuntária!

— Bom! Águas passadas!

Voltando-se para o lado, gritou:

— Olá, Antão, ordenai já uma rede às costas dos recrutas para conduzir o padre-mestre! E a caminho sem detença!...

— Não pode ser como dizeis, filhos! Agora mesmo vinha eu deitar-vos a minha bênção por despedida.

— Onde contais ir então?

— Onde Deus me envia! Vou com o meu povo!

— Para que vos ele pague o amor com ingratidão igual? exclamou Estácio.

— Esta é a minha missão, Estácio, enquanto não chegar a minha hora. Até lá Deus virá em meu auxílio, como hoje, como tantas outras vezes. Aqui serviu-se ele dos vossos braços valentes, meus filhos; lá da voz débil de seu servo;

amanhã ninguém sabe de quê. Tudo serve aos poderosos desígnios da Providência.

O apóstolo abençoou os dois amigos, e partiu-se com a tribo para o deserto de onde não devia tornar.

Estácio e João Fogaça prosseguiram a sua jornada depois da breve alta. Caminharam sem cessar o resto do dia e parte da noite; começava o quarto da modorra, quando lhes surgiram por diante na sombra três vultos. O capitão reconheceu imediatamente os seus sentidos. Os índios tinham os braços direitos estendidos, apontando na direção de uma pequena colina coberta de mato.

— Estamos com ele! disse o forasteiro ao alferes.

Estácio desde a separação do Padre Inácio, que ficara pensativo; aquela nobre abnegação e sublime caridade deviam de impressionar uma alma feita como a sua para os grandes e generosos impulsos. Ele envergonhou-se de seu valor e intrepidez comparando-os àquele sereno heroísmo do mártir, que sem outro estímulo mais que a fé robusta, se afrontava com o suplício horrível e bárbaro, e buscava a morte obscura e ignorada com o mesmo entusiasmo do soldado que marcha à conquista da glória no campo da batalha.

Estava ainda sob a influência destas reflexões quando lhe falou o capitão de mato; sua resposta ressentiu-se da

preocupação:

— Qual é agora vosso intento, capitão?

— A pergunta não parece de quem é, cavalheiro! Pois não sabeis o que viemos fazer aqui, vós, por quem só viemos?

— Sei o fim, nem era crível que o ignorasse, mas não sei os meios.

— Os meios!... Os meios são todos os que aparecerem. Dizei-me cá, se alguma vez em criança caístes n'água bastante funda para afogar-vos... Quando vos vistes nessa dobadoura, estivestes pensando no meio de safar-vos dela? Qual! Fostes mexendo com pés e mãos, agarrando-vos no mais perto que achastes para ganhar a terra. Pois assim estamos nós! A terra está acolá...

— Quereis escutar-me um instante, Sr. João Fogaça?

— Não é coisa que se possa adiar para ao depois?

— Não; urge!

— Então falai!

— Bem deveis de compreender quanto me é precioso o papel que me roubaram, e quanto necessária a sua restituição. Mas se para o conseguir é preciso derramar sangue de inocentes, eu renuncio à empresa!

— Estou-vos desconhecendo, Senhor Estácio!... Não me pareceis o mesmo homem dos flamengos!

— Lá era outra coisa, eu servia à pátria; aqui sirvo o meu interesse. De sobra, talvez não tivesse o espírito tocado como hoje de certas ideias.

— Pois então sinto dizer-vos que nada obtereis. O frade maldito não havia de empregar as traças de que se serviu, e acompanhar-se de duzentos Aimorés bem armados, para vir ao sertão entregar-vos de mão beijada o que tanto lhe custou a pilhar.

— Nem contei eu com isso! Julgais que nada se possa fazer por surpresa e estratégia?

— Muito se pode, mas tudo não! Lembrai-vos que são selvagens também: os meus saracuras lhes são superiores, é certo! Por exemplo, daqui já os vimos, e eles ainda nem nos perceberam; porém se dermos mais vinte passos, seremos logo pressentidos.

— Neste caso o que melhor me parece é o seguinte. Assegurai-me doze horas de avanço sobre essa gente; é quanto me basta. Tenho um meio de inutilizar o papel na mão do frade.

O forasteiro riu-se abanando a cabeça.

— Sabeis qual seja?

— Cuidais então que vos sigo de balde há mais de oitenta léguas?... Guardai lá vosso segredo; nem eu procuro descobri-lo; mas aquilo que está escrito no chão, isso por certo que hei de soletrar!

— Que soletrastes vós até agora?

— Desde as terras que foram de vosso pai, onde tinha engenho, vindes destruindo marcos que outrora por aqui deixou ele passando; cuidastes que assim o frade perderia o rumo; mas tanto não perdeu, que aí está conosco!

— Seguiu o meu rasto!... Terei cuidado em apagá-lo melhor daqui em diante!

— E depois desta madrugada que vos ele deixou na retaguarda?...

— Serviu-lhe então o roteiro.

— Tudo pode ser! Creio antes que ele tem outro guia qualquer; mas enfim, com isso não me embaraço; é negócio vosso, deslindai-o como melhor vos parecer. O que me toca a mim é o papel, que o frade há de esburnir vivo ou morto! Fiz protesto disso, e não volto atrás!... Portanto, Sr. Estácio, resolvi.

— Já resolvi; parto nesta hora para ganhar-lhe a dianteira!

— Boa viagem então! Podeis contar com vinte e quatro horas de avanço, se não forem mais.

Estácio deu ordens à sua gente e despediu-se de João Fogaça.

A esta hora estava o Padre Molina recostado na rede, armada nos ramos do arvoredor. A alguma distância ardia o fogo que lançava fugaces clarões sobre o vulto negro do frade estendido horizontalmente como o alto relevo de uma campina. Em volta do espaço iluminado, dormiam sobre outras redes e couros os fâmulos da comitiva. Este centro do acampamento era guardado por uma primeira linha circular de Aimorés, à qual outras se iam sucedendo até uma distância de cinquenta braças.

O Padre Molina cogitava, e o objeto de suas cogitações era o mesmo que desde dois anos ocupava quase exclusivamente aquela grande inteligência; era o segredo das *minas de prata*, esse pedestal que ele pretendia assentar à sua glória, e sobre o qual baseava a esperança ao generalato da Ordem, e talvez mais tarde ao pontificado.

Senhor do roteiro, que já uma vez lhe escapara das mãos, o Padre Molina, mal o recebera dos índios, encerrou-se com ele na sala do cartório e de lá não saiu enquanto não teve decorridas as vinte páginas de que se compunha o manuscrito. Depois, receando que lhe pudesse falhar a memória, não

obstante a plena confiança que tinha nela, transportou em cifra para o seu canhenho o conteúdo do folheto.

Nessa mesma tarde partiu para Maragogipe. Em caminho sabe-se como encontrou Estácio; e o mais que então aconteceu. Apenas reuniu-se ao Padre Rodrigues, o visitador o despediu fazendo-o voltar à cidade. No seguinte dia fez-se na volta do sertão.

Logo no terceiro dia de viagem conheceu o Padre Molina que Estácio lhe tomara a dianteira e inutilizara os marcos ali postos por seu pai Robério Dias. O jesuíta fora prevenido; a mesma ideia lhe acudira, pensando com razão que Estácio não tivera tanto tempo o roteiro em seu poder sem o copiar ou pelo menos reter de memória.

Se não fosse o importante subsídio ministrado pela obra do Rev. Manuel Soares, o Padre Molina se achara bem embaraçado. Guiado pela declaração, que sabemos, conseguiu ele não perder a direção do roteiro; masurgia deixar atrás o mancebo, e seguir avante sem que ele o pressentisse. Na véspera conseguira o visitador o seu intento, marchando dia e noite sem descanso; se não fosse João Fogaça, estava ganha a partida.

Agora acampado ali naquele outeiro, ele esperava para prosseguir que sua gente tomasse algumas horas de repouso necessário depois da batida em que viera. Sabia que Estácio lhe vinha sobre os passos, e só com esforço grande

conseguiria escapar à atividade imensa e pronta resolução do corajoso mancebo.

Ouvindo rumor das folhas, ergueu o visitador os olhos e discriminou entre os troncos das árvores um vulto humano que avançava cautelosamente.

— Que há?

O vulto fez gesto de silêncio. Era um Aimoré que foi ajoelhar junto à rede e falou ao ouvido do visitador:

— Os Tupinambás!...

— Aonde?

— Pela frente!

— Vêm contra nós?

— Pergunta ao prisioneiro.

Três outros Aimorés saíam do mato pelo mesmo caminho que o primeiro, trazendo um selvagem amarrado como um porco que se leva ao talho. Descerrados os queixos da corda, quanto bastassem para falar, mas não para gritar, eles acocoraram o prisioneiro diante do jesuíta.

— Tu és Tupinambá?

— Sim!

— Onde estão teus irmãos?

— Tão longe daqui como a perdiz voaria duas vezes!

— Quantos são eles?

— Meus pés e minhas mãos, e os teus e os destes maus homens não chegam à metade da conta deles.

— Que vieste tu fazer aqui?

— Pensei que eram meus irmãos que tinham acendido o fogo da hospitalidade!...

Do resto do interrogatório concluiu o Padre Molina que tinha pela frente uma poderosa tribo de Tupinambás, a qual, se os pressentisse, podia atacá-los de emboscada e fazer grande mal; resolveu pois, apesar da pressa em que ia, esperar ali tranquilo que os selvagens se afastassem. Talvez que estes não os pressentissem; e no caso contrário estaria em excelente posição de defesa. O que o afligia era a ideia de perder o terreno ganho sobre Estácio; mas bem podia ser isso a desgraça do mancebo, que atacado pelos selvagens, pereceria vítima deles.

O visitador deu pois suas ordens para que fizessem boa guarda e evitassem o menor rumor para não atrair a atenção dos selvagens. O resto da noite e o dia seguinte passou em

contínuo sobressalto. Alguns Aimorés foram mandados como exploradores, mas nada puderam descobrir, porque voltavam com receio de serem surpreendidos pelo inimigo que andava à caça.

Finalmente escureceu, e João Fogaça, que se tinha servido do ardil dos Tupinambás para segurar a Estácio as vinte e quatro horas prometidas, sacudiu o corpo entorpecido pelo longo repouso, e chamou o Antão a quem deu suas ordens.

Pouco depois a companhia do capitão de mato, dividida em dois pelotões, caía sobre o campo dos Aimorés que estavam preparados para recebê-los. O combate foi renhido; o Padre Molina com a palavra e o exemplo animava sua gente; contudo em face da intrepidez e disciplina com que avançavam os saracuras, os Aimorés começaram de recuar, mas com ordem e calma. Graças a essa retirada, o visitador pôde montar a cavalo com a sua comitiva e escapar à rédea solta.

Recostada às almofadas de cetim, em lânguida e melancólica atitude, a formosa Raquel, no encerro de seu mimoso camarim, lia àquela hora, oito da manhã, o livro sagrado de sua religião.

O custoso volume, embutido de ouro e pedrarias, estava aberto nos cânticos místicos, à página onde se encontram estes versetes suaves:

*“Meu querido é para mim como um feixe de mirra; ele dormirá em meu seio.*

*“Meu querido é para mim como um cacho das uvas de Chipre, colhidas nos jardins de Engaddi.*

*“Tu és belo, meu querido, tu és cheio de graça; nosso leito está semeado de flores.”*

Alguma vez a linda judia deixava a mão frouxa e fatigada com o peso do livro pender sobre o colo; seus olhos, fugindo pelas lisonjas da janela, iam-se ao azul etéreo em busca de uma querida imagem ausente. Ela recordava Estácio; os dias rápidos que passara junto dele, em doce contato; as palavras que trocado haviam durante os belos crepúsculos da tarde à tolda do bergantim. E nesse curto

prazo de algumas semanas resumia uma existência inteira, o passado, o presente e o futuro.

A baunilha, a linda e fragrante parasita de nossas matas, que sobe em zigue-zague pelos troncos, às vezes é mutilada pela foice do lenheiro; da formosa haste apenas resta um fragmento, que adere ainda à árvore. Dotada de uma grande força de vegetação, imediatamente novas raízes despontam, que penetram o córtice do tronco: e a planta não morre, apesar de lhe terem mutilado a haste e o renovo, o coração e a cabeça.

Assim foi Raquel. Tenra baunilha, que elevara-se à juventude florescente, a decepção cruel de um amor indigno lhe mutilou os dias já vividos, o passado; o desengano de outro amor não retribuído arrancou-lhe o futuro.

De toda a existência só ficou aquele fragmento, que a ventura iluminara um instante de seus esplendores; nele pois concentrou-se toda sua vitalidade; criou raízes nessas doces reminiscências; vegetou e floresceu nelas como a baunilha no tronco amigo.

A porta do camarim entreabriu-se, e pela estreita fenda passou o raio vivo de um olhar cintilante, que percorreu o aposento. Então a porta foi a pouco e pouco silenciosamente afastando-se até dar passagem a uma original e sinistra figura de nosso conhecimento, a bruxa. Com a mesma sutileza, que empregara para entrar no

aposento, resvalou pelo tapete e aproximou-se da linda judia, que tinha os olhos baixos e fitos no livro.

Raquel percebeu-a, sentindo o sopro da ardente respiração, que refrangido pelas folhas da Bíblia, crestou-lhe as faces mimosas. Erguendo de repente as vistas, deu com os olhos negros e ardentes da cigana cravados em sua fisionomia, como os dardos de duas lanças.

— Ah! és tu, Zana! exclamou a judia.

— Sou eu, sim, Zana, a bruxa!... respondeu a mulher dando à sua voz um tom surdo.

— Quais novas me trazes?

— Deitei as sortes, e elas vos são propícias!

— Como assim, Zana!... Acaso permitirá Deus que Estácio me queira?... Donde o soubeste?

— Do destino!... respondeu a bruxa com ênfase.

Raquel caiu em si do seu primeiro assomo de esperança.

— Está bem, Zana!... Deixemos as tuas sortes por ora; dize quanto soubeste do que te mandei indagar!

— Criatura!... Que desatino é esse?... Credes mais nos dizeres da gente à toa do que nas falas da feiticeira, que

adivinha o futuro e o passado, e lê no livro do destino, como na mente dos homens?...

Raquel fez um gesto de impaciência ao tom enfático e ao gesto dramático da feiticeira:

— Ouve, rapariga. Comigo são perdidos teus disfarces e representações; guarda para quem te não conheça como eu. Podes ser feiticeira para todo o mundo, que te julga velha; para mim serás sempre Zana, a moça que foi de nossa casa.

Ergueu a moça os ombros descontente, e trocou o seu papel de bruxa pelo de simples mensageira:

— Seja como quereis, pois para isso me pagais. Por onde começarei eu?

— Por ele, disse Raquel enrubescendo.

— É partido há mais de duas semanas para o sertão!

— Para o sertão, dizes?

— Sim, para o sertão, talvez que à caça do gentio para o cativar!

Raquel abanou a cabeça; e uma voz melancólica murmurou dentro de sua alma:

— Em busca de riquezas que deponha aos pés de Inês. É pobre, e ela rica de haveres!

— Agora dela? perguntou a rapariga.

— De D. Inês, sim! Conseguiste o que te recomendei?

— Ora! já me apalavrei com a gente da casa; no dia em que vos aprouver levar-me-ão à recâmara dela!

— E te receberá?

— Não tendes susto. O mais importante porém ainda não sabeis.

— O que é?

— O casamento com o tal Fernando gorou com certeza!

— Ah!...

— Mas no mesmo dia parece que o pai ajustou outro!...

— Acaba!... Com quem?...

— Estais já aflita, pensando que seja com o outro!... Qual! Esse que perca as esperanças; por lá nada arranja! O noivo é um tal de Velasco, gente grande, comendador, e não sei que mais! Bonito cavalheiro e bem apessoado!... Eu o vi essoutro dia sair de lá. Mas como vos disse, parece que o

ajuste vem de detrás, pois já ontem se conversou na hora do jantar de marcar o dia!...

Um assomo de júbilo, que a donzela se esforçava por conter nos seios d'alma, rompeu afinal e transbordou em risos pela fronte límpida e as faces brilhantes. O seio de suave contorno arfou com a inspiração de uma grata esperança. Mas Raquel, do grêmio de sua efêmera e sonhada ventura, percebeu o modo zombeteiro com que a mirava a cigana, e toda a expressão prazenteira de sua fisionomia, colhida de repente como a auréola de uma cruz que se extingue, recolheu dentro d'alma.

A judia tornou à melancolia, confusa e contrariada por aquela súbita e irresistível manifestação:

— E D. Inês?... Como recebeu ela estes sucessos?... Desagrada-lhe menos o segundo noivo do que o primeiro?...

— A ela bem sabeis, todos lhe desagradam, desde que não for o desejado! Mas desse está ela bem livre, vos seguro eu!...

— Vive ela triste?... Mais que eu? perguntou a donzela.

— Não sei se mais; porém triste e pesarosa, dizem todos, e só não vê quem não quer.

“Mais! Deve de ser mais!... murmurou consigo Raquel. Por isso mesmo que é amada e pressente já o suplício de ser

entregue a outrem que não o escolhido de seu coração. Terrível provança há de ser essa para quem não tiver a coragem de libertar-se da vida assim profanada... Mísera Inês!... Muito o amo eu, pois torno-me boa para vós que mo roubastes!...”

Raquel deixou-se arrastar pelo tropel de pensamentos que afluíram. Depois de algum tempo ergueu a fronte calma e resoluta:

— Disseste, Zana, que te levarão à câmara de D. Inês no dia em que eu deseje!

— Se bem o disse, melhor o farei.

— Pois o dia será o de hoje, e sem mais tardar que esta manhã; agora mesmo?

— Lá me vou! A fazer o que, dizei!

— Não irás, não, Zana!

— Ninguém vos entende.

— Irei eu em vossa pessoa e com vosso traje e parecença!

— Estais bem em vosso juízo são, menina?

— Não me recusarás isso, Zana; aqui tens nesta bolsa quanto ouro possuo; toma-o todo para ti; dar-te-ei mais

depois. É preciso que eu fale a Inês e hoje mesmo. Ninguém me reconhecerá; tomar-me-ão por ti.

— Não vos falta o ânimo de vos trajardes assim, de velha bruxa?... E então correr as ruas sozinha!...

— Tu me acompanharás até lá! e quanto ao traje, pouco me importa; não vou disputar com ela em beleza!...

— Que ides fazer vós? É preciso que eu saiba!

— Vou para vê-la e... Meu coração me há de inspirar no momento.

Depois de alguma, mas já débil resistência, a cigana deixou-se vencer um pouco pelos rogos de Raquel e muito pelo ouro da bolsa.

Procederam logo à permuta dos trajés e ao disfarce da bruxa. A velha cheia de rugas, que entrara no camarim, desapareceu como por encanto, deixando em seu lugar uma rapariga cigana, de olhos negros e vivos, tez morena e embaciada, que teria cerca de trinta anos.

Essa rapariga fora moça caseira do velho Samuel, em companhia de quem esteve desde muito criança e sempre bem procedida e recatada. Um dia porém, havia dez anos, o Anselmo, ou o demo na figura dele, como diziam as velhas, lhe transtornou o juízo. Com ele fugiu da casa do amo, e por algum tempo não souberam partes dela. Mas entre a

gente baixa muito se falou então de uma moçoila que escandalizava as locandas e tabernas com sua desenvoltura e desregramentos. Contavam-se coisas de arripiar carne e cabelo.

Parece que o remorso ou a vergonha do estado a que chegara a emendou; pois de repente não se falou mais da rapariga. Buscou voltar à casa do amo, que a enjeitou. Balda então de recursos, e muito desprezada em sua verdadeira pessoa, adotou aquela profissão de bruxa, donde tirava algum meio de vida; era uma mendicagem disfarçada. Todos em geral a tomavam por velha e feiticeira; mas Raquel, de quem ela sempre se valeu, sabia do segredo.

Reduzida à sua verdadeira personalidade, e vestida com roupas de Raquel, a cigana ocupou-se com diligência e arte do disfarce da judia, que breve ficou perfeito. A gentil e formosa virgem desaparecera sob a máscara hedionda e sinistra da velha bruxa; ela mesma, ao ver-se no espelho, horrorizou-se de sua metamorfose.

— Agora dai-me vosso baú, a ver se me ajeito bem com ele!

Zana entregou a Raquel o móvel pedido, depois de ter imitado a posição em que de costume o trazia. Deu a judia com ele alguns passos no aposento, esforçando por deprimir a nativa elegância e donaire de suas formas que apesar do

traje velho e maltrapilho transparecia, como a lindeza da borralheira ao través da cinza.

O baú estava dentro cheio de mil objetos diversos; perfumes de todas as qualidades, drogas várias com rótulos de nomes estranhos; figurinhas mágicas de marfim e ébano, vidrinhos com elixires e filtros; todo um arsenal enfim de bruxarias. A respeito da propriedade de cada um destes objetos e seus nomes, recebeu a improvisada feiticeira uma lição minuciosa. Calou porém a cigana um que estava quase oculto nos repartimentos inferiores: era uma espécie de redoma, a última de uma série de seis, todas iguais. Estas continham narcóticos diversos, de vária força soporífera.

— E esta? perguntou Raquel.

— Esta!... murmurou a cigana com certo tremor na voz, também faz dormir; mas para sempre!...

Raquel rejeitou-a com horror.

— Pois também vendes isso, Zana! disse ela com exprobração.

— Não é para vender esse, dona!

— Para que o destinas então?

— Para nada!... Talvez sirva para encurtar uma existência desgraçada! Dai-ma!

— Não; deixa-a onde está! respondeu Raquel com vivacidade.

Que pensamento lhe trespassou o espírito como um relâmpago?...

Marcava o quadrante da Sé onze horas. O sol era ardente, como costuma no mês de março: raro passante transitava àquela hora pelo caminho de Nazaré. Duas mulheres, bem rebuçadas, uma em sua capa, outra num manto vermelho esburacado, chegaram perto do solar de D. Francisco de Aguiar. Parando a distância, trocaram algumas palavras, depois do que a mais moça escondeu-se no mato, e a velha bruxa avançou para a porta do solar.

Recebida pelos remoques dos pajens, Raquel sentiu vacilar sua coragem. Foi necessária a lembrança de Estácio, e o poder que o mancebo tinha em sua alma, para reanimá-la. Por felicidade, o rumor que faziam os rapazes atraiu as escravas, das quais a bruxa tinha decidida proteção. A judia reconheceu facilmente a mulata indicada por Zana; e no primeiro ensejo atirou-lhe ao ouvido estas palavras:

— É agora ocasião de falar à doninha!

— Esperai então.

Momentos depois era a feiticeira introduzida na recâmara, onde passava a donzela toda a manhã, entretida com seus labores e prendas. Raquel, entrando, devorou com os olhos

a suave lindeza da nobre donzela; e depois de alguns instantes de muda contemplação, suspirou dentro de sua alma:

“Estácio devia amá-la! Como é formosa, Deus de Israel!...”

— Achegai-vos, boa mulher! Qual nome trazeis!...

— Chamam-me a bruxa. Se tive outro, faz disso já tanto tempo, tanto, que nem mais me recordo.

— Que idade então é a vossa?

— Perdi a conta dos anos, em tal número são eles. Quando vossa mãe nasceu, já estes cabelos estavam o algodão que vedes! Grande tem sido a minha peregrinação na terra, e pesado o fardo desta existência!...

Proferidas estas palavras com inflexão grave e surda entonação, a feiticeira fincou a fronte no punho e ficou nessa atitude melancólica. Inesita a observava, partida entre a incredulidade que em sorriso lhe frisava os lábios, e um certo pavor que lhe penetrava mau grado seu a alma impressionada pela tristeza e miséria da vil criatura.

— É certo que sois adivinha?

— Experimentai e sabereis!

— Em que pensava eu quando chegastes?

A feiticeira voltou rápido olhar em torno, a ver se a escutavam as escravas, e respondeu abaixando a voz:

— Pensáveis naquele que está longe, e ausente no sertão, onde se foi em busca de riquezas para vos merecer!

Enrubesceu Inesita, e vexou-se, mas não teve ânimo de ordenar silêncio à feiticeira; esta continuou:

— Viste-o pela última vez, fazem hoje quarenta dias, nesta mesma casa! Quereis que pronuncie o seu nome?

— Não!... Não há mister!...

— Já vedes que adivinha sou, pois vejo em vossa alma como no espelho daquele trumó.

— Estais bem longe disso, mulher; o que dissestes não passa de meras suposições vossas. Mas se sois adivinha, deveis também predizer futuros!

— Por certo! Estes olhos têm o poder de ver através dos tempos, no passado como no futuro.

— Então disseis qual será minha sina? Disseis-o abertamente sem receio de assustar-me!

— Di-lo-ei, tal como a estou vendo no livro aberto do destino. Mas para que não duvideis de minhas palavras,

começarei por contar-vos o passado; e então conhecereis que nada me é oculto na terra.

— Consinto; mas falai baixo que vos não ouçam! murmurou a menina designando com os olhos as escravas.

— Arredai-vos, filhas, e cerrai os ouvidos, para que os espíritos que me assistem vos não castiguem, disse a feiticeira para as negras.

Aproximando mais da donzela, repetiu Raquel quanto lhe confessara Estácio em suas longas práticas nas solidões dos mares, durante as largas e silenciosas noites da travessia perigosa. O arroubo daquelas recordações do mancebo, travado do ciúme aceso em sua alma, davam à palavra e ao gesto da judia um fogo que, ao través da feia máscara, cintilava como os fulgores satânicos de maligno espírito.

Inesita palpitava sob as vibrações daquela palavra rápida e animada que desdobrava a seus olhos com vivos traços e cores ardentes a história de seu puro amor, história dela desconhecida, pois nunca tinha ouvido de Estácio a revelação do que sentia. Agora, escutando a narração da feiticeira, parecia-lhe que essas palavras ardentes e apaixonadas, embora passadas por voz estranha, vinham do mancebo, e ela as aceitava como dele.

Afinal quando Raquel emudeceu, e o encanto se desfez, a donzela, caindo em si, exclamou ainda trêmula de emoção:

— Foi dele que soubestes toda esta história, confessai. Outra pessoa não poderia conhecê-la!...

— Foi dele, sim; porque o seu coração como o vosso me estão abertos.

Raquel fitou os olhos na donzela:

— Ele vos quer estremecidamente!... Um amor imenso, que faria a riqueza de muitas mulheres, ele o tem por vós unicamente!... E contudo, mísera senhora, vós sois mais desgraçada do que outras que amam sem esperanças no segredo de sua alma!...

— Por que motivo?... disse Inesita estremecendo.

— Por quê?... Essa que ama sem esperança é livre, e pois tem na sua desventura o supremo consolo de pertencer-lhe eternamente. Vós, amada, sereis unida a outrem, e haveis de sofrer o maior suplício que é possível infligir à mulher!... Quem sabe mesmo se o afeto dele não se tornará em desprezo!...

— Não vos compreendo! disse Inesita calma e tranquila.

— Pois não estais prometida a D. Lopo de Velasco?

— Estou.

— E as bodas não terão lugar?

— Quem sabe quando?

— Um dia... Nesse pois vos conduzirão ao altar?

— Em meu pai o ordenando.

— E sereis esposa de outrem!...

— Não o serei jamais senão daquele que amo e venero como já desposado por esta minh'alma! disse Inesita com serena firmeza.

— Sou eu agora que vos não entendo!

— Obedecerei a meu pai como devo; mas esperarei no meu coração até o último instante. Aos pés do altar, enquanto não chegue o momento fatal de proferir a palavra santa, conservarei a fé no meu amor e na graça de Deus. Se então o Senhor abandonar-me na terra, eu irei a ele no céu para lá reunir-me àquele de quem somente sou!

— Morrereis?... perguntou Raquel com ansiedade.

A voz de Inesita respondeu como um eco sereno e mavioso, que repercute na sonora espessura da floresta.

— Morrerei!

— Ali mesmo no altar?...

— E onde seria?

— Mas como?

A donzela olhou-a admirada.

— Qual gênero de morte escolheste, que vos não obstem o intento aqueles que mais perto vos cercarem?

— Não me entendestes, creio. Quando a esperança desse amor abandonar-me de todo, ela levará após si meus espíritos, que só vivem dele e por ele. Cairei pois ali morta, nesse mesmo instante!

— Mísera senhora!... Cuidais que basta uma vontade firme de morrer para extinguir a vida em nós?... Como vos enganais!... Esta que aqui vedes já teve outrora um tempo de angústia cruel, em que a existência se lhe tornou execrável. Pensou como ora pensais. Recolheu seus espíritos e arremessou-se à eternidade com toda a força de seu querer. A morte a repudiou; enfim cobrou os sentidos, e achou-se viva. Conheceu que para partir-se deste mundo, é necessário extirpar a alma do corpo. Armou a mão de um punhal e sua mão tremeu, porque era fraca; tentou espedaçar-se caindo de uma altura sobre as pedras, e sua carne arrepiou-se com o pressentimento das dores cruas que ia padecer!...

— Na vossa ideia então eu não morrerrei em querendo? exclamou Inesita trêmula.

— Caireis desmaiada sobre a laje; eles aproveitar-se-ão do vosso desmaio para abreviar a cerimônia, e quando tornardes em vós, sereis esposa de outrem!

Inesita sentiu gélido horror percorrer-lhe o corpo:

— Mas então que é preciso para morrer? exclamou ela com ansiedade.

Raquel estava em luta cruel que há instantes começara; apertava a cabeça entre as mãos para comprimir as violentas pulsações das têmporas, e ficou assim algum tempo com o queixo enterrado no peito e os olhos cravados no chão. Afinal ergueu súbito a fronte; estranho fulgor desferia sua alma, que rutilou na centelha dos olhos e no sorriso dos lábios.

— O que é preciso para morrer, dizeis vós?...

— Sim! deveis saber; ensinai-me!

— Basta este pó que vedes aqui!

A feiticeira abriu o baú e tirara uma redoma.

— Que é isso?

— Sorve-se o que tem dentro. Vem o sono e dorme-se para acordar com Deus na eternidade!...

— Veneno!...

— Assim o chamam os droguistas; os desgraçados acham nele o maná da felicidade que Jeová chove nos desertos desta vida!

Inesita colou os lábios ao ouvido da feiticeira:

— Quereis vender-me este pó, mulher? Eu vos pagarei com esta joia!...

— Guardai vosso rico bracelete de pedrarias, que tão gentilmente orna vosso braço formoso. Se fazeis apreço deste vidro, eu vo-lo darei, mas com uma condição!

— Qual?... Falai!...

— Que me deixeis beijar-vos na face!...

Inês fez um gesto repulsivo.

— Horroriza-vos a minha fealdade; também fui moça formosa, não tanto como vós!... disse a feiticeira com uma voz dolente.

Apresentou-lhe Inês as faces e deixou-se abraçar pela velha, que lhe escondeu no seio o frasquinho.

Raquel tratou de retirar-se:

— Não irei sem vos ler a buena-dicha.

— Lede!... disse Inês com um triste sorriso.

— O túmulo vos reunirá àquele a quem amais!...

— Bem sei que já não há esperança para mim; mas espero, porque lhe prometi!...

— Esperai, sim, até o último instante; pois tendes agora em vossa mão a morte, que separa os que estão unidos, e une os separados.

Raquel parou um instante em face da menina.

— D. Inês, nobre donzela, desposada de Estácio Correia, adeus. Esta infeliz vos saúda até o dia da vossa ventura.

E desapareceu deixando a donzela perplexa entre a esperança e o desengano, a dúvida e o terror.

Raquel encontrou no portão Cristóvão de Ávila, que entrava.

Desde a partida de Estácio, que o mancebo fiel à promessa feita ao amigo, tratou de velar sobre o futuro daquele nobre e profundo amor. A primeira e natural ideia, que lhe ocorreu, foi de estreitar mais as relações em que estava com D. Francisco para assim andar mais ao fato de que passava, e mesmo reanimar a donzela, pois frágil de seu sexo e

tímida de sua natureza, ela sucumbiria na luta, sentindo-se longe de Estácio e sem o apoio de um coração amigo.

Era fácil a Cristóvão, pertencente à melhor fidalguia e muito reputado pela sua pessoa como pela sua linhagem, achar bom agasalho na casa de D. Francisco de Aguiar; contudo para que suas contínuas visitas não dessem causa a reparo, usou do pretexto de uma cessão de terras fronteiras com o seu engenho e pertencentes ao castelhano.

Naquela hora ia ele pois aparentemente para discutir com o fidalgo as condições do contrato, e realmente para trocar com Inesita algumas palavras.

A donzela apenas soube da chegada do cavalheiro, dirigiu-se à varanda onde habitualmente assistia sua mãe, e ficou como fulminada ao ouvir o que D. Ismênia dizia naquele instante:

— Como a um amigo de casa, me apresso em comunicar-vos a nova importante, Sr. Garcia de Ávila.

— Qual nova, dona e senhora?

— Das bodas próximas de nossa filha D. Inês com D. Lopo de Velasco!...

— Ah! e para quando estão marcadas?

— Para daqui a duas semanas, no domingo da Pascoela. Aproximai-vos, Inês; vinde saudar o cavalheiro!

Cristóvão por cortesia ergueu-se pronto para ir ao encontro da donzela, aproveitando o ensejo para encobrir sua perturbação. Quando ele se inclinava em face da moça, essa murmurou com um olhar de exprobração:

— Era para isso que me mandastes ter esperança, Sr. D. Cristóvão?...

— A nova surpreendeu-me como a vós, mas não está ainda tudo perdido.

— Que resta?

— Em nome de Estácio, senhora, vos digo e mando que espereis até o último instante, até que eu ou ele próprio remeta à sorte a missão de salvar-vos!

— Eu lhe prometi! Esperarei, mas sem confiança!...

— Talvez não mais tarde que amanhã ela renasça em vosso coração.

Cristóvão abreviou sua visita e partiu logo sem esperar por D. Francisco.

— É chegado o momento! disse ele.

De volta à casa, fez selar o seu melhor cavalo, e saltando ligeiro na sela, partiu a galope na direção do Brejo, cujo caminho atravessou com a rapidez de uma seta. Uma hora decorrida, apeava na porta da quinta de D. Lopo de Velasco.

O comendador o recebeu com a cordialidade usada entre fidalgos.

— A que feliz acaso devo eu a fortuna de vossa visita?

— Acertastes, comendador; feliz acaso! Soube neste instante que correis iminente perigo, e apressei-me a dar-vos aviso.

— Já vos rendo graças pela fineza, mesmo antes de saber a casta do perigo.

— Contaram-me, pouco há, na cidade, que iam correr os banhos de vosso consórcio com D. Inês de Aguilar, com quem estais justo e contratado para daqui a duas semanas.

— É exato, cavalheiro! Mas que tem isso com...

— É este justamente o perigo!

— Ah! é este!... exclamou Lopo surpreso.

— Se quereis meu conselho, retardai esse consórcio dois meses, dois anos... E melhor seria renunciar a ele!

— Por que motivo, não me direis, Sr. Cristóvão de Ávila?...

— Um homem há que se opõe a ele...

— Deveras!... Com que autoridade?...

— Reserva ele a razão de seu proceder para Deus e sua consciência.

— Entendo! Ressalva a reputação da nobre donzela!... E esse homem naturalmente é o Sr. Cristóvão de Garcia de Ávila?

— Ele próprio, e decidido, pesa-me de o dizer, a não deixar-vos entrar a porta da igreja, senão passando pelo fio de sua espada!...

O comendador cortejou:

— Já que assim vos apraz, abrirei caminho à minha ventura através do peito leal de um tão valente cavalheiro; mas crede-me, a dita que me espera ao lado de tão prendada esposa, não apagará a dolorosa lembrança do sacrifício que me ela vai custar.

— Na cortesia sois invencível, comendador; espero que não o sereis tanto em outra justa! Quando desejais que averiguemos isso?

— Estou às vossas ordens para quando determinardes!

— Penso que o mais depressa será o melhor! A honra de bater-me com tão bravo campeão, compreendeis, que me deve tornar impaciente.

— Tanto mais, quanto é impaciência, que eu partilho!...

— Pelo que respeita ao motivo da contenda, suponho escusado que o saibam.

— Sem dúvida; dois cavalheiros têm o direito de se trespassarem mui honradamente sem necessidade de dar contas ao vulgo.

— Bem ponderado! Contudo sabeis que gente há bisbilhoteira que se ocupa em esmerilhar as coisas, e é tão fina, que as inventa quando as não descobre! Dessa tenho eu muito receio; e para derrotar-lhe a curiosidade, não fora mau cobrir com algum pretexto notório a nossa querela real!... Se porém isso vos desagrada!...

— Ao contrário; ninguém mais deve velar a reputação de D. Inês do que seu futuro esposo; estava sim pensando no pretexto de que falais, e creio que o achei!...

— Melhor!... Poupais-me o trabalho de inventar.

— É hoje quarta-feira. Domingo darei uma grande caçada em minhas terras. Sois meu convidado e a ela assistireis. Na volta censurai a minha pontaria ou tachai o meu melhor veadeiro de podão; e vos prometo que tereis ali mesmo a

resposta. Então pé em terra, espada ao ar, e à sorte das armas. Vos serve este meio?...

— Às maravilhas! Contanto que entre o dia de hoje e domingo não celebreis clandestinamente o consórcio.

— Cavalheiro!... Agora me ofendeis e gravemente. Desde que aceito vosso repto por uma causa, escapar a ele, por subterfúgio, seria indigno!...

— Assim o acreditava de vossa parte, mas para minha tranquilidade queria ouvi-lo.

— Estou pronto, se exigis, a desembainhar já neste momento!...

— Comendador, vossa mão! Até domingo!

— Até domingo! Asseguro-vos que teremos uma bela caçada, a qual muito me penalizaria perder, mais do que...

O comendador ia dizer, seu casamento; porém reteve-se a tempo.

— Mais do que dez mil cruzados; porém menos do que a vossa estima!

Cristóvão despediu-se e partiu. No caminho cruzou com um jesuíta que trotava modestamente em mula. Era o P. Figueira, que informado por seus agentes do próximo

casamento de D. Lopo de Velasco com Inesita, e obedecendo às recomendações do P. Molina, vinha insinuar-lhe que adiasse a realização para mais tarde, até a volta do visitador.

Sabedor da resistência que fizera o fidalgo a esse consórcio, não esperava o jesuíta achar nele o menor obstáculo, antes favor e facilidade ao adiamento proposto. Qual não foi pois seu espanto ouvindo em resposta estas palavras terminantes:

— Nunca me passou pela ideia casar-me; foram lá vossos superiores que me encasquetaram isso na cabeça. Agora queiram eles ou não, a coisa se há de fazer no dia marcado e por minha conta própria!...

O frade quis replicar:

— Assim o tenho decidido, padre-mestre; é escusado insistirdes. Mudemos de assunto!... Ao jantar heis de provar de um certo prato à brasileira de minha invenção, sobre o qual desejo o vosso voto de entendido.

O Reverendo P. Figueira não teve remédio senão consolar-se da sua derrota diplomática nas delícias gastronômicas da opípara mesa do comendador.

Quando a brisa mais fresca desfolha antes de tempo a flor ainda viçosa, a haste onde antes se embalçava docemente a fragrante e mimosa criatura, fica descoroadada de sua beleza. Uma corola esborcinada, despida de suas brilhantes galas, e estanque de aromas, é quanto resta da flor: seu cadáver. Talvez ainda com a seiva da árvore vingue desse pólen um fruto fanado e mesquinho; porém não mais estilará aí um perfume, nem espontará uma pétala. A flor morreu.

Como essa flor era agora o amor de Cristóvão. A bonina do seu coração, mau sopro a desfolhara, deixando o cálix nu e triste. Sem dúvida ainda queria ele a Elvira, como à esposa sua que não tardaria de ser; porém os sonhos azuis, os devaneios suaves, as esperanças douradas, pétalas e perfumes das rosas de sua alma, essas se tinham esvanecido. Passara rápida e melancólica a primavera dessa flor de sentimento; já estava no seu outono, na queda das folhas, quando assomam no horizonte as primeiras brumas.

É certo que a história do amor é sempre essa; folha, flor, fruto, doce ou amargo: esperança, gozo, saudade ou remorso. Mas quando o coração passa gradualmente pelas suas diversas fases, ao chegar à estação calma e serena, já está saciado de delícias; não lhe faltam então as gratas reminiscências para semear sobre a monotonia do presente.

Vêm os arrebois que douram as sombras da tarde; vem o recordo, essa evocação do passado embelecida pela imaginação.

Cristóvão saltara bruscamente da folha ao fruto: seu coração quase não tivera flor; o tempo das cores e dos aromas fora uma hora só e essa angustiada. Amante apenas, ainda não desposado, parecia-lhe que Elvira era sua esposa desde muitos anos.

Não lhe inspirando já seu próprio amor as ilusões douradas que na sua idade são uma expansão essencial à imaginação, as buscava no amor de Estácio e de Inesita. Esse puro afeto, sobre cujos destinos fora pelo amigo incumbido de velar, era como um poema para ele; toda a poesia, que outrora esparzia em seus devaneios, concentrara naquele assunto. Afora as emoções do amigo, sentira ele, acompanhando os acidentes daquele afeto, o desvanecimento do autor inventando a fábula de gracioso conto.

Desde que Estácio partira, seu tempo era assim dividido.

Por manhã fechava-se na sala d'armas, e aí esgrimia muitas horas com escudeiros peritos no manejo da espada. A razão desse novo hábito introduzido em sua vida e seguido com a maior pontualidade, ele próprio talvez não a soubesse. Essa razão era um misto de várias causas. Por ocasião da luta que sustentara no terreiro de D. Luísa, refletira o mancebo que se mais forte e ágil fosse no jogo das armas, não correria tão

grande risco. A prudência e seu amor-próprio lhe aconselhavam pois aquele exercício, que ao mesmo tempo fornecia algumas horas de distração à sua alma desconsolada. Afinal resolvido a defender o amor de Estácio a todo transe, ele acreditava que morrer pelo amigo não seria bastante; era preciso vencer por ele e conquistar-lhe a ventura. A espada pois, que cingia, e agora se tornara de guarda de sua honra e vida, a esperança da felicidade do amigo, era necessário que ele a manejasse de modo a ter nela plena e absoluta confiança.

A prática foi sempre a grande mestra da arte. Cristóvão, que era já uma das primeiras espadas da Bahia, tornou-se sem contestação a primeira, depois daquele contínuo exercício. O próprio Estácio, que pudera ser seu mestre, talvez não fosse já senão seu superior.

Ao deixar a sala d'armas, saía Cristóvão. O resto da manhã era dedicado ainda a Inesita e Estácio. Ou apresentava-se em casa de D. Francisco, para ver a donzela e reanimar-lhe a esperança; ou indagava dos amigos e conhecidos as novas do dia, receando que lhe anunciassem a próxima realização do casamento do comendador.

A tarde e a noite pertenciam a Elvira. A tarde, à Elvira de agora, à mísera convalescente, que lentamente tornava à existência da grave enfermidade; passava essas horas junto à donzela; ele vexado, ela pensativa; mudos ambos, quando não arrastavam um frouxo diálogo sobre coisas indiferentes.

A noite, à Elvira de outrora, ao anjo dos puros e castos amores, que se escondera nos seios de sua alma; eram as horas da cisma e da meditação, que ele passava em seu aposento, à luz das estrelas, desde que voltava de casa de D. Luísa até vencê-lo o sono da fadiga.

Partira Garcia d'Ávila da quinta do comendador, e chegou à cidade, tendo em caminho encontrado o P. Figueira.

Encaminhou-se para a casa de mestre Cabral, licenciado em física, o mais reputado dos discípulos de Esculápio que havia então na cidade do Salvador, e do qual já se fez menção nesta história.

— Sr. licenciado, venho consultar-vos um caso!

— Estou sempre à obediência do sr. cavalheiro.

— Preciso que me informeis qual golpe ou ferida pode acamar um homem por dois meses?

O físico arregalou os olhinhos.

— De que vos espantais?

— Meu ofício é pensar e não dar golpes, sr. cavalheiro!...

— Também os dais quando é preciso para sarar o corpo! Esse é o caso. É verdade que tais golpes pagam-se melhor que as receitas; e por vossa segurança guardai esta bolsa.

O licenciado recolheu a bolsa, e objetou depois:

— A questão não é de paga, sr. cavalheiro; mas de consciência. Os golpes que eu dou são de bisturi; e vós me falais, se me não engano, em golpes de espada.

— Sem dúvida; são os de meu ofício.

— Bem vedes que vos não posso ajudar a fazer mal ao próximo.

— E se vos eu disser que é bem!

— Ah! se o sr. cavalheiro me promete não fazer mau uso do meu conselho...

— Oh! aplacai vossos escrúpulos, mestre Cabral. O caso é de consciência!... Tenho em minha mão os dias todos que restam a certo indivíduo; mas como não careço de tanto, e só de sessenta, recorro à vossa perícia, pois sem ela corro o risco de exceder a conta. Entendeis o negócio?...

— A falar verdade, ainda não. Se o cavalheiro quisesse aclarar melhor o caso...

— Pois não. Deixai-me ver a bolsa que vos dei.

O físico fez uma careta, e como se vomitara sangue do pulmão, escarrou a bolsa do peito do gibão.

— Aí estão não sei quantas moedas, vinte pelo menos. Posso guardá-las todas comigo, pois não as ganhastes, recusando-me o conselho pedido; mas suponde que desejo apenas tirar duas, e vos peço que me ajudeis a separá-las... Entendeis agora?

— Perfeitamente! Então são dois meses?

— Nunca menos!

— Para determinar com certeza é preciso conhecer a pessoa.

— Um homem de trinta anos, robusto, antes bilioso que sanguíneo, como dizeis em vossa algaravia.

— E o ferro que há de servir à operação?

— Aqui o tendes!

Cristóvão desembainhou a espada e pô-la sobre a mesa, aos olhos de mestre Cabral.

Este resmungou.

Afinal concluiu:

— Duas polegadas de profundidade na clavícula, rasgando para cima; são dois meses de cama, sendo o golpe convenientemente pensado por pessoa do ofício.

— Sereis vós quem terá esse encargo!

— Mas, sr. cavalheiro...

— Aqui tendes as duas moedas que saíram da bolsa. Quanto à cura, além do que receberdes do enfermo que é rico e generoso, pagar-vos-ei em dobro. Domingo próximo pela madrugada estai pronto, de mula selada à porta, que mandarei por vós.

Cristóvão saindo acrescentou:

— Escuso recomendar-vos segredo, pois é dever do ofício. Afiai a lanceta, mas embotai a língua.

— Não haja cuidado.

Dali foi o mancebo ver Elvira, com quem passou as horas merencórias da tarde.

No dia seguinte, logo pela manhã, encerrou-se ele na sala d'armas com Afonso. O escudeiro envergava um desses corpos de algodão, muito usados naquele tempo no Brasil, de preferência às couraças de metal fabricadas no Reino; porque estas, além de mais pesadas e incômodas, tinham o inconveniente de repelir com força os arremessos das setas e dardos, que resvalando pelas faces polidas, iam ferir os próximos combatentes; enquanto que as outras embotavam o golpe.

Sobre o ombro direito estava cosida uma chapa de pita ou cortiça, que devia servir de alvo à ponta da espada. O combate começou; o escudeiro defendia-se com toda a vigilância e destreza; não obstante foi tocado primeira, segunda, terceira vez. Cada volteio que fazia a lâmina do cavalheiro embebia-se no alvo; mas a dificuldade não era essa, e sim medir com certeza a profundidade do golpe.

Chegou afinal o domingo emprazado para a caçada.

Cristóvão, trajando luzidas roupas, apropriadas à festa, montou seu fogoso e brilhante cavalo tordilho, e partiu para São Gonçalo acompanhado de dois pajens trajados com as cores de sua casa. Na altura do Carmo encontrou ele o licenciado Cabral, que chotava na clássica mula, em companhia do escudeiro Afonso que o fora buscar.

A manhã estava linda; a alvorada apenas vinha rompendo. Ao longo do caminho que serpejava por entre o viçoso arvoredo, os saís e os coleiros voando dos ninhos, preludiavam o raiar da alvorada; e as flores silvestres da manga e do cajá abriam a caçoula de seus perfumes. O mancebo atravessava por essa galeria verdejante, como pela nave cheia de harmonia e incenso de um templo cristão; a serenidade voltara à sua alma; ele sentia-se quase alegre; e uma vez a ilusão que o possuía desenhou-lhe a cena da celebração do casamento de Inesita com Estácio.

Cristóvão revivia nos amores daquele par gentil os santos entusiasmos que lhe não inspiravam mais seus próprios afetos.

Na quinta do comendador já estavam reunidos muitos convivas; outros iam chegando quando Ávila com sua comitiva entrou a larga porta do pátio. O mancebo foi recebido com efusão de cordialidade por quantos ali estavam, que todos o prezavam pelos seus dotes de cavalheiro, e muitos se honravam da sua amizade. Uns o felicitavam pela sua ressurreição, outros gracejavam cortesmente sobre as melancolias dos namorados e o gosto repentino que tomam pela soledade; todos se alegravam com sua companhia.

Passado o primeiro instante de confusão trazida pelas recíprocas saudações dos que chegavam, e pela aglomeração das comitivas, foi logo notada a presença agoureira do licenciado, cujas vestes negras e rosto de pergaminho destacavam como um borrão no meio dos trajés garridos e vistosos, e dos semblantes alegres e prazenteiros.

Os convivas se entreolhavam, buscando na fisionomia de cada um a explicação daquela singularidade. Garcia se apercebeu:

— Senhores, requeiro uma parte do bom agasalho, que me fazeis, para o senhor licenciado, e conto que a não

recusareis, apesar da repugnância que vos causam os seus récipes e emplastos.

— Teremos este cuidado, independente de vosso pedido, para que não nos carregue a mão quando lhe cairmos debaixo dela.

Um murmurou ao ouvido:

— Que ideia foi a vossa de trazer este mata-são a uma caçada?

Cristóvão sorriu:

— Trouxe o senhor licenciado comigo para decidir uma aposta que fizemos sobre a caçada.

— Ah!

— Qual aposta?

— Apostei cem moedas com o comendador, que hei de varar o veado, metendo-lhe o estoque na gorja sem lhe ferir veia ou nervo.

— E eu parei cem moedas em contrário! exclamou uma voz sonora.

O comendador assomara no patamar, galhardo de sua pessoa varonil, resplandecente das sedas e veludos que o

vestiam. Descendo os poucos degraus de pedra veio apertar a mão de Cristóvão e dos mais convivas:

— A cavallo, senhores!... O sol desponta; é a hora em que o cervo deixa a malhada!

Os cavaleiros saltaram lestos sobre a sela; e a luzida e formosa cavallhada desfilou pelo vale, à doce luz da manhã. O trem de caça, matilhas, pajens, monteiros, guardas, havia partido ainda noite para o couto.

Uma ocasião Garcia emparelhando seu cavalo com o do comendador, encetou a conversa:

— Que tempo loução, D. Lopo!

— Soberbo, D. Cristóvão! Melhor monção de caça não podíamos ter! Ventos escassos, dia claro, mas fresco!

— Quereis que vos diga! Esta gentil manhã está me afogando o coração em ternuras!

— Não cuidei que fôsseis tão dado ao sentimento.

— Pois não, D. Lopo. Quando penso que a natureza se enfeitou hoje destes céus tão azuis, destes prados tão verdes, destes ares tão límpidos, para despedir-se da gente e fazer-nos saudades!

O comendador se voltou surpreso a ver se o cavalheiro falava sério; mas topou com um gesto prazenteiro e um sorriso farsola que não enganava.

— Desenfeitiçai-vos, D. Cristóvão! É uma casquilha, a vossa natureza, que a todos se requebra. Bem faço eu que não a cortejo.

— Folgai embora! Eu não sei que ideias negras me assaltaram!... Esta noite, antes de deitar-me, escrevi meu codicilo!

— Decididamente caís na elegia, cavalheiro. Disseram-me já que tínheis queda para a poética. Cultivastes o madrigal! Agora mudais de gênero!

— Gracejo à parte, comendador; escrevi meu codicilo, e como nele me lembrei de vossa pessoa, quero dar-vos comunicação do seu contexto.

— Bem!... Me instituístes vosso herdeiro universal.

— Minha mãe havia de querelar do testamento. Mas a terça, de que posso dispor, leguei-a em vossa tenção!

— Para que com ela vos mande dizer missas?

— Pouco mais ou menos. Ides ver; a minha terça anda em uns vinte mil cruzados; instituí herdeiro dela qualquer que seja nobre, e queira vingar a minha morte, já se sabe, em

combate leal. Caso ele sucumba, como eu, passará o legado por substituição a outro e outro, e assim sucessivamente até que vos enviem a fazer-me companhia no outro mundo, ou que renunciéis à mão de D. Inês de Aguilar!

— A lembrança é engenhosa! retorquiu o comendador mordendo o bigode e parando o cavalo para fitar seu interlocutor.

— Não vos parece?... Vinte mil cruzados já é uma soma boa, e cavalheiros pobres e destros no manejo de espada não faltam na terra! Todos os dias estão chegando do Reino!...

— Cavalheiro, disse D. Lopo com ar severo, entraria em vosso pensamento a ideia de assustar-me?... Me supondes alguma criança que tem medo de almas de outro mundo!

— Longe de mim tal ideia!... Sei que em negócio de honra não recuareis, nem mesmo diante de um canhão aceso! Se vos fiz esta comunicação é para que depois do nosso encontro façais as vossas reflexões sobre o número das vítimas humanas que têm de ser sacrificadas em holocausto ao vosso himeneu. Talvez essa consideração vos mova mais que o meu conselho.

— Então o negócio é para vós de vida e morte?

— Dizei de vidas e mortes!

— Bravo, D. Cristóvão. Bater-nos-emos até à décima geração!...

Chegada a cavalgata ao couto, foi a caça levantada; a corrida começou, dirigida, conforme todas as regras da nobre arte da monteria, pelo comendador. O herói da festa era um veado-galheiro, cuja fronte altiva coroava a alta e rija armação. Por muitas horas esse velho rei da mata zombou da velocidade dos fogosos ginetes e do faro dos cães; afinal, depois de uma batida contínua, exausto de sede e fadiga, arrimou-se a um tronco seco e voltou-se para fazer face à matilha; suas pontas agudas rasgaram o ventre a dois ou três cães; depois desfalecendo vergou a cabeça ao peso dos galhos e arquejou.

Garcia e Lopo chegavam a galope e com eles a chusma de caçadores. O mancebo, a quem fora designada a honra de dar o golpe de misericórdia, como aquele em tenção de quem era a caçada, recebendo do Monteiro-Mor o estoque, embebeu-o no pescoço do veado.

— Perdeste a aposta! exclamaram logo muitos cavalheiros.

— Nem é preciso que o físico decida!

— Nada, disse Cristóvão; sem o voto dele não me dou por vencido.

— Assim deve ser.

Foram em busca do licenciado que estava dormindo na sela sobre a paciente mula, e o trouxeram ao campo da contenda. Bem quis o discípulo de Esculápio, nas suas funções de árbitro, pender em favor de quem o pagava; mas a coisa seria calva demais; decidiu pois que a artéria do veado fora traspassada pelo estoque.

— Desde princípio que tive o páreo perdido por vós, D. Cristóvão.

— Sem dúvida; era quase impossível!

— Não percamos o tempo, que é precioso!

Isto disse Cristóvão rindo, e olhando o comendador de um modo significativo:

— D. Lopo, sou vosso devedor por cem moedas!

— Nunca foi minha intenção recebê-las, pois tinha a certeza de ganhá-las, D. Cristóvão. Blasonastes de vossa habilidade, e eu tomei-vos sobre a palavra para melhor convencer-vos de vossa sem-razão.

— Senhor D. Lopo, não estou acostumado a receber lições, e muito menos esmolas!

— Parece que estais despeitado com a perda da aposta.

— Recebereis as cem moedas ou me dareis satisfação da afronta.

— Estamos no terreno; temos padrinhos à escolha.

Debalde se interpuseram os convivas, com especialidade D. Francisco, para conciliar os dois cavalheiros. Foram ambos inflexíveis; forçoso pois foi darem campo aos combatentes, servindo de mantenedores o castelhano e o alcaide.

D. Lopo não era uma espada de primeira força, conquanto tivesse um jogo regular. Garcia reconheceu logo sua imensa superioridade sobre o adversário; e demorou-se em saborear a vitória.

— Decididamente não quereis receber as cem moedas, D. Lopo?

— Se vos pesam, atirai-as aos lacaios, cavalheiro!

— Bem sei, rico senhor, que não fazeis caso dos pobres! Mas todo vosso grosso cabedal não vale o meu pouco, porque com ele não recuperareis o que vão custar-vos as minhas dobras.

— Que é então que elas vão custar-me, gracioso senhor?

— Nada menos que um olho!

— Sois jocosos!

— Ficareis como o nosso Camões! Ai!...

— Que há?

— Quase vos espetastes na minha espada!

— Não tenhais cuidado!

— Mas pensando melhor, desisto. As damas não me perdoariam jamais o ter desfigurado tão guapo e gentil cavalheiro!

D. Lopo ocupado com o jogo, o qual reclamava todos os seus sentidos, não pôde mais dar a réplica aos gracejos de Cristóvão, que já começavam a irá-lo.

— Ficareis sem este senão, D. Lopo; mas em troca haveis de estar acamado dois meses, isto é, sessenta dias, para refletir nas consequências de vossa pertinácia!

Mestre Cabral, que ali estava perto, de amarelo tornou-se verde.

— No primeiro dia depois do vosso restabelecimento, me fareis a honra de assistir a uma caçada em minhas terras de Matoim, onde vos prometo que atravessarei um veado sem lhe ferir nervo nem veia. Não será festa tão luzida como as que costumais dar; mas escusareis a singeleza. Estais convidados, senhores, para esse dia, e conto convosco!...

— Com a breca! Acabemos com isto de uma feita, senão acharemos o jantar recozido!

— Pois seja como dizeis. Aí vai, ao ombro esquerdo, no jogo do braço... Sentistes?

A espada de D. Lopo saltou-lhe da mão, e o braço caiu inerte ao longo da ilharga, ao passo que a dor o obrigava a arrimar-se ao ombro dos pajens para não tombar.

— Mestre Cabral! gritou Cristóvão enxugando a espada.

— Que achais? perguntou D. Francisco.

— Duas polegadas de profundidade, rasgando sobre a clavícula sem ofensa de nervo ou artéria.

— Mas é perigoso?

— Nada! Demanda apenas um curativo de dois meses.

— À casa, senhores! exclamou o comendador. O jantar nos espera. D. Cristóvão, aceito o vosso convite! Daqui a dois meses! Está dito, senhores.

— Por Santiago, que o caso é galante. Daqui a dois meses.

Arranjaram ali umas andas com ramos verdes para transportarem o comendador, o qual apesar da febre que sobreveio, ainda fez durante alguns momentos as honras de

sua casa, estendido em um leito de campanha, até que por conselho do físico o recolheram à sua câmara.

À noite, D. Francisco chegando à casa comunicou à mulher o ocorrido, observando que as bodas sofriam com esse acidente uma demora de dois meses. Inesita, que o ouvia de parte, agradeceu a Cristóvão o alívio que lhe dera; mas lamentou o triste acontecimento de que fora vítima uma criatura, a quem ela não odiava senão porque a isso a forçavam.

Os dias correram então mais calmos para a donzela; embora a ameaçasse ainda a desgraça, ela esperava sempre em Deus e na volta de Estácio. Mas foi-se o tempo escoando; a convalescença do comendador prosseguia; os dois meses estavam a findar.

João Fogaça chegou de volta de sua expedição. O P. Molina conseguira escapar-lhe, graças à boa cavalgadura, e recolhera à Bahia; o capitão de mato vinha-lhe no encalço, e entrou na cidade na tarde do seguinte dia.

Cristóvão levou a Inesita as notícias que seu colação lhe trouxera de Estácio. Sentiu a donzela apertar-se-lhe o coração, sabendo que seu amante estava tão longe dela quando a hora, em que seu mútuo destino devia decidir-se, aproximava; mas havia em sua alma uma esperança que surgia sempre nos instantes da desesperação, para lhe restituir a calma.

Enfim chegou o dia do restabelecimento de D. Lopo de Velasco.

O comendador e todos os seus convivas, inclusive D. Francisco, compareceram à casa de Garcia em Matoim. A festa foi esplêndida, e excedeu na riqueza e concerto às melhores que se davam na Bahia por aquele tempo. D. Lopo foi agasalhado como aquele em tenção de quem era o banquete.

Quando se retiravam todos, tomou Garcia ao comendador pelo braço, guiando-o até sua comitiva:

— Então, comendador, não renunciáis à mão de D. Inês?

— Mas isso é negócio já resolvido, D. Cristóvão.

— Neste caso recomeçaremos!

— Se exigis!

— Sem dúvida!...

— Estou sempre ao vosso dispor.

No dia seguinte batiam-se de novo os dois fidalgos; e o comendador era novamente ferido no quadril e condenado a mais dois meses de cama. D. Lopo se atirara com fúria sobre o antagonista resolvido a feri-lo ou succumbir de uma vez. Ele preferia a morte ao suplício de um curativo lento,

insuportável a naturezas ativas e vigorosas como a sua. Mas Cristóvão, que desde o primeiro desafio continuara a exercitar-se e adquirira maior perícia ainda, burlou todos os esforços do antagonista.

Conduzido a casa o ferido, Ávila enviou-lhe imediatamente mestre Cabral, cujos salutaes avisos é natural servissem para a perfeição do golpe, como da primeira vez sucedera.

De volta à cidade, o mancebo ao passar no Largo da Sé viu um palanquim fechado que entrava na igreja; e reconheceu, nos portadores, escravos de D. Francisco de Aguilar, embora não trouxessem eles a libré da casa. Curioso de saber se Inesita ali estaria com a mãe, foi até a porta da Sé; e daí avistou o palanquim arreado ao pé do confessionário. Um jesuíta, meio inclinado junto à portinhola, falava com vivacidade.

— Veio à desobriga! murmurou Cristóvão afastando-se.

Era costume naquele tempo irem as damas assim ocultas à igreja para se desobrigarem do sacramento da penitência, e pois não lhe causou aquele incidente grande reparo. Se porém se lembrasse do costume de terem as casas principais seu confessor privado, e a de D. Francisco o tinha em muito apreço na pessoa de Fr. Carlos da Luz; se lhe ocorresse a indisposição que existia entre os senhores de engenho e os padres da Companhia, não lhe passara tão desapercibido o incidente.

Depois de longa prática, o palanquim, onde ia D. Ismênia com sua escrava de confiança, tomou para Nazaré; o P. Molina, pois era ele o confessor, voltando ao Colégio, montou a possante mula, e encaminhou-se para o sítio de São Gonçalo a visitar D. Lopo de Velasco.

Na tarde deste mesmo dia foi Cristóvão à casa de D. Francisco. O fidalgo o agasalhou com a costumada cordialidade; até àquela hora ignorava o ferimento de D. Lopo; e pois gozava de satisfação do completo restabelecimento, que prometia a pronta celebração do consórcio. Irritado pelos sucessivos obstáculos que surgiam à realização de um acontecimento tão desejado, o castelhano, com o gênio ardente e insôfrego de que era dotado, resolvera apressar a cerimônia.

Comunicava naquele instante suas intenções, as quais se refletiam no semblante de sua mulher em desusada preocupação e na fronte da filha em uma sombra mais espessa de melancolia.

Cristóvão entrando adivinhara o que passava; e aguardou o ensejo de serenar Inesita, dando-lhe parte do acontecido.

Abriu-se a porta; um pajem entrou com uma carta.

Mandava-a o comendador:

*Parece que a Divina Providência se opõe à realização do nosso mais caro voto, pois me lançou de novo, e quem sabe por quanto tempo, no leito da dor, donde esta vos dirijo. É urgente que vos fale hoje mesmo; armai-vos, como eu, de indulgência e resignação aos decretos do Altíssimo.*

D. Francisco amarrotou o papel, irado ao último ponto; depois abrindo-o, colocou-o diante dos olhos da mulher que a muito custo soletrou as poucas linhas da carta:

— Vede, D. Ismênia, se não é para fazer perder a paciência a um santo!

— Penso eu que D. Lopo diz verdade!... A vontade do céu não é que estas bodas se façam!... Não tentemos a Deus, D. Francisco, que nos pode ele castigar e bem duramente!...

O castelhano olhou surpreso para a mulher, enquanto Ávila, aproveitando a ocasião, falava à puridade com Inesita.

— Que razões são estas que vos ouço, senhora? Pois não fostes vós sempre a mais interessada neste casamento e a primeira que se dele lembrou?...

— É certo, enquanto cuidei que fosse conforme com a vontade de Deus e a ventura de nossa filha. Mas vejo agora o contrário, e para tudo vos dizer, senhor, Inesita pôs seu cuidado em outro, que bem a merece!

— E esse outro não direis quem seja, já que tão bem informada estais?

— Se já o sabeis!... É aquele valente mancebo que aqui entrou há tempos e o disse em presença de todos nós.

— Estácio Correia! exclamou D. Francisco com soberbo alto de voz.

A este nome, Inesita e Cristóvão estremeceram e ficaram suspensos dos lábios dos dois esposos:

— O mesmo! respondeu D. Ismênia. Inesita e ele se querem. Os sinais da proteção, que Deus lhes dispensa, são visíveis; devemos pois nos submeter à vontade celeste, abençoando a ventura de ambos.

Inesita, assunta da violenta emoção, permaneceu um instante naquele rapto de sua alma, librando-se entre o céu de delícias para onde estava a desferir o voo, e o abismo de amargura e desespero em que ameaçava de novo sepultar-se. Quanto a Cristóvão, sua esperança fora rápida e fugaz; porque durante que falava D. Ismênia, ele vira a cólera funda e terrível que se condensava no afogueado semblante do fidalgo, e lhe embargara a voz um instante:

— Senhora, não proferi estas loucas palavras que são praga contra a nossa filha. Pois eu vos juro que se tal acontecesse, a maldição paterna a perseguiria pela eternidade!...

— Ah!...

Grito pungente rompeu do seio de Inesita, agora desfalecida nos braços de uma escrava. Cristóvão ficou ali, mudo espectador da cena, a olhar triste e merencório o pálido semblante da donzela. D. Francisco saiu arrebatado.

Quando Inesita voltou a si, ouviu-lhe Cristóvão um mavioso queixume:

— Só me resta morrer!...

— Ânimo e esperança! acudiu Cristóvão.

— Jamais, jamais serei de Estácio na terra! murmurou ela estremecendo ainda à voz da maldição paterna.

Vamos caminho do Colégio.

Entrada a larga portaria, saudemos o nédio e pachorrento Irmão Bernardo; depois subindo a escadaria de pedra e enfiando o longo corredor, chegaremos à cela do P. Molina.

Ali está o visitador, com os cotovelos fincados na banca de jacarandá, as mãos espalmadas na larga frente pensativa e o olhar vivo coando pela fresta dos negros cílios abatidos.

Medita o grande pensador.

Como a fênix, seu espírito renasce das próprias cinzas. Derrocada sua obra pela súbita intervenção de João Fogaça, o visitador obrigado a ceder à força, buscara asilo na cidade da Bahia. Salvava o roteiro, é certo; mas este agora estava reduzido a uma simples curiosidade.

De feito não só possuía Estácio a cópia dele, bastante para o guiar à jazida oculta das minas de prata; mas com a ideia que tivera o mancebo de apagar os vestígios e destruir os marcos deixados pelo pai, ficara sem nenhuma serventia o antigo manuscrito.

Era já impossível evitar que Estácio fizesse a descoberta das minas; e pois ainda que o jesuíta, ajudado da informação do P. Manuel Soares e de alguma indicação do roteiro, viesse

ao cabo da empresa, não lograria o desejado efeito. O mancebo com certeza se havia de apresentar ao governador, ou mesmo a El-Rei com sua descoberta; e então mal iriam os negócios da Companhia.

Estácio era pois no momento atual, como fora em princípio, antes da posse do roteiro, o eixo da empresa; era necessário amoldá-lo; se de todo não coubesse isso no possível, então forçoso seria suprimi-lo, como um obstáculo. Ainda não tinha o espírito do visitador encarado esta segunda face do plano; por enquanto só trabalhava no primeiro desígnio.

Conhecia bem o jesuíta ao mancebo; já por diversas vezes, e sobre todas no Presídio de Santa Luzia, tomara o pulso àquele ânimo vigoroso. A luta engrandecia essa personalidade já de si opulenta, e lhe imprimia uma espécie de eletricidade moral. Não era que tal campeão atemorizasse o visitador; sentia-se ele com forças para o abater; mas destruir é uma coisa e outra mui diversa o vergar.

O coração de Estácio, como o cerne do robusto madeiro, só era flexível ao calor de um fogo doce que o embrandecesse. Grande chama podia abrasá-lo; não o inclinava. Resolveu pois o visitador tocar aquela alma pela generosidade e simpatia.

Trabalhar pela felicidade do mancebo, realizar as radiantes esperanças de seu amor, obter-lhe o impossível, a mão da

nobre e formosa D. Inês, e esquivar-se na sombra, porém de modo que o mancebo lobrigasse o vulto de seu generoso protetor; essa foi a engenhosa traça combinada pelo jesuíta.

Consequência do plano assentado, era já a confissão de D. Ismênia, à qual sua palavra poderosa havia inspirado a força de pleitear em face do marido a causa de Estácio. Era também a carta de Lopo de Velasco a D. Francisco, notada e escrita do próprio punho do visitador.

É na seguinte manhã que achamos o P. Molina em atitude pensativa junto à banca. A maior porção de seu espírito se engolfa na meditação, novamente passando e repassando as probabilidades e circunstâncias de seus desígnios. Um raio porém de exuberante inteligência destaca, e filtrando no olhar, discorre em torno alerta e vivo. Admirável duplicidade do espírito, que é dom raro das organizações escolhidas.

Não era fácil de perceber o que assim distraía fora uma fração da mente recolhida do jesuíta. O aposento estava deserto, como a rua, para onde abria a janela do cubículo; nem um rumor, nem um vulto cruzava no espaço cheio de silêncio e claridade. Aos olhos do P. Molina porém não escapou, longe, na penumbra das folhas de um alto coqueiro de vizinho horto, certa mancha mais escura.

Desde sua chegada à Bahia percebera o frade que João Fogaça lhe tecia uma rede em torno. A cada instante ele

sentia a vigilância do capitão de mato, que o envolvia como um ambiente. Foi necessário que o jesuíta se tivesse constantemente sobre as guardas para frustrar os esforços do adversário.

O capitão de mato tomara em ponto de honra o restituir a Estácio o roteiro, e desferrar-se do logro que lhe pregara Molina.

Chegado à Bahia, foi-se à casa de Mariquinhas, sua mulher, a quem abraçou:

— Afinal, eis-vos de volta, João! exclamou a moça.

— Para vós, não, Mariquinhas, ainda não voltei!

— Que dizeis com isto, que vos não entendo?

— Enquanto me não desempenhar cá de um negócio de honra, que me traz zonzo, não poderei entregar-me a vós, como tanto anseio.

— E por que então?

— Porque não prestarei para nada mais, se não for querervos com todas as forças de minha alma. Já sois minha mulher, que era ponto da minha quizília; o mais não tarda, fiaí de mim.

E pôs-se a campo o forasteiro, com seus três *sentidos*. Quanta finura e astúcia cabiam no possível, foram empregadas, mas sem êxito. A sagacidade provada do jesuíta burlava os melhores planos. Afinal Fogaça, que não primava pela paciência, fatigou-se da luta demorada, e assentou de desfechar o golpe. Dias antes enviou ao visitador um recado escrito, notável pelo laconismo e vigor do estilo.

Dizia ele:

*Se em uma semana, contada de hoje, segunda-feira, o papel que sabeis não estiver em minha mão, ou porque o haja eu tomado, ou porque mo tendais restituído, juro-vos à fé de João Fogaça que vos arrependereis das manhas novas e velhas.*

*Tende-vos por advertido.*

Sabia Molina que o capitão de mato era homem capaz de maiores façanhas, e pois não deixou de sentir certo temor lendo a missiva. Contudo fora vã para ele a ameaça, se ao mesmo tempo não considerasse na inutilidade do roteiro. Convinhalhe acabar com uma luta que desviava a sua atenção de outro ponto; mas por timbre assentou de não o fazer senão no último dia, que era esse em que estamos.

É quase supérfluo advertir, para quem já conhece Molina, que não se resolvera a abrir mão do velho manuscrito, sem a plena certeza de não ocultar ele algum segredo recôndito. Repassou-o dos mais poderosos agentes químicos, para o caso de haver entre a escritura aparente alguma simpática e invisível; estudou a forma, o tamanho e até as dobras do pergaminho. Quando se convenceu que toda a alma desse espojo a tinha ele influído em sua inteligência, então decidiu-se a restituí-lo.

Saíra entanto o visitador da longa meditação, e tomando a pena, escreveu em um quarto de papel estas palavras: — “*O Senhor Fogaça pode vir*”. — Embrulhado o escrito em uma moeda, achegou-se da janela e o arremessou na rua. O coqueiro ao longe estremeceu de leve, e uma sombra rápida cortara os ares ao longo da haste, como se um coco do cacho houvera caído. Molina voltou o rosto para o mar, simulando contemplar a barra; quando retrocedeu a vista o papel havia desaparecido, sem que ele soubesse por qual maneira isso fora.

Nesse instante arranharam à porta; pela fresta, que abriu o visitador, apareceu o rosto prazenteiro e insinuante do nosso amigo Fernão Cardim:

— Como V. Reverendíssima recomendou que, em vindo o Doutor Vaz, o avisassem...

— É ele chegado, padre provincial?

— Ainda não; mas vi-o atravessar, e se me não engano, já o ouço que sobe.

— Faça-me a graça, padre provincial, de o dirigir para cá.

Com pouco entrou Vaz Caminha, cada vez mais vergado pelos anos e acabrunhado ao peso de sua alma. Depois da usual urbanidade, começou o jesuíta:

— Estava ansioso por ver-vos, doutor, e mais por dar-vos certa nova que não esperais.

— As boas já as não espero, padre-mestre; às más porém estou por demais acostumado.

— Ótima é, e senão julgareis. Roto é o consórcio projetado do comendador de São Ivo com a Sr.a D. Inês.

— Ah! é o segundo!

— Com o terceiro parece que assim não acontecerá!

— Pois já há outro ajustado?

— Ainda não, mas breve; tudo caminha para aí.

— E com quem, se vos praz?

— A ser verdade o que sei, e o sei de boa fonte, será com vosso afilhado.

— Estácio?

— Estácio Correia, sim, a quem a Sr.a D. Ismênia tem no melhor conceito, pois o quer para esposo de sua filha.

— É possível, P. Molina?

— Sabei mais então que isto mesmo já o anunciou a seu marido em tom decidido; e bem diz o rifão que “a mulher quando teima é pior que a reima”.

— Outro anexim agora me lembra, padre-mestre: “Quando a esmola é grande, o pobre desconfia”. Por qual bom padroeiro alcançaria Estácio, desvalido e só, tanto favor?

O advogado pusera no rosto do frade olhos que lhe traspassavam o íntimo.

— Pela graça do Senhor, que é o melhor patrono dos infelizes.

Molina fez uma pausa:

— Doutor Vaz Caminha, já não tenho que esconder à vossa perspicácia. A luta em que andei empenhado cessou. Estácio a esta hora está senhor das minas de prata e possuidor de um novo roteiro escrito por indicação vossa.

— Me emprestais muita argúcia, padre-mestre!

— Ainda estais em guarda?... Esperai pelo resto. Minha incumbência, vindo ao Brasil, foi descobrir o roteiro de Robério Dias; outra não tive; levei-a ao cabo. A Providência transtornou os desígnios do vigário-geral da Companhia, inutilizando o manuscrito: vou pois restituí-lo a seu dono, pondo-o nas mãos de seu procurador.

— Tal não sou eu, já vo-lo disse de outra feita; amigo somente e mestre; nada tenho com os negócios de Estácio.

O advogado era levado a recusar, por uma repugnância espontânea, semelhante à do paladar que rejeita uma substância amarga. Essa restituição ocultava decerto uma insídia que ele não podia logo perscrutar, mas sentia insinuar-se.

— Nada se vos pode ocultar, doutor. Desconfiais ainda da restituição que vou fazer-vos? Pois então sabei que não a faço de boa vontade, mas forçado. Lede isto.

Era o bilhete do Fogaça. Em comentário a ele contou o P. Molina como lhe servira o capitão de mato de instrumento para subtrair o roteiro.

— Não quero chamar sobre a cabeça de inocentes os males de feito só meu; por isso estou decidido a abrir mão do papel. Pelo interesse de Estácio pensava eu que não convinha pôr em mão de terceiro um segredo de tanta importância, pois sem dúvida não esquecestes que o roteiro

de Robério, se agora nada vale como guia, vale muito como prova da existência das minas. E caso tal boato chegue a El-Rei, ou mesmo aos governadores por ele postos nos Estados do Brasil...

— Há de chegar, sem dúvida, P. Molina; porque esse é o caminho direito, a estrada real; e Estácio, se me ouviu, nunca em sua vida trilhará outra.

— Bem vos conheço, Senhor Vaz Caminha; sois o homem da justiça, *vir probus*. Mas, entre nós, podeis afirmar que a justiça esteja sempre na seda do trono? Creio eu que as mais das vezes anda a rojo no estrado, onde a calcam os reis com as alparcatas de veludo. Lembrai vosso amigo Robério Dias, condenado como traidor...

— É sempre falível o juízo dos homens; mas há o remédio da reparação.

— Tardio, quando não é vão.

— Embora; o mundo não foi talhado à nossa vontade. Julguem os ministros da lei; os ministros da razão, como eu, pleiteiam; os da religião, como vós, P. Mestre, consolam.

— Não quero insistir, porque iria longe e fora de nosso sujeito a controvérsia. Siga Estácio a estrada real que vai a Aranjuez; mas vede que é essa a que mais infestam os salteadores. Por atalhos escapa-se à recova; no caminho trilhado há sempre emboscadas. Ofereci a Estácio em troca

do segredo das minas de prata o mesmo que desejais para ele, e mais do que nunca há de obter; a reabilitação da memória de seu pai, largos haveres, fidalguia, e por cima a felicidade de possuir a mulher amada. Não aceitou; é negócio findo; restituo o que lhe pertence e desejo alcance quanto quis eu dar, ou ainda mais.

Bem compreendeu Vaz Caminha a força do argumento. De feito Estácio, apresentando-se com o roteiro, não obteria de El-Rei as vantagens, que um jogador da força da Companhia podia tirar da partida.

— Vejo uma dificuldade só, mas grande, no vosso plano. Se a Companhia pretende o segredo das minas é para as explorar às ocultas; e nesse caso como se reabilitaria a memória de Robério?

— E não pudera a Companhia alcançar da Coroa o reconhecimento de seu domínio?... Mal a conheceis, doutor.

O visitador ergueu-se e foi à porta espiar pelo corredor.

— Estácio breve estará de volta. Falai-lhe, P. Mestre. Quanto a mim, não entendo de tais coisas.

— Já desisti da empresa, Sr. Vaz Caminha. Em poucos dias conto regressar ao Reino.

Dizendo estas palavras, o jesuíta espreitava o corredor, como à espera de alguém. Ao cabo de instantes ouviram-se

passos, e Fogaça apareceu introduzido pelo leigo cubiculário.

— Abancai-vos, sr. capitão; estávamos unicamente à vossa espera para concluir o negócio que sabeis. Resolvi fazer a restituição do papel pertencente a Estácio Correia. Este papel, vós o exigis de mim; mas tendes para isto poderes de seu dono?

— Não tenho poderes alguns, padre-mestre. Mas jurei ao Sr. Estácio, e a mim por estas barbas, entregar-lhe o que, por minha simplicidade e astúcia vossa, ele perdeu.

— Ah! se não tendes poderes, então permitireis que ponha o manuscrito em mão do Sr. Vaz Caminha aqui presente, como pessoa conjunta de Estácio, seu padrinho e mestre, de mim conhecido. Com ele vos haveis.

— Está direito, disse João Fogaça; somente como há morrer e viver, o sr. doutor me passará uma clareza disto para que eu me quite com o Sr. Estácio.

— Como vos parecer! respondeu o advogado.

O visitador então levantou uma ponta da pesada banca e tirou um chumaço de papel sujo e pulvurento que estava calçando a sapata do pé torneado; aberto o invólucro machucado, apareceu o roteiro.

Fogaça atirou ao ar em direção ao coqueiro um murro formidável:

— Bruto! Tão à mostra e não o vias!...

Molina riu-se; o advogado observou:

— Nada mais escondido, capitão, do que o argueiro que nos entra pelos olhos.

— Aqui tendes o roteiro, doutor!

— Certo que o não receberei assim: lacrai-o e aponde-lhe os selos para que o guarde eu.

— Primeiro certificai-vos da identidade. Reconheceis a letra de Robério?

— Vejo que é a própria.

Logo após se apartaram dali, o advogado levando o volume lacrado, e o capitão de mato com a devida clareza.

Só na cela, Molina agitou o corpo, como um homem que arremessa de si o torpor; de feito acabava de pôr o remate ao seu plano; podia libertar o espírito dele, e esperar tranquilo o desenlace. Mas não era o jesuíta homem que estivesse unicamente a uma só amarra. Estácio podia burlar sua esperança, e em vez de aceitar o pacto oferecido, insistir em revelar o segredo a El-Rei.

Debruçado agora à banca escreve o frade em um maço de pergaminho. Copia a suma do roteiro de Robério Dias, dando-lhe melhor estilo e imitando a letra de um antigo padre, filial do Colégio do Salvador, e ainda companheiro de Anchieta. Entre os alfarrábios da casa deixara ele autógrafos, dos quais aprendeu o visitador a copiar-lhe o caráter da letra.

O tal padre havia apostolado nos sertões de Jacobina, muito antes que o Moribeca por lá andasse. Com um roteiro de sua letra, envelhecido convenientemente por meios que fornecia a ciência, a Companhia disputaria o direito às minas, fundada na prioridade da descoberta. A prova que Estácio podia opor a isto, os marcos de Robério, ele a acabava de destruir.

O trabalho do visitador foi interrompido pelo leigo: trazia-lhe recado de uma dama que o esperava no confessionário. Vendo no corredor a cara embiocada da Brásia, adivinhou Molina quem a mandava:

— Dulce!

Esse nome murmurou-lhe no fundo d'alma. Seu primeiro pensamento foi subtrair-se ao pedido sob qualquer pretexto; mas viu no passo da dama uma luta que surgia, e teve por melhor desfechar logo o golpe decisivo. Seu tempo era precioso.

— Dizei à dona que desço já.

Dulce ao receber a resposta sobressaltou-se, como quem a não esperava; logo despediu para casa a aia. Aproximando-se do confessionário, que ficava mais na sombra, esperou trêmula e palpitante.

Veio Molina. Avançou lento e severo; a um aceno seu Dulce ajoelhou:

— Aqui estou a vossos pés, senhor; mas não para me confessar!...

— A que vindes então, pecadora, e por qual razão me dais um mundano tratamento, que não é aceito na casa de Deus por seus ministros?

— Vim para vos suplicar!

— Suplicai ao Onipotente!

— E a vós!... Por piedade restituí-me aquele que perdi e era o meu único bem e felicidade!...

— Sois então muito desgraçada? murmurou o frade com um ligeiro estremecimento na voz.

— Ah! exclamou Dulce travando-lhe da mão. Tendes compaixão de mim!... Obrigada!

— Deus ensinou a caridade! respondeu o frade esquivando a mão. Mas que posso eu em vosso bem?

A dama, através das grades do confessional, pôs nele uns olhos cheios de exprobrações:

— Ainda pretendeis negar-vos à minha lembrança, que vos reconhece, Vilar, e vos está vendo como no dia em que o bom cura de Palos nos uniu para sempre? Oh! não useis de tamanha crueldade, como já uma vez fizestes. Desprezai-me embora, expulsai-me de vossa presença, mas dizei que sois o mesmo, o mesmo que eu amei, e ainda amo como no primeiro dia.

— Estais presa de uma alucinação, mulher! Por quem me tomais vós, que vos não compreendo? replicou o frade friamente.

— Sois meu marido!... Embalde tentareis fugir-me!

— Enlouqueceu a mísera! disse o P. Molina erguendo olhos ao céu.

— Não enlouqueci, não, apesar dos tormentos que por vós padeci durante quinze anos!... Meu amor, que me trouxe o martírio, salvou-me!

— Em suma que quereis de mim?

— É preciso que vo-lo repita?... Venho requerer-vos como meu marido que sois e me deveis amparo e proteção!

— Vejo que persistis em vossa loucura. Já não tenho que fazer aqui.

Dulce ergueu-se de um ímpeto e esbarrou a saída do frade:

— Esperai, que ainda não acabei!... Se não atenderdes ao justo pedido da mulher que abandonastes... Sabei que sou rica, e tenho os meios de coagir-vos.

— Ah! e quais são esses meios? disse o visitador sorrindo.

— Escarneceis?... Foi o melhor letrado desta terra, o Dr. Vaz Caminha, quem me aconselhou. Irei a Roma lançar-me aos pés do Santo Padre e ele me fará justiça!

— Que obtereis com isso?

— Ignorais?

— Pois vos pergunto!

— Oh! bem o sabeis!... Obtereis que sejam anulados os votos, que fizestes, contra o sacramento...

— Como provareis que o frade que acusais seja realmente vosso marido?

— Não tenho eu a prova? disse Dulce tirando do seio a certidão.

— Tendes a prova de vosso casamento com um tal Vilar. Mas decerto não podereis provar que esse Vilar seja o P. Gusmão de Molina!

— Eu correrei toda a Espanha, e derramarei rios de dinheiro para o conseguir.

— Duvido muito!... Mas dado que chegueis a esse resultado, pensais ter ganho alguma coisa?...

— Oh! decerto!

— Não tereis ganho coisa alguma. O Santo Padre nada poderá em vosso favor.

— Vós me enganais!... O doutor me assegurou!

— Vosso pudor escondeu naturalmente do advogado uma circunstância delicada. Se lhe houvésseis dito que vosso noivo se apartara alguns minutos depois da cerimônia, deixando-vos donzela e casta...

— Que tem essa circunstância?

— O Dr. Vaz Caminha vos dissera que o matrimônio estava roto pelo voto posterior; e que já não tínheis marido.

Dulce ficou fulminada. O frade não se aproveitou de seu pasmo para retirar-se; ao contrário cruzou os braços, e a envolveu em seu olhar sombrio e pesado. A dama afinal arrastou-se outra vez de joelhos aos pés do sacerdote:

— Perdão!... Não quis ameaçar-vos! Não tenho a força, nem o direito de fazê-lo! Ainda que o tivesse, não recorreria a nenhuma justiça, nem da terra, nem do céu! Quero tudo dever à vossa generosidade e compaixão! Tende piedade desta mísera! Uma esmola de esperança, que vos ela suplica, não lhe recuseis!... Já não sois meu! A Igreja me roubou para si o esposo que me deu!... Eu me resignarei à desventura; porém ao menos o consolo de ver-vos, de vir alguma vez depositar a vossos pés neste confessionário, não meus pecados, pois outro não tenho senão o de amar-vos; mas as minhas tristezas e aflições. Que vos custa isto? Podeis ser fiel à vossa nova esposa, sem condenar a primeira ao martírio e ao desespero!...

Não foram estas as únicas lamentações que exalou a alma da desventurada, cheia a transbordar dos sofrimentos de tantos anos. Quando a palavra estancou no lábio seco e árido da formosa dama, as lágrimas rebentaram dos olhos. Opressa, ofegante, ela apoiou a fronte ao confessionário para não cair no pavimento.

O padre, que a ouvira todo o tempo taciturno e recolhido, acurvou então o elevado talhe, e deixando cair na alma da mísera algumas palavras surdas, desapareceu:

— Vosso esposo, mísera!... Só no céu!...

Em princípio esmagada por esta cruel palavra, a dama ergueu-se com esforço sobre os joelhos, e pôs no altar uns olhos ardentes:

— Deus meu!... Ele assim o quer.

Na tarde em que D. Francisco de Aguilar ameaçou a filha com sua eterna maldição, Ávila, ao partir daí, se encaminhou para a casa de D. Luísa de Paiva.

Ia visitar Elvira, a quem não vira depois de quatro dias, atrapalhado como andava com a sua festa e o desafio que se lhe seguiu.

A tarde estava a findar; restavam apenas alguns instantes de crepúsculo.

Elvira, recostada em um coxim defronte do balcão, contemplava o pôr do sol. Nos arrebóis que cambiavam cores às nuvens até que de todo se desvaneciam na sombra lívida, figurava ela os vários afetos de sua alma; também os sonhos vivaces e as esperanças douradas se apagavam na palidez de uma acerba recordação.

A donzela chegara ao termo de sua convalescença, e contudo nem a rosa voltara à face, nem o sorriso ao lábio; estava branca e melancólica, como um lírio partido.

Vendo Ávila, que chegava, seu belo semblante cobriu-se de uma expressão dolorosa.

— Escusai-me, Elvira, por não ter vindo estes últimos dias; razão maior...

— Não careceis de justificar-vos, Cristóvão. Não pudestes vir... Não me queixo, menos vos acuso.

— Tamanha indulgência, senhora, bem se parece com indiferença.

A donzela dirigiu ao céu os olhos e um sorriso sublime de resignação.

Houve uma pausa. Estes corações, cheios como estavam a transbordar, se refrangiam ao toque um do outro.

— Estais de todo convalescida, Elvira. Não credes que já seria tempo de fixarmos o prazo?

— Qual prazo, Cristóvão?

— Para o nosso recebimento.

— Ah!

— Não me respondeis?

Elvira tirou os olhos do chão e levou-os ao semblante do cavalheiro, que estremeceu até o fundo d'alma, recebendo o choque daqueles dois raios límpidos e cintilantes:

— Respondei-me vós primeiro. Ainda me quereis, Cristóvão?

— Duvidais de meus sentimentos, Elvira! Eles não mudaram.

— Estais bem certo disto?

— Que singular ideia é a vossa!

— Pois, Cristóvão, respondi-me pelas mesmas, não por outras palavras. Pergunto-vos eu se ainda me quereis?

— Quero-vos, Elvira!

A donzela sorriu amargamente.

— Por que este coração, que ao de longe conhece o rumor de vossos passos, e vos pressente antes que vos vejam os olhos, por que ficou ele agora frio e mudo ouvindo-vos?... Esta não é a voz com que outrora me dizíeis as mesmas palavras!... Oh! não vos iludis, Cristóvão, já não sois o mesmo!

— Não estou aqui a vossos pés, senhora?

— O que vos tem junto de mim, não é mais o amor, não; é a honra. O coração ardente e extremoso que outrora por mim se estremecia, morreu; mas o coração grande e generoso, que eu admirei, este é o que me resta. Sois e sereis sempre o mesmo cavalheiro nobre e leal, Cristóvão; em vossa consciência vos julgais apesar de tudo obrigado pelos vossos juramentos, porém eu vos absolvo deles. Rejeito o

sacrifício que me quereis fazer de vossa felicidade. Se alguém deve sofrer de um erro, que foi meu e só meu, não há de ser o inocente!

— O que nas minhas ações pode ter feito nascer em vosso espírito semelhantes suspeitas? balbuciou Ávila.

Elvira travou-lhe da mão e cerrou-a com força:

— Em vossa consciência, Cristóvão, disse-me: sois feliz hoje como fostes nos tempos de nosso malfadado amor?...

Cristóvão emudeceu; sua alma soluçou no peito, mas não veio aos lábios.

— Vedes?... Não sabe mentir vossa boca!... Felicidade, vos não posso dar mais neste mundo!

O cavalheiro curvou a fronte; as lágrimas rebentavam de seus olhos e banhavam-lhe as faces. Como a linfa que borbulha do bambu quando o rompem, era esse o pranto de uma alma dilacerada.

Elvira não chorava; já seus olhos estavam estanques de lágrimas e seu coração mirrado e seco da dor. Ela olhava tristemente o mancebo; e o pranto que desfiava de suas pálpebras, cada gota que tombava, era um resquício do extinto amor a transudar do nobre coração que a adorara outrora!

Passado um longo e silencioso momento, Cristóvão despediu-se de Elvira. Não se disse nessa despedida mais palavra do que costumavam nos dias passados; entretanto quando as duas mãos cerradas um instante soltaram-se uma da outra, ambas estas criaturas sentiram partir-se o último fio que ainda ligava suas almas.

Ávila, chegado a casa, ordenou que não tirassem os jaezes ao cavalo, e subiu ao gabinete para escrever. A carta era para Elvira, e continha estas poucas palavras:

*Tendes razão, Elvira; a mentida felicidade deste mundo já não existe para nós; porém outra melhor e eterna nos aguarda na mansão celeste. Essa fé me anima e inspira. Vou lá esperar-vos, esposa minha!*

Tendo cerrado a carta que recomendou a seu escudeiro levasse a quem era dirigida, ajustou as armas e desceu ao pátio para montar de novo a cavalo e partir.

Onde ia ele àquela hora da noite, desacompanhado e sombrio?... Ia em busca da morte; ia arremessar a existência no primeiro abismo que o acaso lhe deparasse em caminho. Punha já o pé no estribo quando um cavalo a galope estacou à porta e apeou-se um cavaleiro.

Era D. Francisco. O fidalgo apertou a mão ao mancebo e levou-o até acima:

— Sei tudo, cavalheiro!

— A que aludis, D. Francisco?

— Venho de casa de D. Lopo. Compreendeis agora?

— Não; de todo não compreendo.

— O comendador referiu-me a causa do primeiro e do segundo desafio vosso. Estais enamorado louco da minha Inesita, D. Cristóvão!...

— Asseguro-vos, D. Francisco, que vos enganaram!

— Não tendes já necessidade de esconder os vossos sentimentos, amigo!... Sabeis se vos estimo; o único obstáculo que se opunha à vossa ventura, neste momento, está removido. Consegui vosso valor o fim a que se propôs; D. Lopo obteve de mim permissão para retirar seu pedido, e eu corri à vossa casa para ser o portador de tão boa nova e o núncio de vossa felicidade. Abraçai-me, D. Cristóvão.

O mancebo ouvira espavorido as palavras do fidalgo; mas no meio desse espasmo percebia-se a explosão do júbilo que lhe causava a nova da renúncia de D. Lopo. A mão de Inês estava outra vez livre! Esse pensamento atravessara a

atonia de seu espírito, como um raio brilhante do sol filtra entre as nuvens.

O castelhano cerrou em seus braços o mancebo e prosseguiu:

— Quando ao ler a carta de D. Lopo, e depois às suas primeiras palavras, conheci que, como o primeiro, o segundo ajuste de casamento para minha filha tinha de ser desfeito, não imaginais, D. Cristóvão, qual desespero foi o meu! Tive ímpetos de esbofetear aquele homem, apesar de prostrado no leito!... Estava decidido a abandonar de uma vez esta terra, que tão fértil há sido para mim em dissabores; por estes dias deve partir a frota do Reino; ela me levaria e todos os meus a melhor porto!

— Pudestes pensar nisto, D. Francisco? Uma tão rápida viagem!... disse Cristóvão estremecendo.

— Para mim não fora rápida, senão bem demorada. De suplício cruel seria cada um dia mais que ficasse nesta terra, alvo dos remoques de toda a gente!... Felizmente tudo acabou pelo melhor e com bastante satisfação minha, pois com sinceridade vos digo, que não escolhera outro esposo para Inês, se de princípio conhecesse vossos sentimentos; e dou-me por bem pago do mal passado pelo bem que trouxe!

Cristóvão emudecera de novo; estava agora a debater-se em uma luta terrível travada entre dois opostos sentimentos.

— Abalou-vos tanto a alegre nova, que de todo vos tomou a voz? insistiu D. Francisco. Estais aí tão calado!...

— Tão inesperado foi o que me annunciastes! balbuciou Cristóvão.

— Pois deixo-vos só para que melhor vos habitueis à ventura. Amanhã vos espero cedo para que apresenteis vossa homenagem a Inês!

— Amanhã?

— Depois do que há passado deveis compreender minha impaciência! Em quinze dias estas bodas hão de estar feitas e concluídas.

Cristóvão ergueu-se resoluto:

— Uma coisa exijo eu porém.

— Qual?

— Segredo inviolável. Ninguém mais, além de nós ambos, deve saber deste consórcio até o dia em que se ele celebrar. Haveis também de sentir a necessidade dessa medida, para evitar os dizeres e murmurações da gente.

— Neste ponto ainda são conformes nossos pareceres. O sigilo será inviolável.

D. Francisco cumpriu sua promessa. O enxoval da noiva, que podia denunciar as próximas bodas, já de há muito estava preparado e só esperava pelo dia. Sedas, finas batistas e outras lençarias abertas de renda e crivo ou recamadas de mimoso lavor, enchiam os baús de cedro aromático, cobertos de charão e vindos da Índia. Os ricos adereços de diamantes, rubis e pérolas estavam encerrados nos cofres de sândalo, embutidos de ouro. Nada faltava, senão o feliz cavalheiro, para a gentil senhora de todas estas lindas galanterias.

No seguinte dia, indo a Nazaré, teve Cristóvão com Inesita este curto diálogo:

— Dizei-me, D. Inês!... Tendes alguma esperança de que D. Francisco consinta um dia em vosso casamento?...

Inesita sorriu:

— A esperança é o fôlego d'alma; quando ela se apaga, não há mais vida aí!... Mas bem sei eu que só um milagre pode obter isso de meu pai.

— E sem esse consentimento não sereis esposa do homem a quem amais?

— Na terra, não.

— Oh! se lhe quisésseis como vos ele quer!

— Tudo quanto era meu lhe dei, pois só vivo dele!... Minha pessoa não me pertence, mas a meu senhor e pai. Subtraí-la a seu poder só o pode Deus, meu criador!...

Cristóvão ficou algum tempo com os olhos fitos nela, e cheios de ardente fulgor. Depois partiu brusco e rápido.

Correram os dias.

Em Nazaré faziam-se aprestos para uma grande festa. Artesãos e mecânicos fabricavam várias obras, como arcos e pavilhões, ou renovavam as tapeçarias da casa; em frente ao edifício se dispunham as colunas que deviam servir aos vários fogos de artifício. Este desusado movimento excitou muito a curiosidade de todos; mas D. Francisco teve logo o cuidado de aplacá-la, declarando que pretendia comemorar naquele ano o seu natalício com uma festa, qual nunca se vira na Bahia.

Na véspera Cristóvão aproximou-se de Inesita. A donzela andava contente desde que se desfizera seu casamento com o comendador; essa liberdade era ao menos uma sombra de ventura para ela, que não podia ter a realidade. Não estar destinada a nenhum outro, era pertencer, embora de longe e por pensamento a Estácio. Reparou pois ela na tristeza profunda de Ávila e no tom grave com que lhe falou.

— Pondes vossa confiança em mim? perguntou-lhe o mancebo.

— Em quem a pusera, se a retirasse de vós? Não sois o irmão de Estácio, e meu portanto? Não me arrancastes já por duas vezes ao meu fatal destino?...

— Pois se depositais vossa fé neste amigo e irmão vosso, ouvi e guardai bem minhas palavras.

Ávila refletiu no que ia dizer:

— Qualquer coisa que aconteça, por mais espantosa que pareça, não vos abandone a esperança. Sereis feliz, eu o juro sob minha vida e honra.

— Mas então!... Nova desgraça me ameaça?

— Nada mais vos posso dizer!... Esperança e fé.

Chegou o dia da festa. Era já por tarde, e ainda Inesita não recebera as ordens de seu pai, que a mandara aguardar em companhia de D. Ismênia. Foi quase ao anoitecer, quando começaram de acender as luzes, que o castelhano veio buscar a donzela e levou-a pela mão até sua recâmara.

Entrando, Inesita sentiu-se gelada, como se penetrara em um túmulo. Ali estavam sobre os coxins as suas roupas de noivado, as cândidas vestes da inocência, o véu do pudor, a coroa da virgem, o ramalhete da castidade.

— Esta noite sereis conduzida ao altar, Inês! disse o fidalgo.

A donzela curvou a fronte, cruzando as mãos ao seio em atitude de mártir.

— Sabereis em tempo qual o esposo que vos escolhi!...

Que importava a Inesita quem ele fosse? Abandonou às suas aias, para que amortalhassem de galas e riquezas, um corpo morto. Quando terminaram esse triste ofício de ornar a vítima do himeneu, Inesita ergueu-se e foi direito ao trumó; sua mão buscou alguma coisa na gaveta.

— Ainda não! murmurou. Ele me disse que esperasse apesar de tudo.

Escondeu o objeto no seio. Chegou então D. Francisco, e guiou a filha pela mão às salas, cheias já de damas e cavalheiros. Para a sala do dossel arrastavam naquele instante a cadeira onde D. Ismênia, também coberta de alfaias e sedas, assistia surpresa àquela festa incompreensível. Inesita foi levada a uma cadeira ao lado de sua mãe e aí ficou estática e alheia ao que passava em torno.

De repente viu Cristóvão, trajando com aprimorada elegância, chegar-se a ela trazido por D. Francisco, e saudá-la. A presença do mancebo a reanimou; lembrara-se de suas palavras da véspera, e sentiu o calor da esperança aquecer de novo seu coração gelado. Entanto D. Francisco oferecia-

lhe a mão, e seguidos pelas damas e cavalheiros desceram as escadarias e tomaram na direção da capela.

Era noite.

As estrelas recamavam o azul do céu; e as brisas do mar derramavam pelo espaço os perfumes das jaqueiras de Itaparica.

A casa de D. Francisco nadava em luz. Desde o chão até o cimo, cingiam-na coroas de fogos entrelaçadas com os festões de rosas e grinaldas de várias flores.

As árvores mostravam por entre a verde folhagem os globos multicolores das luminárias, que pareciam frutos de rubis e safiras pendentes dos ramos.

Ao longe ressoavam os arpejos da música de envolta com o alegre vozear dos convivas, cuja multidão ondeava pela calçada.

Em sinal de seu regozijo e para dar maior esplendor e animação à festa, mandara o fidalgo que se franqueassem as portas, e mais tarde se distribuíssem comezainas e vinhos ao povo; grande cópia dele, excitada pelo banquete tanto como pela curiosidade, apinhava já os arredores.

Nesse momento um cavalheiro embuçado em negro manto penetrou na pinha de gente que, derivando do edifício principal, se condensava para a asa direita, onde se via

armada uma galeria formada com arcos de flores e rases das mais lindas ramagens.

Essa arcada servia de passagem entre o edifício principal e outro de menores proporções, cuja fachada gótica alvejava entre o verde-escuro dos cinamomos à luz das tochas.

O embuçado estremeceu. Esse pequeno edifício era a capela; lá estava a cruz negra a apontar para o céu, e a fumaça do incenso, que enroscava-se em espirais e subia às nuvens.

A seus ouvidos ressoavam como dobres de finado as vozes e chacotas do popular, que parlava das bodas e da formosa noiva.

— Bem me dizia o coração! murmurou o embuçado. Amanhã seria tarde.

Afagando o punho da espada, redobrou de esforços; porém a multidão era de tal modo compacta, que ainda desta vez a sua tentativa foi baldada.

Ligeira ondulação percorreu a turba de uma à outra extremidade. Era o cortejo que atravessava para a capela, e o povo que se conchegava para vê-lo passar.

A donzela movia-se automaticamente; seus olhos feridos pelas luzes das tochas, que iluminavam o altar, deslumbraram-se. Parecia-lhe que não era ela quem andava,

mas a capela, aberta como uma cratera de chamas que avançava mais e mais até devorá-la. Assim achou-se aos pés do sacerdote que oficiava, e à direita de um cavalheiro, de quem apenas sentia o vulto.

Ergueu os olhos ao Cristo que dominava o altar; daí abaixou-os ao sacerdote e depois ao homem a quem iam sacrificá-la. Seus olhos cegaram-se de horror; pasma ficou e morta a pupila. O seu desposado era Cristóvão, o homem que na véspera a encorajava em seu amor, o amigo dedicado de Estácio!...

A nobre alma de Inesita condensou-se toda em um assomo de soberba indignação. Alçou o talhe para afrontar bem em face o desleal e traidor; seu lábio olímpio o fustigou com uma sílaba só:

— Vós!...

Torrente de indignação, gemidos de leoa, ondas de sarcasmo, grito de ameaça, tudo ali estava naquela voz breve e ríspida.

— Perdão! murmurou Cristóvão curvando a fronte.

Tomado de um surdo desespero, por não poder atravessar de chofre aquele muro de carne que se opunha à sua passagem, o embuçado, concentrando as forças, metera ombros à multidão, como se fora uma alavanca e foi levando-a por diante.

Entrava já o cortejo na capela, quando afinal conseguiu o desconhecido chegar à porta; nova barreira, e mais formidável pela estreiteza do lugar, se ergueu à sua passagem; porém a grande massa de povo, que vinha após, levou por diante a mó de gente que tomava a entrada; o embuçado achou-se de repente em meio da capela.

Tinha-se enchido de coragem e contudo sucumbiu diante do espetáculo que viram seus olhos alucinados.

Aos pés do deão, revestido dos hábitos episcopais, uma dama e um cavaleiro estavam ajoelhados, esperando o instante de receberem a bênção nupcial.

Na posição em que se achava não podia o desconhecido ver-lhes o rosto que tinham voltado para o altar; mas a dama, não carecia de a verem seus olhos, pois já seu coração a adivinhara.

O mancebo sorriu; seu olhar terrível correu o cortejo de brilhantes cavaleiros, à frente dos quais aparecia

## **no match**

D. Francisco de Aguilar; a mão, que desde o princípio tinha ao peito, comprimindo as pulsações precípites do coração, abateu-a sobre o punho da espada. Já o ferro lampejava, e o pé promovera o passo ardido... Novo e mais forte abalo prostrou o valente mancebo.

Inesita volveu o semblante para fitar seu desposado. Que deslumbrante beleza!... Sua pupila negra cintilava, e desferia sobre o cavalheiro raios esplêndidos; tinha na fronte uma auréola de rainha; dos lábios fluía um sorriso fulgurante, que exaltava toda sua pessoa. O desposado parecia ao contrário esmagado pela emoção; tinha a cabeça baixa, e nem ousava erguer as vistas para a formosa noiva.

A alma do embuçado gemeu em sua aflição:

— Senhor Deus! Ela o ama.

E abandonou o punho da espada leal! Que podia ela contra tamanha desventura! Inesita o traía; tinha deixado de pertencer-lhe; já não precisava do seu amparo; nem ele tinha já o direito de perturbar a cerimônia religiosa. Seu direito agora era só um, o da vingança; não contra ela, mísera mulher, mas contra quem lha roubara. Bateu de leve na espada como se a acalentara, ou lhe recomendasse paciência; e aguardou o fim da cerimônia.

Viu impassível a bênção nupcial; era um homem morto, já sem sensibilidade para a dor; a desgraça batia nele, como o sopro da tempestade no flanco de uma rocha. Mas a mesma rocha dura e impenetrável, um dia a abala e dilacera o raio.

Assim foi ele. Ao terminar a cerimônia ergueram-se os noivos. Ele não viu, nem ouviu mais nada; quando recobrou os espíritos, estava na capela erma e apenas iluminada por

algumas tochas; uma vaga lembrança do que o desacordara, tinha ficado impressa em seu espírito, como o sinal de uma queimadura recente na epiderma.

— Cristóvão!... soluçavam os ecos de sua alma! Cristóvão, meu amigo, meu irmão!

Era realmente Garcia de Ávila que se erguera dos pés do sacerdote e oferecera a mão a Inesita para voltar às salas do festim. Tinham ambos passado por diante daquele vulto estático sem nele reparar. As danças os esperavam; à sua chegada começara o baile, cujo ruído alegre derramava-se pela serenidade daquela noite de maio.

Quando o cortejo saíra da capela e após ele o popular, outro embuçado chegou à porta e examinou com atenção a figura do desconhecido; havia alguns instantes que ele o entrevira na multidão, e se pusera à busca. Encontrando-o agora, e confirmando suas suspeitas, aproximou-se lentamente.

Era João Fogaça.

O forasteiro tomou, sem proferir palavra, a mão do embuçado e apertou-a ao coração. Esse coração rude, mas leal, compreendia a dor que assolava aquela nobre alma traída. Passados alguns instantes de respeitoso silêncio, falou com voz submissa e fraca, como se receasse ofender essa dor recente e viva.

— Depois do que acabam de ver meus olhos, só esperava que chegásseis, para cumprir a palavra que vos dei, e partir-me!... O papel, que vos foi roubado, está em mãos do doutor: aqui tendes o recibo.

O embuçado tomou maquinalmente o objeto que João Fogaça lhe apresentava:

— Careceis de mim, Sr. Estácio?... Dizei-o sem medo! Tendes aqui um amigo!

— Não proferi tal nome!... De nada careço senão que me abraceis!... O contato de um coração leal como o vosso há de fazer bem a esse meu transido e morto pela mais negra perfídia.

João Fogaça apertou o embuçado em seus braços, e sentiu os olhos úmidos de lágrimas:

— Parto esta alvorada. Vou-me ao sertão com minha mulher, para não mais tornar. O que presenciei agora me enjoou do mundo. Antes quero a companhia das feras!

— Feliz quem pode, como vós, salvar dele sua felicidade, para abrigá-la longe da vista dos homens!...

Abraçaram-se de novo por despedida. João Fogaça saiu da capela e afastou-se rápido; ele tinha medo do que ia suceder, ali, naquela noite.

Entretanto corria o tempo alegre e festivo nas salas ricamente adereçadas. As danças figuradas trançavam coreias de damas e cavalheiros, que ondulavam garbosamente ao som cadente da música.

Fora, em torno ao edifício iluminado, agitava-se a chusma do popular, soltando ledos descantes e levantando brindes aos noivos; os pajens corriam de um a outro lado com tabuleiros de viandas e outras provisões, ou com canjirões e botelhas, distribuindo a eito comezainas e bebidas.

Duas pessoas unicamente, e eram os heróis da festa, não tomavam parte no geral regozijo.

Inesita estava ansiada; dir-se-ia que esperava com impaciência uma nova que tardava. Contemplando-a, percebia-se a violência que ela empregava para reter dentro de si uma alma que esforçava por irromper e vazar-se; mas não obstante a sua resistência de vez em quando desprendiam-se chispas ardentes, que incendiavam o olhar e fulgiam no sorriso. Nunca maior paixão e mais possante cólera vulcanizou um coração de mulher.

Cristóvão estremecia de momento a momento. Volvia então os olhos em torno, como se receasse ver surgir-lhe em face um espectro medonho. Parecia que um remorso pungente o acicalava. Mas logo após a dor desse remordimento, ele conseguia dominar-se: a inquietação cedia à costumada tristeza; e sobre esta derramava-se uma doce serenidade.

Ninguém em tudo isso reparara. A impaciência da donzela e o sobressalto do cavalheiro perdiam-se nos rumores festivos do sarau.

Mas de repente um calafrio arrepiou toda aquela multidão contente e jubilosa. A voz da morte, estridente, lúgubre, atravessou o burburinho harmonioso da festa. A respiração estacou no seio da multidão; todos quedaram-se oprimidos, inquirindo com os olhos sobre o estranho sucesso, e sem ânimo de soltar dos lábios a palavra que o terror ali gelara.

Havia causa para a terrível comoção.

O sino da capela tocava a finados; esses dobres lentos e fúnebres traspassavam o coração como os gemidos de uma longa e cruel agonia. Ao mesmo tempo, sem que se soubesse donde, nem como viera, derramava-se pela turba uma voz sinistra: que aparecera na capela uma cova aberta, sobre a qual haviam semeado flores de laranja.

D. Francisco, sabedor do sucesso, tratou de conhecer a verdade. Eis o que se pôde saber de positivo.

Depois da celebração das núpcias a capela ficara deserta, mas iluminada ainda por algumas tochas. Sem que ninguém visse como, apareceu de repente fechada; mas isto não deu causa a reparo, senão quando a gente, que girava cerca, começou de ouvir umas pancadas, como se estivessem cavando a terra. Houve então quem se benzesse e mal

agourasse daquele rumor em dia de bodas; mas o vozear da turba abafou os ecos subterrâneos; e o prazer breve esvaneceu o susto.

Decorrido algum tempo um pajem, que andava com um pichel a distribuir vinho entre os grupos, avistou junto à capela um embuçado cosido com a parede.

— Já brindastes a senhora D. Inês e seu nobre desposado, homem?

— Ainda não! respondeu-lhe uma voz surda.

— Tomai então de beber!

— Que trazeis aí?

— Ora esta! Vinho e do bom!

— Pois eu quero sangue!

O pajem recuou espavorido; porém mão de ferro travou-lhe do punho e o arrastou. Viu-se ele súbito transportado à capela; no centro estava aberta uma cova com quatro tocheiros nos cantos. O vulto embuçado mostrou-a e desapareceu; instantes depois o sino começara de tocar a finados. De terror perdeu o pajem conhecimento; recobrando os sentidos, andou esvairado a correr de um a outro lado em busca da porta, antes que acertasse com ela e pudesse escapar-se à visão horrível.

D. Francisco e Cristóvão encaminharam-se para a capela a fim de averiguar do conto, e a maior parte dos convivas os acompanhou. Não fora alucinação do pajem: a cova lá estava aberta, com os tocheiros nos cantos, e as flores de laranja em torno.

— Não passa de um mau gracejo! disse D. Francisco rindo para dissipar a terrível impressão.

Mas todos viram a lividez que lhe jaspeava o semblante, e o tremor convulsivo que dele se apoderara. A música, um instante interrompida, derramou novas torrentes de harmonia; as danças foram outra vez trançadas; fogos de artifício e invenções se queimaram para divertir os convivas; porém não foi mais possível reanimar a festa.

O gelo do túmulo pesava agora sobre a turba há pouco prazenteira e folgazã.

Contavam algumas damas uma circunstância notável. Inesita, ao saber do acontecido, não mostrara o menor susto. Estava ela ouvindo os dobres do sino com um sorriso doce, como se escutara a mais suave melodia, quando lhe vieram contar da cova aberta de fresco na capela. Voltou-se para as amigas e disse-lhes mansamente, com uma voz meiga:

— É a minha!... Fizeram bem de abri-la.

Cristóvão entrou na sala; tinha percorrido toda a capela e a quinta em busca do embuçado. Pouco depois voltou D.

Francisco e os cavalheiros que procederam a igual pesquisa, ao sair da capela, acompanhados de pajens com tochas. Nada absolutamente viram de suspeito.

Eram mais de nove horas.

O cortejo, que devia conduzir os noivos a suas casas, começou a desfilar. Inesita subiu ao seu palanquim dourado, aberto em forma de uma concha, e forrado de veludos e sedas; as outras damas tinham palanquins vistosos, embora menos ricos. Cristóvão, D. Francisco e os cavalheiros montavam luzidos corcéis, custosamente ajaezados. Na frente ia a música, concertando vários toques muito alegres.

Quando chegava a procissão nupcial perto à casa de Cristóvão, iluminada em festa e adereçada para receber sua nova senhora, repararam as pessoas que iam adiante, em um vulto de mulher a atravessar a rua. Quem quer que fosse, desapareceu na porta, por entre a numerosa criadagem, ali agrupada para saudar os noivos.

A suntuosa ceia estava posta em uma sala do edifício, que formava o centro de formoso pavilhão, unido às casas de morada por uma passagem de varanda.

A longa mesa carregada de iguarias, vinhos e frutas, esperava os numerosos convivas. Cavalheiros e damas a cercaram para honrar os seus hóspedes e brindar novamente as felizes bodas.

Logo em princípio do banquete Cristóvão dirigiu-se aos seus convivas:

— Senhores, que me fizestes a mercê muito subida de acompanhar-me nesta noite de minha felicidade, tenho outra graça de maior quilate que pedir-vos; e de vossa generosidade espero não a recusareis.

— A demora é o tempo de a declarardes! respondeu D. Francisco. Fio dos senhores que todos porfiam em vos dar gosto e prazer!

— Certo! exclamaram os fidalgos. Ordenai de nós como vos aprouver.

— Empenho-me convosco, senhores meus, para que nenhum deixe esta sala do banquete antes de meia-noite passada; porque para esta hora reservo o melhor e mais apurado da festa.

— Artíficios de fogo? exclamaram uns.

— Algum baile à francesa? acudiram outros.

— Aposto eu por uma serenata!

— Vê-lo-eis, senhores!...

Cristóvão dirigiu-se a Inês:

— Permitireis, senhora, que me afaste um instante de vossa presença, pois é para mais alegre torná-la nesta vossa casa?

D. Inês pôs os olhos no seu desposado e lhe disse com uma voz profunda:

— Ide, senhor!

Ávila misturou-se entre os hóspedes, e na confusão da turba desapareceu sem que o percebessem.

Recolhido ao gabinete, Cristóvão como que arrojou de si a tristeza que o oprimia. Seu rosto agora estava mais sereno; seu lábio, se ainda não o inflorava o sorriso, também já não o confrangia o íntimo sofrer; o olhar não vagava mais perplexo e tímido pela turba, como lhe sucedera no sarau; mas fitava avante com firmeza e calma o alvo de seus pensamentos. Dir-se-ia que era a presença dos convivas que o entristecera e atormentara.

O mancebo tirou do seio um manuscrito que releu atentamente e lacrou. Isto feito, chamou seu escudeiro:

— Afonso, toma esta missiva. Quando meia-noite soar, a entregarás a D. Francisco de Aguilar na mesa do banquete, e lhe dirás de minha parte que a leia a todos.

Cristóvão atalhou as palavras com um rir franco e aberto:

— É uma alegre surpresa que preparo a todos!

Alegrou-se Afonso de ver seu amo alegre, e recebeu o lacrado.

— Depois que houveres entregado a D. Francisco, ouve-me bem: fecharás a porta que comunica o pavilhão; e a ninguém deixarás penetrar nestes aposentos.

— Farei como ordenais!

— Vai. À meia-noite em ponto!...

Saído o pajem, fechou o cavalleiro a porta, e foi sentar-se junto à mesa na cadeira de espaldar. Pôs ao lado o punhal, e afundou-se em seus pensamentos.

Um rumor o despertou.

O vulto negro do embuçado estava de pé, diante dele.

Cristóvão ergueu-se lentamente.

O manto escorregou das espáduas ao longo do corpo armado do cavalleiro negro. O sombreiro abatido ao chão por um gesto rápido, mostrou o lívido semblante de Estácio, e especialmente a fronte vasta que esmagava com o peso do seu vulcão aquele busto já vergado pela dor.

— Estácio!...

Distinguiu-se este nome no estalar do grito rouco que prorrompeu do peito de Ávila.

Os lábios de Estácio entreabriram-se; mas antes que a palavra escapasse, cerraram-lhe os dentes; ergueu lentamente o braço esquerdo, e desenvolvendo-o num gesto enérgico, apontou com o índice para o centro da sala. Cristóvão obedeceu ao senho imperioso, retrocedendo cada passo que promovia o outro.

Chegados a meio do aposento, Estácio levou a mão ao flanco e a lâmina terrível de sua espada lampejou, vibrando sinistros clarões.

Cristóvão de braços cruzados o contemplava agora imerso em tristeza profunda.

Mas um sorriso brotou nesse pélagos de dores, que era sua alma, e lhe subiu aos lábios.

Desembainhou a espada.

## \_\_MATCH\_\_:Página:As Minas de Prata (Volume VI).djvu/237

Corria abril.

Era o dia em que Pedro Álvares Cabral avistou a terra brasileira. Celebrava a Igreja naquela semana a Páscoa de Nosso Senhor.

Seriam cerca de onze horas da manhã. O céu arreava-se do seu mais puro azul; nem um capucho de nuvem manchava o cetim do etéreo manto. A luz borbotava do sol como as cataratas de um dilúvio de ouro fundido, e imergia a natureza. A luxuosa vegetação ostentava seus primores, e longe de enlanguescer sob os raios ardentes do dia calmoso, ao contrário exultava com essa prodigiosa absorção de luz e calor, como exulta a bacante com os vapores do vinho generoso.

A terra selvagem parecia trajar as suas mais lindas galas para celebrar a festa natal da civilização.

Chegado era Estácio ao alvo de seus esforços: a gruta do Pajé abria-se afinal em face dele. Parando um instante para serenar o soçobro de sua alma, penetrou enfim na vasta caverna.

A princípio teve o mancebo o mesmo deslumbramento que seu pai e seu avô. Em face daquelas bizarras e esplêndidas cristalizações, ele não pôde conter um grito de admiração. Logo porém caiu em si e conheceu o erro do descobridor.

Irrisão da fortuna!

As decantadas minas de prata não eram mais que uma ilusão.

O infeliz mancebo achara ao cabo de tantas fadigas e tribulações uma cruel decepção: a sorte o havia conduzido pela mão após de uma sombra, até que esta tomara corpo enfim e se voltara para rir-lhe nas faces. Penetrando na gruta, reconhecera o engano de seu pai, induzido em erro pela ignorância e fábulas do tempo.

Depois do amargor do primeiro desencanto, sua alma grande consolou-se com a ideia de reabilitar o nome de Robério:

— Ainda bem! Não dirão mais que o perdeu a cobiça!

Permaneceu ali Estácio longas horas. Afigurava-se ao seu espírito que ali naquela gruta subterrânea, santificada pela memória do pai, ficavam sepultadas todas as brilhantes esperanças de sua vida. Entretanto mal sabia que essa areia pisada por ele, e que rangia sob seus passos, estava recamada de diamantes. Por tarde volveu ao pouso.

Nesse mesmo instante em que se apartou Estácio daquele sítio onde deixava morta sua ambição, na Bahia a fé desertava o coração de Inês, transida pelo temor da maldição paterna.

Semanas depois, pelo recôncavo da cidade do Salvador seguia um bando de homens, que logo ao primeiro aspecto se conhecia chegarem de longínquos sertões, e trazerem longa jornada pelo mísero estado que apresentavam. Muitos já vinham descalços, com as roupas dilaceradas e cobertas de lama e pó, o passo trôpego e pesado.

Era esta a banda de Estácio, que se aproximava do termo de suas fadigas, depois de uma excursão de três meses.

A volta fora cheia de perigos. Várias vezes atacados pelos Aimorés, que lhes seguiram a pista, conforme a ordem de Molina, estiveram a sucumbir.

À coragem e tino do alferes deviam seus companheiros a salvação.

Estácio não se poupava; por várias vezes saiu ferido do combate. Ainda não estava ele completamente são de um último golpe que sofrera. Seu andar bem indica o esforço que lhe custa cada movimento; mas não obstante avança e estuga, animando os companheiros com a esperança de pronto repouso. Gil caminha a seu lado, cercando-o de cuidados que aliviem a fadiga. O travesso pajem, bem

crescido para sua idade, era de todos os viajantes o mais fresco e bem disposto.

Como já andavam mais de seis horas, fizeram uma alta para tomarem algum alimento e repouso.

— Não chegamos ainda hoje!... disse Estácio ao pajem.

— Oh! não passa de amanhã!

— Amanhã! repetiu o mancebo com desânimo. Não sei que tristeza maior se apoderou de mim esta alvorada!... Tenho cerrado o coração! Às vezes quer me parecer, Gil, que hoje na Bahia se decide do meu destino!...

— Não vos deixeis apoderar destas ruins lembranças, Sr. Estácio! Chegaremos com tempo, vos prometo e seguro.

Estácio fez um gesto negativo.

— Serias tu capaz, Gil, de um esforço que infelizmente não me consente esta ferida mal curada?

— De que não serei eu capaz em serviço vosso?

— Estamos próximos do mar. Esforçando, tu podes alcançar a costa; toma aí um barco que te levará à cidade em uma hora com o vento que faz.

— Pronto! replicou o pajem, erguendo-se da relva de um salto.

— Aqui tens dinheiro para afretares o barco. Em chegando vai direito a Cristóvão, e dize-lhe onde me deixaste.

— Somente isto?

— Somente; ele virá ao meu encontro, e então saberei... o que tremo de saber.

Gil pôs a clavina à bandoleira, e dispôs-se a partir. No momento de se despedir do amo, uma incompreensível emoção apoderou-se dele, que lhe arrancou lágrimas dos olhos. Triste pensamento o assaltara. Deixava Estácio ali no ermo, ferido, cercado de mercenários incapazes de dedicação. Quem sabe se tornaria a beijar a mão de seu querido cavalheiro!

Também Estácio teve um inexplicável enternecimento ao abraçar o rapaz. Não era ele homem, cujo coração se embrandecesse a pequeno calor; tinha-o de boa têmpera, e era necessário o fogo ardente das grandes paixões para fundi-lo. Nesse momento não pôde compreender o que sentia: teve quase remorsos de arriscar o menino só, por caminhos desertos.

Gil partira. O troço de viajantes continuou a jornada até meio-dia, quando fizeram outra alta para deixar passar a força do sol. Estácio deitou-se à sombra, e dormiu

profundamente todo aquele tempo. Ao despertar sentiu vigor novo; comeu com apetite e respirou à larga o ar puro e fresco da tarde.

Nesse instante o nitrido de um cavalo reboou pela campina. O som vibrante do brioso animal pruriu o coração do mancebo; ergueu-se rápido correndo o olhar em torno. O poltro aproximava-se aos saltos do lugar onde se achavam; e avistando-os fugiu arisco para voltar depois.

Estácio arranjou um laço na ponta de uma longa corda; e ajudado dos companheiros conseguiu apanhar o animal, que montou em pelo, à sertaneja. Naqueles tempos o melhor poltro valia duas moedas, que Estácio deixou à sua gente para indenizarem ao dono, se aparecesse.

Cerrando os calcanhares na ilharga do indômito animal, partiu a galope na direção da cidade. Desejava ter asas para transpor com a velocidade do vento as quatro léguas que faltavam. Passava em sua alma uma coisa muito natural, e que entretanto lhe parecia estranha: tendo suportado com resignação durante perto de três meses, que tanto durara sua jornada, a ausência de Inesita, agora às abas quase da cidade, quando só lhe restavam três a quatro horas de caminho, sentia uma impaciência e sofreguidão extremas. Como dissera a Gil, parecia-lhe que naquele dia se estava decidindo de sua sorte na Bahia, e estremecia pensando chegar tarde!

O dia declinou; veio a noite; as estrelas recamaram o azul do céu.

Estácio galopava sempre; apenas tinha feito curta parada, para deixar que o poltro resfolgasse da batida e bebesse num ribeiro; depois continuara a correr sobre a cidade. Seriam sete hora, ou cerca, quando avistou as primeiras habitações dos subúrbios. Estava em Nazaré. Seus olhos ávidos e ardentes vinham já de bem longe buscando o sítio da casa de D. Francisco de Aguiar; numa volta do caminho o edifício lhe apareceu de repente no seio de um alto clarão.

Involuntariamente o alferes estacou diante da inesperada cena. A luz daqueles fogos entrou-lhe n'alma como um raio de maldição, e o estremeceu. Passado o primeiro deslumbramento, partiu ainda mais veloz, lamentando o instante de demora. Então, à medida que avançava, o painel se desenhava mais vivo.

Era uma festa, sem dúvida. Já chegavam aos ouvidos do mancebo os sons da música de envolta com o ledó burburinho dos convivas. Qual fosse porém o motivo desta festa, não o sabia ele e tremia de adivinhá-lo!

Chegou afinal às proximidades da casa; apeou e embuçando-se no manto de viagem, penetrou na zona iluminada que cingia o edifício.

O que depois sucedeu, foi referido até o instante que deixamos Estácio e Cristóvão.

Ei-los ali ainda, no vasto gabinete frouxamente esclarecido, em face um do outro, com as espadas nuas e prestes a se cruzarem. Estácio vibrou a lâmina da sua, que cintilou aos olhos de Cristóvão como um raio de morte.

O mancebo recuou de um salto:

— A infâmia te fez cobarde? disse Estácio destilando sarcasmo do sorriso.

— Não devo morrer às tuas mãos! replicou Ávila com firmeza.

E curvando o joelho, partiu de encontro a folha da espada, cujos pedaços rolaram pelo chão.

— A que outras morrerás, senão às de tua vítima?

— Às minhas próprias!

Tirou o punhal da cinta.

— Tens razão! Esta obra de justiça é digna de ti!

— Oh!... Eu não posso morrer maldito por ti, irmão! Ouve-me!

— Nem uma palavra!

— Estácio!...

— Depois da traição a mentira!

Soaram nesse instante umas após outras as surdas badaladas de meia-noite.

Cristóvão conduziu Estácio à janela meio cerrada donde se via fronteira a mesa do banquete. Os rumores que enchiam a sala do festim apagaram-se de repente; no meio do silêncio a voz grave e sonora de D. Francisco pronunciou estas palavras:

*Em nome da Santíssima Trindade.*

*Declaro eu D. Cristóvão de Garcia de Ávila, que este é meu testamento.*

*Resolvido a pôr termo a uma existência que a desventura tornou insuportável, e querendo que meus últimos instantes sirvam à ventura do homem que mais amo, aceitei em seu nome a mão de D. Inês de Aguilar, unicamente para restituí-la pura e imaculada àquele a quem ela jurou pertencer. O que não podia a filha obediente realizar sem consentimento de seu pai, ordeno eu à minha viúva que o*

*faça. Seja mulher de meu irmão Estácio Dias Correia, e ambos felizes me perdoem e orem por minha alma.*

O punhal de Cristóvão, antes de terminada a leitura, ia embeber-se-lhe no peito; porém a mão robusta de Estácio travou-lhe do braço a tempo, e arrancou-lhe a arma.

O mancebo cingiu e estreitou ao seio o amigo dedicado até à morte.

— Por que chegastes tão cedo, Estácio?... murmurou Cristóvão. Não teríeis curtido tão cruas dores!...

— A Providência é impenetrável nos seus desígnios, Cristóvão!

Proferindo estas palavras, Estácio abaixou a fronte pensativa e carregada de sombras. Cristóvão sentiu remorsos de viver ainda; e aproveitando a distração do amigo, estendeu a mão para o punhal; Estácio preveniu-lhe o movimento.

— Inesita era sabedora de vossos intentos?

— Não! respondeu Cristóvão. Ela nada sabe, nem suspeita.

Uma ruga funda sulcou as faces do alferes.

— O que fiz por vós, não foi mais sacrifício, Estácio, do que o receio de ofender a suscetibilidade de vosso coração, buscando dar-vos a felicidade. Quanto à minha vida ela estava extinta, e se teria apagado há quinze dias, se não me inspirasse a Providência o meio de assegurar a vossa felicidade. Não podeis ter remorso da minha morte.

Cristóvão referiu tudo. Estácio o escutava distraído; ele tinha diante de si a imagem de Inesita, tal como a vira na capela, fulgurante e esplêndida.

— Mas, Cristóvão, se Inesita ignorava as vossas intenções, como acontece que foi livremente ao altar, ela que jurou não pertencer a nenhum outro senão a mim?...

Ávila estremeceu diante deste raciocínio formidável, tanto mais quanto ele próprio admirara a coragem da donzela, e o desembaraço que mostrara toda aquela noite.

— Não vos disse a conversa que tive com ela na véspera?...

— Sim; lhe assegurastes que não perdesse a fé, apesar do que sucedesse: mas há fé que resista nestas circunstâncias?...

Estácio prosseguiu com voz amarga:

— Quando cheguei à capela... Ainda vejo!... Meu Deus!... Que radiante aspecto que ela tinha! Que olhar vos lançou!

Cristóvão sentiu frio até a medula dos ossos:

— Era indignação, Estácio!

— Indignação!

— Oh! agora compreendo bem!... A calma aparente de Inês não era senão o ímpeto da cólera que a dominava. Ela se preparava para esmagar com seu desprezo o traidor infame!

Bateram à porta. Era Afonso.

— A Sr.a D. Inês busca seu nobre desposado.

— Onde está ela? exclamou Cristóvão surpreso. Não vos recomendei...

— A Sr.a D. Inês já se tinha retirado à sua câmara.

— Dizei-lhe que aqui a espero!

Àquela palavra desposado, a mão de Estácio rasgou com desespero o peito; seu coração crispou-se. Voltando-se, viu Cristóvão a dolorosa angústia, que se retratava na sua fisionomia:

— Seu desposado, Estácio, sois vós, pois eu já não vivo. Não me perdoareis nessa última hora, ter-vos representado na ausência? Ela não tarda!... Recebei vossa Inês, e adeus, irmão!

Estácio precipitou para Cristóvão que ia sair, e o reteve:

— Cristóvão, haveis de viver!... É a minha vontade! Também eu viveria se acaso...

A voz se evaporou em soluços:

— Ouvi!... A minha resolução inabalável é esta! Não proferireis uma palavra, nem fareis um gesto que denuncie a Inês minha presença. Comunicai-lhe vossas intenções e o fim deste casamento. Eu ouvirei oculto por aquele reposteiro!...

— Que pretendeis fazer?

— Se Inesita aceitar sem hesitação o vosso sacrifício, partireis para nunca mais voltar! É tudo quanto aceito de vós!

— Deixai-me antes morrer!

— Desde que vosso luto se enramasse às flores do meu amor, ele não podia ser feliz. Jurai-me que haveis de viver!

— Juro! Esse, sim, será sacrifício para vossa ventura.

— Se porém ela vos...

— Calai-vos, Estácio!

— Então partirei eu!...

— Tereis remorsos deste pensamento.

Ouviram-se os ruges-ruges da seda. Estácio mal teve tempo de ocultar-se; o vulto gracioso de Inesita assomou. Enlevada por um sublime pensamento, ela parecia fugir à terra e embeber-se já na serenidade do céu, tal era a expressão de suave placidez e bem-aventurança que se derramava por toda a sua pessoa. Seu passo não mais calcava o solo com a majestade régia que tanta graça lhe dava; agora deslizava brandamente como o voo de um anjo resvalando à superfície da terra, antes que remonte ao empíreo.

Caminhou para Cristóvão, cingida da celeste irradiação, e pôs nele os olhos cheios de uma magoada severidade:

— Há uma hora vos odiava, senhor! Neste instante solene vos perdoo!

— Este perdão eu o mereço, e o esperava, senhora! exclamou Cristóvão. Toda a noite senti os raios de vosso desespero que me abrasavam as faces; mas eu sabia que eles se apagariam mais tarde, quando soubésseis que este casamento não era a traição infame que julgastes, mas a ventura vossa ou o meio único de unir-vos a Estácio!...

— Escarneceis de mim, ou enlouquecestes!...

— Recebi vossa mão para ter o direito de a restituir a Estácio. Cristóvão de Ávila, senhora, já não existe! O que vedes é seu vulto apenas, ele vai deixar-vos nesse instante, viúva, mas só do infortúnio. O himeneu do amor e da felicidade vos espera.

Inesita surpresa, ficou um instante transida; mas logo exclamou arrebatadamente:

— Não, senhor! Haveis de viver!... Sim!... Haveis de viver para ventura de vossa esposa querida, da escolhida de vosso coração!...

Cristóvão ficou estupefato; um tremor convulso apoderou-se dele:

— D. Inês!... Quereis que eu viva?...

— Eu vos suplico... e ordeno!...

Ouviu-se um soluço por detrás do reposteiro; e logo após os passos de alguém que se afastara rápido. Cristóvão correu à porta e arremou violentamente o reposteiro; não havia ali mais ninguém.

— Estácio!... proferiu a voz de Cristóvão soluçando.

— Meu Deus!... exclamou Inesita.

— Vós o matastes, perjura!

Soltando esta exclamação, Ávila ia correr após o amigo. As mãos da donzela lhe cingiram o braço com uma crisão nervosa, e o retiveram ali:

— Não saireis, senhor. Deus vos ordena!

Cristóvão sucumbiu.

Estácio já andava bem longe!

Ia ao acaso, sem acordo de si. Vagou assim muito tempo alheio ao mundo exterior; não era um homem, mas um esquife fúnebre, que força misteriosa arrastava pelas trevas da noite. A primeira réstia de luz, que penetrou o abismo daquela dor, foi a lembrança de Vaz Caminha. O mancebo sentiu a necessidade de vazar sua alma no seio do velho amigo e preceptor; mas era tarde já; sem dúvida o advogado repousava. O atroz sofrimento não pudera apagar nesse nobre coração o tato e as delicadezas do sentir: preferiu esperar, antes que perturbar o breve descanso daquela existência decrépita.

Então levaram-lhe os pés sem que ele se apercebesse à Ribeira, em frente à porta de sua casa.

Que era feito de Gil?... O pajem, que ele mandara adiante prevenir Cristóvão da sua vinda, não dera conta da incumbência. Chegaria ele tarde, ou não tinha ainda chegado, e estava àquela hora exposto aos riscos do caminho?

Ainda teve o moço coração para se inquietar com a sorte do pajem, além de que sentia a necessidade desse companheiro. Bateu à porta; se Gil havia chegado à cidade, ali na casa devia estar sem dúvida esperando-o. Bateu de novo e redobrou de força. Depois de repetidas pancadas, ouviu-se rumor dentro; a gelosia do canto rangeu:

— Isto é hora de bater na casa dos outros? disse uma voz de zanga. Siga seu caminho!...

— Desculpai, boa mulher! Essa é a minha porta!

— Quereis chalaça!

— Falai mais baixo para não acordar a tia. Está ela dormindo por certo.

— Qual tia?...

— D. Mência!

— Ah!

Com esta exclamação mudou imediatamente de tom a voz; de áspera e irada tornou-se branda e compassiva:

— É o Sr. Estácio?... Pois não sabeis?

— O quê?

— Vossa tia já aqui não mora.

— Onde está ela então?...

— No céu!

## \_\_MATCH\_\_:Página:As Minas de Prata (Volume VI).djvu/287

Separando-se de Estácio, pela manhã, Gil encetou ligeiramente a jornada; a tristeza da despedida logo foi espancada pela inesgotável alegria da idade feliz. Pouco depois galgava cantarolando o teso de uma colina, a cujas faldas passava o rio. Margeando-o, chegou à praia, onde encontrando uma canoa, fez-se de vela para a cidade. Aí chegara por volta da tarde.

A primeira casa, que buscou, foi a de Vaz Caminha. Subindo a ladeira em busca dela, viu o rapazinho pelotões de povo que iam e vinham do Largo do Rosário; teve curiosidade de saber o que era.

No meio do largo atopejado de gente erguia-se o pelourinho de cantaria, cercado por quadrilheiros. Estavam lá, jungidos ao poste, dois condenados, presos de uma e outra banda, dando-se as costas, com o rosto voltado para o povo. Eram homem e mulher; dois sócios e cúmplices, o Brás e a Eufrásia. A gente ria a chacoteava, cuspiendo a zombaria à face dos réprobos, que ali estavam para vergonha e infâmia do crime.

Defronte da Eufrásia, Zana, a feiticeira, soltava estrepitosas gargalhadas e bailava um ril, estalando castanholas nas

pontas dos dedos. A espaços parava para descansar o corpo, e então trabalhava a língua:

— Não te dizia eu, michela, que um dia te havia de ver empoleirada!... Ah! Ah! Ah! Dá cá a pata, coruja!...

Ao oposto lado defronte do Brás, um caboclinho lastimava-se e esmagava com os punhos fechados as lágrimas que rebentavam dos olhos. Às vezes, quando os quadrilheiros se descuidavam, esgueirava-se entre eles, buscando chegar ao pelourinho, donde o arrancavam à força.

Era Martim.

— Pelo amor de Deus! bradava ele.

Ali estava um contraste singular. A mulher exultava em sua vingança; o menino pranteava de compaixão. Assim devia ser; a carne magoada ainda da recente tortura perdoava; a alma ofendida, embora dez anos fossem passados, estava ainda na mocidade do seu ódio.

Gil mal deu com os olhos de longe no objeto que atraía a atenção, afastou-se ligeiro e arrependido de sua curiosidade. Esse espetáculo o contristou de novo:

— Mau agouro!... disse consigo.

Entrou a correr pela casa do licenciado. Vaz Caminha trabalhava; depois de certa época seu trabalho era quase

incessante; pouco tempo dava ao repouso; o mais dele empregava-o na última correção de sua obra. Não se pode descrever a emoção que ele teve ao ver o pajem:

— Estácio é chegado?

— Aí vem; mandou-me adiante avisar-vos que amanhã será convosco.

— Ainda amanhã!... murmurou Vaz Caminha.

— Ao romper do dia. Deixei-o a coisa de dez léguas daqui. A esta hora estará próximo.

Gil explicou o motivo por que Estácio não chegara com ele; e depois de sossegar o velho a esse respeito, refez de forças com uma boa naca de carne que lhe deu a velha Euquéria, molhada com dois dedos de vinho. Assim confortado partiu-se em busca de Cristóvão; em casa não estava, e disse-lhe gente estranha de serviço que talvez o encontrasse para as bandas de Nazaré. Para lá botou-se sem demora.

Como ia perto de Santa Luzia, ouviu a modulação de uma voz bem conhecida sua, que descantava uns versos de improvisado.

Gil sorriu com a ideia de uma travessura. Endireitou no rumo da voz e logo avistou adiante a feiticeira Joaninha, que arrastando levemente os pés, ondulava com uns decentes meneios desse requebro lascivo que denuncia a

opulência de harmoniosos contornos. Ela ia descuidosa, soltando ao ar os seus trinos maviosos, como um passarinho que canta para o céu e a natureza; a mão afilada batia o compasso na cesta de confeitos.

Desabou o pajem o chapéu sobre a frente, e apressando a marcha, ombreou com a mulatinha. Ela lançou um olhar de esguelha para o importuno, e tomou a dianteira; o sujeito apareceu-lhe pela esquerda. Recuou então para deixá-lo passar; o tal passou, é verdade, mas girou numa pirueta, e postou-se-lhe por diante, requebrando-se todo em uma graciosa medida:

— Arrede lá, sr. pajem! Não gosto que me cerquem; enjoam-me zumbaias.

Gil com um revés de mão ergueu a aba do chapéu; e perfilando o corpo, apresentou aos olhos da mulatinha, e bem perto, o petulante e formoso rosto que ela tinha gravado em sua alma.

— Deus meu!... exclamou trêmula. Gil... Sr. Gil!...

O pajem não estava só crescido; aqueles meses de vida ativa tinham desenvolvido rapidamente seu organismo. As formas haviam ganho em robustez; o rosto queimado pelo sol, conservando sempre a petulância que lhe era própria, desvanecera a expressão infantil; já a sombra do buço

azulava o lábio superior e cobria as faces rosadas do macio frouxel.

Joaninha palpitante contemplava com embevecimento a figura do pajem; seus olhos não se cansavam de admirá-lo, e abraçá-lo, porque eram realmente abraços, esses lânguidos olhares que cingiam o amigo, e o enleavam.

— Que me estás a olhar aí com estes olhos que querem comer a gente! dizia Gil a rir. Perdeste a fala, rapariga, que nada dizes!

E ela calava e admirava:

— Escuta, Joaninha! Agora chego; e trago um recado urgente do Sr. Estácio para D. Cristóvão. Espera aqui enquanto torno.

— Oh! não!... balbuciou a mulatinha. Ainda não me fartei de ver-vos!... Como voltastes crescido e gentil, Sr. Gil!

— Que é isto, Joaninha! Tratas-me por senhor!...

— Pois estais um homem!... Já trazeis espada! Agora as raparigas todas vão se requebrar!

— Ai! não te agonies com isto! Onde estiveres tu, não olharei nenhuma outra! disse Gil com recacho de galã.

— Falais de coração?

— Sabes que mais, rapariga? Até já!

— Um instantinho! disse Joanhina volvendo os olhos em torno.

Estavam justamente perto da frente de um prédio em construção. Joanhina travou da mão do pajem e levou-o até dentro do muro. Esse lado da rua dava sobre uma íngreme encosta de montanha, como é muito comum na Bahia; a muralha do fundo já estava erguida; a plataforma, que devia servir de assento ao edifício, beirava pois um precipício de extraordinária altura.

— Estou me demorando, Joanhina!

— É um nada!... Quero dizer-te uma coisa! replicou Joanhina, ficando trêmula e pálida.

Os olhares, que ela deitava ao pajem, eram como espinhos que se voltassem para lhe crivar a alma.

— Avia então!

— Sabes, Gil, eu sou rica!... Muito rica!...

— Hã!... As alféloas têm deixado!

— Qual! Uma história de herança! Nem eu sei bem o quê!... Sabes que sou enjeitada!

— Sei! o negócio da toalha!

— Há de ser isto! Ora eu rica, também o és tu!

— E o Sr. Estácio também!

— Pois que dúvida?

— Que fortuna! Porque olha, o tal tesouro, nicles!

— Mas tu rico, Gil, não careces mais de ser pajem ou servir a alguém.

— Que queres tu dizer?

— Hás de ter tua casa para mandar nela, com acostados e gente do serviço!

— Sai-te daí, Joaninha! Pois eu hei de nunca deixar o serviço do Sr. Estácio e sua companhia!... Guarda lá tua chelpa, que ninguém ta pediu!

— Não! não! ouve cá, Gil; troquei! Queria eu dizer coisa diversa. Sim!... Não vês!... O Sr. Estácio, em chegando, casa com D. Inês!

— É o certo!

— Ora assim como ele tem seu pajem de estimação, também ela deve ter sua aia para a compor e tocar.

— Essa serás tu! Bravo! Topo; assim ficaremos todos juntos!

— Bem juntos e para sempre, não é? Sr. Estácio e D. Inês, Gil e Joanhina! disse a rapariga abaixando os olhos.

Gil corou:

— Mas é que D. Inês será noiva do Sr. Estácio.

— E eu, Gil?

— E tu?...

— Também não podia?... Se tu quisesses...

Joanhina vacilou encostando-se ao ombro do pajem para não cair. Sentindo o contato destas formas voluptuosas, e embebendo os olhos no seio da vasquinha onde se debuxavam uns contornos rijos e harmoniosos, Gil estremeceu. A primeira centelha elétrica do amor acabava de comunicar-se ao coração do adolescente. Joanhina sentiu o braço do amigo que a cingia estreitamente ao peito; e ergueu a face onde os risos brincavam com os rubores.

Moveram-se balbuciantes os lábios de Gil, mas não soltaram uma palavra. A mulatinha precipitou-se, e embebeu na sua aquela boca tímida e palpitante. Ali ficou sugando amor e volúpia. Como um cabritinho que salta sobre o seio materno, e depois de apoiá-lo, bebe sorvo a

sorvo o leite da vida, até que afinal adormece saciado, assim reclinou ela.

Não viram os dois amantes, no seu enlevo, a face taurina de Tiburcino que surgiu na abertura do muro, e os espreitou um instante. O magarefe estava horrendo; nas arcas do peito reboava-lhe o rugido, como o som da borrasca nas profundezas de uma caverna; rangia-lhe os dentes um riso de fera.

De um salto aproximou-se dos dois amantes e ergueu o punho. Viu Joaninha de relance atravessar pelos arroubos lascivos do seu amor aquela figura sinistra; e recuou espavorida, conchegando a si o amante para o subtrair ao golpe.

Era tarde. O punho, acostumado a abater um touro no açougue, tombara sobre a cabeça do mísero pajem, que rolou sem sentidos. Estúpida um momento, Joaninha balouçou como uma vergôntea batida do vendaval; seus olhos iam da vítima ao assassino, e tornavam do assassino à vítima. Mas estalou no peito um uivo sinistro, que gelava a medula dos ossos; ela se aproximou do magarefe com um colear de serpe.

Tiburcino tremia, e lançava em torno a vista enraivada. A alguns passos estava a beira do respaldo, e abaixo o precipício; mas ele nada via senão a fúria da amante bramindo vingança. A mulatinha chegou, e estendendo os

braços hirtos, apertou as goelas do carniceiro, como se o quisesse estrangular. Fincando os pés, forcejou por empurrá-lo, como se fosse uma pedra que arrastasse; o magarefe recuava, recuava, ante o ímpeto de Joanhina e fechava os olhos para não ver-lhe o semblante que a cólera desfigurava; ele não opunha outra resistência senão a de seu peso.

Afinal não houve entre os pés do magarefe e o despenhadeiro mais que algumas polegadas. Joanhina concentrou as forças e soltou um segundo uivo mais lúgubre que o primeiro. O corpo do magarefe, despenhando-se pelo desfiladeiro, foi de rebojo em rebojo sumir-se na vegetação que enchia o barranco da montanha.

Então Joanhina se abraçara com o corpo hirto e gelado do pajem, e cobriu-lhe o rosto de beijos entrecortados de soluços.

— Está alguém aí? perguntou uma voz aproximando-se.

— Senhor Estácio!... exclamou Joanhina cheia de esperança.

Era com efeito o mancebo.

Nunca vos sucedeu contemplar, nalgum instante de remanso de espírito, um remoinho d'água? O objeto qualquer, impellido pela corrente, aproxima-se; imediatamente atraído pelo torvelinho é submetido a constante e vertiginosa

convulsão. Ora desce nos vórtices da onda até às profundezas do pego, ora remonta à tona para descer de novo, e de novo subir. Afinal pela mesma lei da rotação chega um instante em que é o objeto lançado fora do centro elíptico; basta porém um sopro para atirá-lo de novo ao turbilhão.

Estácio fora ludíbrico da dor, como a folha é ludíbrico do vento ou da onda. O pesar da perda de sua velha tia, que lhe servia de mãe, o arremessou outra vez e mais fundo no remoinho da grande desgraça. De novamente o passaram e repassaram os cruéis tormentos, que tinham crivado sua alma desde o momento em que vira Inesita ajoelhada aos pés do altar até aquele em que ouvira de sua boca perjura a fatal sentença!

Andou, andou, andou! Movia-se o corpo; a alma estava atada ao poste do suplício, flagelada pelo látigo da dor; convulsava apenas e arquejava, não prosseguia.

Ressoaram perto ulos de angústia.

O mancebo estacou de repente; o eco repercutira dentro. Aquele grande e imenso infortúnio, que cerrara-se ao mundo, passaria por certo entre os burburinhos de festa e os clamores de alegria, mudo e isolado, sem aperceber-se do ruído; mas o eco débil de uma angústia reboava no tímpano desse coração ulcerado. Um infeliz é um irmão para quem sofre; uma desgraça é para outra bálsamo, senão remédio,

porque o sofrimento alheio faz destilar à nossa alma as suaves gotas da caridade.

Como o prazer, também faz sócios a dor. Nós diluímos as nossas mágoas consolando as do próximo.

Estácio volveu olhos na direção do pranto. À esquerda erguia-se a fachada, em arcabouço, de um prédio mal começado. As portas estavam cheias com tijolos soltos e acamados, como é uso nas construções; em uma porém tinham praticado uma abertura, quanto bastava para entrar uma pessoa. É natural que fossem fâmulos da vizinhança para aí atirar o cisco das casas.

Era fácil de conhecer que os lamentos vinham dali. Estácio para lá encaminhou-se e da abertura procurou ver na escuridão. Havia quase a meio um vulto confuso pouco elevado do rés do chão.

Estácio viu que o vulto era de uma mulher sentada, a qual tinha no regaço um corpo inanimado ao qual se estreitava soluçando.

— Joanhina!

— Gil! Senhor Estácio!... Gil!... exclamou a mulatinha. E estendeu para ele o corpo suspenso em seus braços hirtos.

Estácio, ajoelhado, fora de si, depôs um beijo na fronte do pajem inanimado.

— Ainda respira! acudiu com alegria.

— Salvai-o, Senhor Estácio!... Eu darei minha vida se preciso for!...

— Carecemos de prestar-lhe já socorros. Onde o levaremos?... Vossa casa fica perto?...

— Oh! não! Bem longe!... Mas eu o carregarei!...

— Onde estamos?...

— Não sei!... Em Santa Luzia, creio!...

— Aquela igreja!... É Santa Luzia?...

— Deve ser!

— Vamos aqui perto!

Estácio tomou o corpo do pajem e seguiu adiante; Joanhina o acompanhava beijando a mão de Gil. O calor que o mancebo sentira ao beijar a face do pajem era realmente um resto de vida, ou seria apenas o reflexo do seio ardente de Joanhina, onde a cabeça do infeliz rapaz estava conchegada?

Essa dúvida assaltara o espírito do alferes, sentindo agora o gélido frio que lhe traspassava o corpo; ao ouvir de Joanhina a narração truncada do que passara, perdera a

esperança, visto que já tinham decorrido cinco horas. Contudo bom era sempre tentar os esforços.

Estácio ia à casa de D. Dulce, que ele se recordara morar ali perto.

A cancela estava apenas encostada; entraram às apalpadelas; a escuridão da noite era ali mais densa por causa da folhagem embastida do arvoredor. O vento de instante a instante soltava ulos tristes e longos; ouvia-se o bater de uma porta rangendo sobre os gonzos. No telhado cacarejavam lúgubres duas corujas.

Apesar do sofrimento cruel que os pungia, não puderam as duas criaturas penetrar naquele sítio sem que se lhes arrepiassem as carnes. Deitando no colo de Joanhinha o corpo do pajem, entrou Estácio a porta escancarada, e achou-se na cozinha. Fez de propósito rumor para ver se despertava alguém; chamou em voz soturna, depois mais alta, porém debalde. Avisou então passar além; na varanda o mesmo silêncio; a casa parecia abandonada e erma.

Chegando porém à sala principal, ouviu um débil grunhir; falou; ninguém lhe respondeu. Abriu a janela para que entrasse alguma luz das estrelas, e procurando, descobriu um objeto negro atirado contra a parede. Tocou-o do pé e lhe pareceu massa inerte e bruta; mas o grunhido, que primeiro ouvira, soou de novo.

— É algum cão que achou a porta aberta, pensou o mancebo.

Tomado de um pressentimento terrível, soltou um grito de desespero, que acordou os ecos adormecidos da casa:

— D. Dulce!...

À sua voz, aquela massa inerte desenvolveu-se lentamente em um vulto de homem, que se foi a custo levantando. Essa figura grande e fantástica deu alguns passos trêmulos e vacilantes, como se mal pudesse ter-se em pé; e estendendo o pescoço, à semelhança de um cavalo que fareja, espiou o rosto do mancebo. Parece que o reconheceu, pois lhe travou da mão vivamente e apontou para o lugar onde estivera acorrido:

— Está ali!... disse um sopro de voz.

— Dorme ela, Lucas?

— Quem sabe?... Até anoitecer, ainda eu ouvia gemer.

— Mas então acha-se enferma?... Levai-me onde está. Quero vê-la.

— Não. Ela não quer...

— Onde está?

— Ali, no oratório...

— A porta?

— Não tem mais.

Impossíveis eram de compreender as palavras do negro Lucas para quem, como Estácio, ignorava os sucessos ocorridos ultimamente.

\_\_MATCH\_\_:[Página:As Minas de Prata \(Volume VI\).djvu/287](#)

Desde que deixara o confessionário do Colégio, caíra Dulce em uma espécie de letargo, do qual só três dias antes saíra. Vaz Caminha apareceu como de costume e alegrou-se de a ver mais animada; porém logo a conversa tomou um tom melancólico.

— Tenho um pressentimento, doutor, de que me finarei breve, e pois quero confiar-vos meu testamento.

— Recai na melancolia, D. Dulce. Tratai de vos distrair.

— Ei-lo. A ninguém tenho já com quem distribua os bens da fortuna, como não tenho há muito com quem reparta os bens deste pobre coração, a não serem vós e vosso filho d'alma, Estácio.

— Quanto a mim, não consinto... ia replicando o advogado.

— A vós, doutor, deixo-vos pouco, bem pouco, um quase nada. Estais velho e só; não tendes mais ambições, senão uma que me confiastes, a de ver saído da estampa esse outro filho de vossa alma, que durante a vida inteira e por longas noites embalastes. Deixo-vos para isto o bastante e nada mais.

Com esta delicadeza apagou os escrúpulos do velho; durou a prática até Ave-Marias, em que se foi Vaz.

— Não ide triste, meu velho amigo. Que meu padecimento está para acabar, eu o sinto. Talvez o acabe a morte, e talvez, quem sabe, a ventura.

— Qual ventura?

— A que Deus me enviar.

Partido o advogado, a dona deu em segredo várias ordens a Lucas, o qual foi-se a cumpri-las. Depois despediu a Brásia do seu serviço, apesar das lamúrias da velha comadre, e ordenou-lhe que deixasse imediatamente a casa com seu fato; para isso a mandou bem paga de suas soldadas.

Ficando só, abriu a dama baús da Índia, onde estavam guardadas roupas do mais rico estofado e lavor, mimos de seu pai, que pensava distraí-la com estas galas; ainda porém ali estavam em folha como haviam saído das mãos que as trabalharam.

Dulce compôs-se embelezando-se como para uma festa. Ao ver retratar-se no espelho do trumfo sua imagem, o sorriso, tanto havia refrangido, desatou do lábio.

— Ainda sou formosa!

A paixão a transfigurava.

— Mais formosa talvez do que outrora... na festa da maia.

Dulce tinha razão; o botão de outrora radiava em flor estrelada. Em Palos sua beleza tinha sido uma aurora; nesse momento era um esplendor.

Fechara a noite.

A dama tirou da gavetinha do trumó uma carta, e leu-a antes de a cerrar com cera preta. Continha apenas estas palavras:

*Dissestes que só no céu veria meu esposo; para lá me parto agora. Espero que me não desampareis neste momento derradeiro.*

Por Lucas mandou a carta ao Colégio, para ser entregue ao P. Molina sem mais demora, pois se tratava de um caso grave. Enquanto dava o negro conta da incumbência, Dulce recostou-se à janela do quintal; perto dali um pedreiro, trazido por Lucas, amassava a cal e arrumava os tijolos para uma obra qualquer, urgente, pois entrava pelo serão.

— Ele virá! balbuciou a moça.

No receio de que o jesuíta se esquivasse ao chamado, lembrara-se quanto havia de pesar em seu ânimo a ideia de

não consentir que outro ouvisse a confissão extrema da esposa abandonada.

Seriam nove horas quando o P. Molina guiado pelo negro chegou à casa, e logo depois ao lugar onde o aguardava a penitente.

Era o oratório estreita quadra no centro do edifício, fechada em cima por abóbada, e servida por uma só, e esta pequena porta. No fundo estava o altar com os círios acesos; ao lado sobre um coxim de veludo, a dama envolta em manto de lila preta que a cobria da cabeça aos pés, mostrando apenas a flor do pálido semblante.

— Que fizestes, senhora?

— Morro para ter o direito de ver-vos! respondeu uma voz dolente.

O padre quis sair.

— Onde ides?

— Em busca de socorro. Sem dúvida tomastes alguma droga. Eu vos salvarei!

Travou-lhe a dama das mãos:

— É escusado! Uma hora de vida, se tanto que resta, desejo que a passeis à minha cabeceira. É vosso dever de

sacerdote!

— Meu primeiro dever é salvar-vos.

— Tendes vós o direito? Me restituireis a felicidade com a vida? Dizei-o!... Não respondeis!... Bem vedes que nada há já que me salve.

A senhora escondeu nas mãos o rosto banhado de lágrimas. Os soluços rompiam-lhe do peito. Quando acalmou esse acesso de dor, começou com débeis acentos:

— Fazem quinze anos!... Tantos eu tinha!... que formosa noite nas margens do Tinto: tudo era amor em torno de nós! Quem me dissera então que a minha noite de noivado tão linda se havia de trocar por esta tão aziaga! As bodas e a agonia se reuniram; e o esposo fez-se confessor!...

O frade escutava; as rugas, que sulcavam sua fronte proeminente, afundavam, como se o espírito se contraíra até os refolhos da consciência. A dama murmurou ainda aquelas brandas queixas e afinal sopitou-se em sua dor.

Decorreu longo trato. No oratório reinava o silêncio; mas na parte de fora da porta ouviam-se uns rumores estranhos e descompassados; não penetravam eles o espírito do jesuíta imerso nas profundidades de seu passado; porém no coração de Dulce repercutiam tristemente como os sons do martelo na catacumba.

Então a palavra borbulhou do lábio do jesuíta, como a espuma do álcool por muito tempo reprimida:

— Neste momento supremo, posso dizer-vos!... Já não sois deste mundo; estais a comparecer ante o Senhor; e lá haveis de ler em minha alma.

— Falai sim! É supremo consolo ouvir-vos!

— Pois sabeis, mulher, que muito vos amei eu também...

— Vós?... Não é possível!...

— Não foi quando vos vi a vez primeira às margens do Tinto, em vosso casalinho, que vos quis... Então era eu uma criança, e folgava convosco brincos de infância, quando juntos dançávamos na festa da maia, quando corríamos à casa do cura que abençoou nossa união. Desde que me arredastes de vossa vista, quebrou-se o encanto. A sede de aventuras, que me escaldava o cérebro, arrancou-me à vossa influência. Vi um jesuíta; isso decidiu de minha sorte. Era ambicioso; e diante de mim abria-se uma carreira brilhante a percorrer.

A dama ergueu o busto sobre a almofada.

— Quando foi que me quisestes então?

— Quando passados anos vos vi a meus pés na Igreja de São Domingos, mais formosa que nunca. Era eu já um

mancebo; apesar de que me cobria este hábito, não tivera ele ainda tempo de enregelar o coração vigoroso e ardente. Achei em minha vontade a força grande de repelir-vos com dureza, e pôr entre nós a imensidade dos mares. Mas donde vos não pude arrancar foi desta alma, onde a cada instante surgíeis cheia de seduções irresistíveis para provocar toda a possança de um amor veemente.

Molina debruçou ao leito sobre o rosto da dama:

— Sofrestes!... Sofrestes muito!... Que foi porém vosso sofrimento em par com o meu? A pureza de vossa consciência, a serenidade da virtude, nada a perturbava em vossa dor e aflição... Mas eu?... Réprobo que abjurara os votos conjugais pelos votos da religião, e me sentia de novo arrastado para o amor, desprezado quando ventura, e anelado agora que era crime e sacrilégio! Vossa imagem, deslumbrante de beleza, resplendente de paixão, se ostentava no meu delírio; eu lutava, abraçando-me com todas as forças à cruz do Senhor; mas as garras de Satanás me arrancavam daí, dilacerando-me para me rojar a vossos pés. Vós porém me repelíeis com asco e horror, como um evadido do inferno. Tentação até o sacrilégio, desprezo até o asco, eis a minha existência. Perante Deus, réprobo, perante vós, infame; minha virtude de sacerdote, minha consciência de homem, se martirizavam mutuamente.

— Esposo!... murmurou a meiga fala de Dulce.

— E nessa grande solidão da dor, em que minha alma viveu, nenhum pensamento consolador. Onde achá-lo? Aos pés do altar que eu maculava? Junto a vós a quem desgracei? Nas recordações de uma infância desvalida e vergonhosa?... Cristo teve sete passos para carregar a cruz ao Calvário; eu, pecador, devia arrastar a minha sem repouso, nem alívio.

O jesuíta ergueu-se arrebatadamente, e afastando-se do leito, cruzou o aposento com passos agitados. Rangiam-lhe os dentes; os lábios tremiam com arrepio convulsivo. Uma luta desesperada e terrível agitava sua alma:

— Restava este último e supremo combate!... Todas as iras do Senhor se desencadeiam contra mim, pobre e mísero mortal!... Minha coragem está exausta, minha vontade cansou!... Mas não sucumbe assim a alma do justo! Não!... A virtude que lutou até hoje, sairá triunfante de sua derradeira prova.

Fazendo então um heroico esforço, aproximou-se outra vez do leito, e cravou os olhos na dama, estática de ver a estranha agitação:

— Sim, vencerei!... Mas é preciso que eu fale!... O horror de meus pensamentos, ecoando aos meus ouvidos, e arrancando a indignação de vossos lábios, talvez flagele este mísero réprobo e aplaque o infame desejo!... Nem imaginais, mulher, o que vai no abismo insondável desta

arca!... Enquanto vos falo, sacerdote, a vós, moribunda, sabeis que influências sobem deste leito ao meu espírito satânico?... São as seduções da paixão!...

Dulce quis falar; ele abafou-lhe a palavra nos lábios:

— Ouvide!... A cada instante, aos meus olhos alucinados, este oratório se transforma na câmara nupcial!... Lá corre o Tinto a murmurar; aqui está o leito e a noiva a sorrir. Através da mortalha, que já as cobre, eu vejo as formas sedutoras, e minha alma precipita para cevar-se nesse fúnebre himeneu!

Dulce ergueu-se de um ímpeto; com esse movimento brusco a negra manta que a cobria toda deslizou pelas espáduas, e ostentou-a no esplendor de sua beleza.

Dulce tinha o voluptuoso traje de noiva, últimos véus da virgindade expirante, que um sopro basta para desfazer. Nas oscilações dessa transparência que ora se empana, ora se aclara, a formosura radiante da andaluza radiava fascinações ardentes:

— Os braços de vossa esposa estão abertos para vós, querido!... Quanto há que vos eles esperam e anseiam! Não vos enganais! Essa é a noite feliz de nossas bodas, que um contratempo interrompeu e agora continua mais desejada. Estamos sós, é linda a noite; este céu é belo como o nosso

da Andaluzia; as brisas do mar também se inebriam aqui do cheiro das flores de laranja!... Vinde, amado meu!...

Molina hirto de espanto arrancou de seus ombros, como se fora um jugo de ferro, o nevado braço que a dama cingiu-lhe ao colo.

— Arredai-vos, mulher!... Que significa este jogo? É alucinação minha, ou embuste vosso? Sois vós a envenenada que me falava pouco há, com voz e gesto de moribunda!

— Sou vossa esposa amada! Quero viver; sim, para o vosso e meu amor!... Essa, que vossa alma desejou com tais ímpetos de longe, ou à borda do túmulo, não a quereis mais, agora que vos ela sorri e se arroja a vossos pés?...

O frade recuou, como se erguera-se ante ele uma vípera assanhada, e caminhou direito à porta.

A dama precipitou-se avante e tomou-lhe o passo.

— Não partireis!...

Houve um instante de hesitação, em que o sacerdote cerrara as pálpebras para não ver a deslumbrante beleza que lhe entrava pelos olhos e alma adentro. Depois ele a afrontou com a vista, senão calma, segura, e proferiu em voz firme:

— Ficarei, tendes razão! Devo levar ao cabo esta dura provança; sairemos dela, eu torturado e vós para sempre desenganada. Não me compreendestes, Dulce! Eu vos amo! Esse amor porém é uma flagelação d'alma, mais crua que a flagelação do corpo!... Não o reclameis, que ele se voltará em rancor profundo!... Entre nós está Deus!

— Não profaneis esta palavra amor, como profanastes a santidade de nosso himeneu!... Se fosse verdade que me amásseis, não teríeis nem a força, nem a vontade de resistir aos impulsos do coração!... Mas basta o temor do pecado para gelar-vos o sangue!... Quereis saber como se ama? É assim como vos eu quero e anseio há tantos anos!... Olhai-me!... Todas as potências de minha alma se arremessam para vós!... E eu sei que sois um sacerdote, que pertenceis ao Senhor!... Venha embora a condenação eterna; a lembrança dela me é doce, porque promete unir-nos no inferno, já que o amor nos expulsa do céu.

— A castidade é a nossa força! Os companheiros de Cristo, como seu mestre, devem preservar-se da impureza. Aí está sua virtude; aí o poder que tem realizado tantas coisas grandes. Não é a miserável individualidade minha que eu defendo contra o vosso amor; é o apostolado que me foi confiado, e a obra gloriosa que eu prossigo.

— Sois ambicioso?... Eu já o sabia. Correis após as minas de prata, que jamais encontrareis, porque elas não existem!... Tesouros porém de maior vulto, riquezas

fabulosas, como nunca sonhastes, tenho eu que são vossos, que pertencem a meu esposo. Elas vos farão grande, príncipe, rei... o que desejardes!... E em troca de todas essas grandezas, só vos peço amor, amor!... Amor por um dia, amor por uma hora!...

— Onde estão essas riquezas? perguntou o frade com avidez.

— Duvidais?

Dulce correu ao altar, e erguendo a oca peanha de madeira, que servia de base ao crucifixo, tirou do vão o cofre embutido, que fora desenterrado pelo Doutor Vaz Caminha. Abriu-o com a chave de ouro que trazia, e ergueu a tampa.

Molina fechou os olhos deslumbrados, soltando um grito de terror. Do cofre aberto jorraram espadanas de luz, que rutilavam da cópia de grandes diamantes ali encerrados. A dama encheu as mãos das pedras preciosas e começou a brincar, fazendo-as borbulhar como cascatas.

— Recebei, esposo meu, é o dote de vossa Dulce!... disse afinal a formosa dama apresentando o cofre.

O jesuíta sorriu:

— O que vós não pudestes em mim, senhora, não poderão estas brutas pedras!...

Com o gesto repudiou o cofre, e foi ajoelhar ante o Cristo.

Quanta sedução inspira à mulher a consciência de sua beleza e o afogo de veemente paixão, Dulce desenvolveu naquela hora. A contrariedade lhe enfurecia o amor, que então bramava raivoso; mas logo aplacava, arrastando-se súplice e humilde aos pés do impassível jesuíta.

— Tentai-me!... murmurava este. A alma sairá mais fortalecida do combate!

O rumor, que desde princípio se ouvia do lado da porta, parecia ir a pouco e pouco subindo ao longo da parede. Dulce, que por algum tempo o esquecera, ouvindo-o agora, estremeceu. Lançando para aquela parte um olhar esvairado, voltou-se para o sacerdote:

— Ainda uma vez!... Sereis ou não meu?

— Pertença ao Senhor!

— Pois então sabeis que também fiz um voto. Jurei que não sairemos deste aposento, senão esposos ou cadáveres!...

— Cumpram-se os altos desígnios da Providência.

Ambos emudeceram. O frade orava; a dama escutava o ruído, que a pouco e pouco ia diminuindo; afinal interrompeu-se; soaram no alto duas pancadas fortes e rijas; depois cessou completamente o rumor.

— Ouvistes!... exclamou Dulce. Foi a lousa de nossa catacumba que acabam de selar.

— Não vos entendo.

— A porta por onde entrastes, a única deste oratório, está murada por fora.

O jesuíta circulou com os olhos o aposento e examinando a porta conheceu que estavam realmente sepultados em vida. Acreditou então nas palavras de Dulce, as quais a princípio tomara por uma vã ameaça.

— Não me pertencestes na vida, me pertencereis na morte. Teremos o mesmo túmulo, já que não tivemos o mesmo toro.

As luzes do oratório extinguiram-se; a treva derramou-se pelo aposento.

Lucas, deitado da parte de fora, junto à parede, com o ouvido colado no chão, não ouviu mais rumor no oratório durante o resto da noite; mas pela manhã percebeu ele que batiam com força contra a porta, e apesar da ordem da senhora, custou-lhe a não seguir os instintos de sua natureza, que o excitavam a penetrar no aposento. O silêncio porém logo restabeleceu-se até o momento em que ali chegou Estácio.

Apenas o mancebo suspeitou pelas confusas palavras do negro o que era passado, correu desatinado pela casa em busca de um instrumento qualquer para abrir a parede; achou-o no jardim. Enquanto ele trabalhava, Lucas batia o fuzil e acendia uma candeia.

Joaninha, sentada à soleira da porta do jardim, e alheia ao que sucedia perto, continuava a cariciar o corpo inanimado de Gil, impaciente pela demora de Estácio em socorrê-lo, mas animada com a esperança de que ele traria o necessário para salvar o mísero pajem.

— Senhor Deus, salvai-o, não para mim, que faço voto de servir-vos todo o resto de minha vida!... Intercedei por ele, que sois seu patrono, meu São Gil, e vos levantarei uma capela!

A brecha afinal deu passagem; Estácio precipitou-se dentro.

A cena era sublime.

O sacerdote, sentado nos degraus do altar, sustinha em seus joelhos o busto desfalecido da formosa Dulce; um dos braços da senhora pendia-lhe pelos ombros; e a cabeça repousava sobre o peito. O jesuíta já não se podia ter firme; era a coluna do altar que o amparava; sentindo que alguém se aproximava, sua voz débil como um soluço murmurou:

— Ela! salvai-a!... e desmaiou.

— Depressa! exclamou o cavalheiro. Vinho, Lucas!

O negro ergueu-se da terra onde jazia aos pés da senhora, e arrastou-se à copa, donde trouxe pão e vinho.

Foi tarde porém; a dama era já finada. Sem dúvida ela morrera feliz; porque sua alma, partindo-se daquele formoso despojo, deixara impresso nos lábios um sorriso de enlevo. Em uma das mãos notou-se que ela tinha fios de cabelos brancos, que pareciam arrancados em um último estertor.

Estácio cuidou de salvar o jesuíta, ao qual algumas gotas de vinho bastaram para reanimar:

— Estácio!... proferiu ele ainda com a voz sumida.

Ouvindo-se chamar e por uma fala, que vibrou dentro de sua alma, pôs o mancebo olhos de espanto no desconhecido. Aquele semblante profundamente sarjado de rugas, aquela fronte obumbrada de cãs revoltas, jamais os vira decerto, mas através da máscara de uma velhice fulminante transpareceram traços enérgicos, que ele conhecia e tinha impressos na lembrança.

Afinal exclamou o mancebo saindo de sua dúvida para um espanto maior:

— P. Molina!...

O velho quis reter-lhe a palavra com um gesto de terror e murmurou com entonação profunda:

— Não proferi este nome; ele foi profanado, filho. Já não sou o sacerdote da religião e ministro do Senhor. Estas vestes, manchei-as. Arrancai-as de mim, que me queimam e trucidam as impurezas da carne... Não as devo trazer sobre este miserável despojo, que a virtude enfim desertou... Cuidei-me forte, e poucas horas bastaram para aniquilar essa fortaleza. O passado de tantos anos, apagou-o algumas lágrimas!...

Quase não o ouvia Estácio, tão cheio estava de comiseração ante aquela grande ruína de um vigoroso organismo. O frade curvou a cabeça ao peito, e permaneceu assim vergado ao peso da dor.

— Ela vos amava, Estácio, como seu filho... Todo o mal que vos eu fiz sem querer, sua alma angélica devia reparar.

Arrastou-se a custo até o cofre que rojava pelo chão, e pô-lo entre as mãos do mancebo:

— Guardai-o. Isto vos pertence. Aí está encerrada vossa felicidade.

Estácio tomou o cofre maquinalmente, e pôs nele os olhos, sem compreender ainda todo aquele mistério. O P. Molina ajoelhou de braços sobre o corpo exânime de Dulce, e

ouviram-se os soluços abafados que lhe rompiam o seio e estalavam contra o gélido espojo.

Nesse instante um grande estrupido soou na rua; magotes de gente corriam apressados para o outro lado da cidade, deixando após o surdo rumor de passos e vozes, que no silêncio da noite incute sempre um inexplicável pavor. De vez em quando distinguiam-se nesse coro confuso falas que se destacavam:

— Fogo!... fogo!...

— Depressa!

— Aonde?

— Para as bandas da Sé!

— Acudi!...

Estas vozes sinistras ecoaram dolorosamente n'alma já tão ulcerada de Estácio.

Ainda havia naquela cidade de desolação e luto, para ele viúvo de suas mais queridas afeições, um derradeiro amigo; e esse habitava justamente aquele canto, onde lavrava o incêndio. Tomou-o tal espanto e terror, que sem volver um olhar ao oratório, da varanda em que estava, ganhou a rua e seguiu a corrente do povo.

O incêndio era por detrás da Sé, e justamente na casa de Vaz Caminha.

O advogado, depois que Gil partiu, voltara a escrever; havia tempos que ele trabalhava com afinco na sua grande obra, que a promulgação das novas Ordenações Filipinas, em 1603, modificara profundamente, exigindo grandes retoques e aumentos. Depois da morte de D. Mência especialmente essa atividade do trabalho redobrou, e tornou-se quase uma febre.

Vaz Caminha tinha um pressentimento de seu fim próximo; não queria deixar o mundo sem concluir a obra que consumira a melhor seiva de sua vida, e representava uma das duas grandes dedicações de sua alma, a dedicação da inteligência, como Estácio tinha sido a dedicação do coração. Sentia o pobre velho que exauria os últimos alentos naquele labor estrênuo; mas sorria-lhe a imortalidade de seu nome, e em holocausto a ela sacrificava de bom grado os poucos vislumbres de existência que ainda restavam.

Euquéria já estava no seu terceiro sono, e de cada vez que acordara, tinha vindo à porta do gabinete espiar pela fresta da porta o seu velhinho. Achando-o sempre debruçado sobre o telônio e a escrever e sobrelinhar o grande alfarrábio, ralhava:

— Acame-se, Sr. Vaz! Já os galos cantaram. Também é tentar a Deus!...

— Estava mesmo para isso, Euquéria. Antes que vos deiteis, ouvir-me-eis roncar.

A velha tornava resmoneando; e o bom do Vaz, sorrindo, afundava-se mais no trabalho; era já nas últimas folhas; breve veria o desejado fim, e selaria com uma cetraria a grande obra. Poderia então morrer tranquilo, legando a Estácio o cuidado de tirar da estampa o livro.

Um instante porém sua cabeça, esmorecida e pesada de sono, vergou. Era já por madrugada, e muitas noites havia que o velho passava em claro; a seu pesar pois a mão parou inerte sobre o volume, a fronte escaiu e pousou sobre o braço. A respiração doce, ainda que fatigada, resfolgando sonora, anunciou que o bom velho dormia.

De repente ele acordou sobressaltado, sentindo estranho calor no rosto; ergueu de chofre a cabeça, e ficou como fulminado.

A candeia, que alumiaava o trabalho, estava mui próxima da parte já corrigida do volume; o morrão, desprendendo-se com alguns frocos de chama, caiu sobre as folhas, e as foi consumindo em mais de um terço até a capa de pergaminho.

Avaliando o estrago já produzido, vendo a obra de tantos anos de laboriosas investigações destruída por uma

centelha, Vaz Caminha ficou estúpido, com os olhos pasmos e o movimento paralisado. Seguiu o progresso da chama sem força nem vontade de extingui-la.

De que lhe servia que apagasse? Não estava sua obra já destruída, e com ela consumida a melhor porção de sua alma? Que ficava ele fazendo na terra depois que seu espírito, ali apurado com tanto afã, se partisse dela?

O incêndio propagou-se com rapidez. De repente Vaz Caminha recordou-se do testamento de Dulce a favor de Estácio. Ainda o tinha no bolso; era preciso salvá-lo para que chegasse às mãos do mancebo. Correu à porta, mas já o fogo a invadira de modo que não a pôde atravessar, refugiou-se então em um canto menos fustigado das labaredas.

A esse tempo era o incêndio senhor do edifício; o povo se aglomerava em torno, mas como sempre sucede, na falta de uma iniciativa, perdia-se o tempo em hesitações.

Reconhecendo que o fogo era na casa de seu velho mestre e amigo, Estácio foi presa de uma vertigem, e lançou uma pungente imprecação de angústia.

— Melhor é rir!... Já não tenho alma para sofrer!

Quis desprender dos lábios uma gargalhada convulsa, e os dentes lhe rangeram de raiva. Teve ímpetos de atirar-se contra aquela multidão que se agitava ante ele e trincar-lhe

as carnes, para derramar sobre os outros essa desgraça tenaz que se lhe agarrava como uma lepra asquerosa.

Um homem veio a ele, que o avistara de longe. Era Bartolomeu Pires, o velho amigo do advogado, acorrido um dos primeiros à notícia do incêndio. Reconhecendo o mancebo, deitou-se a ele, e não só pela atração de uma dor comum; lembrou-se que pondo seus esforços à disposição de Estácio, cuja energia e decisão bem conhecia, talvez se pudesse ainda conseguir a salvação do bom doutor.

— Vinde, Sr. Estácio!... Tenho fé que chegaremos a tempo.

Foi como um impulso magnético, o que essa palavra de esperança produziu no mancebo; precipitou-se avante seguido pelo mestre de capela até a janela do edifício. Daí lançaram o olhar ansiado para a cratera de chamas que borbulhava dentro; um grito áspero de dor rompeu do seio de ambos.

No fundo do aposento já completamente invadido pelas chamas, via-se a estátua de Vaz Caminha em uma atitude eloquente e sublime. O velho erguia acima da cabeça a destra que segurava o testamento de Dulce, tentando salvá-lo em derradeiro esforço. Seus olhos cheios de angústia envolviam o papel que a chama enegrecia; impassível às torturas que sofria seu corpo já meio devorado pelo fogo, ele só lembrava-se nesse instante de salvar a herança do

filho amado. Sua sensibilidade estava naquele papel mais que na sua própria carne.

Estácio se arrojara contra as chamas para salvar seu mestre; porém um bulcão de fumo e brasido, que irrompeu pela janela, o sufocou, rejeitando-o fora quase asfixiado. Mestre Bartolomeu, apoderando-se de uma lança, investiu contra o fogo para abrir caminho, enquanto o mancebo, dissipada a asfixia, voltou à carga.

Ouviu-se então um grande estrondo; o teto da casa desabou todo, e de um só jacto, sepultando sob suas ruínas os sobejos do edifício. Ao estrépito respondeu um clamor doloroso da multidão, que permaneceu estática e imóvel ante a horrível catástrofe.

Bartolomeu teve ainda resolução para deter Estácio que, não obstante o desabo do teto, se lançara entre as paredes vacilantes, pisando sobre uma grelha de brasas, para senão salvar, ao menos abraçar os restos queridos de seu mestre e amigo.

— Sr. Estácio!... Sr. Estácio!... gemeu o cantor.

— Deixai-me!... Não me impedi!...

— Mas ides matar-vos!...

— E que tenho eu mais com este mundo? replicou o mancebo em ira.

Nesse instante atravessou pelos ares um som lúgubre. Os sinos da Sé dobravam a finados, e já lhe respondiam os outros sinos das próximas igrejas.

A multidão, apenas recobrada da triste impressão de uma desgraça, era já assaltada pelo receio de outra.

Houve como um soçobro de espíritos naquela gente; imersos em si mesmos, sentindo os sons funéreos do bronze repicarem doridamente em seu íntimo, esperavam anelantes a certeza dessa outra catástrofe que estava plainando.

Súbito grupos e grupos se foram destacando da massa informe e correndo para as bandas da Sé. Após outros; afinal estabeleceu-se a corrente, que escoou ao longo da rua rumorejando:

— Tão moça e formosa!

— Nem a capela tirou!

— Que pena!

— Mais um anjo no céu!

— Castigo! Castigo!

— Não tinha que ver!

— Tão mal agouradas bodas, não podiam surtir bem.

Estácio ouvira o toque de finados e as vozes destacadas da gente com curiosidade indiferente e como uma diversão à sua angústia; mas de improviso soltou um grande gemido, e lançou-se após a turba.

Era para a casa de Cristóvão de Ávila que a multidão corria levada pela curiosidade. Ainda ali duravam as galas e luminárias da festa que de repente se trocara em luto.

A esta hora já os fidalgos presos no pavilhão tinham forçado a porta e derramavam-se pelas casas. Em vez de Cristóvão morto, grande foi a surpresa de D. Francisco encontrando sua filha a expirar.

Atravessando por entre a multidão, Estácio penetrou na câmara nupcial.

Estacou na porta.

Em frente, sobre o leito de veludo estampava-se no brocado azul da tapeçaria o formoso relevo do talhe de Inesita. Parecia que adormecera, reclinada suavemente sobre as almofadas.

O mancebo avançava, quando a figura pavorosa de D. Francisco de Aguilar assomou-lhe por diante:

— Retirai-vos, mancebo! Não insulteis minha dor!

Estácio curvou a cabeça ante aquela sagrada indignação e saiu do aposento. Alguns passos além sentiu que o estreitavam ao peito; firmou os olhos baços no vulto, e através da névoa do espírito reconheceu Cristóvão. Então com o gesto frio e compassado de um autômato desviou de si os braços do cavalheiro:

— Estácio!... exclamou Cristóvão.

— Um túmulo nos separa.

O cavalheiro sentiu o coração esmagado por esta palavra. O amigo tinha razão: ele era o assassino de Inesita; querendo salvá-la, a perdera.

— Uma graça me deveis, em paga de tanto mal. O espojo mortal de Inês vos pertence, porque enfim... a desposastes.

Esta última palavra o mancebo a arrancou do peito como uma convulsão.

— Seu esposo sois vós! exclamou Cristóvão.

— Reclamo de vossa lealdade o espojo de uma alma que me pertence.

— Tê-lo-eis.

— Quando?

— Na seguinte noite.

— Onde?

— Em São Bento.

Partiu Estácio. Na rua o Bartolomeu Pires chegou-se a ele e pôs-lhe nas mãos um objeto.

— Vossa caixa, Sr. Estácio.

## \_\_MATCH\_\_:[Página:As Minas de Prata \(Volume VI\).djvu/333](#)

Caía essa noite fatal que vinha tão preñe de calamidades. Elvira, recostada na penumbra do balcão, engolfava-se em um melancólico cismar.

Acudiam-lhe à mente as doces recordações de seus puros e castos amores, quando o virgem coração começara a desbotoar como uma flor, à luz ardente dos olhos de Cristóvão. Lembravam-lhe as tímidas esperanças, os contínuos rubores, os desejos travados de sustos, todos esses desmaios do coração que anunciam a concepção do amor.

Mas a pouco e pouco iam-se apagando estas reminiscências vivaces, como se apagavam no horizonte os tons rubros e áureos do arrebol da tarde; sucediam tons mais carregados e sombrios; lembranças da luta que teve a sustentar com sua mãe para defender seu amor. Finalmente a luz esvaecia-se de todo; ao crepúsculo sucedia a treva do presente cheia de tristura e ermo de esperanças.

Era noite.

O espírito da donzela parecia acompanhar o declínio da luz no horizonte, e sofrer a influência da sombra no espaço. A

mesma escuridão, que sepultava a natureza, enlutava agora sua alma.

Depois da tarde em que com generosa abnegação restituíra a Cristóvão seu juramento, a existência da donzela era essa: sair um instante do presente para logo após tombar nele e mais fundo. Era o transe do mísero náufrago; à custa de violento esforço surde à tona, braceja em vão, respira, entrevê o risonho azul do céu, e afinal de novo submerge-se.

Elvira estava excessivamente pálida, mas ainda assim formosa; sua beleza tinha certa diafanez que a assemelhava a uma linda imagem de cera, qual se adora nos altares. Uma semana havia que ela começara de sentir um estranho sofrimento. De repente fugia-lhe a vida, deixando seu corpo frio e exânime; após a vertigem ficava-lhe uma sensação inexprimível, como a aspiração interna de todo o seu ser, seguida de uma constrição profunda.

A donzela curtia consigo este novo padecimento; ela se habituara de há muito a sofrer só e sem queixumes. Desde que sua mãe uma noite vibrara o punhal que devia cortar o elo de seu amor, e abandonara a vis assassinos a existência de Cristóvão, interpusera-se entre ambas véu glacial como um sudário.

Um dia porém D. Luísa de Paiva surpreendera a filha presa da costumada vertigem:

— Que tens, Elvira?

— Nada, minha mãe.

— Estás sofrendo alguma coisa, que pretendes ocultar-me! replicou a dona com voz severa.

A donzela ergueu para ela um límpido olhar; mas sua voz era profunda.

— Confessei-vos piores coisas, senhora!

Depois acrescentou:

— Há dias sinto uma vertigem, que me vem de repente, e uma agonia dentro, como se me arrancassem as entranhas. Mas logo passa... Há de ser fraqueza.

D. Luísa estremeceu; logo se contendo, derramou pelos lábios um sorriso de cruel ironia. Elvira viu esse sorriso sem o compreender; sua alma porém agastou-se com ele, como a sensitiva.

— Sei o que isso é!... Careces sem demora de ser curada para que não cresça o mal, que então será sem remédio. Vou te preparar uma mezinha de muita virtude, que me ensinaram.

— Para que, minha mãe? Isto nada é.

A dona voltara tempo depois com uma beberagem, de que obrigou a filha a tomar alguns tragos; nos dias que seguiram repetiu a dose, que a donzela bebeu sempre com indiferença, insensível tanto ao amargo do remédio como ao benefício dele.

Nessa noite, apenas acenderam luzes, D. Luísa veio como de costume trazer à filha a taça com remédio. Elvira, perturbada em sua dolorosa cisma, mas não arrancada a ela, segurou a taça maquinalmente e levou-a ao lábio. Quando porém o líquido verteu a primeira gota, ergueu-se a donzela arrebatada e fora de si.

A cabeça levemente pendida à esquerda, como se inclinara o ouvido às palpitações do coração, os lábios entreabertos pelo forte anelo, o corpo convulso para dentro de si, tal foi a atitude de Elvira alguns instantes. De repente ela soltou um grande e pungente ai, levando a mão ao regaço; uma cólera grande que dormia no fundo de sua alma, desencadeou-se como uma procela.

— Não o haveis de matar! Quereis imolar o filho, como já imolastes a mãe ao vosso fanatismo! Mas Deus não consentiu. Ele acaba de revelar-me por uma influência de sua infinita misericórdia a existência de meu filho!...

D. Luísa de Paiva dardejou sobre a donzela um olhar ímpio:

— Bebe!... exclamou apresentando de novo a taça.

— Nunca!...

— Preferes a infâmia?

— Estou resignada, respondeu a donzela com humildade.

A viúva teve um instante os olhos cravados sobre a filha. Que mau pensamento ruminava ela naquele transe?

— Então para salvar este fruto do crime e da vergonha que trazes no ventre, não te importa macular o nome de teu pai e a virtude de tua mãe, de lançar sobre os que te geraram o desprezo e o escárnio de tua desonra?

— O crime foi meu; só eu serei punida!

— Assim devia ser, mas assim não é. O mundo dirá vendo-te passar: — É a filha de Afonso de Paiva, o honrado mercador, que tornou-se uma...

— Minha mãe!...

— Arrepia-te o nome? O povo o dirá não uma, porém mil vezes!

Sentiu Elvira irritar-se o coração contra aquela crueldade:

— Pois que repita!... Será maior o castigo, quanto maior for a vergonha! Tudo sofreria, e agora ainda mais, por meu filho.

— Por teu filho!... E esse mesmo, quando souber que é um bastardo, não te pedirá contas severas de tua virtude e de sua honra?

— Ah! exclamou Elvira ferida n'alma.

Sua mão chegou a estender-se para a taça; mas uma boa inspiração lhe desceu do céu, que retraiu o movimento e lhe orvalhou de sorriso e esperança o semblante angustiado:

— Meu filho terá um nome honrado e nobre!

— Qual?

— O de seu pai.

A viúva soltou um riso de mofa.

— Supondes que Cristóvão me abandonou? continuou Elvira. Pois sabeis, minha mãe, que fui eu quem o absolvi de seus votos e a seu pesar, porque me julguei indigna de seu amor, depois de meu pecado, embora fosse ele a causa. Mas aceitarei para meu filho o que para mim recusei.

O riso escarninho da dama redobrou:

— De que rides vós, minha mãe?

— É verdade; não sabeis ainda! Ouvis este rumor de festa que anda lá fora? Nem suspeitais o que seja?...

— Acabai!

— São as bodas de vosso fiel amante D. Cristóvão de Garcia de Ávila.

— Meu Deus!

— E adivinhais com quem? Com vossa melhor amiga, a formosa D. Inês de Aguilar.

— Ah!

Elvira caiu fulminada sobre o estrado. Sua mãe, depois de a contemplar algum tempo, conhecendo que ela não carecia de socorro corporal, retirou-se, esperando tudo da situação em que deixava a donzela. Perdida toda a esperança de casamento, o único recurso, que restava, era o aborto; assim destruiria o obstáculo que sobreviera para impedir o cumprimento de seus votos.

Ergue Elvira a cabeça e circula o aposento com olhares esvairados. Não vendo a mãe, como que sua alma sentiu-se aliviada de um grande peso.

— Não é a primeira vez que ela me engana! Verei Cristóvão e lhe suplicarei em nome de meu, de nosso filho! Ele é nobre e generoso! Se porém for verdade... Se chegar tarde para obstar que seja esposo de outra...

Levantou-se resoluta:

— Não matarei meu filho, não!... Morrerei para que ele não nasça à vergonha e à desonra!

Rebuçando-se à pressa em escura manta, resvalou como sombra ao longo do corredor. Já corre na direção da cidade; passa a porta de São Bento; seu instinto a leva à Sé, cujo caminho conhece. Ela sabe que Ávila mora nas imediações, e espera poder orientar-se ali chegando.

A gente do povo, que concorria à casa do fidalgo para ver chegar os noivos, a guiou; quando o cortejo já aparecia no princípio da rua, Elvira sem dar fé, atravessou da outra banda e entrou na habitação de Cristóvão.

Esgueirou-se como um fantasma ao longo das escadas e deslizou pelos aposentos iluminados; de repente abriu-se diante dela uma porta, e seus olhos viram o leito nupcial ricamente adornado. Em torno as aias da noiva dispunham suas roupas de dormir sobre o coxim de veludo, e davam o último alinhamento à câmara festiva.

— Cristóvão!... Cristóvão!... exclamou Elvira arrojando-se no aposento, e recuando ante aquele aparato.

As mulheres, que ali estavam, volveram para a desconhecida com surpresa, depois se entreolharam rindo, e cochicharam da aventura.

— Não me direis onde encontrarei D. Cristóvão de Ávila?... Não é esta sua casa?

— Pois não estais vendo que é esta mesma? Onde o encontrareis?... Não vedes o povo que festeja os desposados?

— Os desposados!... Mas então já vêm da igreja?

— De lá saíram.

— Sois também das convidadas?

— Chegastes tarde para a cerimônia, mas a tempo para a ceia.

— Ai, Jesus, que foi?

Era Elvira que tinha caído desmaiada. O rebuço da manta desconcertou-se, descobrindo o rosto. Uma das aias reconheceu a amiga querida de Inesita; tomando-a nos braços, deitou-a sobre o leito, e cuidou de chamá-la a si.

Por este tempo entrava o cortejo. Os convidados eram conduzidos à sala da ceia, e corria a cena até o momento, em que se retirou Cristóvão depois de seu estranho pedido.

Saído o mancebo, a noiva querendo repousar um instante no camarim, pediu ao pai que a abençoasse. Apenas se viu livre do rumor e alegria da festa, a donzela derramou no pranto os sentimentos por tantas horas recalçados.

Durou pouco essa expansão. Logo enxugando as lágrimas, revestiu-se de uma expressão glacial.

— Enfim!...

Suas aias viram a mão gentil lançar pela janela um objeto diminuto, e apinharem-se os lábios como se libassem gotas de mel.

Entretanto a história da desconhecida, que se apresentara bruscamente, corria a casa, graças à indiscrição das aias. Em pouco não se falou em outra coisa, e o acontecimento, aliás natural, ainda que estranho, tomou logo o cunho supersticioso do tempo. Diziam que a desconhecida não entrara pela porta, mas saíra da parede, fendida para lhe dar passagem; outros, que era tão fria e gelada a mão, que arrepiava ao toque.

Assoalhando-se tais vozes, chegaram a Inesita que as ouviu das aias próximas. Inquirindo do motivo, veio ao conhecimento do caso estranho. As almas sucumbidas e já desertas de esperança, tanto se deleitam com as cenas de tristeza, como se afligem com o espetáculo da alegria.

Ergueu-se pois a desposada e foi ao camarim nupcial, impelida por vivos desejos de fugir aos folgares da festa, e de saturar-se ainda mais nas agonias dessa noite agourada, com a presença da desconhecida. A donzela quis entrar só na câmara.

Reviram-se as duas amigas sem grande comoção; ambas estas duas almas estavam flácidas de tanto sofrer. Dos lábios de Inesita escapou-se um leve rumorejo, como de um coração que se afoga no abismo; dentro do seio de Elvira soou o estalido da última fibra rota.

— Também tu, Elvira!...

Só então se lembrara a filha de D. Francisco do quinhão que tocara à amante de Cristóvão na desgraça comum. Para as naturezas privilegiadas a felicidade é pródiga; a dor egoísta.

— Vinha buscar o pai de meu filho; roubaste-o, Inês. Peço-te eu agora somente mãe para o mísero, pois esta, roubou-a ele, teu esposo!...

— Filho!... balbuciou a donzela espavorida.

Elvira, com a sublime impudência da agonia, abaixou ao regaço um olhar morto:

— Se o não amparardes, levá-lo-ei comigo. O ódio de minha mãe o matará antes de nascer.

Compreendeu Inesita que havia nesse abismo, a que fora precipitada, voragens ainda mais profundas. Correu para a infeliz amiga; cingiu-a nos braços e envolveu-a de ternura e consolo.

Abriu-se com este tépido calor o seio de Elvira, e verteu no cora o da amiga as lágrimas e soluços ali condensados durante tão longos dias e curtidas noites. Tudo referiu, tudo e com a ingenuidade da inocência. A santidade desse martírio da virtude era tanta, que o anjo decaído nada velava, e o anjo exaltado não enrubescia.

De repente houve em Inesita um sobressalto. Sua alma reca ra na realidade esquecida. A dolorosa expressão, que a vendava, dissipou-se; sorriu, e desse sorriso derramou-se por toda sua pessoa uma aspersão de luz. Dir-se-ia que o céu já lhe flutuava em torno.

— Abençoada seja esta minha pena, pois trouxe ela vossa ventura, Elvira!

Elvira não compreendeu.

— Sereis esta mesma noite esposa de Cristóvão! disse Inesita.

— E v s? acudiu a donzela esvairada. Que sereis v s, Inês?

— Serei a que foi.

— Quereis sacrificar-vos por mim?

— Prometi-me a Estácio no túmulo, pois não pude ser dele em vida. Tenho já a morte dentro de mim; ela me advertiu

neste momento. Esperai-me; breve tornarei com vosso esposo.

Antes que Elvira pudesse opor-se à resolução, a donzela saiu em busca de Ávila, a quem mandou aviso por um pajem. É já conhecido o que passou na sala até o momento da brusca desapareição de Estácio.

Cristóvão retido por Inesita, a olhava estupidamente; o sentimento da realidade lhe escapava:

— Era Estácio que ali estava! repetiu ele esvairado.

— Breve o tornarei a ver!... Não sabeis vós para onde foi ele deste passo? Sei-o eu; vai encontrar-me no céu.

— Ah! exclamou o mancebo, sacudindo a opressão. Ainda o amais?...

— Não se trata já de Estácio nem de mim, senhor, que não somos deste mundo, mas de vós e de Elvira.

— E por que não partiremos nós também convosco?

— Não podeis, não. Vosso filho já vos prendeu à terra.

— Meu filho!... Meu filho!... Que vozes são estas, senhora?...

— Vinde!

— Aonde?

— A vossa câmara nupcial. Em vez do cadáver, que vos esperava, achareis a esposa abençoada do céu que se perdeu para não perder-vos. Não compreendeis este sublime sacrifício?...

— Nada compreendo.

— Elvira se condenou à maldição, porque era o meio de se unir eternamente ao seu amado. Vinde, que ela vos dirá tudo.

Momentos depois Cristóvão estava aos pés de Elvira e dela ouvia a plena confissão do suicídio de sua castidade.

## \_\_MATCH\_\_:Página:As Minas de Prata (Volume VI).djvu/351

O fogo lavrava ainda na casa que fora do bom Vaz Caminha.

Sem desígnio, trazido por uma espécie de atração, voltara Estácio direito ao lugar do sinistro, então deserto. Perdida a esperança de salvar o advogado e aplacada a curiosidade selvagem da turba, cada um tratara de recolher.

O mancebo entrou pela portinha do quintal, como outrora, durante a infância, nas diurnas visitas que fazia a seu padrinho e mestre. No horto, próximo ao oitão, estava a cacimba, em cuja borda de tijolo o velho doutor, quando saía fora por tarde, costumava sentar-se.

Estas recordações da infância flutuavam entre a dor na alma do mancebo, como as ondulações da sombra no seio de uma treva espessa. Eram raios de mel, ténues e sutis, que mais contrastavam o amargor do presente.

Tempo esquecido esteve ali sentado à beira do poço, já recordando o passado, já contemplando com uma curiosidade incompreensível o jogo das chamas sobre as ruínas do edifício. Essa labareda, a crepitar alegremente, a espreguiçar-se em ondulações voluptuosas, o estava

enamorando. Como que a flama lhe abria os braços sensuais; e desfazia-se já em carícias para recebê-lo. Ferviam ali sorrisos em brasa, beijos em combustão para o consumirem num só e rápido afago.

Ainda o mancebo ergueu-se para acudir ao aceno da labareda palpitante; mas o reteve uma lembrança. Desejava contemplar ainda uma vez a beleza material daquela que tanto amara em vida.

Com o movimento, que fizera para erguer-se, caiu um objeto, e produziu rumor. Há no meio das dores acerbadas, curiosidades frívolas, sintomas de uma caducidade moral. Estácio foi presa de um impulso igual: ergueu o objeto, que examinou atenta e minuciosamente. O que era? Como ali se achava?

A pouco e pouco as reminiscências espedaçadas se foram reatando; lembrou-se vagamente da imagem encanecida do P. Molina e das palavras que ele proferira entregando-lhe o cofre. No começo a cena se desenhava como um quadro secular despregado dos muros de vetusto castelo; depois avivou-se ao pungir dos recentes golpes. Revistando o cofre, viu o mancebo uma pequena chave pendente; experimentou-a no fecho; deu a volta; abriu a tampa.

Um jorro fulgurante de límpidas centelhas esguichou de dentro, e deslumbrou a vista de Estácio. O cofre estava cheio de grandes diamantes; havia ali encerrada, naquele

estreito vão de algumas polegadas, uma riqueza estupenda. Mais uma ironia amarga da fortuna, que o esbofeteava assim com a opulência, quando dela não carecia, havendo antes, nos dias da ambição, nas horas de esperança, abatido seu pundonor com a carranca da indigência!

Estácio já não pertencia à terra; suas núpcias eram do túmulo; o himeneu de sua alma com a de Inês devia celebrar-se no céu. Lá há as galas da bem-aventurança e as irradiações da luz divina; não se carecem das chispas e do brilho material. Ninguém mais lhe restava na terra a quem fazer dom de tamanha riqueza; todas as suas afeições tinham voado para o seio do Criador a esperá-lo; e uma, uma das mais queridas, estalara com violência.

Entretanto murmuravam os lábios do mancebo:

— Ímpia sorte!... Devias conhecer-me, pois desde a infância contigo luto!... Queres depravar-me o coração acendendo nele a cobiça!... Pudesse eu, que dispersara com um sopro todo este imenso tesouro por ti acumulado!...

Uma lembrança atravessou o espírito de Estácio. Ouvira outrora no pátio uma renhida controvérsia sobre a combustão do diamante, então simples conjectura dos sábios que só mais tarde foi verificada por experiências repetidas. O mancebo aproximou-se do edifício incendiado: a parede do oitão, de todo desmoronada, descobria o ladrilho do que fora gabinete de Vaz Caminha.

Encheu Estácio a mão de diamantes e atirou-os sobre aquele pavimento abrasado; umas após outras, lá foram as riquezas que encerrava o misterioso cofre. A todas devorou o incêndio em poucos instantes: o carbônio, que se cristalizara no seio da terra, volatilizou-se ao fogo e derramou-se na atmosfera.

Naquela noite, os viventes, que habitavam por aí acerca, respiraram um ar miasmático impregnado dessas exalações milionárias.

Contaram depois alguns mesteirais, saídos na madrugada para a tenda, que viram Estácio adormecido na relva do horto, com a cabeça sobre o parapeito do poço. Ao sair do sol, porém, lá não era já. Foi essa a última memória que houve na cidade do Salvador do infeliz mancebo. Muita vez pelo tempo adiante deu ele matéria para longas práticas às velhas comadres baianas; muita suposição se fez; certeza de seu fim desgraçado, porém, nunca houve.

O seguinte dia foi de tristeza para a cidade do Salvador. A fidalguia naqueles tempos não tinha somente o privilégio da riqueza e fausto, nem somente enfeudava as festas e gozos da vida. Arrogava-se também a tirania fúnebre do luto. Quando se finava alguma existência da nobreza, o nojo não ficava na família, nem mesmo na classe; a plebe devia participar dele, e sentir as penas e mágoas dos grandes.

Desde a alvorada que os sinos de todas as igrejas começaram a dobrar por finados e continuaram sem interrupção. Se alguma suave flor de alegria despontava nesse dia algures pela cidade, em casa de pobre, logo a finava o bafejo fúnebre que passava. O som vibrante do bronze traspassava o coração e nele vertia o pesar e o susto.

Nesta ocasião, porém, o luto da cidade do Salvador não é uma opressão da fidalguia; rebenta espontâneo d'alma do povo. Não há quem não pranteie com lágrimas sinceras a donzela infeliz, arrebatada na flor de sua idade e beleza. A esta lástima crescem as suspeitas sinistras sobre o infausto passamento da noiva, e também o terror pela nova, ainda vaga, mas exagerada, das outras catástrofes dessa noite angustiada.

Durante o dia não se viam nas ruas senão grupos de gente merencória, de passo arrastado e vozes soturnas. Praticavam em tom submisso do caso desventurado; uns conjeturando sobre as causas do fato; outros discorrendo sobre a pompa do saimento. Depois se dispersavam cabisbaixos para se formarem além em outra roda. Entanto cruzavam em diversos sentidos oficiais mecânicos, atarefados com a armação do catafalco e essa, assim como da armação da casa de Cristóvão.

Caiu enfim a noite.

A rua, da Sé chamada, onde era a casa de Cristóvão, estava a não poder de gente. O popular curioso de assistir ao fúnebre saimento, rebentava de uma e outra banda. Vinham chegando as confrarias dos Defuntos, da Misericórdia, e outras com seus guiões na frente. Compareceu o Governador D. Diogo de Menezes, sua comitiva, e os mais oficiais de El-Rei.

Já o préstito se alinhava pela rua além.

Nesta ocasião o fluxo e refluxo da multidão aproximou duas pessoas que ali estavam imóveis para assistir ao triste espetáculo. Uma delas deve ser Zana, a feiticeira, envolta em seu longo tabardo vermelho, coberto de figuras cabalísticas. A outra mostra apenas o vulto de um cavalheiro, coberto de negros arneses e viseira caída. A espada lhe bate o flanco; esguia e longa adaga cruza a cinta; apoia o braço esquerdo sobre alto e pesado montante.

Quando a bruxa, impelida pela lufa-lufa, bateu contra o ombro do cavalheiro, este abaixou para ela um olhar lento e inerte; enxergando-a, porém, sentiu alguma emoção, que se revelou por ligeiro sobressalto. Seu guante cerrou com ímpeto o braço da mulher.

— Bruxa de Satanás!... rugiu uma voz cava. Estais satisfeita! Vindes ao repasto dos mortos, como vampiro que és!

A feiticeira estremeceu:

— Perdão, cavalheiro, se vos ofendi. Mas Deus me fulmine se foi por meu querer. Nem sequer entendo as vossas falas!

A voz, que estas palavras proferiu, era suave como uma dulia; mas sentia-se nela, como em um favo de mel, laivos da dor causada pelo guante.

Os dedos do desconhecido afrouxaram; seu tom, sempre amargo, se tornou mais natural:

— Já te não lembras do agouro no dia de Ano-Bom, na Praça de Palácio?

Zana retorquiou vagorosamente e depois de uma pausa:

— Mal me quereis, cavalheiro, porque a sina vossa trouxe-vos a tamanha desventura; e não pensais que possa haver maior?

— Impossível!

— Nunca amastes, cavalheiro, senão saberíeis qual seja a maior angústia do mundo. Sei-o eu, que amei e amo, e não acabarei enquanto primeiro me não acabar este amor. É ver-se desdenhada, e quem sabe?... curtir o tormento de ser possuído de outra o objeto de seu carinho, por quem se estremece! Esta sim, é angústia, que a de chorar morto o

querido de nossa alma chama-se, a par com ela, a bem-aventurança!...

Sob a viseira estalou um soluço. A feiticeira unia-se ao flanco do cavalheiro, suspensa na ponta dos pés, para lhe alcançar o ouvido.

— A virgem que ali está finada, esta é feliz; já não sofre. Matou-a o remorso, ou o castigo?... Ninguém o sabe. Se ela vivesse, seria esposa de outro, que não o primeiro escolhido de seu coração; trairia as juras de seu amor. Pensais que o esposo seu d'alma desejasse, se aqui estivera agora vê-la ressuscitada?

— Não turbai, mulher, o repouso de quem já não é deste mundo. Morto sou; tem-me ainda à terra, mas por minguadas horas, um voto santo.

— Nada mais então vos prende ao mundo? perguntou a feiticeira.

Nesse momento saiu fora da casa o esquife; era coberto de damasco branco franjado de ouro; conduziam D. Diogo de Menezes e os principais da fidalguia baiana. Na porta estava um alto e suntuoso catafalco, guarnecido de veludo roxo e negro com franjas também douradas e galões de prata. Colocado o esquife sobre a cornija do pedestal, pôs-se o préstito em movimento. Os mordomos alinharam suas

confrarias; e as carpideiras entoaram as estrepitosas lamentações.

Dirigiu-se o séquito à Igreja de São Bento, onde tinha sepultura a família do Senhor D. Cristóvão de Garcia de Ávila.

Dez horas eram dadas quando terminaram na igreja os ofícios fúnebres; o popular derramou-se pelas ruas adjacentes; a família voltou acompanhada dos parentes e amigos; só Cristóvão se demorou na igreja para dizer à sua esposa o extremo adeus. O lugar ficou escuro e ermo.

Um vulto se aproximou então da porta lateral do convento, e quedou-se aí à espera. Com pouco abriram de dentro, e outro vulto assomou. Este último apresentou ao primeiro objeto mínimo, e murmurou estas palavras:

— Restituo quanto vos pertence. Não era assim que eu esperava...

O outro estreitou-o com veemência ao peito:

— A dor me fez injusto ontem. Venho do túmulo pedir-vos perdão!

Por algum tempo sussurraram as palavras do colóquio estranho. Afinal as mãos se travaram uma derradeira vez; e o vulto, que saíra de dentro, sumiu-se longe na escuridão da

noite. O que chegara, penetrou no templo; antes porém de entrar arrojou de si as armas que trazia.

Chegou à sacristia; estava ali um velho, leigo do convento, que despertou da modorra ao som dos passos nas lajes do corredor.

— Podeis recolher, bom velho. Amanhã virão para selar a catacumba; não consenti que levantem a lápida!...

No centro da igreja se achava o catafalco rodeado dos tocheiros. Um frade estava ajoelhado próximo, que ao rumor de passos se ergueu e sumiu na capela-mor. Hirto e lento subiu o desconhecido os degraus da essa; no último caiu de joelhos. A chave de ouro, que trazia cerrada na destra, rangiu; e as abas do esquite abriram-se em par.

Inês parecia adormecida. Nunca a formosa donzela ressumbrara meiga serenidade, como neste sono tumular. Era sua própria e mimosa estátua em vida; mas talhada em frio alabastro. O cavalheiro tomou-lhe a mão gelada:

— Nada já nos pode separar, minha Inês. Agora somos um do outro; juntos dormiremos no mesmo jazigo e juntos acordaremos no céu, entre os anjos, que te esperam, esposa minha, para coroar-te de rosas imaculadas.

Sentiu o cavalheiro que lhe travava da mão pendente outra mão débil. Voltou o rosto; a feiticeira estava de novo com ele, ajoelhada no degrau inferior, em atitude suplicante.

— Que me queres tu ainda?

— Trago-te a vida de tua amada.

O cavalheiro ficou transido e estático.

— Também eu te amei, porém tarde. Inês já possuía teu coração. Um dia quando a destinaram a outro, quis saber se ela era digna de ti, e achei-a qual eu fora. Jurou que a morte a arrebataria aos pés do altar para restituí-la ao seu escolhido. E eu tive forças de jurar-vos, também em minha alma, que a ressuscitaria para o vosso amor.

O capuz do manto escarlate desconcertou-se, deixando ver à luz dos círios um rosto formoso.

— Raquel! proferiu o cavalheiro.

— A vida de Inês aqui está! exclamou a judia mostrando um frasquinho de ouro.

— Dai-me!

— Dar-te-ei, Estácio, mas em troca me voltareis o preço.

— Quereis meu sangue?

— Nem uma gota dele. Reclamo este esquite...

— Raquel!

— Pertence-me, pois não sou amada.

Nos solenes momentos a alma não divaga, mas se incrusta nos vocábulos breves que lhe escapam. Estas frases lapidárias entram no espírito como inscrição buriladas. Proferindo a última palavra, não deu Raquel nem à voz, nem ao gesto, a mínima ênfase; mas Estácio reconheceu ao toque de seu coração a imutabilidade daquela resolução. Braços estingidos no peito e cabeça derrubada, permaneceu algum tempo imóvel. Afinal ergueu-se:

— Vivereis ambas, e acabe eu que de nenhuma sou digno!...

Atirou-se Raquel aos pés do cavalheiro, abraçando-lhe os joelhos.

— Não; não há de ser assim. Tomai; que ela respire e... adeus.

Estácio a cingiu ao peito quando já fugia, e pousaram seus lábios na fronte da bela judia.

— Vivei, Raquel, eu vos suplico, para doçura da minha felicidade.

— Sim, viverei, pois me prendestes à terra. Adeus, sede feliz.

Partira a judia. Estácio tímido agora ante a esperança e a decepção, vazou o líquido no lenço que pouco antes cobria

o rosto da virgem; e trêmulo deu-lhe a respirar a droga sutil. Uns laivos róseos se derramaram pelas faces da donzela; arfou-lhe o seio.

Inês vivia.

O mancebo, arrancando-a ao esquife, foi com ela nos braços sentar-se ao estrado da capela. Instantes depois entreabriu Inês as pálpebras e seu primeiro olhar embebeu-se das vistas de Estácio. O sorriso dos anjos lhe orvalhou o semblante:

— Graças, meu Deus, por haverdes ouvido minha oração. Encontrei-o no céu, ao esposo de minha alma. Vossa infinita bondade nos uniu!... Falai-me, Estácio!...

— Deus nos uniu ainda na terra, onde estamos, Inês minha.

— Na terra... Mas eu morri.

— Não, pois estais em meus braços. Dormistes desde ontem.

— Então, exclamou a donzela com pavor, sou a desposada de...

Estácio a atalhou:

— A desposada de D. Cristóvão e filha de D. Francisco, a Senhora D. Inês de Aguilar, ali repousa naquele esquife e

breve dormirá no jazigo dos seus. Tu és a minha esposa, a minha Inês, que Deus me envia do céu.

— É verdade, eu desci do céu, e para ser vossa. Vinde, que Deus nos abençoe.

Os dois amantes ajoelharam às abas do altar-mor para orar. De repente uma sombra resvalou; e um sacerdote assomou ante seus olhos surpresos. À débil luz dos círios distantes reconheceram no rosto macerado do monge as feições de D. Fernando de Ataíde.

— Deus me envia para abençoar a vossa união, meus filhos.

Tomando as mãos dos amantes, uniu-as sob a estola e proferiu as palavras do sacramento. Sentiram os esposos úmida a mão do monge e pensaram fossem gotas de água benta; eram lágrimas silenciosas a furto arredadas.

Na manhã seguinte a canoa de Esteves saía barra fora; iam nela uma dama embuçada e um cavalheiro desconhecido.

Nessa mesma hora velejava um navio mar em fora; e além, nas ribas alcantiladas, o vulto de um monge transmuntava a serra. Levava o navio Raquel e seu pai, que abandonavam para sempre as terras do Brasil. O vulto do ermitão levava ao deserto a grande alma do P. Molina.

## \_\_MATCH\_\_:[Página:As Minas de Prata \(Volume VI\).djvu/369](#)

Há bem pouco tempo ainda, viam-se nas cercanias da linda Baía de Camamu, as ruínas de uma capela, que ali existira em eras remotas sob a invocação de São Gil.

Um ano havia decorrido desde o passamento de D. Inês de Aguilar. Eram sete horas de uma bela manhã de primavera; árvores em flor, céu em gala, pássaros em alegres descantes, nada faltava à festa da natureza. O sino da capelinha tanguia alegremente, e o âmbito do pequeno templo cheio da luz do sol, que embranquecia o clarão dos círios, semelhava um céu estrelado em noite de esplêndido luar.

Estavam na igreja duas pessoas. Uma era Frei Fernando de Santa Violante, que depois de acender os círios e vestir o altar, subira ao coro para tanger a campá. A outra era a recolhida, Soror Joana, ocupada em varrer o chão de ladrilho.

A ermida era nova, de fresco concluída. Dizia-se na aldeia vizinha que a mandara construir de seu bolsinho a Soror Joana, em virtude de um voto que fizera.

Aos lados viam-se os dois eremitérios isolados, onde viviam em clausura, a devota, servente da casa de Deus, e

seu irmão Frei Fernando, capelão da ermida.

Poucos instantes depois, pelo caminho que desembocava em frente, apareceu um grupo de seis pessoas, onde havia pompa de mocidade e formosura, mas simplicidade extrema de traje. Estácio conduzia Inesita e Cristóvão a sua bela esposa, D. Elvira de Ávila. Seguia-se Gil, carregando ao colo uma linda criança, filha deste último par. Ao mesmo tempo, da outra banda, chegava João Fogaça, que trazia pelo braço a sua Mariquinhas dos Cachos.

No mesmo navio, que levara Raquel, partira para Europa Fr. Fernando: ia a Roma cumprir a promessa que fizera a Estácio de obter do Santo Padre a anulação do casamento de Inesita. Chegara, havia apenas um mês, com o breve do Papa.

Cristóvão e Elvira, unidos desde muito, só então souberam da existência de Estácio e Inesita, que supunham mortos e sepultos na mesma campa. Viviam, noivos irmãos, esperando a santificação do seu amor.

O monge ratificou os sacramentos anteriormente celebrados, unindo desta vez em legítimo matrimônio os dois casais. Todo o tempo da cerimônia reinou na ermida profundo silêncio; terminada ela, a Irmã Joana derramou sobre a cabeça dos noivos um açafate de rosas.

Apenas saíram as pessoas, o monge e a recolhida se estreitaram ao peito. Foragidos do mundo, escorjados da desventura, esses dois infelizes se abrigavam no seio um do outro. Desde esse instante foram verdadeiramente irmãos.

Entanto o grupo de amigos se dirigia entre o arvoredo à modesta, mas graciosa habitação de Estácio situada à margem de um rio, que a abraçava carinhosamente formando uma quase ilha, do feitio de coração. Um poeta do tempo não deixaria escapar esta circunstância para dela tirar um conceito de madrigal. Se o amor reside no grande músculo humano, sem dúvida aquela mansão do amor devia ter essa forma.

Estácio e Inesita separaram-se um instante dos amigos e penetraram no interior da habitação; aí estavam D. Francisco de Aguilar e sua mulher D. Ismênia, que viera carregada em liteira. Tinham vindo incógnitos para abençoar a filha ressuscitada. Foi tudo quanto a ternura obteve do orgulhoso fidalgo castelhano; para o mundo sua filha estava realmente finada.

Depois da bênção paterna, partiu o fidalgo com sua mulher às ocultas, como tinham vindo. Os primeiros eflúvios do santo amor conjugal dissiparam a sombra melancólica na frente de Inês.

Elvira também era feliz. Mas como a rosa, cujo seio pungiu a antena de um inseto, a flor de sua felicidade tinha uma

nódoa que só o tempo devia apagar.

FIM DO TERCEIRO VOLUME E FIM DE “AS MINAS  
DE PRATA”

# Sobre esta edição digital

Este eBook foi gerado a partir do [Wikisource](#),<sup>[1]</sup> biblioteca online multilíngue, feita por voluntários, comprometida em desenvolver uma coleção de publicações em [copyleft](#) de todos os gêneros: (romances, poemas, revistas e periódicos, cartas, livros técnicos etc)

Nossos livros são distribuídos gratuitamente, a partir de materiais que tenham caído em domínio público ou que tenham sido disponibilizados em licenças livres. Você pode utilizar nossos materiais para quaisquer fins, inclusive comercialmente, dentro dos termos ou da [Creative Commons BY-SA 3.0](#)<sup>[2]</sup> ou da [GNU FDL](#),<sup>[3]</sup> à sua escolha.

O Wikisource está sempre à procura de novos membros: sinta-se à vontade em participar. Apesar de nossos cuidados, é possível que este livro contenha um ou mais erros que nos passaram despercebidos. Seja por um ou por outro motivo, você pode nos contatar no [nosso fórum](#).<sup>[4]</sup>

Este livro em particular lhe foi disponibilizado a partir das pessoas por detrás destes *nicknames*:

- Luis Gabriel Moraes Dias
- OTAVIO1981
- Giro720

- 555
- Pablo Busatto
- NMaia

- 
1. [↑ http://pt.wikisource.org](http://pt.wikisource.org)
  2. [↑ http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)
  3. [↑ http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html](http://www.gnu.org/copyleft/fdl.html)
  4. [↑ https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada](https://pt.wikisource.org/wiki/Wikisource:Esplanada)